

The background of the cover is a complex, blue-toned digital landscape. It features a central perspective view of a wide, glowing digital corridor or data stream that recedes into the distance. On either side of this central path are various architectural and structural elements, including what appear to be data racks, server banks, and abstract geometric forms. The overall aesthetic is high-tech and futuristic, with a strong emphasis on light and shadow, creating a sense of depth and movement. The color palette is primarily shades of blue, white, and grey, with the text providing a sharp contrast in black and red.

Daemon

Daniel Suarez

 Planeta

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Daemon

Daniel Suarez

Tradução:

Cassius Medauar

Planeta

Copyright Daniel Suarez, 2009

Título original: Daemon

Preparação: Mariana Simões

Revisão de texto: Marta Almeida de Sá

Diagramação: Casa de Idéias

Capa adaptada do projeto gráfico original de: Anthony Ramondo

Foto da capa: Dynamic Graphics/Create Images/Jupiter images

Daemon é para os livros o que Matrix é para o cinema. Os outros livros sobre tecnologia serão comparados a ele.

- RICK KLAU, Gerente de projetos - Google Profiles.

Um livro instigante que fará você pensar para onde estamos indo nesta sociedade que se comunica pelas novas tecnologias. Ele vai manter você tentando adivinhar a trama e não deixará que o largue, ao mesmo tempo você também não vai querer que acabe. Melhor impossível.

- STEVEN WINNINGHAM, empresário, ex-vice-presidente executivo do Grupo Virgin Entertainment

Fascinante! Para os que gostam de emoção, calafrios e suspense cibernético. Ele deixará os leitores ansiosos pela prometida continuação.

- PUBLISHERS WEEKLY

Tecnologia. Ela controla quase tudo no nosso mundo moderno, da chave J do carro e os controles de voo de um avião até todos os movimentos financeiros mundiais. Milhares de programas de computador simples e autônomos fazem com que a rede mundial seja possível. Daemons são programas infiltrados e, na maior parte, benignos. Cuidam do tráfego de e-mails, de transferências bancárias e das redes de energia. Porém, nem sempre nos damos conta do poder daqueles que criam e manipulam tais sistemas.

Com habilidade ímpar para contar histórias, Daniel Suarez apresenta um thriller cheio de ação, no qual um gênio criador de games é capaz de colocar em funcionamento, mesmo após sua morte, um plano intrincado com potencial para criar uma nova ordem mundial.

Matthew Sobol era um gênio da indústria de games, um bilionário criador de uma dezena de jogos online que viraram febre. Sua morte prematura deixou milhares de jogadores deprimidos em todo o mundo. Mas os fãs de Sobol não foram os únicos que notaram a morte dele: assim que o obituário dele é lido na internet, um daemon que estava dormente é ativado, iniciando uma corrente de eventos em um mundo hipereficiente e interconectado planejado por Sobol antes de sua morte.

Com os segredos do gênio enterrados junto com ele e com novas fases do plano sendo reveladas, implantadas e protegidas por seu Daemon, surgirá uma resistência disposta a decifrar os intrincados planos e livrar o mundo da ameaça do inimigo sem rosto. Se a resistência falhar, todos terão de aprender a viver em uma sociedade na qual o ser humano não está mais no controle.

*Para Michelle
Nada mais de histórias de ninar...*

Daemon — É um programa de computador que roda, continuamente, em segundo plano e executa operações específicas em horários predefinidos ou em resposta a determinado evento.

A palavra é uma condensação de "Disk and Execution Monitor" (Monitor de Execução e de Disco), mas também pode ser traduzida como demônio.

Agradecimentos

Dizem que escrever é uma profissão solitária, mas eu não concordo. Na longa jornada para que este livro fosse publicado, me encontrei com incontáveis pessoas que te ofereceram seu tempo e esforço para que eu pudesse dividir o Daemon com todos. Eu seria negligente se não demonstrasse minha apreciação pelos colegas abaixo.

Rick Klau e toda a turma do Google, por acharem uma agulha em um palheiro. Stewart Brand e Peter Schwartz, da Long Now Foundation, por me abrirem tantas portas. Joffrey Rayport, por fazer algumas conexões-chave. Don Donzal e a equipe do Pthicalhacker.net, por verificarem os detalhes. John Robb, da Global Guerrillas, por trazer pessoas sérias para a mesa. Jim Rapoza, do eWeek, por ser o primeiro a falar do Daemon impresso. Craig Newmark, da Craigslist, por ter sido gentil com um escritor desconhecido. Pessoas brilhantes como Thomas L. e o inimitável Alexi S., que causam um impacto em sua vida de maneiras que nunca se saberá ao certo. Tom Leonard, da Valve Software, pelo encorajamento no começo. Mike e Carol Caley, pela amizade e confiança em mim. Frank e Charlene Gallego, por fazer o Daemon chegar. Todos os lugares aos quais não pude levá-lo. Anne Borgman, por ver coisas que ninguém mais tinha visto. E minha gratidão a Frank DeCavalcante por inspirar uma vida inteira de amor aos livros e à escrita.

Também agradeço profundamente à minha agente literária, Bridget Wagner, da Sagalyn Agency, e ao meu editor, Ben Sevier, por me dar uma chance e ser uma pessoa ótima de se trabalhar.

E um obrigado especial a Adam Winston, James Hankins e Don Lamoreaux, escritores e amigos que admiro faz tempo e cujos conselhos nos primeiros esboços deste livro foram de grande ajuda. Agradeço, igualmente, a Stuart McClure, Joel Scambray e George Kurtz, por chamarem a atenção para as falhas no sistema, e a Thom Hartmann, P. W. Singer, Neil Gershenfeld, Gari Zimmer, John Perkins, Kevin Phillips e Jared Diamond, CUJOS trabalhos já publicados ajudaram a cristalizar alguns dos temas sociopolíticos presentes nesta história.

Finalmente, um enorme obrigado à minha esposa Michelle, por seus esforços incansáveis para fazer este livro ser lançado. E por saber que eu era um escritor e mesmo assim ter se casado comigo...

Parte Um

Capítulo 1:// Execução

Reuters.com/negocios

Matthew A. Sobol, PhD, cofundador e chefe de tecnologia da CyberStorm Entertainment (HSTM na Nasdaq), morreu hoje, aos 34 anos, depois de uma longa batalha contra um câncer no cérebro. Pioneiro na indústria de jogos de computador que movimentava cerca de 40 bilhões de dólares, Sobol foi o criador dos megassucessos da CyberStorm, os jogos on-line Sobre o Reno e O Portal.* O diretor-geral da empresa, Kenneth Kevault, descreveu Sobol como "um inovador incansável e um intelecto raro".

Que diabos acabou de acontecer? Era o que Joseph Pavlos continuava pensando enquanto apertava a própria garganta com a mão enluvada. Aquilo não impedia que o sangue saísse por entre seus dedos. Uma poça enorme já tinha se formado no chão, ao lado de seu rosto. Ele estava caído, mas não sabia por que. E, apesar de não conseguir ver o ferimento, a dor que sentia lhe dizia que era um corte profundo. Virou-se de costas para o chão e olhou para cima, vendo um pedaço do céu azul imaculado.

Sua mente metódica acelerou freneticamente ao imaginar as possibilidades que tinha — estava como alguém que procura uma saída num prédio cheio de fumaça. Precisava fazer alguma coisa. Qualquer coisa. Mas o quê? A frase Que diabos acabou de acontecer? Permanecia ecoando em sua mente enquanto o sangue continuava a jorrar pelos seus dedos. A adrenalina corria por seu corpo e seu coração batia acelerado. Ele tentou gritar, mas não foi uma boa ideia. O sangue jorrou vários centímetros para o alto e caiu sobre seu rosto. A artéria carótida...

Ele apertava o pescoço com tanta força que quase se enforcava. E estava se sentindo tão bem antes disso tudo. Pelo menos dessa parte ele se lembrava. Havia pagado suas últimas dívidas, depois de um longo tempo.

Estava ficando mais calmo agora. O que era estranho. Continuava tentando se lembrar do que fazia ali. O que o trouxera àquele lugar? Não parecia muito importante agora. Sua mão começou a relaxar a pressão. Ele podia ver, claramente, que não havia nenhuma emergência. Isso porque não existia nenhum cenário lógico no qual ele escapasse com vida. E, afinal de contas, foi seu incomparável talento para a lógica que manteve Pavlos até então em sua vida. Tinha-o trazido ao outro lado do mundo. Era o fim. Ele já tinha feito tudo o que poderia e deveria fazer. Sua visão periférica começou a se comprimir, e ele se sentiu como um observador. Estava calmo agora.

E foi naquele frio estado de desprendimento que ele se lembrou de algo: Matthew Sobol tinha morrido. Era o que o noticiário dizia. E então tudo fez sentido para ele. Finalmente, o jogo de Sobol fez sentido para ele. E era realmente muito bom.

Que cara esperto...

N. T.: No original, os jogos se chamam Over the Rhine e The Gate.

Capítulo 2:// Processo da invasão

Thousand Oaks, na Califórnia, tinha um ar exagerado de cuidado e limpeza. Não construíam casas ali. Elas eram manufaturadas — uma centena de casas mediterrâneas idênticas feitas de uma só vez. Subdivisões com portões nomeadas com todas as combinações possíveis das palavras "Ponte", "Porto", "Vale" e "Lago" cobriam as encostas dos morros.

Redes de lojas de alto padrão tinham filiais no centro da cidade, e os trabalhadores dirigiam até lá todos os dias, vindos de comunidades vassalas. Enquanto a medieval cidade de Lyon tinha sua Alameda das Vinícolas, o sul d.i Califórnia tinha seu Vale dos Baristas e o Cânion dos Bombeiros e das Equipes de Resgate.

Para os trabalhadores comuns, a América do Norte estava se tornando um quebra-cabeça. Quem é que comprava aquelas painéis de cobre de 200 dólares? E como as pessoas pagavam por aquelas BMW? Essas pessoas eram muito inteligentes ou espantosamente irresponsáveis?

Pete Sebeck achava que a televisão tinha algumas pistas. Passando os canais de madrugada, sem conseguir dormir, Sebeck acreditava que os comerciais eram direcionados a ele. Será que ele era o público-alvo daquilo? Será que tinham deduzido como ele era? E o que aquilo dizia a respeito dele? O History Channel parecia achar que ele era um veterano da Guerra da Coreia procurando um cortador de grama realmente eficaz, ou que pretendia, desesperadamente, mudar de carreira. E Sebeck tinha a impressão desagradável de que eles estavam certos sobre uma daquelas coisas.

A estrada 101 cortava Thousand Oaks em duas, mas não existia um lado errado da estrada. Tinha sido nomeada a cidade pequena mais segura dos Estados Unidos, e, enquanto o sargento e detetive

Peter Sebeck olhava os diminutos bulevares passarem pela sua janela no banco do passageiro, lembrava-se por que ele e Laura tinham se mudado para lá havia trinta anos, quando os preços ainda eram razoáveis; o condado de Ventura era um ótimo lugar para eles criarem os filhos. Se você não conseguisse criar seus filhos por ali, então nem Deus poderia ajudar. - Enxaqueca, Pete?

Sebeck se virou para Nathan Mantz, que o olhava preocupado do banco do motorista. Sebeck mal sacudiu a cabeça de forma negativa. Mantz sabia que era o suficiente para não perguntar mais nada.

Sebeck pensou no chamado de Burkow pelo rádio. Aquele seria um assunto comentado em alguns clubes de campo. Sebeck e Mantz cruzaram a cidade com as luzes sobre o carro piscando, mas sem sirene. Não era necessário alarmar ninguém. Sebeck observava os cidadãos desavisados, os pagadores de impostos caminhando pela Crown Victoria. Teriam assunto hoje à noite na aula de Pilates.

A Crown Vic descia até alguns pequenos cânions logo após o último muro de loteamento. Não foi difícil encontrar a cena do acidente. Uma ambulância, três carros de patrulha e alguns veículos sem identificação na areia de Potrero Road sinalizavam o local. Dois policiais estavam parados ao lado de um portão de aço, no meio de uma cerca que continuava para os dois lados.

Mantz foi com o carro até a entrada do portão. Sebeck desceu do veículo e se dirigiu ao policial mais próximo:

- Onde está o legista?
- A caminho, sargento.
- E o detetive Burkow?

O policial apontou na direção de um buraco que fora feito na cerca de arame.

Sebeck esperou Mantz, que estava falando pelo rádio. Depois ele se virou para o policial:

- Temos que abrir este portão.
- Não podemos, sargento. Ele possui uma daquelas travas por controle remoto, e não temos nenhuma ferramenta que consiga cortá-la.

Sebeck assentiu com a cabeça quando Mantz chegou.

- A propriedade pertence a uma companhia local, a CyberStorm Entertainment. Já entramos em contato, e eles vão mandar alguém para cá.

Sebeck passou pelo buraco na cerca, seguido por Mantz. Eles marcharam por um caminho de terra que se estendia sinuosamente pela vegetação no fundo do cânion. Logo chegaram a um amontoado de paramédicos e investigadores que estavam parados um pouco antes de um fotógrafo. Suas peles brilhavam em consequência do suor causado pelo sol do meio-dia. Os paramédicos tinham uma maca, mas ninguém parecia estar com muita pressa. Eles se viraram quando Sebeck e Mantz vieram caminhando pela terra até onde estavam.

- Boa tarde, cavalheiros — uma olhada rápida. - E damas.

Eles balbuciaram saudações e abriram caminho para que os dois recém-chegados passassem.

O detetive Martin Burkow, um homem corpulento, na casa dos cinquenta anos, que usava calças que não lhe caíam bem, estava parado em um monte de areia no final da estradinha. Perto dele, um fotógrafo da polícia se inclinava para conseguir uma foto de cima do corpo caído na estrada. Uma poça de sangue seco e marrom estava sob o corpo e havia traçado pequenos rios escuros morro abaixo.

Sebeck observou a cena. Uma moto de estilo motocross estava caída a uns vinte metros da estrada, ao lado de um morro ali perto. Ele podia ver em que lugar do cânion a moto tinha batido e, então, cruzado a pequena estrada de terra.

Acima da estradinha, entre ele e o corpo, um cabo de aço esticado pairava à altura do pescoço das pessoas. O cabo cruzava a estrada em um ângulo de quarenta e cinco graus, mais perto do lado esquerdo e mais longe do direito. Qualquer coisa que passasse correndo por ali seria cortada pelo cabo como pela lâmina de uma serra. E o cabo estava manchado de sangue em aproximadamente três metros de seu comprimento, o corpo estava caído uns nove metros adiante e o capacete, mais uns cinco metros depois.

O olhar de Sebeck seguiu o cabo para a direita até um poste de aço que aparecia entre a vegetação. E à esquerda ele entrava pelos

arbustos. Um caminho recém-aberto cortava a estrada diretamente embaixo do cabo.

- O que temos aqui, Martin?

O detetive Burkow tossiu aquela tosse doentia de quem fumou a vida inteira.

- Oi, Pete. Obrigado por vir. Temos um homem caucasiano de aproximadamente trinta anos. Um morador local que passeava com o cachorro encontrou o corpo há mais ou menos uma hora. Foi registrado como 10-54, mas achei melhor chamar vocês. Está parecendo mais um 187.

Sebeck e Mantz olharam um para o outro e ergueram as sobrancelhas. Homicídio, algo raro em Thousand Oaks. Os únicos crimes por ali eram cometidos na venda de imóveis.

O fotógrafo acenou com a cabeça para Burkow e saiu caminhando pela beira da estradinha. Burkow fez um sinal para que fossem em frente.

- Fique à esquerda da trilha. Todas as pegadas estão do outro lado - ele desceu do pequeno monte.

Sebeck e Mantz passaram por baixo do cabo e pararam ao lado do corpo. Sebeck ficou aliviado ao ver que a cabeça não tinha sido arrancada. O capacete ali perto estava vazio. O homem vestia um caro macacão de motocross com as marcas dos patrocinadores. O náilon amarelo estava rasgado na altura do peito. Parecia que o cabo o havia atingido no torso e escorregado para o pescoço. A laringe do homem estava cortada, e moscas voavam sobre o ferimento.

Sua pele estava branca como gesso, e seus olhos sem brilho e secos miravam os sapatos de Sebeck.

Sebeck colocou luvas cirúrgicas de borracha e se inclinou para a frente, procurando nos bolsos a carteira ou um documento de identidade, mas não parecia haver nada. Olhou para a moto suja que estava mais à frente e depois para o fotógrafo.

- Carey, fotografe a placa da moto. Talvez possamos identificar o cara por meio dela.

O fotógrafo olhou para o cânion abaixo, colocou uma lente de 200 milímetros em sua câmera e focalizou a moto.

Sebeck ficou em pé, e seus olhos voltaram a examinar o cabo atrás deles, acompanhando-o até o mato onde ele desaparecia.

— Alguém sabe onde o cabo termina?

Os policiais e os paramédicos fizeram que não com a cabeça.

- Nathan, vamos seguir essa coisa. Não fique muito perto e preste atenção nas pegadas... - então se virou para Burkow. - Marty, o que são todas essas pegadas na estrada?

— Os locais passam por aqui direto. Já falei com alguns deles.

— Quero uma amostra de cada pegada diferente que houver nesta área — ele indicou toda a estrada adiante.

- Serão muitas pegadas!

- Diga aos peritos forenses que não precisamos das pegadas dos cachorros. Mantz sorriu maliciosamente.

— Não sei, não, ouvi dizer que os pequineses são muito espertos. Sebeck lançou um olhar sombrio para ele e apontou para os arbustos.

O cabo entrava por uma fenda no morro que se abria novamente em Potrero Road. Ele e Mantz ficaram um de cada lado e entraram em meio aos arbustos, enquanto estudavam o terreno arenoso.

— Cuidado com as cascavéis, Pete — Mantz pulou uma vala de solo comido pela erosão.

Era fácil seguir aquele cabo e o sulco aberto por ele no solo. Após mais OU menos dois metros, eles estavam de volta à cerca em Potrero Road, olhando para o verso da placa de "Não entre". O cabo passava pela cerca e chegava na parte de trás de uma caixa de aço de aproximadamente 60 centímetros quadrados, em cima de um cano grosso preso no solo. O sulco no chão terminava dois metros antes da cerca, do lado deles. Não havia nenhuma pegada nova.

- Vamos até o outro lado.

Em poucos minutos, eles voltaram ao portão em Potrero Road. Depois andaram uns cem metros para o lado e chegaram à parte da frente da caixa de aço. Tinha uma fechadura bem reforçada e era feita de aço soldado. Possuía algumas marcas de tiros, provavelmente disparados por garotos que passavam brincando com seus rifles, mas nenhum deles penetrou a caixa.

- Construída para durar - Sebeck examinou um buraco quadrado na parte de trás, de onde o cabo saía. — É um mecanismo de guincho?

Mantz assentiu com a cabeça:

- Primeiro, pensei que fossem garotos fazendo uma brincadeira de mau gosto. Porém este é um mecanismo de engenharia bem complexo. Mas o que será que esta coisa faz?

Eles se viraram quando um Range Rover e uma picape entraram na rua e pararam em frente ao portão. Dois caras vestidos com roupas caqui desceram do Rover e falaram rapidamente com os policiais que estavam ali, e estes apontaram para Sebeck e Mantz. Os homens entraram novamente no Rover. Os dois carros desceram a rua e pararam em frente aos detetives, lançando uma nuvem de poeira sobre eles.

Os dois caras de roupa caqui desceram outra vez. O que estava do lado do passageiro saiu com a mão estendida. Parecia ter muito dinheiro, estava muito bem vestido.

- Detetives. Sou Gordon Pietro, consultor legal sênior da CyberStorm Entertainment — apertaram-se as mãos e Pietro deu um cartão para cada um. — Este é o nosso vice-presidente de relações públicas, Ron Massey.

Sebeck fez um cumprimento com a cabeça. Massey tinha o cabelo mais comprido que o de Pietro e um piercing, uma argola de ouro, em uma sobrancelha. Devia ter quase trinta anos e também parecia ter dinheiro. Uma ponta de ciúme atingiu Sebeck. O fato de poder encher aquele moleque de pancada sem suar dominou a sua mente, mas ele afastou aquele pensamento.

- Este é o detetive Mantz. Sou o sargento Sebeck, da Unidade de Crimes Especiais do leste do condado de Ventura.

Pietro parou:

- Unidade de Crimes Especiais? Disseram-nos que havia ocorrido uma morte acidental em nossa propriedade.

- Os policiais que chegaram aqui primeiro nos chamaram. Estamos investigando o caso como um possível homicídio. - Sebeck se inclinou para o lado de Pietro e olhou para a picape estacionada

atrás do Rover. Havia um logotipo na lateral que era ilegível daquele ângulo. — Quem está na picape?

- Ah, um trabalhador da empresa de manutenção que cuida da propriedade. Ele trouxe o controle remoto do portão da frente.

Peça para ele vir aqui, quero lhe perguntar umas coisas.

Pietro andou um pouco para trás e fez um gesto com a mão para o rapaz na picape.

Sebeck se virou para Massey.

- Para que serve esta propriedade?

- A CyberStorm a comprou como investimento. É usada para acampamentos, exercícios para integrar os profissionais, essas coisas.

Sebeck pegou um bloquinho e uma caneta.

- Bom, então, você é o relações públicas, certo? O que a CyberStorm Entertainment faz, Ron?

- Somos um dos líderes no mercado de desenvolvimento de jogos de computador. Já ouviu falar do Sobre o Reno?

- Não.

Burkow gritou de perto do portão:

- Pete? Consegui um nome com o Departamento de Tráfego. A moto foi registrada por um tal Joseph Pavlos, que mora em uma dessas supermansões no alto do morro.

Massey colocou uma mão no queixo:

- Uau, nossa...

- Você conhece a vítima?

- Sim. Ele é um dos nossos programadores sêniores. O que aconteceu? Sebeck gesticulou com sua caneta.

- Ele bateu com o pescoço neste cabo. Sabe se ele passava sempre por aqui?

- Não sei, mas a equipe de programadores dele deve saber.

Pietro retornou com um mexicano de cerca de quarenta anos, vestido com um macacão verde. Ele parecia ser alguém que teve uma vida dura e que esperava que ela ficasse ainda mais difícil a qualquer instante.

- Ron? Pav é a pessoa que foi morta?

Massey fez que sim com a cabeça e pegou o celular.

- Droga de cânion. Não tem sinal.

Pietro pegou seu próprio celular para comparar os sinais.

- Que operadora você usa? Eu tenho duas barras de sinal.

Sebeck entrou no papo:

- E você é?

Pietro se virou para ele:

- Este é Haime.

- Qual é o seu nome completo, Haime?

- Haime Alvarez Jimenez, senhor.

- Posso ver um documento seu senhor Jimenez?

- O que aconteceu?

— Houve uma fatalidade. Posso ver sua identidade, por favor?

Haime olhou para Pietro e Massey e depois enfiou a mão no bolso para pegar a carteira. Achou a carteira de motorista e a entregou a Sebeck. Sua mão tremeu visivelmente.

Um pequeno sorriso apareceu no rosto de Sebeck.

— Você matou este homem, Haime?

— Não, senhor.

— Então, não se preocupe — ele pegou a identidade e a examinou. Haime apontou para a caixa de aço.

— Fiz um trabalho nesta caixa hoje. Liguei apenas uma chave, como a ordem de serviço pedia.

— E onde está essa ordem de serviço?

— No meu palmtop, lá na minha picape.

— E você tem a chave dessa caixa?

Haime fez que sim com a cabeça e pegou um chaveiro com um código de barras que tinha três chaves.

— Você acionou isso hoje? A que horas?

— Por volta de nove, nove e meia. Posso dizer a hora exata olhando a minha ordem de serviço.

Sebeck pegou as chaves, destrancou a caixa e depois a abriu com a ponta de sua caneta. Dentro, havia um guincho elétrico com outra entrada de chave.

— Para que serve a terceira chave?

— Para abrir manualmente o portão de aço.

— Então, você ligou esta chave. O guincho se ativou e puxou o cabo... -Sebeck se inclinou — ... que estava enterrado.

Não, senhor. Nada de cabo. Apenas o motor do guincho ligou.

Os outros viraram os olhos ao mesmo tempo.

—Haime, se você foi mandado para cá por ordem da empresa, então, não precisa se preocupar. Para que serve este guincho? Haime deu de ombros.

Nunca o tinha ligado antes.

— Pode pegar a ordem de serviço?

— Sim, senhor — ele foi apressado até a picape. Pietro observava o comprimento do cabo.

— O que aconteceu exatamente, detetive Sebeck?

— Alguém construiu o guincho e a caixa de aço, depois enterrou um cabo de aço no chão. Ligando o guincho, o cabo se esticou, saindo do solo e ficando na altura do pescoço das pessoas.

Os dois representantes da CyberStorm pareciam confusos. Pietro pôs a mão no queixo.

- Tem certeza de que não é... sei lá, algo como uma corrente fechando a estrada?

- Por que enterrá-la, então? Aliás, para que uma corrente se você já tem um portão de aço na entrada?

Pietro não sabia responder.

Haime voltou e mostrou a telinha do seu palmtop a Sebeck. Segurando-o com sua mão calejada, ele apontou a ordem de serviço que aparecia na tela.

- Viu só? Ligue o guincho de elevação da antena até ele parar.

Sebeck pegou o palmtop e estudou junto com Mantz os detalhes da ordem que aparecia.

- Nathan, vamos precisar de um mandato de busca para a empresa que cuida desta propriedade. Mande alguém vigiar o escritório deles até que tenhamos uma equipe por lá. Preciso também do número do processo e das anotações de Burkow. Esta investigação agora é minha. A partir de agora, tudo tem que passar por mim - ele olhou para Haime. - Haime, vamos precisar conversar com você lá na delegacia.

- Senhor, eu não fiz nada.

- Eu sei, Haime. É exatamente por isso que vai querer colaborar enquanto conseguimos um mandato de busca para o seu empregador.

Pietro tentou entrar na conversa.

- Detetive Sebeck... Mas, Sebeck disse:

- Advogado, este negócio com o cabo foi mantido pela empresa de manutenção da sua propriedade, o que indica que eles tinham conhecimento prévio da coisa. Prefere que a CyberStorm seja responsável pelo problema ou a empresa pretende cooperar com a minha investigação?

Pietro espremeu os lábios e então se virou para Haime.

- Não se preocupe. Vá com eles e faça tudo o que mandarem. E conte tudo o que sabe.

Mas eu não sei de nada, senhor Pietro.

- Sei disso, Haime. Mas acho que é melhor fazer o que o detetive Sebeck está dizendo.

- Sou um cidadão americano. Estou sendo preso? Sebeck olhou para Mantz, que entrou na conversa.

- Não, Haime. Só vamos conversar. Pode deixar a picape aqui que cuidaremos dela. — Mantz levou Haime até um dos carros de polícia.

Pietro fez um gesto com a cabeça para Massey.

- Detetive Sebeck, entraremos em contato com seu escritório para obter uma cópia do relatório da polícia. Sabe onde me encontrar.

Os dois homens subiram no Range Rover e partiram acelerando, talvez com pressa de acharem um lugar com um sinal de celular melhor.

Sebeck olhou para o cabo. Será que alguém tinha construído aquilo apenas para matar uma pessoa? Ele podia pensar em formas mais fáceis de matar alguém.

Então, voltou a sorrir. Aquilo não era um suicídio ou uma venda de drogas que deu errado. Ao que parecia, poderia muito bem ser um assassinato premeditado. Era errado torcer para que fosse mesmo? Acidente ou assassinato, a vítima tinha morrido. Nada

mudaria aquilo. Sendo assim, o que tinha de errado em torcer para que fosse um assassinato?

Pensando naquilo, Sebeck se virou e caminhou até o portão da frente.

Capítulo 3:// Caixa-preta

Sebeck, Mantz e mais três policiais do condado se reuniam em volta de um monitor de computador cheio de post-its colados, em um cubículo de uma companhia comum, num centro empresarial em Thousand Oaks. Trailers passavam rapidamente na estrada próxima às paredes de estuque fino, mas os homens da lei estavam concentrados, se inclinando por sobre os ombros do agente Aaron Larson, o único especialista em fraudes de computador da delegacia do condado.

Larson tinha quase trinta anos e um ar de método e organização militar, cabelo bem curtinho, corpo atlético e queixo quadrado. Possuía um entusiasmo juvenil por desvendar crimes. Algumas vezes, ele sorria e sacudia a cabeça devagar de forma negativa, não acreditando nas coisas que as pessoas faziam e das quais achavam que escapariam.

A tela do computador em que estava Larson mostrava linhas e mais linhas de texto passando.

— Este arquivo lista os endereços de IP que se conectam com este servidor. Notem que temos várias conexões por volta do horário em que a nossa ordem de serviço foi gerada.

Ele deu um alt-tab em um programa personalizado de controle de propriedades.

— Falei com a secretária e ela disse que eles podem receber solicitações de trabalho dos clientes por meio de uma página segura da internet.

Sebeck assentiu com a cabeça.

— Então, a solicitação não veio, necessariamente, deste escritório.

— Exato - Larson voltou mais uma vez ao aplicativo. - Aqui, no campo do solicitante, vemos que a requisição veio de um tal Chopra Singh, da CyberStorm Entertainment. Mas espere um pouco... não foi de lá que a conexão se originou.

Larson minimizou todas as janelas, menos a do registro da internet. Depois destacou uma linha.

— Esta foi a conexão que criou a ordem de serviço. Quando verifico o endereço de IP... - ele troca de janela. — Voilà.

A página da pesquisa mostrava o domínio daquele IP como sendo da Alcyone Seguros Corporation, em Woodland Hills, Califórnia. Sebeck leu aquelas letras pequenas.

— Então, a ordem de serviço partiu dessa companhia em Woodland Hills?

— Talvez sim, talvez não.

— Acha que o endereço foi hackeado?

— O único jeito de descobirmos é conseguindo um mandato para os registros de acesso de internet deles.

Outro policial entrou no escritório que já estava cheio.

— Sargento, tem um carro da imprensa aí fora.

Sebeck acenou com a mão para que ele saísse e continuou olhando para Larson.

— Então, não foi ninguém dessa empresa que criou a ordem de serviço que matou Pavlos?

— É o mais provável. Sebeck olhou para a tela.

— Esse tipo de sistema de pedidos de serviço pela internet é comum em companhias tão pequenas como essa?

Larson fez que não com a cabeça.

— Não é, não. O programa é muito bem feito. O gerente me disse que a matriz deles desenvolveu o sistema. Consegue adivinhar qual é a matriz?

— CyberStorm Entertainment.

Larson encostou o dedo na ponta de seu nariz.

— Muito bem, sargento.

Naquela hora, os rádios deram sinal de vida. Sebeck se virou para ouvir.

Todas as unidades próximas a Westlake. Foi reportado um 10-54 no número 3.000 da Westlake Boulevard. 10-29 notificado. E um 11-98 com a segurança do prédio.

Sebeck trocou olhares com os outros policiais. Mais um corpo tinha sido encontrado.

— Mas o que é isso...

O endereço iluminou a memória de Sebeck. Ele pegou o cartão de Gordon Pietro no bolso. Pelo menos sua memória não tinha falhado: o corpo tinha sido encontrado na CyberStorm Entertainment.

Até onde Sebeck sabia, empresas de entretenimento podiam ser de dois tipos: operações escusas que serviam para burlar o fisco, vender drogas e lavar dinheiro, ou grandes corporações extremamente bem-sucedidas, com uma influência mundial enorme. Havia poucas empresas que poderiam estar em um meio-termo, e a transformação de um tipo no outro parecia acontecer na calada da noite. Com um display em um prédio comercial de dez andares, a CyberStorm, evidentemente, havia passado por essa transformação.

O último corpo tinha sido encontrado em uma sala de segurança, um pequeno ambiente em que se controlava o acesso ao que os funcionários chamavam de fazenda de servidores. A pequena entrada daquela salinha fazia Sebeck se lembrar de um duto de ar. A fazenda tinha vários servidores montados em seus suportes, cada um com suas luzinhas piscando na semiescuridão das luzes de emergência. Pelo vidro, Sebeck podia ver vários funcionários trabalhando. Eles ainda estavam monitorando as máquinas.

Era difícil vê-los claramente porque as janelas da pequena sala tinham sido escurecidas com um filme amarelado, resíduo de gordura humana queimada. A vítima tinha sido eletrocutada de uma maneira terrível.

Sebeck estava ali parado sob o brilho fraco das luzes de emergência, junto do engenheiro-chefe de operações do prédio, do diretor de relacionamento da CyberStorm, de alguns paramédicos, um supervisor da companhia elétrica da cidade e do presidente e CEO da CyberStorm, Ken Kevault.

Kevault devia ter quase quarenta anos, era alto, magro e tinha os cabelos espetados. Sua camisa preta de seda de mangas curtas revelava tatuagens de caveira nos antebraços, e ele tinha aquele tipo de pele bronzeada e enrugada que só se consegue depois de

surfear por muitos anos. Parecia mais um antigo astro de rock do que um executivo de uma corporação. Não havia dito uma palavra desde que eles chegaram.

Sebeck se virou para o supervisor de luz e energia e disse:

- A fonte de energia primária foi cortada?

O engenheiro do prédio respondeu primeiro:

- Sim, senhor.

Sebeck se voltou para ele.

- Então, aqueles computadores estão funcionando com a energia de reserva?

- Isso.

- Vamos evacuar aquela sala.

- Tem outra saída igual a esta, mas seria tão perigoso quanto.

Por isso disse aos técnicos para ficarem lá por enquanto.

Sebeck assentiu com a cabeça.

- Quem pode me dizer o que aconteceu?

O engenheiro e o diretor olharam um para o outro. De qualquer forma, o engenheiro já estava falando.

- Mais ou menos meia hora atrás, um dos funcionários da CyberStorm foi eletrocutado ao passar pela porta de segurança interna. Não sei como isso pode ter acontecido, mas os técnicos disseram que ele ficou em pé ali dentro, com fumaça saindo de seus ombros, durante uns trinta segundos, e depois se ajoelhou e caiu. E agora está lá.

Kevault soltou um assobio de nojo e sacudiu a cabeça de forma negativa.

Sebeck o ignorou.

- Um funcionário da CyberStorm? Então você não é empregado da CyberStorm?

O engenheiro fez que não com a cabeça.

- Não, trabalho para o dono do prédio.

- E quem é o dono do prédio?

As pessoas no local trocaram olhares por um momento, até que Kevault disse:

- É parte de um fundo de investimento em imóveis, e a CyberStorm possui a maioria das ações.

Sebeck se virou para o engenheiro.

- Então você é funcionário da CyberStorm. Kevault se meteu novamente.

- Não, o fundo não é a mesma entidade legal que a CyberStorm, e é ele que banca a parte de engenharia, a segurança e outras funções do prédio.

Sebeck já podia imaginar os advogados apontando o dedo uns para os outros pela próxima década.

- Deixa pra lá. Alguém entrou ou saiu de lá desde o crime? Todos os homens fizeram que não com a cabeça.

- E temos a planta elétrica dessa entrada? Houve alguma modificação recente e sem permissão que eu deva saber?

O tom de voz do engenheiro mudou.

- Não fazemos nenhuma obra sem permissão por aqui. Todos os equipamentos foram vistoriados pela prefeitura e pelos bombeiros há dois anos, e temos a permissão de ocupação para comprovar.

O cara parecia ter uns cinquenta anos. Um latino de ombros largos com uma tatuagem da marinha no antebraço. Sebeck imaginou que aquele homem não daria em nada. E observou enquanto o engenheiro foi até uma mesa próxima na qual havia um computador e uma tela plana e virou a tela para que todos pudessem ver. Em um segundo, ele fez aparecer um mapa 3-D de onde eles estavam. O mapa era uma série de vetores bem claros, em cores primárias.

O engenheiro digitou alguma coisa e destacou uma camada colorida para enfatizar as palavras.

- Encanamentos, HVAC*, Segurança contra incêndios, Elétrica.

* N.T.: Termo em Inglês usado para descrever aquecimento, ventilação e ar-condicionado

A imagem foi ampliada. Era como um videogame com paredes transparentes. Eles agora olhavam uma imagem computadorizada da entrada, e Sebeck podia ver as linhas de energia amarelas descendo pelos lados da porta até a combinação teclado/leitor de cartão, para que ela fosse aberta.

Não foi à toa que o engenheiro ficou chateado. Ele tinha todas as malditas plantas e os modelos em 3-D.

- Não há uma fonte de energia naquela parede forte o suficiente para eletrocutar um homem daquele jeito, e, mesmo se existisse, os disjuntores deveriam ter caído. Tem um curto em algum lugar. Provavelmente em uma linha tronco. Talvez isso tenha eletrificado a porta.

O homem da companhia elétrica resolveu falar.

- O que é que vai até a fazenda de servidores? Um trifásico 480?

- Isso, mas ele chega pelo chão. Há uma linha tronco passando por um sulco vertical. O piso foi reforçado para suportar o peso dos equipamentos, e há um suporte de fibra...

- Cavalheiros - disse Sebeck, se posicionando entre eles. - Precisamos retirar todas as pessoas que sejam essenciais do escritório da CyberStorm. Nathan, quero um perímetro externo estabelecido e fechado em todas as escadas e nos elevadores. Vamos montar o comando da operação e controlar as coisas nesta área ao lado do vestíbulo. E quero que todos que forem retirados sejam interrogados.

O diretor se virou para Sebeck.

- Temos cinco andares neste prédio. Acha mesmo necessário evacuar todos?

- Dois de seus colegas de trabalho foram mortos hoje em "acidentes" sem relação um com o outro. Acho pouco provável que isso seja uma simples coincidência.

O diretor fez uma careta.

- Dois?

Isso mesmo. Vou deixar que seu ilustre líder conte a você.

Os caras da CyberStorm se viraram para o presidente da companhia. Kevault estava roendo as unhas de irritação ou para concentrar-se, era difícil saber. Ele finalmente falou sem olhar para ninguém.

- Lamont, faça a troca para o site espelho. E depois evacue o escritório. Sebeck aumentou o tom.

- Vocês vão evacuar o prédio agora. Se têm alguma ilusão sobre quem está no comando por aqui, posso dar um tempo para pensarem na cela da delegacia.

Kevault ia dizer alguma coisa, mas pensou melhor e não disse. Apenas marchou para o corredor, e seus funcionários o seguiram.

Sebeck acenou com a cabeça para Mantz, que foi atrás de Kevault como um rottweiler perseguindo uma criança.

Sebeck segurou o diretor, que também estava saindo.

— Você, não. Você vai ficar aqui comigo.

Sebeck tinha visto um bom número de acidentes com vítimas fatais em seus quatorze anos na polícia e sabia que fatalidades no ambiente de trabalho atraíam relatórios assim como cadáveres atraíam moscas. Inspetores da área de Sistemas de Gestão da Segurança e Saúde no Trabalho - Requisitos, investigadores do seguro, repórteres, advogados e gestores do prédio, todos aguardando a vez. Mas, nesse momento, Sebeck tinha posicionado seus guardas para manter as pessoas não essenciais e não oficiais fora da cena do crime.

A energia elétrica principal estava desligada, por isso eles estabeleceram comunicação por rádio para monitorar o bloqueio da fonte de energia principal.

Depois de alguns testes com um voltímetro, o engenheiro e o supervisor da companhia de energia determinaram que as molduras das portas não estavam eletrificadas. Então instruíram os funcionários do centro de dados a abrirem a outra saída para deixar a polícia e os bombeiros entrarem. Depois eles retiraram os técnicos de lá, e agora a cena do crime estava livre de civis.

Sebeck ficou surpreso ao ver o quanto a sala tinha ficado quente e abafada. O ar-condicionado nunca estivera desligado tanto tempo assim. Olhou em volta as dezenas de servidores montados em suas mesinhas emitindo ruídos. Eram várias BTU* juntas. Provavelmente era por isso que eles tinham uma salinha na entrada, para manter o ar frio lá dentro. Ele se virou para o engenheiro.

- Para que servem estas máquinas?

- As pessoas jogam nossos games com outras pessoas pela internet. Meu neto joga.

Sebeck já tinha ouvido falar disso, mas não tinha ideia de que envolvia tanto hardware. Aquilo parecia bem caro.

Eles foram até a porta de segurança. A vítima estava caída logo depois do vidro, e eles puderam dar uma boa olhada no homem pela primeira vez. Como policial, Sebeck já tinha visto carnificinas em centenas de acidentes de carro, mas o diretor de pessoal passou mal e pediu licença. E, como Sebeck suspeitava, o engenheiro não pareceu muito afetado.

— Pobre desgraçado!

"Um veterano do Vietnã", Sebeck pensou.

Era difícil ligar a foto que o RH tinha fornecido com os restos que estavam diante deles. O rosto da vítima estava distorcido de agonia, ou talvez por conta dos espasmos musculares, ao ser eletrocutado. Seus globos oculares estavam pendurados e encostados nas bochechas, o cabelo tinha sido queimado quase inteiro, o rosto estava cheio de bolhas, mas Sebeck já sabia quem ele era: um programador sênior chamado Chopra Singh, o mesmo nome encontrado na ordem de serviço para Potrero Cânion.

Não havia mais nenhuma dúvida de que os dois casos eram de assassinatos, o que ele precisava agora era encontrar as evidências.

Sebeck fez o supervisor da companhia de energia testar a porta com o voltímetro mais uma vez, apenas para garantir, e então saiu de lado para que os bombeiros entrassem. O cheiro de carne e cabelo queimados os atingiu fazendo com que a equipe soltasse resmungos e precisasse respirar pela boca.

— Carey, faça umas imagens disso.

O fotógrafo entrou, e uma luz brilhante preencheu o ambiente. Depois, os paramédicos confirmaram o óbvio, a vítima tinha morrido. O vestibulo era pequeno demais para o cadáver e os investigadores, então eles examinaram a cena do crime da porta estreita. Diferentemente da maioria das cenas de crime, Sebeck pensou, o corpo da vítima não conteria muitas evidências, por isso ele decidiu começar por outras coisas, cobriu o corpo com uma lona plástica e se virou para o supervisor da companhia elétrica.

N.T.: BTU, ou unidade térmica britânica, é uma unidade de medida de energia muito utilizada nos Estados Unidos e na Inglaterra e equivalente a 252,2 calorias.

- Preciso descobrir o que eletrificou esta porta, e preciso saber disso rapidamente.

- Não há nenhum perigo aqui, sargento. O prédio inteiro está com a energia cortada.

— Não estou preocupado apenas com este prédio.

O supervisor fez uma pausa para digerir aquela informação e então assentiu gravemente.

Logo eles dois estavam amontoados na abertura da porta, quase em cima do corpo, agora coberto. Não era nem de longe o ideal a fazer, mas Sebeck sentia que o tempo era parte essencial desse problema. O batente da porta parecia normal, mas, ao desparafusar a parte da fechadura que ficava nele, o supervisor colocou um pé de cabra na tampa de alumínio que arrancou a cobertura com um sonoro crack. O que viram ali dentro parecia estranho até mesmo para Sebeck.

Um pequeno fio corria pelo batente, vindo do chão, e entrava atrás do miniteclado e do leitor de cartões. Mas outro fio, bem mais grosso, descia do teto e tinha sido preso à moldura da porta com fio de cobre.

Sebeck olhou para o supervisor da companhia elétrica.

- Não me lembro dessa parte na planta do engenheiro. O supervisor se moveu de lado.

- É um cabo 480. Dá para energizar uma máquina industrial com ele. Sebeck apontou para o teto. Foram trazidas escadas de fibra de vidro, acompanhadas de capacetes com lanternas acopladas. Logo eles passaram pelo forro e chegaram ao espaço acima dele. As luzes revelaram uma cobertura antifogo estendendo-se sobre as barras de aço e a base de metal do andar de cima. Vários dutos de HVAC e um monte de cabos cortavam o espaço.

E foi ali que eles encontraram a caixa-preta. Pelo menos era o que parecia, uma caixinha preta de metal pela qual passava o fio de 480 volts antes de seguir seu caminho para longe. Um cabo cinza e fino também ia até a caixa-preta.

Sebeck direcionou sua luz e foi seguindo os fios até onde eles desapareciam à distância.

- Muito bem, nós só vamos até aqui.

O esquadrão antibombas precisou de duas horas para poder liberar o local. Quando finalmente deram o sinal verde de que estava tudo bem, mais escadas foram trazidas e outros pedaços de placas do forro foram removidos, até que Sebeck, Mantz, o agente Aaron Larson e o técnico especialista em bombas do condado, o agente Bill Greer, pudessem realizar uma reunião precária lá em cima e em volta da caixa, que agora estava aberta.

Greer era um quarentão sereno que poderia muito bem estar dando uma aula de culinária ao levantar o visor de proteção de seu capacete e apontar para a tampa de metal em sua mão.

— O recipiente é bem comum.

Depois mostrou a caixa aberta, ainda presa ao duto de ar-condicionado. O cabo 480 chegava a um agrupamento de circuitos e pequenos fios.

— Basicamente, isto é um interruptor, sargento. Quem quer que tenha montado esta caixa poderia eletrificar a moldura da porta com ela.

Larson apontou para uma saída de rede na lateral da caixa-preta e depois para uma pequena placa ligada nela.

— Vejam só isso, é um servidor web em um chip. E tem até um pequeno protocolo TCP/IP. Eles são usados para controlar equipamentos como portas ou luzes por uma rede IP. Já chequei, e eles têm isso no prédio inteiro — Larson passou a mão em um cabo CAT-5, que vinha da placa e continuava em direção à escuridão — Esta caixa está ligada à rede deles, que por sua vez está conectada à internet. É possível que alguém com as senhas certas pudesse ativar este interruptor de qualquer lugar no mundo.

— O interruptor poderia estar programado para ligar quando uma pessoa específica passasse seu cartão de acesso na porta de segurança?

— Provavelmente. Mas ainda não sei o suficiente sobre os cartões deles.

— Há quanto tempo esse interruptor está aqui? Greer olhou para a tampa.

— Estava coberta de pó quando a pegamos.

— Então as portas da sala de entrada foram usadas milhares de vezes sem nenhum problema, até que hoje, repentinamente, mataram alguém. Precisamos descobrir se Singh já havia entrado nesse centro de dados antes.

Larson anotou os números de série da placa.

— Podemos checar os arquivos de acesso deles. E também as imagens das câmeras de segurança.

Sebeck fez que não com a cabeça. Aquilo era complexo demais, e todos estavam pensando no que fazer. Ele encarou o interruptor por um momento.

— Senhores, acho que é hora de chamarmos o FBI. Desculpe-me, Aaron, mas simplesmente não temos os recursos necessários para lidar com isso.

No começo da noite, Sebeck estava parado perto da entrada do prédio, acompanhado por Mantz-e um policial de uniforme. Um grupo frenético de repórteres os cercava e empurrava um amontoado de microfones com suas pontas de espuma ovais e multicoloridas. As lentes das câmeras brilhavam próximas enquanto os jornalistas gritavam perguntas.

Sebeck pediu silêncio com as mãos, até conseguir ouvir o barulho dos geradores dos carros de imprensa perto dali.

— Isto é o que sabemos até agora. Por volta das 1h30 desta manhã, o corpo de Joseph Pavlos, um empregado da CyberStorm Entertainment, foi encontrado em um cânion próximo a Potrero Road, em Thousand Oaks. Depois, por volta das 14h, um segundo funcionário da CyberStorm Entertainment foi eletrocutado em um ato que sabemos ter sido deliberado. Ainda não podemos revelar a identidade da segunda vítima porque primeiro temos que comunicar aos parentes mais próximos. Também acreditamos que a morte do senhor Pavlos foi um homicídio e já requisitamos o auxílio do FBI.

Gritos com perguntas explodiram novamente. Sebeck pediu silêncio, novamente usando as mãos.

— Ao que parece, os dois funcionários eram alvos específicos, e não temos nenhuma razão para acreditar que o público em geral esteja em perigo. Pedi aos funcionários da CyberStorm Entertainment que prestem muita atenção ao que ocorrer em torno

deles e avisem a polícia se encontrarem objetos ou pacotes suspeitos. Agora, responderei às perguntas.

O estacionamento explodiu em gritos.

Sebeck apontou para uma garota asiática. Precisava admitir que a escolhera primeiro porque ela era maravilhosa.

- Sargento, o senhor disse que chamaram o FBI. Isso quer dizer que esse caso é maior que apenas dois assassinatos?

- O FBI tem a jurisdição e os recursos e requeridos para poder investigar este caso de forma apropriada.

Outro repórter perguntou:

— Pode descrever exatamente como as vítimas foram mortas? Ainda não podemos revelar os métodos exatos.

— Pode nos dar uma ideia, pelo menos? Sebeck hesitou.

- Pelo menos, uma das vítimas parece ter sido morta pela internet.

Um zumbido se espalhou entre as pessoas da imprensa. Aquele era o ruído natural deles.

— Isso é tudo o que podemos revelar no momento.

Capítulo 4:// O Deus da trapaça

Com uma visão privilegiada em um café, Brian Gragg olhava as janelas escuras da mansão provinciana francesa do outro lado da rua. O luxuoso bairro de River Oaks, que ficava na zona central de Houston, tinha várias dessas belas construções antigas, restauradas e transformadas em locais chiques para prestadores de serviço. Abrigavam consultórios médicos, escritórios de arquitetura, de direito, e várias salas de corretoras de ações da costa leste. Era essa última espécie de locatário suburbano que tinha atraído Gragg. Eles eram o elo mais fraco de uma corrente muito valiosa.

Um dos corretores tinha instalado um ponto de acesso sem fio à internet em seu escritório, mas não conseguira mudar a senha padrão e o SSID. E, melhor ainda, não se importava em deixar seu computador ligado a noite toda.

Gragg olhou para o seu laptop e ajustou sua pequena antena wi-fi para que ficasse direcionada, exatamente, para as janelas do escritório. A tela do computador do corretor já estava em uma janela do laptop de Gragg, que invadira aquela estação de trabalho havia alguns dias, primeiro obtendo o endereço de IP da rede por meio do roteador e depois conseguindo acesso à máquina do corretor após uma invasão básica da NetBIOS. As portas da estação de trabalho estavam escancaradas, e, depois de várias visitas noturnas ao café, Gragg foi aumentando seu nível de acesso. Ele agora era dono da rede deles. Apagando depois o registro do roteador, sumiria com qualquer evidência de que ele estivera ali.

Mas tudo aquilo era brincadeira de criança se comparado com o que ele iria fazer com o que conquistara. No último ano, Gragg tinha evoluído para muito mais do que simples esquemas com cartões de crédito. Ele não ficava mais indo a bares e distribuindo máquinas de cartões adulteradas a garçons e ajudantes, tendo que

pagar uma quantia para cada número clonado. Gragg agora roubava identidades. Seu camarada, o Heider, tinha lhe ensinado os macetes do spear-phishing*. Aquilo abriu um novo mundo para ele.

Gragg estava usando a estação de trabalho do corretor para enviar uma mensagem com uma campanha para os clientes da empresa. Ele tinha copiado as besteiras de marketing e a parte gráfica do próprio site da corretora, mas o que dizia o e-mail era irrelevante. O objetivo de Gragg era que o alvo simplesmente visualizasse sua mensagem. Era tudo de que ele precisava.

O e-mail de Gragg continha uma imagem contaminada do logotipo da corretora. JPEGs são arquivos de imagens comprimidos. Quando o usuário visualizava a mensagem, o sistema operacional acionava um algoritmo de descompressão para reproduzir a imagem na tela. E era o algoritmo de descompressão que executava o script malicioso de Gragg e o deixava entrar no sistema do usuário, garantindo a ele acesso total. Havia uma atualização para a falha na descompressão, mas caras mais velhos e ricos, em geral, não sabiam nada a respeito de atualizações de segurança.

O script de Gragg também instalava um espião que roubava para ele todas as informações de conta e senha que o usuário utilizasse a partir daquele momento, mandando tudo isso para outra estação de trabalho roubada de onde Gragg poderia recolhê-las quando quisesse.

Que tipo de idiota deixa as chaves do seu negócio na rua, e, pior que isso, transmite uma declaração do seu roteador contando ao mundo onde estão as chaves? Essas pessoas não deveriam poder ficar sozinhas em casa, e muito menos ser responsáveis pelos investimentos dos outros.

N.T.: Spear-phishing é o nome dado ao roubo específico de identidade por meio de esquemas ilegais, como e-mails fraudulentos, por exemplo.

Gragg apagou o registro de conexões do roteador. Muito provavelmente, o golpe não seria detectado durante meses, e mesmo quando fosse era provável que a companhia não contasse aos seus clientes. Eles apenas fechariam a porta do celeiro depois

de os vírus conhecidos como cavalo de Tróia já terem partido faz tempo.

Até agora, Gragg tinha conseguido quase duzentas identidades importantes de internet para vender no mercado global, e brasileiros e filipinos tinham abocanhado tudo que ele oferecera até então.

Gragg sabia que possuía uma vantagem nesse novo mundo. Fazer faculdade não era mais a porta de entrada para o sucesso. Ao que parecia, as pessoas não tinham pensado ainda que estavam confiando suas fortunas em uma tecnologia que não entendiam, e isso seria a ruína deles.

Ele terminou o *mocha latte* e olhou ao seu redor na cafeteria. Moleques e adolescentes de vinte anos que não tinham ideia de que ele estava juntando mais dinheiro do que seus pais executivos. Ele parecia um moleque qualquer, tom costeletas longas, cavanhaque, gorro e um laptop. Era o tipo de garoto que não era notado porque você estava cansado de olhar para tipos como ele.

Gragg desligou seu laptop e retirou um pen drive de uma das portas USB. Depois pegou um alicate de ponta fina e amassou o pequeno drive como se fosse uma noz, descartando os pedaços em uma lixeira próxima. A evidência tinha sido destruída. O disco rígido do seu computador não continha nada, a não ser umas coisas evangélicas. Caso houvesse algum problema, ele pareceria o lâ número um de Jesus.

Então seu celular começou a tocar a música de abertura de Além da imaginação. Gragg colocou o fone sem fio no ouvido.

— Jason. Onde você está, cara?

— Restaurante corporativo número 121. Estou quase acabando. Qual é o seu ETA?*

Gragg olhou para seu relógio, que era um Tag Heuer.

— Por volta de trinta minutos.

— Não se atrase. Ah, me loguei a mais dezesseis roteadores abertos no subúrbio na hora do almoço.

— Coloque-os no mapa.

— Já fiz isso.

— Estou a caminho. Encontro com você na entrada dos fundos.

Gragg olhou em volta e viu pessoas entrando em seus carros comprados por financiamento, para irem para suas casas que ainda pertenciam aos bancos. Eles eram gado, e ele os via com desprezo.

Gragg seguiu para o norte em direção ao Houston West Loop, um grande agrupamento de edifícios que ficavam a oeste do centro da cidade e serviam como uma segunda linha do horizonte para as pessoas que achavam que a primeira ficava longe demais. O parceiro de Gragg, Jason Heider, trabalhava como garçom em uma rede de restaurantes corporativos na Galleria, próximo à pista de patinação.

Heider tinha trinta e poucos anos, mas parecia mais velho. Na época do boom tecnológico, ele era algo como vice-presidente de uma empresa ponto-com. Gragg o conheceu em uma sala de bate-papo da IRC específica para esquemas avançados de hackeamento digital — buffer overruns, algoritmos para forçar a quebra de senhas, detectores de vulnerabilidade de software e outras coisas desse tipo. Heider entendia do que estava falando, e logo os dois passaram a dividir o trabalho de espionar redes sem fio em aeroportos e cafeterias, roubando senhas corporativas, se possível. Os dois possuíam o mesmo interesse por tecnologia e informação, as chaves para o poder pessoal. Heider tinha ensinado bastante coisa para Gragg no último ano. Mas quase nada recentemente.

E havia os descuidos dele. Havia pouco tempo que Heider perdera a carteira de motorista por dirigir sob o efeito de substâncias proibidas, e quase afundou os negócios dos dois por estar com seu laptop no carro. Gragg tinha começado a prestar mais atenção nele e não gostava de deixá-lo sozinho em um sábado à noite, com medo de que suas indiscrições acabassem fazendo com que fossem presos. Felizmente, Gragg nunca disse seu verdadeiro nome a Heider.

* N.T.: Unidade de medida que se refere ao tempo estimado de chegada, utilizada nos Estados Unidos para meios de transporte.

Gragg chegou ao estacionamento do shopping e circulou pelas fileiras de carros, parando perto da entrada oeste e, então, ficando à espera. Heider acabou aparecendo no estacionamento com um cigarro na boca. Era uma noite fria de outono e ele soltava fumaça,

tendo tragado ou não. Usava uma jaqueta M-65 do exército que já tinha sido nova um dia. O cara parecia, particularmente, patético enquanto caminhava em direção ao carro de Gragg, que pensou que seria um ato de piedade passar por cima dele naquele momento. Heider era uma sombra dele mesmo, e admitia isso. Deu uma última tragada, jogou o cigarro fora e entrou no carro.

- Ei, Chico. Onde é a festa? Gragg o examinou de cima a baixo.

- Você está carregado?

- Não, cara! Bom, só tenho um pouco de estimulante.

- Jase, jogue essa merda fora agora ou pode ir embora para casa. Tenho um esquema hoje à noite e não quero que nenhum cão farejador dê motivo para os policiais me revistarem.

- Nossa, relaxa!

Eu nunca relaxo. Sempre mantenho o foco. Amigos não deixam outros amigos se drogarem, ainda mais quando esses amigos podem virar uma evidência para a polícia.

-Tá bom, cara, chega, já entendi o problema — Heider desligou a luz interna do carro, abriu a porta e jogou fora um saquinho plástico. Gragg ligou o carro e saiu. Seu cérebro é sua única ferramenta preciosa, Jase. Se continuar detonando ele, acabará perdendo a importância para mim.

Ah, vai se foder. Se eu tivesse um derrame e cheirasse cola, talvez ficasse com o QI baixo como o seu. Você assiste *hentai* *e joga videogame o dia todo não precisa ser muito inteligente para fazer isso.

Quando disse videogame, ele estava simplificando bastante as coisas. Gragg jogava vários multiplayer games na internet, os chamados MMOGs, e, enquanto observava tranquilamente seu parceiro, pensou que as sociedades complexas dos jogos tinham muitos mais estímulos sociais do que qualquer coisa existente no mundo de Heider. Mais uma razão para o que estava porvir.

Gragg aumentou o som, que tocava um mix de músicas do DJ Oakenold, e afogou as palavras de Heider.

*N I Hentai- desenhos eróticos japoneses.

Ele dirigiu até a Katy Freeway e seguiu na direção oeste, entrando na State Highway 6 rumo ao norte, a mais ou menos

quinze quilômetros de Houston. A Highway 6 era uma via de quatro pistas de concreto, sobre um terreno pantanoso e com grandes áreas de pradaria cercadas por árvores, remanescentes de um passado agrícola.

Agora, o único crescimento que havia era o de shoppings, loteamentos e áreas de escritórios, brotando como cachos de uvas do tronco formado pela estrada e separados por longos espaços de inutilidade.

Gragg olhava para a estrada e já estava calado havia uns dez minutos.

Heider o observava.

— O que deu em você hoje?

— Os malditos filipinos. Postaram uma mensagem para nos encontrarmos com eles.

— Para quê?

— Pegar a nova chave criptografada.

— Pessoalmente?

— Estão tentando manter a polícia federal longe.

— Eles que se danem. Venda os dados para os brasileiros.

— Os filipinos já me devem quinhentas identidades. Se não pegar o código, não serei pago.

— Mas que saco. É a última vez que fazemos negócio com eles.

Gragg abriu o celular e começou a digitar uma mensagem de texto enquanto dirigia. Depois falou com Heider sem olhar para ele.

— Temos menos de quarenta minutos até a hora do show. Os filipinos podem esperar.

Em uma rua sem saída de um novo loteamento da cidade ainda em construção, meia dúzia de carros estavam estacionados no escuro. Grupos de adolescentes bebiam e fumavam sentados no capo de seus carros, rindo, discutindo e olhando para o brilho distante da rodovia. O ritmo da batida do rap penetrava o ar frio da noite, vindo do som de vários carros, todos ligados na mesma estação de rádio por satélite. O som reverberava no peito deles, enquanto jogavam pedras, estraçalhando vidros recém-colocados de casas em construção. Um garoto ia de carro em carro com sua pequena scooter.

Eram um grupo racialmente bem misturado, com uma maioria branca e alguns afrodescendentes, asiáticos e latinos aqui e ali. Seus carros indicavam sua classe social. Um Mustang GT conversível com rodas aro 18 cromadas; SUVs novíssimas com placas personalizadas; o BMW da mãe. A classe social, e não as corridas era o que ligava esses jovens.

Um celular começa a tocar Eine kleine Nachtmusik e todas as meninas do grupo pegam seus celulares. A garota alfa, uma loira magra com jeans de cintura baixa e top, mesmo naquele frio, mostra a língua para as outras.

- Vocês copiaram o meu toque — Depois, lê a mensagem de texto. — Austin! Pessoal, abaixem a música.

Os rádios ficaram mudos rapidamente.

A garota usou seu melhor tom de voz de animadora de torcida e deu as coordenadas:

- 29.98075 e -95.687274. Todos entenderam? - ela repetiu as coordenadas enquanto vários deles as colocavam em seus GPSs.

Um atlético garoto afrodescendente e seus camaradas olhavam para o painel de sua SUV Lexus. Ele colocou as coordenadas, e um mapa apareceu na tela de LCD do GPS.

- Tennet Field. É aqui perto. Meu pai deixava o avião dele por lá. Vamos iodar!

Uma dúzia deles parou para mandar as coordenadas por SMS para ou-ii os amigos. A smart mob* estava se formando e estaria a caminho em alguns minutos.

Gragg caminhava pela pista sob a pálida luz da lua, em direção à silhueta escura do Hangar Dois.

Um rádio fez um bipe de chamado em sua cabeça, pois ele estava usando um fone de ouvido de condução óssea. O aparelho projetava o som diretamente no crânio dele, independentemente dos barulhos à sua volta. Era uma ferramenta muito útil para quem gerenciava uma festa rave lucrativa. O rádio chiou novamente.

- Unidade 19 chamando Unidade 3, está na escuta?

Gragg tocou seu receptor.

- Unidade 3. Fale comigo.

A Outra Carne Branca está indo para o sul pela Farmington. O alcance é de cinco-ponto-dois quilômetros.

A Unidade 3 era um observador posicionado no perímetro leste usando olhos de visão noturna. Gragg viu faróis aparecendo na entrada principal do aeroporto.

- Unidade 20, a Zona 1 é uma área de apagão.

- 10-4, Unidade 3.

Logo os faróis se apagaram.

N E : Conceito criado por Howard Rheingold. É uma forma de organização social que nasce e se estrutura a partir das novas tecnologias da informação.

Controlar a entrada era uma batalha sem fim em uma rave no campo. Faróis de carro alinhados eram o inimigo.

Gragg seguiu os cabos grossos do gerador que vinham da casa de máquinas, passavam pelo estacionamento e seguiam em direção às portas do hangar, onde um baixo subsônico tocava ruidosamente, ameaçando arrancar as retinas dele. Um pano preto de tecido grosso cobria a entrada, bloqueando a luz e um pouco do barulho.

Uma fila de mais ou menos cem adolescentes na entrada vaiava e gritava, enquanto uma dezena de brutamontes com fones de ouvido e casacos com a palavra SEGURANÇA cuidava da entrada. Eles recolhiam vinte dólares de todos que chegavam à porta e então colocavam um colar equipado com um RFID, ou identificador de rádio frequência, no pescoço de cada adolescente. Depois de serem marcados como vacas, os clientes passavam por detectores de metal e entravam no hangar. Cada segurança estava equipado com uma arma e spray de pimenta para poder subjugar e remover rapidamente qualquer um que estivesse inclinado a atrapalhar a festa. Outras dezenas deles faziam a segurança lá dentro.

Gragg tinha uma operação bem apertada e por isso estava sempre precisando de patrocinadores para as raves. O patrocinador dessa noite, um jovem traficante albanês chamado Cheko, andava nervosamente pela pista. Mas ele fazia tudo nervosamente.

Gragg respirou fundo o ar da noite e passou pelos seguranças, entrando naquela loucura que martelava em sua cabeça: a rave. Foi

passando pela multidão de adolescentes. Apesar de ser vários anos mais velho do que a maioria deles, Gragg era magro e baixo. O piercing no lábio e as tatuagens nos braços davam a ele a aparência de um trabalhador braçal. Mas se alguém olhasse de perto, as tatuagens representavam cabos CAT-5 entrelaçados.

Ele olhou para a torre do DJ, piscando por causa dos laser estroboscópios. Jamal, o Mix Master, estava tocando um trance *grooveado*. As dançarinas de topless dançavam em seus pedestais de três metros de maneira ritmada. Gragg sorriu maliciosamente. As garotas sem roupa não eram tão importantes para os moleques quanto para as garotas. Adolescentes suburbanas agiriam como se estivessem escandalizadas, mas contariam para as amigas, que iriam querer ir ver elas mesmas. Onde mais garotas de família poderiam ver dançarinas nuas? Na desanimada boate de striptease na beira da estrada? Dificilmente.

Gragg tinha entrado exatamente para achar uma dessas garotas família. Ele foi andando através da multidão até o fundo do hangar, onde entrava o dinheiro de verdade, na farmácia. Lá, os homens de Cheko vendiam ecstasy, metanfetamina, DMT, cetamina e dezenas de outras drogas sintéticas recreativas, além de refrigerantes e água.

Normalmente, Gragg podia achar sua presa facilmente, uma garota sensual com um cara que não parecesse muito íntimo dela. Um primeiro encontro ou talvez apenas dançando juntos. Ele evitava as que estavam com um grupo de amigas ou que não estivessem se divertindo.

E logo encontrou seu alvo: a garota era maravilhosa, devia ter uns dezessete anos, cintura fina, mas uma bela comissão de frente que fazia sombra em sua barriga, que estava de fora. Ela tinha argolas de plástico que brilham no escuro em volta do pescoço e da cintura, e aquilo fez com que ele se lembrasse do carnaval, o que era um bom sinal. Ele acenou para dois seguranças e foi na direção dela.

Ele calculou o tempo para chegar até a pista ao lado do casal na mesma hora que os seguranças. Então cutucou o ombro do rapaz, o que fez com que ele se virasse na defensiva. Gragg segurava dois

colares nos quais se lia claramente ACESSO TOTAL. Sorrindo, colocou um no pescoço do rapaz.

Poucos símbolos têm mais poder na mente de um jovem do ocidente do que um passe de acesso a qualquer área. O garoto olhou para os seguranças uniformizados e se sentiu seguro.

Enquanto isso, Gragg colocou o outro colar no pescoço da garota sorridente, cujos seios brilhavam com o suor, e depois se inclinou e gritou no ouvido do rapaz:

- Sua garota é fabulosa, cara! Ela tem que dançar no andar principal, não aqui embaixo!

Depois, colocou duas pílulas na mão dele e apontou para a garota com a cabeça. Fez um sinal com a mão para que o seguissem e foi andando pela multidão no caminho aberto pelos seguranças.

Logo chegaram ao pé da escada de metal que levava à torre do DJ. Havia uma corda fechando a passagem e mais dois seguranças tomando conta. Gragg se inclinou para um deles.

— Avise-me quando ela tomar o bagulho.

O segurança já conhecia aquela rotina. Ele assistiu sem expressão quando o garoto colocou o que achava ser ecstasy na boca dela. Ela tomou dando um gole em uma garrafa de água, riu e se contorceu com a música que martelava. O segurança acenou com a cabeça para Gragg, que também assentiu, e a corda foi levantada para que eles passassem.

Quando o garoto passou, Gragg se inclinou e falou em seu ouvido:

- faça Tudo certo, cara, que em uma hora eu faço você se dar bem.

O garoto sorriu e deu um aperto de mão que acreditava ser o cumprimento universal dos garanhões.

Gragg ficou olhando eles entrarem. Agora estavam no curral dele, um ambiente controlado onde Gragg poderia reduzir sua inibição aos poucos. As prostitutas e os homens de Cheko lá dentro fariam com que parecesse completamente normal fazer as coisas de forma um pouco mais "selvagem". Gragg já tinha separado a garota de seu sistema de apoio. O resto seria fácil. Ele já estava

excitado por antecipação, mas ainda precisava ter um pouco de paciência.

Gragg andou por perto durante uns bons quinze minutos antes de voltar ao curral. Encontrou a garota dançando na pista do meio com mais umas vinte pessoas. A maioria das mulheres ali eram muito atraentes e estavam seminuas, mas eram as prostitutas de Cheko, e por isso não interessavam a Gragg. Seu alvo de dezessete anos ria, enquanto o parceiro dançava entre duas mulheres de calcinha e sutiã. Ela estava claramente chapada. Para quem tomava metanfetamina, os laser, a música trance e os movimentos de torção que se fazia para acompanhá-la tinham um efeito hipnótico, que era acompanhado por uma onda de excitação sexual e uma sensação de invulnerabilidade. Pelo menos era o que Gragg tinha ouvido. Ele não usava drogas.

Gragg passou um rádio para o segurança na torre do DJ. Ele não conseguia nem ouvir o que saía de sua boca, mas sabia que o segurança ouviria. Gragg acenou lentamente quando o segurança olhou para baixo e depois apontou para a garota dançando ali perto. O homem se inclinou para Jamal Mix Master e o DJ também olhou para Gragg, ele assentiu com a cabeça e então estalou os dedos para o operador das luzes. Gragg então se inclinou para o namoradinho da garota.

— Qual é o nome-dela?

— Jennifer!

— Quer ver os peitos dela?

O garoto o encarou por um momento com um espanto mudo. E então explodiu em risos.

— Claro que eu quero!

Gragg disse o nome dela pelo rádio e saiu andando. Um facho de luz recaiu sobre ela e a voz do DJ surgiu como se fosse a voz de Deus.

— Olhem só a Jennifer! Ela não é gatíssima?

Um rugido de luxúria de milhares de vozes preencheu o ambiente. Ela riu e olhou para trás, vendo seu parceiro e os outros que estavam ali gritando para encorajá-la. O DJ falou de novo:

— Mexa esse corpo para a gente, gata!

A batida voltou em seguida e ela dançou de forma sensual. As outras dançarinas se afastaram e os laser se concentraram nela, na plataforma. A multidão vibrava. Os olhos dela se tornaram selvagens com sua sexualidade potencializada. Cada movimento rítmico de seus lábios fazia mil caras uivarem. Ela era anônima e poderosa.

Mas Gragg era seu novo mestre. Ele olhou para o namoradinho dela, sorriu e fez um gesto com a cabeça para o DJ.

A voz dele saiu poderosa novamente.

- Tire o top!

Milhares de vozes rugiram e repetiram a frase, que logo começou a ser repetida no ritmo da música.

- Tire o top! Tire o top!

Até as garotas da multidão estavam torcendo. Jennifer dançava, aproveitando e gostando daquela adoração. Todos os olhos estavam no corpo dela, e as pessoas gritavam excitadas. Ela estava chapada o suficiente para não ligar, e aquilo parecia algo tão pequeno e que agradaria a todos eles.

Primeiro ela provocou mostrando, apenas rapidamente, os peitos, mas aquilo só deixou o público mais excitado e querendo mais. Eles sabiam que ela estava dominada; era apenas uma batalha de vontades, por isso começaram a gritar com um vigor renovado:

- Tire o top! Tire o top!

Quando ela tirou o top e começou a dançar com os peitos balançando, o grito de contentamento chacoalhou as paredes. Todos faziam sinal para que ela jogasse o top, enquanto ela o balançava acima das mãos esticadas da excitada multidão. Alguém conseguiu pegá-lo e logo foi rasgado em pedaços. Jennifer riu e bateu no colar de Acesso Total em seu pescoço. Garotas na multidão subiam nos ombros dos garotos e mostravam os peitos.

O DJ botou a música novamente e a festa continuou. Mas Gragg entrou na pista com um dos homens de Cheko segurando uma câmera de vídeo digital. Jennifer sorria enquanto eles a filmavam com os peitos de fora na frente de umas mil pessoas, com seu corpo jovem e bem torneado brilhando com o suor.

Depois de meia hora, Jennifer estava sentada em um sofá no curral fazendo sexo oral em Gragg, enquanto seu namoradinho olhava aquilo chocado, mas sem fazer nada. Gragg gemia enquanto o homem de Cheko filmava a Cena. Então ele olhou para o namoradinho:

Você é o próximo.

Quando ejaculou na boca dela, Gragg sentiu uma onda de poder e alívio sexual. Essa era a droga dele. Gragg não gostava de prostitutas. Ele gostava de transformai as mulheres em prostitutas. A sensação de poder era tão prazerosa quanto a ejaculação, talvez até mais. O fato de ganhar dinheiro com essa garota por faer sexo ao vivo pela internet para o site de Cheko deixava a coisa ainda mais doce. Aquilo estava sendo transmitido para o mundo, e o arquivo nunca desapareceria. É claro que Gragg sempre garantia que não fosse filmado da cintura para cima.

Quando se afastou, ele gritou: Bukkaki — e doze homens ficaram em volta dela.

Jennifer já estava chupando o namoradinho. A metanfetamina estava agindo direitinho, e o câmera deu um zoom no rosto dela.

Gragg fechou o zíper e saiu de perto, sentindo a endorfina circular por seu corpo.

Heider apareceu de repente ao lado dele, rindo.

- Você é um homem muito mau, Loki. - E entregou uma garrafa de água a Gragg.

- Pelo menos me dei bem esta noite.

Heider cutucou o peito dele com o dedo. — Pelo menos não preciso de umas mil pessoas para organizar um boquete. - Ele olhou para a garota, que já começava a chupar outro cara. - Ela vai se lembrar de alguma coisa?

- Provavelmente não. E, mesmo se lembrar, não vai se lembrar, se é que você me entende. — Gragg olhou para o relógio. — Encontre-me no carro às três da manhã em ponto. Preciso ver os filipinos.

Heider assentiu com a cabeça sem prestar atenção, ainda olhando a garota trabalhar.

Gragg deu um soco no braço dele. -Ei!

- Estou falando sério. Três da manhã em ponto, ou vai ter que conseguir uma carona com os albaneses. Entendeu bem?

- Pode deixar. Já entendi. Agora, se me dá licença... — Heider caminhou e foi se juntar ao círculo de homens.

Às 3h15, Gragg e Heider já estavam novamente na Katy Freeway indo na direção leste. Heider se encostava à porta do passageiro, completamente chapado.

- O vídeo que estava passando na pista de dança mostrava carneiros batendo cabeça. Batendo cabeça! — ele choramingava, mas repentinamente explodiu em risos. E, aparentemente, estava rindo antes de chorar.

Gragg prestava atenção ao volante. Dirigiu para nordeste por meia hora e depois saiu em um distrito industrial que ficava entre vias ferroviárias. Andaram por ruas esburacadas, e a cada chacoalhada, Gragg estremecia. Os efeitos do solo fariam com que ele machucasse a si mesmo se continuasse daquele jeito. E se sentia um ótimo alvo para os ladrões naquele distrito industrial deserto.

Mesmo assim, quando olhava para as ruas desertas, elas também não pareciam o lugar preferido de uma gangue. As ruas muito quebradas e entrecortadas por trilhos dificultavam a existência de corridas de carros por ali.

Logo Gragg encontrou a rua que estava procurando, entrou naquela via sem saída e estacionou ao lado de uma cerca enferrujada que tinha um arame farpado novinho em cima. Atrás, havia vários trailers em diferentes estados de conservação.

No fim da rua havia um prédio de tijolos com cara de fábrica, onde se lia LAVANDERIA INDUSTRIAL escrito com uma tinta já meio apagada. As janelas perto do telhado brilhavam com uma luz fluorescente que vinha de dentro, e a porta dupla, perto da saída de serviço, estava totalmente aberta, deixando um grande fecho de luz se espalhar pela calçada cheia de mato. Cartazes em um idioma asiático cobriam o lado interno das portas, e dois homens vestindo aventais brancos fumavam do lado de fora, parecendo estar em seu intervalo.

Gragg desligou o carro e olhou para Heider, que estava chapado. Silenciosamente, tirou um pedaço de papel do bolso e observou o código numérico que estava escrito nele à caneta. Depois tirou a chave da ignição e a colocou com cuidado no bolso do colega. Não foi difícil. Na verdade, esperava conseguir acordar Heider, que ainda estava apagado.

Ele o cutucou. Nada. Empurrou Heider, nada, então finalmente o chacoalhou:

— Ei, cara, acorda!

E Heider acordou devagar, ainda chapado e fora de si.

— Que foi cara?

— Preciso que você pegue a chave criptografada com o meu contato. Está ali - ele disse e apontou para o lugar.

Heider piscou e olhou de volta para ele como se Gragg fosse louco.

— Vá para o inferno, cara. Pegue você!

— Olhe em volta, Heider. Não vou deixar meu carro aqui sozinho. Sei que você vai dormir no minuto em que eu sair. Sabe quanto gastei nesta caranga?

— Então por que você estacionou tão longe, seu idiota?

— Tinha um caminhão gigante na área de carga até agora há pouco.

— Não sei quem é o seu maldito contato.

— É só entregar este código — Gragg deu o pedaço de papel a ele. - Não vão nem perguntar quem é você.

Heider acenou com a mão vagamente, tentando processar o que o outro tinha dito.

Gragg suspirou impacientemente.

— Jesus, Jase, por que eu tenho que fazer tudo? Consigo nossos negócios, mantenho você abastecido com equipamentos novos, e até fiz você se dar bem esta noite.

Heider aceitou aquilo assentindo relutantemente com a cabeça.

— Quando vai começar a cuidar de si mesmo, cara?

Heider olhou para os dois asiáticos de meia-idade fumando e conversando a duzentos passos deles. Gragg apontou.

— Ah, claro, eles parecem mesmo muito perigosos.

— Caralho... deixe comigo. Mas não faça uma porcaria dessas comigo sem avisar antes, cara. Odeio surpresas! — Heider trocou um último olhar sério com Gragg, que apenas virou os olhos. Heider suspirou e saiu.

Gragg observou o outro descer a rua em direção à fábrica iluminada, que estava a uma distância menor que um campo de futebol. Depois que Heider se distanciou, Gragg pegou sua própria mochila, saiu silenciosamente do carro e se enfiou no meio de duas grandes lixeiras, continuando a observar das sombras o sócio se aproximar dos homens.

Os asiáticos olhavam impassíveis enquanto Heider chegava mais perto. Ele falou alguma coisa e entregou o pedaço de papel para o homem mais próximo. Depois de ler, o homem apontou para a porta aberta. Heider andou até ela e parou, permanecendo com a silhueta visível por um momento antes que um dos homens andasse até ele e o empurrasse para dentro. O outro examinou a rua, jogou o cigarro fora e também entrou, fechando as portas atrás de si. Elas bateram com força e deixaram a rua escura e em silêncio.

Gragg se ajoelhou, tremendo por causa do frio da noite de outono, e esperou meia hora, até que as portas se abriram novamente. Passos estalaram na rua quebrando o silêncio e indo na direção dele. Gragg sabia que Heider nunca tivera nenhum sapato que estalasse contra o chão. Então se abaixou um pouco mais quando um filipino usando calças largas e um casaco esportivo passou caminhando pelo espaço entre as lixeiras. Gragg ouviu o alarme de seu carro ser desligado e o homem entrando. Ele ligou o carro, deixou o motor esquentar um pouco e então saiu acelerando, cantando o pneu ao pegar a rotatória na saída da rua.

Gragg se viu na parede atrás das lixeiras e sentiu o frio dos tijolos em suas costas.

Talvez ele não devesse ter hackeado o servidor de internet dos filipinos. Por que não tinha deixado aquilo pra lá? E como eles descobriram?

Droga! Eles ficaram com o meu carro! Ainda bem que estava registrado com um nome falso.

Gragg suspirou e pegou seu GPS. Depois, encontrou uma rua maior ali perto, abriu seu celular e selecionou um número na agenda. Após de alguns loques, alguém atendeu.

— Isso, preciso de um táxi.

Capítulo 5:// Icarus-Sete

Jon Ross acelerava seu Audi A8 pelo campus corporativo da Alcyone Seguros e reduziu rapidamente quando viu vários carros de polícia e outros veículos perto da porta de entrada. Ele abaixou o som, uma batida *tecno* incessante, e passou pelo esquadrão de carros a uma velocidade mais civilizada. Interessante. Nenhuma luz piscando. Ross seguiu até o estacionamento.

Em alguns minutos, sua voz ecoava no chão de granito do saguão de entrada quando ele se aproximou da mesa do segurança.

— Olá, Alejandro. Alejandro sorriu.

— Jon, meu garoto. Como vai indo esta noite?

Ross tirou seu distintivo de consultor e assinou a lista de acesso ao trabalho fora do horário comercial.

— Por que todos esses carros de polícia estão aqui?

— Ah, houve uma invasão nos computadores. Os policiais estão no centro de dados.

Ross parou de escrever e levantou a cabeça.

— Uma invasão?

— Isso. É impressionante o que esse pessoal consegue. Os computadores são tudo hoje em dia. - Alejandro se inclinou mais para perto de Ross.

Ted Wynnuk perguntou de você. Não vou dizer a ninguém que o vi, se quiser sumir.

Ross terminou de assinar a lista e depois sorriu.

— Obrigado, mas não precisa. Provavelmente foi algum garoto de doze anos.

Ele seguiu pelo corredor branco e limpo da B2. Logo chegou ao centro de dados do departamento financeiro e passou seu crachá no leitor óptico. A porta se abriu e ele foi rapidamente até seu escritório no outro canto da sala. E então desacelerou. As luzes de

sua sala estavam acesas. Ele se forçou a não parar e voltou a caminhar normalmente.

Abriu a porta de seu escritório e foi recebido pela imagem de dois homens muito bem vestidos em ternos caros e sapatos confortáveis sentados na ponta da mesa. Um era latino e o outro, caucasiano, mas os dois tinham a mesma expressão mal-humorada. Hadi Sarkar, o supervisor noturno do centro de dados, estava sentado no computador dele, digitando. Ele se virou encabulado para encarar Ross.

Um dos homens bem vestidos enfiou a mão no bolso e tirou as credenciais, mostrando-as em seguida.

- Jonathan Ross? -Sim?

— Sou o agente especial Straub. Este é o agente especial Vasquez. Gostaríamos de fazer algumas perguntas sobre a noite passada. Seu colega, o Hadi, já conseguiu nos dar uma luz a respeito de algumas coisas, mas nos disse que o verdadeiro especialista é você.

Ross olhou para Sarkar e então colocou seu porta-laptop na mesa.

- Fico feliz em ajudar da melhor maneira que puder. Qual é o problema?

— Você estava na central de dados da Alcyone na noite passada?

— Eu estava trabalhando contratado por outro departamento, mas Hadi requisitou minha ajuda. Os servidores de desenvolvimento dele tinham sido infectados com o que parecia ser um rootkit de kernel.

- E você tem experiência com vírus de computador? Ross fez uma pausa. Precisava tomar cuidado.

- Olha, sou consultor de banco de dados. A segurança dos computadores faz parte do meu trabalho. Sei o que tenho que saber.

— E por que você fez Hadi e os colegas dele prometerem que não contariam a ninguém que você os ajudou?

- Porque estava violando as regras ao ajudar Hadi, arriscando meu contrato com a empresa. Deixei isso bem claro para ele.

— Então pediu para Hadi mentir para ajudar você?

- Pedi a ele que não contasse para as pessoas que eu estava fazendo o trabalho dele.

Sarkar resolveu participar.

— Eu só pedi um conselho, Jon. Ross cruzou os braços.

- Hadi, suas palavras exatas foram que já tinha tentado tudo que sabia e que precisava da minha ajuda - então se virou para o agente Straub. - Um agente espião, em algum lugar do centro de dados deles, estava enviando dados para a internet ontem à noite. Hadi não conseguia encontrar. Era um vírus que se escondia muito bem, possivelmente um rootkit de kernel.

Sarkar fez que não com a cabeça, enfaticamente.

— Não tinha como esconder a fonte do tráfego na rede, Jon. Eu disse isso para você.

— Bom, os servidores de testes com certeza estavam envolvidos. Em geral eles são o elo mais fraco na segurança, pois usam programas beta e são frequentemente reconfigurados. Então fiz Hadi desligar os servidores Icarus de um a dez, e a transmissão de dados foi interrompida, mesmo que teoricamente ela não se originasse deles.

O agente Straub assentiu enquanto anotava.

— Então você sabia exatamente onde procurar, e portanto...

— Não foi isso que eu falei.

O agente Vasquez ignorou a discussão e pegou seu celular, discando enquanto Ross olhava para a tela do computador. Sarkar tinha maximizado as janelas de eventos.

— Estou vendo que vamos começar a procurar pela minha máquina. Straub guardou suas credenciais novamente no bolso.

— Ainda não descartamos a possibilidade de ter sido um trabalho de alguém daqui de dentro.

— Ah, mas é claro. Não ligue para o fato de eu ter aconselhado Hadi a desligar os servidores. Não é algo que eu faria se fosse o responsável pelo golpe.

— Talvez fizesse se percebesse que tinha sido descoberto. Parece conveniente que, por causa do seu envolvimento no processo, os discos rígidos tenham sido apagados.

Ross fez cara de jogador de pôquer, completamente sem expressão.

— O vírus destruiu a máquina quando tentamos desligá-la. E, de qualquer forma, os especialistas do FBI conseguem recuperar dados de discos apagados.

Vasquez desligou o telefone.

— Estão nos chamando no centro de dados principais.

Enquanto desciam pelo corredor, Sarkar resmungava e sacudia a cabeça de forma negativa. Ross não se deixou levar pela provocação. Sarkar finalmente murmurou:

— Jon, não tive escolha a não ser contar a eles.

— Hadi, já estou trabalhando com isso tempo suficiente para saber das coisas.

Ross sabia que nenhuma boa ação ficava impune, e apesar de, tecnicamente, ele não ter feito nada de errado, ajudar Sarkar com seu probleminha poderia significar o fim do seu contrato com a Alcyone. Ou algo pior, ele pensou, ao olhar para o seu companheiro do FBI.

— Eles nos perguntaram sobre o que fizemos. É o FBI, não o RH. E fizeram as perguntas em separado, e eu sabia que o Maynard iria falar de você. O que eu podia fazer, Jon? Não quero ser deportado.

Ross fez uma careta.

- Eu deveria saber que era melhor não me envolver, Hadi.

- Não sou muçulmano. Sou hindu. Você vai dizer isso a eles, né?

Ross não respondeu.

Sarkar parecia estar sofrendo de verdade.

- Desculpe-me, Jon.

- Ted Wynnuk provavelmente chamou os federais para forçar a contabilidade a cancelar o meu contrato. Ele não gosta de ter gente trabalhando aqui que não o obedece.

- Ted não chamou o FBI, Jon.

- Quem chamou, então? Você?

- Ninguém chamou. Ross parou de andar.

- Como assim?

Eles vieram por conta própria. Por causa do que o servidor Icarus-Sete fez. Ross olhou novamente para os agentes do FBI.

Straub fez um sinal com a mão para que ele continuasse andando.

No que é que fui me envolver? Ross pensou.

Havia várias pessoas no centro de dados. E a temperatura estava quase agradável por causa disso. O chefe de Sarkar, Ted Wynn, estava encostado em um balcão olhando fixamente por baixo de suas sobrelhas grossas, enquanto escutava dois técnicos que Ross nunca tinha visto antes. Aquela devia ser a equipe titular, o pessoal do turno da manhã. Eles olharam para Ross com aquele desprezo reservado aos consultores jovens.

Meia dúzia de policiais de Woodland Hills estava ali junto dos agentes do FBI, e eles conversavam com um administrador de rede, um cara que parecia uma pera e tinha a pele ruim. Ele, provavelmente, era o Maynard. O homem-pera apontou, entusiasmadamente, para vários servidores. Pelo menos alguém estava se divertindo ali.

O que tinha acontecido?

Assim que Ross entrou na sala, todos pararam de falar e se viraram para ele. O silêncio repentino era quase embaraçoso, pois Ross sabia que não tinha nenhuma das respostas para as perguntas deles. Então decidiu fazer uma pergunta óbvia:

- Alguém pode me dizer o que está acontecendo aqui?

Todos os olhos se voltaram para alguém atrás de Ross, então ele se virou para ficar de frente para um homem muito bem apresentável, com um terno de caimento perfeito. Ele parecia um quarto zagueiro de futebol americano universitário, mas com cinquenta anos. Tinha cara de líder.

- Senhor Ross, sou o agente especial Neal Decker, da Divisão de Los Angeles. Sabe por que estamos aqui?

- Por causa da noite passada?

Decker mediu-o de cima a baixo. Ross ficou nervoso por todos estarem em silêncio.

Mas Decker não tinha pressa. Finalmente, colocou a mão em um servidor desconectado, sentando-se em uma bancada ao lado.

- Disseram-me que este computador matou dois homens hoje cedo.

O choque demorou um pouco para atingir Ross. Ele estava esperando algum tipo de pornografia infantil ou esquema de clonagem de cartões de crédito.

— Matou? Como?

— Eu estava esperando que você nos ajudasse a explicar isso.

— E por que você pensaria uma coisa dessas? Decker sorriu bondosamente.

- Muitas pessoas são suspeitas neste momento. Mas, assim que trouxermos nosso pessoal aqui para analisar as evidências, teremos como saber mais. Por enquanto, gostaríamos de levar os senhores para fazermos algumas perguntas — o olhar dele percorreu a sala para incluir todos os homens presentes durante o incidente.

Uma onda de pavor invadiu a sala.

— Não estamos sendo presos?

- Não. Estou pedindo que vocês sigam, voluntariamente, para um interrogatório.

Ross ficou imaginando o que aconteceria se dissesse não. É claro que não poderia dizer não. Talvez chamar um advogado?

— Devo dizer que estou completamente atordoado com tudo isso.

— Tenho certeza de que está.

Aquele cara era desconcertantemente calmo e dava a impressão de que sabia mais do que estava contando. Que droga!

Naquele momento, um homem apareceu na porta de vidro do centro de dados. Se Decker era o astro do time, aquele homem devia ser o mestre da defesa. A confiança casual dele fazia parecer que não era um agente do IBI - os outros agentes ali dentro estavam intimidados pela presença de Decker. Não, esse cara não era da mesma turma deles. Ele bateu no vidro, e um dos policiais abriu a porta. O recém-chegado mostrou um distintivo e pôde entrar.

- Estou procurando o agente Decker.

Decker e os agentes do FBI andaram até ele com as mãos estendidas para cumprimentá-lo.

- Detetive Sebeck. Conversamos pelo telefone. - Eles apertaram as mãos e Decker se virou para sua equipe. - Agente Knowles,

agente Straub, este é o detetive e sargento Sebeck, da Unidade de Crimes Especiais do condado de Ventura. Ele é que estava comandando a investigação do assassinato em Thousand Oaks.

Todos trocaram apertos de mão. E então se viraram para Ross. Sebeck apontou para ele.

- Quem é esse?

Decker se encostou à bancada.

- Este é Jon Ross, um dos consultores de informática independentes da Alcyone. Ele desenvolve os sistemas de dados corporativos da empresa. Não é isso, senhor Ross?

- Alguns sistemas, sim. Mas não esse.

- Ele é suspeito ou testemunha?

Ross pensou que aquela era uma ótima pergunta. Decker continuou com a calma de sempre.

- Depende - disse e olhou para Ross. - Diga-me uma coisa, senhor Ross, por que ninguém no seu endereço residencial jamais ouviu falar de você?

Mas que maldição... '

Capítulo 6:// Exílio

Senhorita Anderson? - o segurança saiu da guarita e se abaixou para olhar dentro do Jaguar XK8.

Anji Anderson olhou para ele por trás do volante, baixou seus óculos escuros Louis Vuitton e disse:

- Isso. Abra o portão.

- Senhorita, se puder, por favor, encostar aqui, à direita, o senhor Langley gostaria de trocar umas palavras com você.

- Acho que é melhor você abrir o portão.

- Mas, senhorita, o senhor Langley...

- O senhor Langley, quem quer que ele seja, pode ligar para o meu escritório se quiser falar comigo — ela abriu o porta-luvas e pegou um passe de entrada livre para o estúdio. — Agora, abra o portão.

- Infelizmente, a senhorita terá que parar o carro ali, à direita.

- Por quê? Você sabe quem eu sou?

Ele lançou um olhar incrédulo. É claro que sabia quem ela era.

- E por que fica me chamando de senhorita o tempo todo? Meu nome é Anji Anderson, embora em breve você irá me chamar de "Aquela-vadia-que--me-fez-ser-demitido".

- Não precisa utilizar palavras de baixo calão, senhorita.

- Baixo calão? Está certo, Ciem, não vou mais xingar, desde que você abra a droga do portão.

A expressão dele se endureceu, e ele se inclinou mais perto da janela.

-Olha, se você não estacionar ali, à direita, vai acabar se arrependendo. Estacione ali! - ele apontou o local. Ela riu.

- Aaah, imagino que por oito dólares por hora você não consegue ser muito tolerante, não é?

- Pare ali, à direita.

Um carro atrás buzinou.

- E se eu não parar?

- Pare ali, à direita!

Outro segurança se aproximou do carro.

— Ah, você chamou reforços? Precisa se proteger de uma mulher indefesa, Clem?

O segundo segurança fez sinal para o outro se afastar e então se virou para ela:

— Usar sua posição social superior para achacar um funcionário sem poder algum não vai melhorar sua situação, senhorita Anderson.

Ela o encarou.

— Acontece que fomos instruídos por seus superiores para evitar que a senhorita entrasse. Se quer saber por que, sugiro que pare o carro à direita.

Ela assentiu devagar com a cabeça e engatou a marcha.

— Certo, farei isso - ela girou a direção toda para a direita e acelerou loucamente até o estacionamento de visitantes.

Ela queimava de raiva, depois de andar de salto desde o fim do estacionamento. Ia rodar a baiana com Walter Kahn por causa disso. Ela tinha talento. Não deveria ter que se preocupar com problemas menores.

Quando, por fim, chegou novamente à guarita, o segundo guarda apontou para um portão de entrada de pedestres, onde duas pessoas aguardavam por ela, uma mulher elegante em um terninho bem cortado e outro segurança. Anji diminuiu o passo e então parou, não gostando nada do que passava pela sua cabeça agora.

A mulher fez um sinal para ela se aproximar.

Anji respirou fundo e caminhou com a melhor compostura que conseguiu.

— O que está acontecendo?

A mulher estendeu a mão por entre as barras. Era como o horário de visita do presídio estadual. Anji também estendeu a sua para um aperto de mão frio.

— Senhorita Anderson, sou Josephine Curto, do RH. Houve uma mudança na situação do seu contrato com a emissora.

— Meu agente está negociando a renovação do meu contrato. Ainda faliam cinco semanas para ele acabar.

— Sim, eu entendo. Mas as negociações acabaram. A emissora decidiu não renovar seu contrato. Entenda, por favor, que essa decisão veio de cima. Eu só estou dando a notícia. Achemos que seu agente contaria a você.

Anji sentiu as lágrimas se formando, mas respirou fundo e empurrou o choro de volta para dentro. Depois olhou para o lado e apertou o nariz com o indicador e o polegar, então se virou e lançou um olhar penetrante para Josephine.

— Foi assim que você decidiu me dizer que eu estava demitida? Parada aqui como se fosse uma mendiga na rua? Eu sou uma ameaça? O que eu poderia fazer? Destruir este lugar todo?

Josephine continuou imperturbável e começou a prender alguns papéis em uma prancheta.

— Não é esse o problema. Você é conhecida pelo pessoal do estúdio e tem acesso à transmissão de TV ao vivo. Tenho certeza de que entende que a emissora prefere que você não entre ao vivo em um momento difícil como este.

— Momento difícil? - Anji tentou transformar seus pensamentos em palavras, mas não conseguiu. As lágrimas ameaçaram voltar. Finalmente, ela conseguiu balbuciar algo meio falho. — Eu tenho fãs. Já viram as cartas e os e-mails que recebo? São homens e mulheres em Marin, Oakland e Walnut Creek, há pessoas que me pediram em casamento. O que vão dizer para elas a respeito de meu desaparecimento repentino?

— Não tenho a menor ideia de como responder a essa pergunta.

— Deveriam me deixar fazer uma última apresentação.

— Repórteres de estilo não fazem matérias de despedida, senhorita Anderson.

— Mas e o Jim McEwen? Fizeram uma grande despedida quando ele se aposentou.

— Jim era âncora e trabalhou no estúdio por trinta e cinco anos. Você está aqui há seis anos.

— Isso não é jeito de tratar um talento.

— Não acho que seja o caso aqui.

Anji percebeu que Josephine foi inteligente em ficar do outro lado da grade. Ela respirou fundo novamente e tentou se acalmar.

— Não posso pelo menos entrar e me despedir de Jamie, Doug e dos outros?

— Olha, por que continuamos com esta conversa? Não está sendo nada produtiva - Josephine falou. Ela passou a prancheta e uma caneta pela grade. — Pode assinar isto, por favor?

Anji olhou para ela indignada.

— Não vou assinar nada.

— Você quer as suas coisas que estavam aqui, não quer?

— Minhas coisas? Quer dizer que já esvaziaram meu escritório?

— O que acha que está acontecendo aqui, Anji? Esta é uma grande corporação com responsabilidades globais. Esvaziar o seu escritório não foi um ato de vingança. Foi apenas uma ordem de serviço. Assine os documentos e vamos acabar logo com isso, que não é divertido nem para mim nem para você.

Anji pegou a prancheta e a caneta. Depois bateu a prancheta com força contra a grade, bem na frente do rosto de Josephine, e começou a ler os papéis do seguro e os outros documentos do plano de dispensa. Ela se sentiu como se estivesse em um espetáculo público. Uma perdedora parada do lado de fora dos portões, onde todos poderiam vê-la. Os assistentes e câmeras ficavam olhando enquanto entravam de carro pelo portão ao lado. Ela começou a se rasgar por dentro com a humilhação. Alguém a estava punindo. Mas quem?

Ela acabou assinando todos os papéis sem ler e enfiou a prancheta de volta pelo portão.

— Entregaremos as coisas na sua casa.

Anji andou rapidamente para longe, buscando o distante conforto do seu carro.

— Senhorita Anderson? Minha caneta!

Anji tinha jogado softball na equipe feminina do Estado de Wisconsin. Ela parou, se virou e jogou a caneta na direção da vadia fria da empresa com toda a força que conseguiu. A caneta bateu bem no tronco dela. Se fosse uma Mont Blanc, ela teria ficado sem ar. Mas era apenas uma Bic, e a mulher se endireitou.

— Não precisava ter feito isso.

Anji voltou a andar apressadamente, com a cabeça acelerada, pensando em todas as coisas ruins que com certeza se seguiriam àquela. Alguém tinha dinamitado a ponte do caminho que a levaria ao sucesso. Ela não tinha se preparado para tudo isso. Terroristas filhos da mãe.

De cabeça, ela fez uma lista de amigos. Todos estavam naquele negócio ou ligados a ele. Quem poderia encontrar um porto seguro para ela em outra emissora? Se não em São Francisco, onde mais? Não em Madison, Wisconsin, de novo, por favor, meu Deus.

Então ela se lembrou de que Melanie não a tinha alertado. Aquela vadia a deixara ser humilhada publicamente. Anji tirou o celular da bolsa e acionou a discagem rápida para a agente. Tocou três vezes e caiu na caixa--postal.

Você ligou para o escritório de Melanie Smalls. A senhorita Smalls não está disponível no momento. Para falar com o assistente dela, Jason Karcher, teclé 3349. Anji apertou os números com força.

— Escritório da senhorita Smalls. Posso ajudar?

— Jason, aqui é a Anji Anderson. Passe-me para a Melanie.

— Olá, senhorita Anderson. A Melanie está na outra linha. Gostaria de aguardar?

— Preste atenção, estou parada em frente à KTLZ e eles me trancaram do lado de fora do estúdio. Ponha Melanie na porcaria da linha.

— Certo, só um instante.

Anji foi até o carro e apertou o botão para abri-lo, entrou e ajeitou a maquiagem olhando no retrovisor, enquanto Barry Manilow a torturava cantando do outro lado da linha, porque ela, claramente, não tinha se dado bem. A raiva crescia dentro dela a cada verso.

Finalmente, Melanie apareceu na linha.

— O que está acontecendo, Anji?

— Acabei de ser demitida no portão de entrada do estúdio e fui humilhada publicamente. Josephine Curto me disse que você sabia que o meu contrato não seria renovado.

— Quem é essa Josephine Curto?

— Uma puxa-saco lá do RH.

— Anji, ainda estou negociando com a emissora, e ninguém me disse nada a respeito de nenhuma decisão. As coisas estão nas mãos do Kahn.

— A Josephine acabou de me dizer que a minha agente sabia de tudo, Melanie. Acabei de assinar os papéis!

— Bom, ela não sabe o que está dizendo, e o que quer dizer com "assinei os papéis? Por que você assinaria alguma coisa? — a voz de Melanie soou mais distante. - Jase, veja se recebemos algum fax.

Anji começou a chorar e depois bateu no painel, brava consigo mesma por ficar tão emocionada com aquilo.

— Droga, Melanie. Por que não percebi que isso estava para acontecer? Quem a emissora vai colocar no meu lugar?

— Não se torture demais. Vamos ver se conseguimos alguma coisa para você no canal E! ou...

— Não! Pare! Estou a seis anos tentando me sentar atrás da mesa de um programa de jornalismo sério. Não posso mais fazer matérias bobinhas e fúteis. Sou jornalista, não uma porcaria de modelo.

Houve um silêncio do outro lado da linha. -Alô?

— Ainda estou aqui, Anji. Você não tem o pedigree certo para isso. Você não tem sido uma jornalista, querida. Não de verdade. E não estava fazendo jornalismo sério quando a contratamos na emissora afiliada de São Francisco.

— Estou percebendo...

— Você está percebendo que passou dos trinta e que reportagens fofinhas são para modelos de vinte e quatro anos que fazem matérias sobre o clima.

— Exatamente.

— Isso é um problema.

— Não, é um desafio.

— Anji, você está falando de começar do zero e se reinventar. Não, pior, você vai começar no negativo, porque já é conhecida como repórter de moda e estilo, ou seja, você tem a importância

jornalística de um tabloide britânico. Seria uma lorçação de barra e, na minha idade, procuro não fazer isso.

Anji procurou as palavras. Aquilo estava se desenrolando rápido demais.

- Olha querida, você está velha demais para estagiar como uma jornalista séria. Se não for uma repórter de grandes notícias aos trinta, você nunca será.

Anji mordeu o lábio devagar. Fazer aquilo na frente do homem certo, em geral, resolvia muitos problemas. Ela imaginou que Christiane Amanpour, provavelmente, não mordia o lábio.

- Infelizmente, as grandes redes de TV estão consolidando suas produções de notícias em Atlanta e demitindo nos outros mercados. Posso tentar conseguir um teste em um infocomercial de cosméticos em Los Angeles.

As lágrimas rolaram pelo rosto de Anji.

Capítulo 7:// Daemon

Yahoo.com/noticias

E-Assassinato em Empresa de videogames - Thousand Oaks, Califórnia: uma armadilha acionada via internet matou um funcionário da CyberStorm Entertainment na quinta-feira. Uma morte em outro local, mais cedo e no mesmo dia, está sendo investigada como um possível homicídio relacionado ao outro. O programador Chopra Singh, projetista-chefe do jogo O Portal, líder de vendas para a plataforma MMORPG, foi eletrocutado no escritório da empresa. O detetive encarregado do caso, Peter Sebeck, da Unidade de Crimes Especiais da Delegacia do condado de Ventura, confirmou que os crimes foram cometidos através da internet.

Sebeck já estava olhando para o teto quando o despertador tocou. Ele o desligou e continuou a encarar o teto. Apesar de ter chegado bem tarde, não tinha dormido nada. Continuava repassando o caso na cabeça sem parar. Era assim que ele se referia a tudo o que tinha acontecido: O Caso.

O FBI tinha assumido. Eles iam formar uma força-tarefa temporária com os policiais locais, mas os federais estariam no comando. Os agentes estavam fazendo cópias de documentos e interrogando suspeitos quando Sebeck foi embora, às duas da manhã. Decker era um daqueles *workaholics*.

Sebeck explorou seu sentimento de perda. O Caso não pertencia mais a ele. Por que aquilo o incomodava tanto? Ele tinha medo porque sabia a resposta: só se sentia realmente vivo quando algo horrível estava acontecendo. Aquele era o segredo sujo por trás de cada promoção que ele tivera.

Ele se colocou no papel de uma autoridade. Uma decisão tomada em uma tarde havia quinze anos. Ele teve que crescer rapidamente naquela época, depois do bebê, mas às vezes suspeitava de que estava apenas fingindo. De que estava apenas

atuando no papel que achava que deveria ter. Do mesmo jeito que outros à sua volta faziam. Ele nem sabe o que seria sem o seu papel. Pete Sebeck era apenas uma ideia, uma coleção de responsabilidades com um endereço para correspondência.

Ele tentou se lembrar da última vez em que sentiu algo de verdade. Da última vez em que se sentiu vivo. E aquilo, inevitavelmente, o levou a pensar nela. Memórias da viagem às Ilhas Cayman. Tentou se lembrar do cheiro do cabelo dela, depois imaginou onde estaria agora e se um dia a veria de novo. Ela não precisava de nada dele. Talvez fosse isso o que ele mais gostasse nela.

O celular de Sebeck tocou em cima do criado-mudo e dispersou seus pensamentos. Ele olhou para o lado de sua mulher na cama. Ela estava meio acordada. Ele pegou o aparelho e se sentou na cama:

— Sebeck.

— Detetive Sebeck?

— Isso. Quem...

— Aqui é o agente especial Boerner, do FBI. Acabei de mandar um e-mail pra você. O agente no comando da operação quer a sua resposta antes que você venha trabalhar.

Alguém gritou ao fundo e Boerner desligou sem se despedir.

— Alô? — Sebeck olhou irritado para o visor. Babaca sem educação. Então olhou para o relógio: 6h32.

Sua esposa se sentou na cama e se espreguiçou em sua camisola comprida.

— Preciso tomar banho primeiro, Laura. Terei um dia longo pela frente.

— Tudo bem, Pete.

— Não vou demorar. Durma mais um pouco.

Sebeck fez tudo que precisava em quinze minutos, se vestiu e colocou a gravata enquanto descia a escada, e então entrou na cozinha.

O filho dele, Chris, estava sentado, lendo o jornal. O garoto estava ficando grande, muscularmente falando. Dezesesseis anos.

Quase a idade de Sebeck quando ele e Laura conceberam o menino. Já tinham se passado dezesseis anos?

— Por que não pega uma pá para comer, Chris?

O garoto estava com a boca cheia de cereal e agarrou a manga do pai quando ele ia passando. Depois virou o jornal para mostrar a primeira página. Havia uma foto colorida de Sebeck com a manchete: "Mortes pela internet acionam investigação federal". Mantz também estava na foto, à esquerda. Sebeck parou, pegou aquela página e começou a ler devagar enquanto se afundava em uma das cadeiras.

Chris mastigou até conseguir falar de novo.

— L. A. Times. A coisa é grande. Sebeck continuou lendo. Laura entrou na cozinha. Sebeck levantou a cabeça:

— Já viu isto?

Ela olhou para a página.

— Não é uma boa foto de Nathan — então foi até o fogão para fazer chá. Sebeck devolveu o jornal para Chris, mas continuou olhando para Laura.

— Não vou poder pegar o Chris no treino hoje. O FBI está aqui, a imprensa do país todo e Deus sabe quem mais.

— Daremos um jeito. Chris baixou o jornal.

- Os federais estão interrogando as pessoas da companhia de seguros. Acha que foram eles?

— Eu não estou fazendo as perguntas para eles, Chris — Sebeck ficou em pé. — Daqui para a frente, tenho sorte se permanecer na investigação — então olhou para o relógio.

— Preciso ir.

Sebeck desceu pelo corredor até o escritório. Chegando lá, se sentou na cadeira de sua escrivaninha e apertou o botão do computador. Enquanto a máquina ligava, ele colocou um controle de game de lado e jogou duas latas de refrigerante no lixo. Depois gritou em direção à cozinha:

- Chris, já falei mil vezes para você limpar tudo depois que usar aqui! Nenhuma resposta.

A área de trabalho apareceu. Sebeck abriu seu programa de e-mails e clicou para receber, esperando enquanto 132 mensagens

eram baixadas. Malditos spams. Quando chegaram todas, os assuntos das mensagens iam de "Quase menores de idade" a "Exilado nigeriano precisa de ajuda", passando por "Lolitas e seus cavalos bem dotados".

Ele procurou pela mensagem do FBI em sua caixa de entrada. Era uma das primeiras, tinha o assunto Caso #93233 — CyberStorm/Pavlos e vinha do endereço boernerh@jbi.gov. Sebeck clicou nela duas vezes.

Estranhamente, quando o e-mail abriu, a tela ficou toda preta. Em seguida, as palavras "Teste de áudio" apareceram. O disco rígido começou a rodar rapidamente e Sebeck olhou confuso para aquilo tudo. O que ele tinha feito? Um momento depois, as palavras sumiram e foram substituídas por um vídeo com a imagem granulada de um homem. Era difícil saber a idade ou discernir a aparência dele por causa da baixa qualidade do vídeo. Era meio amador, mal iluminado e nem um pouco centralizado.

O homem parecia magro e pálido, condição enfatizada por estar em pé e com um fundo totalmente branco. Ele era completamente careca e vestia o que parecia ser uma camisola de paciente de hospital.

- Mas que porcaria era aquela, um relatório laboratorial do FBI?

Levou um momento para Sebeck perceber que o vídeo já tinha começado. O homem balançava sem firmeza, com seus pixels se ajustando como ladrilhos coloridos. Então olhou diretamente para a câmera e fez um sinal com a cabeça como se estivesse cumprimentando alguém.

Detetive Sebeck. Eu era Matthew Sobol. O chefe de tecnologia da CyberStorm Entertainment. Lu estou morto.

Sebeck se inclinou para a frente, com os olhos fixos no monitor.

— Vi que foi designado para os casos dos assassinatos de Joseph Pavlos e Chopra Singh. Deixe-me poupar um pouco do seu tempo: eu matei os dois. Logo saberá por quê. Mas você tem um problema: como estou morto, você não pode me prender. E, mais importante do que isso, você não pode me deter.

Sebeck ficou olhando aquilo atordoado e em silêncio. Sobol continuou:

— Como você não tem escolha e precisará tentar me deter, quero aproveitar para desejar boa sorte, sargento, porque você vai precisar.

A imagem desapareceu, revelando a caixa de entrada novamente na tela. Sebeck não se mexeu por alguns instantes. Quando finalmente o fez, foi para encaminhar a mensagem para o e-mail do delegado principal.

Capítulo 8:// Escalada

Senhor Ross, ajude-nos a entender isto: você não tem endereço fixo, e ao mesmo tempo possui trezentos mil dólares em patrimônio líquido. Quer que eu acredite que ainda mora com seus pais?

Jon Ross esfregou seus olhos cansados e tentou se concentrar na pergunta, a mesma que já tinha sido feita vinte vezes de formas diferentes. Aquela que eles sempre voltavam a fazer.

O mais alto dos agentes do FBI se inclinou para ele.

— Senhor Ross?

— Sou um nômade de contratos. Na Antiguidade as pessoas seguiam o caribu. Eu sigo contratos de software.

O agente mais baixo estava em pé ao lado de um vidro espelhado e examinou suas anotações.

— Você está na Alcyone Seguros há o quê? Dois meses? É um tempo longo para você?

— Não muito. O normal são três ou quatro meses.

— Seus clientes nos passaram vários endereços físicos do seu negócio. É um pouco estranho para uma empresa de um homem só, não?

Ross passou os dedos pelo cabelo de tanta frustração.

— Vocês falaram com os meus clientes? Estão tentando destruir o meu negócio?

— Por que está escondendo informações de seus clientes?

— Mantenho endereços de contato legais através de agentes residentes em vários estados. É um negócio legal. Por que estão fazendo isso comigo? Eu só estava tentando ajudar o Hadi.

— Isso não explica o porquê de você ter um endereço pessoal falso. Ross suspirou.

— Tenho um endereço falso porque a sociedade exige que todo mundo tenha um endereço fixo permanente.

— E por que você não tem um?

— Porque eu não preciso.

Os dois agentes começaram a se mover novamente. O mais baixo foi o primeiro a falar.

- Solteiro. Nenhuma propriedade. Você paga seus impostos corretamente, senhor Ross?

- Sou uma empresa de serviços de Delaware. Pago um salário razoável para mim, maximizo o meu plano de previdência e o resto coloco como lucro da empresa, descontando gastos com viagens e despesas com negócios. E a empresa é dona do meu carro — ele hesita. — Olha, eu não fiz nada de errado. Só estava tentando ajudar o meu cliente.

O telefone no centro da mesa começa a tocar. O agente mais baixo atende sem dizer uma palavra. Ele ouve e depois de alguns momentos faz que sim com a cabeça de leve e olha com surpresa para Ross.

- Entendido — ele faz uma pausa. — Sim. Desliga o telefone.

- Parece que está liberado, senhor Ross.

Neal Decker e outros três agentes do FBI estavam sentados no escuro na sala de treinamento da delegacia do condado de Ventura e assistiam atentamente à projeção do vídeo em mpeg de Sobol. Sebeck, Mantz, Burkow C o chefe-assistente da delegacia, Stan Eichhorn, também estavam presentes. Aaron Larson passava o vídeo em um laptop conectado ao projetor digital do departamento de polícia.

A imagem granulada de Sobol brilhava na tela.

- ... quero aproveitar para desejar boa sorte, sargento, porque você vai precisar.

A imagem foi congelada, e o público de Sobol voltou à vida e começou uma discussão rouca. Larson acendeu a luz, revelando um agente Decker que encarava a tela escura com atenção. Então, finalmente acordou e foi até a frente da sala.

- Senhor, isto muda as coisas. - Decker olhou para o agente Straub. -Quando chegam os técnicos forenses em computação, Tom?

- Já estão a caminho, vindo do aeroporto de Oxnard.

- Leve-os para a CyberStorm assim que chegarem. Onde estão os computadores da Alcyone Seguros?

- Foram colocados em um avião para Washington DC na noite passada.

- Ótimo. Vamos esperar que eles consigam alguma coisa nos discos rígidos. Enquanto isso faça os técnicos forenses vasculharem a rede da Cyberstorm. Quero que procurem armadilhas. E precisamos mudar o nosso loco para Matthew Sobol — ele apontou para o projetor. — Passe uma cópia do vídeo para os técnicos forenses.

Larson interrompeu.

— Já fiz algumas cópias em CD. Posso fazer mais, se precisar. Decker levantou as mãos.

— Isso nos leva a um ponto importante. Quero sigilo total em relação a este caso - ele olhou para os policiais locais. - Isso quer dizer nada de conversas com amigos e parentes e menos ainda com a imprensa. Temos que controlar que tipo de informação sai daqui.

Sebeck apontou para a tela.

— Alguém já ouviu falar do tal Sobol?

Decker não disse nada. Apenas mexeu em algumas pastas em uma mesinha próxima e então entregou uma para Sebeck. Estava escrito MATTHEW ANDREW SOBOL.

— Vocês já sabiam sobre ele?

— Ele morreu na quinta-feira. Achamos que poderia ser outra vítima, mas morreu de câncer no cérebro e já estava doente há alguns anos. Ele foi o fundador da empresa e tinha acesso a tudo. As coisas se encaixam, menos o motivo.

Straub continuou a explicação. Até pareciam um casal.

— O assistente dele disse que Sobol sofria de demência. Ele era paranóico e reservado. E foi ficando pior à medida que a doença progredia. E finalmente teve que parar de trabalhar no ano passado.

Sebeck folheou as páginas da pasta. Estava cheia de arquivos médicos e relatórios psiquiátricos.

— Ele tinha conhecimento para criar aquela armadilha na CyberStorm? Decker e Straub trocaram olhares de compreensão. Decker pegou o arquivo de volta.

— Sobol fez 220 pontos em um teste de QI em 1993. A Agência Nacional de Segurança tentou recrutá-lo por causa de um trabalho que ele fez na Universidade de Stanford sobre dados polimórficos criptografados. Mas ele preferiu criar uma companhia de games e ganhou milhões aos vinte e poucos anos. Ele era muito capacitado, sim.

Sebeck sabia que poderia aceitar aquilo ou dizer algo. Ele ponderou por alguns momentos antes de decidir mostrar que era um idiota, e falar.

— E o telefone feito por um agente do FBI fictício? Tem mais alguém envolvido nisso tudo?

— Temos técnicos muito bons, sargento. Vamos ver o que eles descobrem. Mas precisaremos pôr grampos no seu celular, no telefone do seu escritório e de sua casa — então se virou para Straub. — Também precisamos do servidor de e-mails de Sebeck para que todas as mensagens que chegarem sejam encaminhadas para nossa unidade forense. Posso esperar sua cooperação, sargento?

Sebeck assentiu com a cabeça.

— Claro. Só preciso avisar minha esposa e meu filho, mas é claro que sim. Straub escreveu em um caderninho de anotações.

— Vou precisar de sua assinatura em alguns documentos. Sebeck dedilhou na mesa, impacientemente.

— Olha, não duvido de que o tal do Sobol fosse brilhante, mas ainda não estou convencido de que seja ele mesmo nesse vídeo tão granulado. Se era um cara tão genial, com certeza absoluta poderia fazer um vídeo melhor do que esse. Não dá nem para ver o rosto dele direito.

Murmúrios de concordância se espalharam pela sala. Decker continuou imperturbável.

— Ele será analisado pelos especialistas. Sebeck resolveu ir mais longe

— Acho que um funcionário da CyberStorm está cometendo os assassinatos e tentando culpar o morto. Com certeza, o assassino tem acesso à rede da CyberStorm, e, pelo que vi por lá, eles têm

muita gente inteligente trabalhando para eles. Acho que isso é uma armação.

— Nem eu nem você somos especialistas em computação, sargento. Vamos esperar e ver o que os técnicos descubrem — Decker olhou para o grupo de oficiais. - Certo, é o seguinte. Temos que conseguir mais informações. Comandante Eichhorn, precisarei da sua cooperação e de alguns dos seus recursos.

Eichhorn assentiu.

— Pode contar conosco.

— Matthew Sobol tinha uma propriedade de oitenta acres aqui perto. Devemos conseguir um mandado de busca daqui a uma hora mais ou menos. Precisarei de controle de tráfego e de perímetro.

Larson ainda estava tentando absorver a primeira frase.

— Oitenta acres?

Decker concordou com a cabeça.

— Isso. O senhor Sobol tinha muitas posses. Um patrimônio em torno de trezentos milhões de dólares.

Assobios foram ouvidos por toda a sala.

— O detetive Sebeck pode ter razão. Esse caso pode envolver mais gente, mas temos que seguir a pista do Sobol. Vasquez, preciso saber de qualquer rivalidade ou desentendimento que Sobol possa ter tido com as vítimas. Quero entrevistas mais detalhadas com os familiares delas. E também quero saber de qualquer um que possa ter tido atritos com Sobol. Precisamos de alguém vasculhando todos os arquivos sobre ele. Straub, quero você na CyberStorm junto com os técnicos forenses, e me deixe informado a respeito de qualquer novidade que apareça.

Decker pegou um relatório em uma mesa próxima e se virou para Sebeck.

- Sargento, algumas informações essenciais estão faltando em seu relatório sobre a cena do primeiro crime. Especificamente a respeito do guincho do cabo. Precisamos saber quem fabricou, o modelo, o número de série...

Sebeck o interrompeu.

- Tive que levar a equipe de evidências para a CyberStorm por causa do segundo homicídio. Ainda vamos verificar aquelas pistas.

- Pois agora é a sua chance — Decker jogou o relatório em uma sacola plástica que continha a chave de um portão e um controle remoto. - Quero saber quando o guincho foi comprado e quem o instalou. Talvez o instalador possa nos contar sobre algum outro trabalho que tenha feito. Descubra também se pediram a permissão da prefeitura. Quero o relatório revisado na minha mesa o mais rápido possível.

Mantz olhou para Sebeck.

- Vou até o escritório de licenças da prefeitura, Pete.

Sebeck sentiu o calor de seu pequeno deslize profissional correndo por suas veias, então respirou e tentou manter a cabeça no lugar. Ele não estava acostumado a ser gerenciado tão de perto.

- Muito bem. Eu quero revisar mesmo a cena do primeiro crime.

O telefone da sala de treinamento tocou e Vasquez atendeu, ouviu e passou para Decker.

- Neal. Da NSA.

Decker se dirigiu a todos.

- Senhores, precisamos que as pessoas que não são do FBI saiam da sala. Chefe Eichhorn, planeje uma busca na propriedade de Sobol para o começo da tarde.

- Pode deixar.

Eichhorn e seus subordinados saíram apressados da sala e a porta se fechou atrás deles. Os cinco homens ficaram ali parados, no corredor. Sebeck apontou para o seu relatório rejeitado.

-Mas que manhã difícil.

Eichhorn apontou para ele.

- Quero ver o relatório antes que você mande para o Decker - depois se virou para os outros. - Burkow e Larson, venham comigo. Temos que juntar um bom grupo de trabalho.

Eles partiram para a área que dividia os escritórios.

Mantz deu um tapinha nas costas de Sebeck.

-Não se deixe levar por ele, Pete. Encontro você depois de ver as autorizações da prefeitura ele disse, e desceu o corredor.

Sebeck ficou olhando ele ir embora e, na mesma hora, dois agentes do FBI emergiram de uma sala de interrogatório trazendo um dos suspeitos da

Alcyone Seguros, um tal Jon Ross, aparentemente, muito cansado. Sua bolsa de laptop estava largada em seu ombro e ele estava fechando o celular. Um dos agentes se virou e apertou a mão dele.

— Muito obrigado por sua cooperação, senhor Ross. Sabemos que isto será meio ruim para os seus negócios.

Ross colocou o celular no bolso.

— Meio ruim? Acabei de receber uma mensagem de voz dos advogados da Alcyone me ameaçando com um processo. E cancelaram meu contrato. E dois outros clientes mandaram mensagens dizendo que meus projetos estão suspensos por enquanto, e tenho certeza de que é por causa de vocês.

— Não se esqueça de nos avisar onde podemos encontrá-lo se por acaso deixar a cidade — o agente deu um cartão a Ross. — E não saia do país.

Ross olhou para o cartão.

— Não saia do país? Tenho um projeto em Toronto no mês que vem — então estudou as expressões de poucos amigos dos agentes e guardou o cartão. — Alguma chance de conseguir uma carona de volta para Woodland Hills?

— Pergunte ao delegado. Mas acho que será mais rápido pegar um táxi. Obrigado mais uma vez - os dois agentes foram em direção à sala de treinamento, bateram na porta e entraram, deixando Ross olhando para eles, parado no corredor movimentado.

Sebeck falou do outro lado do corredor.

— Estou vendo que os federais não perderam o tom leve de sempre. Ross olhou para Sebeck com cautela.

Sebeck se aproximou e estendeu a mão.

— Detetive Sebeck.

— Sei quem você é, sargento. Estava na Alcyone na noite passada.

— Precisa de uma carona?

— Posso chamar um táxi.

— Vamos, é o mínimo que eu posso fazer. Parece que você pegou o palito menor nessa confusão toda. E estou saindo também, de qualquer forma.

Ross hesitou e então concordou.

— Obrigado.

Sebeck e Ross ficaram em silêncio nos primeiros minutos do caminho. Ross estava concentrado no smart phone em sua mão, tocando a tela seguidamente e lendo tudo com atenção. Então ele levantou a cabeça.

— Interessante... Sebeck olhou para ele.

— O que é interessante?

— Finalmente consegui ler as notícias. É bom saber do que eu quase fui acusado.

Sebeck não disse nada.

— O caso dos assassinatos está em todas as manchetes. Veja, aqui está você - Ross levantou o telefone para mostrar um site de notícias com a foto de Sebeck na coletiva de imprensa.

Sebeck mal olhou para o telefone.

— Bom, este não é mais o meu caso. — Eles continuaram mais alguns minutos em silêncio. - Então, você é uma espécie de consultor em computação, i cito?

— Isso. Eu crio sistemas de gerenciamento de bancos de dados relacionais.

— E como um cara jovem como você consegue clientes tão grandes?

No boca a boca. Sou bom no que faço. Você parece jovem para ser o sargento-chefe dos detetives. Sebeck fez uma careta.

— Comecei bem cedo.

Fies chegaram à rampa de acesso à rodovia 101, mas Sebeck continuou cruzando a ponte e indo para o lado mais longínquo da cidade. Você perdeu a entrada, sargento.

Preciso passar em um lugar primeiro. Olha, será que posso fazer umas perguntas sobre computação para você?

Ross olhou com um pouco de incerteza.

— Que perguntas?

Aquele vírus na Alcyone. Todos por lá pediram a sua ajuda. Quer dizer que vote entende bem de vírus?

-Já contei tudo isso para o FBI. E eles me liberaram, lembra? Sebeck fez um sinal com a mão como se dissesse que entendia. -Eu

sei, eu sei. Mas o nosso especialista não tem capacidade para lidar com mais do que jovens hackers e traficantes de drogas.

Sargento, o FBI tem uma unidade de crimes cibernéticos para lidar com isso. Fies não precisam da minha ajuda. Não é o FBI que está pedindo. Ross olhou para Sebeck. Ah... entendi. - Ele levantou as mãos como se mostrasse uma manchete de jornal. Policial local desvenda o caso.

Sebeck lançou um olhar sombrio para Ross.

-Só estou tentando deter um assassino.

— Sendo franco, sargento, vai ser muito difícil descobrir quem matou aqueles homens. Este é, essencialmente, um caso de computação forense, e o FBI está muito mais bem equipado para cuidar dele.

Sebeck aproveitou a deixa.

— E se eu disser que sei quem é o assassino? Ross ficou visivelmente tenso.

— Não, não é você.

— É por isso que o FBI me soltou? Sebeck fez que sim com a cabeça.

— E se eu disser que o assassino estava morto antes dos assassinatos? Ross assumiu uma expressão de dúvida por um momento, que em seguida se transformou em compreensão.

— Jura?

— É o que eu preciso saber de você. É possível?

— Mas que droga! Você está falando sério?

— Os federais acreditam nisso. Eu não. Acho que o verdadeiro assassino trabalha na CyberStorm e está tentando pôr a culpa dos crimes no morto.

— É o Matthew Sobol, não?

Sebeck lançou um olhar de surpresa para Ross.

— Onde é que você ouviu isso? Ross apontou para o seu celular.

— As notícias dão conta de que ele morreu de câncer no cérebro, nesta semana. Ele é o seu morto assassino, não é, sargento?

Sebeck percebeu que estava em apuros.

— Tudo que você ouvir aqui não pode ir parar na imprensa, não fale disso com amigos nem com ninguém. Se eu tiver a mínima suspeita de que você vazou a notícia, vou acusá-lo de interferir em uma investigação da polícia. Entendeu bem?

— Seus segredos então seguros comigo, sargento. Mas, se eu fosse você, me preocuparia mais com Sobol. Se ele está por trás disso, tem muito mais coisa do que apenas dois assassinatos.

— Como todo mundo menos eu já ouviu falar do tal Sobol?

— Sou um jogador de games fanático, sargento. Sobol era uma lenda. Ele ajudou a montar a indústria de jogos on-line.

— Lenda ou não, como um cara morto saberia o momento de acionar suas armadilhas? Ele teria que saber com antecedência o dia certo de sua morte.

— Não necessariamente — Ross levantou o telefone de novo.

— Ele poderia estar lendo as notícias.

— Não me venha com essas porcarias de ficção científica.

- Sargento, a coisa mais trivial do mundo é fazer um programa de computador que monitore o conteúdo de um site. É apenas texto. Tudo o que Sobol precisava fazer era criar um programa que procurasse por frases específicas em sites de notícias, como o obituário dele, por exemplo, ou histórias sobre a morte de certos programadores. Uma simples busca por palavra-chave.

Sebeck pensou naquilo.

- O vírus que você bloqueou lá na Alcyone poderia ser o programa que estava esperando pela morte de Sobol?

- Talvez. E ele mandava pacotes de dados para milhares de endereços de IP.

- Que tipo de dados?

- Provavelmente, comandos.

- Para milhares de endereços?

Ross fez que sim com a cabeça, fazendo uma careta.

- Nossa... E os federais sabem disso?

- E claro. O tipo de programa que bloqueei lá na Alcyone é muito comum em informática. É conhecido como daemon. Ele fica rodando em segundo plano à espera de que algum evento específico aconteça. Em geral, é algo simples, como um comando para

imprimir alguma coisa. Nesse caso, seria a notícia da morte de Sobol. E então ele se ativaria.

E ativaria as armadilhas mortais. Ross assentiu.

- É possível.

- Tem só um problema. Sobol não poderia me telefonar. Recebi uma chamada nesta manhã de alguém fingindo ser um agente do FBI, que me disse para checar meu e-mail, e foi isso que me levou a Sobol. Alguém deve estar coordenando a coisa.

Ross fez que não com a cabeça.

- Pode ter sido VOIP, voz sobre IP. Sebeck olhou para ele.

Será que eu entrei em uma máquina do tempo? Ou passei a última década dormindo ou algo assim?

- VOIP se tornou popular há alguns anos. Ele permite uma baita economia nas contas telefônicas, pois direciona comunicações por voz através de servidores de internet, em vez de linhas telefônicas de longa distância.

Está me dizendo que esse programa Daemon pode falar com pessoas pelo telefone?

- Passar uma mensagem pré-gravada em um telefone é fácil. O Daemon poderia coordenar uma sequência e agendar os telefonemas com base no que lesse nos noticiários.

- Então, na verdade, não é um computador falando? Alguém precisa ter gravado a mensagem?

- Provavelmente. Embora existam programas que podem converter passagens de texto em vozes sintéticas bem convincentes. Ligue para um telefone de reserva de passagens aéreas e logo você estará falando com um computador. Isso é usado para anunciar reservas de voos, balanços de cartões de crédito e coisas desse tipo.

Eles andaram mais alguns minutos em silêncio. Sebeck suspirou.

- Bom, pelo menos, conseguimos o servidor da Alcyone. Isso vai dar um nó nos planos do assassino, esteja ele vivo ou morto.

Ross não pareceu muito reconfortado.

- Você deveria jogar um dos games do Sobol, sargento.

Capítulo 9:// Herr Oberstleutnant

Sobre o Reno foi o único jogo de tiro em primeira pessoa que fez Brian Gragg ficar viciado. Ele jogava e dominava vários jogos de ação para PC. Todos eles com gráficos 3-D, fumaça com profundidade volumétrica, motores fisicamente realistas, sons de trinta e duas vozes, muitas fases e recursos para multiplayer pela internet. Mas o SOR era diferente. A inteligência artificial dele era assustadora.

Em outros jogos, os inimigos atacavam entrando pela porta, grupo após grupo, apenas para serem massacrados. A inteligência artificial do SOR fazia os soldados nazistas atuarem de forma realista. Em uma busca de casa em casa, grupos de três ou quatro se separavam do pelotão principal e chutavam as portas. Se você atirasse em um, dois ou até três deles, o oficial lá na rua apitaria e gritaria ordens. Então era melhor você fugir logo dali, porque dúzias de soldados iriam cercar sua cabana. E não invadiriam o lugar como autômatos sem cérebro. Eles se esconderiam atrás de cercas, muros e veículos, e gritariam em alemão para que você saísse. Se você não fizesse isso (é claro, por que você sairia?), eles jogariam granadas pelas janelas ou colocariam fogo na casa. Se você tentasse olhar pela janela para ver o que estava, acontecendo, um franco-atirador poderia acertar você.

Mas o que era ainda mais fascinante para Gragg era o fato de eles não agirem da mesma maneira todas as vezes. Havia soldados inteligentes e soldados burros, e diferentes tipos de oficiais nazistas. Se você se escondesse em um lugar particularmente bom de se defender, eles poderiam chamar um tanque para destruir tudo, ou, pior do que isso, um *flammenwerfer*, literalmente o lança-chamas alemão. Se o cerco durasse mais tempo, a Gestapo chegaria para cuidar da situação, e aquilo significava apenas uma

coisa: o SS Oberstleutnant Heinrich Boerner, um adversário tão astuto e cruel que o personagem ficcional virou uma celebridade na E3, a maior convenção de games do mundo. Havia um banner de dez metros do rosto dele pendurado no estande da CyberStorm. Ele era, literalmente, o garoto-propaganda do mal.

A inteligência artificial do SOR dava a impressão de que você estava lutando contra um adversário racional, e alguém bastante desafiador. Gragg apreciava as infinitas horas de distração que aquilo lhe proporcionava, ainda mais depois de seu incidente na vida real com os filipinos.

O corpo de Heider tinha sido encontrado em um pátio ferroviário perto do aeroporto de Hobby, que ficava ao sul de Houston. Ele havia sido amarrado, amordaçado e surrado até morrer, e fora deixado como um aviso para a comunidade dos fraudadores de cartões de crédito. Era em momentos como esse que Gragg ficava agradecido por não ter um círculo social grande.

Pouca gente, ou talvez ninguém, poderia ligar Heider a ele, mas, para garantir, decidiu não chamar a atenção por algumas semanas.

Ele tinha quinhentos ou seiscentos mil à mão em vários bancos, sob identidades diferentes. O que era bom, pois ele não poderia vender os dados que tinha copiado do servidor dos filipinos para nenhum de seus contatos abkhazianos. A coisa estava muito quente ainda. Ele sentiu uma onda de humilhação novamente. Mais de vinte mil identidades de alto valor no mercado da internet jogadas pelo ralo, uma fortuna no mercado. Como eles descobriram que era ele?

Gragg tinha invadido o banco de dados deles usando um *unicode directory traversal* que lhe permitiu instalar uma porta de saída no servidor de internet deles, pois ainda não tinham protegido direito o servidor; as amostras de aplicativos ainda estavam lá, então conseguir os direitos de administrador acabou sendo algo bem banal. Ele estava certo de que o administrador da rede devia estar no fundo da baía de Manila por causa daquele pequeno erro.

Mas como é que eles rastrearam aquela invasão e chegaram até ele? Gragg fez aquilo por meio de uma máquina zumbi em algum lugar da Malásia e por uma conexão 803.1lg sem fio, roubada em

alguma das subdivisões de Houston. Mesmo se eles rastreassem a transferência de dados até o IP de destino, como aquilo poderia ter levado a ele? Ainda que dessem uma surra no pobre idiota suburbano cuja rede sem fio tinha sido utilizada, não chegariam a lugar nenhum. Ainda assim, Gragg tinha passado umas duas noites esperando que sua porta da frente fosse arrombada enquanto pensava no assunto. Mas não conseguia descobrir como. O que ele não estava vendo?

Apenas recentemente tinha ocorrido a Gragg que talvez ele fosse o único sócio dos filipinos em Houston. Ao fazer o ataque de um domínio por lá, Gragg tinha cometido um erro óbvio e patético. O fraudador de cartões, Loki, de Houston, era o suspeito evidente.

Mas, conforme os dias foram passando, ficou claro que ou a gangue estava satisfeita porque Loki estava morto ou não tinha ideia de qual era a identidade real de Gragg. No entanto, até ter certeza, ele passava as horas acordado no galpão inacabado que lhe servia de apartamento, jogando infinitas horas de SOR, que era um belo desafio no final das contas.

Normalmente, Gragg escolhia o lado dos nazistas, e sua arma preferida era o rifle de precisão de atirador, com o qual ele acertava novatos, escondido em um campanário ou em uma janela de sótão. Ele o usava junto de uma quantidade bastante generosa de insultos verbais, utilizando teclas pré--selecionadas para lançar os desaforos criados pelo jogo: "Já vi garotinhas francesas do maternal atirarem melhor que você!"

A conexão a cabo que ele tinha dava ao seu computador um ping* de 20 a 50 milissegundos de resposta, o que era uma enorme vantagem contra os manes com pings de 150 ou mais. Os avatares deles, no jogo, hesitavam enquanto Gragg acabava com tudo. Ele nunca se cansava de empilhar corpos na frente de seu esconderijo.

As partidas "até-a-morte" de SOR eram um jogo distribuído pela rede, quer dizer, um dos jogadores hospedava o mapa em sua máquina e fazia com que a partida ficasse disponível para qualquer um que quisesse participar pela Internet. Havia servidores de partidas "até-a-morte" que listavam todas as máquinas que estavam disponíveis por região geográfica, com cada máquina

enviando uma mensagem de que estava disponível. Os números listados nesses servidores passavam dos milhares.

Como Gragg vinha jogando SOR direto havia seis meses, bem antes do problema filipino, ele conhecia intimamente todos os mapas e sabia que se jogasse uma granada de um canto do parque no mapa de Saint-Lô ela cairia atrás do carrinho de verduras do outro lado, matando todos que estivessem escondidos ali. Ele conhecia um lugar no mapa tunisiano onde podia pular sobre telhados destruídos e atirar em pessoas impunemente. Era preciso ser um traidor experiente para conseguir cruzar as distâncias sem cair para uma morte certa.

Sinceramente, o módulo "até-a-morte" já tinha começado a perder o apelo quando a CyberStorm lançou um editor de mapas personalizados, e, a partir daí, vários desses mapas, muito populares, começaram a aparecer nas listas do servidor. A maioria deles era de fantasias do tipo Rambo-fora-de-controle feito, por garotos de quatorze anos, com quantidades absurdas de metralhadoras fixas e nenhuma lógica no posicionamento e no design das fortificações. Gragg sabia que poderia fazer muito melhor, mas não tinha inclinação para aprender a linguagem de script usada para criar mapas, afinal, não ganharia nenhum dinheiro com aquilo.

N T: *Ping* um comando que usa o protocolo ICMP para testar a conectividade entre equipamentos.

Então, foi sem muita expectativa que Gragg baixou um novo mapa chamado Monte Cassino. O nome, razoavelmente histórico, não era comum, já que a galera de quatorze anos costumava intitular os mapas com nomes como "O sinistrão da parada".

Gragg logo achou um servidor chamado Houston Central que rodava o mapa Monte Cassino. Como era geograficamente local, aquilo lhe deu um ping matador de 20 milissegundos, e ele se juntou à partida "até-a-morte" que já estava em andamento.

No momento em que foi carregado, ele notou diferenças em relação à maioria dos mapas feitos por pessoas comuns. Primeiro, ele não tinha permissão para ficar do lado do Reich, o mapa só permitia que as equipes que jogavam pela internet fossem das

forças aliadas. Os alemães eram o computador. Eram os humanos contra a inteligência artificial, o que aborreceu Gragg, pois ele adorava jogar do lado alemão, afinal, eles eram os vilões.

Outra diferença estava na hora de reviver nesse mapa. Não era uma partida certinha de equipes, na qual você voltava onde quisesse, se fosse morto. Em vez disso, ele era descrito como um "mapa objetivo", no qual você permanecia morto até que o último membro do seu time morresse ou até que todos os alemães fossem derrotados; nesse ponto, o mapa se resetava e todos voltavam a viver.

O mapa também apresentava texturas e terrenos radicalmente diferentes, como se tivesse sido feito todo de novo, do zero. O mapa consistia em uma montanha íngreme com as ruínas de um grande monastério beneditino no topo. A descrição do cenário dizia que bombardeiros americanos pesados tinham destruído o monastério. As ruínas se tornaram um labirinto de paredes demolidas, vigas de madeira queimadas e entradas para porões. Aquilo provia esconderijos excelentes para os alemães, e o designer do jogo colocou algumas MG42 cobrindo todas as áreas de aproximação do topo do morro. Os alemães também tinham morteiros leves para lançar e matar, caso você se escondesse atrás de uma pedra ou vegetação. Era como se eles "registrassem" as coordenadas de todos os bons esconderijos de forma antecipada, algo que os alemães, provavelmente, fariam mesmo. O resultado de tudo aquilo era que Gragg estava determinado a vencer aquele mapa.

Logo ficou claro que um pequeno grupo de atiradores solitários não conseguiria tomar o monastério. Aquilo requeria um ataque orquestrado. Levou uma hora para incitar outros companheiros de jogo pela janela de bate-papo, mas Gragg, finalmente, os convenceu a coordenar um ataque, em vez de correrem desordenadamente morro acima. Com alguns testes, descobriram que metade do esquadrão poderia atrair o fogo dos Chucrutes, enquanto a outra metade dava a volta pelo lado esquerdo deles, usando a inclinação do morro como cobertura. Se corressem, seriam vistos e pegos, mas, se rastejassem, conseguiriam chegar a uma

distância boa o suficiente para jogar granadas nas fortificações externas. Quando elas explodissem, eles invadiriam as ruínas e o resto da batalha se desenrolaria em cada cômodo lá dentro.

Nesse momento, os membros do esquadrão que estava lá fora distraíndo os alemães estariam quase todos mortos por causa dos morteiros e das metralhadoras pesadas, então não poderiam mais contribuir na luta. Aquele era um trabalho duro e árduo, e Gragg continuava nele dois dias depois. Ele não tinha dormido e havia comido muito pouco, mas não se desconectaria do servidor Houston Monte Cassino sem vencer aquele mapa. O mais perto que ele havia chegado tinha sido no dia anterior, quando conseguiu alcançar o porão dos vinhos. Lá, um oficial da SS atirou em Gragg pelas costas quando ele passou correndo por entre alguns barris de vinho.

Isso era o que vinha empurrando Gragg para a frente nas últimas vinte e quatro horas: depois de atirar nele, o oficial ficou parado sobre seu corpo. Era

O infame Oberstleutnant Heinrich Boerner, do modo de um jogador de SOR. De maneira extravagante, ele disse sobre o corpo de Gragg: *Tod ist unvermeidlich, aber meist unbeutend*, com a legenda aparecendo na parte de baixo da tela: A morte é inevitável, mas totalmente insignificante.

Como eles tinham feito isso? Era, absolutamente, a mesma voz, do mesmo artista, usada no game original para um jogador.

Será que esse mapa personalizado tinha sido feito por gente da CyberStorm? Gragg ficou obcecado em chegar novamente ao porão dos vinhos. Precisava descobrir o que Boerner estava fazendo ali, mas dessa vez não deixaria o canalha atirar nele pelas costas. Só que ele sabia bem que Boerner era um personagem traiçoeiro, por isso não era provável que repetisse a tática. Gragg resolveu guardar algumas granadas para os porões.

A rodada seguinte começou com a maioria dos integrantes da equipe, caras com a mesma obsessão, amaldiçoando esse jogo viciante e se esforçando para tomar o monastério antes que amanhecesse e tivessem que passar mais um dia de trabalho com os olhos vermelhos e inchados de sono. Dessa vez, Gragg fez de tudo para seguir o caminho de outro jogador cujo personagem se

chamava Major Chato de Galocha. MCHG era um bom jogador, com refle-K09 rápidos e forte nas combinações de teclas para pular, trocar de armas e se esconder em cantos. Gragg rastejou atrás dele na manobra de flanquear o ataque inicial e então o seguiu de perto no ataque às ruínas do monastério, sem deixa-lo ficar a mais de um ou dois passos de distância. MCHG acabou com a maioria dos tiros dos Chucrutes com Schmeissers e metralhadoras pesadas. Quando MCHG foi vencido por um Panzerfaust, um tipo de lançador de explosivos alemão, Gragg já estava muito mais longe naquelas ruínas do que jamais tinha ido, e sem quase nenhum dano.

Ele acabou com a equipe do Panzerfaust com dois tiros de sua escopeta, a arma preferida dele nesse mapa. Um rifle de atirador era inútil nesse ambiente fechado das ruínas.

Então Gragg correu para a frente, apertando uma tecla de comando que fez seu personagem gritar: - Sigam-me!

Ele foi em direção ao corredor do dormitório, e aquele seria o próximo problema.

Quando ele chegou em uma esquina do corredor, apertou a tecla para se inclinar à esquerda e logo viu uma equipe de MG42, uns trinta metros para baixo naquele corredor sem teto e cheio de destroços espalhados. O encarregado da munição apontou e gritou, e o atirador virou para ele e começou a atirar no exato momento em que Gragg se escondeu outra vez. Tiros soaram por alguns momentos até que os Chucrutes decidiram poupar munição.

Era um jogo cativantemente realista.

Gragg se virou e viu cinco jogadores Aliados chegando atrás dele. Aquilo era fantástico, eles nunca tinham chegado tão longe com tão poucas perdas. Apenas dez dos dezesseis tinham sido mortos na invasão, um recorde para eles. Ele apertou uma tecla de comando novamente e seu personagem gritou: - Atacar!

Correu rapidamente pelo corredor, direto para uma alcova rasa que ele já tinha visto, atraindo imediatamente o fogo da MG42 no fim do corredor, e viu seu marcador de energia chegar a apenas 20% quando, finalmente, conseguiu alcançar a proteção da alcova. Os jogadores logo atrás dele tentaram segui-lo até lá, mas Gragg sabia que ali caberia apenas um de cada vez, por isso eles pularam

e bateram contra ele, se esforçando para se esconderem até que os alemães acabassem com eles. Três outros jogadores tinham ficado escondidos e trocaram tiros com a MG42 até que Gragg ouviu o que estava esperando: silêncio do lado da metralhadora. Estavam recarregando.

Gragg mudou para granadas e atacou. Quando passou por cima dos corpos de seus companheiros mortos, pegou os kits médicos deles, aumentando sua energia para 95%. Era um conceito estranho que os jogadores que morriam soltassem kits médicos, como presentes de Natal, e que, ao pegá-los, personagens machucados imediatamente tinham suas energias aumentadas, mas nesse momento Gragg estava muito feliz com aquilo. Ele queria a cabeça de Boerner em uma lança.

Ele podia ver os Chucrutes lutando para colocar uma nova cinta de balas na abertura da metralhadora enquanto corria na direção deles. O cano da arma soltava um vapor agourento.

Os detalhes deste jogo são fantásticos.

Bem na hora em que os Chucrutes fecharam a abertura da metralhadora, Gragg jogou sua granada pelo corredor. Foi um lançamento perfeito, e os alemães saíram correndo e gritando da trincheira de onde manipulavam a metralhadora.

Nisso, Gragg já havia trocado de arma, passando para a escopeta, e deu dois tiros em cada um enquanto fugiam da explosão. Eles caíram como se fossem bonecas de pano. Quando ele chegou à esfumaçada trincheira da metralhadora, apenas um dos Chucrutes ainda se movia, deitado de costas, com sangue de textura 3-D escorrendo ostensivamente de sua boca, o que significava que ele estava ferido em 98%.

Gragg adorava essa parte. Às vezes, soldados do computador severamente feridos se rendiam.

O Chucrute ali levantou as mãos com um medo melodramático, erguendo a cabeça para olhar o avatar de Gragg. - *Nicht Schiessen!*

BAM! Gragg o acertou e recarregou arma.

Os outros três membros sobreviventes de seu esquadrão chegaram, recarregando suas submetralhadoras Tommy. A janela de bate-papo começou a rolar para baixo nervosamente.

Sargento Saco Peludo> Ainda tem granadas?

Seu Irmão Retardado> Nunca vim tão longe!

Força Mets!> Loki, nós cobrimos você.

Gragg sorriu maliciosamente. Nem a pau, filho da mãe. Ele digitou: Loki> De jeito nenhum. Eu destruí a metralhadora.

Uma pausa, e então o Sargento Saco Peludo se moveu em direção às escadas de um porão. Os outros o seguiram, com Gragg no fim da fila. Era assim que ele gostava.

Gragg olhou escada abaixo. Era a entrada da adega onde tinha visto o Oberstleutnant Boerner no dia anterior. Ele ia matar o desgraçado dessa vez.

Será que devia alertar os outros? Ele calculou se era melhor dividir a informação para aumentar a chance de sucesso ou arriscar tudo e tentar vencer sozinho. Decidiu deixá-los descobrir do mesmo jeito que ele.

O Sargento Saco Peludo jogou uma granada lá embaixo e, depois da explosão, entrou atirando com sua submetralhadora. Repentinamente, a entrada da adega foi preenchida por um brilho laranja, e flamas estalaram lá de dentro com um rugido gutural.

Lança-chamas. Boerner estava escondido nos porões com uma porcaria de lança-chamas. Aquilo era suicídio. Saco Peludo já estava morto.

Os outros dois começaram a jogar granadas pela abertura. Eles se inclinavam para dentro e saíam, sempre seguidos pelas chamas. Gragg sabia que eles estavam sendo atingidos, perdendo energia, mas continuavam ajudando; um lança-chamas tinha apenas dez disparos.

Quando a arma ficou sem munição, Seu Irmão Retardado estava morto e Força Mets! Bastante ferido. Gragg sabia disso porque o avatar do jogador mancava quando sua energia estava abaixo dos 20% e seu companheiro praticamente se arrastava.

Gragg deixou que ele pegasse os kits médicos de seus companheiros abatidos, pois tinha muito mais serventia vivo, e os dois atacaram a adega atirando com suas armas. Boerner não estava à vista.

Gragg esperava que fosse Boerner, já que estava começando a ficar sem munição. Ele digitou na janela de bate-papo:

Loki> Você viu ele?

Força Mets!> Não.

Esse porão com os vinhos estava muito mal iluminado na outra vez em que Gragg esteve ali, mas, agora, o fogo do lança-chamas deixava o lugar bem claro, por isso eles não precisaram examinar cada canto escuro atrás das prateleiras de vinhos. Pela experiência que tinha, Gragg sabia que a madeira pegava fogo no SOR, então eles precisavam se mover logo se quisessem ter alguma chance de pegar Herr Oberstleutnant. Ele olhou para cima e viu que as vigas tinham pegado fogo.

Caramba! Quem desenhou esta fase? E incrível.

Uma porta levava para o lado mais distante daquele porão e o lança-chamas estava largado ao lado dela. Uma voz alemã cheia de eco gritou daquela direção: — *Amerikaner!* — Era Boerner, com certeza.

Gragg e Força Mets! foram em frente e se posicionaram cada um de um lado da porta. Gragg começava a se inclinar para dar uma olhada quando viu o infame Heinrich Boerner sair de seu esconderijo próximo de algumas caixas bem atrás de Força Mets!. Ele estava vestido com o uniforme cinza tradicional da SS, um sobretudo comprido, e tinha uma cruz de ferro no peito.

Esse desgraçado filho de uma inteligência artificial tinha deixado o lança-chamas perto da porta, para que achassem que ele havia saído por ali, e os dois caíram nessa como idiotas.

Boerner apontou uma submetralhadora Schmeisser para as costas de Força Mets! e abriu fogo. Sendo justo com ele, Força Mets! pulou como um gato e girou o corpo, atirando de forma selvagem com sua Thompson. Gragg tentou dar alguns tiros na direção de Boerner, mas Força Mets! estava bloqueando a linha de tiro.

Quando Gragg deu a volta e Força Mets! se arrastou para dar cobertura, Boerner já se movia atrás de enormes toneis de vinho, com sua risada maligna ecoando pelo local.

- Filho da mãe, filho da mãe! - Gragg gritou para o monitor.

Nesse momento, ele ouviu o clink-clank revelador de uma granada alemã caindo em algum lugar perto deles.

- Mas que inferno! — Gragg se abaixou e começou a se afastar, mas chegou a ser pego pela explosão e voou pela sala. De repente, ele estava só com 15% de energia.

- Droga! - Ele bateu em sua bancada.

As granadas continuaram a vir, e Gragg e Força Mets! correram para trás atirando a esmo. Quando pararam, estavam perto da entrada do sótão. Brasas caíam em volta deles, e Gragg perdeu mais 1 % de energia por um dano causado pelo fogo.

Ele olhou para cima e pôde ver que o teto estava totalmente tomado pelas chamas e o local se enchia de fumaça. Uma viga caiu de algum canto, lançando muitas faíscas.

Que efeitos incríveis.

Gragg voltou sua visão para o avatar de Força Mets!. Ele parecia estar muito mal, balançando, sem conseguir ficar reto, e ofegante. Gragg apontou sua escopeta. BAM!

Força Mets! Caiu morto. Gragg pegou o kit médico dele e voltou a ter 39% de energia.

Traição é fogo, camarada.

Então percebeu que não tinha mais pentes de escopeta nem granadas. Trocou para sua pistola Colt. Isso era risível: iria enfrentar Boerner com uma arma quase de brinquedo.

Estou praticamente morto. Mas vou morrer lutando.

O avatar de Gragg correu como um selvagem pelo porão em chamas, atirando com sua pistola a esmo. Correu para a porta no canto mais distante e pulou por cima do lança-chamas, correndo o máximo que conseguia para a escuridão.

Foi uma surpresa considerável quando percebeu que ainda estava vivo e se movendo em direção a uma luz fraca mais à frente. Ele parou, recarregou a pistola e então continuou.

Logo chegou a um quarto circular com um raio de sol brilhando a partir de um buraco no teto, iluminando uma parte da parede. Parecia ser o térreo de uma torre destruída. Várias janelas com grades preenchiam as paredes à sua volta nas sombras. Era um beco sem saída.

Gragg olhou para o lugar de onde tinha vindo. Não era à toa que Boerner o deixara entrar ali. Agora estava encurralado.

Gragg ficou pensando por que Força Mets! não estava esculachando ele no bate-papo por tê-lo matado. Talvez, se alguém do primeiro esquadrão tivesse escapado do ataque de distração, ele pudesse convencer a pessoa a ir até lá e ajudar. Gragg apertou tab para ver a lista de jogadores. Para sua surpresa, ninguém mais estava jogando naquele servidor. Não havia nem os espectadores, que é o que você vira depois de ser morto. Todos os trinta e um jogadores humanos tinham se desconectado. Aquilo era estranho. Ele fechou a lista. Será que estavam se afastando porque ele matou outro jogador?

O avatar de Gragg se moveu em volta da sala escura. Ele percebeu a parede onde batia a luz do sol. Ali, bem no centro do raio de luz, um mapa esculpido na pedra mostrava uma mensagem misteriosa.

M0wFG3PRCoJVTs7JcgBwsOXb3 U7yPxBB

Gragg examinou aquilo por um tempo. Que porcaria é essa?

E então ouviu uma voz familiar à sua esquerda. - Amerikaner.

Gragg se virou para a esquerda e descarregou sua pistola na direção da voz. Era mesmo Boerner, parado atrás de uma caixa de treliça encravada na parede. Sua forma sombria estava, parcialmente, escondida pela treliça. As balas pareciam não fazer nenhum efeito. Aparentemente, o jogo tratou a treliça como um objeto sólido, como um confessionário à prova de balas.

Em poucos segundos, a arma de Gragg estava sem balas. Enquanto ficava ali parado, com a pistola ainda apontada para Boerner, o oficial da SS pegou um isqueiro e acendeu um cigarro na ponta de um longo filtro preto. O brilho laranja acendeu seu rosto ariano de gavião, por um momento.

Os olhos negros do Oberstleutnant se viraram na direção do avatar de Gragg. - Você tem jogada bastante. Não tem emprega?

Gragg arregalou os olhos cansados com a surpresa.

Quem foi que criou este mapa?

Boerner continuou a fumar calmamente. De escárnio, Gragg apertou a tecla de insultos do jogo. Seu avatar gritou: — Acho que

estão faltando homens de verdade na Alemanha.

Boerner fez uma careta. — Pare de besteira.

Em frente ao seu computador, Gragg se levantou, chutou a cadeira e pôs as mãos na cabeça, estupefato. Seus olhos voltaram rapidamente para a tela.

Boerner deu mais uma tragada no cigarro. — Você é uma moleque desmiolado — disse, andando em direção à mensagem bem no meio do raio de luz — ou tem um inteligência útil? Ze tiver, use sua chave, e nos encontraremos novamente. Ele cravou os dentes no filtro, sorriu sombriamente e então se virou e foi embora, soltando a risada malvada que era sua marca registrada. Ela ecoou pelas paredes.

Gragg assistiu a ele indo embora e em seguida se virou para olhar o que estava escrito na parede novamente. Depois pressionou uma combinação de teclas para que a câmera do jogo capturasse aquela tela.

No momento em que fez isso, ele foi ejetado do jogo. O servidor Houston Monte Cassino nunca mais apareceu nas listas públicas de jogos.

Capítulo 10:// No ar

Ross encostou na viatura de Sebeck, que não tinha nenhuma indicação de ser um carro de polícia e estava estacionada em uma curva na Potrero Road.

— Precisa de informações sobre como chegar em Woodland Hills, sargento?

— É só uma parada rápida.

— Onde estamos? Na cena do primeiro crime?

— Descendo aquela rua de terra — Sebeck apontou para o portão de aço fechado. Ele estava parado em frente à caixa de aço do guincho, onde uma etiqueta de perigo fora colocada pela polícia.

Sebeck percebeu que o cabo de aço descia até o chão por trás da grade, descendo até sumir de vista, morro abaixo. Devem ter conseguido baixar para evitar outros acidentes.

— Espere um instante - Sebeck pegou seu rádio. - Unidade 992, K-19 falando, câmbio — ele olhou novamente para Ross.

— Temos uma unidade vigiando a cena do crime ali embaixo.

Uma voz surgiu do rádio. — Unidade 992 na escuta, câmbio.

— Preciso levantar o cabo. A área aí embaixo está livre, câmbio?

— Dez-quatro. Área livre, D-19, câmbio.

— Fique na escuta. Câmbio final.

Sebeck pôs o rádio em seu cinto por baixo do paletó. Então tirou um saco plástico transparente do bolso e o desenrolou. Dentro dele havia chaves e um controle remoto. Ele pegou as chaves e procurou por uma em especial, usando a depois para abrir a caixa do guincho. Com a portinha aberta, procurou a chave que ativava o guincho, colocou-a na fechadura e girou-a.

O motor criou vida, rangendo como um abridor de latas poderoso. Sebeck olhou pelo lado da caixa do guincho para checar o progresso do cabo. Ele não estava se movendo.

Ross olhou, de onde estava encostado.

— Está virando para o lado certo?

Sebeck parou e apontou para as setas perto da fechadura: Aqui diz ligado. Estou virando para o ligado. E assim é desligado.

Ele virou para o outro lado. O guincho soltou um pequeno pedaço do cabo antes de se ouvir um clique e ele parar.

— Viu? Assim é desligado.

Sebeck virou para o outro lado novamente. O motor voltou a funcionar, mas não puxou nem o pequeno pedaço que tinha acabado de soltar. O mecanismo do guincho não girava nem com o motor funcionando. Ele o parou de novo e retirou a chave.

— Que estranho. Embora, pensando bem, o funcionário tenha dito que o cabo não saiu do solo quando ele ligou o guincho.

Ross pareceu intrigado.

— O cabo estava no chão?

— Sim. Estava enterrado, e o funcionário recebeu um e-mail falso da companhia que geria o local para vir aqui e ligar o guincho.

Ross foi até lá e estudou a caixa.

— Se ligar o guincho não faz acontecer nada, por que se incomodar em mandar um e-mail falso para que alguém o ligasse?

— Isso é estranho mesmo. O laboratório do FBI provavelmente vai desmontá-lo inteiro — Sebeck pegou uma caneta e um caderninho e começou a anotar a marca, o modelo e o número de série. — Tem alguma coisa escrita do seu lado?

Ross fez que não com a cabeça.

Eles terminaram aquilo rápido e Sebeck guardou o caderninho.

— Quero dar mais uma olhada na cena do crime enquanto estou aqui. Vai demorar apenas alguns minutos.

Os dois voltaram para o carro. Antes de entrar, Sebeck pegou o controle remoto do saco plástico, apontou-o para o portão e clicou.

O portão rangeu uma vez e depois começou a abrir. Outro som familiar surgiu no ouvido de Sebeck, e ele pôs a cabeça de lado para ouvir mais de perto. A mão de Ross passou na frente do peito dele, assustando-o. Ele olhou para Ross, que apontava para alguma coisa, e Sebeck acompanhou o dedo dele.

O guincho estava funcionando e esticando o cabo de aço. Foi preciso o último tranco do portão se abrindo para despertá-los de seu silêncio atordoado. O cabo estava esticado como uma corda de

piano. Sebeck olhou para Ross. Ross apontou para o controle remoto.

— De quem é este controle?

Sebeck olhou para sua mão e depois fez que sim com a cabeça, apreciando aquilo.

— Era de Joseph Pavlos. A vítima.

Ross assentiu.

— Faz sentido. Senão, o cabo poderia ser descoberto antes e a tentativa de assassinato falharia.

Sebeck ponderou sobre aquilo.

— Mas então por que mandar alguém aqui para ligar essa coisa se a chave não fazia acontecer nada? Como você disse, para que falsificar uma ordem de serviço?

Os dois pensaram naquilo por alguns momentos. Ross se virou outra vez para Sebeck.

— Qual foi a primeira coisa que você fez depois que descobriu que o funcionário tinha ligado a chave?

— Nós o detivemos e requisitamos um mandado de busca para o escritório da empresa em que ele trabalha.

— E quanto tempo você perdeu esperando o mandado e revistando o escritório?

Sebeck fez uma careta.

— Tempo suficiente para que houvesse o segundo assassinato.

— Então talvez fosse uma distração para dar tempo a ele de matar o segundo programador.

— Portanto, a grande pergunta é: por que era tão importante matar esses dois programadores?

Ross franziu a testa.

Sebeck continuou olhando para ele.

— O que foi? Ross hesitou.

— Os faraós egípcios matavam os trabalhadores que construía suas pirâmides...

— Os programadores sabiam demais.

— Talvez. Sobol pode ter tido ajuda ao fazer o código daquela coisa. Afinal, ele estava morrendo de câncer.

Mas por que será que eles o ajudariam? Pavlos andava por aqui direto com sua moto empoeirada. Ele notaria que isso tinha sido feito para matá-lo. Ross se encostou novamente no capo do carro. Imagino que não tenham ajudado com essa parte. Provavelmente, foi Sobol que fez. Ides devem ter feito os códigos de outras partes do negócio, talvez coisas que não vimos ainda.

Ides ficaram um pouco em silêncio, pesando o significado de tudo aquilo. Ross foi o primeiro a quebrar o silêncio. É interessante que o tal do Singh tenha morrido tentando entrar na sala dos servidores.

— Por que isso é interessante?

— Bom, porque uma sala de servidores é só um grande cofre de armazenamento de dados. Bancadas e mais bancadas de servidores.

— Sim, e daí?

— E daí que se eu fosse um programador tentando chegar a um arquivo secreto de dados... ou então tentando parar, pessoalmente, uma máquina que rodasse um programa... provavelmente, eu tentaria entrar na sala dos servidores.

Sebeck se encostou no capo do carro próximo a Ross.

— Certo, então Singh, que provavelmente trabalhava com Pavlos, ouve sobre a morte do colega e vai direto para a sala dos servidores. Sobol previa que ele faria isso e o mata quando ele tenta entrar lá. Você acha que tem alguma coisa naqueles servidores?

— Provavelmente, não mais. Parece que Sobol encontrou o que quer que Singh tenha colocado lá. Em que ele trabalhava na CyberStorm, você sabe?

Sebeck esforçou-se para se lembrar do nome do projeto de Singh.

— Ele era programador de um jogo chamado... Portão?

— O Portal?

— Sim, isso mesmo.

Ross soltou um grunhido dolorido.

— O que foi agora?

— Sabe qual é a trama do jogo O Portal, sargento?

Sebeck lançou um olhar para Ross demonstrando que não tinha idéia. E sobre um culto que abre um portal para o Inferno, libertando um demônio que devasta o mundo. Sebeck apenas o encara. Ross ri.

— Estou falando do jogo do Sobol, sargento, não acredito em demônios e diabos.

— Ótimo! Fiquei preocupado por um instante.

— O único daemon que me preocupa é o que ataca o Unix. Tem uma ironia deliciosa aqui que tenho certeza de que Sobol não deixaria passar. Você saberia do que eu estou falando se tivesse jogado os jogos dele. Considere o seguinte: O Portal é um jogo do tipo MMORPG.

— E que porcaria é essa?

— RPG on-line, jogado por milhares de pessoas simultaneamente.

— E que porcaria isso quer dizer?

— Um jogo que é um mundo contínuo em 3-D experimentado, simultaneamente, por dezenas de milhares de jogadores pela internet.

Sebeck apontou para Ross.

— Certo isso parece ruim.

- Nesse caso, é algo muito ruim.

- Bom, os federais desligaram a força da sala inteira dos servidores ontem à noite. Não tem nem uma calculadora de bolso funcionando na CyberStorm neste instante. Então, qualquer coisa que ele tenha planejado...

Ross não parecia confiante. Sebeck insistiu.

- Droga, quero dizer que seja quem for que tenha feito isso não poderia colocar dezenas de milhares de cabos de aço e armadilhas para eletrocutar na casa das pessoas. E sem isso a coisa é, basicamente, um vírus de computador.

Ross apontou com o polegar.

- Preciso do meu laptop.

Ele se afastou e pegou a mochila no banco de trás do carro, apoiou-a no porta-malas e abriu o compartimento de cima. Sebeck foi até ele.

- O que está fazendo?

Ross tinha nas mãos um aparelho do tamanho de um cartão de crédito, e o girou em todas as direções.

- Estou vendo se tem um sinal wi-fi nesta área - ele olhou para Sebeck. — E tem, sim — ele apontou para o medidor no aparelho, que indicava um sinal forte.

Sebeck pegou o aparelho e começou a examiná-lo enquanto Ross pegava o laptop. — Certo, e o que isso prova?

Ross apontou para o portão descendo a rua.

- Precisamos achar alguma indicação de que estamos no caminho certo.

- E essa coisa indica isso?

- Bom, para começar, confirma que o portão ou o guincho podem estar ligados à internet por uma rede sem fio.

- Como a pequena caixa-preta na CyberStorm.

- Isso. E significa que um ser humano vivo não precisa estar envolvido nisso. O noticiário dizia que Joseph Pavlos vinha andar de moto aqui quase todos os dias. Isso quer dizer que o controle remoto dele só se tornou uma arma *depois* da morte de Sobol.

Sebeck assentiu com a cabeça.

O que significa que o Daemon disse ao portão para matar Pavlos depois de ler sobre a morte de Sobol.

- É o que eu acho. Agora, vamos ver o que eu consigo dessa rede sem fio. Sebeck se inclinou por cima do ombro de Ross.

- O que está procurando?

- O básico: qualquer coisa - Ross pôs a senha no seu computador, protegendo-a para que Sebeck não visse. Depois clicou no NetStumbler e esperou o programa abrir. — Este é um software gratuito que me ajuda a encontrar redes sem fio.

- Não sou um completo ignorante em computadores, Jon. Tenho uma rede sem fio em casa.

Ross virou o laptop para que a antena de wi-fi ficasse direcionada para o sinal da rede e quase o derrubou do carro. Ele pegou bem na hora, segurou-o no ar e continuou a procurar o sinal.

Depois de um momento, Ross sorriu.

- Muito bem. Peguei um ponto de acesso - o rosto dele ficou sério de repente e ele olhou para Sebeck.

Sebeck foi até ele.

- O que foi?

- Se tem uma coisa que aprendi jogando os games de Sobol é que o tempo trabalha contra você. Ou você age rápido ou morre.

- Certo, e...?

Ross virou o laptop para ele ver.

Sebeck se inclinou. Havia apenas um resultado na janela do NetStumbler que aparecia abaixo de uma coluna intitulada SSID. A rede tinha um nome simples:

DAEMON_63

- Eu diria que há mais problemas a caminho, sargento. Sebeck apontou.

- Entre no carro.

Capítulo 11:// A voz

DailyVariety.com

A afiliada da rede KTLZ em São Francisco assinou um contrato de dois anos com Hu Linn Chi para que ela seja sua nova repórter de comportamento, substituindo a veterana Anji Anderson. Essa jogada parece ser mais um passo na estratégia da emissora para atingir um público mais jovem, descolado e diversificado étnica e demograficamente.

Anji já estava fazendo air climber havia uns quarenta minutos. Sua música de fazer ginástica apagava quase tudo, menos a dor. Seu corpo exalava suor e raiva.

Como podiam tê-la substituído? Ela não era velha. Ainda não. Ela seguiu em frente.

O Bay Club era muito exclusivo e suas mensalidades eram bem caras, frequentado por executivos poderosos e suas esposas-troféu. Mais de uma vez ela achou que tinha visto alguns deles cochichando, e sobre ela. Sua desgraça profissional estava nas rodas. Ela se queimou com aquela humilhação.

Sem outro trabalho em uma emissora do mesmo nível, ela não conseguiria pagar aquela academia, muito menos o aluguel de onde morava. Seu cartão de crédito a mantinha seguindo em frente, com as pernas queimando.

Ela não tinha poupado nada, pois vinha projetando uma imagem de sucesso. Tentara esconder a realidade de suas origens modestas de todos e dela mesma. Mas aquele mundo artificial estava ruindo à sua volta. Muitos chamariam isso de vaidade. Ninguém entenderia que era mais do que isso. Era ambição. Uma disposição em arriscar tudo. Aquilo não era algo admirável?

O visor do celular de Anji acendeu, e o aparelho vibrou na bandeja em frente. Ela parou e tirou os fones de ouvido, esperou a respiração se acertar e pensou em não atender. O celular vibrou novamente.

Podia ser Melissa, com novidades sobre um trabalho. Ela olhou a tela. O telefone era desconhecido.

Anji deixou tocar mais uma vez e então atendeu.

- Anji falando.

- É a... Anji... Anderson? — disse uma estranha voz meio cortada e em tom uniforme. Uma mulher, britânica.

- Sou eu.

— Isso foi um sim?

O som era estranho. Devia ser uma chamada internacional.

— Sim, é Anji Anderson. Quem fala? Houve uma pausa.

- Estou ligando para contar uma grande história. Algo que está para acontecer.

— Não sei como conseguiu este número...

- Você acabou de perder o emprego. Posso lhe dar um grande furo de reportagem. Está interessada?

Anji ficou ali parada, tentando se decidir. O que era aquilo, algum tipo de esquema de telemarketing? Talvez outro daqueles fãs fanáticos que a perseguiram?

- Não ouvi a sua resposta. Quer a informação? Responda apenas sim ou não. Ela tentou imaginar o que Christiane Amanpour faria.

— Tudo bem. Pode falar.

- Tudo bem não é "sim" ou "não". Você precisa entender, antes de continuarmos, que não sou uma pessoa. Isto é um sistema de voz interativo e só consegue entender coisas específicas que você disser.

Anji desligou. Maldito telemarketing.

O telefone tocou de novo quase que imediatamente. Ela deixou cair na caixa de mensagens de voz. Telemarketing maluco. Olhou em volta para ver se alguém a estava observando. Ninguém parecia olhar para ela.

O telefone fez um bipe e o texto nova mensagem de voz apareceu na tela. Ela ficou olhando o display, esperando o telefone tocar novamente. Mas não tocou.

Ela apertou o botão para acessar a caixa de mensagens, colocou o telefone perto do ouvido, afastou-o e digitou sua senha. Depois o levou ao ouvido novamente.

A familiar voz computadorizada disse:

— Você tem... uma... nova mensagem.

Então começou a mensagem. Era aquela voz uniforme feminina e britânica de novo. - Anji, assista às notícias hoje à noite. A história mais importante do mundo está para acontecer em Thousand Oaks, Califórnia. Da próxima vez que eu ligar, talvez você me ouça.

Anji salvou a mensagem. Será que ela deveria contar aquilo para alguém? Talvez chamar a polícia?

Mas e se a voz estivesse dizendo a verdade? Ela pensou melhor naquilo: e se estivesse mesmo dizendo a verdade? Pensou mais um pouco, depois pegou sua garrafa de água e correu para o vestiário.

Capítulo 12:// Abrindo o portal

De: Eichhorn, Stanley J.

Para: Oficiais da polícia; Unidade de Crimes Especiais;
Unidade Antibombas

Assunto: Mandado de serviço na propriedade de Sobol

Texto da mensagem:

East County SD vai ajudar o FBI hoje com o mandado de busca na propriedade de Sobol em Potrero Road, 1215. Policiais no segundo turno de trabalho ficarão à disposição até às 18h. Os policiais convocados para trabalhar com o FBI devem chegar uma hora mais cedo para receberem as informações necessárias na sala 209. Os membros do Esquadrão Antibombas devem se apresentar na sala 202 às 11h.

Sebeck e Ross desceram de carro pela Potrero Road, passando pelos haras de cavalos árabes e pelas antigas mansões reformadas, situadas entre os morros pelos quais passavam. Fazia sol e calor. Carvalhos californianos faziam sombra na pista e se agrupavam densamente ao lado de pesados portões de entrada de ferro, ladeados por cercas de madeira branca e muros de pedra. A maioria das mansões ficavam longe da entrada e escondidas por morros e vegetação. O cheiro apimentado de feno perfumava o ar. Ross estudou o cenário.

- A onde estamos indo, sargento?
- Para a propriedade de Sobol. O FBI está lá.
- Achei que ia me levar de volta ao meu carro.
- Preciso que mostre ao FBI a mesma coisa que me mostrou lá atrás.
- Olha, eles sabem onde me encontrar se tiverem alguma pergunta para mim.

- Aí é que está. Acho que não terão. E também acho que nenhum dos técnicos forenses deles jogou um dos jogos de Sobol.

A voz da central de polícia surgiu no rádio. Sebeck pegou o fone de ouvido.

- Aqui é D-19. Estou a 10-97 de Potrero Road, 1215. Câmbio - ele olhou para Ross. — Chegamos.

Sebeck virou à esquerda e passou por dois carros de polícia que guardavam o portão de entrada de uma propriedade enorme. Ele acenou com a cabeça para os policiais ali parados e passou por eles seguindo pela estradinha de entrada, cercada por carvalhos antigos. Por entre os troncos eles puderam ver algumas cenas de uma bela vila mediterrânea a distância. Não era uma réplica. Parecia uma autêntica mansão da década de 1920, com cúpulas e telhados oblíquos cobertos com azulejos de terracota. A mansão ficava a uns trezentos metros da rua, rodeada por um bosque de *manzanitas*.

Ross assobiou.

Sebeck assentiu com a cabeça.

— É eu não sabia que tinha tanta grana envolvida em jogos de computador.

- Eles geram mais lucros que Hollywood.

O caminho terminou em um grande pátio de pedra, com estábulos de um lado, uma garagem para seis carros e um anexo, que podia ser uma casa de hóspedes ou um escritório. A casa principal ficava bem na frente, com gramados dos dois lados que chegavam até o pátio. Por algumas aberturas, Sebeck pôde olhar a vista deslumbrante dos campos da propriedade.

Mais de dez carros de polícia estavam parados no pátio, sedas do FBI, viaturas, a van dos técnicos forenses, uma ambulância e um pequeno caminhão do esquadrão antibombas, com um trailer atrás. E ainda sobrava muito espaço, o pátio era enorme.

Sebeck parou depois de um seda com placa branca do governo, e ele e Ross saíram. Cerca de vinte policiais estavam parados diante da entrada da mansão. Eles ouviam Neal Decker falando de cima dos degraus que levavam até a pesada porta de madeira da mansão. Era uma mistura de policiais do condado e locais, junto de agentes federais usando blusões azuis com FBI escrito em letras

grandes nas costas. Era impossível ouvir o que ele dizia da distância em que eles estavam.

Nathan Mantz veio até Sebeck quando ele e Ross chegaram.

- Oi, Pete. Chegou bem na hora.

— Como foi lá na prefeitura?

Mantz balançou a cabeça negativamente.

— Nenhuma permissão para aquela casinha do guincho. O portão foi instalado por uma empresa grande chamada McKenser e Filhos. Licenciada, com garantias, legítima. Não havia nada na licença que fizesse referência ao guincho. Liguei para o escritório da McKenser e eles estão checando seus arquivos.

Mantz olhou para Ross.

- Você é o cara da computação que os federais estavam interrogando? — ele estendeu a mão. - Detetive Nathan Mantz.

Ross apertou a mão dele.

— Jon Ross. E eles me liberaram, só para deixar claro. Sebeck manteve os olhos na multidão de policiais a distância.

— Sim, ao que parece, o senhor Ross é especialista em vários assuntos. Eu o levei até a cena do crime no cânion e ele nos deu várias ideias novas sobre

O assunto. Tenho informações importantes para o Decker — Sebeck apontou para ele, que continuava falando com suas tropas.

— O que os federais estão aprontando?

— Estão se preparando para revistar a casa. O esquadrão antibombas do FBI e seus técnicos forenses vieram de Los Angeles. Decker está tratando isto como uma busca perigosa.

Ross concordou com a cabeça.

— Ele tem razão, é mesmo.

Mantz lançou um olhar de curiosidade para ele. Sebeck apontou para Ross.

— Ele acha que é mesmo o Sobol, não alguém da CyberStorm. E me fez pensar que pode ser realmente isso.

Mantz assentiu impressionado.

— É mesmo?

Sebeck arrancou uma página de seu caderninho de anotações e deu-a a Mantz.

— Nathan, me faça um favor. Este é o fabricante e o número de série da caixa do guincho. Quando voltarmos à central, cheque se eles têm um registro que mostre para que loja eles mandaram. Vamos descobrir o que mais foi comprado.

— Pode deixar — Mantz guardou o papel no bolso.

Sebeck caminhou até o grupo de oficiais. Ross e Mantz o seguiram. Eles passaram por três agentes do FBI que preparavam um robô de detecção de bombas. Ross se interessou por aquilo, olhando por cima dos ombros deles, enquanto testavam câmeras com um grande controle remoto.

Estavam tendo problemas. O operador bateu no controle.

— Tente o canal quatro. A imagem ficou melhor? Sebeck puxou Ross para continuar.

Decker continuava falando com sua tropa.

— ... papéis, computadores, componentes elétricos, ferramentas. Inicialmente, tudo deve ser considerado perigoso até que o esquadrão antibombas considere o cômodo liberado. Se encontrar algum aparelho...

Decker se inclinou para baixo enquanto o agente Straub lhe dizia algo.

Depois olhou novamente para a multidão reunida.

Um momento. Alguém mais está tendo problemas com o rádio?

A maioria dos policiais levantou a mão e disse que sim.

Sebeck notou um homem de cerca de cinquenta anos e uma mulher de quarenta e poucos no meio dos agentes do FBI. Os dois civis pareciam pensativos. Sebeck se virou para Mantz. Ele respondeu: — O segurança e a caseira. Marido e mulher. A viúva de Sobol mora em Santa Bárbara. Eles se separaram antes da morte dele. E ouça isto: ela disse que não poderia morar nessa casa porque ouvia vozes. Estão procurando por ela neste momento. Eu esperava que ela estivesse aqui... - ele tirou uma página de revista do bolso e a desdobrou, revelando uma loira bonita e bronzeada vestindo um pequeno biquíni, esticada sobre a areia de uma praia tropical.

- Esta é a viúva Sobol. Miss Nova Zelândia 2001. Sebeck pegou a página.

- Nossa!

Ross se inclinou para ver. -Uau!

Mantz pegou de volta a página.

- Mais respeito, gente. Ela está sofrendo - ele a dobrou novamente e a guardou no bolso. - Sobol pode ter morrido de câncer, mas eu ainda invejo o desgraçado.

Sebeck já estava andando em direção ao grupo de agentes e policiais. Foi passando por eles e se dirigiu logo ao delegado assistente Eichhorn.

- Ei, chefe - Sebeck chegou ao lado dele e apontou para Ross. - Aquele é Jon Ross, consultor de informática da Alcyone.

Eichhorn fez um aceno de cabeça em direção a Ross.

— Um dos caras que os federais levaram para a delegacia.

— Eles o liberaram hoje de manhã. Eu estava dando uma carona para ele até Woodland Hills e parei na cena do crime do Pavlos para pegar o número de série do guincho. O senhor Ross detectou uma rede sem fio lá e tem boas teorias a respeito de como Sobol está fazendo tudo isso. Acho que Decker deveria conversar com ele.

— Pete, o FBI trouxe especialistas de Los Angeles e Washington.

— Sim, claro, mas não sei quantos deles gastaram horas e horas jogando os games de Sobol. Ross fez isso.

— Sem querer ofender, Pete, mas eu não posso avaliar as habilidades do senhor Ross, você pode?

- Algum técnico deveria ouvi-lo.

De repente, o chefe da equipe do robô do FBI passou no meio deles e chamou Decker até o pátio.

- O robô não vai funcionar, Neal. Tem interferência no sinal. O cara deve ter espalhado torres de espectro de rádio ou algo assim lá dentro.

Decker olhou em volta.

- Devemos pedir para a prefeitura cortar a luz da casa?

O operador chefe conversou com os outros dois técnicos e depois se virou para Decker.

- Os técnicos forenses de informática vão preferir que ela esteja ligada, senão podem perder evidências que estão na memória.

Decker assentiu vigorosamente com a cabeça.

- Claro... Eu sabia disso.

Ele falou baixo com os agentes Straub e Knowles. Após um momento, levantou a cabeça e anunciou:

- Certo, vamos para o plano B. O esquadrão antibombas entra com a fibra óptica. Guerner, prepare a sua equipe.

Três homens cheios de assessórios apareceram — coletes grossos de Kevlar, capacetes à prova de balas e caixas de ferramenta de plástico se moveram por entre a multidão. Os oficiais se afastaram para que eles passassem.

Decker acenou com as duas mãos:

- Todos voltando para trás dos veículos, pessoal!

Os policiais foram até onde os carros estavam estacionados, no pátio, e ficaram parados do lado mais distante. Decker os seguiu.

Sebeck olhou para o chefe Eichhorn e então se aproximou de Decker.

- Agente Decker, tenho informações importantes sobre a cena do crime lá no cânion.

- Preciso resolver isso aqui primeiro, sargento - Decker tentou ver se o rádio funcionava de novo e então deliberou com o esquadrão antibombas.

Sebeck se encostou em um carro próximo e olhou para Ross.

- Se Sobol está por trás dos assassinatos, devemos encontrar alguma evidência aqui.

Ross olhou em volta.

- Olha, o FBI sabe onde me achar, sargento. Só quero voltar para o meu hotel e recuperar minha lista de clientes.

- Não até eu conseguir colocar você frente a frente com Decker.

O agente Andrew Guerner tinha orgulho de sua equipe. Rick Limon e Frank Chapman haviam trabalhado com ele na Unidade de Explosivos do FBI durante quatro anos e atendido a chamados sobre bombas nos Estados Unidos e fora dele, verdadeiras e falsas. Juntando suas experiências, eles chegavam a trinta e cinco anos. Como desarmador de minas do Grupamento 101 de Paraquedistas, Guerner tinha muita experiência de campo em demolições, armadilhas, dispositivos explosivos improvisados e celulares detonadores. Ele desarmou minas da Bósnia até o Iraque e passou

dois anos como instrutor em explosivos em Quântico. Seus colegas tinham experiência nas Forças Especiais e também no Aberdeen Proving Ground, em Maryland. Era uma equipe de primeiríssima qualidade.

As instruções de Decker detalharam as duas primeiras mortes e também provaram que o tal do Sobol era um tipo genial. Guerner estalou a língua sob o capacete. Já tinha visto muitos aparelhos engenhosos até então. E estavam todos em seu laboratório, desarmados.

Ele se virou para os companheiros e fez um sinal com a cabeça. Limon e Chapman responderam com o mesmo gesto. Bem longe deles, os policiais faziam o sinal de positivo. Guerner começou pegando o cabo de fibra óptica e abrindo o visor de seu capacete, procurando por um espaço de tamanho suficiente para fazer aquilo passar por baixo da porta da mansão. Não havia nenhum. Patecia uma autêntica porta de um estabelecimento de missionários espanhóis. Pena.

Fez um sinal com a mão para Limon, que se inclinou para a frente e fez um buraco na porta com uma furadeira a bateria.

Guerner passou o cabo pela abertura e aproximou os olhos das lentes. Então, foi virando o cabo para cá e para lá, examinando cada ângulo do cômodo atrás da porta.

Nossa, mas que belo piso.

Provavelmente, mármore de Veneza. Ele tinha acabado de colocar azulejos de cerâmica no banheiro de baixo de sua casa, e por isso apreciava mais essas coisas agora. Examinou as duas escadas gêmeas, que subiam fazendo uma curva e chegavam ao mesmo ponto acima da sala. Havia três portas ali, sem incluir a porta de entrada. Aquele salão devia ter cerca de sete metros de comprimento e oito de largura. O trabalho em madeira tinha sido bem feito, descendo direto até os rodapés.

Ele se voltou para trás e fez um sinal para Limon, que se adiantou com um detector de frequências.

Limon passou o detector por toda a moldura e depois por toda a face da porta, observando intensamente o pequeno monitor de LCD.

- O aparelho enlouqueceu - ele o afastou da porta e continuou olhando. - Estou pegando sinais em todas as frequências.

Interessante. Por um momento, Guerner considerou usar uma folha de explosivos para detonar a porta, mas o carvalho antigo era reforçado com tiras pretas de ferro, e provavelmente era muito grossa. Usar serras elétricas seria complicado. Faíscas, ao tentar cortar o ferro, poderiam acionar o sistema anti-incêndio.

— Pegou a chave com a caseira?

Chapman se inclinou para a frente e colocou a pesada chave na mão enluvada de Guerner. Ele ficou surpreso com o peso da chave. Dava para quebrar uma janela com ela, por isso a examinou de perto: uma haste reta de bronze com um cristal na ponta. Ou seria um diamante? Ele olhou para a fechadura. Era normal. Provavelmente, o mecanismo devia estar sintonizado à frequência de vibração precisa do cristal quando submetido a uma corrente elétrica. Uma porcaria sofisticada.

Olhou para seus companheiros.

— Janela.

Ele se moveram até a maior e mais próxima janela. Ficava cerca de cinco metros à direita. Guerner olhou através dela e viu uma sala de estar com teto alto e vigas, paredes de estuque e uma grande lareira. Prateleiras enormes de livros se alinhavam nas paredes. Um sofá e móveis autênticos de uma casa de missionários estavam dispostos pelo cômodo. Ele viu pelo menos dois sensores de movimento nos cantos perto do teto, que também tinha sprinklers antifogo. Fazia sentido, estando tão afastado da estrada. Também significava que devia haver uma bomba de água de emergência ou uma conexão com os bombeiros lá fora. Ele não se lembrava de ter visto nada disso na planta.

Continuou olhando pela janela.

— Limon, os sprinklers estão na planta?

Guerner ouviu seus companheiros folheando os desenhos.

— Não aparecem.

— Droga. Ela não é precisa.

Olhou com cuidado todos os cantos da janela. Depois mirou uma lanterna nos cantos. Nenhum sensor visível, mas ele sabia que

tinha um alarme ali. Decker ordenou a Guerner que tratasse aquele lugar como uma armadilha mortal em potencial. E, por causa da eletrocussão na CyberStorm, Guerner concordava. Ele pensou novamente em usar a chave da frente e levou sua equipe de novo para a porta.

— A caseira desativou o alarme e usou a chave sem nenhum problema hoje pela manhã. Acho que devemos fazer o mesmo - então olhou para os outros dois.

Limon e Chapman assentiram com a cabeça.

Limon passou para ele uma pequena vara com uma manopla na ponta. Guerner pegou-a e encaixou na ponta da chave. Ele estendeu o braço e, com a mão firme, colocou a chave na fechadura. Nem precisou girar; ela emitiu um clique alto. Ele soltou a chave e usou a vara para virar a maçaneta. Depois, respirou fundo e empurrou a porta, que se abriu muito suavemente, para uma porta daquele tamanho.

Eles olharam para dentro. Limon tentou fazer uma nova leitura de frequência, enquanto Chapman pegava um aerossol em sua caixa de ferramentas. Ele olhou para Guerner, que assentiu com a cabeça, e então espalhou seu spray pela entrada da porta.

Os três estudaram a fumaça, procurando por feixes de laser, mas não viram nada.

Guerner fez um sinal com a mão que significava avançar.

Ele foi o primeiro a passar pela porta, segurando sua varinha para a frente. Vagarosamente, chegou ao canto da sala e olhou em volta. Era maravilhosa. Seus companheiros o seguiram. Limon colocou um calço de plástico para manter a porta aberta.

Guerner checkou seu rádio.

- Líder da Equipe Azul, aqui é a Unidade B, está me ouvindo, câmbio? Não havia nada, apenas estática.

Limon olhou para ele.

— Este lugar é uma tempestade de sinais de rádio.

De repente, ouviram uma movimentação lá em cima, como se alguém andasse. Passos ecoando na madeira. Eles se entreolharam. Guerner pegou o rádio.

- Líder da Equipe Azul, tem alguém aqui. Está na escuta? Só estática.

Bem naquele momento, uma voz bastante clara surgiu no fim do corredor de cima.

— Quem está aí? — a voz ecoou no chão de mármore. Guerner soltou a trava de seu coldre e levantou seu visor.

- É o FBI! Apareça com as mãos na cabeça!

Nenhuma resposta. Mas de novo ouviram barulho de passos. Os passos começaram a descer a escada de mármore à direita deles, a uma certa distância. Eles viam a escada claramente, mas não havia ninguém ali. E podiam ouvir o som de uma mão escorregando pelo corrimão de metal.

Instintivamente, todos sacaram suas armas.

Limon bateu no braço de Guerner.

— Nossa, será que somos idiotas? Isto é um truque — mesmo assim, não baixou sua arma.

Guerner continuou focado na escada.

Eu sei. Mas é um truque impressionantemente genial.

Agora os passos estavam vindo pelo chão na direção deles. Guerner caminhou para a porta.

— Vamos sair rapazes.

Então, no ar, a pouco mais de um metro deles, uma voz masculina gritou:

- Vocês não pertencem a este lugar!

O que aconteceu em seguida surpreendeu até mesmo um veterano como Guerner. O som mais profundo que já tinha ouvido na vida passou sobre e por ele. Então houve um silêncio, até que a mesa antiga perto dele começou a vibrar tão violentamente que passou a se mover pelo chão. Um vaso de cristal que estava sobre ela explodiu.

Repentinamente, Guerner sentiu como se alguém segurasse seus intestinos por dentro do colete de sua roupa de Kevlar. Ele não teve nem tempo de avisar a Limon e Chapman antes de se dobrar sobre o chão de mármore e vomitar. Suas entranhas pareciam serpentes se contorcendo e tentando subir e sair de dentro do seu corpo. A agonia era intensa. Todo o seu ser estava tomado por uma

sensação profunda e primitiva de pavor, como se um mal palpável tivesse entrado nele.

Guerner era um homem da ciência e da razão, mas todo aquele conhecimento do mundo o abandonou, deixando-o sozinho no chão, chorando aterrorizado. Ele se arrastou por cima de seu vômito ouvindo gritos insanos. E então percebeu que os gritos vinham dele mesmo.

Sebeck, Ross e Mantz estavam em pé junto aos policiais no pátio. Um momento antes, tinham ouvido Guerner gritar dando um aviso para alguém na casa. O chefe Eichhorn se inclinou para confirmar com a caseira que não tinha mesmo ninguém lá na mansão.

O telefone de Sebeck tocou. Ele o pegou do cinto.

— Sebeck.

Uma voz vagamente reconhecível disse:

- *Detetive Sebeck*, eu só precisava saber onde você estava — a conexão se dissolveu em uma onda de estática.

Mantz percebeu a expressão de assombro de Sebeck.

- Quem era Pete?

Sebeck ficou encarando o celular e depois olhou para Ross.

- Não tenho certeza, mas acho que era Matthew Sobol... foi exatamente nesse momento que os gritos começaram, e eram os mais horripilantes que Sebeck já tinha ouvido, como se um homem estivesse sendo queimado vivo. Agentes e policiais foram em direção à porta da frente, mas, antes que se afastassem, Decker gritou:

- Não entrem e fiquem preparados!

Eles diminuíram o passo por um momento, mas então viram Limon se esforçando para sair pela porta, rastejando com as mãos e os joelhos. Sua roupa de Kevlar estava coberta de vômito e seu capacete tinha caído. Ele sangrava pelo nariz, pelos olhos e pelos ouvidos e se movia como se estivesse cego.

Sebeck e alguns outros se apressaram para ajudado. Limon ainda estava a vinte metros deles. Eichhorn e Decker gritaram para que tomassem cuidado, e, com os olhos todos voltados para a

frente, ninguém notou a porta do meio da garagem abrir, silenciosamente, atrás deles.

O primeiro aviso que receberam foi o barulho gutural do poderoso motor, e depois os pneus cantando. Sebeck e os outros oficiais se viraram e encararam a frente de um Hummer preto saindo da garagem. Ele partiu para cima dos que estavam mais próximos e esmagou um policial e um agente do FBI contra a lateral de um dos carros dos federais, chocando-se com tanta força que o carro bateu em uma viatura policial que estava atrás.

Sebeck ficou em pé, paralisado pela incompreensão. Ele conseguia ver claramente que ninguém estava dirigindo o Hummer. Havia seis antenas altas nele, que ainda chacoalhavam por causa do impacto, além de estranhos sensores no capô, no teto e no para-lama.

O motor rosnou ao dar a ré, se afastando do carro batido e dos corpos caídos no chão de pedra. O para-choque tinha só um arranhão e estava coberto de sangue.

Tudo aconteceu muito rápido. Dois homens tinham acabado de ser mortos. A adrenalina invadiu o corpo de Sebeck.

Pessoas corriam em todas as direções e gritavam. Sebeck olhou para a porta da mansão e viu os outros dois membros do esquadrão antibombas correndo para fora da casa e gritando. Um deles tropeçou nos degraus de saída e caiu no jardim de flores, onde começou a sofrer uma convulsão.

Policiais e agentes do FBI sacaram suas armas e começaram a atirar contra o Hummer, enquanto ele fazia uma curva no final do pátio e começava a acelerar novamente. Vários tiros se sucederam, ecoando na lateral da casa. O cheiro familiar e pungente de pólvora trouxe Sebeck de volta à razão, e ele sacou sua Beretta do coldre. Puxou o ferrolho para trás, segurou com as duas mãos a arma e abriu fogo. Mirou nos pneus do Hummer.

Sebeck viu as marcas dos tiros nos pneus, mas eles não tiveram efeito. Ou os pneus eram resistentes a furos ou tinham sido feitos de borracha sólida. Então ele mudou a mira para as janelas, mas se lembrou de que não havia ninguém em quem atirar.

Agora o Hummer tinha virado diretamente para eles. Policiais e agentes deram alguns últimos tiros frenéticos antes de correrem por entre os carros estacionados. O veículo bateu bem na lateral de outro carro da polícia, fazendo-o rodar e se chocar com outros dois carros, que acabaram batendo na parede do pátio e acertando alguns policiais. A enorme força e

O barulho da batida fizeram Sebeck correr para o primeiro lugar mais alto que achou, um muro do jardim.

Os gritos de dor dos policiais atingidos chegaram aos seus ouvidos. Ele olhou para trás e viu o Hummer se movendo em vaivém para trás, enquanto sua marcha zunia. Ele derrapou de forma selvagem e lançou um policial no ar com sua lateral. O homem saiu rolando pelo pátio. Virando-se para ele, o

Hummer acelerou para frente antes que conseguisse se levantar, e ele começou a gritar ao ficar sob os pneus do carro. Seu corpo foi arrastado pela metade do pátio, até acabar se soltando.

Sebeck gritou de raiva e esvaziou sua pistola na traseira do Hummer, enquanto ele perseguia dois agentes que corriam em direção ao curral.

Um agente com uma escopeta correu na direção do carro quando ele passava e atirou duas vezes, destruindo as janelas e mandando pedaços de plástico para o ar. Ele continuou atirando enquanto o carro seguia em frente.

Gritos preenchiam o pátio agora. Ali perto, Sebeck viu Decker gritando para o rádio.

— ... Está me ouvindo?

Lá nos portões da frente, a policial Karla Gleason estava parada tomando sol e vigiando, à espera da imprensa. Não tinha havido nenhum chamado por rádio da mansão, o que era estranho, mas ela esperava ao lado de sua viatura, atenta e imaginado: quanto valeria aquela casa?

Do outro lado da entrada, o policial Gil Trevetti estava em pé ao lado de sua viatura, acenando para que um motorista curioso fosse embora. Foi quando o barulho de tiros chegou aos ouvidos de Gleason. Ela e Trevetti trocaram olhares e depois correram para a cerca.

Tudo parecia normal. A mansão estava meio escondida por causa das árvores por isso nenhum dos carros dos policiais era visível dali. Mas agora os disparos continuavam como fogos de artifício. Era um número absurdo de tiros, sem parar, talvez fossem mesmo fogos.

Gleason apertou o botão do rádio em seu ombro.

- Unidade 920 para qualquer membro da Equipe Azul disponível: 10 7.1?

Nenhuma resposta.

- Repetindo. Unidade 920 para qualquer membro da Equipe Azul disponível: 10-73?

Um motor de caminhão rugiu distante e depois houve um barulho de batida.

- Que diabos está acontecendo aqui, Gil?

O inconfundível som de uma escopeta chegou aos ouvidos deles. Cinco tiros em cinco segundos. Gleason conhecia bem aquele som. Ela apertou o botão do rádio novamente.

- 920 para Controle, múltiplo 10-57 em Potrero Road, 1215. Repetindo, múltiplo, múltiplo 10-57. Código 30. Perdido o contato por rádio com a Equipe Azul.

O pátio estava um caos quando o Hummer rugiu voltando do jardim e acertando de frente a ambulância, lançando vidro e destroços no ar. Ele continuou, empurrando a ambulância de lado até a entrada dos carros e, assim, bloqueando a saída.

O tempo inteiro os policiais mantiveram uma chuva de tiros no carro, deixando sua carroceria toda furada de balas, o que não pareceu ter efeito nenhum, apesar de alguns dos sensores agora estarem pendurados pelos fios.

Ele continuou ziguezagueando pelo pátio e finalmente mirou em um agente que atirava nele em frente à garagem. O homem parou de atirar e correu para dentro para se proteger.

O Hummer passou direto pelo muro atrás dele e emergiu do outro lado, deixando grandes fragmentos e paredes destruídas e tombadas após sua passagem.

Sebeck deu o último tiro de seu terceiro pente na traseira, quando o carro voltou ao jardim. Ele acrescentou a sua voz aos

gritos e ao choro dos feridos.

- Nathan!

- Aqui, Pete! - Ele respondeu e veio correndo pelo pátio com uma escopeta e uma caixa de cartuchos.

Vários porta-malas estavam abertos por causa das batidas, e os policiais estavam pegando armamentos pesados neles.

Sebeck apontou para o veículo do esquadrão antibombas.

- Fique com o senhor Ross e garanta que ele escape daqui. Ele tem informações de que o FBI vai precisar.

- E você?

- Vou ajudar com os feridos. Vá logo!

Nathan lançou um último olhar para ele e então correu até a van do esquadrão antibombas. Sebeck se escondeu entre algumas viaturas policiais danificadas e quase escorregou no sangue enquanto corria pelo pátio. Um braço cortado estava caído perto de um para-choque. Sua mente estava tendo problemas em se concentrar, cercada por tanta coisa e por tantos cheiros. Policiais tentavam tirar um agente do FBI que estava sangrando debaixo de um carro antes que o Hummer voltasse. O homem ferido gritava de dor e pânico.

Ali perto, Sebeck viu Aaron Larson sendo atendido por um agente do FBI e um policial, e ele parecia sentir muita dor. Estava em pé entre dois carros, como o recheio de um sanduíche.

Sebeck se virou e gritou pelo pátio:

- Tragam a caminhonete para cá, precisamos separar estes dois carros! -Depois, guardou sua pistola e correu para ajudar.

Gritos de comando ecoavam de cada canto do pátio. Não consigo falar com ninguém pelo rádio!

- Os celulares também não funcionam! Ide está voltando!

Decker subiu no teto amassado de seu carro. Coloquem os feridos nas vans e desçam para a estrada!

Sebeck estava correndo pelo meio do pátio quando o Hummer surgiu atrás dele, vindo de um vão entre a casa e a garagem, jogando pequenos destroços no ar.

- Cuidado, Pete!

Uma erupção de tiros surgiu quase imediatamente. Uma bala passou assobiando pela cabeça de Sebeck. Ele se abaixou e então virou para ver o Hummer que ia em sua direção. Já estava quase em cima dele. Ele sentiu a vibração do motor potente em seu peito e a grade dianteira preta vindo diretamente para ele.

E então o veículo freou bruscamente e parou a poucos centímetros dele. Sebeck ficou parado sem se mexer, com o coração disparado, diante daquela grade de aço. Seus olhos focaram a placa da frente: AUTOM8D. Ela cheirava a sangue. De repente, a placa começou a se afastar, pois o Hummer deu marcha a ré, indo para longe dele. Depois acelerou de novo, passando longe á esquerda de Sebeck, e indo em direção ao agente do FBI e ao policial que ajudavam Aaron Larson. Eles correram quando Larson gritou.

A balida empurrou os carros pelo pátio e jogou o corpo de Larson para o alto como se fosse um boneco.

Sebeck ficou parado sem reação, em estado de choque, no meio do pátio, entre gritos, tiros e o rugido do motor do Hummer. Ele ainda estava vivo e não sabia por quê.

Então ouviu o som familiar dos motores V8. Dois carros da polícia do condado de Ventura subiam a estrada que vinha dos portões, com suas luzes piscando. Eles frearam bruscamente, parando perto da ambulância que bloqueava a entrada. Um policial pulou de um dos carros e correu até o corpo de Larson, enquanto uma policial se inclinava para o banco do passageiro de seu carro e abria fogo contra o Hummer com uma escopeta. Sebeck mal percebeu alguém puxando seu braço.

— Pete! — Ele se virou para olhar o policial Gil Trevetti. — Larson está morto! Temos que sair daqui! — Trevetti puxou Sebeck em direção a um carro de polícia próximo.

Um barulho alto chamou a atenção de Sebeck, que se virou e viu o pequeno veículo do esquadrão antibombas cheio de policiais e agentes pendurados no trailer atrás dele, acelerando pelo pátio. Mantz se inclinou para fora do trailer, apontou o dedo para Sebeck e depois em direção à saída. A picape do esquadrão passou por cima de uma roseira e depois seguiu em frente pela grama.

Sebeck voltou à realidade e se virou para Trevetti.

— Certo. Entendi. - Ele entrou na viatura enquanto o Hummer acelerava para interceptar a picape do esquadrão antibombas à distância.

No banco da frente do caminhão do esquadrão antibombas, Ross viu o Hummer vindo na direção deles como um torpedo, deixando o rastro paralelo de seus pneus na grama fofa.

— Ele vai nos acertar! - gritou o agente que dirigia. - Não consigo manobrar nesta grama.

Ross olhou para o agente.

— Vire na direção dele e vá de frente.

O agente o olhou como se ele estivesse louco.

— Ele vai evitar uma colisão frontal com um objeto maior que ele.

— E como é que você sabe disso?

— Porque Sobol, provavelmente, está usando motor de física dos jogos dele. Diante do olhar vazio do motorista, ele gritou:

— Vá para cima do Hummer, droga!

O motorista mirou os intensos olhos de Ross. Não havia nenhuma dúvida em relação ao que ele dizia. Então virou a direção para avançar de frente para o Hummer que os perseguia.

Agentes e policiais que se seguravam ao caminhão gritaram para o motorista. O Hummer acelerou, vindo direto para o caminhão, mas, no último instante, virou para o lado, acertando apenas o para-lama dianteiro dele com a ponta de seu para-choque traseiro.

A comemoração tomou conta do caminhão. O motorista acelerou diretamente para a cerca da propriedade e deu uma olhadela para Ross.

— Como é que você sabia daquilo? Ross apontou e gritou:

— Reduza!

A cerca era de ferro forjado, com uma base de alvenaria. Eles bateram nela a pelo menos uns 50 km/h, com a frente virada para Potrero Road, e depois bateram no barranco do outro lado. Ross levantou as mãos e bateu no para-brisa junto com os dois policiais que também estavam sentados na frente, quebrando-o com o peso deles e voltando ao banco quando o caminhão finalmente parou.

Houve grunhidos de dor tanto daqueles que já estavam feridos quanto daqueles que tinham acabado de se machucar. Alguém gritou:

— O que você está tentando fazer, droga? Nos matar?

Ross sacudiu a cabeça para acordar e agora conseguia ouvir o som de sirenes se aproximando. Muitas delas. Ele olhou para suas mãos e viu que estavam cortadas apenas de leve. Seguiu os policiais para fora do caminhão.

Eles correram até o trailer que estava tombado do outro lado da estrada, o lado em que ficava a propriedade. Podiam ver o Hummer do outro lado da cerca. Ele não os seguia, mas ficava investindo de um lado para o outro como se fosse um touro bravo, girando e arrancando grama.

Os policiais abriram fogo novamente contra ele, esvaziando suas pistolas, escopetas e um rifle M-16, enquanto gritavam palavrões. O Hummer correu de volta para a mansão.

Ross tapou os ouvidos por causa do barulho e olhou para a estrada, vendo os veículos de emergência que se aproximavam.

Tinha começado. Ele sabia que não havia chance de conter o Daemon agora. E as armas eram inúteis contra ele.

Capítulo 13:// Demo

[BBC. co.uk](http://BBC.co.uk)

Gênio da computação morto é responsável por chacina de policiais e agentes federais - Thousand Oaks, Califórnia - Autoridades cercaram uma propriedade que pertencia a Matthew Sobol, criador de jogos de computador, líder em seu segmento, que morreu esta semana de câncer cerebral. Seis homens da lei morreram e outros dezenove ficaram feridos ao cumprirem um mandado de busca na propriedade. Eles teriam sido atacados por um SUV controlado por computador que ainda está rodando pelo local.

A casa de Anji em seu condomínio em North Beach tinha teto de estanho prensado de quatro metros, pisos de madeira original, janelas enormes com a fabulosa vista das janelas do outro lado da rua e charme vitoriano suficiente para atrair elogios invejosos das pessoas mais esnobes que ela conhecia. Levou anos para decorá-la, e Anji nunca se cansava de apreciar aquele estilo que refletia o que ela era. Mesmo que agora não pudesse mais bancar aquilo.

Mas seus olhos estavam colados na TV de plasma pendurada na parede ao lado de um quadro vitoriano, na sala de estar. Eram notícias de Thousand Oaks, Califórnia, exatamente como a Voz tinha prometido.

Ela se sentou paralisada de medo e excitação ao mesmo tempo, absorvendo as imagens na tela.

Na ausência de fatos, uma repórter local transformava, sem parar para respirar, boatos em notícias sob as fortes luzes de uma entrada ao vivo externa.

- Obrigado, Sandy. Nossas fontes descreveram a cena como um grande massacre e uma devastação na propriedade. A área foi isolada e chegaram as unidades táticas do FBI. Repetindo, uma máquina assassina robótica está rodando pela propriedade. Ela foi

colocada lá por um homem que acabou de morrer. O louco Matthew Sobol.

O celular de Anji vibrou na mesinha em frente. Ela olhou o visor e se encolheu aterrorizada. O telefone vibrou novamente, se movendo de leve pela mesinha.

Christiane Amanpour atenderia.

Anji pegou o telefone timidamente e apertou o botão de atender, sem fazer nada, apenas escutando.

Uma voz masculina apareceu na linha.

— Você sabe quem sou eu? Responda apenas sim ou não.

Ela olhou para as cenas que apareciam na TV, de policiais feridos sendo colocados em ambulâncias.

— Sim.

— Diga meu nome de forma clara.

— Matthew Sobol.

Houve um momento de silêncio. E então: — Se você falar com as autoridades, eu saberei, e então perderá a exclusividade nesta história. As mãos de Anji tremiam enquanto a Voz falava.

— Estou analisando suas respostas com um programa de análise de estresse, e consigo saber se está mentindo para mim. Responda com a verdade ou nossa relação estará terminada. Lembre-se: eu estendi minha força de vontade para além da morte física. Nunca desaparecerei desta terra. Não me queira como inimigo.

Anji não ousou nem respirar. Ela não era uma pessoa religiosa, mas sentia como se uma força maligna estivesse do outro lado da linha. Um ser imortal.

— Você ainda quer ser jornalista? Responda sim ou não.

Anji engoliu em seco, então respirou fundo e usou sua melhor voz de apresentadora.

— Sim.

O coração dela disparou. Houve uma pausa.

— Você quer acesso a informações exclusivas desta história? Responda sim ou não...

— Sim.

Houve uma pausa.

— Você concorda em manter a nossa relação em segredo, de todo mundo, sem exceções? Responda sim ou não.

— Sim.

Outra pausa.

Está preparada para seguir minhas instruções em troca de sucesso e poder? Responda sim ou não.

Anji recuperou o fôlego. A linha estava traçada. Se ela a cruzasse, provavelmente não haveria retorno. Dali a muitos anos, ela se lembraria desse momento com alívio ou culpa, mas sabia que jamais se esqueceria dele.

A Voz insistiu:

Responda sim ou não.

A mente de Anji estava a mil por hora. Ela não podia desistir agora. Era apenas uma máquina, e não ia julgá-la. E pior, ela nunca saberia da história toda se não aceitasse. Um verdadeiro jornalista não persegue uma história independentemente de qualquer coisa? Aquilo não era algo admirável?

— Sim.

Mais uma pausa.

— *Você acredita em Deus? Responda sim ou não.*

Anji foi pega de surpresa. Ela hesitou, sem saber se deveria dizer o que pensava ou não. Então: - Não? Uma pausa.

Ela quase esperou que um raio a atingisse.

Repentinamente, a voz feminina britânica surgiu na linha, falando com sua eficiência sintética e sem variação de tom.

— Sua identidade de usuário é... f-92. Lembre-se de seu ID... J-92. E a sua identificação agora. Um papel foi designado a você. Caso se desvie desse papel, por qualquer razão, será removida do sistema. Siga todas as instruções e o sistema vai protegê-la e recompensá-la.

Anji tentou organizar seus pensamentos para poder dizer algo, mas não percebeu que não havia ninguém ali com quem falar. Ela tinha vendido seus valores morais para uma máquina.

A Voz continuou, como a força impossível de conter que era.

— Uma passagem de avião está esperando por você, no seu nome humano, na Southwest Airlines... no balcão de passagens...

no Aeroporto... Internacional de Oakland. Dirija-se até esse local nas próximas... quatro... horas. Se falar com alguém a respeito deste assunto, você será morta.

A linha ficou muda.

Anji sufocou um grito de terror. O que ela tinha feito?

Levantou a cabeça a tempo de ver as imagens dos sacos que continham os corpos sendo colocados na van do necrotério, mostradas no jornal da noite, um testemunho mudo do tamanho da ameaça.

Capítulo 14:// Idéia replicada

De: Matthew Andrew Sobol

Para: Autoridades federais; Imprensa internacional

Assunto: Cerco à minha propriedade

Autoridades federais que estão fazendo um cerco à minha propriedade em Thousand Oaks estão sendo avisadas por esta mensagem que devem evitar novas incursões nas minhas terras por um período de no mínimo 30 dias, a partir das 12 horas de hoje. Todos aqueles que entrarem na propriedade após esse horário serão rechaçados com o uso de força letal.

Homens da lei: vocês não são o inimigo. Entretanto, é vital que o meu trabalho continue. Farei o que for necessário para me defender.

Depois que o meu prazo expirar, vocês poderão tomar posse da minha propriedade, da minha sala de servidores e de todos os dados. Mas o não cumprimento destas instruções resultará na perda dos dados e na morte de muitas outras pessoas.

Sebeck se ajoelhou próximo a um saco preto que continha um cadáver e ficou olhando com olhos vazios o sol fraco que se refletia nele.

Ross observava a certa distância, encostado na lateral de uma ambulância. Outros cinco sacos com corpos estavam enfileirados ali perto. Agentes do FBI consolavam uns aos outros. Havia lágrimas em muitos rostos.

Sebeck respirou fundo e finalmente se levantou. Ele se virou em direção a Ross com uma raiva latente. Jon!

Ross foi atrás de Sebeck, que andava pelas paredes de lona do necrotério improvisado em direção à multidão de agentes do FBI, policiais locais, equipes táticas do condado, paramédicos, repórteres e técnicos que se encontravam no cerco à propriedade de Sobol. Literalmente, centenas de pessoas cercavam o local. Trabalhadores da prefeitura construía postes de luz para iluminar

a área onde se encontravam os oficiais quando o sol se pusesse. A rua estava fechada para as pessoas comuns, e por ela se estendia algo que parecia uma feira de armamentos do condado. Policiais de três jurisdições vizinhas estavam ali.

Casas próximas tinham sido evacuadas. Os federais haviam decidido deixar o Daemon em quarentena; a energia e as linhas telefônicas estavam sendo cortadas. Sebeck podia ver os elevadores hidráulicos das companhias em volta de alguns postes a uma distância considerável da propriedade. Ele imaginou que a energia estava sendo cortada em todo o bairro e geradores a diesel seriam acrescentados àquele cerco todo.

Sebeck continuou andando, levando Ross por entre a multidão, primeiro mirando em frente e depois se virando para olhá-lo.

- Não pode ser uma máquina. Tem uma pessoa viva por trás disso tudo. Ross não respondeu.

- Alguém estava controlando o Hummer. Ross estava com uma expressão sombria.

- Meus pêsames pelo policial Larson. Sebeck o encarou.

- Não me diga que foi um programa de computador.

- Pode ter sido, usando a mesma inteligência artificial que controla os personagens de um jogo de computador. Nós éramos o objetivo. E também éramos apenas fontes de calor em um infravermelho.

Sebeck fez que não com a cabeça.

- Não pode ser.

- Alguma notícia do detetive Mantz? Ele estava pendurado no trailer da última vez em que o vi.

- Uma perna e algumas costelas quebradas. Alguém vai pagar por isso.

- Sobol está morto, Pete.

- Não estou nem aí. Alguém vai pagar.

- Sei que você está chateado — Ross gesticulou, mostrando todo aquele lugar. — Aonde estamos indo?

- Vamos achar o agente Decker. Ele precisa ouvir sua teoria sobre como Sobol está fazendo tudo isso. Talvez possam usar a informação para conter essa coisa.

- Sargento, provavelmente o Daemon se espalhou pelos quatro cantos do mundo em minutos. É tarde demais para contê-lo. O que você precisa fazer é entender o que ele está tentando fazer e conseguir evitar isso.

- Ele está tentando matar pessoas, você não percebeu? Ross respondeu calmamente.

- Pense um pouco, Pete. Se ele só quisesse matar pessoas, por que telefonaria para saber se você estava presente? Por que não matou você lá no pátio, quando teve chance? Todos nós vimos o Hummer parar e depois se desviar de você. O Daemon tem planos para você, e tenho certeza de que tem planos para outras pessoas também.

Sebeck ficou irritado por um momento, mas, depois, o que Ross disse começou a fazer sentido.

— Temos que achar o Decker — Sebeck apontou para o trailer de comando do delegado que estava a uns duzentos metros dali. - Ele deve estar lá - e começou a andar em direção a ele.

Ross pegou na manga de Sebeck.

— Que foi?

— Por que a polícia está se reunindo em volta da propriedade? Sebeck lançou um olhar zombeteiro a Ross.

— O que você acha?

— A casa não é importante, Pete. Ela não vai conter nenhuma informação útil.

— O caramba que não vai ter.

— Não vamos jogar essa fase de novo. Estamos perdendo tempo. Sebeck levantou as sobrancelhas.

— Então você acha que tudo isso é um jogo para Sobol?

— Acredito que a vida era um jogo para Sobol. Sebeck suspirou completamente perdido.

— Por que Sobol soltaria um comunicado proibindo os federais de entrar IM propriedade dele se não tivesse nada de importante nela?

— Os federais desafiariam a proibição dele?

— Eu desafiaria. Quem esse idiota pensa que é? Ross apontou.

— É exatamente por isso que Sobol soltou o comunicado. Acha que ele está apenas tentando controlar o FBI?

— Mais do que isso. Ele, publicamente, traçou uma linha contra as autoridades, elas não terão outra alternativa senão cruzar essa linha, e pessoas morrerão por causa disso. Ele está manipulando a todos, provavelmente para manter a atenção do público neste local.

— Mas por quê? Se Sobol matou os dois programadores para proteger os segredos do desenvolvimento do Daemon, qual foi o objetivo do Hummer? Não seria também para proteger o Daemon?

—Eu acho que não.

— E por que é que ele teria tanto trabalho?

Ross pensou por um momento e então olhou novamente para Sebeck.

—Qual você acha que será o assunto número um nos programas de notícia do mundo todo, hoje à noite?

Sebeck não hesitou.

- Isto aqui.

- Exatamente. E é com isso que temos que nos preocupar: o que é que o Daemon está prestes a fazer que requer a atenção do mundo inteiro?

Sebeck o encara novamente.

- Ah, tenha dó, Jon. Fico com dor de cabeça só de falar com você.

- Isso tudo não aconteceu por acidente. Manipulação era a especialidade de Sobol. As mortes foram para atrair publicidade. Ele está soltando comunicados.

- Olha, sei que você acha que é um especialista em Sobol, mas o que preciso agora é de um especialista em tecnologia.

- Você vai precisar das duas coisas.

- Você está sendo tendencioso, Jon.

- Tendencioso? Como estou sendo tendencioso?

- Você é um grande fã desse cara. Ouça o que está dizendo; parece que Sobol tem uns sete metros de altura.

- Pete...

- Sobol teve câncer no cérebro. Você precisava ter visto a grossura da pasta médica dele. Já ocorreu a você que ele era louco

de pedra?

- Isso faz dele mais ou menos perigoso? Ouça o que estou dizendo, a coisa não acaba nesta casa. Tenho certeza absoluta.

- Está sugerindo que a gente simplesmente deixe o Hummer perambular pela vizinhança?

- Não, estou sugerindo que a investigação principal não se concentre aqui e tente descobrir o plano principal de Sobol. Estamos perdendo tempo aqui. O plano dele é o que importa.

Sebeck apontou para o centro de comando móvel do delegado-geral.

- Vamos. Conte a sua teoria para os federais.

No centro de comando móvel, o agente Decker estava sentando, sem se mexer, enquanto um médico preparava um curativo para o ferimento recém--suturado em sua cabeça. Ele estava dócil, talvez sedado. Um outro agente estava em pé, perto dele, mais alto, magro, jovem e com ar muito autoconfiante. Era Steven Trear, o agente especial responsável pela Divisão de Los Angeles do FBI, e estudava com cuidado o rosto cheio de expectativa de Peter Sebeck.

- Tem certeza de que era Sobol? Sebeck assentiu com a cabeça.

- Acho que era a mesma voz do vídeo no computador de hoje de manhã, e, em todo caso, ele me ligou pouco antes do ataque.

Ross se intrometeu.

— E nenhum outro telefone ou rádio funcionou dentro da propriedade. Trear considerou aquilo, calculando o impacto daquelas informações no caso. Quanto mais pensava, mais sério ia ficando. Então lançou um olhar para Decker.

— Cortamos a energia elétrica da casa, certo? Decker fez que sim com a cabeça vagarosamente.

— Sim, mas a equipe de acústica diz que há um som de motor em uma das outras casas. Provavelmente um gerador.

— Droga. Temos que tomar a casa o mais rápido possível. Ross passou por Sebeck e foi direto até Trear.

— Você não está pensando em desafiar as solicitações do Daemon, está?

— Desafiar? — Ele apontou para Ross, mas olhou para Decker.

— Ele pertence a que equipe?

Decker estava tocando com cuidado seus curativos na cabeça. — Este é Jon Ross. O consultor da Alcyone Seguros que trouxemos para averiguação. Sebeck completou:

— Ele descobriu o Daemon.

— Não descobri, não. — Ross se virou para Trear. — Olha, não invada a propriedade com tudo.

— Sobol não está no comando, senhor Ross. Ele pode fazer as exigências que quiser. Mas isso não vai afetar meus planos.

— Eu acho que isso é outra armadilha, agente Trear. Trear vira os olhos.

— Ah, jura? A casa inteira é uma armadilha. - Ele olhou para Sebeck. - Detetive, leve o senhor Ross para fora.

Ross insistiu.

— Não acho que a casa contém alguma informação importante. Não faria sentido, do ponto de vista tecnológico, Sobol guardar seus planos aqui.

Ninguém está dizendo que Sobol é sensato, senhor Ross.

Acho que este evento foi preparado para anunciar ao mundo a chegada do Daemon, e preparar o palco para algo que está por vir. A coisa aqui terminou.

Trear digeriu aquilo por um momento. !'. o que faz você pensar assim?

— O fato de que é assim que Sobol pensa.

— Como pode saber? Você não é um psicólogo.

Eu joguei muito os games de Sobol. A inteligência artificial dele funciona porque não se antecipa a você, ela *manipula* você.

Trear não descartou aquilo de cara.

Ali perto, o agente Straub olhou para seu relógio.

- A reunião com a imprensa estava marcada para quatro minutos atrás, senhor.

Trear olhou de novo para Ross.

- Por que deveria levar você a sério, senhor Ross? Você é um consultor de informática errante que nem tem endereço fixo, e ainda por cima joga videogame. Isso o qualifica para desconstruir as motivações de Matthew Sobol?

Ross não conseguiu pensar em uma resposta imediata. Colocando as coisas daquela forma, parecia ruim até mesmo para ele. Trear continuou:

- Aprecio o fato de querer ajudar. Mas o que você está vendo aqui não é toda a nossa investigação. Sobol estava sob tratamento psiquiátrico há quase um ano, antes de morrer. Enquanto conversamos, tenho psicólogos criminalistas conversando com os médicos dele e revisando milhares de anotações médicas, tudo isso para construir um perfil da mudança nas motivações de Sobol conforme sua doença foi avançando. Suas metas. Seus medos. Usamos o mesmo tipo de investigação em inúmeros casos, em geral com muito menos dados para trabalhar. Por isso acredito que sei muito mais a respeito das motivações de Sobol do que você.

Ele esperou que suas palavras fossem assimiladas.

- Esta é uma situação muito séria. Seis homens de bem morreram hoje, deixando mulheres e filhos. Eram pessoas que o detetive Sebeck, o agente Decker e eu conhecíamos. Outros foram feridos e mutilados. Isto não é um jogo. Se fizermos uma suposição errada, muitas outras pessoas podem morrer, e não só aqui.

Sebeck resolveu falar.

- Agente Trear, vi o Jon em ação. Ele me ajudou a descobrir como Sobol matou Pavlos na cena do cânion, e consegui desligar o Daemon na Alcyone Seguros quando ele apareceu. Se não fosse por ele, a situação poderia estar pior. Acho que algum técnico deveria escutar o que Jon tem a dizer.

Trear concordou com a cabeça, gostando da idéia. O agente Straub limpou a garganta.

- Senhor, se queremos entrar no noticiário da noite, precisamos fazer a coletiva de imprensa.

Trear olhou para ele.

- Straub, este local tem cobertura 24 horas de todos os canais de notícias do planeta. Não se preocupe com os jornais da noite. - Então se virou para o outro lado, pegou uma caneta em seu paletó e começou a escrever em um bloco de memorandos em uma mesa próxima. — Bom... — ele arrancou a página e deu-a a Sebeck. - leve o senhor Ross até a matriz da CyberStorm e peça para falar

com o agente Andrew Corland. Ele é o chefe da Divisão Cibernética do FBI. Eles estão examinando a rede da CyberStorm e entrevistando as pessoas por lá.

Trear se virou para Sebeck.

- Checamos o senhor Ross ontem? Decker assentiu.

- Inicialmente, não apareceu nada, a não ser o problema do endereço. Ross se curvou.

- Eu expliquei isso.

Trear o fez ficar em silêncio levantando uma mão.

- Se puder convencer Corland de que sabe de algo útil, estarei mais do que disposto a ouvir suas teorias. Se não conseguir, não quero ter essa conversa novamente.

Sebeck dobrou e guardou o papel.

- É justo. Obrigado, agente Trear. Agente Decker. Vamos, Jon. Ross resistiu.

- Mas você acredita que isso é uma distração?

- Faça com que o agente Corland me ligue, senhor Ross - Trear olhou para Sebeck. — Sei que são tempos difíceis, sargento, mas preciso dos seus relatórios o mais rápido possível. Preciso de sua história sobre o ataque, o telefonema e também o que encontrou na cena do crime no cânion.

Sebeck concordou com a cabeça, se virou e levou Ross para fora do trailer e para a luz do sol que ia sumindo. Lá fora, se espremeram para passar pela imprensa e foram em direção à cerca da propriedade.

Ross se desvencilhou.

- Eu nem queria me envolver nessa confusão toda.

- Você tem habilidades extraordinárias, Jon, e precisamos de sua ajuda. Larson estava noivo e iria se casar. Ele não tinha nem vinte e cinco anos. Quantas outras pessoas como ele irão morrer?

Os federais estão perdendo tempo. Não vão achar nada na rede da CyberStorm.

Sebeck segurou o braço de Ross novamente.

— Olha, estou cansado de ouvir o que não vamos achar. Preciso saber onde juntemos achar algo.

— Sobol tinha a porcaria da internet inteira para esconder seus planos. É o que eu faria.

— Não com isso.

— É esse tipo de pensamento que irá nos limitar. Nós temos que nos colocar no lugar dele, pensar como ele.

— Dane-se como ele pensava.

Ross encarou Sebeck por um momento ou dois e então desviou o olhar.

— Desculpe. Imagino que isso seja irritante. Se alguém puder me levar até o meu carro, gostaria de descansar um pouco.

O olhar de Sebeck se abrandou.

— Esqueci que os federais acabaram com você na noite passada. Eu levo você. E sem desvios, desta vez.

Eles se viraram e olharam para uma barreira de divisores de estradas feitos de concreto que cercavam a propriedade de Sobol. Os funcionários tinham trabalhado naquilo nas últimas horas. Os dois homens olhavam mais à frente. Uns quinhentos metros depois da cerca, o Hummer preto estava parado no meio da grama e entre vários rastros de pneus. Suas antenas apontavam diretamente para cima, como se fossem os espinhos de um animal assassino.

Alguns poucos policiais foram posicionados aqui e ali na estrada, sentados em caminhões de Serviço Florestal de aparência rude e com os motores ligados. Sebeck imaginou que estavam ali para vencer a luta caso o Hummer tentasse escapar.

Sebeck se virou para Ross.

— Você acredita mesmo que isso é só o começo, não é? Ross examinou o terreno.

— Não sei mais o que eu acho. Talvez Trear tenha razão. Sebeck deu uma última olhada maldosa para o Hummer.

— Venha, vamos levá-lo até o seu carro.

Capítulo 15:// Medidas defensivas

Crypto City. É como eles chamam o quartel-general da Agência Nacional de Segurança. Todos os dias, milhares de trabalhadores da agência pegam uma saída não sinalizada em Fort Mead, Maryland, entrando em um grande centro empresarial, com vários pequenos prédios de escritórios cercados por anéis concêntricos de cercas de arame farpado e um grande deserto de vagas de estacionamento. As janelas espelhadas dos prédios são falsas. Folhas de cobre e blindagem eletromagnética previnem que qualquer sinal elétrico escape à propriedade.

A agência era uma grande rede de comunicações à deriva, pegando centenas de milhares de transmissões elétricas e de rádio do mundo todo a cada hora, examinando-as com os supercomputadores mais poderosos do planeta. Desde o começo, na época da mística Sala Negra, depois da Segunda Guerra Mundial, a agência era responsável por criar os códigos criptografados em que residia a salvaguarda dos segredos da América, e por decifrar as criptografias das torças estrangeiras.

Uma cultura de segredos, datando da época da Guerra Fria, permeava o lugar. Havia pôsteres de uma era passada pendurados em áreas comuns, exaltando as virtudes de se manterem os segredos, mesmo de outros investigadores de segredos. Entretanto, com a explosão tecnológica dos anos 1990, nem a NSA conseguia se manter atualizada com o fluxo de informações digitais globais, e eles foram forçados a deixar que os rumores de sua onisciência escondesse uma verdade brutal: ninguém sabia de onde viria a próxima ameaça. As nações eram mais o inimigo. O inimigo tinha se tornado uma frase de efeito: *maus atores*.

Em uma sala situada no canto de um corredor do prédio OPS-2B, um grupo de diretores de agências do governo realizava uma

reunião de emergência. Nenhuma apresentação foi necessária. Eles já tinham trabalhado juntos na Guerra ao Terror e na Guerra às Drogas, e estavam prontos para combater qualquer outro nome que causasse problemas. Homens antigos da inteligência e oficiais de pesquisas de agências que formavam quase uma tabela periódica estavam presentes: NSA, CIA, DIA (Agência de Inteligência da Defesa),

DARPA (Agência de Pesquisas em Projetos Avançados) e o FBI. A conversa era rápida e urgente.

NSA: Então o que é, um vírus? Um bug de internet?

DARPA: Não, é uma coisa nova. Um tipo de mecanismo de script distribuído que responde a eventos do mundo real. E é quase certo que é capaz de continuar se propagando.

NSA: Podemos criar um bot que vasculhe a internet e o apague?

DARPA: Provavelmente não.

NSA: Por que não?

DARPA: Porque não parece ter um perfil único. Nossa melhor hipótese é que ele consiste em centenas ou até milhares de componentes individuais, distribuídos por estações de trabalho comprometidas que estão espalhadas pela internet. Uma vez que um componente é usado, ele provavelmente não será mais necessário.

NSA: Então há um final para ele? Quer dizer, Sobol está morto, então ele vai parar depois que seguir seu curso?

DARPA: Sim, mas há uma preocupação quanto aos danos que ele irá causar enquanto isso. Ele já matou oito pessoas.

NSA: Não podemos bloquear as comunicações dele? Imagino que os componentes tenham que se comunicar uns com os outros.

DARPA: Não, não precisam. Acreditamos que os componentes são acionados não por outros componentes, mas pela leitura de notícias. Por exemplo, um dos componentes acabou de soltar este release de imprensa — ele passou uma folha impressa — depois que a história do cerco chegou à internet. Ele tem uma assinatura digital. Sobol quer que saibamos que era coisa dele. Já rastreamos a origem deste texto; ele foi enviado por e-mail de um computador pouco seguro de uma empresa em St. Louis. O programa se

autodestruíu depois de rodar, mas conseguimos recuperá-lo pelo backup. Era um simples leitor de html pesquisando centenas de sites à procura de manchetes a respeito do cerco à propriedade.

CIA: Nossa. Então não podemos parar essa coisa? O que ele quer?

DARPA: O propósito inicial dele parece ser a autopreservação. Mas o grande objetivo ainda não está claro. Ele age como um agente de inteligência artificial distribuída, o que faz sentido, se foi criado por Matthew Sobol.

CIA: Inteligência artificial? Você está brincando?

DARPA: Vamos deixar uma coisa clara: isso não é uma máquina que pensa, fala e sente. É uma inteligência artificial simples, como um personagem em um jogo de computador. É uma coleção de regras específicas procurando por padrões reconhecíveis ou eventos. Bem básico, mas também muito po-tcntc. Ide pode aliciar seu curso baseado no que está acontecendo no mundo real, mas não consegue inovar ou se desviar dos parâmetros preestabelecidos. Isso requer um planejamento enorme. O nome que a imprensa deu a ele é adequado: ele é, basicamente, um daemon. Um daemon distribuído.

CIA: Mas que besteira. Deve ter alguém controlando a coisa, cyberterroristas talvez. Como Sobol poderia saber exatamente como iríamos reagir?

DARPA: Ele não precisava saber. Poderia apenas planejar múltiplas situações e então observar o que acontecia. E é por isso que seu programa monitora as notícias.

FBI: Então desligue a internet.

Os outros lançaram para ele um olhar padronizado.

FBI: Vocês construíram essa coisa maldita. Por que não podem desligar?

NSA: Será que podemos nos ater a sugestões razoáveis?

FBI: Não estou dizendo por muito tempo, apenas por um segundo.

DARPA: A internet não é um sistema único. Ela consiste em centenas de milhares de sistemas de computadores individuais linkados em um protocolo comum. Ninguém a controla

inteiramente, e ela não pode ser "desligada". E, mesmo que pudéssemos desligá-la, o Daemon simplesmente voltaria quando a ligássemos novamente.

O diretor o interrompeu.

NSA: Olha, não vamos ficar dando uma aula básica sobre redes de distribuição. Voltemos ao grande problema: devemos desafiar as demandas de Sobol? O que ele pode fazer se entrarmos no perímetro de sua propriedade nesses trinta dias?

CIA: Nós temos que entrar lá, você sabe disso.

NSA: Claro que eu sei. Mas, antes de fazer meu relatório ao Conselho Consultivo, preciso saber as possíveis consequências de desafiar essa coisa. Iodos olharam para o cientista.

DARPA: Baseado nas mortes de ontem, diria que haverá mais incidentes fatais.

CIA: Mas nada em grande escala? Nenhum problema com a economia? Nenhuma ramificação política?

DARPA: Isso é impossível dizer. Só saberemos quando desafiarmos a coisa.

NSA: Não podemos interferir no sinal de rádio que controla o Hummer?

DARPA abre uma pasta e procura entre os papéis enquanto fala.

DARPA: O Hummer não é o problema. O problema são os sinais de banda ultralarga que estão emanando da casa.

Ele distribui os papéis.

NSA: Banda ultralarga? Explique-me isso melhor.

DARPA: Banda ultralarga envolve pulsos extremamente curtos de energia de rádio, apenas bilionésimos ou trilionésimos de segundo. Por natureza, os pulsos de rádio ultracurtos ocupam um grande espaço no espectro de frequências, cobrindo vários gigahertz de alcance.

NSA: E a conclusão disso é?

DARPA: Então. Isso explica a grande interferência de rádio na propriedade. Normalmente, os transceptores de banda ultralarga não são feitos com tanta potência por causa disso, mas Sobol tem um bem potente lá, e acho que não está preocupado em violar as regras da FCC (Comissão Federal de Comunicações). Ele está

detonando nossas comunicações por rádio e vai ser muito difícil acabar com isso.

CIA: Essa tecnologia é comercial? O que algo assim traz de bom?

DARPA, explicando o assunto: Pode ser usado como um sistema de GPS local superpreciso, e, quando digo preciso, quero dizer que é em escala de centímetros. Por causa da grande faixa de frequências em uso, uma parte do sinal passa até mesmo através de muros e embaralhadores de sinal de rádio. Com um mapa da propriedade no computador e um radiorreceptor transmissor montado no Hummer, seria possível saber a qualquer momento, onde o veículo está exatamente. Ele poderia mandar sinais infravermelhos ou informações de segmentação para o Hummer por meio de um computador central, e protegeria este computador central de um ataque direto.

CIA: Tem certeza de que ele está usando essa banda ultralarga?

DARPA: Temos técnicos CSC no local, reunindo COMINT e SIGINT.

FBI: Foi essa banda ultralarga que nocauteou os membros do esquadrão antibombas?

DARPA: Não. - Ele distribuiu outros papéis. — Felizmente, o pessoal do esquadrão antibombas sobreviveu, e um dos nossos técnicos pôde entrevistar o agente Guerner no centro médico do condado. O depoimento dele levou nossos cientistas a concluir que Sobol usou algum tipo de arma acústica.

CIA: Nossa, por que não recrutamos esse cara?

NSA: Nós tentamos.

FBI: Arma acústica?

DARPA: Isso. Ondas sonoras de frequência extremamente baixa já foram pesquisadas para serem usadas como armas não letais. A intenção era utilizadas para conter manifestações.

NSA, lendo o relatório: Bela arma não letal. Os capilares dos olhos deles explodiram.

DARPA: As ondas sonoras de baixa frequência vibram nos intestinos da vítima, criando uma sensação de profundo desconforto e pânico, dificuldade de respirar e, em aplicações mais potentes, danificando vasos sanguíneos delicados.

O que explica exatamente os ferimentos e as declarações de Guerner. Tenham em mente que a maioria dessas tecnologias não são secretas. Com uma boa quantidade de dinheiro, um especialista em tecnologia como Sobol poderia reproduzi-la teoricamente, especialmente se não tivesse a intenção de lucrar com isso.

Os participantes ficaram devidamente sérios.

NSA: Como faremos para que o Daemon não saiba que invadimos a propriedade?

FBI: Não podemos simplesmente impor um apagão de notícias, evitando assim que ele as lesse?

DIA: Domesticamente falando? Eles furariam a coisa.

FBI: Não, um apagão total, tudo que fosse redigido sobre o Daemon. Uma ordem de mordação. Usar nossas relações com a companhias de sites de buscas. Ou simplesmente decretar esse apagão em nome da segurança nacional.

CIA: E que tal fazermos um anúncio de página inteira pedindo para as pessoas entrarem em pânico?

DARPA: Olha, vocês estão ignorando o fato de que pelo menos um dos componentes do Daemon está na casa de Sobol. Ele não precisa ler as notícias para descobrir que a estamos invadindo.

Todos ficaram novamente em silêncio.

DIA: Eles cortaram a energia da casa, não é?

Foi à vez de o FBI virar os olhos.

DARPA: Ele, provavelmente, tem sistemas de energia de reserva.

FBI, examinando o próprio relatório: Radares que penetram no solo não mostram nada de estranho na propriedade. Nenhuma linha secreta de energia ou túnel escondido. A Divisão de Los Angeles falou com a companhia que instalou a sala de servidores de Sobol. Ele tem umas doze horas de bateria auxiliar. O escritório de permissões da cidade mostra que ele também tem um gerador a diesel com capacidade para mil e cem litros de combustível.

CIA: Quanto tempo isso duraria?

NSA: A pressão política será intensa. Imagino que não poderemos esperar nem dois dias.

FBI: Estamos cuidando disso, senhores.

DARPA: Sinceramente, estamos mais preocupados com os componentes do Daemon na internet do que com os da casa.

CIA: Não podemos usar o *Carnivore* nessa coisa?

NT.: - Aplicativo polêmico, criado pelo governo norte-americano, com o intuito de interceptar comunicações via internet, como os e-mails de pessoas comuns. Mas a NSA tinha uma diretriz em seu estatuto, a USSID-18, que proibia a interceptação e coleta desse tipo de informação, o que gerou uma grande discussão.

NSA: Isso logo se tornaria uma discussão a respeito da USSID-18, e vocês se lembram de como terminou mal aquela confusão.

CIA: Ridículo. Isto não é um problema de vigilância doméstica. Sobol está morto. Ele não é mais um cidadão norte-americano.

DIA: Aposto que a ACLU terá uma opinião a respeito disso.

FBI: E só ir atrás dos dados de consumo do setor privado. E mais fácil.

DARPA: Senhores, mais uma vez, a realidade se intromete. Nossos métodos básicos de vigilância não vão funcionar. O Daemon solta comunicados de imprensa ou lê notícias. Um é uma coisa muito pública e o outro é uma atividade passiva. Não há endereços de IP recorrentes ou procura por palavras em e-mails. O Carnivore não ajudaria em nada. Nem a busca por padrões.

A sala ficou em silêncio mais uma vez.

NSA: Então concordamos que precisamos desafiar o Daemon assim que nossas equipes chegarem à propriedade? Todos concordaram com a cabeça.

NSA: Ótimo. Saberemos mais assim que capturarmos a sala de servidores de Sobol. - Então olhou para o FBI. - Faça isso, e veremos que cartas essa coisa tem na manga.

O capitão da Marinha Terence Lawne esperava debruçado em um cobertor colocado em cima do teto da van da SWAT. Isso o deixava acima da cerca e com uma boa visão da propriedade de Sobol. Seu olho direito estava próximo do visor emborrachado da mira infravermelha de seu rifle antiequipamentos M82A1A, calibre 50. Ele examinou a propriedade, virando a enorme arma em seu tripé até achar o Hummer de Sobol. Então colocou a mira nele. O

motor do Hummer já estava desligado fazia um tempo, mas ainda havia um bom registro de calor.

— Consegui!

O major Karl Devon mudou de posição perto dele para dar uma boa olhada com o seu visor termal FLIR. O metal do teto da van da SWAT se afundou e se moveu quando ele fez isso.

— Major, veja o movimento. Aquela coisa está a 450 metros do local de disparo.

Ele continuou olhando.

- Qual é o seu ângulo?

Lawne se colocou em posição novamente, controlando sua respiração.

- É um tiro limpo. — Então colocou seu protetor de ouvido.

Devon olhou para baixo, vendo a rua ali perto e a multidão de policiais, do FBI, repórteres e técnicos. Era um verdadeiro exército parado na escuridão abaixo. As luzes que tinham sido montadas foram apagadas para facilitar o trabalho de Lawne. Devon gritou:

- Tapem os ouvidos, pessoal! — Depois, colocou seu próprio protetor auricular e olhou para Lawne. - Atire quando estiver pronto, capitão.

O capitão Lawne estava com o Hummer em sua mira. Ele se concentrou em sua respiração e sentiu a calma fluir pelo corpo. Então puxou o gatilho gentilmente.

A arma enorme atirou e deu um coice no ombro dele. Ele pôs o olho novamente na mira infravermelha para avaliar os danos. Um líquido quente escorria da parte debaixo do motor do Hummer. De repente, o calor se espalha pelo motor e Lawne ouve o som distante do motor a diesel voltando à vida. O Hummer começa a se mover, embora bem devagar.

- Está se movendo! - Ele manteve o olho na mira e direcionou a arma para o alvo novamente. Atirou e recebeu o coice da arma. Lawne viu o Hummer virar um pouco e parar. Ele tinha acertado exatamente no bloco do motor. A bala perfurante tinha dado um golpe mortal. Um forte calor se espalhava agora. Lawne olhou por cima do visor da mira e pôde ver chamas cor de laranja naquela direção. Ele tirou seus protetores auriculares. — Desculpe, major.

Ele ligou o motor depois do primeiro tiro. O Hummer está pegando fogo.

Devon checou seu FLIR.

- Mas que inferno, Lawne.

Ele escaneou a área mais um pouco. Não havia nada que pudessem fazer a respeito agora. O diesel queimava lentamente, mas ninguém iria entrar naquela propriedade até que o Daemon estivesse fora de combate.

- Deixe para lá. Vamos acabar com o gerador de emergência.

O capitão Lawne colocou o olho na mira mais uma vez e girou o longo rifle de precisão em direção à garagem, cerca de cem metros mais perto. Seu olho seguiu um caminho de cascalho por mais ou menos dezesseis metros até uma pequena construção de estuque com um aparelho de ar-condicionado na parede, que estava vermelho de calor, ou seja, estava ligado. Havia também uma luz do lado de fora, à direita da porta. Lawne mudou a visão infravermelha para normal.

Um barulho de papel sendo mexido chegou aos ouvidos de Lawne.

O major Devon havia tirado seus óculos de visão noturna e examinava a planta da propriedade com a ajuda de uma lanterna infravermelha.

- Você está vendo o ar-condicionado na parede sul, logo à esquerda da porta?

Estou vendo.

I)essa direção, você deve tentar acertar os tiros... — O major tentava enxergar as linhas a lápis que havia traçado. — ... a meio caminho entre a porta e o ar-condicionado, mais ou menos trinta centímetros abaixo da parte inferior dele. - Ele levantou os olhos. - Entendido?

— Entendido.

— Atire quando estiver pronto.

Os dois colocaram suas proteções auriculares. Lawne semicerrou os olhos e mirou. Esse seria um tiro fácil se ele soubesse em quem estava mirando. Apertou o gatilho. BOOM.

Apareceu um butaco no estuque, seguido por pó de tijolo. A luz elétrica continuava funcionando, a luz de fora ainda estava acesa.

Lawne disparou várias outras vezes, espalhando os tiros por uma grade imaginária de quadrados de seis centímetros. A parede começou a se desintegrar rapidamente. Ele parava durante alguns segundos entre um tiro e outro para se recuperar do coice da arma. Seu ombro começou a doer exatamente quando a luz se apagou. Uma comemoração surda e aplausos dispersos surgiram das centenas de pessoas na escuridão. Lawne olhou por cima da mira e viu que todas as luzes da propriedade de Sobol tinham se apagado. A única luz visível era a do Hummer, quase totalmente envolvido pelas chamas a uma distância de quatro campos de futebol. Lawne havia tirado seu fone de ouvido e agora podia ouvir o burburinho excitado da multidão lá embaixo.

O major Devon chamou a equipe de SIGINT,* enviada pelo Departamento de Defesa (DOD), que estava trabalhando na traseira de uma van próxima.

N.T.: SIGINT é abreviatura de signal intelligence, é o termo inglês usado para descrever a atividade de coleta de informações ou inteligência por meio da interceptação de sinais de comunicação entre pessoas ou máquinas.

— Rigninski! A casa continua emitindo a banda ultralarga?

Um engenheiro confabulou com um técnico que usava fones de ouvido. Ele olhou para Devon, apesar de não conseguir vê-lo direito na escuridão.

— Sim, ainda está emitindo. Deve estar funcionando com a bateria de reserva. Devon olhou para uma van do FBI que estava próxima, onde um monte

de microfones do tipo parabólica estavam direcionados para várias partes da propriedade de Sobol.

— Agente Gruder, conseguimos destruir o gerador?

Gruder levantou um dedo enquanto ouvia algo com seus fones de ouvido. Após uns dez segundos, ele fez sinal de positivo.

— Sim, major. Bom trabalho.

Uma grande comemoração surgiu na multidão. Era uma pequena vitória.

O major Devon sorriu na escuridão. Agora era só esperar a bateria de reserva da sala de computadores acabar. Aquilo dava ao Daemon apenas mais doze horas de vida.

Capítulo 16:// A chave

Gragg não dormia havia três dias e estava começando a ter alucinações. Talvez ele estivesse dormindo. O Oberstleutnant Boerner estava parado sobre ele na escuridão antes do amanhecer, fumando um cigarro com aquele filtro longo, meio gay, que ele usava. Então foi se transformando no coronel Klink, do seriado Guerra, Sombra e Água Fresca, e Gragg, finalmente, se esforçou para voltar à realidade.

Ele precisava dormir, mas quando sua mente trabalhava em um problema, ela continuava funcionando até que a exaustão física a derrubasse. E ele já estava quase nesse ponto.

Dormir. Abençoado sono. Dormir sem sonhar. Nenhum Boerner para incomodá-lo, aquele desgraçado texturizado em 3-D. Mas ele não podia dormir até resolver aquilo. O problema da chave.

Gragg olhou em volta. Estava deitado em seu sofá, envolto em um cobertor de lã velho que fedia a umidade daquele porão de Houston. O sofá era um troço grande que ele tinha comprado em uma dessas vendas de garagem. E também carregava o peso de muitos dias úmidos. As almofadas tinham se perdido fazia tempo e foram substituídas por um colchão. Aquele sofá era sua cama, mesa de jantar e espreguiçadeira, tudo ao mesmo tempo, e parecia uma ilha no meio do galpão que lhe servia de apartamento. Não tinha nada próximo do sofá em um raio de sete metros quadrados. Aquilo era proposital. Ele precisava ficar longe das telas de computador de vez em quando.

A chave. Que porcaria era a chave? Aquilo estava deixando Gragg louco. Ele havia capturado a tela que tinha o texto criptografado no muro do mapa Monte Cassino e não tinha visto mais nada escrito que pudesse ser a chave. Será que estava em outra sala do jogo? O que ele não estava vendo? Drogai

Que tipo de sádico idiota criaria um mapa com um quebra-cabeça impossível? O mais irritante era que Gragg não conseguia

abrir aquele mapa novamente para obter mais informações. Não só não conseguia mais encontrar o servidor Houston de Monte Cassino em lugar algum como também não havia aparecido mais nenhum mapa Monte Cassino. Ele havia sumido, como se o seu criador tivesse tirado aquele mapa da internet toda.

Como conseguiram fazer o Oberstleutnant Boerner dizer aquelas coisas? Será que era uma surpresa escondida no jogo pela CyberStorm? Gragg já tinha checado as salas de discussão e não encontrara nada a respeito, nenhuma menção à mensagem criptografada, ao discurso de Boerner ou ao desaparecimento do mapa Monte Cassino. Será que ele era o único que estava passando por aquilo? Ele também não perguntou a ninguém sobre o que tinha acontecido. Aquele era o seu segredo.

Gragg começou a suspeitar que o mapa Monte Cassino tivesse feito um registro de entrada em sua máquina que impedia que o mapa aparecesse nas listas de jogos disponíveis. Para testar sua hipótese, ele limpou o disco rígido de outro PC, instalou Sobre o Reno, na esperança de que uma máquina limpa lhe daria acesso àquele mapa, mas o Monte Cassino continuava não aparecendo nas listas.

Será que o jogo tinha dado um jeito de restringir o endereço de IP dele? Ou o endereço MAC do seu roteador? Mas que inferno, ele estava procurando uma agulha no palheiro.

Pense!

O problema: ele tinha uma sequência criptografada, mas não uma chave, e não tinha ideia de que algoritmo criptografado fora usado para fazer aquela sequência. Boerner tinha olhado diretamente para ele, ou pelo menos para o avatar dele, e dito: - ...use sua chave, e nos encontraremos novamente. Se Gragg encontrasse a chave e decifrasse a sequência, onde teria que digitar os valores encontrados? E fazendo isso, será que o mapa Monte Cassino reapareceria?

Gragg se levantou, se enrolou no cobertor velho e fedorento e deslizou até sua estação de trabalho. Quatro computadores e mais dois laptops estavam ali, ligados. Um deles rodava um dicionário que comparava a sequência criptografada, usando uma série de

algoritmos padrão de criptografia. Ele observou a série de linhas subindo no monitor e riu.

Aquilo era ridículo. Poderia levar mil anos, com todas as combinações de uma sequência de 32 caracteres.

Ele pensou naquilo por um momento. Poderia se aproveitar de algumas dezenas de computadores zumbis e distribuir a tarefa entre eles. Mas pensou melhor, pois teria que fazer um programa que distribuísse as coisas, e ainda assim demoraria demais para rodar. Talvez o quê, uns cem anos? E se o resultado não fosse uma palavra adequada? Como ele poderia quebrar aquele código se não sabia qual tinha sido o algoritmo usado na criptografia?

Ele se desenrolou do cobertor e sentou em frente a um teclado. Tinha checado as páginas de discussão sobre o assunto, mas não fizera o mais óbvio, procurar pelo problema no Google. Ele abriu o navegador e se preparou para digitar a URI. manualmente. Talvez houvesse uma página dedicada àquilo.

Gragg parou assim que a sua página inicial carregou. Era um portal de notícias bem popular e, à direita, estavam as novidades mais quentes do momento. A manchete principal gritou para ele:

Gênio da informática morto mata oito

Gragg clicou no link e a grande cobertura sobre o cerco à propriedade de Sobol apareceu diante dele. Gragg leu vorazmente cada palavra e clicou em todos os links relacionados. Uma hora depois, ele já estava totalmente acordado, com um factóide ecoando em sua mente: ... Matthew Sobol, desenvolvedor de games e criador da inteligência artificial de Sobre o Reno.

O tal do Sobol era um gênio. Mais do que um gênio. Gragg raramente se impressionava com outras pessoas que manipulavam computadores, mas esse Sobol era o mestre. Criar um daemon que se vingasse do mundo depois que já estivesse morto e livre de qualquer punição. A mente de Gragg pensou nas possibilidades, e elas eram infinitas.

Quanto dinheiro Sobol tinha gastado nisso? Que planejamento! E o Daemon ainda estava rodando. Os federais não sabiam como pará-lo. Dava para perceber isso nos lábios semicerrados das pessoas que faziam os pronunciamentos do governo.

Gragg ficou arrepiado. Parecia que um novo mundo se havia aberto para ele. Será que o mapa Monte Cassino tinha sido apenas uma coincidência? Ele tinha aparecido nos últimos dias, depois da morte de Sobol.

Mas não tinha certeza absoluta daquilo, pois havia se dedicado a resolver o problema com os filipinos.

Também poderia ser uma coincidência, não?

Gragg sabia, agora mais do que nunca, que precisava decifrar o texto criptografado. Sentia que não iria recuperar sua sanidade se não conseguisse saber mais sobre o mapa Monte Cassino e o Daemon de Sobol. Ele poderia ter uma pista quente sobre algo incrível, uma nova fronteira em um mundo repleto de golpes de computador familiares, vigilância policial e perspectivas suburbanas monótonas. Quanto tempo fazia desde que ele havia tido uma sensação de arrebatamento em sua alma cansada? Pois sentia agora. Será que Monte Cassino tinha sido um trabalho de Sobol?

Gragg fez uma busca por Monte Cassino e encontrou vários resultados, todos relativos à Segunda Guerra Mundial. Então, refez a busca, acrescentando Sobre o Reno como um critério. Ainda teve setecentos resultados, todos por Causa da histórica campanha italiana que, no fim, tinha sido toda voltada à Alemanha.

Gragg levantou a cabeça da tela do laptop e olhou para o computador que depurava os resultados das tentativas do seu programa de decifrar o código. Informações novas apareciam a cada milissegundo mais ou menos, e variavam entre informações inúteis e a expressão "Dados inválidos". Ele suspirou, percebendo que aquela criptografia poderia ser do tipo Triple DES do proprietário, onde o desenvolvedor recriptografava a mensagem várias vezes. Os russos não tinham feito algo assim com o seu projeto Verona? Gragg sentiu que a areia movediça subia para engolir seus esforços. Será que ele iria morrer sem nunca solucionar essa charada?

Mas já sabia um pouco mais agora, não é mesmo? Bom, pelo menos se supusesse que Matthew Sobol tinha projetado o mapa Monte Cassino. Ele parou o programa e abriu a última tela em que

tinha trabalhado. Gragg digitou a função básica para descriptografar.

```
?Descriptografar(
```

Ele tinha que colocar apenas uma variável para a função, a chave usada para criptografar a mensagem. Sua fórmula tinha sido programada para usar a sequência criptografada que ele havia conseguido no mapa Monte Cassino junto de qualquer chave que digitasse ali como variável para a função. Então circularia por uma dezena de algoritmos de descriptografia, como DES, Triple DES, RSA, usando a chave como variável. Gragg pensou a respeito.

```
0 que Sobol usaria como chave? Então digitou ?  
Descriptografar("Matthew Sobol")_
```

E apertou ENTER. Os dados que apareceram tinham doze linhas de informações inúteis e a expressão "Dados inválidos" mais uma vez, uma linha para cada tentativa com um algoritmo diferente. Ele tentou variações do nome de Sobol e depois variações de CyberStorm Entertainment, e em seguida variações de *Sobre o Reno*. Depois tentou usar nomes de jogos que Sobol tinha Criado, ou pelo menos dos que se lembrou. E por fim nomes de personagens importantes dos jogos, como Boerner.

Os dados continuavam sendo inúteis.

Gragg ficou olhando para o monitor de tela plana. Ele podia muito bem se deitar e morrer agora, porque um desgraçado tinha colocado aquele vírus em sua cabeça, e ele jamais se livraria daquilo. Se um dia colocasse as mãos em quem criou o mapa Monte Cassino, ele esganaria o maldito. Gragg bateu a cabeça na mesa, não foi forte o bastante para machucar, mas o suficiente para informar seu cérebro do perigo.

Pistas. Ele precisava examinar o que seria importante para alguém como Sobol, que queria manter o segredo protegido dos federais, mas que também queria que a Geração Y o encontrasse. É claro que os agentes federais estavam usando farejadores, crackers e descompiladores para tentar achar códigos criptografados no trabalho de Sobol. Se não agora, logo o fariam. Mas não poderiam descriptografar se não encontrassem. Onde esconder dados de ferramentas automáticas forenses?

Gragg teve uma revelação: não havia nenhuma sequência criptografada no mapa Monte Cassino. Ele tinha examinado um texto criptografado, mas não havia um texto de computação ali; era uma imagem, e feita em uma fonte Teutônica em pedra. A sequência criptografada, M0wFG3PRCoJVTs7JcgBw-sOXb3U7yPxBB, era uma combinação de pixels que apenas o olho humano, ou um ótimo escâner óptico de reconhecimento de caracteres, poderia interpretar. Uma programação de varredura do conteúdo desse mapa não descobriria nenhum texto criptografado. Apenas um humano vendo o mapa no contexto em que ele foi criado para ser visto poderia entender seu significado. Mas, mesmo no jogo, o significado da sequência codificada não seria verdadeiramente revelado até...

Gragg sorriu. Herr Oberstleutnant Boerner chamou a atenção para o significado daquilo. A combinação do arquivo de imagem com a declaração de Boerner, ... use sua chave, e nos encontraremos novamente..., estes eram os componentes da criptografia, os dados e a chave para abri-la. Quanto mais ele contemplava aquilo, mais fazia sentido. Os dados e a chave apareceriam próximos um do outro apenas no contexto do jogo, e só se o jogador fosse dedicado e capaz o suficiente para chegar no santuário interno daquele mapa tão difícil. Aquilo, provavelmente, excluía qualquer pessoa acima de trinta anos. E certamente eliminava alguém que trabalhasse em um cargo de muita responsabilidade.

O corpo de Gragg foi tomado pela excitação. Ele tinha esquecido completamente sua exaustão. Estava esperançoso novamente. Era isso ou ele estava ficando mesmo louco.

Se o arquivo de som continha a chave, onde estaria? Será que estava escondida como informação esteganográfica no formato .wav? Gragg imaginou que deveria haver centenas de arquivos de numerals nomeados com wav no diretório do jogo SOR. Então pensou novamente na frase de Boerner: ... *use chave, e nos encontraremos novamente...*

Um sorriso malicioso surgiu em seu rosto. Aquilo combinava com o estilo de Boerner; uma pontuação invisível que apenas o cérebro

humano poderia conceber:

... use "sua chave", e nos encontraremos novamente...

Gragg respirou fundo e digitou "sua chave" como sua variável para descriptografar a coisa. Depois apertou ENTER.

Doze linhas de dados, todas inúteis, menos uma. Todas menos a sétima: *Resultado da descriptografia RSA: 29.3935-95.3933.*

Ele se levantou e uivou de alegria, dançando pelo apartamento como um lunático com privação de sono, que ele realmente era. Então, uma série de outras emoções fluiu por ele: alívio, cautela e até medo. Devia ousar acreditar que aquilo poderia ser Sobol falando com ele? Guiando-o de seu túmulo? O que Gragg estava acionando?

Ele pegou o controle remoto e ligou a TV de plasma de 42 polegadas do outro lado da sala. Como suspeitava, o canal de notícias 24 horas tinha informações ao vivo da propriedade de Sobol. As câmeras mostravam as forças do cerco com lentes de visão noturna, como naquelas reportagens de guerra no exterior. Centenas de policiais locais e federais cercavam o lugar. Havia equipamentos pesados por todos os lados. O vídeo de um militar mascarado segurando um enorme rifle e andando até uma van era repetido sem parar em uma pequena janela. Os governantes estavam levando muito a sério o pequeno jogo mortal de Sobol. Gragg também ficou sério de repente.

Ele olhou de novo para a tela do computador.

29.3935-95.3933

Eram números que Gragg conhecia bem. Aliás, eram números que qualquer entusiasta do estudo das coordenadas do Texas saberia bem. Aquelas eram as coordenadas de GPS de algum lugar no sul do Texas. Ele tinha jogado o mapa Monte Cassino no servidor Houston Monte Cassino, então aquilo fazia sentido. Gragg pegou seu GPS e checkou a bateria.

... nos encontraremos novamente...

Vamos nos encontrar mesmo. Gragg abriu a gaveta de sua pesada escrivaninha da década de 1960 e pegou uma Glock 9 mm em um coldre de náilon. Ele pensou naquilo com gravidade, percebendo como as coisas estavam saindo de controle

rapidamente. Isso podia ser uma armadilha. Poderia ser algo que ele nem conseguia imaginar. Prendeu o coldre nas costas.

De qualquer forma, ele não iria viver uma vida longa em meio aos restos do subúrbio sem deixar rastros, e aquilo queria dizer alguma coisa.

O único carro que Gragg possuía no momento era o primeiro que ele teve na vida, um Ford Tempo 1989 ferrado, cuja tinta já tinha descolorido e se dissolvido em vários tons. O vidro da janela de trás deixava entrar água, e a mancha embolorada resultante disso fazia o sofá da casa dele cheirar como um tampo florido em comparação ao carro.

Ele mantinha o Tempo porque era suspeito um sujeito da idade dele não ter carro. Gragg tinha vivido a maior parte de sua vida com identidades falsas, mas ainda tinha um nome e um RG para manter. Por isso o Tempo ficava. No papel, Gragg era um grande fracassado, teoricamente trabalhando meio período em uma loja de computadores em Montrose. Oficialmente, ganhava pouco, mas não havia requerido ajuda do Estado ou vales-refeições. Era só um folgado, um moleque sem ambição que passava a maior parte do tempo em sites de sacanagem. Seu provedor de acesso poderia comprovar isso. O Brian Gragg oficial era uma pessoa totalmente desinteressante.

Ele sempre registrava seus carros novos sob as identidades que assumia, e, ao contrário das identidades que roubava, Gragg era bem seletivo quanto às identidades que "vestia". Não podia ser ninguém de muito sucesso ou muito pobre. Ele achava suas vítimas ao trocar, com outros golpistas de cartões, números de documentos, nomes e endereços de pessoas de classe média. Caras que não valiam muito no mercado de identidades, a não ser como máscaras. Uma vez que escolhia um nome, era fácil usar serviços de rastreamento on-line para descobrir os últimos seis lugares onde a vítima tinha trabalhado morado, relatórios de cartões de crédito, informações de quanto pagava de impostos, parentes e vizinhos. Estava quase tudo disponível. Gragg tinha como política selecionar apenas pessoas que trabalhassem em uma das empresas que apareciam na revista Fortune 1000 ou para o governo, sempre

caras incontestáveis. Seu Honda Si tinha sido registrado no nome de um homem do Oregon que trabalhava para a TRW. Ironias sempre faziam Gragg rir. Claro que ele se preocupava em pagar as contas ilícitas de suas vítimas em dia, pelo menos enquanto usasse sua identidade.

Mas o fracasso com os filipinos o deixara sem um meio de condução, e ainda não havia tido tempo de conseguir uma nova identidade. E é claro que Gragg não queria ser visto comprando um carro novo agora. Era arriscado demais.

Por isso, ali estava ele, entrando em seu próprio carro, com seu laptop cheio de coisas piratas e sua pistola 9 mm. E a arma nem era o problema, afinal, ele estava no Texas, mas o laptop o deixava nervoso. Ele sabia que o governo não tinha medo de armas, mas de laptops, e o que o governo temia ele punia. Conectar sua verdadeira identidade com o mundo dos hackers seria desastroso. Até onde as autoridades sabiam, ele era um cara que tinha abandonado o colegial e que não tinha passagens pela polícia, e Gragg queria manter as coisas assim. Ele levou um desmagnetizador e um adaptador para o acendedor de cigarros do carro, assim poderia desmagnetizar o disco rígido rapidamente. A polícia, no máximo suspeitaria de que ele roubou o laptop, o que não seria o fim do mundo.

Gragg tinha dormido algumas horas após decifrar o código de Boerner. Apesar de querer seguir em frente com sua busca pessoal, talvez houvesse dificuldades à frente, e ele precisava ficar esperto. Usar metanfetamina não era a melhor solução. No fim do caminho estava a loucura e o pior tipo de problemas com a lei, por isso era importante manter o sangue puro.

Parado ao lado de seu Ford Tempo no começo da noite, Gragg observou a vizinhança industrial à sua volta. Portas de tela e componentes de carros eram feitos por ali. Mas à noite virava uma cidade fantasma, a não ser por algum *pitbull* atrás de uma cerca ou um caminhão de carga entrando em algum estacionamento. Essa noite não era diferente. Gragg respirou fundo o ar noturno, que era suave e refrescante.

Colocou seu GPS no banco do passageiro ao seu lado. As coordenadas da sequência criptografada ficavam em algum lugar subindo até o Aeroporto Internacional de Houston, ao norte, abaixo da Beltway 8 e entre Tomball Parkway e a Interestadual 45. Se ele se lembrava direito, ali era um local de vegetação rasteira, cruzado a cada quilômetro por estradinhas, rios e alguns loteamentos.

Gragg dirigiu por aproximadamente uma hora pela fresca noite de outono. Entre estacionamentos de escritórios e a expansão dos subúrbios, as luzes não venciam a escuridão e as estrelas tremulavam, brilhantes, acima de sua cabeça. O prazeroso odor de folhas mortas e de fumaça de lareira às vezes se sobrepunha ao cheiro de mofo do seu carro.

Entrar na área aproximada das coordenadas de GPS foi a parte fácil. Normalmente, se tivesse que transformar coordenadas de GPS em um mapa, Gragg simplesmente colocaria a chave nele e pronto, mas dessa vez não queria deixar os dados gravados para que alguém descobrisse depois. Por isso gastou algumas horas procurando uma estrada que o levasse mais perto do alvo, olhando de vez em quando para o mapa em seu GPS. Várias estradinhas menores não estavam no mapa, então ele foi virando aqui e ali por essas pequenas estradas seguindo seu instinto.

O interior alternava estradinhas estreitas cercadas por árvores, novos loteamentos e empresas de equipamentos pesados ou indústrias de grãos. Por volta de 1 h da manhã, Gragg achou uma estrada asfaltada que, piedosamente, o levava um pouco mais perto de seu alvo. Ele andava, novamente, por um lugar que só tinha vegetação rasteira quando um prédio baixo de tijolos, com aparência de antigo, surgiu à sua esquerda, em meio a muitas árvores. Lia-se o nome Nasen Caminhões Ltda., apesar de nenhum caminhão estar à vista no estacionamento. Uma luz solitária da rua brilhava sobre uma cabine telefônica em frente à entrada.

Gragg desacelerou quando a latitude em seu GPS bateu com a de seu alvo. A longitude ainda estava um décimo fora. Ele checkou a leitura. Aquilo queria dizer à esquerda. Gragg parou o carro diante da entrada do estacionamento, embaixo da luz, e deu uma olhada em volta.

Havia duas caixas de correio meio velhas perto da entrada, daquelas grandes que fazendas e empresas rurais usam. Gragg forçou os olhos para ler o que estava escrito nelas. A mais próxima tinha Nasen Caminhões escrito por extenso em uma fonte sem serifas. A outra tinha uma palavra escrita em fonte gótica e em negrito: **Boerner**:

A garganta de Gragg ficou seca. Ele olhou para a esquerda, onde uma estrada de cascalho passava pela Nasen Caminhões e ia em direção às árvores, para a escuridão. Ele estava exposto, sentado sob a luz desse jeito. Então virou a direção para a esquerda. A virada brusca fez o carro dar uma derrapada e Gragg rangeu os dentes. Se não havia alertado ninguém antes, tinha feito isso agora.

Ele acelerou pela estrada de cascalho e para longe da luz. As pedras se amassavam embaixo de seus pneus e batiam em suas rodas. O som o lembrava sua Infância e as longas viagens pelas pradarias. Assim que saiu da luz, ele reduziu para 10 km/h e procurou na escuridão por... ele não sabia o quê. Bétulas sem folhas se alinhavam do lado esquerdo, enquanto uma vala com muitos espinheiros se encontrava à direita. Gragg desligou os faróis do carro e parou, tirando o pé do freio para que a luz se apagasse também e não entregasse sua localização a alguém que passasse pela estrada.

Gragg bateu no escuro e encontrou sua mochila, abriu o zíper e pegou seus óculos de visão noturna. Então os colocou na cabeça e os ligou. Ele olhou todo o terreno à frente com a luz verde do visor.

A extremidade de uma construção de alvenaria de apenas um andar era visível cerca de setenta metros à frente. Não havia nenhuma luz acesa. Uma corrente grossa fechava a passagem a uns quinze metros, presa em dois postes de aço. Uma placa de metal onde se lia NÃO ENTRE estava pendurada na parte mais baixa da corrente.

Gragg olhou para o seu GPS e viu que ainda estava um décimo fora de seu alvo. Ele engatou o carro e, trepidando um pouco, deixou que andasse em marcha lenta. Ele olhava de um lado para o outro procurando algo que não fosse uma planta ou uma pedra.

Finalmente chegou na corrente, parou o carro novamente e olhou para o GPS.

Ele tinha chegado.

Gragg hesitou por um momento e então desligou o motor. De repente ele podia ouvir as árvores, podia ouvi-las chacoalhando com o vento. Folhas raspavam o chão de cascalho a cada rajada. O interior do carro ficou frio rapidamente.

Gragg pegou sua pistola 9 mm e a retirou do coldre, colocando-a no banco ao seu lado.

O que é que estou fazendo aqui?

Tinha começado a parecer uma péssima ideia. Ele estava andando às cegas, e aquilo era algo de que Brian Gragg, definitivamente, não gostava. Era contra a sua natureza. Ele examinou as árvores e a desoladora construção de alvenaria frente.

Como esse lugar podia ter alguma coisa a ver com o mapa Monte Cassino havia nenhuma luz ali. Será que tinha eletricidade? Gragg virou a cabeça para olhar para cima, pelo para-brisa, e sem querer bateu a lente do visor noturno no vidro. Ele arrumou os óculos e olhou novamente. Uma rede elétrica seguia a estrada e ia para a esquerda. Postes finos de madeira a cada trinta metros davam suporte ao fio.

Seguindo o fio com o olhar, Gragg viu algo interessante adiante: uma antena bem alta havia sido colocada ao lado da construção. Ele podia ver a ponta mais alta do que o telhado.

Gragg respirou fundo. Estava nervoso. Era hora de se concentrar. Pegou a bolsa com seu laptop do banco do passageiro e deixou aquele espaço livre. Colocou a pistola no painel e abriu o zíper da bolsa, tirou o laptop de lá e o ligou, esticando a antena de sua placa de rede sem fio. Ele ficou quase sem enxergar na hora em que a tela se acendeu, e se apressou em tirar os óculos de visão noturna.

Enquanto o laptop ligava, ele continuou olhando em volta, para a escuridão. Depois que seus olhos se ajustaram, até que conseguia enxergar muito bem. Havia a luz do luar.

Depois do que pareceu uma eternidade, a página de logon apareceu e, após um minuto, Gragg abriu o NetStumber. O

programa procurou pontos de acesso à internet. Um instante depois, ele ficou surpreso ao ver o SSID familiar aparecer: Monte Cassino.

O sinal parecia se originar da construção. O nervosismo de Gragg voltou. Ele tinha mesmo feito isso? Tentou acalmar seu pânico crescente. O que estava fazendo? Ele pensou a respeito.

Havia um servidor de SOR ali.

Ele configurou seu adaptador wi-fi para acessar o SSID e logo obteve o endereço de IP daquela rede sem segurança. Ele nem se preocupou em explorá-la. Em vez disso, fechou o NetStumbet e abriu sua pasta de CDs, passando por vários até encontrar aquele em que estava escrito SOR. Colocou-o no compartimento de CD do laptop e abriu o jogo Sobre o Reno, clicando rapidamente para passar pelas telas de abertura e selecionar o modo multijogadores. Então deixou o jogo procurar por servidores disponíveis. Apenas um apareceu na lista: o servidor Houston Monte Cassino, o mesmo que estava visível em sua placa de rede sem fio.

Gragg sorriu e então clicou duas vezes sobre o nome. O mapa começou a carregar. Estranhamente, a caixa de diálogos para seleção de armas não apareceu. Logo, o avatar de Gragg apareceu em pé e desarmado em uma trincheira na base da montanha Monte Cassino. Normalmente, ele iria para a esquerda, mas sem armas não adiantaria nada. Gragg olhou pela borda da trincheira e pôde ver os conhecidos ninhos das MG42 alemãs no limite das ruínas.

Estranhamente, os chucrutes não abriram fogo imediatamente. Gragg deixou seu avatar ficar em pé ali, parado por um momento, e ainda assim nenhuma bala veio em sua direção. Ele decidiu testar sua sorte e subiu no degrau dos atiradores, e então foi para fora da trincheira, ficando totalmente à vista.

Nada de tiros. Os alemães apenas permaneciam sentados.

Gragg começou a caminhar em direção às linhas inimigas. Ele nunca havia se aproximado do monastério por esse ângulo, e agora podia ver três metralhadoras apontando para ele de seus ninhos uns cem metros à frente. Os canos o seguiam enquanto andava, mas eles não atiraram.

Gragg continuou andando diretamente para a metralhadora do meio. O carregador estava agachado ao lado do atirador. Eles tinham um olhar sem expressão, familiar em seus rostos. Logo Gragg estava a poucos metros da arma, que o encarava pronta para mandá-lo para a lista dos espectadores. Ele estava tão perto que podia ver a patente do atirador pelo ótimo gráfico do ombro dele: Unterfeldwebel. Um sargento.

Para surpresa de Gragg, o atirador solta a arma e levanta a mão. - Haiti — Depois examina Gragg de perto. - *Ich kenne Deinen Namen.* - Ele se levanta e faz sinal para que Gragg o siga. — Komm mit! — Caminha para as ruínas e Gragg se apressa em segui-lo. Uma dúzia de alemães fica em pé em suas posições entre as pedras e os observa com olhos brilhantes quando passam.

O Unterfeldwebel leva Gragg por um labirinto de salas e destroços. Em cada canto eles encontram mais soldados mexendo em suas metralhadoras ou procurando se posicionar melhor. Sempre que ele passa, os chucrutes cochicham e apontam. Gragg tinha que se render a Sobol: todos os detalhes eram perfeitos. Aquilo lhe dava a sensação de ser um estranho em uma fortaleza inimiga.

Gragg foi levado ao mesmo porão onde encontrou Boerner pela primeira vez no mapa Monte Cassino. Eles andaram por entre os barris de vinho até a porta que ficava na parede oposta à entrada. Tochas acesas iluminavam o caminho e balançavam sob a influência do vento digital. Não havia sinal dos danos causados pelo fogo do jogo anterior.

Eles andaram pela passagem escura que levava à base da torre. Aquele raio de sol ainda brilhava por lá, iluminando a parede onde estivera a mensagem criptografada, mas agora se lia:

29.3935 -95.3933

Gragg virou seu avatar para olhar para a tela onde tinha conversado antes com Boerner. Estava escuro atrás dela. De repente, o lugar clareou com a luz de um fósforo aceso e Boerner estava lá, acendendo seu cigarro na ponta do maldito filtro. Ele protegeu-o com a mão até acender e depois soltou uma nuvem de fumaça.

O *Unterfeldwebel* fez uma saudação batendo o salto da bota no chão e depois sumiu, deixando o avatar de Gragg a sós com Boerner, que levantou a cabeça e fixou seu monóculo no olho esquerdo.

- Nos encontramos novamente, *mein freund*— Boerner colocou o filtro no canto da boca. — Você conhece a console, sim? Use para responder meus perguntas. - Boerner esperou por uma resposta.

O console. Gragg o utilizava normalmente para usar os cheats dos jogos. Ele olhou para o teclado e apertou a tecla til. Uma janela estilo DOS apareceu em um terço da tela, no alto. Ela listava eventos que já tinham ocorrido, como a aparição do modelo Boerner e a criação dos objetos naquela sala. Servia tanto como registro global de operações do programa como de console de comando para mudar ajustes do jogo. Basicamente, era um cursor piscando onde ele podia digitar comandos.

Assim que o console apareceu, Boerner falou:

- Excelente. Você tem uma certa conhecimentos para me encontrar de novo. Vamos ver quanta conhecimentos você tem. Veio sozinha? Sim ou não?

Gragg respirou fundo. Ele não queria admitir que estava sozinho, mas mentir o faria ficar mais nervoso. Ele digitou sim e apertou ENTER.

Boerner se ajoelhou para poder "ver" o avatar de Gragg por baixo do console, e então sorriu.

- Gut. Contou sobre isso para alguém?

Gragg hesitou novamente. Tinha um jeito melhor de ser morto do que dizendo sim? Ele se lembrava muito bem das imagens dos sacos com corpos na propriedade de Sobol. Mas o que Sobol ganharia com isso? Por que ter tanto trabalho apenas para matar uma pessoa?

Gragg digitou não e apertou ENTER.

Boerner ficou olhando para o avatar de Gragg, então, repentinamente, abriu a grade que os separava. A porta de metal bateu na parede enquanto boerner se apressou para a frente e ficou cara a cara com Gragg.

- Descobrirei o verdade. Melhor admitir agora se contou a outros pessoas. - Os olhos de Boerner encararam Gragg pela tela do computador. — Você contou a alguém?

Gragg digitou não novamente e apertou ENTER.

Boerner soltou aquele seu sorriso malicioso de novo. Depois deu um tapinha no ombro do avatar de Gragg. — *Ausgezeichnet*. Und trouxe seu sacola de truques com você? Sim? — Boerner esperou pela resposta.

Gragg digitou sim e apertou ENTER.

Boerner levantou os braços. — Abram o portão! — Suas palavras ecoaram pelos corredores do porão.

Acima da tela de seu laptop, no frio de outono do mundo real, Gragg ouviu um barulho metálico. Ele olhou para a frente do carro e, de repente, a grossa corrente de metal que fechava a entrada caiu no chão. A placa fez um barulhão ao bater no cascalho.

— Droga! É isso aí... — Gragg colocou o laptop de lado e ligou o carro, dando marcha a ré e se virando no banco para ver aonde estava indo. O que viu atrás dele o fez parar completamente.

Outra corrente grossa havia aparecido não muito longe da parte traseira do seu carro. Ele podia vê-la iluminada pelos seus faróis traseiros, junto com a parte de trás de uma placa de metal, provavelmente idêntica à outra. No cascalho e sem espaço para acelerar, era impossível passar por aquela coisa. Ele começou a entrar em pânico, olhando para a direita e para a esquerda. As bétulas à esquerda eram impenetráveis de carro, que jamais passaria também pela vala à direita. Ele ouviu alguém falando e olhou para o laptop aberto e virado para ele no banco do passageiro.

Boerner fumava seu cigarro. — Relaxe, mein freund. Se eu quisesse matar você, já teria matado. Mova o carro para a frente, por favor.

A mente de Gragg trabalhou a mil, calculando suas chances de fugir a pé, passando pelas bétulas e pelos gramados depois delas. Era loucura, certo? Ele estava no meio da porcaria do nada. Toda aquela área poderia estar cheia de armadilhas. Quantos planos Sobol havia feito? Só podia ser Sobol. Gragg imaginou um encontro

com um Boerner do mundo real, e então entendeu que fugir a pé era uma passagem só de ida para ficar com energia zero — e sem poder renascer.

Boerner o encarava do laptop ali ao lado. Gragg sacudiu a cabeça se livrando daquele pensamento. Boerner não estava encarando ninguém. Era apenas um monte de camadas de textura combinadas para criar a imagem de um personagem. Sobol estava mexendo com a cabeça dele. Aquela não era uma situação tranquila, definitivamente.

Boerner apontou o dedo para Gragg. — Não precisa ter medo, mein freund. A menos, é claro, que não seja habilidoso.

Gragg mostrou o dedo do meio para Boerner e pegou seu celular, parando por um momento para pensar para quem poderia ligar. A polícia não, né? Não, definitivamente, a polícia não. Quem sabe um de seus amigos de rachas de rua? Ou um de seus parceiros de rave? Não, má ideia, pois agora Loki devia estar morto. Mas eles não o conheciam como Loki. Seu mundo era tão cheio de mentiras que às vezes ele se confundia.

Gragg passou os números de telefone de sua agenda e selecionou seu principal patrocinador de rave, colocou o fone no ouvido e nada, apenas estática. Ele olhou para a tela. Sem sinal.

Boerner falava novamente. Ele olhou para o computador.

- Seu celular é inútil. Apenas wi-fi funciona aqui. - A expressão dele estava bem menos amistosa. - Mova o carro para frente.

Gragg guardou o telefone. Depois, engatou a marcha, respirou fundo e tirou o pé do freio. O Tempo andou. Gragg se lembrou de que alguém poderia ver seus faróis lá da estrada e os acendeu. Depois, piscou o farol alto.

A frente, uma luz se acendeu na casa de alvenaria.

Boerner rosnou:

- Dirija até o luz.

Quando o carro foi andando para a frente, cruzou a linha das árvores e, subitamente, estava em uma clareira bem iluminada e barrenta em frente à casa. Havia outro carro ali, um VW Vanagon bastante amassado, com placa da Louisiana.

Quando o carro entrou na clareira, Gragg sentiu seus pneus se afundarem no barro. Em um segundo, as quatro rodas tinham atolado e ele estava preso como uma mosca em uma teia de aranha.

- Ah, droga... - Gragg resmungou. - Droga, droga, droga! - Ele bateu na direção. No que ele tinha se metido? Era melhor sair correndo.

Boerner falou novamente.

- Mein freund.

Gragg olhou para o laptop.

Boerner deu outra tragada em seu cigarro. — Isto é divertida, não? — Ele fez uma pausa. — Este é você, meu amiga?

A janela do console se encheu com o nome completo de Gragg, número de identidade, idade, data de nascimento, último endereço conhecido, o nome de solteira da mãe dele, uma boa parte de sua vida. Uma adrenalina de medo puro e poderoso correu pelo corpo de Gragg. Ele quase gritou aterrorizado. Honestamente, não se lembrava de outro momento em que tinha sentido tanto medo. A máquina sabia quem ele era. Ela sabia a porcaria do nome verdadeiro dele.

Boerner rosnou nervosamente. — Este é você? Responda!

Gragg, em pânico, digitou não no console, abaixo de suas informações, e teclou ENTER.

Boerner voltou a falar. — Se não é você, tenho outras nomes aqui. Mas se mentir para mim, eu vou descobrir. E non terei piedade. Responda de novo. Este é você?

Gragg examinou os olhos frios de Boerner e então digitou sim e ENTER.

Boerner relaxou e voltou a fumar. — Gut. Agora podemos começar. — Pôs uma mão para trás e começou a caminhar.

— Faça sua varredura por redes sem fio novamente. Você encontrará um nova rede. Precisa dar um jeito de conseguir acessá-la. Não tente ir embora antes de conseguir. *Auf wiedersehen*. — Boerner saiu daquela sala e, no mesmo instante, a grade de ferro se fechou atrás dele. E logo em seguida o jogo se desligou sem

nenhum aviso, deixando Gragg olhando para o desktop de seu computador.

Ele cocou a testa. Aquilo era um pesadelo. Pelo menos ele queria que fosse, mas, como não era o melhor era trabalhar. Boerner queria ver do que ele era capaz? Muito bem. Gragg abriu o NetStumbler de novo. O SSID do servidor Houston Monte Cassino tinha desaparecido. Em seu lugar havia uma nova rede sem fio sem nenhum SSID.

Não havia dúvida de que aquilo seria difícil. Gragg abriu os logs do NetStumbler e checkou todas as entradas. Esse novo PA rodava um acesso protegido de wi-fi, o WPA, que era uma forma de criptografia de redes sem fio. Droga. Ele esperava que fosse uma criptografia do tipo WEP, que levaria apenas alguns segundos para quebrar. WPA não tinha falhas estruturais e era tão forte quanto a sua senha. Mas aquilo era um teste, não é mesmo? Ainda bem que a frase não tinha mais do que oito ou nove caracteres. Gragg teria que checar a troca de mensagens da chave entre o adaptador e o ponto de acesso e então invadir a chave off-line com um dicionário PSK (que ele tinha em seu laptop). Poderia usar um *air jack* para forçar a troca de mensagens da chave transmitindo uma mensagem de desassociação. Gragg se ajeitou no banco. Ele esperava que houvesse uma troca de servidores para monitorar. Mas, se aquilo era mesmo um teste, aquela era a única resposta correta. Dane-se o Boerner.

Levaria um tempo para hackear a chave. Gragg pegou o adaptador e plugou no acendedor de cigarros do carro, e então plugou seu laptop nele. Depois abriu o Asleap, um programa para capturar e quebrar trocas de chaves de redes sem fio. Ele conseguia ver a rede claramente, então deu o comando para desautenticar todos os usuários da nova rede e rezou para que houvesse nela conexões com outros computadores.

Trinta segundos depois, duas trocas de autenticação ocorreram para reconectar os computadores. Gragg voltou a respirar. Tinha agora um algoritmo criptografado, que o Asleap estava tentando descriptografar usando o dicionário. Ele estava no caminho.

Gragg deitou o banco do motorista e ficou olhando para o teto, imaginando se sairia vivo dali.

Capítulo 17:// Súcubo

Jon Ross desceu na frente da entrada da Alcyone Seguros. Depois pegou seu laptop no banco de trás do Dodge Durango de Sebeck. Era o carro pessoal dele, e tinha o cheiro de sua loção pós-barba. O interior era imaculado, sem toques pessoais como lenços de papel ou CDs perdidos. Era absurdamente limpo como um quartel militar, e ao não revelar nada sobre Sebeck, na verdade revelava bastante.

Ross olhou para o retrovisor lá do banco de trás, para que Sebeck o visse.

— Bom, Pete, mais uma vez, meus pêsames pelo policial Larson. Desejo toda a sorte do mundo a você nesse caso.

Sebeck apenas olhou para ele. — O que isso quer dizer? — O celular de Sebeck começou a tocar.

Ross colocou a alça da mochila do laptop no ombro.

— Quer dizer que para mim chega. Os federais têm as coisas sob controle.

— Não me venha com essa conversa mole, Jon. Durma um pouco. — Ele fez um sinal para que Ross saísse e então pegou o telefone, enquanto se afastava da calçada. Deu um sorriso amarelo quando viu Ross mostrando o dedo pelo retrovisor. E então atendeu o celular. — Sebeck.

Uma voz feminina falou:

— Nada pode matar você, pode Pete?

Ele sentiu seu pulso acelerar. Era ela. Quando tinha sido a última vez que ouvira a voz dela? Quanto tempo? Esta linha não é segura.

— Estou indo para o escritório, Cheryl. Ligue para lá.

O telefone ficou mudo. Sebeck guardou seu celular e dirigiu por uns dois quarteirões. Parou em uma área residencial e olhou no retrovisor. Ninguém estava olhando. Ele saiu e abriu o porta-malas do Durango, mexeu no compartimento tio estepe e pegou um celular vermelho pré-pago. Então fechou o porta-malas, olhou em

volta novamente, entrou no carro e plugou o celular no acendedor de cigarros. Momentos depois, o pequeno celular tocou e ele atendeu.

— Meu Deus, como é bom ouvir a sua voz. As coisas estão meio confusas por aqui. Perdemos dois homens hoje. E tem outros no hospital.

— Eu sei. Vi em um programa de notícias no terminal do O'Hare.

— Você está em Chicago? — Ele sabia que não devia perguntar aquilo.

- Não. Em Westwood.

- No apartamento da empresa?

- E você vem me encontrar.

- Ah, meu Deus, querida... - Sebeck suspirou. - Este é um péssimo momento. Esse Daemon é...

- Você sobreviveu, Pete. Isso vai fazer você se lembrar de por que quer continuar vivo.

Isso era verdade. Sebeck ficou em silêncio por um momento. Cheryl Lanthrop era a mulher mais linda com quem ele tinha ficado. A sexualidade predatória dela fazia com que fosse mais difícil ainda resistir. Era injusto esperarem que ele resistisse a uma mulher como aquela. Tinha se convencido de que até a sua esposa o entenderia.

Ainda assim, aquele era um péssimo momento para ele dar uma sumida. Por outro lado, eles poderiam ligar para ele se precisassem, não é mesmo? Os agentes federais, provavelmente, estariam ocupados dilacerando a rede da CyberStorm a noite toda. E a propriedade de Sobol? Bom, havia centenas de policiais no cerco. Se alguém descobrisse o que ele estava fazendo, ninguém no mundo pensaria mal dele.

Sebeck hesitou. - É que eu... - Mas não conseguiu encontrar as palavras.

- Só você pode saber o que quer, Pete.

Ele já sabia que acabaria indo. Era outra pessoa quando estava com ela. Suas responsabilidades desapareciam. Seus objetivos viravam o aqui e o agora — conquistá-la. E era o que a situação requeria: conquista.

- Estou a caminho.

Wilshire Boulevard, que ficava entre Beverly Hills e Westwood Village, era um vale com prédios chiques mais ou menos do mesmo tamanho. Aqueles arranha-céus pareciam deslocados em Los Angeles, como se alguém tivesse pegado um pedaço de Manhattan e colocado no subúrbio de L. A. Era ali que ficava o apartamento da empresa de Cheryl.

Ela era uma espécie de médica executiva. Em um de seus surtos de curiosidade a respeito dela, Sebeck tinha checado o seu passado. E o resultado foi que tinha um passado surpreendentemente bom. Uma boa faculdade de medicina, crédito limpo e nenhuma ficha criminal. A empresa onde trabalhava vendia e instalava sistemas complexos de diagnóstico médico, e ela viajava pelo mundo dando consultoria sobre negócios de muitos milhões de dólares. Ela tinha dinheiro, de um jeito que Sebeck poderia apenas sonhar. E tinha privilégios, como essa suíte corporativa na cobertura daquele prédio em estilo francês.

Sebeck ainda tinha um cartão que liberava sua entrada no estacionamento, então conseguiu evitar o porteiro. Seu rosto estava nos noticiários, e ele não gostaria de ser reconhecido naquela região.

Quando saiu do elevador, no décimo quinto andar, olhou para os dois lados para ter certeza de que ninguém o observava. Quando se aproximou da porta do apartamento dela, percebeu que estava só encostada. Olhou em volta outra vez e entrou rapidamente. Cheryl estava em pé, ao lado de um abajur, perto da porta, e usava um vestido preto de festa, de alcinha. As meias pretas com ligas eram visíveis e envolviam suas pernas longas e torneadas e seus pés descalços. Seus cabelos ruivos brilhavam sob a luz. Ela sorriu e apontou um dedo para ele. Era ainda mais bonita do que ele se lembrava. Valia a pena perder tudo por ela.

Sebeck foi em direção a ela, fechando a porta atrás de si. Ele sabia que não deveria esperar ser consolado por ela. O que eles tinham era diferente. Pouco antes de ele alcançá-la, ela deu uma pirueta, se abaixou e deu um chute, buscando acertar a cabeça dele. Sebeck já esperava por isso e segurou a perna dela bem na hora. O impacto o fez recuar até a parede.

Ela foi atrás dele, pronta para acertá-lo com um soco de caratê, mas ele se abaixou e soltou a perna dela. — Nada de hematomas, Cheryl...

— Sshhh... — ela disse, e colocou um dedo sobre a boca para ilustrar. Sebeck aproveitou aquele momento para segurar o pulso dela e torcer seu braço nas costas. Depois pegou as algemas tão rapidamente que pareciam ter surgido do nada. Ela logo tentou soltar suas pernas dele, mas Sebeck a bloqueou. Suas canelas se encontraram, e ele deu uma rasteira para derrubá-la no chão. Ele sentiu o corpo forte e esguio dela resistindo, e finalmente se lançou sobre ela. Ele bateu forte no chão.

Lutando para respirar, ele conseguiu dizer:

— Precisamos fazer menos barulho.

Ela soltou um uivo de tigresa, chutou as algemas para longe e deu alguns socos na barriga dele. Ele endureceu os músculos do abdômen para se proteger do impacto.

Ela sorriu feliz e mordeu a orelha dele. — Seu porco maldito.

— Ela o pegou em uma chave de braço e depois começou a estrangulá-lo.

O cheiro de perfume misturado com suor preencheu as narinas dele. A adrenalina correu por suas veias. Se aquilo não era amor, era algo quase tão bom quanto. Ele sentiu que começava a perder os sentidos. Deu um tapa com as duas mãos nas orelhas dela, que o soltou por um instante, segurando a cabeça que doía.

Ele rolou e ficou de joelhos perto dela. — Machuquei você, querida?

Ela levantou a cabeça com um olho e meio sorriso visíveis sob uma cortina de cabelos vermelhos. Ele percebeu seu erro tarde demais, e a mão dela acertou o plexo solar dele como um martelo. Ele se dobrou de dor enquanto ela pulava sobre ele e esticava a mão para pegar as algemas.

Ela tinha uma queda por policiais, e provavelmente ele era apenas mais um com quem ela tinha um caso pelo país. Ele não ligava. Ela era uma bomba sexual prestes a detonar, mas ele nunca conseguia resistir. O que quer que isso mostrasse a respeito dele,

não importava. Cheryl estava ali, e o mundo inteiro podia ir para o inferno.

Ele ouviu o tilintar das algemas atrás dele e girou uma mão, segurando o cotovelo dela. Depois jogou a outra mão para trás e agarrou o belo cabelo dela. Era um golpe baixo, mas efetivo. Ele pegou bastante cabelo para poder usar como corda. Torceu-o com firmeza e então o puxou para trazer a cabeça dela para ele, sentindo a resistência dela e seus deliciosos lábios meio abertos nos dele.

Ele torceu o braço dela e a trouxe para a frente dele. Agora ela resistia bastante, mas ele usou toda a sua força para dominá-la. A habilidade dela não tinha sido suficiente. Ele a tinha conquistado. Ouviu-a resmungar de leve quando arrancou as algemas da mão dela. Em um instante, ele a forçara a ficar de joelhos e lhe colocara a algema em um pulso. Ela tentou resistir com vontade uma última vez, mas ele forçou a cabeça dela para baixo usando seu cabelo como se fosse uma coleira. O outro pulso recebeu a algema e ele a sentiu suspirar e relaxar de joelhos.

Ele se aproximou por trás e sentiu o cheiro dos cabelos dela. Seus lábios passaram pela bochecha dele.

— Algum problema, policial?

Do outro lado da rua, no prédio exatamente em frente, a lente de uma câmera colocada em um apartamento escuro refletia as luzes da rua. A câmera clicava e zunia enquanto Sebeck e a mulher se beijavam apaixonadamente.

Anji Anderson levantou um olho da câmera. Ela soltou um suspiro cansado, pois estava segurando a câmera por um bom tempo. Não tinha ideia de por que A Voz achava que aquilo era uma grande notícia, mas já tinha valido a viagem.

Capítulo 18: // Abismo

Carros detonados da polícia local e federal surgiam sob o brilho das luzes de busca. O braço do robô do esquadrão antibombas se virou para revelar um pouco mais da carnificina. A uns mil metros dali, o espectador no trailer de controle assobiou ao ver a imagem. Um murmúrio correu pelos agentes. O agente especial Ellis Garvey soltou o controle e esperou por instruções.

O Grupo de Respostas Críticas a Incidentes do FBI (CIGR) tinha assumido a operação do cerco à propriedade de Sobol, mas Steven Trear ainda tinha o comando da estratégia. Ele sabia que precisava controlar a situação rapidamente, ou o comando seria tirado dele do mesmo jeito que havia sido retirado de Decker.

Trear pôs a mão no ombro de Garvey. — Leve-nos até a porta da mansão.

O robô, do tamanho de um cortador de grama, virou-se sobre suas rodas de borracha e começou a se mover por entre os destroços ensanguentados no pátio em direção aos degraus de entrada da mansão. No caminho, o robô passou por uma versão amassada e destruída dele mesmo. Era o robô trazido por Guerner um dia antes. A câmera de Garvey fez uma pausa naquela imagem. Era de um simbolismo agourento. Trear limpou a garganta e Garvey mexeu no joystick fazendo o robô se mover para a frente.

Ele parou o robô diante dos degraus de entrada e levantou seus braços--câmeras, lançando fochos de luz brilhante em direção à escuridão da entrada. A porta ainda estava escancarada.

Vários agentes federais que estavam no trailer esticaram seus pescoços para ver os monitores.

Trear fez que sim com a cabeça para Garvey, que respirou fundo e empurrou o controle da esquerda para a frente. O motor do pequeno robô se esforçou quando ele começou a subir os degraus de pedra. Logo estava entrando pela porta e chegando à sala de estar, onde uma espécie de tecnologia do medo tinha atacado

Guerner e sua equipe. Washington queria mais informações. O braço-câmera do robô se moveu para mostrar o cômodo todo. Cacos de vidro de um vaso quebrado se espalhavam pelo chão, junto com vômito e gotas de sangue.

Alguém no fundo do trailer murmurou:

— Nossa...

Um dos rapazes do esquadrão antibombas disse:

— Procure transceptores ou sensores nas paredes. Garvey começou apontar as luzes para as paredes.

Pareciam de um estilo mediterrâneo clássico, mas havia muito mais nas paredes perto das escadas do que apenas pinturas e esculturas. Perto do teto, um amontoado de misteriosos sensores de plástico branco se alinhava na parede.

— O que estamos olhando, rapazes? — perguntou Trear.

Um silêncio ensurdecedor preencheu o escurecido trailer. Com o brilho dos monitores, Trear procurou Allen Wyckoff, um analista de sistemas experiente do FBI que sempre parecia saber bem o que dizia. Apesar de haver agentes do esquadrão antibombas e especialistas forenses por ali, aquilo não era uma bomba nem um programa de computador. Parecia um sistema.

— Wyckoff. O que é que estamos vendo?

Wyckoff era apenas uma silhueta na escuridão, a não ser pelas lentes de seus óculos redondos, que refletiam as imagens dos monitores.

— São sensores básicos de movimento... e também parecem ser alguns sensores infravermelhos... não tenho ideia do que é aquilo... aquela coisa redonda pode ser um tipo de transmissor. - Ele se virou em direção a Trear e os reflexos dos monitores sumiram de seus óculos. - Senhor, vamos precisar analisar essas imagens. Tem muitas tecnologias ali com as quais não estou familiarizado.

Trear olhou em volta para o grupo de especialistas, que concordavam com a cabeça, em silêncio.

— Então ninguém pode me dizer como o esquadrão antibombas foi incapacitado? Nenhuma teoria?

Os agentes trocaram olhares na escuridão. Garvey se aventurou:

— Devo continuar?

Trear assentiu.

— Leve-nos até a sala dos servidores.

Garvey respirou fundo e empurrou a alavanca do controle para a frente novamente.

O robô se moveu facilmente em direção à porta do meio no fundo da sala. A luz de mercúrio revelou um longo corredor com chão de pedra e tapetes bordados. Móveis no estilo das antigas missões estavam encostados na parede aqui e ali por toda a sua extensão.

Um dos membros da equipe de Garvey falou de um console próximo enquanto examinava as plantas.

- Precisamos virar à direita no cômodo seguinte. E depois, será a segunda porta à direita.

- Entendi. Virando. - Garvey virou o robô e apontou a luz para um pequeno corredor lateral. Ele levava a uma sala de recreação nos fundos da casa. Garvey examinou as paredes e o teto. Mais sensores misteriosos se alinhavam nas paredes. Estava tudo escuro, a não ser pelas luzes do robô.

- A porta do porão é a segunda à direita. Deve levar até a sala dos servidores.

Garvey fez o robô andar para a frente e depois foi até um controle secundário para ativar o braço dele. A mão mecânica entrou em cena e girou para se alinhar à maçaneta da porta do porão. O braço se moveu para a frente, pegou a maçaneta e a girou.

Repentinamente, a imagem da câmera sacudiu violentamente e gritos de alarme preencheram o trailer. Em um momento, todas as telas não transmitiam mais nada.

Trear disse:

- O que aconteceu?

As mãos de Garvey passaram pelos controles inúteis, sua boca estava aberta, em choque. Então se virou.

- Não sei. Eu...

- Temos algum sinal vindo do robô?

Garvey e seu assistente checaram o console e fizeram que não com a cabeça. Todos começaram a falar novamente. Trear gritou:

- Silêncio! Todo mundo calado! - Ele se virou para Garvey. -
Passe o vídeo em câmera lenta.

Garvey assentiu e rebobinou o vídeo. Todos os monitores piscaram e então apareceu uma imagem congelada: a parede da mansão.

- Passe devagar agora.

- Na tela, quadro a quadro, o braço robótico pegou a maçaneta e a girou para baixo.

- Agora.

Garvey parou a imagem.

Havia um inconfundível degrau no chão, lá embaixo, na imagem. O chão parecia estar se abrindo.

- Certo, avance devagar, agora.

Garvey apertou o botão. Em uma sucessão rápida de quadros, apareceram a maçaneta sendo girada pelo robô e a máquina inteira caindo pelo buraco que se abriu embaixo dela. A luz de mercúrio iluminava o buraco escuro, revelando um poço que estava cheio de água. Uma sucessão de imagens mostrou a água cobrindo as câmeras e o robô entrando em curto. Aquele processo todo durou um segundo e meio.

Conversas secundárias preencheram o ambiente.

Trear pôs a mão no ombro de Garvey.

- Tudo bem. E para isso que temos robôs. - Trear parecia calmo, quase sereno.

Ele se virou para os agentes. — Achei que tínhamos estabelecido que não havia energia elétrica na casa. — Ele apontou para alguns técnicos sentados no console de varredura de frequências. — E não tem transmissões de rádio emanando da casa, correto?

Os técnicos assentiram com a cabeça.

Trear continuou:

- O que estamos vendo aqui é uma simples armadilha de poço. As armas de alta tecnologia dele foram desligadas, então está usando as medievais contra a gente. Isso é uma ótima notícia.

Garvey se virou do console de comando do robô.

- Aquele era o nosso último robô. Teremos que pedir outro para Los Angeles.

Trear assentiu.

- Traga vários. Mande que venham de avião, se precisar. Mas temos que pôr as mãos nos computadores pessoais de Sobol o mais rápido possível.

O trailer ficou em silêncio por um momento. Garvey hesitou e então falou:

- E isso quer dizer que...?

- Mande a Equipe de Resgate de Reféns ir até o poço. Quero que a área em volta da entrada do porão já tenha uma rampa quando os robôs extras chegarem aqui.

Wyckoff pareceu surpreso.

- Tem certeza de que isso é uma boa ideia, senhor?

- Certeza? Não, não tenho. Mas os computadores de Sobol podem conter a chave para destruímos esse monstro. Foi o que viemos fazer. Então, vamos fazer.

Todos murmuraram concordando.

Alguém do fundo perguntou:

-E o Hummer, senhor?

Retirem os destroços e mandem para Los Angeles, mas cubram-no primeiro porque não quero mais fotos da "máquina mortífera" nas páginas dos jornais. - Ide bateu uma palma. — Vamos lá, pessoal. O mundo está assistindo.

O agente especial Michael Kirchner estava sentado examinando documentos de finanças junto de outros cinco agentes em um modesto escritório de contabilidade em Thousand Oaks. As mesas estavam cheias de pastas abertas, recibos, declarações e livros fiscais. Outro agente se ocupava em visualizar o conteúdo dos computadores. Kirchner, contador e advogado especializado em impostos, acreditava que ele e sua equipe faziam mais na luta contra o crime do que qualquer outra área do FBI. O crime organizado não podia fazer muita coisa sem dinheiro.

Eles tinham passado as últimas oito horas examinando detalhadamente o histórico financeiro de Matthew Sobol. Era um trabalho e tanto. Sobol era executivo em 37 empresas. Tinha três empresas próprias, duas parcerias, onze pequenos negócios e mais algumas corporações internacionais, holdings e fundos fiduciários.

Havia inúmeras atividades financeiras nos últimos dois anos, com compras de equipamentos, transferências bancárias, pagamento de profissionais e consultorias. Era um ninho de ratos. As finanças dos ricos geralmente eram assim.

Kirchner revisou um relatório sobre os maiores gastos de capital. Eram componentes técnicos, ao que parecia. Comprados por uma das companhias, mas enviados para o endereço de Sobol em Thousand Oaks.

Ele olhou para seu colega, Lou Galbraith, que checava as pastas de um arquivo próximo.

- Lou, você perdeu dinheiro com células de energia combustível há alguns anos, não foi?

Galbraith parou, levantou seus óculos de leitura até a testa e lançou um olhar impaciente para Kirchner.

- Não quero falar disso. Por quê? Kirchner levantou o relatório.

- Sobol fez uma compra grande e achei que talvez você se interessasse em... - ele folheou o relatório. - Aqui. Células de energia combustível de hidrogênio idênticas compradas por empresas diferentes, as duas enviadas para a propriedade dele. US\$ 146 mil cada.

- Para burlar o imposto de renda? Kirchner fez uma careta.

- Não estamos tentando prendê-lo por evasão de renda, Lou - ele olhou para o relatório. — Unidades de células de energia combustível? Essas coisas funcionam mesmo?

- Eu não sou idiota, Mike. É claro que funcionam. Hospitais e grandes empresas as usam para gerar energia elétrica a partir do gás natural. Nos lugares onde a rede elétrica não é confiável ou é cara demais. Isso poderia ser um negócio grande. Mas infelizmente está à frente de seu tempo, só isso, e...

- Essas coisas foram enviadas para a propriedade de Sobol - Kirchner parecia ainda mais preocupado.

- O que foi Mike?

- Ligue para a nossa base na propriedade de Sobol. Eles precisam saber disso.

O agente Roy "Detonador" Merritt respirou fundo, inalando o último ar da noite que tinha cheiro de terra úmida. Um pedaço da

lua aparecia no horizonte, mostrando com o seu brilho a silhueta dos morros cheios de árvores. Ele examinou o terreno sem o equipamento de visão noturna, apreciando aquele prazer simples. Aquilo o lembrou da região basca, na Espanha, sob a luz do luar, ou da África do Sul. Já tinha visto várias partes do mundo à noite, em geral por trás de óculos de visão noturna de última geração.

Logo antes do amanhecer sentiu o ar fresco e revigorante em seu rosto, enquanto esperava em pé na parte de trás de um caminhão do exército que pesava dez toneladas. O poderoso motor a diesel era impulsionado em marcha lenta, passando por um buraco feito por uma escavadeira no muro da propriedade. A capota da traseira do caminhão havia sido removida, deixando-a aberta ao céu noturno.

Merritt colocou uma HK MP-5/10 no ombro e depois olhou para trás, em direção à Equipe de Resgate de Reféns do FBI. Seis dos mais bem treinados agentes estavam sentados dos dois lados da traseira do caminhão, chacoalhando em sincronia quando o caminhão passava por montes de terra e rochas. Aqueles eram seus homens, e eles pareciam muito intimidadores. Vestidos com roupas de voo de Nomex, armadura corporal com protetores antitrauma de cerâmica, capacetes Pro-Tec, óculos de visão noturna e máscaras à prova de balas, faziam o Darth Vader parecer apenas um idiota fantasiado. Mas de todas as missões em que já haviam trabalhado juntos, de Karachi às selvas de Montana, Merritt nunca tivera um pressentimento tão ruim quanto agora. Durante o *briefing* da missão, ele ficou pensando que aquilo deveria ser feito pelo esquadrão antibombas ou por especialistas em desarmar minas terrestres. A urgência era o principal problema. Seis oficiais estavam mortos, e nove, feridos. Ninguém tinha alguma resposta, e o tempo, aparentemente, era essencial. Por isso...

Merritt olhou para os materiais de metal e madeira para andaimes que estavam no chão entre os bancos. Quatro caixas de ferramentas também se encontravam ali. Sua equipe, treinada à exaustão para dar respostas rápidas, ia construir uma ponte em um ambiente hostil. Ele ficou imaginando que porcaria tinha acontecido lá em cima para que se chegasse a isso.

Merritt se voltou para a mansão, que estava uns trezentos metros à frente. Nenhuma luz tinha aparecido por lá desde a noite passada. As comunicações por rádio tinham voltado na última hora, desde que as transmissões de banda ultralarga da casa haviam parado.

Ele falou normalmente, sabendo que seu microfone captaria o som. -Echo Um para TOC. Solicitação de autoridade e permissão para mover para 0 verde.

— Na escuta, Echo Um. Tenho seu time em amarelo. Autoridade garantida e permissão para ir para o verde concedida.

— Entendido, TOC. — Merritt fez sinal de positivo para seus homens. Eles fizeram o mesmo para ele.

Waucheuer, o especialista em infiltração, levantou sua máscara e sorriu.

- Ei, Detonador, para que precisamos de armas? Sobol não está morto?

- Sem piadas, Wack. Vivo ou morto, Sobol conseguiu matar alguns bons homens aqui. Fiquem alertas.

Waucheuer deu de ombros e assentiu com a cabeça, fazendo sua máscara se fechar novamente.

Merritt ficou em pé novamente e olhou por cima da cabine do caminhão, que avançava devagar por sobre a grama alta da propriedade. Eles estavam subindo pelo local onde o Hummer tinha pegado fogo.

Os outros homens se levantaram para olhar quando passaram pelo Hummer à direita deles. O caminhão reduziu a velocidade e então parou a uns st te metros da carcaça. Duas equipes da SWAT estavam no caminhão. Eles ligaram uma luz montada na lateral e focalizaram o que sobrou do Hummer, ainda soltando fumaça. Ele estava, definitivamente, destruído, as rodas eram apenas círculos pretos e o interior estava derretido.

— Será que o pessoal do exército nunca ouviu falar de algo chamado evidência?

Merritt praticamente podia ouvir Waucheuer sorrir por trás da máscara, mas 0 ignorou e falou no microfone:

- Echo Um para TOC. O Hummer não está em operação. Procedendo para o verde. Câmbio e desligo.

Merritt bateu duas vezes na lateral do caminhão, que começou a se mover em direção à mansão.

A luz montada no caminhão foi direcionada para a mansão. Um muro de terraço de um metro circundava a mansão a cerca de setenta metros de distância. O terraço nivelava o topo do morro com o gramado em volta do pátio e da piscina. O muro impedia o caminhão de ir até a casa, mas Merritt tinha concordado com o comando que ir de carro até a porta ou pela estradinha de serviço que ficava atrás não seria uma boa ideia. Eram caminhos estreitos que poderiam conter armadilhas.

Então, em vez disso, o caminhão virou bem na frente do muro e deu ré. O bipe ridículo que ele fazia ao fazer esse movimento preencheu o silêncio, que já era tenso.

Parecia que ia funcionar. A traseira do caminhão estava mais ou menos a sessenta centímetros acima do chão, pois o caminhão tinha dado ré subindo um pouco no muro. Seria fácil descarregar tudo. Mas primeiro eles precisavam fazer um reconhecimento do terreno. Merritt gritou para o motorista do caminhão:

— Desligue o motor e as luzes.

Um relativo silêncio dominou o ambiente. O som dos grilos voltou após alguns momentos. As únicas luzes visíveis eram as do cerco do FBI lá embaixo, na cerca, a aproximadamente cem metros de distância. Merritt colocou seus óculos de visão noturna e os ligou. Seus homens fizeram o mesmo.

Merritt falou no microfone:

— Deixem os equipamentos. Vamos ver se temos o caminho livre até o objetivo. - Depois fez um sinal com a mão e seus homens fizeram uma fila atrás dele.

O plano era circundar a casa e entrar pela porta da frente, que estava aberta. Eles estavam à direita da casa e agora olhavam para os 150 metros de gramados e jardins bem cuidados pelos quais teriam de se infiltrar. Radares aéreos não revelaram nenhum poço ou armadilhas aparentes a até dez metros de profundidade, mas se aproximar da mansão não era a maior preocupação de Merritt, mas,

sim, entrar na casa, especialmente ao considerar o que acontecera com as últimas pessoas que tinham entrado. Merritt saiu do caminhão e começou a andar pela noite. Ele sentiu e ouviu seus homens bem atrás dele.

Esse não era um episódio com reféns. Uma granada atordoante não teria eleito em ninguém ali. Um poder de fogo incrível não intimidaria o oponente. Essa era uma situação nova.

Merritt se virou e levantou a mão para que seus homens parassem. Esperem aqui. Vou verificar o caminho à frente. Se perderem contato Comigo, voltem para o perímetro da propriedade. Entendido?

Eles trocaram olhares de preocupação. Isso ia contra todo o treinamento deles. Aquilo era uma equipe. Nem Waucheuer tinha qualquer piada no momento.

— Isso é uma ordem. Assumam uma postura defensiva e esperem aqui. Merritt se virou e começou a se mover com cautela em direção à casa.

As centenas de metros dali, no trailer que era o Centro de Comando e Controle do FBI, chamado de SAC, Steven Trear observava por um visor FLIR as figuras da ERR. Viu um deles se movendo à frente dos outros, em direção à lateral da mansão de Sobol, e murmurou para si mesmo:

— O que ele está fazendo?

Um dos agentes do trailer de comando apareceu e chamou Trear.

— Senhor, o agente especial Kirchner está no telefone. É algo a respeito dos arquivos de gastos de Sobol.

Trear não parou de olhar o visor.

— O Kirchner da equipe de auditoria?

— Acho que sim, senhor.

— Diga que ligo para ele depois.

— Ele falou que é importante...

Outro agente do Centro de Comando pôs a cabeça para fora do trailer.

— Senhor! Estou captando sons nos microfones parabólicos. Sons que estão vindo de dentro da casa.

Todos pararam e olharam para ele com expressões que pareciam de terror. Trear caminhou até ele.

— Que tipo de sons?-

— Parece o som de um motor elétrico.

— Tire os homens de lá agora.

Merritt estava a uns vinte metros de seus homens quando ouviu um clique e parou. Eles também congelaram. Todos ouviram a mesma coisa, e instintivamente começaram a fazer uma varredura de todos os lados, preparando suas armas, apesar de não saberem contra o que as usariam.

De repente, o rádio de Merritt tremeu. Alguém gritou com uma voz preocupada:

— Echo Um, abortar imediatamente! Repetindo, abortar imediatamente!

Antes que pudesse reagir, Merritt ouviu um zumbido inquietante emanando do chão. E, tão repentinamente quanto o zumbido, o ar ao redor dele ganhou vida, e ele e seus homens quase saltaram para fora do corpo.

Irrigadores retrateis do jardim saíram do chão e começaram a regar a grama com água gelada. A equipe caiu na gargalhada, enquanto eram molhados pelos irrigadores.

Waucheuer protegeu seus óculos de visão noturna e gritou para Merritt:

— Mas que droga, Detonador, acabei de envelhecer dez anos! Até Merritt sorriu por baixo da máscara dessa vez.

— Você ouviu os homens. Saíam daqui.

E então algo mudou. Subitamente, Merritt sentiu um cheiro forte. Seus olhos se semicerraram por trás dos óculos. Os irrigadores não estavam mais lançando água.

Ele olhou para seus homens e gritou:

— Gasolina!

Antes que pudessem se virar e correr, um motor de alta precisão zumbiu na distante torre, que tinha uma cúpula. Um som profundo saiu dela, fazendo choom, e a última coisa que Merritt viu através de seus óculos foi uma labaredas verde ofuscante descrever um arco vindo da torre na direção dele.

A bola de fogo clareou o céu por uns dois quilômetros à sua volta. Seu rugido pesado ecoou na lateral do trailer e a luz laranja iluminou trezentos rostos horrorizados. Trear ainda segurava o rádio em sua mão e ficou em pé, paralisado, quando gritos de agonia surgiram do rádio. A sua volta, homens corriam em ação, ou anarquia, era difícil dizer.

- Mande os caminhões de bombeiros para lá.
- Ambulância. Tragam as ambulâncias.
- Temos agentes feridos!

A bola de fogo subiu ao céu e, com a grande claridade, Trear pôde ver que os irrigadores continuavam funcionando. Eles espirravam água para conter o fogo no lugar exato onde a ERR tinha se infiltrado. Trear sentiu como se estivesse assistindo a um programa de TV. Aquilo causava uma sensação surreal por ser impossível. Pessoas o agarravam e gritavam com ele. Mas Trear não conseguia tirar os olhos do fogo e das formas escuras dançando, incontrolavelmente, nas chamas, como almas condenadas que depois caíam. O caminhão de dez toneladas queimava como uma fogueira.

Alguém gritou algo em seu ouvido sobre transmissões de rádio, e Trear lançou um olhar vazio para o rádio em sua mão. Apenas a estática zumbia dali agora. Foi quando aconteceu.

Repentinamente, todas as luzes se acenderam na mansão de Sobol, brilhando com uma intensidade assustadora. Então outras luzes se acenderam por toda a propriedade. Um grunhido alto foi ouvido por todos os agentes no cerco.

Trear finalmente despertou e jogou o rádio na mão de outro agente.

- Protejam-se! Protejam-se todos!

A dor (porque aquilo deve ter doído) era uma coisa para a qual Merritt não tinha tempo agora. No controle imaginário dentro de sua mente, todas as luzes estavam piscando em vermelho. Ele correu como só homens em meio ao fogo podem correr, puxando um pouco sua balaclava de Nomex para proteger a boca. O mundo inteiro tinha se transformado na superfície do sol. Ele tinha resistido

à onda de pânico para respirar o ar superaquecido. Respirar era morrer.

Mas então ficou escuro de novo, o forte brilho em suas pálpebras fechadas tinha desaparecido. Será que os óculos de visão noturna tinham quebrado? Provavelmente sim. Ele precisava abrir os olhos para descobrir, mas ainda não estava pronto para isso. O calor tinha sumido e agora havia apenas o frio. Seu corpo inteiro formigava. Era quase prazeroso. A experiência lhe dizia que, em combate, sensações de formigamento significavam que você tinha sido seriamente ferido.

Merritt cambaleou às cegas, e então, finalmente, parou, arrancou seus óculos de visão noturna e abriu os olhos. Ficou cego, instantaneamente, por causa da água fria que era espirrada em seu rosto. Aquilo era maravilhoso. Ele sentiu um cheiro que era uma mistura de gasolina, carne queimada, plástico derretido e metal aquecido. Virou-se no lugar, meio tonto, sentindo o choque tomar conta dele. Estava parado em uma área bem cuidada do gramado, ao lado de um cogumelo laranja de chamas que tinha uns quinze metros de altura. A água fria sendo espirrada nele fazia com que fosse tolerável ficar assim tão perto. Seus homens estavam em algum lugar naquelas chamas.

Ele procurou o microfone, que estava derretido contra sua bochecha.

- Waucheuer! Reese! Littleton! Relatório! Kirkson! Engels! Relatório! -O microfone caiu em sua mão. Seus fones de ouvido estavam mudos sob o capacete de Kevlar.

Seus homens tinham morrido. Todos eles.

Merritt estava entorpecido. Ele se virou para se orientar e viu a mansão brilhando a cerca de trinta metros adiante. Levantou o braço e percebeu que a alça de sua MP-5 tinha derretido junto com a parte de trás de sua manga. Seu tinto de náilon com a munição também havia derretido, grudando em seu macacão e na armadura de Kevlar. Não sabia se estava muito ferido, mas seu rosto começava a ferver. Ele decidiu ir em frente.

Merritt segurou o cano da arma com sua mão esquerda ou arrancou a massa retorcida de seu braço. O Nomex parecia tê-lo

protegido do pior, mas ele sentia aquele zumbido confuso em suas terminações nervosas que era o equivalente neurológico de "Por favor, aguarde que a dor já vem... "

Merritt começou a correr, não para o muro do perímetro ou para a segurança, mas rumo à mansão. Ele foi em direção à área da piscina, que tinha uma cerca em volta, com portas francesas brancas e maçanetas de cobre polido, e uma luz brilhante que saía pelas janelas. Seus olhos não se desviaram de lá enquanto pulava por cima de bancos de pedra e jardins.

À sua volta, entre os irrigadores, ele sentiu o cheiro de gasolina novamente, e ouviu o barulho das chamas correndo para envolvê-lo, mas foi mais rápido que elas e ficou no caminho da água, que serviu de proteção para as chamas que chegavam até a casa.

Enquanto corria, Merritt esticou a mão nas costas para pegar a escopeta de cano serrado amarrada ali atrás. Ele ainda estava lutando com a empunhadura de sua arma, para soltá-la da massa de coisas derretidas que era o seu cinto, quando chutou o portão de madeira da piscina. Pedacos de metal que compunham a abertura do portão caíram no chão de pedra, mas ele já estava passando por uma série de cadeiras de jardim de madeira e virando mesas pelo caminho, indo em direção às portas francesas. Quase lá. Ele percebia, vagamente, feixes de luz vindo da casa e focalizando nele, mas estava pouco se lixando para o que Sobol estivesse aprontando. Poderia até morrer quando chegasse lá, mas ia entrar na casa.

Ele pegou sua faca Mark V e cortou os pedacos do cinto que estavam grudados na escopeta. Para ganhar tempo, lançou a faca, que se cravou na porta. Sacou sua escopeta Remington 870 com as mãos enluvadas e colocou uma bala no cano com um prazeroso *click-clack*.

Merritt chutou a porta com tudo e quase fraturou a tíbia. A inércia fez seu corpo ir em direção à porta, enquanto o joelho subiu de volta, batendo em SUS boca e fazendo com que uma forte pontada de dor atingisse o seu cérebro. Kit' cambaleou para trás e, instintivamente, passou as costas da luva na boca. Ela voltou cheia de sangue, e seus dentes da frente ficaram soltos.

Não importa.

Merrill levantou a escopeta na direção da fechadura e disparou, fazendo um círculo de mais ou menos trinta centímetros. Carregou a arma novamente e disparou outros tiros acima e abaixo, onde as portas se encontravam, os lugares mais prováveis para se colocar reforços.

A centenas de metros dali, o acampamento do FBI era um pandemônio. Agentes e policiais corriam para juntar equipamentos de resgate, enquanto outros ordenavam que ninguém chegasse perto do local do ataque. Era uma bagunça. No meio desse caos, Trear ouviu tiros de escopeta ao longe e gritou:

— Quem está atirando? Ordene um cessar fogo, Decker!

— A comunicação caiu!

Merritt acertou as portas francesas com o ombro e abriu-as. Ele caiu em uma sala de estar de estilo neomissionário, com piso de carpete de madeira. Havia uma área rebaixada, com sofás em frente a uma enorme TV de plasma. As luzes estavam todas acesas e brilhavam demais, praticamente o cegavam. Mesmo assim, ele girou o pescoço e olhou para os dois lados. Sabia o que tinha de fazer.

O esquadrão antibombas tinha sido abatido por uma arma sonora, e ele não seria pego do mesmo jeito. Merritt levantou sua arma e notou meia dúzia de sensores diferentes espalhados pelo teto no alto de cada parede e atrás das luzes brilhantes.

Uma voz clara de comando surgiu de uma porta, vindo de dentro da casa.

— Você não pertence a este lugar. A resposta dele foi espontânea:

— Vai para o inferno, Sobol!

Merritt ouviu passos se aproximando dele pelo chão de madeira. Era impressionante. Dava mesmo a sensação de que havia alguém ali, os ecos da sala mudavam. Foi quando Merritt sentiu e ouviu passar por ele o som mais profundo que já tinha experimentado. A mesinha próxima começou a tremer tanto que os painéis de vidro caíram.

Merritt se virou para olhar novamente para cima e percebeu um LED piscando na parte de trás de uma das caixinhas redondas de sensores. Levantou a escopeta no momento em que uma horrível sensação de terror o atingiu. Seus intestinos estavam tentando estrangulá-lo, e ele sentiu que seus olhos estavam prestes a explodir. Gritou em agonia e disparou.

A dor cessou na mesma hora. Merritt parou um instante para se abaixar e vomitar, depois se levantou imediatamente. Seus olhos e seu nariz sangravam, mas ele limpou o sangue e deu outro tiro em um sensor igual, que ficava na parede mais distante. Depois, na parede interior. Ele se virou enquanto pegava mais cartuchos dos bolsos de sua calça e recarregava sua Remington. Um pouco de sangue de seu nariz pingou em seus dedos.

— Filho da mãe! Vou desligar você, Sobol! — Ele colocou outro cartucho. Está me ouvindo? - Suas palavras ecoavam pela casa.

Uma voz logo atrás dele falou:

— Não precisa gritar. Posso ouvi-lo muito bem.

Merritt pulou e se virou, dando um tiro na parede atrás dele.

A voz continuava ali, a centímetros de seu rosto.

- Vejo que passou pelo firewall.*

Como isso era possível? O som aparecia em pleno ar. Nenhum sistema de som poderia fazer isso. Merritt analisou os agrupamentos de sensores novamente, mas nenhum parecia estar ativo.

A voz estava bem em seu ouvido, sussurrando.

- Eles sabiam que você ia morrer, mas o mandaram aqui do mesmo jeito. Merritt deu um pulo, passando o dedo enluvado no ouvido como se um

inseto estivesse voando por ali.

- Filho da...

Merritt deixou a escopeta pendurada pela alça, enquanto sacava uma de suas pistolas gêmeas P14-45. A voz continuou em seu ouvido, mas não havia dor. Nada daquela pressão agonizante de seus intestinos.

- Eles estavam dispostos a sacrificar você para descobrir do que eu sou capaz.

- Vai falando, seu idiota.

Merritt se manteve em posição, como em um treino de tiro, mirando nos sensores do teto. Então começou a atirar neles, um por um, esperando um segundo depois de cada tiro.

O quarto tiro calou a voz. Um painel de plástico flexível se estilhaçou quando a bala o atingiu. A voz tinha sumido. Merritt atirou em outro sensor idêntico na parede mais distante, depois puxou a trava de segurança da pistola e guardou-a.

- Blá-blá-blá!

Merritt percebeu seu reflexo em um espelho acima de uma prateleira, enquanto caminhava pela sala. Seu rosto estava todo vermelho cor de sangue e coberto por bolhas, com o microfone derretido em sua bochecha. O capacete Pro-Tec tinha protegido sua cabeça, mas o branco dos seus olhos estava vermelho, e o sangue escorria de seu nariz, descendo-lhe pelo queixo queimado. O capuz e a roupa de Nomex o haviam mantido vivo, mas um choque de catalepsia poderia ocorrer em breve. A vertigem o atingia em ondas. Sentia a raiva crescendo novamente dentro dele. Seus homens tiveram um destino muito pior.

Merritt ouviu um leve tick e um chiado de eletricidade estática. Ele se virou e viu a TV de plasma acordar. Um gráfico em 3-D da mansão vista do alto girava na tela. Parecia um esquema de instruções.

N.T: Literalmente, parede corta-fogo. É o nome usado em informática para designar o dispositivo de uma rede de computadores que tem por objetivo aplicar uma política de segurança a uma rede, impedindo o envio ou recebimento de dados nocivos de uma rede para outra.

- Você está aqui para encontrar a sala dos servidores. Desça o corredor, vire à esquerda e depois à esquerda de novo. Sei que deram um mapa a você, mas, caso ele tenha se queimado, aqui está uma ajuda...

O gráfico 3-D adquiriu vida, com a câmera fazendo um tour virtual que descia para a mansão e entrava, diretamente, por onde Merritt havia entrado. A câmera voou pelo corredor à frente, virou à esquerda, passou pela sala de bilhar, virou à esquerda, e foi até a

porta do porão, que se abriu para a câmera entrar na escuridão. Era como um videogame em primeira pessoa.

Merritt pegou uma mesinha ali perto, retirando o abajur que estava em cima dela.

A voz de Sobol continuou concentrada.

- Quer que repasse o vídeo? Sim ou não?

A tela da TV de plasma se estilhaçou com o impacto da pesada mesinha, e a coisa toda caiu para trás, lançando fumaça elétrica quando ela se espatifou no chão.

- Chega de jogos mentais - Merritt passou pela bagunça e pegou uma parte do sofá modular, levantando-o com grande esforço da área mais baixa e colocando no nível principal da sala. Ele o apoiou em seu ombro deixando a parte principal na sua frente, e então avançou para a passagem que levava para dentro da casa, segurando a escopeta com a outra mão.

As dimensões da casa de Sobol iam muito além do que Merritt consideraria uma residência. Para ele, aquilo parecia mais o prédio de uma universidade. Ele supôs que o teto tinha de três a cinco metros, e as portas e os corredores eram duas ou três vezes maiores e mais largos que o necessário. O corredor da área de estar tinha pelo menos uns três metros de comprimento, com piso de terracota em placas de setenta centímetros. Poderia ser o saguão de elevadores de um hotel de luxo. Continuava pelo centro da casa e era decorado aqui e ali com móveis enormes, armários com visual modernoso e gabinetes de ferro feitos no estilo dos móveis do período da Inquisição espanhola. Eram largos o suficiente para servirem como esconderijo no caso de um ataque indígena.

Quando estava perto de entrar no corredor principal, Merritt se inclinou para a direita e para a esquerda para ter uma ideia do que o esperava à frente. Não conseguiu ver nada de nenhum dos lados. Empurrou seu sofá-proteção para a frente e depois para o lado esquerdo do corredor. Os pés de metal do sofá arranharam o piso como se fossem unhas passando em um quadro negro.

De repente, o chão se abriu abaixo do sofá e Merritt se segurou bem a tempo, antes de cair mais adiante na escuridão da

armadilha. O sofá caiu no poço cheio de água e então o chão subiu novamente, quase o acertando. Ele ouviu o clique do chão se prendendo outra vez. Aquilo servia, obviamente, para evitar que a vítima do poço conseguisse sair de lá.

Merritt bateu de leve na armadilha com a parte de trás de sua escopeta. O chão parecia firme. Não quis arriscar, então voltou um pouco para trás para poder começar a correr. Foi o que ele fez, saltou a armadilha e caiu bem em frente a um armário grande e forte, que ele escolherá para pará-lo rapidamente após o salto. Em um instante, já estava em pé e com a escopeta na mão.

Ele sentiu o zunido das armas acústicas sendo preparadas. Olhou para a direita e a esquerda no teto e encontrou o sensor acústico mais próximo. Um tiro de escopeta o arrancou da parede. Depois achou o sensor gêmeo na parede atrás dele e o destruiu também. Em seguida, recuperou o fôlego no silêncio que causara.

De repente, uma voz na sua frente disse:

- Se você arranjar um par de seios e um rabo de cavalo, então poderemos começar o jogo!

Merritt apenas mostrou o dedo médio para a voz de Sobol. Deixe ele falar. Merritt precisava guardar sua munição.

Era hora de se orientar. Ele tirou um pequeno mapa laminado do bolso interno na altura de seu peito. Estava empenado por causa do calor, mas ainda era legível. Merritt checkou sua posição e viu que não estava longe da entrada do porão e do buraco que engoliu o robô do esquadrão antibombas. Levantou a cabeça e notou o silêncio.

- Qual é o problema, Sobol? Não tem mais nada a dizer? A voz falou do mesmo lugar, bem na frente dele:

- Não entendi.

- Eu disse: o gato comeu a sua língua?

- Não entendi.

E não podia entender mesmo. Aquele era um truque tecnológico muito elaborado. Uma árvore lógica com armas.

- Seu morto retardado! - Merritt guardou a planta e encostou o ombro no pesado armário, tentando empurrá-lo à sua frente, mas o móvel insistiu em ficar no lugar. Ele deu um passo para trás e

analisou a situação. Já tinha visto suportes de trilhos serem feitos com muito menos madeira. O móvel parecia ler uns cem anos e suas prateleiras estavam adornadas com pratos Talavera e entalhes de figurinos do Dia dos Mortos. Merritt sorriu diante dos pequenos esqueletos pulando e fazendo suas coisas do dia a dia, aparentemente sem terem sido afetados pela própria morte. Era fofo mesmo.

Pegou um castiçal de bronze na estante e olhou para a frente. Uns sete metros de corredor vazio o esperavam. Depois, ele estaria na porta de entrada da sala de bilhar, que levava à porta do porão.

Ele colocou a escopeta nas costas e se deitou de barriga para baixo, espalhando seu peso pelo chão. Então se virou para dar uma batidinha no chão oco atrás dele, para descobrir como era o som. Depois bateu no chão sob ele. Sólido. Sons bem diferentes. Merritt se virou novamente para frente e começou a rastejar, batendo cautelosamente no chão com o pesado castiçal enquanto se movia.

Estava na metade do caminho da parte vazia do corredor quando a voz de Sobol falou novamente, poucos centímetros à frente do rosto dele.

— Detesto interromper, mas agora tenho que matar você.

Merritt ouviu algo vindo bem do fundo da casa. Parecia uma bomba de água, mas muito maior do que a que ele tinha em casa. Então ouviu um som de água correndo pelos canos, e de repente ela começou a se espalhar, silenciosamente, pelo chão, vindo de orifícios invisíveis nos rodapés. Merritt olhou para a esquerda, para a direita e para trás. A água vinha da frente e de trás, se espalhando pelo chão entre as paredes com um centímetro de profundidade. Merritt se levantou e se agachou, sem saber bem o que fazer. Ele nunca chegaria no armário antes que a água o dominasse.

E o que a água poderia fazer? Sobol não conseguiria encher aquele cômodo inteiro; havia seis ou sete portas que davam nele. Merritt começou a observar as paredes à procura de alguma ameaça escondida, e logo encontrou.

Diante dele, uma das tomadas da parede começou a se estender para frente e depois em direção ao chão. Estava montada

no fim de uma barra curvada. Deu para ouvir um zap e um pop quando o soquete atingiu a superfície da água, que agora estava eletrificada.

— Droga!

Merritt ficou logo em pé e procurou alguma coisa em que subir. Não havia nada. Rapidamente, tirou sua escopeta das costas e atirou em dois buracos na parede de gesso e madeira perto dele — um a cerca de trinta centímetros do chão e outro em uma altura adequada para que sua mão aguentasse o peso. Depois soltou a escopeta, que ficou pendurada pela alça, e pulou, segurando-se nos buracos bem na hora em que a água o atingiria vindo dos dois lados.

Merritt quase caiu quando alguns pedaços de madeira se quebraram com seu peso. Mas logo achou pregos e suportes na parede para se segurar. Respirou fundo e encostou seu rosto queimado no gesso frio. Estava começando a sentir a dor de suas queimaduras. As de segundo grau eram as que doíam mais. Ele se recompôs e olhou para baixo.

A água tinha mais ou menos três centímetros de profundidade e estava escoando pelas fendas de vários poços. Um barulho de cascata era ouvido abaixo do chão, enquanto mais água era bombeada constantemente, mas a coisa parecia ter atingido o equilíbrio. O zunido da superfície eletrificada era irritante.

Merritt olhou para frente e viu que estava a menos de três metros da entrada da sala de bilhar, que tinha um degrau, fazendo com que a água não entrasse ali.

Começou a quebrar pedaços de madeira e reboco e chutar a parede diante dele. Suas luvas à prova de balas e as chapas blindadas nas juntas ajudaram, enquanto ele socava o buraco repetidamente, aumentando-o. Os fragmentos iam caindo na água que zunia abaixo.

Ele demorou uns bons cinco minutos, mas logo estava próximo à entrada da sala de bilhar. Curvou-se para olhar lá dentro. Havia duas mesas de bilhar iguais e um pequeno bar, que seria suficiente para uma pequena cidade. Logo pensou em várias maneiras pelas quais aquela sala poderia matá-lo. Bolas de bilhar velozes lançadas

de um canhão antigo. Coquetéis molotov de uísque envelhecido 22 anos. Envenenamento por amianto. Algum tipo de asfixia. Eram muitas as possibilidades.

Mesmo àquela distância, Merritt podia ver um dos sensores de arma sonora perto do teto. Ele soltou sua pistola com a mão direita enquanto se segurava na viga de madeira com a esquerda. Depois levantou a arma, mirou com cuidado e atirou três vezes no sensor. Pedacos do equipamento caíram no chão, perto do bar.

Merritt observou aquela sala.

— Mas que porcaria é essa...

Ele pegou uma granada de luz de impacto não letal de seu cinto. Uma parte dela estava grudada no cinto, mas ele conseguiu arrancar. Depois fez um malabarismo para conseguir tirar o pino e se segurar ao mesmo tempo. A maioria das pessoas acha que se pode arrancar o pino com os dentes, mas esse é apenas um bom jeito de quebrar um dente ou explodir sua cabeça, ou as duas coisas. Finalmente, depois de conseguir segurar a granada e arrancar o pino, ele a lançou no centro da mesa mais próxima, e então se escondeu atrás do batente da porta.

A explosão foi ensurdecadora, mesmo ele estando protegido e meio distante. As vigas da casa chacoalharam e ele ouviu vários vidros se quebrando. Torceu para que aquilo confundisse qualquer sensor infravermelho ou de som. Merritt balançou o corpo e correu em direção à mesa mais próxima, cujo tampo de feltro estava queimado e soltando fumaça por causa da explosão.

Ele se jogou por cima da mesa e rolou até a outra ponta. Depois rolou por cima da outra e aterrissou como um gato, agachado e pronto para a ação com sua escopeta. Percorreu os últimos três metros até a porta do lado oposto e encostou seu corpo contra a parede. Ele respirava rápido, mas, também, seu coração batia 180 vezes por minuto desde que tinha entrado na casa.

O conhecido som de armas sônicas sendo carregadas chegou aos seus ouvidos. Ele mirou alto e transformou o sensor em confetes de plástico que caíram sobre ele. Depois, examinou o teto, mas nenhum dos outros sensores parecia ameaçador.

A porta do porão estava um metro à frente e à sua esquerda. O chão diante dela tinha piso de terracota, mas ele sabia que escondia o poço que havia engolido o robô do esquadrão antibombas. Procurou por fendas, no entanto o poço estava bem fechado.

Merritt ficou parado um pouco antes do limite da porta, inclinou-se para a frente e virou a maçaneta da porta do porão com o cano de sua escopeta.

Subitamente, um pedaço de piso de mais ou menos um metro na frente do porão simplesmente se abriu, revelando um poço de tijolos com água no fundo. Dava para ver a ponta do braço do robô saindo da água. Merritt rapidamente pulou para o lado do poço, inclinou-se e segurou a maçaneta da porta, mantendo-a aberta quando ela tentava se fechar. Colocou a escopeta atrás da porta e apontou para a dobradiça superior.

BANG!

A parte de cima da porta se soltou da parede, e, com alguns chutes e torções, a outra dobradiça também se soltou. A porta caiu no poço, batendo na água com sua superfície lisa.

Merritt olhou para dentro e pôde ver o topo de um lance de escadas que levava para baixo. Um portão com grades bloqueava seu caminho. Eram barras de aço inoxidável como aquelas dos cofres de bancos. Um pequeno teclado numérico ficava no lugar da fechadura.

A Voz falou de novo, dessa vez bem atrás da cabeça dele:

- Dave, pare. Pare Dave.

— Vá para o inferno, Sobol.

Merritt se concentrou no teclado. Ele não era especialista em segurança e sabia que, provavelmente, havia alguma armadilha ali. Mirou com a arma e disparou uma vez contra a fechadura. A bala se desintegrou em uma nuvem de fumaça. Merritt abanou com as mãos e olhou para a fechadura. O teclado tinha sumido completamente, deixando apenas um pequeno buraco redondo, onde suas partes eletrônicas entravam no mecanismo do portão. Fora isso, a fechadura estava intacta. Chumbo quente era inútil contra aquilo.

Ele pegou sua segunda pistola PI4. Tinha que dar uma chance para o cobre quente também. Merritt apontou para a fechadura e disparou várias vezes no mesmo ponto. Buracos surgiram na parede do outro lado por causa do ricochete das balas. Depois do último tiro, ele foi inspecionar o estrago. Quatorze tiros, e mal havia arranhado o metal.

Merritt se abaixou e encostou na parede. Waucheuer e os outros estavam carregando o kit de armas pesadas de invasão, os maçaricos e dínamos. Tudo que ele tinha era um rolo de fita explosiva que não arrebentaria aquela grade de aço.

A voz de Sobol estava ali ao lado dele:

- Por acaso ajuda saber que não tem nada de importante aqui? Merritt olhou para o poço cheio de água e examinou as paredes dele.

Eram de tijolos pintados com tinta preta, grossa, da marinha. O poço estava no mesmo nível do porão e provavelmente da sala do servidor.

Merritt guardou sua pistola e pegou as granadas que sobraram em seu cinto. Ele tinha mais quatro do mesmo tipo da anterior. Pegou o rolo de adesivo explosivo e o cordão detonador, no bolso que ficava na altura da coxa de sua calça, e os amarrou bem em volta das granadas. Então se levantou, ficou na beira do poço e soltou o embrulho até a água, deixando o fio detonador se desenrolar. Depois se abaixou atrás da parede e ativou o detonador.

A explosão abafada lançou um jato de água até o teto, e o chão tremeu por alguns instantes. Logo Merritt ouviu o barulho da água correndo por uma abertura. Ele tinha quebrado a parede de tijolos.

Voltou à beirada do poço e viu a água escorrendo pela parede e entrando na sala do servidor. Uma buzina soou pela casa, repentinamente, e luzes de emergência piscaram no teto. Uma voz feminina britânica soou em um sistema de som comum:

- Centro de dados primário invadido. Iniciar sequência de autodestruição... — houve uma pausa. — Não haverá contagem regressiva.

- Droga! - Merritt sabia que a porta da frente estava próxima, virando e indo até o fim da sala de estar principal. Ele correu para

lá enquanto um *bipe* cortante preenchia a casa. Era como um detector de fumaça que usasse esteroides e estava perfurando o cérebro dele.

Os sistemas anti-incêndio surgiram do teto. Ele ouviu o assobio da pressão dos borrifadores subindo e olhou adiante. A porta da frente da mansão linda estava aberta, cerca de trinta metros à frente, deixada assim, presa, pelos abençoados membros do esquadrão antibombas. Ele correu para a saída com toda a força que tinha.

Então os borrifadores começaram a funcionar, jogando gasolina sobre a decoração estilosa. Ele ainda estava a vinte metros da porta quando viu uma lâmpada alógena começar a brilhar intensamente ali no teto. A luz ficou tão Intensa que ele nem conseguia olhar diretamente para ela.

Quando explodiu, lançando uma parede de chamas na direção dele, o cérebro de Merritt lhe ofereceu o que poderia ser o seu último pensamento:

Nunca verei minhas filhas crescerem.

Sem nenhum aviso, o chão cedeu onde ele corria. Um poço-armadilha o engoliu. Ele caiu na escuridão, seguido pelas chamas que acenderam a água escura. O tempo desacelerou, e Merritt teve tempo de observar como Sobol era um desgraçado; ele tinha ativado o poço-armadilha apenas depois de o robô passar tranquilamente pela sala. Mas que desgraçado desonesto.

Merritt caiu na água — de cabeça — e desmaiou, enquanto a armadilha se fechava de novo acima dele.

Entre os agentes que cercavam a mansão, alguém gritou, e logo foi seguido por centenas de vozes gritando. A mansão de Sobol estava com um brilho alaranjado. As chamas explodiram por todas as janelas. Em segundos, toda a estrutura foi envolvida por chamas que chegavam a vinte metros de altura. Meia dúzia de casas menores em volta também começaram a queimar e logo se transformaram em um inferno em chamas.

Trear assistia à cena entorpecido. Visualmente, parecia o pesadelo da cidade de Waco* que ele temia que acontecesse, quase que certamente, combinado com as piores fatalidades que o

FBI já havia sofrido em uma única operação em sua história. E todos os dados de Sobol estavam se queimando. Junto com a carreira de Trear.

* N.T.: Entre fevereiro e abril de 1993, ocorreu nas proximidades dessa cidade o que ficou conhecido como Cerco de Waco, quando agentes federais sitiaram o prédio do grupo Ramo Davidiano, liderado por David Koresb, até o incêndio que matou a maioria dos seguidores da seita, inclusive o próprio Koresh.

Capítulo 19:// Sarcófago

Gragg levou três horas e meia para hackear a chave WPA da segunda rede sem fio de Boerner. Ele precisou deixar o carro ligado o tempo todo para garantir que não acabaria a bateria do laptop. Quando conseguiu quebrar o código, configurou seu cartão para acessar aquela rede, e logo o DHCP deu a ele um endereço de IP para aquela rede sem fio. Já eram quatro da manhã.

Mas ele dormiu um pouco e, animado pelo sucesso com a chave, sentia-se bem. Se aquilo era um teste, ele tinha passado na primeira parte. Talvez saísse dali com vida.

Ele usou o *Superscan* para fazer uma varredura de ping e de portas de máquinas ligadas àquela rede, mas descobriu apenas um computador trabalhando naquele ponto de acesso. Aquela estação de trabalho retornou informações de seu sistema operacional e liberou o status de vários serviços em operação, porém seu disco rígido estava muito bem protegido.

Gragg considerou suas opções. Ele queria uma exploração rápida que lhe desse uma *remote shell* no computador principal com direitos de administrador de sistema. Com isso ele poderia conseguir ver dentro da LAN protegida

e Invisível para ele.

Como não tinha tempo sobrando, resolveu fazer um ataque que fosse eficiente contra um grande número de aplicativos: SNMP, um *buffer overrun* que explorava falhas conhecidas de atualizações não baixadas para *Simple Network Management Protocol*. Esse serviço estava presente no alvo e valia a pena fazer uma tentativa.

Ele abriu o console e digitou os comandos rapidamente, apontando seu código de exploração para a porta 161 da máquina-alvo. Se ela estivesse rodando um OpenBSD sem atualização, ele conseguiria chegar à raiz rapidamente.

Gragg executou o comando, esperou e, um momento depois, recebeu uma resposta que o instruía a usar o *telnet* para se

conectar, remotamente, à porta 6161 do endereço de IP do alvo. Ele suspirou aliviado. Outra barreira superada.

Gragg abriu o *telnet* e logo conseguiu a permissão de comandar a raiz. Ele agora mandava no computador de Boerner. Era hora de aumentar seus privilégios na rede.

Ele fez uma busca pelos domínios de sua máquina-alvo, mas ficou desapontado com os resultados. Sua vítima estava ligada a um único servidor, que estava muito bem protegido e quase não liberou nenhuma informação. Gragg deu uma olhada no diretório que o servidor compartilhava e levantou as sobancelhas.

O diretório continha um único arquivo de página de internet, nomeado MeHackeie.htm.

Gragg sorriu. Estava começando a sentir certa ligação com Sobol. O cara queria que ele chegasse longe, era isso que estava em jogo ali.

Gragg clicou duas vezes no arquivo. Uma página em branco apareceu na tela do navegador. Havia janelas de log on e senha, e um botão ENVIAR, apenas isso.

Ele tinha algumas opções. Passagem de diretório Unicode? Gragg sorriu. *Log on*. Sobol o estava encorajando. Tinha todos os sinais de um ataque de injeção do SQL, e ele possuía um favorito. Nas janelas, digitou:

'ou 1 = 1 —

Depois clicou em ENVIAR. Após um momento, uma animação apareceu com o texto: Log on bem-sucedido. Por favor, aguarde... Gragg sentiu uma descarga de endorfina. Tinha acabado de receber um elogio de seu mentor. A cada minuto ia ficando mais à vontade naquele ambiente.

Alguns instantes depois, um diagrama em Flash da casa de alvenaria apareceu com vários pontos ressaltados. Era uma visão isométrica descrevendo a construção em frente ao carro de Gragg. Ele podia ver a torre da antena com a inscrição: ANTENA WI-FI. Moveu o cursor pelo diagrama e percebeu que algumas partes ganhavam vida quando passava sobre certos elementos.

Gragg viu um conjunto de sensores no teto, e a ilustração parecia mostrar que havia pelo menos uma câmera ali. Ele apontou

para lá e um menu translúcido se desenrolou para a direita, mostrando um submenu.

Transceptor de banda ultralarga

Vídeo multiplexer HD

Conjunto de sensores sonoros

Estava começando a sentir a importância da coisa. Aquilo não era um jogo e tinha sido claramente, desenhado por uma pessoa tecnologicamente muito capaz e rica. Ele sempre havia procurado o limite, e isso era o limite. Era o mais longe da rua principal que ele poderia chegar. Não eram aquelas besteiras de rebeldes tatuados, com piercings e neotribais da sua geração. Era uma demonstração silenciosa do poder da rede. Finalmente.

Gragg selecionou o Vídeo *multiplexer* HD do menu. Uma nova janela se abriu, contendo uma seleção de seis pequenos *thumbnails*, ou seja, seis pequenos quadradinhos com imagens clicáveis. Pareciam ser vídeos em streaming. Gragg viu a imagem de um carro em um dos thumbnails e clicou nela duas vezes, como qualquer pessoa da sua idade faria. Ela aumentou e preencheu a tela inteira. Era uma imagem ao vivo de seu carro. Ele deu tchau com a mão e sua mão apareceu dando tchau no vídeo. Notou uma faixa vermelha sobreposta ao redor de sua placa. Uma etiqueta acima mostrava a interpretação do programa do que estava escrito na placa, e estava correto. Sobol estava usando Um leitor óptico de placas. Gragg sabia que era um programa disponível comercialmente, usado sempre em avenidas e estradas. Mas Sobol precisaria de acesso ao Departamento de Veículos para saber quem era o dono do carro. Ele devia ter invadido o banco de dados do departamento para conseguir a informação de registro dele. Gragg pensou no salário médio de um funcionário do Departamento de Trânsito e concluiu que obter acesso a ele não seria um grande problema para Sobol.

Na imagem de fundo do vídeo havia uma faixa similar ao redor da placa do VW Vanagon. Gragg não pôde deixar de imaginar o que tinha acontecido com aquele carro. A van estava toda detonada.

Ele fechou a janela e foi checar os outros vídeos. Havia câmeras colocadas em todo o entorno da casa, cobrindo todas as direções.

Toda vez que ventava, os galhos balançando eram circundados por linhas vetorizadas que tentavam determinar se era algo reconhecível para o programa. Gragg percebeu que estava olhando aquelas linhas vermelhas aparecerem e sumirem como Uma *lava lamp*. Um programa de captura de movimento? Isso era algo bem sofisticado. Ninguém suspeitaria de que essa casa em estilo forte teria tanto poder de processamento.

Gragg fechou a página de vídeos e foi olhar os outros recursos visíveis do diagrama. Ele notou a saliência, parecida com uma garagem, que saía da parte de trás da construção. Moveu o cursor até ali com o mouse e as palavras "Hl Alfa" apareceram. Aquilo explicava os danos no Vanagon. Havia um Hummer autômato ali, Igual ao da mansão de Sobol. Gragg sorriu. Era mesmo Sobol. Ele estava seguindo os passos de um gênio. Para sua tristeza, não havia mais nenhuma informação visível sobre o Hummer, então ele clicou em um dos círculos que aparei Iam em volta da base da construção. A etiqueta Sensores Sísmicos apareceu. Provavelmente serviam para detectar a aproximação de veículos e pessoas.

Quando Gragg foi examinando a ilustração da base daquela construção, uma porta desenhada com linhas vermelhas brilhantes surgiu na parede da frente. Ele levantou a cabeça e olhou para a porta de verdade, uns sete metros adiante, mas não conseguiu ver nenhuma indicação de que havia uma porta ali naquela parede lisa de cimento. Levou o cursor de volta até aquela parte da parede no diagrama, e um menu se abriu. Ele tinha duas opções: abrir e fechar. Gragg clicou em abrir.

Em frente ao seu carro, ele viu uma parte da parede se mover para a frente e depois deslizar para o lado, revelando uma entrada escura de um metro e meio, mais ou menos. Gragg chegou a esperar que um vapor saísse de lá. Ela estava circundada por um brilho levemente vermelho.

Então era isso? Ele deveria entrar? Gragg olhou para os lados com cautela. Isso exigiria sair do carro. O feixe de luz da casa ainda iluminava aquela área, revelando em que terrível atoleiro ele tinha se enfiado. E não tinha ideia de como tiraria o carro dali sem um guincho. Ele não poderia ficar ali para sempre.

Gragg desligou o computador e começou a arrumar suas coisas. Em poucos minutos, tinha colocado tudo o que precisava em sua mochila, menos a Glock 9 mm, que preferiu manter em sua mão direita. Gragg abriu a porta do seu Tempo com o rangido característico dela e colocou um pé, calçado com sua bota do exército, no charco, sentindo-o afundar até o joelho. Ele gemeu de nojo, mas, percebendo que não tinha opção, pôs também o outro pé, fechando a porta do carro depois de sair. Logo estava caminhando, lentamente, pelo barro em direção à abertura escura no muro de cimento.

Gragg parou e olhou mais uma vez para o VW Vanagon com placa da Louisiana e adesivos anárquicos. Vidro e plástico dos faróis e pedaços de para-choque se encontravam no chão. A roda dianteira esquerda tinha sido amassada e virada no ângulo do eixo. A porta do passageiro estava meio aberta e pegadas saíam do barro e iam para a estrada.

Gragg ficou parado por um momento, decidindo se deveria verificar aquilo. Então se lembrou de que não queria ficar andando ali por fora e continuou sua luta contra o barro sugador de pés, indo em direção à casa.

Logo chegou ao chão firme que cercava a construção. Gragg examinou suas pernas e viu que estavam cobertas de lama e que seus pés se encontravam ensopados. Tentou tirar a lama das botas raspando-as contra o chão, mas logo desistiu e colocou a mochila nas costas. Depois, pôs uma bala na agulha de sua Glock e encarou a entrada.

Uma luz vermelha difusa emanava dos cantos da porta. Era claridade suficiente apenas para revelar um chão de pedra polida em direção à escuridão mais adiante. Vermelha. Luz de baixa frequência que não era visível a uma distância significativa.

De repente, uma voz feminina e britânica disse no ar, bem ao lado da cabeça de Gragg:

— Entre, senhor Gragg.

Ele ficou tão surpreso que, por reflexo, deu um tiro com a Glock. O barulho ensurdecedor ecoou no céu. A bala ricocheteou na parede e foi em direção às árvores.

A voz feminina falou de novo. Ela parecia meio artificial, meio cortada.

- Está familiarizado com detectores de tiros? As delegacias de polícia das grandes cidades dos Estados Unidos os usam para identificar e medir a localização precisa dos tiros no momento em que eles ocorrem. Os tiros têm padrões acústicos distintos. Até a arma que fez o disparo pode ser identificada pelo padrão do som. Você, aparentemente, tem uma... nove milímetros. — I louve uma pausa. — Não vai precisar dela. Você mereceu o direito de entrar.

Gragg olhou para a Glock em sua mão, depois respirou fundo. Ele nunca tinha se sentido por fora diante de um avanço tecnológico, mas aquela voz do além era o mais próximo de magia que ele já havia presenciado. Não gostava do papel de primitivo assustado. Não combinava com ele, por isso respirou fundo e tentou conversar com a Voz.

- Quem é você?

A voz foi incisiva.

- Esta porta se fechará, permanentemente, em dez segundos.

Os pensamentos de Gragg se dispersaram e ele hesitou por um momento antes de correr pela passagem em direção à escuridão, com seus pés cheios de barro chapinhando no chão. Assim que ele entrou, a porta se fechou ruidosamente atrás dele. O brilho vermelho da moldura da porta se apagou quando a abertura foi selada. Gragg ficou parado um momento na escuridão total. Não cheirava a mofo nem nada assim. Era um ar super-limpo e filtrado. Ele não estava mais no sul do Texas...

Repentinamente, uma luz branca e difusa começou a emanar das paredes, Elas não se acenderam, como uma lâmpada fluorescente, mas foram aumentando de intensidade do nada, até alcançarem um brilho confortável e uniforme. Era uma luz firme, que não forçava a vista, completamente silenciosa.

Gragg se viu em uma sala de sete metros quadrados com uma porta de aço solitária no meio da parede à sua frente. A superfície dela tinha um visual de bronze de canhão manchado, como se tivesse sido pensada para atrair a vista. As paredes eram painéis

brancos brilhantes, feitos com uma espécie de náilon ou libra de vidro. O chão era de simples concreto polido.

A Voz apareceu novamente do nada, deixando Gragg surpreso, pois dessa vez ela circulava em torno dele. Ele ouvia, mas ainda tinha dificuldade em aceitar aquilo. Uma voz não podia aparecer em pleno ar na vida real. Não era possível.

— Você trilhou um longo caminho e já conquistou muitas coisas.
— Uma pausa. — Não fique assustado com a minha voz. A aparição dela em pleno ar é resultado de um sistema de som hipersônico. Esta tecnologia está disponível comercialmente. Quer ouvir uma explicação técnica? Sim ou não?

Gragg olhou em volta, para as paredes e o teto. Havia vários sensores e pequenas caixinhas de todo tipo ali. Ele limpou a garganta.

— Sim.

— Um sistema de som hipersônico, ou SSH, não usa alto-falantes físicos. Ele pulsa cristais de quartzo em uma frequência milhares de vezes mais rápida que a vibração de um alto-falante normal, criando assim ondas ultrassônicas em frequências muito abaixo da audição humana. Diferentemente de sons de baixa frequência, essas ondas viajam em um caminho conjunto, em um raio. Dois raios podem ser focalizados para se encontrarem e, onde interagirem, produzirão uma terceira onda sônica cuja frequência será exatamente a diferença entre as duas primeiras. Em SSH, essa diferença cairá na extensão de onda da audição humana, e parecerá sair do ar. Isso é conhecido como tons de Tartini, em homenagem a Giuseppe Tartini, o compositor italiano do século XVIII que descobriu esse princípio.

Gragg estava se sentindo meio fraco.

— Isto é apenas o começo do que você vai aprender. Você gostaria de aprender, não é?

— Sim - ele balbuciou.

— Então precisamos determinar sua sinceridade.

Ouviu-se o zumbido de um motor elétrico de precisão e Gragg olhou em torno da sala. Um pequeno console tinha se aberto na parede perto da porta. Ele chegou perto com cuidado, apesar de

seus pés ainda fazerem barulho por causa do barro molhado. Não viu outras pegadas de barro. Devia ser o primeiro a chegar tão longe. Um sorriso surgiu em seu rosto, e ele se aproximou do console com mais coragem.

Parecia ser um conjunto de dispositivos biométricos, um leitor de impressões da mão, uma lente de câmera com um visor de borracha e um microfone. Havia também uma pequena tela de LCD, daquelas que vemos atrás das poltronas do avião. Ela estava apagada.

A Voz estava bem ao lado dele.

— Coloque as duas mãos no leitor. Encoste os olhos no visor e ajeite o microfone, aproximadamente, três centímetros à direita de sua boca.

Gragg seguiu as instruções. Não era uma coisa confortável de se fazer, mas imaginou que reclamar não seria uma boa idéia.

- Muito bom. Posso administrar este teste em sete línguas. O inglês é sua língua principal? Responda sim ou não.

Gragg limpou a garganta.

- Sim.

Ótimo. Vou fazer uma série de perguntas. Você deve responder com a verdade, mesmo se achar que a verdade não é a melhor resposta. Este não é um teste de suas habilidades como hacker. É uma tentativa de determinar se você tem alguma má intenção contra nós. Uma sequência de mentiras fará com que o teste acabe. O término precoce fará com que o ar seja bombeado para fora desta sala, criando um vácuo parcial que faria com que o nitrogênio borbulhasse para fora de seu sangue, resultando em uma morte extremamente dolorosa. Um vídeo em MPEG de sua morte será postado na internet como um aviso para outros. Você entendeu? Responda sim ou não.

- Droga! - Gragg levantou a cabeça e olhou para a parede vazia.

- Pare! - a voz soou tão alto que até machucou. Depois voltou ao seu tom normal e confortável. - Seu trabalho até agora foi impressionante. O futuro o espera lá na frente, não no passado. Coloque seus olhos novamente no visor. - Houve uma pausa — Não vou pedir uma segunda vez.

Gragg percebeu que estava suando. Sentiu suas palmas se umedecerem quando voltou rapidamente os olhos para o visor.

- Droga, droga, droga...

- Pare de falar até que seja feita outra pergunta.

Gragg mordeu os lábios e não conseguiu parar de tremer. A expressão morte extremamente dolorosa continuava se repetindo em sua cabeça. Ele não Citava lidando com um idiota, ele era o idiota. E estava realmente com medo.

Responda com sinceridade ou morra. Você sabe quem construiu este lugar? Sim ou não?

- Sim.

Fale o nome devagar, primeiro o nome e depois o sobrenome. Matthew... Sobol.

Você tem alguma coisa contra o senhor Sobol? Sim ou não? Não.

Você admira o senhor Sobol? Sim ou não? Sim. Muito.

Responda apenas sim ou não.

O suor voltou.

- Sim! - Meu deus do céu...

- Gostaria de ter um papel de destaque nos planos do senhor Sobol?

- Sim.

- Se fosse generosamente recompensado com poder, conhecimento e riqueza, estaria disposto a infringir a lei e se expor a alguns riscos para cumprir os planos do senhor Sobol?

Ele não hesitou.

- Sim.

- Você acredita em Deus?

- Não.

- Estaria disposto a seguir as ordens de uma pessoa morta?

Aahhh... Os sentimentos que cresciam dentro de Gragg o surpreenderam. Ele estava preso a um polígrafo do inferno, e ainda assim odiava ter que seguir as ordens de alguém, e, sim, ele tinha certo preconceito em relação aos mortos. Eles não tinham pele nos jogos. Sobol era impressionante, mas ele não iria passar o resto de sua vida servindo a uma macro anabolizada. Maldição!

- Responda sim ou não. Droga!

- Não - Gragg fechou os olhos e esperou pela morte.
- Mantenha os olhos abertos. Ele abriu os olhos imediatamente.

Houve uma pausa.

- Para esclarecer as coisas. Seu poderoso intelecto será necessário para definir o caminho certo a ser seguido a fim de que os objetivos definidos pelo senhor Sobol sejam atingidos. Haverá um grau bem acentuado de liberdade de escolha nos meios a serem utilizados. O resultado é o que importa. Sabendo disso, ainda tem algum problema em desempenhar esse papel? Sim ou não?

O alívio o dominou.

- Não.

- Estaria disposto a dar ordens a outras pessoas no intuito de cumprir os objetivos do senhor Sobol, mesmo que pudessem resultar na morte de seus subordinados?

Sem problema.

- Sim.

- Tem conhecimento de algum mandado de prisão contra você em qualquer estado, território, protetorado ou nação?

- Não.

- Tem ficha criminal em qualquer estado, território, protetorado ou nação?

- Não.

- Você usa drogas?

- Não.

- Você tem algum problema de saúde significativo ou alguma limitação física?

— Não.

— Está envolvido, atualmente, em uma relação amorosa significativa? -Não.

— Tem alguma obrigação familiar importante? -Não.

— Possui histórico de problemas mentais? Huumm.

— Sim.

— Você já causou, propositalmente, a morte de outra pessoa?

Gragg fez uma pausa.

— Sim.

Ele nunca tinha assumido aquilo antes e sentiu uma pontada de culpa que o surpreendeu. Mas passou rápido.

— Está disponível para começar o trabalho imediatamente?

— Sim — ele deu de ombros. Aparentemente, aquela não era uma organização comum.

Houve um silêncio ensurdecedor. E então...

— Senhor Gragg, pode levantar a cabeça do visor e retirar as mãos do leitor. Suas convicções parecem genuínas. Você está agora sob nossa proteção. O teste que falta é para determinar seu posto de serviço e é um exame modificado de Q.I. Ele foi criado para avaliar o seu conhecimento em psicologia humana, lógica, matemática, línguas e sua habilidade em pensar criativamente quando está sob pressão. Não é um teste em que se falhe ou tenha sucesso, mas ir bem significa aumentar o seu poder e as oportunidades para a sua Facção.

A tela de LCD ganhou vida, mostrando uma página simples de internet com um fundo amarelo-claro e um título grande escrito em Times New Roman: Bateria Multifásica de Avaliação de Facção.

Um botão INICIAR apareceu bem abaixo do título.

A Voz falou novamente:

— Este teste durará várias horas. Você será julgado pela precisão e velocidade com que responder às perguntas. Toque a tela para entrar com suas opções. Você pode voltar a qualquer pergunta para mudar a resposta, mas será descontado ao fazer isso. Quando estiver pronto para começar, aperte o botão INICIAR.

Gragg olhou em volta, deu de ombros e então clicou em INICIAR.

Acabou levando três horas e doze minutos para Gragg terminar a "Bateria Multifásica", e no fim suas pernas estavam dormentes e suas costas, travadas, de tanto ficai curvado para a frente. Pior do que isso é que seu cérebro se sentia completamente sugado. Ele nunca havia sido confrontado em um teste tão exaustivo de seu intelecto. As perguntas iam de simples retenção de memória e relações espaciais a teorias criptográficas profundas. Havia problemas terríveis de lógica complexa, diagramas tautológicos elaborados e linguagem matemática. As questões mais agradáveis

eram as de engenharia social, e Gragg se sentiu bastante confiante com suas respostas. Na verdade, ele se sentiu bastante confiante em relação à maior parte do exame. Estava apenas esgotado emocional e intelectualmente.

Esperava ver o resultado do teste ou algo assim no final, mas uma página simplesmente anunciou o fim do exame e o tempo que havia passado: três horas e doze minutos.

Gragg ficou olhando para a pequena tela de LCD e imaginando o que deveria fazer em seguida.

A Voz voltou, surpreendendo Gragg:

- Você fez uma ótima pontuação, senhor Gragg, e seu posto refletirá esse bom resultado. Você agora é o membro fundador de uma Facção. Seja bem-vindo.

A porta de aço ao lado do console fez um barulho, moveu-se para dentro e depois deslizou, silenciosamente, para o lado, revelando outra sala pouco iluminada. Gragg pegou sua mochila e nem se preocupou em sacar a pistola, entrando com muita confiança por aquela porta.

Ela tinha uns dez metros de comprimento por sete de largura. Parecia mais um templo pagão do que qualquer outra coisa. Quatro colunas de pedra sustentavam um teto relativamente baixo e arqueado. O chão era de granito polido e havia meia dúzia de pedestais cobertos com cúpulas de aço cromado ou inoxidável. Uma luz branca quase imperceptível se espalhava pela sala.

Mais adiante, na parede oposta, havia uma pequena plataforma onde repousava uma grande TV de plasma de alta definição. Quando Gragg foi andando para frente, com o barro seco caindo de suas botas, viu a imagem de um homem de uns trinta e poucos anos na tela. Suas feições de falcão eram acentuadas por olhos azuis penetrantes. Seu cabelo era castanho-claro e perfeitamente penteado. Ele usava uma camisa de linho e aparecia em plano médio, com as mãos juntas à frente, os dedos intercalados e em repouso, e olhando diretamente para Gragg, quando ele se aproximou da plataforma.

Quando Gragg entrou em um semicírculo traçado no chão de granito, o homem cumprimentou-o solenemente com a cabeça.

Mesmo que não tivesse visto as fotos nos noticiários, ele saberia na hora quem era aquele homem. Matthew Sobol. Gragg se ajoelhou em frente a ele. Pela primeira vez em sua vida, Gragg compreendeu o que era uma igreja, era quando você hackeava a mente.

Sobol estava ali, maior do que a vida, com uma qualidade digital perfeita. Ele estendeu os braços como um gesto de boas-vindas.

— Poucos foram capazes de fazer o que você fez. Você é uma pessoa rara. Mas você sabe disso. - Sobol deixou aquelas palavras fazerem efeito. - Durante a minha vida, não consegui ser pai. Mas serei depois de morto. Quantas coisas eu poderia ter ensinado se você fosse meu filho... Quanto eu poderia ter me orgulhado de você...Os olhos de Gragg se encheram de lágrimas. Ele sentiu emoções vindas de um lugar que estava esquecido fazia tempo. Memórias de seu pai e todos aqueles anos buscando uma aprovação nunca alcançada borbulharam do fundo de sua mente. Sobol continuou:

— Gostaria de ter conhecido você antes, você que será meus olhos, meus ouvidos e minhas mãos. Meu poder crescente tomará seu curso através de você. E vou protegê-lo, do mesmo jeito que qualquer pai protege seu filho amado. Gragg viu nos olhos de Sobol o respeito e a admiração que ele sempre havia buscado. A aceitação de quem e do que ele era. Estava em casa. Gragg, finalmente, estava em casa. Ele chorou abertamente. Estava repleto de felicidade pela primeira vez na vida. Nada mais importava para ele.

Sobol continuou:

— Há muitas coisas que eu quero ensinar a você...

Capítulo 20:// Falando com os mortos

Era um perfeito amanhecer de outono. Os morros estavam encobertos por aquela névoa que em geral se dissipava no meio da manhã, e a esfera brilhante do sol mostrava a silhueta dos SUVs indo em direção ao sul pela 101. Um aroma de terra, lançado por centenas de milhares de irrigadores, preenchia o ar, que se agitava constantemente, como o som de água caindo ou do vento nas árvores, que ecoava pelo vale vindo da estrada. O sul da Califórnia se preparava para mais um dia, pelo menos enquanto a rede elétrica aguentasse.

Jon Ross andava pelo estacionamento de seu hotel vestido, impecavelmente, com um terno de risca de giz de quatro botões e uma gravata de seda cinza. Sua bolsa de couro preta para laptop estava pendurada em seu ombro.

Ross preferia apartamentos corporativos como esse, que em geral tinham estacionamentos abertos e portas da frente com acesso direto. Parecia mais um apartamento normal do que um hotel. Quase se sentia um morador de Woodland Hills. Ele respirou fundo, aproveitando o ar da manhã. Era jasmim que estava sentindo?

Ross parou.

O detetive Sebeck estava encostado no capo do Audi sedan prata de Ross, tomando seu café e lendo o jornal Ventura Star. Ele nem tirou os olhos do jornal.

— Bom-dia, Jon.

Ross voltou a andar em direção ao seu carro, só que mais devagar. — Bom--dia, sargento. Você sempre acorda assim tão cedo?

— Eu perguntaria a mesma coisa a você.

Quando Ross passou, Sebeck dobrou o jornal e o jogou em cima do capo na frente dele. A manchete gritava: Segundo massacre na propriedade de Sobol, em uma fonte reservada, normalmente, para anúncios ou declarações de guerra.

Ross não pegou o jornal.

— Vivo no hemisfério ocidental, seria difícil não saber disso.

Sebeck apontou com o dedo uma pequena matéria secundária em um canto da página.

Ross baixou a cabeça e leu: Funeral de Sobol é hoje. Depois voltou a olhar para Sebeck.

Sebeck deu um peteleco na lapela dele.

— Está vestido meio de luto, hoje, não?

Ross ficou surpreso com a percepção do policial. Ele deixou a formalidade de lado e assentiu com a cabeça.

— Achei estranho ele ter um funeral. Não me parecia religioso.

— Você acha? E por que está tentando escapar de mim, saindo tão cedo? Ross olhou para baixo e apertou a alça de sua bolsa de forma ritmada.

— Não quero que meu nome apareça nos noticiários. Sebeck considerou aquilo.

— Então é isso? Você está com medo de Sobol?

— Sendo um consultor de informática, o Daemon pode me considerar uma ameaça.

Sebeck concordou com a cabeça.

— Muito bem. Manteremos nossa colaboração em segredo, mas, se vai perseguir Sobol de qualquer forma, lembre-se de que posso abrir muitas portas para você, e você, para mim.

Novamente, Ross respirou fundo o ar matinal, enquanto pensava naquela proposta. Então levantou a cabeça.

— O que espera conseguir além do que o FBI já está fazendo?

— Responda você.

Eles se encararam por um momento, até que Ross assentiu.

— Quem sabe que estou trabalhando com você?

— A melhor frase seria: quem se importa no meio dessa loucura toda? Por favor, Pete.

O FBI sabe, mas eu ficaria surpreso se Trear estiver pensando nisso nesta manhã. Eles perderam o Esquadrão de Resgate de Reféns na noite passada.

Não vou me encontrar com os técnicos forenses do FBI. Diga a Trear que eu amarelei.

— Sem problema — Sebeck olhou nos olhos dele. — Você estava certo a respeito da propriedade. Preciso que me diga o que Sobol está tramando.

— Andei pensando nisso.

— E qual foi a sua conclusão?

Nenhuma — Ross abriu o porta-malas e começou a guardar o laptop.

— Foi essa a sua conclusão? Nenhuma?

— Tudo com que tivemos de lidar até agora era apenas distração. Besteiras para nos manter ocupados. Entrei na internet ontem à noite para checar as conversas nas tavernas de Gedan. Tinha me esquecido de que os federais haviam desligado os servidores da CyberStorm.

— As tavernas de Gedan?

— É a maior cidade portuária em Cifrain, uma monarquia do jogo on-line O Portal, da CyberStorm.

Sebeck continuou olhando para ele sem entender nada.

— Esqueça isso. O ponto é o seguinte: O Portal está on-line e rodando,

Pete.

— Como... isso é impossível. Os federais desligaram os servidores.

— Na Califórnia, sim. Mas a CyberStorm mantém um site espelho chinês para esse tipo de contingência. E está fora do alcance da lei americana. Eles estavam perdendo um milhão em receita por dia, por isso mudaram para o site espelho e entraram com um processo contra o FBI em uma corte federal.

— Um processo? Pelo quê?

— Por fecharem o negócio deles ilegalmente.

— O juiz não aceitará isso.

— Não tenha tanta certeza. A CyberStorm é uma subsidiária de uma corporação multinacional. E eles têm muito poder político.

— É sobre isso que as pessoas falam nas tavernas de Gedan?

— Não, isso eu vi no site do Wall Street Journal. O papo em Gedan é todo sobre a morte repentina do Imperador Louco.

Sebeck fez uma careta.

— O Imperador Louco? Eles acertaram no nome.

— Bom, e o funeral dele será hoje.

— No mundo real ou no virtual?

— Nos dois.

Sebeck levantou as mãos para o alto. Ross continuou.

— Uma luta feroz entre Facções pelo controle do Portal é esperada.

— E isso é um jogo?

Ross fez que sim com a cabeça.

— Mas os rituais são tão proeminentes em O Portal quanto, aparentemente, são na vida real. Como o funeral de Sobol.

— Jon, não tenho a menor ideia do que você está falando.

— Sobol pode estar tentando comunicar alguma coisa através de seu funeral.

— Certo, agora entendi. Mas você não acha que ele está tentando comunicar algo para nós, certo?

Ross fez que não com a cabeça.

— Espero que estejamos sendo mais perceptivos do que ele imaginava. E enfatizo a palavra espero.

— Bom, isso é ser otimista.

Ross olhou para o relógio.

— Ei, o funeral será em Santa Bárbara. Fica a uma hora e meia daqui. Não custa nada chegar cedo.

— Ele gesticulou para que Sebeck entrasse no lado do passageiro. - Eu dirijo.

Sebeck olhou para o brilhante Audi A8.

— Só porque o meu carro da polícia está batido.

O Audi de Ross subia a costa pela U.S. 101. A névoa da manhã já estava se dissipando, proporcionando uma bela vista de Channel

Islands e das plataformas de petróleo afastadas da costa. Era um belo dia.

Sebeck estava bem acomodado no banco de couro do passageiro. O painel e os detalhes da porta tinham acabamento de nogueira e aço escovado. Então era esse tipo de carro que os ricos dirigiam. O motor de doze cilindros roncava com uma força aparentemente ilimitada quando eles aceleravam para ultrapassar outro carro na serra. Sebeck imaginou que esse carro poderia escapar fácil de um perseguidor da polícia.

O sistema de som sozinho já parecia o painel de controle de um 747. A música *A love supreme*, de Coltrane, tocava no rádio. Pela qualidade do som, Coltrane poderia estar cantando sentado no colo de Sebeck. O nome da música e do artista aparecia escrito em pontos amarelos na frente do rádio, Como se fosse um anúncio de outdoor eletrônico.

Sebeck olhou para Ross.

— Nunca vi um rádio desses.

— É escandinavo. Emulador de áudio-DVD baseado em Linux. Quatrocentos *giga-hertz*. Posso armazenar 20 mil músicas com qualidade cinco vezes maior do que a de um CD.

— Você tem 20 mil músicas?

— Não é esse o ponto.

— Não?

Espaço em disco é barato.

Sebeck lançou um olhar daqueles novamente. Tá bom, admito que tenho um problema de vício em tecnologia. Já estou no AA dos viciados em tecnologia.

Sebeck deu uma olhada em volta outra vez. Quanto custa um carro desses? Uns 130 mil. Mas consegui negociar por 120. Sebeck piscou. Aquilo era um terço a mais do que o seu salário anual. Ele sentiu uma pontada de inveja. Claro que o trabalho da polícia era essencial.

Mas por que as profissões de colarinho-branco pagavam tão melhor? Era uma incógnita para ele, e algo que sabia que não iria descobrir.

O Audi se dirigia para o norte, dando-lhe muito tempo para pensar naquilo.

Ross tinha um mapa que dizia exatamente o que fazer para chegar ao funeral, mas eles teriam chegado tranquilamente seguindo as vans das redes de TV. Quando passaram pela grama bem cuidada da casa onde seria o funeral, viram o estacionamento superlotado, com manifestantes que adoram aparecer para as câmeras segurando cartazes com: QUEIME NO INFERNO, SOBOL, bandeiras americanas e fitas amarelas, enquanto outros ainda carregavam símbolos anárquicos e pentagramas. Era um mercado de pulgas que vendia raiva. Policiais e repórteres com seus microfones competiam entre si, alternando-se entre conter os manifestantes e entrevistá-los. As ruas laterais que levavam ao funeral tinham sido bloqueadas pelos guardas de trânsito. Nenhum carro passava.

Ross se virou para Sebeck.

- Não estou certo de que devemos ir em frente.

— É aqui que eu enr.ro em cena. Vá até o bloqueio.

Ross entrou na rua lateral e dois policiais levantaram a mão para que eles parassem, e então apontaram de volta para a rua principal.

Sebeck baixou o vidro do passageiro e mostrou seu distintivo. Um dos policiais veio até a janela. Sebeck falou com autoridade:

— Sou o detetive e sargento Sebeck, do Departamento de Polícia do condado de Ventura. Eu era o responsável pela investigação do assassinato em Thousand Oaks.

- Bem-vindo a Santa Bárbara, sargento. Vi você nos jornais. Pare lá atrás. - Ele fez um sinal com a mão para que o outro policial desse passagem. Depois encostou no carro novamente.

— Os federais estão comandando o show lá dentro.

Sebeck assentiu com a cabeça e fez sinal para que Ross fosse em frente.

Eles entraram na casa pela porta dos fundos. Depois de uma pequena discussão, um dos agentes federais da porta os escoltou até a capela.

Enquanto andavam pelos corredores da funerária, o cheiro dos produtos químicos para embalsamar e dos purificadores invadiram suas narinas. Havia homens e mulheres de terno por todos os lados, mexendo em seus computadores em pequenas salas ou entrevistando um homem que parecia ser o agente Funerário, pela sua roupa de laboratório.

Logo passaram por portas automáticas que se abriam para um corredor ornamentado, com chão de mármore. Eles podiam ouvir a música de funeral mais adiante, e outra porta se revelou uma entrada lateral para um salão parecido com uma igreja, que tinha um tablado, fileiras de cadeiras, montanhas de flores e uma pequena plataforma montada, sobre a qual estava o caixão de bronze, sobre uma toalha de cetim branco. A tampa do caixão foi dividida em partes para ajudar os visitantes, e a parte de cima ficou levantada, embora o corpo não pudesse ser visto nem daquele jeito.

Todos por ali pareciam agentes do FBI, inclusive mais ou menos doze pessoas sentadas nas primeiras fileiras. Um fotógrafo de cenas de crime se ocupava em tirar fotos de todos os ângulos possíveis, apesar de não ficar claro qual crime havia sido cometido ali. Ao que parece, os federais não queriam esperar.

Ross gesticulou em direção ao caixão.

- Olhe o diabo em pessoa.

O agente que os acompanhava pediu licença e voltou para seu posto, deixando Ross e Sebeck relativamente a sós na entrada. As notas altas da música de funeral eram pontuadas por ocasionais chiados de rádio.

Sebeck deu uma olhada em volta. Era, notavelmente, pouco notável, tapeçarias representando uma salvação genérica. Vários feixes de luz vindos do alto, passando por vitrais bem normais. Uma estátua estilizada de Jesus ficava na cabeceira da capela, colocada na antecâmara. Ela tinha sido esculpida em um estilo meio arte moderna, para parecer teologicamente inofensiva e chique, apesar de ser feita de uma resina que imitava pedra, material que duraria até a Segunda Vinda de Cristo. Suas mãos estavam esticadas, e um robe o cobria.

O salão era moderno e dava a sensação de ser histórico e permanente. O chão parecia oco quando se pisava, e, no geral, tudo parecia mais um anexo de biblioteca do que uma capela. Era estéril e sem sentimento, a não ser pelas flores, apenas lírios brancos, que pelo seu grande número respondiam a uma pergunta que não fora feita: Quantos lírios brancos poderiam ser colocados naquela sala? Todos aqueles.

Um cavalete à esquerda do caixão tinha uma foto de Sobol, mais jovem e mais são. Ele parecia um contador ou corretor de bolsa de valores. Seu cabelo era curto e marrom desbotado. Tinha um sorriso de natureza boa, aparentemente alheio ao fato de que iria matar quinze pessoas, a maioria delas homens da lei.

Um logo eterno, que alguém deveria ter apagado com cuspe ou nunca ter acendido, estava em uma mesinha ao lado do cavalete. Ao que parecia, as autoridades tinham outro logo eterno em mente para Sobol.

Espalhadas em volta do salão, em grupos de dois ou três, estavam pessoas que pareciam agentes do FBI. Sebeck tinha certeza de que eles procuravam um jeito de declarar que aquele funeral era ilegal. Sebeck tinha vontade de passar o corpo de Sobol em um moedor.

Ross deu um tapinha no ombro de Sebeck.

— Eu quero vê-lo.

Sebeck concordou com a cabeça, e os dois passaram pelos bancos. Todos se viraram para eles. O tapete absorvia a maior parte do barulho dos passos, mas ainda parecia ensurdecedor no silêncio daquele lugar. Ross cumprimentou com a cabeça os homens de olhar sério que os olhavam passar. E que continuaram olhando.

Sebeck levou Ross até os degraus, que eles subiram devagar, e, quando iam se aproximando, os restos mortais de Sobol iam aparecendo pelas bordas do caixão.

Sebeck tinha chegado ali cheio de ódio. Ele desprezava aquele morto louco que tinha matado o policial Larson e os outros. E estava completamente despreparado para a primeira visão do corpo de Sobol.

Ele já era praticamente um esqueleto. Era chocante ver como o câncer tinha acabado com ele. Sua doença era facilmente perceptível pela enorme cicatriz do lado esquerdo de sua careca. Parecia que lhe tinham aberto o crânio para tentar fazer uma extração cirúrgica. A cicatriz era tão grande que descia até a órbita do olho esquerdo, onde um tapa-olho preto indicava que o olho tinha sido removido. Nenhum outro esforço fora feito para fazer Sobol parecer mais apresentável. Suas bochechas estavam fundas e pálidas, seu pescoço estava perdido no enorme espaço do colarinho de uma camisa branca, com paletó e gravata. Suas mãos mortas seguravam um crucifixo dourado sobre o peito. O mais alarmante de tudo era o olho que tinha sobrado, estranhamente aberto e encarando o teto. Era uma janela para o terror e a loucura.

Nada havia preparado Sebeck para aquilo. Uma semente de pena começou a nascer nele. Sobol tinha sofrido a tortura dos condenados. É claro que Sebeck ainda queria que Sobol queimasse no inferno, mas nunca tinha considerado que ele já tivesse vivido um tempo no inferno.

Ross falou roucamente:

— Nossa.

Uma mulher falou atrás dele.

— O que esperava encontrar, senhor Ross?

Os dois se viraram e deram de cara com uma jovem negra sentada na primeira fileira. Ela não era bonita nem atraente, usava um terninho azul-

-escuro, mas não tinha o fone de ouvido que entregava os federais. Um sujeito branco estava sentado na fileira de trás, mas se inclinava para a frente, para demonstrar, simbolicamente, que estava com ela. Ele tinha um cabelo loiro bem curtinho e vestia um paletó xadrez escuro e uma malha preta. Não parecia desconfortável naquele paletó, mas o paletó parecia desconfortável nele. Ross olhou para Sebeck e depois para a mulher.

— Eu conheço você?

— Não. Mas eu conheço você. Jon Frederick Ross, filho de Harold e Ivana. Se formou com louvor, em 1999, na Universidade de Illinois, em Urbana, com mestrado em Ciência da Computação.

Presidente e CEO da Cyberon Sistemas, uma empresa de serviços de um homem só de Delaware, fundada em 2003. — Ela tirou um distintivo do bolso. — Natalie Philips. Agência de Segurança Nacional, NSA.

— Ah, droga. — Ross olhou para o Jesus mais próximo em busca de piedade. Sebeck entrou na conversa.

- Estou tentando manter o nome de Jon fora dos noticiários. Ele está preocupado com a possibilidade de que Sobol possa ir atrás dele.

- Interessante. - Ela se levantou e se aproximou deles. - Egocêntrico, mas interessante.

Ela era magra, estava em forma e tinha por volta de trinta anos. Sebeck não pôde deixar de olhar para o corpo dela e amaldiçoou sua libido. Ela gesticulou em direção ao caixão.

— Fico surpresa de que tenha vindo até aqui se acha que Sobol está atrás de você. Ele poderia ter preparado o caixão com explosivos plásticos.

Ross saiu rapidamente de perto do caixão. Ela riu.

- Calma. Já verificamos com raios X e vasculhamos a capela atrás de transmissores de rede sem fio e computadores. Nada foi encontrado. — Ela caminhou escada acima e parou para olhar os restos mortais de Sobol. — Parece que Sobol antecipou sua falta de popularidade e deixou um programa para cuidar da organização de seu funeral.

Sebeck fez uma careta. — O Daemon fez isso?

- Ele comprou o pacote de luxo no site da funerária, mas não teve o controle direto de nenhum desses objetos. Fizemos um pequeno inventário: o caixão foi feito pela Bater Corporation ontem e mandado para cá à noite, de caminhão. Nós o acompanhamos durante todo o caminho. Os lírios chegaram hoje de manhã. Este é um mortuário fúnebre equivalente ao *combo* número dois.

Ross estendeu a mão.

- Agente Philips — ela apertou a mão dele. Sebeck também estendeu sua mão.

- Detetive...

-... e sargento Peter Sebeck — ela finalizou para ele. — Meus pêsames pela morte de seus colegas. Deve ser muito difícil ver este maluco em carne e osso.

Sebeck assentiu.

- Ou o que sobrou dele. - Ele olhou para o corpo. - Eu não esperava que ele parecesse tão...

- Deplorável?

- Isso.

Philips também olhou para os restos mortais de Sobol e gesticulou em direção à cruz.

- Disseram que ele descobriu a religião no fim. Sebeck soltou uma risada fria.

- Pensei que as cruzes queimassem os vampiros. Ross resolveu mudar de assunto.

- O que a NSA está fazendo aqui, agente Philips? A investigação principal não é lá em Thousand Oaks?

- Não sou agente de campo. Sou técnica de estenografia forense.

Ross concordou com a cabeça, depois respondeu ao olhar de dúvida de Sebeck.

- Ela encontra mensagens escondidas. Terroristas e traficantes, às vezes, escondem dados em JPGs e outros arquivos de computador.

- Nem vou perguntar como você sabe isso. Os meus pais não entendem o que eu faço.

- E o que traz uma estenografista ao funeral de Sobol?

- Simbolismo. Os jogos de Sobol são cheios de símbolos, e ainda não estou convencida de que todos eles são inofensivos.

- Mas o que isso tem a ver com o funeral?

- O que é um funeral senão um ritual simbólico? Ele está mandando uma mensagem. Talvez para nós, talvez para outra pessoa.

- Talvez. Uma coisa é certa, ele conseguiu trazer a gente aqui. Ela concordou com uma expressão séria.

- Sim, mas parece que os federais espantaram as outras pessoas. Ross se inclinou para perto dela.

- Você está tentando identificar os componentes do Daemon, não é? O homem de cabelo curto ficou em pé na fileira.

— Lembre-se da sua diretriz, doutora Philips. Ross deu um passo para trás.

— Quem é ele?

— É difícil explicar. Eu o chamo apenas de Major.

O Major não falou nada e ficou apenas olhando para eles. Philips andou até o campo de visão de Ross.

— No último ano, senhor Ross, você jogou 347 horas de O Portal. Isso faz de você o único especialista em jogos da CyberStorm já verificado pelo FBI, e está na minha lista de pessoas com quem eu queria falar. Como já está aqui, tenho várias perguntas sobre a cultura dos MMORPG.

— Trezentas e quarenta e sete horas? Que vergonha. Sebeck sorriu maliciosamente.

— Você precisa sair mais, Jon. Philips pressionou.

— O que sabe sobre a inteligência artificial EGO e a plataforma dos gráficos 3-D da CyberStorm?

— Acha que Sobol escondeu componentes do Daemon em seus jogos?

— Pense nos mapeamentos de textura...

— Ahh... deve ter milhares deles nos jogos.

— Tem mesmo. E isso sem considerar os mapas criados por jogadores com o editor de mapas.

— Mas por que Sobol se ocuparia com isso? Ele poderia esconder arquivos de dados em algum servidor esquecido por aí facilmente. Não há nenhuma razão para esconder alguma coisa em seus jogos.

— A IA e os *codecs* gráficos da CyberStorm impulsionam uma dúzia de jogos populares. Imagino que entenda por que estou interessada nesse ângulo da investigação. Eles englobam dezenas de milhares de instalações pelo mundo.

— Você entrevistou os programadores da CyberStorm?

— Passamos eles pelo polígrafo. Nenhum deles sabia nada sobre os planos de Sobol, apesar de vários terem escrito códigos para propósitos que não entendiam.

— Isso não é surpreendente. É apenas gerenciamento de projetos.

— Os dados dos leitores de cartões e identidades mostraram que Pavlos e Singh entraram e saíram bastante do escritório de Sobol durante o último ano. Os computadores deles foram substituídos no mês passado e as imagens em seus discos rígidos não continham nada de mais.

— E a falta de evidências incriminatórias é algo suspeito?

— Só estou dizendo que eles estavam trabalhando muito em alguma coisa, juntos, e esse trabalho está desaparecido. E eram desenvolvedores de games, e estavam entre os melhores da indústria.

Ross pensou naquilo.

— Por isso você acha que os jogos dele têm dados escondidos? Ela assentiu.

- O mundo dos MMORPG é uma subcultura dominada pelos homens, e preciso de um guia.

— Um guia?

— Preciso enxergar os jogos como um jogador experiente, e não posso confiar em um moleque de doze anos ou em um funcionário da CyberStorm. Preciso de discrição.

— Você não quer que o Daemon saiba o que está fazendo.

- Olha, você é um profissional de informática e sabe o quanto esta situação é perigosa. Não sabemos o que o Daemon está aprontando e nem qual é a dimensão disso.

O Major ficou em pé.

- Doutora Philips.

Ela se virou e apontou o dedo na direção dele.

— Se vai censurar minhas conversas a viagem inteira, Major, então vou voltar para Maryland. Eu, de todo mundo, sou uma das pessoas que mais entende as implicações desta conversa para a segurança nacional, e a estou tendo porque ela é necessária. Está me entendendo?

- Eu tenho ordens, doutora.

- Bom, então, temos um problema, porque minhas ordens são para deter o Daemon, e, ao que parece, as suas são para me deter.

O Major ficou ali em pé, impassível. Ela olhou mais um pouco para ele e então se virou para Ross.

- Preciso derivar a topologia do Daemon para conseguir avaliar o risco dele.

Ross precisou de um momento para se recuperar do ataque que ela fizera ao Major.

- Você precisa do plano principal dele.

Isso. Estou desenvolvendo uma linha do tempo das criações dele para que possamos correlacioná-las com as finanças do mundo real, atividades e viagens de Sobol. Se eu puder recriar a linha do tempo do desenvolvimento, talvez consiga deduzir a topologia dele.

Sebeck interrompeu:

— Topologia?

Os dois olharam para ele. Philips suspirou.

— O esquema físico ou lógico de um sistema de rede. Depois ela se virou para Ross e continuou:

— Mas temos preocupações maiores.

Ela lançou um olhar para o Major e então puxou Ross de lado, falando com ele em particular. Tão perto assim, Philips tinha um aroma de flores que era, surpreendentemente, feminino. Ross percebeu uma mente afiada nos olhos dela, e também sua intensidade. Um flash de calor rápido passou por sua pele quando ele pensou naquela intimidade.

Ela continuou séria.

— Enormes quantidades de dinheiro saíram das contas de Sobol logo depois de sua morte. Transferências remotas que chegaram a muitos milhões de dólares que saíram do país. Ele também conseguiu grandes linhas de crédito nos meses que antecederam sua morte. E esse dinheiro foi para o exterior no dia em que ele morreu. Os federais ainda estão tentando rastrear. Imagine a combinação de um programa largamente distribuído e compartilhado com grande tolerância contra desligamento, podendo transferir, simplesmente, para outra matriz talvez milhares de cópias de cada componente, podendo se reconstituir se qualquer porcentagem de seus componentes for destruída.

Ross balançava a cabeça afirmativamente enquanto ela falava. Deus, essa mulher era uma lâmina afiada. Ele percebeu sua resistência a pensamentos que não eram de ele desaparecer.

Ela continuou:

— Agora combine um programa como esse, uma entidade largamente distribuída que nunca morre, com dezenas de milhares de dólares e a habilidade de comprar produtos e serviços. Ela não responde a ninguém e não tem medo de punições.

— Meu Deus! É uma corporação.

— Exato.

O celular de Sebeck vibrou. Ele agradeceu a interrupção, pois não estava entendendo nada.

— Com licença — ele se virou e saiu enquanto pegava o telefone. Depois, olhou a tela e viu que estava escrito "número desconhecido". Ele atendeu. — Sebeck.

Uma voz familiar e áspera surgiu. - Desculpe a minha aparência, sargento. Sebeck respirou fundo e olhou para o cadáver de Sobol deitado a dois metros de distância.

Ligação do inferno é chamada interurbana, Sobol?

Sebeck esperou. Houve um pequeno atraso. A Voz voltou, fraca e falhando:

- Detetive Sebeck, é tarde demais. — O som de uma respiração difícil e ofegante surgiu na linha. — Não há como parar o meu Daemon agora.

Sebeck olhou para Ross e Philips, mas Sobol começou a falar rápido dessa vez.

- *Sinto muito, mas preciso destruir você. Eles vão querer um sacrifício, sargento.* - Sobol respirou com um chiado. - É necessário. Talvez você entenda antes do fim. Não sei se estou certo. Não mais.

Sebeck olhou para aqueles torturados restos mortais. O olho insano combinava com a voz da loucura.

A voz de Sobol sibilou com urgência - Antes de morrer... invoque o Daemon. Faça isso nos meses anteriores à sua morte. Diga o seguinte, mas exatamente isso: Eu, Peter Sebeck, aceito o Daemon. - Sobol lutou para respirar. - De qualquer forma... você precisa morrer.

A linha ficou muda.

Sebeck guardou o telefone e encarou o corpo de Sobol por alguns momentos. Depois chamou em voz alta:

- Agente Philips. .

Philips e Ross pararam de falar. Sebeck se virou para eles.

- O telefonema que acabei de receber era de Sobol.

Ross e Philips trocaram olhares. Ele tinha conseguido a atenção deles.

- Por que não me falou?

- Por que eu estava ouvindo com atenção.

- O que ele falou? — Philips fez um gesto para o Major, que veio rapidamente. Todos convergiram para onde Sebeck estava, perto do caixão.

- Ele soava exatamente como aquilo — Sebeck apontou para o cadáver. — Ele respirava com dificuldade e soava meio incoerente. E ficou repetindo que eu ia morrer. Que era necessário que eu morresse.

- O que mais ele falou? Tente se lembrar de tudo, palavra por palavra. Sebeck pensou bem.

- Ele disse que preciso "invocar" o Daemon. Que preciso "aceitá-lo". 1)isse que preciso falar diretamente com a coisa nos meses antes da minha morte. Mas que, de qualquer forma, eu iria morrer.

Philips parecia muito séria. Sebeck ponderou a situação.

- Acha que é mais um dos jogos mentais dele? Ela se virou para o Major.

- Descubra se as escutas do telefone do detetive Sebeck e das linhas dos computadores funcionaram. Se não funcionaram, tente rastreá-las rapidamente.

O Major concordou com a cabeça e se afastou imediatamente pelo corredor, no meio das fileiras de bancos, saindo pela porta da frente.

Sebeck ficou olhando o homem sair e então se virou para Philips.

- Acha que Sobol vai ligar de novo?

- Talvez. Ele, provavelmente, está manipulando você.

- Com certeza, ele quer que eu faça algo. Philips o encarou.

- Não faça. Aliás, vamos proibir que a imprensa se comunique com você ou com qualquer membro da sua família.

Ross levantou as sobrancelhas.

- Isso é para prevenir que, sem querer, ele ative um novo evento do Daemon?

- Exatamente. Não há dúvida de que a coisa está lendo as notícias. Por isso você será aconselhado a ficar fora das manchetes.

- Está me colocando em quarentena?

- Apenas por um tempo. Pelo menos, até podermos monitorar as comunicações de Sobol com o mínimo de confiabilidade. Você será muito útil em relação a isso, sargento.

Dois agentes de terno foram até o tablado. Um deles sussurrou no ouvido de Philips. O rosto dela demonstrou um choque momentâneo antes de reassumir sua compostura. Ela olhou para Sebeck e Ross.

- Preciso ir cavalheiros. Sobol está aprontando alguma coisa. — Ela e os agentes desceram do palco. Vários outros homens de ternos escuros convergiram para ela, vindo dos cantos da capela.

Ross disse a ela:

- Ainda vai precisar de um guia, agente Philips? Ela nem se virou.

- Entrarei em contato em breve. - Depois passou pela porta e saiu da capela junto com os outros agentes.

Ross gesticulou para a porta que se fechava.

- Doutorado em matemática em Stanford, e se formou em criptologia em Fort Meade. Essa mulher é muito inteligente. Acho que estou apaixonado.

Sebeck riu baixinho.

- Que foi?

- Boa sorte - Sebeck falou e caminhou em direção à porta da frente.

Capítulo 21:// Hotel Menon

Para divulgação mundial imediata:

De: Matthew Andrew Sobol

Assunto: Porta dos fundos na plataforma de inteligência artificial
EGO

A República de Nauru era a menor e mais remota do mundo. Uma península de coral no Pacífico Sul, que mal tinha dez quilômetros de extensão, metade disso de largura e a complexidade topográfica de um campo de futebol. Nauru era, basicamente, uma mina de fosfato que convenceu a ONU de que era um país.

Dominados, primeiro, pelos alemães e, depois da Segunda Guerra Mundial, pelos australianos, os nauruanos começaram a aceitar o fato de que sua principal oportunidade comercial era vender o chão debaixo de seus pés. Com seus depósitos de fosfato quase exauridos na virada do milênio, o interior da ilha, que os locais chamavam de "lado alto", era agora um deserto devastado e cavado até os bancos de coral. Praticamente 90% de Nauru era formada por uma planície sem vida, varrida por uma poeira asfíxiante parecida com talco.

O lugar foi tão sistematicamente destruído e destituído de vida pelos equipamentos de mineração que os nauruanos chegaram a considerar a possibilidade de comprar uma nova ilha e mudar o país todo para lá, passando o novo endereço para a ONU. Mas, após a maior parte dos investimentos da minúscula nação se evaporar por causa de escândalos com investimentos, os nauruanos tiveram que encarar a realidade: eles estavam ali para ficar.

Todos os 10 mil insulanos dos mares do sul, que eram toda a população de Nauru, viviam em um estreito cinturão costeiro de areia e palmeiras em volta da ilha, um quarto dele tomado por um campo de aviação, e tentavam ignorar o pesadelo ecológico no interior.

Anji Anderson nunca tinha percorrido um país inteiro em vinte minutos.

Logo depois, ela percebeu que havia apenas três coisas para se fazer em Nauru: beber muito, lamentar o passado ou se envolver com lavagem de dinheiro internacional. E a julgar pelos jatos privados no aeroporto, e pela floresta de parabólicas, a última opção era o futuro da ilha.

A comunidade das nações não viu com bons olhos os centros de lavagem de dinheiro com leis bancárias e de incorporações frouxas, e controles de privacidade fortes, mas, por outro lado, em algum momento, todos os governos acabam precisando desse tipo de coisa. O Daemon direcionou Anji para um site na internet, antes de sua corrida aos paraísos fiscais, e aquilo abriu os olhos dela. Paraísos fiscais eram tolerados, e às vezes até mesmo facilitados, por nações poderosas e corporações globais. Agências de inteligência precisavam usar dinheiro não rastreável para pagar informantes ou financiar operações em regiões problemáticas ou que viriam a ser problemáticas em breve. Corporações precisavam incentivar pessoas-chave sem a interferência de grupos de investimento e reguladores. Tudo isso era possível em áreas que ficavam longe dos olhos do público. Situada a quase 350 quilômetros da ilha vizinha mais próxima, Nauru era incrivelmente remota, e, graças a décadas de mineração, visivelmente pouco atraente. Turistas e jornalistas não eram autorizados ali: Nauru só liberava vistos de negócios. Nenhum rebelde poderia tomar os morros daquele lugar, porque os nauruanos já tinham vendido os morros havia muito tempo.

Anji sorriu enquanto tomava sol ao lado da piscina no Hotel Menon, um dos dois hotéis da ilha. Se mantivesse sua espreguiçadeira virada para o lugar certo, conseguiria evitar a visão de guindastes gigantes enferrujados enquanto olhava para o oceano.

Os finais de tarde eram os melhores. O pôr do sol ali era um show pirotécnico, com nuvens arrebatadoras se derretendo no horizonte distante. Quase compensava as ruínas enferrujadas daquele lugar, e também o fato de ser tão úmido que ficar parado

sentindo a brisa vinda do oceano era como tomar uma chuva. Mas a partir do momento em que ela estava trabalhando para o Daemon, seu mundo tinha assumido a dimensão de uma grande aventura, e isso era parte dela. Esqueça Machu Picchu ou a ilha Prince Patrick, eram lugares burgueses demais. Ela estava em um país de que, provavelmente, nenhum dos seus amigos bem educados tinha ouvido falar, e muito menos visitado. Um lugar que não estava nos mapas comuns. Ela riu sozinha, segurando seu martíni com uma gota de limão. Tinha deixado havia dois dias a ilha de Man, considerada a Nevada das Ilhas Britânicas, e não tinha ideia de para onde iria no dia seguinte. E não ligava. E não precisava ligar. Ela se sentia estranhamente segura pela primeira vez na vida. Uma mulher realizada. Como consultora bem paga da Daedalus Pesquisas Ltda., uma empresa, sem dúvida alguma gerida pelo Daemon, ela estava ganhando muito mais do que já tinha conseguido ganhar em sua vida. Todas as suas despesas de viagem estavam sendo pagas com um cartão de crédito corporativo aparentemente sem limite. Suas passagens aéreas eram sempre de primeira classe, e tinha alugado um jato privativo para essa pequena viagem a Nauru. Estava surpresa e excitada. Todos os dias eram cheios de surpresas. Que diferença da rede de TV onde trabalhava... É verdade que seu novo chefe era um autômato morto-vivo do inferno, mas nenhum trabalho era perfeito.

Anji ouvia conversas em doze línguas nas mesas em volta dela na piscina. E sentia alguns olhares sobre ela, que usava um biquíni relativamente modesto. Havia outras mulheres ali, mas ninguém tentava nada, sem saber a que figura do submundo ela pertencia. Ela riu daquilo. O homem dela estava no submundo mais submundo possível.

O Hotel Menon parecia um estabelecimento da rede Motel 6 melhorado. Era Casa Blanca de estuque e madeira. A maioria das pessoas que fazia negócios ali nunca tinha posto os pés na ilha, então as aparências não importavam muito. Os que faziam essa jornada iam até os limites do mundo para trocar maletas. A maioria dessas transações era tecnicamente legal, mas era o tipo de coisa

que os envolvidos não queriam que aparecesse no jornal das oito horas da noite.

Russos rechonchudos e branquelos, em ternos Armani impecáveis, sentavam-se com árabes em túnicas tão brancas que doía olhar para elas. Australianos de bochechas rosadas e japoneses em ternos de seda olhavam através de seus óculos escuros, examinando seus copos antes de brindarem à saúde de seus parceiros de negócios. A maioria das mesas trazia dois ou três sujeitos sem expressão, que pareciam o Exterminador do Futuro vigiando o local à procura de problemas e segurando maletas de metal. Anji finalmente estava trabalhando com jornalismo sério. Se os seus amigos pudessem vê-la agora...

É claro que ela não estava ali como jornalista. Estava disfarçada de diretora financeira de uma empresa de fibra óptica de Hong Kong. Ela sorriu. Seu cartão era espetacular, com um fio de fibra óptica holográfico que brilhava na luz.

Seu novo celular por satélite emitiu um toque melódico. Ela levantou OS óculos de sol e tirou um chip de criptografia de seu esconderijo, o cabelo dela. Depois pegou o telefone que estava sobre a mesinha e colocou o chip no compartimento lateral. Então atendeu, sem precisar falar nada, ela sabia quem estava ligando.

Era A Voz, com seu sotaque britânico.

- Você pode ver as notícias em uma TV com antena parabólica? Sim ou não?

Anji olhou em volta e viu uma TV no bar do hotel. Ela sempre estava ligada no canal de notícias. Sim.

Vá assistir. CyberStorm Entertainment. - E desligou.

Vadia sintética. Ela preferia a voz de Sobol. Anji tirou o chip e o escondeu, como se estivesse arrumando o cabelo. Viu um guarda-costas ucraniano a encarando ardentemente. Ela o ignorou solenemente e ficou imaginando que tipo de higiene dental eles tinham no antigo bloco comunista. E também passou por sua cabeça que tipo de segurança física o Daemon poderia oferecer a ela.

Anji juntou suas coisas e caminhou pelo pátio até o ar-condicionado do bar. Um canal australiano de notícias transmitido

por satélite já estava ligado, mas sem som. Ela sorriu animadamente para Oto, o atendente taitiano do bar, com seu colarinho engomado e seu colete preto. Ficou imaginando que coisa terrível ele tinha feito para ser exilado em Nauru. Provavelmente, havia massacrado alguém com seu facão. — Pode aumentar o volume, Oto?

— Sim, senhorita Vindmar.

Era o nome fictício dela, uma tentativa bem amadora de ter privacidade, visto que ela viajava com seu passaporte verdadeiro.

A legenda na parte de baixo da tela mudou para "CyberStorm Entertainment". O sotaque australiano do apresentador surgiu:

— ... da Nasdaq norte-americana. O preço das ações da CyberStorm Entertainment despencou 97% nas quatro horas seguintes ao anúncio divulgado pelo falecido CEO Matthew Sobol, que alegava ter deixado a porta dos fundos aberta na programação da inteligência artificial da empresa, o EGO. Ações de outras empresas que utilizam o programa da CyberStorm também sofreram queda desde a notícia e processos já estão sendo preparados, enquanto os produtos são retirados das prateleiras por todo o mundo. Analistas acreditam que haverá uma nuvem negra sobre o mercado de games de computador até que a extensão total do problema seja revelada.

Oto deu aquele sorriso bem intencionado que os locais dos mares do sul ciavam ao perceber como a ilha estava ferrada.

— Os mortos estão punindo os vivos, não é? Estranhamente, Anji sorriu orgulhosa. Esse é o meu chefe.

Mas por que o Daemon tinha ligado para que ela visse aquilo? Algo estava acontecendo, e ela sabia que tinha tudo a ver com a Tremark Holdings I BC, com certeza. E também ficava feliz por não precisar descobrir tudo sozinha, já que o Daemon passava as pistas para ela e depois as respostas, tudo a seu tempo.

— Posso me juntar a você?

Anji virou a cabeça e viu um americano bonito, com o queixo quadrado, que usava uma camisa florida e calças caqui, e estava ao lado dela. Ele tinha trinta e poucos anos, cintura fina, ombros largos e uma boa aparência austera, que fez Anji imaginar uma fila de

mulheres com o coração partido, começando em Minnesota e indo até Sumatra. Ele tinha aquele ar descolado e seguro que as pessoas eficientes têm.

Anji agiu de forma descolada também.

- Não viu que estou assistindo às notícias de negócios? Ele se sentou em um banquinho do bar ao lado dela.

- Tem lugares mais adequados no mundo do que Nauru para se fazer isso. O que a traz aqui?

- Um desejo incontável de ficar sozinha. Ele riu. Então se inclinou e falou em voz baixa:

- A pergunta mais correta seria: o que Anji Anderson, ex-funcionária da KTLZ TV, está fazendo em Nauru? - Depois colocou sua credencial do FBI no bar, na frente dela.

Os olhos de Anji se arregalaram por um momento, e ela quase entrou em pânico. Devia contar para ele. Mas o que aconteceria depois? O Daemon estava cuidando dela. Não era seu inimigo. Isso era o caminho para alguma coisa, e traí-lo poderia arruinar tudo.

Ela se recompôs. O Daemon a tinha mandado até ali e sempre sabia de tudo.

- Devia ter notado que você era um agente secreto.

Ele recolheu o distintivo e a pegou pela mão, levando-a para uma cabine de vinil vermelha no canto do bar vazio. Era um homem de ação. Cenas pseudorromânticas de vários filmes eróticos passaram pela mente dela, mas Anji tentou se concentrar no verdadeiro problema.

- Mais uma bebida para a senhorita, Oto.

Oto acenou com a cabeça afirmativamente e começou a trabalhar.

O agente do FBI entrou na cabine e a puxou para lá com ele. Ela não pôde deixar de notar o volume de um coldre nas suas costas quando ele deslizou para se sentar no banco. Depois ele sorriu e estendeu a mão.

- Pode me chamar de Barry.

Ela apertou a mão dele rapidamente.

- Muito bem, Barry. Qual é o problema aqui?

- Quero respostas.

- Que tipo de respostas?

- Por que uma repórter de comportamento, demitida recentemente de uma afiliada de uma grande rede, está fazendo perguntas sobre a Tremark Holdings IBC na enorme Nauru?

- O que um caipirão de fraternidade como você está fazendo longe do restaurante Hooters?

- Eu perguntei primeiro.

Ela se fez de tímida.

— Certo. Estou tentando entrar na carreira de jornalista investigativa. Cansei de ser o patinho feio das notícias.

— Isso não foi uma resposta.

— Você quer saber por que estou tão interessada nos nomes dos administradores da Tremark Holdings?

— Sim. É exatamente o que eu quero saber. É claro que você sabe que fazer perguntas por aqui é um ótimo jeito de acabar desaparecendo.

— Então por que você está fazendo tantas perguntas? Ele apontou o dedo para ela e soltou um riso vagaroso.

— Acho que gosto de você, Anji. Que tal me ajudar?

— Ajudar você como?

— O que a Tremark Holdings tem a ver com o Daemon?

— O que faz você pensar que tenha alguma coisa a ver com o Daemon?

— Porque Matthew Sobol transferiu dinheiro para a Tremark Holdings no dia em que morreu.

Uma onda de choque fez sua pele se arrepiar toda. Nossa, aquilo era divertido. Ela não teria conseguido fingir aquela surpresa.

— Jura? Isso responde muitas perguntas.

— Como você ficou sabendo da Tremark Holdings?

— Posso dizer que tenho minhas fontes.

— São as mesmas fontes que estão pagando a sua viagem? As mesmas que ajudam você a criptografar suas conversas no celular por satélite?

— Ah, Barry, por favor. — Ela enfatizou o nome dele com desdém. — Não seja criança. Espionagem não é a única razão para a privacidade. Estou trabalhando no que pode ser a história do ano.

Sobol tinha banqueiros, e alguns deles gostam de uma certa repórter loira que atualmente está desempregada.

— O que você descobriu na ilha de Man?

— Que um restaurante meio *manx'* meio celta é uma má idéia. Ele lançou um daqueles olhares para ela.

— Anji.

— Certo. Descobri que Sobol transferiu dinheiro para três contas diferentes lá, todas controladas por corporações de negócios internacionais. Mas também descobri que o dinheiro foi transferido segundos depois de ter chegado.

Ele olhou surpreso.

— E como é que você conseguiu que eles dissessem isso?

Ela não ia lhe contar que o Daemon tinha passado aquela informação. Não, a nova Anji era uma jornalista investigativa cheia de recursos. Ela sorriu.

N.T.: Manix é o idioma falado na ilha de Man.

— Se você fosse um banqueiro galés gordo e careca e eu começasse a dar em cima de você em uma taverna, o que você faria?

Ele pensou naquilo.

— Faria qualquer coisa para você continuar conversando comigo.

— É claro que eu não faço o que você está pensando, não sou esse tipo de mulher.

— E o que mais?

— Não vou dizer nada que você já não saiba, ou que vá descobrir em breve.

— Descobriu mais alguma coisa?

Ela brincou com ele, sorrindo e arqueando as sobrancelhas quando Oto chegou com sua bebida.

— Obrigada, Oto. ,

— De nada, senhorita Vindmar. — Então voltou para o bar. Barry olhou para ela com um olhar incrédulo.

— De onde tirou esse senhorita Vindmar?

— É melhor que Barry. - Ela entrou no personagem, agindo como um caipira. - Ei, eu sou o Barry, e não sou um agente do FBI.

— Certo, pode parar. E se meu nome for mesmo Barry? Já pensou nisso?

Ela explodiu em risos.

Ele olhou para ela, parecendo concentrado.

— Descobriu mais alguma coisa?

Anji deu um gole em seu martíni e passou o limão, sensualmente, pelos lábios. Nossa, esse negócio de espionagem é muito divertido! Especialmente quando você tem todas as cartas e os caras bonitões e durões precisam esperar por cada palavra sua.

— Sim, descobri Barry. Percebeu a queda no valor das ações da CyberStorm?

Ela poderia ter dado uma tijolada na cabeça dele que o efeito seria o mesmo. Ele não esperava que uma repórter sexy de matérias fofas conseguisse algo realmente bom.

— Conte-me.

— Você vai notar que há uma enorme alta nas ações nas semanas que antecederam a morte de Sobol. Fiquei muito curiosa em relação a isso até ver o noticiário de hoje. Agora faz sentido. Você sabe o que é especulação de mercado futuro?

Ele lançou um leve sorriso para ela.

— Tenho um certificado financeiro Série Sete.

— Bom, se isso é um sim, então você pode admirar que alguém tenha ganhado um navio de dinheiro destruindo a CyberStorm.

Ele pareceu confuso.

- Mas o que o dinheiro pode trazer de bom para um morto?

- E o que faz você pensar que quem ganhou o dinheiro está morto? Ele sorriu para ela, um sorriso de verdade.

- Estou realmente começando a gostar de você, Anji.

- Eu ainda não sei se gosto de você, Barry. Mas sei o que me faria gostar.

- O quê?

- Uma entrevista exclusiva quando descobirmos para onde o dinheiro está indo.

- Uma exclusiva.

- Sim, eu dou um grande furo nessa história. E o FBI me ajuda a entrar em uma grande empresa de comunicações.

Ele fez uma careta.

- Está falando sério?

Estou desempregada, lembra? Você só confirma que estou investigando algo importante para vocês.

Não vão achar que é uma história plantada? Ela riu.

Você é tão engraçado, Barry. Acho que gosto de você. Parece um pequeno e inocente cervo.

Ele tentou lançar um olhar sombrio para ela, mas aquilo acabou parecendo apenas estúpido.

Terei que consultar algumas pessoas sobre isso.

- Tudo bem. - Ela se sentia segura dirigindo as coisas agora. Ele estava reagindo ao que ela falava, e não o contrário. - Enquanto isso vou conseguir a lista de administradores e, quando vocês me alcançarem, conversaremos mais um pouco.

-Tome cuidado, Anji. Isto não é um jogo.

- Quem disse que estou jogando? — Ela manteve os olhos nele e deu outro gole.

Ele pareceu confuso, como se de repente se desse conta de que estava ralando com outra pessoa, não com a Anji Anderson que esperava encontrar.

Ela continuou.

-Você vai me ajudar ou vai me deter? A escolha é sua

Ele a encarou, e seu silêncio disse tudo.

Capítulo 22:// Pote de mel

Reuters.com

Dublador de jogos da CyberStorm encontrado morto, Nova York - O ator britânico Lionel Crawly foi encontrado morto hoje em seu apartamento no Upper West Side, em Manhattan. Crawly ganhou certa fama na comunidade de jogos on-line ao dublar a voz do Oberstleutnant Heinrich Boerner, o notório vilão do jogo campeão de vendas Sobre o Reno. Fontes na polícia disseram que o corpo do idoso ator demorou vários dias para ser descoberto, que a causa da morte ainda é desconhecida e que só poderá ser definida após a autópsia, apesar de existir uma suspeita de envenenamento.

A agente Philips não contactou Sebeck ou Ross diretamente. Ainda assim, Sebeck sentiu o peso da presença da segurança da NSA em volta de sua casa. Duas vans sem janelas ficavam na calçada perto da entrada de sua casa e agentes federais espantavam os repórteres que eram audaciosos o suficiente para se aproximar do quarteirão da casa dele, embora, no meio do tumulto de mídia que se seguiu à poderosa destruição da propriedade de Sobol, ninguém tenha voltado seu foco para o policial que tinha descoberto a conexão do caso com Sobol. O controle da força-tarefa foi transferido para Washington, o que significava que Sebeck e o departamento de polícia inteiro estavam fora da investigação. E para Sebeck estava tudo bem. Deu tempo de prestar atenção em algo com que nunca tinha se importado nem um pouco: jogos de computador.

Em geral, Sebeck via os computadores como algo necessário na vida moderna. Seu chefe reclamava que eles davam um falso senso de precisão às ideias pobres. Mas a tecnologia era igual à religião, ou você tinha fé nela, ou simplesmente não acreditava.

Era quase meia-noite, e Sebeck olhava para o teclado para lembrar quais teclas faziam o seu bárbaro andar pelo cenário, um

majestoso campo aberto em 3-D que explodia em sua tela. Em primeiro plano, ratos gigantes atacavam um bárbaro musculoso.

O filho de Sebeck, Chris, estava parado ao lado dele.

— Eles estão acabando com você, pai! - Ele riu e cobriu os olhos.

Sebeck olhou para a tela e então começou a apertar as teclas aleatoriamente. Seu bárbaro teve o equivalente digital a um ataque epilético quando os ratos o derrubaram.

— Droga.

— Caramba, você é muito ruim nisso.

Sebeck lançou um olhar rabugento para Chris, e o garoto levantou as mãos se rendendo.

— Só estou tentando ajudar.

— Claro, você é um ótimo professor.

— Você devia me deixar jogar no seu lugar.

— Isso não é um jogo, Chris.

— Mas é claro que isso é um jogo.

— Você entendeu o que eu quis dizer.

— Faz um ano que eu peço a você uma assinatura do Portal. Qual a diferença se eu jogar um pouco?

— Acontece que o psicopata que matou o Aaron Larson criou este jogo — ele lançou um olhar raivoso para o filho.

Chris ficou meio atordoado com a intensidade da reação. Sebeck retomou sua postura.

— Chris...

E Chris adotou aquela indiferença intensa que só os adolescentes raivosos conseguem.

— Tudo bem — ele se levantou e saiu, depois colocou apenas a cabeça de volta na sala e disse: — Eu só estava tentando ajudar, pai — e então se apressou pela sala de estar e subiu as escadas como um trovão.

Sebeck olhou para o chão. Ele tinha pisado na bola, da mesma forma que fez na maioria das coisas que envolvia ser pai. Ouvindo a si mesmo, algumas vezes, ele ficava imaginando o que tinha se tornado. Na época do colegial, ele era um cara descontraído. Mas foi antes disso tudo. E por que ele não se arrependia? Mesmo agora, ele estava ali sentado com um sentimento vago de que

deveria se sentir mal, mas não se sentia. Em vez disso, achava que seu comportamento se justificava pela importância do seu trabalho. Era um comportamento dos policiais que ele aperfeiçoou ao extremo ao longo dos anos.

Focou naquele trabalho novamente.

O game de computador O Portal parecia infantil. E, ao que tudo indicava, milhares de pessoas estavam muito dispostas a gastar quinze pratas por mês para poder vagar por aquela infinita terra de ninguém em 3-D, enfrentando raios, lesmas e zumbis aos montes. Não foi à toa que Sobol ficou rico. Sebeck não entendia qual era o apelo daquilo, e, fora os malditos comandos para fazer

O personagem se virar rapidamente, o resto nem era um grande desafio. Com certeza, aquilo não requeria grande habilidade.

O telefone de sua casa tocou. Ele olhou para o aparelho sem fio com desconfiança. Então se voltou para o relógio e viu que era pouco mais de meia-noite. Pegou-o e apertou o botão de atender.

— Residência dos Sebeck.

Ross riu do outro lado da linha.

— Ratos gigantes? Você deixou os ratos gigantes matarem você? Sebeck fez uma careta.

— Você viu?

— Eu estava observando de um morro próximo.

— Como sabia onde me encontrar?

— É complicado. Vamos dizer apenas que existem maneiras de se fazer isso.

— Jon, me fale mais uma vez por que não é estúpido estar rodando esse jogo no meu computador. O Portal não tem uma porta dos fundos aberta?

— Estamos tentando atrair o Daemon. Você fez um backup do seu disco rígido como eu ensinei, certo?

— O Chris fez, embora ele possa ser apagado inteiro que eu nem vou ligar. Tudo que encontro nele é spam, pornografia e músicas pirateadas.

— Olha, tem algo estranho acontecendo na costa norte de Cifrain. Quero verificar, mas você precisa ficar mais forte para poder ir comigo.

— Ainda estou preso nesse nível um, a Fase do Roseiral.

— Esqueça isso. Entrei no *eBay* e comprei um personagem de verdade para você, não esse Conan novato fracassado que você está levando pra lá e pra cá.

— Como assim comprou! A CyberStorm vende personagens melhores?

— Não. Mas as pessoas vendem. Estudantes e desempregados criam personagens no modo difícil e depois vendem no eBay para fazer uma graninha. Comprei um cavaleiro de Cifrain para você por 380 dólares.

— Trezentos e oitenta dólares? As pessoas gastam tudo isso em um personagem?

— É a lei da oferta e da procura. Profissionais ocupados jogam esses games para relaxar no fim da tarde. Eles têm dinheiro, mas não têm tempo. E há os jogadores habilidosos que têm tempo de sobra, mas não têm dinheiro. É um ecossistema natural. Existem economias inteiras nesses mundos virtuais. Um barão com terras pode chegar a valer uns 2 mil. Posso emprestar alguns equipamentos a você, mas depois quero de volta.

— Vou ver se o departamento pode reembolsar você.

— Não quero dinheiro, Pete, mas o *Manto de Aggis* eu vou querer de volta. Está pronto para ir?

- Ainda estou tentando me acostumar com os controles. Mas o que é que as pessoas veem nesse jogo? E sempre esmagar as cabeças dos mesmos monstros. E, por falar nisso, a inteligência artificial de que todos falam tão bem não é grande coisa.

— Você não viu nem um por cento da coisa. Ainda está na parte de treinamento.

- Parte de treinamento?

- Você leu o FAQ? Silêncio.

— Certo, preste atenção: a Fase do Roseiral é o nível inicial que você precisa cumprir antes de poder jogar no mundo principal. Ele serve para prevenir que o mundo seja tomado por novatos, sem querer ofender.

— Não ofendeu.

— Não se preocupe com os comandos de combate agora. Precisamos ir andando.

— Não deveríamos esperar a agente Philips contatar você?

- Não precisamos. A NSA está monitorando o tráfego da sua internet e do seu telefone, por isso terão gravações do que encontrarmos. Você sabe como terminar seu jogo, né?

- Claro.

— Então saia e volte à tela inicial. Você faz isso apertando a tecla Esc algumas vezes.

— Tá bom, tá bom — Sebeck fez o que Ross tinha ensinado. Ele resistiu à tentação de salvar o jogo atual e voltou à tela inicial. - Pronto.

- Ótimo. Você vai precisar colocar as mãos nos controles. Pode me colocar no viva-voz?

— Tenho o fone de ouvido com microfone do meu filho aqui.

- Perfeito. Use-o.

Sebeck plugou o fone e o colocou no ouvido.

- Está me escutando?

- Sim. Clique no log on.

— Pronto — Sebeck aguardou alguns momentos.

Quando aparecer a janela de log on e senha, coloque o seguinte... -ROSS falou bem devagar. - Log on: CLXSOLL3. Senha: 39XDK_88.

Sebeck digitou catando milho, depois clicou no botão CONTINUAR.

Uma tela diferente apareceu, mostrando um humano musculoso e bem armado rociando no espaço. Era como o livro de desenhos de Leonardo da Vinci com armamentos pesados. No alto da tela se viam as seguintes palavras: "Nome do personagem: Sir Dollus Andreas", em uma fonte grande. Dezenas de estatísticas e hiperlinks apareciam ao lado da imagem do guerreiro que rodava.

- Mas o que é isso?

- Seu novo personagem.

- Esse cara parece perigoso — Sebeck começou a clicar em volta do personagem. O formato parecia similar ao do seu bárbaro original, mas todas as categorias estavam muito bem

desenvolvidas. Ele clicou nas listas de armas. — O que é uma *Espada Vorpal*?

- Uma coisa que eu vou querer de volta. Temos que começar conseguindo informações.

- Certo. O que eu devo fazer?

- Clique no botão GERAR. Encontro você do lado de fora da sua vila.

- Minha vila?

- Você é um cavaleiro. Cuida de uma propriedade para o seu lorde e senhor.

- Que tipo de propriedade?

- Uma terra que gera receita para você se manter como cavaleiro. Aperte o botão GERAR, por favor.

Sebeck suspirou e clicou no botão. A tela se apagou por um momento e o disco rígido dele enlouqueceu.

- Já fez?

- Ele está rodando.

A tela clareou revelando um quarto de dormir medieval iluminado por uma tocha. A visão de Sebeck era do pé de sua cama de dossel. Três homens estavam parados na frente dele. Os gráficos eram impressionantes, da mesma forma que os movimentos dos personagens mostrando excitação, e quando um cutucou o outro para que prestasse atenção...

O principal deles se curvou e os outros o seguiram.

- Bom-dia, meu senhor.

Sebeck percebeu que havia dois homens armados de guarda na porta do quarto. Ele falou pelo microfone:

- Certo, Jon, estou dentro. E tem uns caras falando comigo.

- Provavelmente, são seus serviçais. Para descobrir o que pode fazer com as pessoas, ponha o cursor sobre elas e clique com o botão direito. Vai aparecer um menu.

Sebeck clicou no servo principal com o botão direito do mouse. Um menu se abriu:

Siga-me

Proteja-me Traga-me...

Deixe-me

Pare o que está fazendo

Todos vocês, saiam da minha frente, seus cães sem mãe!

Sebeck selecionou o último comando e todos à vista se encolheram e saíram do quarto, incluindo os guardas da porta, que a fecharam ao sair. Sebeck riu.

- Isto é igual ao escritório. Ross falou ao telefone:

- Você os chamou de cães sem mãe, não é?

— Como eu poderia resistir?

- Vá logo até a rua, por favor. Estou esperando.

Sebeck apertou a tecla "para a frente" e começou a se mover. Depois acabou descobrindo qual era a tecla de abrir portas e logo estava andando pelos corredores de sua mansão. Serviçais andavam pra cá e pra lá, aparentemente fazendo suas tarefas, e todos abaixavam a cabeça quando ele passava. Era bem impressionante, mas Sebeck ficou imaginando de que adiantava tudo aquilo. Não era como se ele pudesse realmente aproveitar o conforto do lugar, eram apenas gráficos de computador.

Ele chegou à sala principal, e lá viu portas duplas com quatro homens de guarda. Ao se mover em direção à porta da frente, dois homens usando roupas que pareciam caras, com golas de pele e colares, aproximaram-se, vindo das laterais.

- Uma palavra, meu senhor, por favor. Espero que tenha considerado a nossa proposta. É um preço justo. O que nos diz, meu senhor?

Sebeck estava confuso. Se aquela era a sua casa, quem seriam aqueles caras?

— Jon, tem dois rábulas me abordando em minha própria residência.

- Deve ser um negócio que o dono anterior do personagem estava realizando.

— Sério? Este jogo se lembra do que você faz?

— Eles parecem importantes?

— Parecem, um pouco.

Sebeck clicou com o botão direito no homem. Uma seleção de respostas apareceu.

Vendo por 500

Ofereça mais dinheiro.

Não, nunca venderei.

Vou pensar no assunto

Sem querer, o cursor deslizou até o guarda no fundo, e o menu desapareceu. Por curiosidade, Sebeck clicou no guarda. Outra lista apareceu.

Atacar...

Proteja-me

Proteja este lugar

Deixe-me

Sebeck selecionou atacar... Quando o fez, o cursor começou a traçar uma linha vermelha, com o ponto de partida fixo saindo do soldado. O game estava pedindo a ele para selecionar o alvo. Sebeck clicou direto na cara do mercador barbado, ansioso pela resposta.

Um grito ecoou alto na sala, e não só um, mas todos os guardas puxaram suas espadas e vieram gritando em direção ao mercador.

O rosto do homem demonstrou um medo genuíno.

— Não! Venham a mim! Venham a mim!

Os guerreiros de Sebeck convergiram para os homens e começaram a atacá-los com suas espadas. O sangue foi se espalhando pelo chão enquanto os mercadores tentavam escapar. Os guerreiros de Sebeck os seguravam lá dentro. Os mercadores gritavam e pediam piedade. Foi quando Sebeck ouviu pancadas na porta da frente. Dois de seus guardas pararam e seguiram para lá bem na hora em que uma dezena de homens com espadas, vestidos com o que parecia ser uma rede de malha de metal, invadiram a sala gritando como loucos e correram para defender os mercadores.

Um sino de alarme geral soou pela casa e gritos foram ouvidos por todos os lados.

— Estamos sendo atacados. Sebeck falou no telefone:

— Ah, droga...

— Por que esses guerreiros estão correndo para a sua mansão?

— Bom, posso ter feito uma grande besteira.

— Maldição, Pete, não podia sair pela porta sem causar uma briga dessas?

— Está tudo sob controle - Sebeck tentava lembrar o comando para pegar a espada. Esse personagem era muito confuso. Tinha muitas coisas para se escolher nele, coisas demais. De repente, um guerreiro com os cabelos selvagens estava sobre ele, gritando e brandindo a espada como um maníaco. — Ops.

Mais homens de Sebeck apareciam dos corredores, mas não eram suficientes. Alguns de seus homens já estavam mortos. Os guarda-costas dos mercadores eram bons, e eles estavam saindo pela porta, agora sob forte proteção.

O barbudo olhou para trás e apontou para Sebeck.

— Eu me vingarei de você! Sebeck falou no seu fone:

— Claro, claro...

Mas, no momento seguinte, o mercador se dobrou e caiu no chão com uma flecha negra nas costas. Seus dois guardas olharam em volta, então um deles também caiu morto. O que sobrou correu para a estrada.

Uma corneta soou e os soldados do mercador bateram em retirada, levando o mercador mais jovem e vivo com eles. Assim que passaram pela porta, outra flecha negra foi atirada e atingiu a cabeça do jovem, que caiu para frente, morto. Os guerreiros restantes fugiram, correndo pelos jardins até desaparecerem. Os quatro ou cinco guardas que sobraram de Sebeck saíram em perseguição. Um deles se virou para trás e gritou para um serviçal:

- Avisem as autoridades da cidade - e então desapareceu. O servo correu pela mansão gritando:

- As autoridades. As autoridades.

Um momento depois, Sebeck estava sozinho entre os mortos. Olhando com mais calma, alguns deles gemiam e se contorciam, obviamente feridos. Esses detalhes eram assustadores. Sebeck examinou a sala, usando as teclas que faziam seu personagem se mover.

Ele quase pulou fora de sua versão digital quando viu um assassino usando um capuz, com uma aparência assustadora, aparecer do nada bem na sua frente.

E a voz de Ross também surgiu no telefone.

- Bu!

- Pare de estragar as coisas - Sebeck percebeu que o avatar dele era diferente dos que tinha visto até agora. Tinha uma pequena caixa sobre a cabeça, e nela estava escrito "*Entro-Pia*", e havia várias barras verdes empilhadas à esquerda, como um gráfico. Era um ninja com uma etiqueta de nome flutuante.

- Mas o que é você, afinal?

- Você fez mesmo uma besteira enorme, sabia?

- Não me lembro de você me ensinar como eu devia jogar este jogo.

- Assumo que sou culpado. Só não imaginei que o seu primeiro instinto seria atacar um homem idoso e desarmado.

- Ele estava me irritando.

- Certo, aí vai uma dica: tudo que se faz tem consequências nesse mundo, igual ao mundo real. Aquele era o patriarca da Casa de Peduin e um de seus meus adores-chefes. Ele tem muitos amigos e provia a nobreza local com a maior parte de sua liquidez, ou seja, com dinheiro. Essa é uma sociedade agrária tão dura que é difícil o dinheiro aparecer por aqui. Até o meu personagem já utilizou 08 serviços dele.

-Foi *você* que o matou.

-Mas eu não fui visto tentando matá-lo. Está vendo como a coisa funciona? É igual ao mundo real. Uma vez que você ordenou aos seus homens que o matassem, era importante que todas as testemunhas fossem mortas. E mesmo assim, pode ser que você tenha algum espião entre seus empregados.

-Chega. E daí? Alguns personagens de computador estão bravos comigo. Quem liga pra isso?

— Comprei o seu personagem porque ele era útil. Ele tinha um título, terras e uma renda por suas posses. Todas essas coisas serão úteis no lugar para onde vamos, principalmente os seus soldados e qualquer aliança que você tenha com outras nobrezas regionais. Mas agora você será rotulado como fora da lei e suas terras e seu título serão retirados.

— Tudo bem. Devo um personagem para você. Acha que devemos comprar outro?

Ross riu.

— Agora você está entendendo as coisas — ele suspirou.

— Hum... não, vamos ver se conseguimos sair vivos da cidade.

— Cidade? Estamos em uma cidade?

— Sim. Essa é a sua mansão para o outono. A que você usa no período de compra e venda. Fica no centro de Gedan.

— A mesma Gedan das tavernas?

— Isso mesmo. Embora, graças a você, não poderemos visitar nenhuma taverna. Vamos.

O personagem assassino de Ross foi na frente, esperando, impacientemente, enquanto Sebeck tentava passar o seu personagem pela porta para tentar chegar à rua.

— Você parece um Sir Lancelot retardado.

— Olha, ao contrário de você, eu tenho uma vida, e não disponho de centenas de horas extras para gastar aprendendo a jogar este jogo.

Eles alcançaram a estrada e Sebeck finalmente teve uma boa visão das redondezas. Era um mundo surpreendentemente complexo. Eles estavam em uma rua estreita de pedras em uma cidade medieval pitoresca. Uma torre com um sino aparecia por cima do que devia ser uma praça, e o sino estava soando. Havia até pássaros voando no céu da manhã.

— Caramba. Isso é mesmo impressionante.

— Cuidado...

Um grupo de homens armados descia a rua que antes estava deserta na direção deles. E não pareciam amistosos.

— Maldição. Não queria ter que usar isso, mas temos lugares para visitar - o personagem de Ross fez uns gestos genéricos e animados com as mãos.

— O que está fazendo? Uma magia ou algo assim?

— Não, estou usando um objeto mágico.

No momento seguinte, um portal de luz surgiu no ar no meio da rua. Ele mostrava um túnel que parecia levar a um espaço extradimensional.

— Por que você não joga pó de duende neles?

— Vou jogar pó de duende em você já, já. Este é um mundo de fantasia, não importa se você acha isso legal ou irrelevante. Milhões de pessoas acham bacana, e o Daemon o está usando para se propagar no mundo real, então pare de dar uma de engraçadinho e passe logo pela porcaria do portal.

— Tá bom, tá bom - Sebeck fez seu personagem correr para o portal. Ele apareceu, imediatamente, em um morro, com grama na altura dos joelhos e vento. De lá dava para ver um litoral rochoso. O oceano brilhava com o sol. Era uma visão linda. Ele se virou e viu o assassino de Ross correr pelo portal, com uma multidão gritando e correndo perto dele. Ross fechou o portal bem na hora em que o grupo o alcançou. Agora, eles estavam sozinhos no morro.

O som do vento passando pela grama era a única companhia deles.

— Onde estamos?

— Cerca de trezentos e cinquenta quilômetros ao norte.

— Ah, isso ajuda bastante. E o que tem aqui em cima? O avatar ninja de Ross apontou.

— Vire-se e dê uma olhada para fora do litoral.

O personagem de Sebeck começou a andar para trás. Ross vociferou:

— Aperte a seta para a esquerda.

— Ah... — Sebeck apertou a seta para a esquerda em seu teclado. A visão de seu personagem se virou para o litoral novamente. Lá, à distância, ele conseguia ver uma ilha irregular, talvez a dois quilômetros da costa, parcialmente obscurecida pela neblina. No topo da ilha havia a torre de um castelo feita com azeviches. — Olá, casa de praia do Dr. Evil.

— Nas salas de bate-papo estão dizendo que aquilo apareceu no dia em que Sobol morreu. Ninguém chegou perto e sobreviveu até agora.

- Precisamos contar isso para a NSA. Eles precisam apreender esses servidores.

— Esses servidores estão na China. Ou talvez na Coreia do Sul. As companhias às quais eles pertencem têm fortes conexões

políticas por lá.

- Bom, mas os federais podem exercer bastante pressão política.

- Os executivos de grandes corporações também. Eles ficaram ali parados olhando o castelo. Foi Sebeck quem quebrou o silêncio.

- Por que não nos transportou para dentro do castelo? Eu tentei. Aqui é o mais perto que eu consegui. E também não consigo usar dispositivos de vidência para ver lá dentro.

- Sobol trancou bem a coisa. Basicamente isso. Eles ficaram ali parados mais um tempo.

N.T.: O Dr. Evil, ou Dr. Mau, é o personagem arqui-inimigo de Austin Powers em seus filmes.

— Bom, e como fazemos para entrar?

— Eu perdi a memória ou será que acabei de dizer que ninguém que se aproximou dele sobreviveu?

— Temos que descobrir o que Sobol está tramando. Melhor que seja com nossa pele de desenho animado do que com a verdadeira.

— Quem disse que precisamos entrar para descobrir para que ele serve? E se vigiarmos o local para ver quem ou o quê entra e sai?

— Ótimo. Então, se um dragão e uma fada aparecerem no castelo, que porcaria eu faço com essa informação? Peço um mandado de prisão para eles?

— Não, mas poderemos ter alguma idéia de como entrar. Com um pouco de sorte, não seremos notados a esta distância, e...

— Ross parou no meio da frase.

Sebeck também viu. Uma enorme sombra aparecia em cima deles, vindo por trás. Ela tinha um desenho vagamente humanoide.

— Control e seta para baixo fazem você se virar, Pete. Aperte agora.

— Control o quê?

— Control e seta para baixo.

— Espere. Control... cadê a seta para baixo?

— Pelo amor de Deus, Pete! A seta para baixo é uma tecla. Aperte-a ao mesmo tempo em que aperta a tecla CTRL.

Sebeck conseguiu, e seu personagem deu uma pirueta.

Um personagem feito de azeviche, de uns quatro metros, estava na frente deles. A criatura segurava um bastão obsidiano e usava uma coroa negra. Olhos vermelhos demoníacos e perfurantes brilhavam em suas órbitas fundas. Não havia boca visível quando levantou seu braço e apontou para Sebeck. Um arquivo de som profundo e grave soou.

— Você não pertence a este lugar, detetive Sebeck!

Antes que pudesse fazer alguma coisa, um raio saiu do bastão e reduziu o avatar de Sebeck à poeira. A tela dele ficou preta e o computador se desligou, e não ligou mais.

Sebeck segurou no microfone para falar:

— Meu Deus! Ele falou o meu nome, Jon. E fritou o meu computador. O que ele está fazendo agora?

Ele só ouviu Ross xingando do outro lado da linha.

Depois que o demônio acabou com o cavaleiro de Sebeck, Ross entrou em modo defensivo, se esquivando e se retirando. Não havia tempo de invocar outro portal. A coisa levantou o bastão e falou novamente:

- Você o guiou até aqui. É da NSA ou é federal? - Uma pausa. - Ou nenhum dos dois? Logo descobriremos...

O disco rígido do laptop de Ross começou a rodar.

- Droga! — Ele arrancou o cabo de rede do conector. O jogo continuava rodando, então Ross tirou o cabo da tomada e também a bateria. Seu laptop se desligou e ficou com a tela toda preta.

Ele se recostou na cadeira do hotel e respirou fundo. Sebeck vociferou do outro lado da linha:

- Jon! Que porcaria é essa que está acontecendo?

- Acabei de desconectar, Pete. Ele estava tentando descobrir quem eu era. Só tinha o jogo e um programa de captura de vídeo neste laptop, mas eu não queria perder os vídeos que eu tinha nele. — Fez uma careta para si mesmo quando colocou a bateria de volta e pôs o computador sobre a mesa. Sua mente estava explorando as possibilidades. Então ele parou. — Pete, preciso que você venha até aqui e me tire da cadeia.

- Do que você está falando?

- Venha até Woodland Hills e me tire da cadeia, por favor — depois ignorou as perguntas de Sebeck, tirou o fone e saiu do quarto rapidamente.

Ele correu pelo corredor externo em direção ao saguão, passando por dois representantes de vendas que tiravam suas malas de um carro alugado, acelerando na última reta e entrando com tudo pela porta do saguão principal do hotel.

O atendente do balcão era um garoto caucasiano distinto e novo. Ele lançou um olhar sério para Ross e disse:

- Cuidado com a porta, por favor, senhor.

Ross se encostou em um canto da parede e tentou recuperar o fôlego.

- Preciso acessar o seu sistema de faturamento. É uma emergência.

- Talvez eu possa ajudá-lo, senhor — ele tinha um teclado à sua frente e parecia um cão treinado com as patas para o alto.

- Vocês verificam os acessos de internet pela conta dos hóspedes?

- Seus hábitos de visitação na internet não vão aparecer na sua conta.

- Não foi isso que eu quis dizer. Vocês conectam as informações da conta do hóspede com um endereço de IP interno? Senhor, por lei, temos que manter...

- Mas que droga! — Ross jogou a perna para cima e começou a passar por cima do balcão, mandando folhetos e telefones para o alto. — Não estou falando de pornografia.

- Você não pode...

Ross escorregou em um telefone e caiu no chão ao lado do balcão. O atendente noturno travou seu computador e então apertou um botão embaixo do balcão.

— A polícia está a caminho! - Depois correu para o escritório atrás dele quando Ross se levantou.

— Espere! — Ross foi em direção à porta, mas o garoto bateu-a na cara dele, fechando um pesado ferrolho.

Ross bateu nela com sua mão aberta. Era uma porta de segurança. A voz do garoto veio abafada lá de dentro.

— Você não é o primeiro idiota a ver pornografia à custa do hotel, senhor. Mas conseguiu deixar tudo muito pior.

— Isto é uma emergência policial.

— Não vi o seu distintivo.

— Olha, eu estou trabalhando com os federais no caso do Daemon. A casa de Sobol fica a uns sete quilômetros daqui. Não é nem um pouco improvável eu ficar neste hotel.

— Você chegou ao hotel há semanas, antes de Sobol morrer. Espere pela polícia.

— Até eles chegarem, será tarde demais. O Daemon vai atacar os seus servidores para descobrir quem eu sou.

— Não estou nem ouvindo, senhor!

— Se o servidor de internet estiver aí com você, desconecte os cabos atrás dele. É só isso que eu peço.

Não houve resposta.

— Garoto! Isso não é uma piada. O Daemon já matou mais de dez pessoas. Se ele descobrir quem eu sou...

— Sugiro que converse com a polícia, senhor.

Droga. Ross deu uma olhada na recepção e então examinou o computador sobre o balcão. Ele mostrava um programa de administração de hotéis. Uma tela de logon o encarava. Ross levantou o mousepade achou um papelzinho com dados de logon e senhas. Ele usou um deles.

— Bom, essa é uma vantagem que eu tenho sobre o Daemon...

Como a maioria dos sistemas de ponto de venda, esse era feito para requerer o mínimo treinamento possível. Ross se viu diante de um formulário básico de comandos do sistema de faturamento. Ele escolheu Contas dos Hóspedes e procurou pelo seu nome. Logo achou o seu arquivo, mas não conseguia editar nada. O log on do atendente noturno não tinha privilégios suficientes para alterar informações já existentes, apenas para acrescentar novas. O nome de Ross e o número de seu cartão de crédito estavam bem à vista. E havia também um link para suas cobranças de telefone e internet. Droga!

O servidor do Portal já deveria ter o endereço de IP principal do hotel, por isso o Daemon saberia exatamente onde lançar um

ataque. Se o hotel usasse um sistema comum de administração de hotéis, o que era bem provável, então o design do banco de dados seria de conhecimento público.

- Filho da mãe!

Dentro do escritório, o garoto estava ao telefone com a telefonista da polícia. Atrás dele havia um par de servidores montados, um roteador e um aparelho da rede, todos com seus LEDs de luzes verdes piscando preguiçosamente. A coisa toda estava trancada para ele, mas um monitor de tela plana mostrava uma caixa de log on do servidor dançando pela tela preta.

Então, como uma abertura de comportas, todos os LEDs começaram a piscar feito loucos. A rede estava inundada pelo tráfego de IP. Até o garoto percebeu, e ouviu o disco rígido se esforçando e rodando.

— Ei! Seja lá o que for que você esteja fazendo aí fora, pare agora mesmo.

Ross virou um ouvido para a porta, mas não tirou os olhos da tela.

— Não estou fazendo nada, garoto. É o Daemon tentando invadir a rede. Ele vai tentar entrar nos registros de acesso à internet para descobrir a minha conexão com o site dele. Depois tentará rastrear a minha conta do hotel com esse endereço de IP. Eu imploro: por favor, abra a porta.

Ross minimizou a aplicação de administração do hotel e interrogou o Servidor de DNS de uma janela do console. Por sorte, o servidor não estava bem configurado e permitiu a zona de transferência. Isso possibilitou que ele visse o mapa interno de IPs da rede da sua máquina e também os nomes das máquinas e dos sistemas operacionais.

O atendente olhava os LEDs piscarem como as luzes de Las Vegas. Repentinamente, o monitor do servidor ganhou vida. A caixa de log on sumiu e a área de trabalho apareceu.

O garoto disse para a telefonista da polícia:

- Ele está fazendo alguma coisa com os nossos computadores.

No computador do balcão, Ross digitava loucamente. Agora ele sabia o sistema operacional do servidor de internet. Pensou nas

chances que tinha de invadir o servidor e apagar os registros de acesso. Era difícil, e provavelmente a primeira coisa que o Daemon tentaria fazer.

- Abra a porta.

— De jeito nenhum!

Ross maximizou o programa do hotel novamente. Ele precisava ir direto para a base de dados dos hóspedes. A extensão do arquivo na URL lhe dizia que era uma página criptografada. Ele começou a digitar diretamente na barra de endereços do navegador, logo depois do nome de domínio do hotel, ao qual ele acrescentou: */global.asa+.htr*

Depois apertou ENTER.

Para seu alívio, o hotel também não tinha superprotegido seu servidor de internet, então o navegador mostrou o código-fonte do programa na tela. Os desenvolvedores tinham sido preguiçosos; perto do topo do código havia uma sequência de conexão com o banco de dados e duas variáveis para *dbowner*, uma de log on e outra de senha. Ele tinha entrado.

No escritório dos fundos, o garoto observava o monitor do servidor. Janelas de comando continuavam aparecendo e desaparecendo na tela, e os comandos eram digitados com uma velocidade absurda. Os discos rígidos trabalhavam sem parar. Caixas de diálogo apareciam e mostravam transferências de arquivos. Era impossível que uma pessoa trabalhasse tão rápido assim. Ele tentou abrir a porta do servidor. Estava trancada. Não poderia desligar o servidor nem se quisesse.

Ross se logou novamente no programa de faturamento usando o log on de administrador do sistema que encontrou no código-fonte. Então navegou em seus dados de hóspede e, dessa vez, todos os campos estavam destravados e podiam ser editados. Não havia um botão de APAGAR, por isso ele preencheu o formulário com dados falsos, mudando seu nome para Matthew Sobol, um endereço fantasma, um número de telefone ao acaso e um cartão de crédito apenas com o número 9. Já ia clicar no botão ENVIAR quando ouviu passos correndo pelo chão do outro lado do balcão.

- Mãos ao alto! - ecoou um grito pelo saguão.

Ross se virou e viu dois policiais de Woodland Hills apontando Berettas para ele do outro lado do balcão. Eles olhavam suas miras e seguravam as armas com as duas mãos.

Ross pressionou ENVIAR e então levantou as mãos.

— Está tudo bem. Estou trabalhando no caso do Daemon com o policial Pete Sebeck, do Departamento de Polícia de Thousand Oaks.

- Pare de falar! - um dos policiais foi em direção ao balcão. - Ponha as duas mãos com as palmas para baixo no balcão!

No escritório dos fundos, o garoto observava a tela. Uma janela de DOS estava aberta, mostrando o arquivo de um hóspede: Quarto 1318 - Sem nome (999) 999-9999

CC n. 9999-9999-9999-9999

E então o servidor foi desligado.

Capítulo 23:// Transformação

Sebeck escoltou Ross para fora da delegacia de polícia de Woodland Hills. Ross esfregou um dos pulsos.

— Eles sempre apertam tanto assim as algemas?

— Só dos encenqueiros.

O novo carro de polícia de Sebeck estava parado na frente, e ele o mostrou para Ross.

— Gostei mais desta cor.

— Entre logo no carro.

Ross respirou o ar da manhã.

— É bom respirar como um homem livre de novo. Estava começando a ficar preocupado, achando que você não viria.

— Precisei contornar as coisas com o hotel. O Daemon destruiu o sistema de reservas deles.

— Não é culpa minha. Eles deveriam ter mais segurança virtual.

— Jon, consegui evitar que eles prestassem queixa contra você, mas es-lon ficando com a impressão de que estamos correndo atrás do nosso próprio rabo. Sobol está sempre três passos à nossa frente.

— Está brincando? Fizemos um progresso enorme na noite passada. Sebeck olhou para ele incrédulo.

— Eu fui morto, e você, preso. Como pode ter sido um grande progresso?

— Bom, se você só vai olhar o lado ruim...

— Entre logo no carro.

— Qual é o problema?

— Fui repreendido nesta manhã por causa dessa confusão. Tenho agentes da NSA se mudando para a minha casa. Meu filho não está falando comigo. Minha mulher está falando comigo e ainda nem consegui tomar um café. Fora isso, está tudo ótimo.

Pete, precisamos nos reconectar com o Daemon o mais rápido possível.

— Nós estamos nos arrastando por aí às cegas. Sebeck entrou no carro.

Ross pensou um momento.

— Conheço um bom café, aqui perto.

— Já é um começo.

Calabasas era uma cidade-dormitório de luxo não muito longe de Woodland Hills, fazia parte do sistema circulatório de Los Angeles e, como a maioria das cidades, era uma artéria da rodovia.

Ross levou Sebeck até um novo shopping a céu aberto, que era uma mistura de concreto, imitação de pedra e palmeiras e parecia mais o set de filmagens do Tim Burton do que um centro de compras. O grande estacionamento estava cheio de carros pequenos de duas pessoas ou monstruosas SUVs de mães de família.

Sebeck olhava para um café no estilo francês. Depois de uma grade próxima, havia um lagozinho borbulhante cheio de patos, como se ali não fosse um deserto, mas, sim, um moinho de água do sul da França. Se alguém desligasse as bombas de água, pensou Sebeck, aqueles patos morreriam em umas seis horas. Ele jogou um pedaço de seu croissant para eles e deu um gole em seu café feito com o blend Kenya.

Do outro lado da mesa, Ross tomava um triplo *latte*. A caneca parecia ter saído diretamente de Alice no País das Maravilhas. Sebeck fez uma careta.

— Que porcaria era aquela coisa que nos atacou ontem à noite? E como ele sabia o meu nome?

Ross colocou seu latte na mesa sobre um pires bizarramente grande.

— Não estou surpreso por ele saber o seu nome, o que me surpreendeu foi ele falar o seu nome, especialmente porque eu não ouvi.

— Como assim você não ouviu? Ele disse meu nome com uma voz absurdamente alta.

— Sim, mas acredito que o arquivo só foi tocado para você.

— Que arquivo?

— O arquivo de som. Gravaram alguém falando o seu nome. Essa gravação foi salva como um arquivo de som, e o seu computador rodou o arquivo quando recebeu o comando. Mas não tocou no meu laptop.

— Mas como eu teria o arquivo e você não?

— Porque Sobol o colocou no seu computador.

— Mas isso deveria ser uma coisa fácil. O comunicado de Sobol dizia que o Ego cria uma porta dos fundos em todas as máquinas que rodam ele.

Ross deu outro gole e fez que não com a cabeça. Não, eu não acredito nisso.

— Espere um pouco. Foi você que disse que Sobol poderia fazer qualquer coisa. Que não devíamos subestimá-lo. Agora está dizendo que ele não colocou uma porta dos fundos na programação da inteligência artificial Ego?

— Qual o sentido de deixar uma porta aberta em um programa e depois contar para todo mundo? Tudo o que conseguiria seria reduzir drasticamente o número de máquinas a que Sobol teria acesso. Não faz o mínimo sentido.

— Sobol era louco.

— Todos dizem isso. Mas seria preciso um grande esforço coordenado, de muitas pessoas, para colocar uma porta dos fundos em um código desses.

Sebeck pensou naquilo.

— E por que Sobol mentiria a respeito disso? Essa afirmação praticamente destruiu sua companhia.

Os dois perceberam ao mesmo tempo.

Ross deu um tapinha no próprio queixo, pensativo.

— Então, a intenção era destruir a própria companhia. Não tenho ideia do por que, mas deve ter sido o objetivo do comunicado.

— É apenas loucura...

— Talvez, mas se não há uma porta dos fundos na programação da inteligência artificial, voltamos à questão anterior: como o Daemon sabia que era você na noite passada? Lembre-se de que você estava jogando com a conta de outra pessoa.

Sebeck deu de ombros.

— Você é o especialista.

Ross tomou mais um gole de seu latte.

— Você rodou o jogo no mesmo computador que recebeu o e-mail de Sobol, certo?

— Você diz o e-mail com o link de vídeo?

— Sim.

Sebeck fez que sim com a cabeça.

— Durante todo esse tempo, nos concentramos no que Sobol dizia no vídeo, mas não nos ocorreu que ao rodar o vídeo ele também poderia instalar um Cavalo de Tróia.

— Para quê?

— Para abrir uma porta dos fundos no computador que o rodasse. Sebeck pensou por um momento.

— Espere aí. O Aaron rodou o vídeo na rede da delegacia. Caramba, acho que outras pessoas do departamento tinham cópias. E vários jornalistas também tiveram acesso a ele.

Ross baixou seu latte.

— Droga! Se Sobol usou o mesmo vírus rootkit que encontrei lá na Alcyone Seguros, ele poderia abrir uma brecha na rede da polícia. E poderia até monitorar a troca de e-mails entre você e os federais. Os antivírus não o detectariam.

— Por favor, me diga que você está brincando.

— Se você roda um programa malicioso, ele pode fazer muitas coisas ruins, e não só para você.

— Droga, como posso ter sido tão idiota?

— Não temos certeza de que isso aconteceu mesmo. Ainda não, pelo menos. O som de um helicóptero surgiu abafando o barulho do tráfego e estava descendo rapidamente. Ele passou de repente pelo teto da primeira loja do shopping e foi perdendo altura até o estacionamento.

Sebeck e Ross viraram a cabeça para ver o helicóptero da polícia de Los Angeles se posicionando, voltado diretamente para eles por cima do shopping. O vento e o barulho dele fizeram os patos procurarem abrigo em uma ponte de conto de fadas.

Sebeck tampou os ouvidos quando o barulho atingiu níveis ensurdecedores. Um monte de guardanapos voou das mesas do café. Sebeck olhou para Ross.

— Que porcaria ele está querendo?

Então, sirenes se aproximaram rapidamente, vindo de diversas direções. Carros apareceram em todas as entradas do estacionamento. Sebeck viu carros da polícia federal e da polícia de Los Angeles correndo pelo piso de pedra. E I)I carros mal tinham parado quando agentes vestindo coletes à prova de balas e capacetes de Kevlar saíram em direção a Ross e Sebeck apontando suas M 16s. As roupas tinham o emblema do FBI.

Várias vozes gritaram ao mesmo tempo:

— Mãos na cabeça!

Mais agentes apareceram correndo por trás do café, com suas M-16 e HKs apontadas e prontas para atirar.

Sebeck olhava para frente e para trás confuso. Ele levantou as mãos devagar e gritou:

Que diabos está acontecendo aqui?

— Mãos na cabeça, ou vamos atirar.

Tinha alguma coisa mais do que errada. Sebeck olhou as expressões dos agentes e policiais em volta deles. Havia ódio em seus olhares. Raiva queimando. Ele conhecia aquele olhar. Era o que eles reservavam para os piores bandidos. Eles se aproximavam em duas direções, deixando o campo aberto para atirar. Vinte ou trinta homens bem armados. Sebeck olhou para Ross, que já estava com as mãos na cabeça.

- Que porcaria está acontecendo aqui, Jon?

- Não sei, mas o Daemon tem algo a ver com isso.

- Este é o seu último aviso! Ponha as mãos na cabeça, ou vamos atirar! Sebeck sentiu seu sangue ferver. Pôs as mãos atrás da cabeça, mas olhou para Ross.

- Por que eles estão olhando para mim?

- Não sei.

Os federais pularam em cima de Sebeck como se ele fosse um *quarterback* de futebol americano. Empilharam-se sobre ele, derrubando-o no chão, colocando suas mãos atrás das costas e o

algemando. Então o seguraram e pegaram sua arma. O agente principal falou no ouvido dele:

- Se eu pudesse fazer do meu jeito, teria colocado uma bala na sua cabeça, Sebeck - depois empurrou a cabeça dele no chão e o levantou duramente, empurrando Ross de lado. O sangue escorria do nariz de Sebeck e caía em sua camisa.

- Peter Sebeck, você está preso pelo assassinato de Aaron Larson e outros policiais locais e federais, por conspiração, fraude financeira e tentativa de assassinato. Você tem o direito de permanecer calado. Tudo que disser pode e será usado contra você no tribunal...

O mundo girou e a mente de Sebeck parecia flutuar dois metros acima de sua cabeça. Aquilo era impossível. Todos os olhos destilavam ódio contra ele. Como ele poderia ser o Daemon? Como isso seria possível?

Ele se virou em direção a Ross, que estava parado atrás de um muro de agentes do FBI.

- Jon! Jon!

- E o Daemon, Pete!

Alguns agentes puxaram Sebeck, e uma dezena de outros o empurrava pelas costas. Em um segundo, ele não conseguia mais ver Ross, perdido no meio do amontoado de pessoas.

Sebeck sentia que a realidade tinha sido rasgada e agora ele flutuava em um inundo de fantasia. O mundo do jogo de Sobol era mais real que aquele. Os olhos perdidos de Sebeck não notaram a única equipe de filmagem por ali quando ele passou por ela, nem a bela repórter loira parada no local com um microfone.

- Eu sou Anji Anderson, ao vivo de Calabasas, Califórnia, trazendo para você uma reportagem exclusiva surpreendente, mostrando os agentes federais prendendo o detetive e sargento Peter Sebeck, do Departamento de Polícia do condado de Ventura. Sebeck, que era o chefe da investigação no caso dos assassinatos do Daemon, agora é acusado de participar de uma das mais audaciosas fraudes da história moderna. Procuradores federais afirmam que Sebeck teve um papel-chave em uma conspiração para roubar o mentalmente debilitado Matthew Sobol em dezenas

de milhares de dólares, dinheiro que depois foi usado para comprar ações da CyberStorm. Quando essas ações entraram em colapso, os conspiradores ganharam 190 milhões de dólares. O FBI, em cooperação com o Serviço Secreto e a Interpol, relatou que fez mais três prisões em outros dois países nesta noite. Até agora, duas coisas estão claras: Matthew Sobol era, aparentemente, uma vítima inocente nesse plano mortal e, para o alívio das autoridades, o Daemon parece ser apenas uma fraude.

Natalie Philips estava em pé no shopping com o Major e meia dúzia de Agentes da NSA. Agentes do FBI ainda faziam um cordão na cena da ação. Ela olhava para o chefe da operação, Steven Trear, com uma expressão que estava entre o descrédito e o nojo.

- Você deixou Jon Ross ir embora?

Trear estava parado no meio de vários agentes do FBI.

- Ele foi interrogado e liberado. Não achamos nenhuma evidência de que Ross estivesse envolvido com Sebeck antes desta semana. Ele já tinha sido liberado no caso do vírus na Alcyone. Vocês sabem de alguma coisa que eu não sei?

Philips olhou para o Major, que bateu em uma mesa, frustrado, fazendo com que ela caísse.

Trear levantou as mãos.

- Será que podem me explicar o que está acontecendo?

Philips foi em direção a um agente da NSA próximo, mas falou com Trear.

- Acabamos de vir de Woodland Hills. Jon Ross foi preso ontem à noite, acusado de vandalismo de rede e por fazer ameaças terroristas.

Trear olhou para ela como se fosse louca. -Jon Ross!

Philips pegou um arquivo que o agente havia dado a ela.

- Eles retiraram as queixas depois que Peter Sebeck interveio. - Ela abriu o arquivo e o entregou a Trear. - Sua investigação preliminar não fez a comparação das digitais. O verdadeiro Jon Ross tem uma condenação por dirigir bêbado, três anos atrás. E estes arquivos não batem com o homem que você trouxe para interrogatório em Thousand Oaks. Nem as fotos.

- Espere aí. Está me dizendo que...

- Ele é um ladrão de identidades. E não é o verdadeiro Jon Ross. Trear começou a folhear as páginas do arquivo.

- E por que é que não passaram isto para a gente? Foi o Major quem respondeu:

— Vocês não precisavam saber.

— Besteira!

Philips olhou para o relógio.

— Você o interrogou durante quanto tempo? Uma hora?

— Ele já tinha sido extensamente interrogado e estava traumatizado. Nós o entregamos aos paramédicos.

— Genial.

Trear foi em direção a ela com o dedo em riste.

— Escute aqui, dona...

O Major se colocou entre eles e empurrou Trear para trás. Isso fez com que três agentes fossem em sua defesa. A cena logo ficou parecendo uma confusão em um campo de futebol. Gritos preencheram o ar quando mais agentes do FBI e da NSA entraram na discussão.

O Major segurava Trear pela gravata.

— Tire suas malditas mãos de mim! — Ele se livrou do Major quando dois de seus agentes empurraram a cabeça do homem para trás. A coisa se acalmou um pouco, e Trear olhou para o Major. — Quero seu nome completo, agente! Você receberá várias acusações!

O Major olhou mais duro ainda.

— Você não tem autoridade suficiente para poder saber o meu nome. — Então tirou suas credenciais do bolso, sua foto ao lado de uma longa sequência alfanumérica em negrito. - Serviço de Coletas Especiais (SCS). Estou aqui como a maior autoridade para lidar com uma questão de segurança nacional.

Um dos agentes do FBI que estava próximo falou:

— E o que você acha que foi a prisão de Sebeck? Trear grunhiu para ele.

— Silêncio! — Depois olhou para o Major. — Serviço de Coletas Especiais? — Então se virou para Philips com um olhar um pouco

diferente. — O que é que está acontecendo aqui, Philips? Quem chamou os homens de Operações Especiais?

Philips tentou conter a irritação.

— Ele não responde a mim, Trear. Ele tem suas próprias ordens, e não estou a par delas. Olha o homem que se passava por Ross pode estar envolvido nisso.

— Se você tem um mandado de prisão para Ross, por que não fomos informados?

— Não é uma coisa simples assim. Isto é uma operação de segurança nacional, não uma investigação criminal.

— Porcaria nenhuma, Philips. Seu pessoal está segurando informações. O FBI tem que ser um cliente da NSA. — Ele olhou para o Major. — E fico imaginando o que a CIA sabe. :

Philips foi conciliatória.

— Eu notifiquei Fort Meade, mas leva tempo até eles contatarem vocês. Tudo isso aconteceu nas últimas três horas.

— Imagino que a NSA já tenha ouvido falar de telefone. São aqueles aparelhos de fazer ligação.

— E por que não fomos avisados a respeito de Sebeck! Os dois ficaram ali se encarando.

Outro agente da NSA apareceu correndo.

— Agente Philips. Ross acabou de usar o cartão de crédito há cinco minutos em uma agência de aluguel de carros aqui perto. Já soltamos um aviso geral.

— E o rastreamento E911 ?

— Estamos falando com a operadora de celular neste momento.

— O carro alugado tem GPS? O agente fez que não.

— Ele alugou um carro bem pequeno e sem GPS.

— Coloque o número da placa nos leitores das estradas. — Ela se virou para Trear. — Sei que está com raiva, agente Trear, mas realmente poderíamos contar com a sua ajuda aqui. Ross pode estar por trás do Daemon, pois tem o conhecimento necessário.

— O Daemon é uma fraude, agente Philips. Quando a NSA vai conseguir nos acompanhar nisso tudo?

— Olha, quer você ache que o Daemon é uma fraude ou não, o fato é que o homem que está se passando por Ross estava

envolvido desde o começo e está escapando. Podemos contar com a sua ajuda?

Trear respirou fundo e fez que sim para os seus homens. Straub se virou e gritou:

— Vocês ouviram o homem!

A dez quarteirões dali, Ross jogou seu celular na caçamba de um caminhão de madeira parado no farol vermelho. O artifício do carro alugado e mais o celular se movendo lhe dariam algum tempo.

Ross foi na direção oposta à do caminhão. Provavelmente, os federais não demorariam a descobrir que ele não era quem dizia ser, e até lá precisava de uma nova identidade. Ele caminhou com compostura até o estacionamento de uma revendedora da Mercedes, ainda se perguntando por que tinha se metido nessa confusão toda. E o que afinal tinha acontecido com o detetive Sebeck? O Daemon devia estar por trás daquilo. Sobol era famoso por esse tipo de reviravolta. Foi o que Ross vinha tentando avisar aos federais. Agora ele tinha que descobrir o plano de Sobol, mas no momento a única prioridade era sair daquela área. Ross ajeitou a gravata e passou calmamente pelas portas de vidro da loja de carros, caminhando entre os modelos expostos e examinando os adesivos nas janelas. Uma ária da ópera O casamento de Fígaro tocava suavemente nos alto-falantes da loja.

Vários carros de polícia passaram correndo pela frente da loja, com suas luzes e sirenes enlouquecidas.

Um vendedor bem vestido se aproximou de Ross com a mão estendida.

- Como vai, senhor? Ross olhou para ele.

- Estou entediado, mas nada que um carro esportivo não resolva. O vendedor riu educadamente.

- Bom, e o que está dirigindo atualmente, senhor...

- Ross. Tenho um A8 de doze cilindros que anda muito. Mas quero ter um outro carro. Algo menor e mais esportivo.

- Por acaso já conhece o nosso SL conversível? Ross olhou para o carro prateado ali perto.

- Um parceiro meu de golfe tem um. Já dei uma pesquisada, mas a verdade é que, se me sentir bem com ele, compro hoje

mesmo. A vista.

O vendedor concordou com a cabeça.

- Vamos dar uma volta. Só preciso tirar uma cópia da sua carta de motorista.

Ross pegou a carteira.

- Mas é claro.

Os cartões de crédito *platinum* estavam bem visíveis quando ele tirou sua carteira de motorista e a deu ao vendedor.

Natalie Philips estava no estacionamento de uma loja de aluguel de carros e olhava para o carro que Ross tinha alugado uma hora antes. Tinha rastreado o celular dele pelo E911, apenas para descobrir que estava indo em direção à Oxnard na caçamba de um caminhão. O carro alugado por Ross nunca tinha saído da locadora. E ninguém da força-tarefa havia pensado em ir ali checar, ainda mais porque o telefone dele estava em movimento.

Trear bateu no teto do carro.

- Droga! Esse cara deve estar a meio caminho do México agora. Philips se virou para ele.

- Estar a meio caminho não significa estar no México. Além disso, ele ainda precisa de transporte, e temos todos os aeroportos, estações de trem e de ônibus vigiados. Se ele fizer qualquer saque ou comprar com o cartão, estaremos em cima dele em minutos. Há uma equipe aérea de sobreaviso na região de Los Angeles neste momento.

Trear pegou o rádio, mas continuou olhando para Philips.

— Esse Ross impostor parece ser o homem que Sebeck utilizava para coisas de computador. Talvez até seja o grande criador dessa farsa toda.

— Isso se o Daemon for uma farsa.

— É claro que é uma farsa, e não acho que Sebeck seja inteligente o suficiente para ir adiante com ela, e muito menos para tê-la criado. Mas pode ter sido o nosso impostor.

Philips assentiu, embora quanto mais pensasse naquilo, menos a coisa fazia sentido.

Ross se livrou do vendedor na rodovia 23, em Simi Valley. Ele saiu da rodovia dizendo que precisava ir ao banheiro e não voltou

mais, depois de correr até um restaurante para usar o banheiro. Em vez disso, saiu por uma porta lateral e caminhou um quarteirão até umas garagens de metal ondulado e sem identificação.

Pegou seu chaveiro e procurou entre as chaves. Então, destrancou o cadeado e levantou a porta da garagem, revelando uma picape utilitária com portas de carga laterais. E tinha um logotipo na porta: Lasseter Aquecimento & Ar-Condicionado. Ross acendeu as luzes da garagem e entrou, abaixando a porta atrás dele.

Havia uns dois metros de espaço de cada lado do carro. Ele andou por um lado e abriu uma das portas de carga, revelando um espelho atrás da porta. Havia uma nécessaire e uma muda de roupa. Ele pegou uma carteira debaixo das roupas e a abriu, olhando para o documento de motorista da Califórnia com a sua foto e o nome Michael Lasseter. Na foto, sua careca era como uma bola de bilhar. Ele ajeitou o espelho e pegou um cortador elétrico na nécessaire. Depois olhou para a única tomada que havia perto da luz do teto.

Em mais ou menos dez minutos, estava completamente careca. Chumaços de cabelo escuro cobriam o chão. Ele se examinou no espelho e esfregou sua careca. - *"Mtiàèiocr nmo m£ou bokocbl Bbiipacmym onxmb"*.

Sentia-se estranhamente bem ao falar sua língua nativa novamente. E mal também. Não deveria ter precisado usar aquele lugar.

Esvaziou a carteira de Jon Ross e colocou os cartões de crédito e as identificações em uma chapa elétrica. Depois a ligou e continuou trabalhando, enquanto o cheiro acre de plástico queimado preenchia o ambiente.

Ele se trocou, colocando uma calça jeans e uma camisa de trabalho.

Quando terminou, olhou-se no espelho e parou. Pegou então uma garrafinha de bronzeador artificial e o espalhou pelo rosto, pelo pescoço e pelos braços. Depois olhou outra vez para a foto de Lasseter na carteira de motorista. Estava bem melhor.

Escondeu as roupas de Ross e a nécessaire em um pequeno gabinete de ferramentas, depois desligou a chapa elétrica e checou se a identidade e os cartões de crédito de Ross estavam totalmente derretidos. Eram uma massa multicolorida. Deu uma última olhada em volta e então abriu a porta da garagem.

O sol estava forte a ponto de cegar. Ele entrou na picape e ligou-a, ficando parado ali por um momento, pensando. Sabia que poderia passar por qualquer bloqueio de estrada. Mas e depois?

Sobol era mais esperto do que ele esperava, e olha que ele esperava muito de Sobol. Tinha dado um jeito de destruir Sebeck e fazer todos acreditarem que o Daemon era uma farsa. E por quê? Alguma parte do plano tinha sido atingida, e o Daemon estava partindo para a próxima tarefa. Ele sabia que havia uma razão para incriminar Sebeck, mas ainda não tinha conseguido entender qual era. Por que fazer o Daemon ficar famoso e depois fazer as pessoas acreditarem que ele não existia?

Ele tamborilou os dedos no volante.

Uma coisa era certa: ele não seria derrotado pelo Daemon nem a pau. Ele podia ter derrotado Jon Ross, mas nunca tinha ouvido falar de Michael Lasseter.

Capítulo 24: // Relatório da situação

Na sala de reuniões de canto do prédio OPS-2B, o grupo de diretores das agências se reuniu novamente. Naquele cômodo sem janelas, era impossível dizer se era dia ou noite. E pela decoração governamental, era impossível dizer se estavam em 1940 ou 2040.

DIA: Ouvi as notícias, vindo para cá. Estão dizendo que o Daemon é uma fraude, um *hoax*. Isso é verdade?

FBI: A trilha do dinheiro levou a duas pessoas que já identificamos. O detetive Sebeck, já sob custódia, e uma tal Cheryl Lanthrop, que é executiva médica. Achamos que ela estaria em Kuala Lumpur, mas nossas informações foram desenhadas.

Houve um silêncio momentâneo.

NSA: Deixe eu tentar entender isso: está me dizendo que o detetive Sebeck e essa tal Lanthrop transformaram a propriedade de Sobol em uma grande armadilha high-tech?

FBI: Registros de impostos mostram que Lanthrop era diretora de vendas de um braço dos laboratórios MRI, empresa da qual Sobol era dono. Ele parece ter ficado obcecado pela tecnologia da MRI nos últimos estágios de sua doença. Registros de e-mails mostram que ela orientou Sobol a investir em negócios funcionais da MRI, negócios estes em que ela era sócia. Ela parece ser meio maluca. A especialidade dela parece ser a pesquisa em neuromarketing, examinar a atividade cerebral das pessoas e enxergar vários tipos de produtos a serem consumidos.

NSA: Você não respondeu à pergunta.

CIA: E onde Sebeck entra nisso tudo?

FBI: Ainda não temos certeza, mas registros de cartões de crédito mostram que Lanthrop ficava nos mesmos hotéis que Sebeck quando ia a seminários da polícia. E viajaram para Grand Cayman juntos. Lanthrop criou uma conta bancária offshore lá, para

uma holding que depois comprou ações de curto prazo da CyberStorm. Temos um vídeo dela e de Sebeck sentados na escrivaninha do gerente do banco. A mulher de Sebeck não sabe nada a respeito dessa viagem.

NSA: Como Sebeck e a mulher construíram um Hummer automatizado ou a armadilha de choque na entrada da sala de servidores da CyberStorm? Como eles teriam acesso à empresa?

FBI: Ainda estamos juntando as peças. Pode ser que haja mais pessoas envolvidas, talvez até mesmo Singh e Pavlos. Achamos arquivos apagados do computador de Sebeck. Eles incluem listas de equipamentos e um texto de transferência de poder advocatício que mais tarde foi assinado por Sobol, provavelmente depois que a demência o incapacitou. Essa transferência de poder colocava parte dos bens de Sobol sob o controle de uma corporação *offshore* na qual Sebeck tinha controle acionário.

CIA: Eu sou o único aqui que acha que isso é um monte de besteira?

NSA: Não.

FBI: Se vocês lerem o relatório...

CIA: Espere um pouco. Isto está forçado demais. Está me dizendo que esses dois conseguiram roubar 40 milhões de Sobol em empréstimos, mas não pegaram o dinheiro e fugiram. Em vez disso, compraram ações com boa margem e orquestraram um esquema para faturar quando as ações caíssem? Caramba, um banqueiro de Wall Street talvez tivesse feito isso, mas um tira caipira e sua namorada não.

NSA: Vou ter que concordar com ele nessa. Parece bem improvável. Eles precisariam de conhecimentos técnicos e financeiros muito avançados. Sem falar de sorte.

FBI: Ainda estamos procurando pelo homem que dizia ser Jon Ross. Ele fugiu da cena da prisão em Calabasas e desapareceu sem deixar vestígios. Poderia ser o nosso operador técnico e inteligente. Sebeck seria a força. Ele só estava procurando uma saída, provavelmente, pois teve seu primeiro filho aos dezesseis anos e se casou aos dezessete. Um casamento sólido. Mas não é bem um homem de família, por isso deve ter se sentido preso.

NSA: E o vídeo de Sobol que veio por e-mail?

FBI: As análises preliminares de voz e imagem indicam que era falso. Não é surpreendente que Sebeck o tenha descoberto. Isso e outras evidências possivelmente deram tempo para Sebeck e Lanthrop...

NSA: E as armas sonoras? E os transmissores de banda ultralarga?

FBI: Está claro que alguém com muito conhecimento tecnológico está envolvido. Mas não precisava ter sido, necessariamente, Sobol. Não se esqueçam de que o detetive Sebeck era titular de oito contas fora do país e executivo em oito corporações do tipo holding. Algumas das contas têm anos. E, pelo amor de Deus, ele tinha um cofre no banco de Los Angeles onde encontramos 20 mil em dinheiro e um passaporte falso com a foto dele.

NSA: Isso é muito interessante. — Ele fez uma pausa para dar efeito às palavras. - Também achei interessante o fato de haver muitos outros detetives do condado de ventura que poderiam ter sido designados para esse caso em vez de Peter Sebeck. E todos eles tinham não uma, mas várias contas em bancos tora do país. E todos dizem não saber nada a respeito disso.

Aquilo produziu caretas ao redor da mesa.

CIA: Não estou entendendo.

NSA fez um sinal para que um ajudante diminuísse as luzes. NSA: Olhem este mapa. — Ele pegou um controle remoto e um mapa dos Estados Unidos surgiu na parede, em uma apresentação de PowerPoint.

— Aqui vemos as cidades nas quais os detetives tiveram gastos de cartão de crédito nos últimos dois anos. - Mais um clique. - Agora, colocaremos os gastos de cartão de crédito da senhorita Lanthrop feitos nos mesmos dias.

O mapa mostrava que os detetives não viajavam muito. Mas todos tinham o hábito de viajar para algumas cidades nos mesmos dias em que Lanthrop estava em cada uma delas.

FBI: Mas, afinal, o que é isso...?

NSA: A mesma cidade. No mesmo dia. Note que todos viajaram a Grand Cayman eventualmente.

Houve uma confusão geral na mesa.

DARPA: Está dizendo que todos os detetives sênior do condado de Ventura estão envolvidos?

NSA: Não. Estou dizendo que o plano foi feito para acusar todos eles, uma precaução contra falhas do Daemon. E não foi a única precaução...

— Ele clicou novamente, e a tela mudou para uma imagem congelada, mostrando Lanthrop dando entrada em um hotel de negócios. Ela parecia linda até nessa imagem. — Nossa senhorita Lanthrop. Em Memphis. Ruiva, bochechas salientes. - A imagem mudou para outra câmera de segurança.

— Em Dallas. Loira, linhas suaves, busto avantajado. - Outra foto. - Em Kansas City. Morena e alta.

DARPA: São mulheres diferentes.

FBI: Isso é a tentativa da NSA de trazer o Daemon de volta ao caso?

NSA: Não é uma tentativa de nada. São fatos. E também é um fato que Cheryl Lanthrop não tem nenhuma experiência médica ou de negócios conhecida antes de trabalhar na empresa de Sobol, e também não conseguimos encontrar nenhum sinal de sua família ou alguém que a conhecesse antes disso.

CIA: Então ela é uma pessoa fantasma.

NSA: É o que parece.

FBI: Mas isso só prova o meu argumento. São trapaceiros sofisticados que enganaram Sobol.

NSA: Suas evidências são amplamente digitais. E-mails, transações financeiras, registros de viagem. Como sabe que a Lanthrop de Sebeck é algo mais do que uma garota de programa?

FBI: Isso é ridículo. O princípio da Navalha de Occam* se aplica aqui. O que é mais provável: que um morto tenha criado um sistema para acusar vários detetives, ao mesmo tempo em que jogava metade de sua propriedade na privada, ou que um grupo de pessoas tenha abusado de suas posições de confiança para enganar um homem rico que estava morrendo?

DIA: Mas por que seria necessário envolver todos os detetives? Se um grupo de pessoas estava enganando Sobol, eles não iriam

querer os policiais o mais longe possível disso tudo?

Todos ficaram em silêncio.

FBI: Bom, é fato que um policial estava envolvido, e é fato que alguém orquestrou a queda das ações.

DIA: Então, o Daemon existe ou não? Todos se entreolharam na semiescuridão.

NSA: Acredito que todos concordamos que, no que diz respeito ao público em geral, o Daemon deve continuar sendo apenas uma farsa.

' N.T.: Princípio lógico atribuído ao filósofo inglês do século XIV William de Ockham, que diz que a explicação para um fenômeno deverá assumir o menor número de pressupostos possível, eliminando aqueles que em nada contribuem para a hipótese explicativa.

Parte Dois

Oito meses depois

Capítulo 25:// Perdido no sistema

Um suspiro exasperado veio do outro lado da linha.

— Olha, não estou interessada.

- Bom, então, temos algo em comum. Ela riu.

A voz de Charles Mosely saiu sorridente.

- Gosto da sua risada.

Trinta e oito vírgula nove por cento das vezes, sua voz profunda e rica produzia uma resposta positiva das mulheres entre 21 e 35 anos. Uma pausa.

- Obrigada. Você também tem uma bela voz.

- Prefiro usá-la na minha arte. Mas, com a economia do jeito que está, lenho que me virar. Peço desculpas pela intromissão, senhorita.

- Tudo bem. Desculpe por ter sido seca.

- Sem problema. Fizemos as pazes.

- Qual é a sua arte?

- Como?

- Você disse que prefere usar sua voz na sua arte.

Mosely riu.

- Preciso tomar cuidado, estou revelando muito sobre mim.

- Vamos lá, pode me contar.

Fie hesitou, checando o cronômetro na tela de seu computador.

- Bom... ah, você vai rir de mim. Não vou, não.

- Sou um ator de teatro desempregado aqui em Nova York.

Mentira! O que você já fez?

Mosely riu novamente. Fiz Otelo no Public, acredita? Mas eram só as matinês.

- E agora trabalha com isso?

- É eu sei me mate agora, não é?

- Desculpe. — Ela riu de novo. Ele quase podia ouvi-la enrolando o fio do telefone com o dedo. - Você tem uma voz ótima, Charles.

- Obrigado, senhorita.

O TeleMaster rastreava as atividades de seus funcionários na mesma hora. A média de segundos entre chamadas, a média de telefonemas por dia, a porcentagem média de vendas fechadas, tudo calculado, automaticamente, pelo pacote de programas habilitados para VoIP e vendidos na América do Norte com o nome de TeleMaster, mas que na Europa e na Ásia era conhecido pelo impenetrável nome de *Ophaseum*.

Os vendedores tinham apenas poucos segundos depois de finalizar uma chamada e ouvir a linha tocar para a próxima. Os que cumpriam suas cotas cedo e então enrolavam, não conseguiam enganar o TeleMaster. O sistema monitorava com uma média constante de movimento. Uma queda repentina e abrupta de produtividade era notada e marcada para imediata verificação pelo supervisor do andar. Encontrar um equilíbrio entre buscar a cota freneticamente e manter o passo para aguentar o seu turno inteiro era difícil, menos para os fechadores. E Charles era um fechador. Sua voz profunda, seu tom de voz tranquilizador e sua confiança davam a ele uma porcentagem de fechamentos desproporcional entre os segmentos masculino e feminino.

E os que não conseguiam atingir a cota? Suas bases de comissão caíam e, quando isso acontecia, eles ganhavam menos por venda. E, quando isso acontecia, o trabalho continuava estressante e tedioso, mas então recebiam menos. E se eles falhassem demais, ficavam fora do trabalho e voltavam para a população comum.

Ele não ganhava quase nada. Por que se importava com aquilo?

Ele sabia bem por quê. Gostava de ouvir as vozes. Gostava de falar com mulheres de todos os lugares, fazer sua magia com elas e convencê-las a fazer "aquilo". Tudo bem que o "aquilo" era comprar um cubículo no esquema de Time Share ou a assinatura de uma revista. "Aquilo" tinha que ser o suficiente. "Aquilo" era a única coisa que mantinha a sua humanidade. E isso valia muito na prisão.

Charles Mosely fechou a venda, a assinatura de dois anos da revista *Up-town*, ignorando quando a mulher deu seu e-mail a ele.

Ela gostaria de manter contato. Mosely virou os olhos. Droga, ele nem ligava se ela era bonita ou não, também gostaria de manter contato. Mas não havia conexão de internet em Highland. Ele levantou a cabeça no estreito cubículo 166 para olhar para a longa linha de pequenos cubículos de aço se estendendo a distância. As conversas abafadas de centenas de operadores em macacões laranja eram ouvidas por seu ouvido direito, o que não estava coberto pelo fone. Um guarda desarmado passou andando acima dele por trás da proteção de malha de aço.

A Warmonk Inc., o prédio de trabalho prisional em Highland, Texas, era um local privado e funcionava sob contrato com o Departamento de Justiça Criminal do estado. Estava conectado com a prisão de segurança máxima por uma passarela de pedestres fechada. O trabalho dos presos era usado, teoricamente, para diminuir os custos de seu encarceramento. Pagando trinta centavos a hora, eles colocaram os indianos que faziam telemarketing para correr.

Assim como metade dos "hóspedes" do Departamento Correccional do Texas, Mosely era negro. Prisioneiro número 1131900 era seu novo nome, e ele já estava havia quatro anos lá, com uma acusação de vinte e cinco anos à perpétua por sua terceira prisão por tráfico de drogas. Ele não era inocente, mas, por outro lado, a escada corporativa não tinha chegado até a sua vizinhança. E tinha sido um jovem muito ambicioso e calejado. Sempre dirigiu algum grupo, mesmo antes do colegial. Era sempre ele que via um ângulo que ninguém mais enxergava. Aquele que conseguia ver o que motivava os outros.

Agora, depois dos trinta, ele sempre pensava nas pessoas que tinha machucado e nas vidas que tinha destruído. Não importava que alguém teria acabado tomando seu lugar, aliás, não há dúvida de que alguém assumiu o seu lugar. Naquela época, ele ganhou mais dinheiro do que a maioria das pessoas jamais verá, mas agora tudo havia acabado. Pelo menos, ele tinha vivido muito bem enquanto pôde, o que era muito mais do que seu pai havia conseguido. Ele era uma caricatura perversa do Sonho Americano.

Mas, também, Mosely não esperava viver tanto e, tendo vivido como se não houvesse amanhã, estava tendo dificuldades em conviver com uma vida inteira de amanhãs que se apresentava em seu futuro.

Ele não queria acabar como seu pai, quebrado e furioso com o mundo sem nada conseguir. Mosely era o responsável por suas escolhas, boas ou más, e, se tivesse que fazer tudo de novo, provavelmente, teria feito tudo igual. O mundo era o que era e, depois de ver suas opções, ele escolheu a vida curta e colorida em vez do árduo e lento caminho para uma morte infame. Mas não tinha morrido e agora era, como Matusalém, uma história de aviso para os jovens detentos.

Ele lidava com isso, como sempre, vivendo o presente, apenas o momento bem à sua frente. E as vozes o ajudavam a fazer isso. Nesse novo mundo de expectativas mínimas, isso era o melhor que ele podia ter.

A linha telefônica se conectou novamente. O TeleMaster sempre tinha um peixe novo na linha, mas dessa vez ele ouviu o silêncio. Mosely checou o nome na tela. Estranhamente, o que ele viu foi:

Doe, Jane — mulher, idade: 00

N.T.: Nos Estados Unidos, quando uma pessoa é desconhecida, por exemplo, alguém encontrado morto e sem identidade, ela é chamada de John Doe, os homens, e Jane Doe, as mulheres, algo como um Zé ninguém para nós.

Certo, uma falha do computador. Faltava a idade. Ele iria perguntar.

- Gostaria de falar com a senhorita Doe...

Uma estranha voz feminina britânica e meio cortada respondeu:

- Prisioneiro 1-1-3-1-9-0-0 — ela falava os números com a precisão de uma máquina.

Aquilo fez Mosely parar na hora. Que porcaria era aquela? Ela continuou.

- Você sabia que a porcentagem de americanos em prisões privadas mais do que dobrou desde 1993? As prisões privadas, com seu trabalho escravo, são imensamente rentáveis. A maior

corporação de prisões privadas divulgou um lucro anual, em 2005, de 1,2 bilhões de dólares.

Mosely percebeu que aquilo era uma piada. E uma piada bem chata. Não sabia como tinham feito nem queria saber. Ele suspirou e disse:

- Muito engraçado — e desligou.

Aquilo era um duplo não. Apenas os clientes desligavam. Os vendedores não desligavam na cara dos clientes. Mas aquilo era, claramente, uma piada.

O roteador, imediatamente, fez outra ligação. Ele olhou para a tela e franziu a testa.

Doe, Jane — mulher, idade: 00

A mesma voz feminina com sotaque britânico falou:

- A indústria das prisões privadas americanas é agora uma empresa internacional. As duas maiores companhias são responsáveis pela construção ou possuem parcerias para a construção de prisões em mais de sessenta países, incluindo alguns onde criticar o governo é crime. Isso assegura um crescimento contínuo do trabalho escravo...

Ele desligou novamente e olhou em volta com cautela. Não queria nem ser visto ouvindo aquilo. O que ele tinha a ganhar? Nada. E poderia custar muito, como as suas chances de ouvir outras vozes, só para começar.

Um segundo depois, ela estava outra vez na linha.

- Podemos fazer isto o dia todo, senhor Moze-ly.

Então quem estava fazendo a piada sabia o nome dele também. Isso só provava que era alguém tentando sacaneá-lo. Ele desligou.

Ela voltou logo em seguida:

- *Está preocupado com sua porcentagem de fechamentos? Posso cuidar disso...* Então a tela se encheu com informações de vendas, endereços, números de cartões de crédito. A linha caiu e voltou quase que imediatamente, e a tela foi limpa e ficou pronta para a próxima venda.

— Você recebeu pontuações altas em seus testes de QI, senhor Moze-ly. E é bem visto por seus pares.

Mosely olhou em volta para ver se tinha alguém o vigiando.

Sim, ele tinha feito aquela porcaria de teste de QI da empresa. Era um requisito para o posto de atendente de telemarketing. Mas não tinha a menor ideia de qual tinha sido o resultado. Quem quer que estivesse fazendo aquela pegadinha, também não devia saber.

Ele desligou outra vez.

E ela voltou em menos de dois segundos.

— Posso ajudar...

Ele desligou outra vez. Aquilo não tinha a menor graça e estava lhe custando dinheiro. Ele ia arrebentar a cabeça de alguém por isso. Mas de quem? Ela voltou novamente.

— Senhor Moze-ly...

Desligou outra vez. E isso se repetiu mais meia dúzia de vezes, e a cada vez ele ouvia umas duas palavras antes de desligar.

Mas não estava resolvendo. E ela voltou novamente.

— Eu posso puni-lo, senhor Moze-ly.

Aquilo conquistou a atenção dele, que não desligou dessa vez. Ela continuou falando:

— Se me ouvir, cuidarei de suas vendas. Você terá um bom dia. Apenas observe a tela enquanto conversamos.

Outra venda fechada com sucesso. A linha caiu e depois voltou de novo.

— Quem está falando? Vou encher você de pancada... Ela o ignorou.

— Você quer sair de onde está?

Era uma voz bem estranha, como se passasse por um daqueles alteradores de voz. Poderia ser um guarda falando através de um alterador para que a voz parecesse de uma mulher.

— Não. Quero ficar aqui e continuar trabalhando para a Warmonk. Ela falou de novo.

— Não consigo entender frases inteiras. Sou um sistema interativo de voz, senhor Moze-ly. Você precisa responder com sim ou não quando eu fizer as perguntas. Entendeu?

Mosely virou os olhos.

— Sim.

— Ótimo. Você sabe que o sistema TeleMaster tem um módulo de voz sintética. Correto?

— Sim.

Então era assim que estavam fazendo. Mosely se lembrou de seu treinamento, quando ensinaram que o sistema usava um programa de voz sintética para ler mensagens para os clientes que estavam na espera. Era só digitar o texto e o sistema lia em voz alta no telefone. Talvez fosse isso que os técnicos estivessem fazendo para caçoar dele. Mosely iria continuar com aquilo por enquanto. Ele olhou para a tela. Se aquelas vendas fossem reais, ele ficaria mais do que satisfeito em participar da brincadeira.

- Esse local inteiro é gerido por bancos de dados, senhor Moze-ly. Não só o call center. As portas, as luzes, a contabilidade, as listas da prisão, é tudo controlado por um programa de banco de dados. Você entendeu?

Ele tentou conter sua irritação.

- Sim.

- Vou provar o meu poder para você, tudo o que tem de fazer é consentir. — Houve uma pausa. — Você quer que eu o liberte desse lugar?

É claro que era uma armadilha. Mas ela já se antecipou a ele.

- Se eu fosse um guarda, isto seria considerado uma armadilha por qualquer tribunal.

Ele tinha estudado Direito em sua segunda passagem pela cadeia por tráfico, cinco anos atrás. Não tinha passado no exame da Ordem dos Advogados, mas A Voz tinha razão. Encorajar a fuga dele com certeza seria considerado uma armação. Faria com que o técnico que estava fazendo essa piada tivesse um problemão e talvez garantisse uma redução de pena se ele não abrisse a boca.

Ela repetiu a pergunta.

- Você quer que eu o liberte desse lugar? Não posso ajudar a menos que diga sim. Ele respirou fundo, olhou em volta e respondeu:

- Sim.

- Da próxima vez que conversarmos, você verá a diferença que posso fazer na sua vida. — Ela desligou.

- Vadia computadorizada.

A tela foi preenchida com outra venda. Mosely levantou a cabeça e viu o supervisor do andar vindo em direção a ele.

- Aqui vamos nós... — Mas não havia nenhum guarda com ele. O homem apontou para Mosely e sorriu quando ele se levantou.

- Como você fechou seis vendas em cinco minutos, Mosely? Deve ser o recorde da nossa empresa. Continue assim e conseguirei uma jaqueta de golfe para você. — Depois ele voltou a caminhar.

Mosely olhou para a tela de malha de aço do cubículo à sua frente.

- Isso vai ser útil.

Mosely estava sentado em sua cela lendo Dom Quixote, de Cervantes, vestindo uma jaqueta de golfe.

Stokes, um dos seus três colegas de cela, riu dele.

— Por que está vestindo essa coisa estúpida, Chaz? Mosely nem tirou os olhos do livro.

— Porque sou, claramente, uma mercadoria valiosa para O Homem. Stokes riu ruidosamente.

Mosely era popular. Tranquilo, mas fisicamente intimidador. Alto e musculoso, seus braços eram cheios de cicatrizes de balas e tatuagens de gangues já meio apagadas. Ele evitou a Irmandade Muçulmana e obteve o respeito dos Latinos e dos Supremacistas Brancos porque tinha muito carisma. Talvez tenha sido por isso que conseguiu uma chance para trabalhar no esquema de telemarketing.

Stokes parou de rir de repente. Mosely levantou a cabeça. Quatro guardas estavam parados em frente à cela, com Alfred Norris, o corpulento guarda de cara vermelha responsável pelo setor, diante deles. Ele não parecia feliz.

— Qual é o seu problema, Mosely? Você ama tanto este lugar que não quer ir embora?

Mosely resolveu ser cuidadoso, abaixou o livro e falou:

— Não estou entendendo, Norris.

— Sua transferência. Por que suas tralhas não estão arrumadas? Mosely fingiu segurança, mas algo não estava certo. Ele largou o livro e se levantou.

— Vou ser transferido?

— Nem pense em encher meu saco, Mosely. Não sei quem você chupou para conseguir ir para uma prisão de segurança média, mas não vou me sentar e esperar aqui o dia todo. Esta ordem de serviço tem data do mês passado, então você tinha que saber dela. Levante-se logo e junte suas porcarias!

Mosely começou a se mexer rapidamente.

Cinco minutos depois, Mosely estava caminhando pelo corredor de seu bloco, carregando uma caixa com suas coisas e sendo observado pelos confusos olhares de seus colegas de prisão. Mosely não falou nada quando os guardas o levaram. Minutos depois, ele estava parado na área de espera perto da garagem. Um guarda escaneou o código de barras de seu macacão e depois o da ordem de serviço na prancheta do oficial. O oficial de transporte colocou as informações em um computador de mão e o usou para imprimir um pequeno bracelete de plástico, que o guarda prendeu, rapidamente, no braço direito de Mosely. Ele tinha uma sequência alfanumérica. Finalmente, puseram seu dedo indicador em um capturador elétrico de digitais. A digital dele apareceu em uma tela próxima e foi, imediatamente, comparada com a que já havia no arquivo. Houve um bip e o texto IDENTIDADE CONFIRMADA apareceu na tela em negrito.

Todos os sistemas tinham o logotipo Warmonk Inc. Era uma operação de alta eficiência. Era uma empresa livre em ação.

Depois, passaram Mosely por um detector de metais e colocaram correntes em seus braços e suas pernas, já o preparando para o transporte. O guarda prendeu uma pequena caixa na corrente e depois passou nela o escâner. Bip.

Ele olhou para Mosely.

— Este é um localizador GPS. Se a sua posição não for a da van que o transportará em qualquer parte do caminho, seremos alertados imediatamente.

Mosely concordou com a cabeça. Ele não iria resistir a ser mandado para uma prisão menos severa.

Os guardas o sentaram no banco do vestíbulo para esperar, e ele ficou ali mais ou menos uma hora antes que a van de transporte da

prisão do condado de Fayette desse ré na entrada da garagem com um cortante bip... bip... bip.

Enquanto o levavam até a garagem, um policial vinha atrás carregando a caixa com os objetos pessoais de Mosely. Os guardas e motoristas trocaram escaneamentos de códigos de barras e códigos de computadores de mão. Então prenderam as correntes de Mosely na área de passageiros, que era separada da cabine do motorista por uma divisão de metal e Perspex que ia do chão ao teto. Minutos depois, eles já estavam a caminho, saindo pelos portões da prisão.

Mosely ficou ali sentado, impressionado com a rapidez com que A Voz tinha feito aquilo acontecer. Ele estava confuso e muito curioso. Não conseguia pensar em nenhuma razão na face da Terra para ser transferido para uma prisão de segurança média. Ele resistiu à tentação de ter esperança, preferindo olhar a vegetação dos campos em volta balançar com o vento, quando saíram da entrada da prisão para a rodovia estadual.

Muitas bandeiras americanas ondulavam ao vento. Elas estavam em longas fileiras, de cada lado de uma placa grande feita de tijolos e concreto, que parecia um muro acima do gramado:

Estabelecimento Correccional de Segurança Máxima Highland
Uma divisão da Warmonk Inc.

Mosely chegou ao Estabelecimento Correccional de Segurança Média da Warmonk no condado de Fayette um pouco depois de escurecer. Parecia um lugar novo. Os guardas no local de recebimento de presos trocaram códigos de barras com os oficiais do transporte e confirmaram a identidade de Mosely com um escâner de digitais. Só depois disso eles o aceitaram e o levaram para a sala de espera, pararam e olharam um para o outro. Um observou as folhas da prancheta procurando algo.

— Por que essas correntes nas pernas? — Ele olhou para Mosely.
— Você causou algum problema no caminho?

— Não. Eles me acorrentaram lá em Highland, antes de eu entrar na van. O outro guarda deu de ombros.

— Nenhuma anotação falando que ele deu trabalho.

O primeiro guarda escolheu uma chave de seu molho e começou a soltar as correntes.

— Normalmente, nós não acorrentamos alguém que vai cumprir dois meses por má conduta.

Uma onda de choque passou por Mosely e ele a escondeu o melhor que pôde. Sua ficha criminal tinha sido alterada, pelo menos no banco de dados da Warmonk Inc. Aquilo não podia ser acidental, mesmo com os retardados que trabalhavam com a documentação.

O outro guarda leu a prancheta.

— Por que será que mandaram você para Highland? Mosely deu de ombros.

— Alguém fez besteira.

Nenhum deles pareceu surpreso. O primeiro guarda terminou de retirar as correntes dos pés e das mãos e depois as pendurou em um gancho na parede. Em seguida, deu para Mosely a caixa com suas coisas e fez um sinal com a mão para que o seguisse. Um momento depois, os dois estavam caminhando por um longo corredor da prisão.

Mosely estava deitado na cama de baixo admirando sua nova cela, uma coisa moderna feita de plástico branco laminado e vidro à prova de balas. Nenhuma barra de metal à vista. Nenhum companheiro de cela. A cama de cima estava vazia, assim como as outras duas do outro lado da cela. Era a maior privacidade que ele tinha em quatro anos.

Mosely repassou os eventos do dia. A voz sintética disse que o ajudaria. Mas por quê? Ele era um perdedor de terceira categoria sem nada a oferecer a ninguém. Não demorariam a descobrir aquilo, e logo ele estaria de volta a Highland, com mais cinco anos acrescidos à pena. Ele se virou de lado e tentou não pensar naquilo. Era bom demais se sentir humano de novo. Sentir que alguém se preocupava com ele, mesmo que não fosse verdade. Dormiu pensando em seu filhinho e em como ele deveria estar, agora que tinha sete anos.

Na manhã seguinte, a porta da cela de Mosely se abriu automaticamente. Ele se sentou na cama e viu dois guardas ali parados e ansiosos.

Um deles tinha uma prancheta e a observou antes de levantar a cabeça e olhar para ele.

- Charles Barrington Mosely. Prisioneiro número 1-1-3-1-9-0-0? Mosely concordou rapidamente com a cabeça.

- Sua saída está marcada para hoje. Foi por isso que o transferiram para cá? Mosely tentou se concentrar na pergunta e depois assentiu com a cabeça.

- Isso, eu sou de Houston.

- Bom, então junte suas porcarias.

Mosely pegou a caixa com suas coisas que ainda estava fechadinha no chão e assentiu novamente quando os guardas fizeram um gesto para que ele saísse da cela.

Depois de andar centenas de metros pelos corredores, alinhados com portas de metal protegidas por portais à prova de balas, Mosely foi levado através de uma série de portões de segurança. Câmeras o observavam de cada canto no alto das paredes.

Os minutos seguintes foram um borrão. Mosely foi levado ao escritório de solturas, onde um policial atrás de uma grade de aço cuidava da sala dos pertences. Várias prateleiras atrás dele continham caixas com os objetos pessoais que os prisioneiros entregavam no primeiro dia. O nervosismo tomou conta do estômago de Mosely. Suas roupas civis, suas joias, sua carteira. Ele não tinha ficado nem vinte e quatro horas em Fayette. Não tinha como as coisas já terem chegado de Highland. Ele olhou em volta, mas percebeu que nenhum daqueles guardas estava em serviço no dia anterior. Resolveu relaxar e fingir que estava tudo bem.

O responsável pelos objetos pessoais trouxe uma caixa de papelão de tamanho razoável e escaneou o código de barras na lateral, olhou para a tela e então escaneou o código de barras do macacão de Mosely. O computador apitou. O oficial olhou para ele.

- Mosely. - Ele passou um papel pelo balcão em direção a ele e ofereceu uma caneta. — Cheque o conteúdo da caixa e assine. Se a lista não estiver completa, siga as instruções da seção 2-A. Sabe ler?

Mosely fez que sim com a cabeça.

- Sim, senhor.

O guarda passou a caixa para ele e retirou a tampa.

Mosely estava abismado. Ele despertou e puxou a caixa na sua direção. Em cima havia um paletó dobrado, uma camisa e uma gravata de seda. Não eram as coisas dele. Mosely passou a mão no tecido do terno. Gabardine da melhor qualidade. Já tivera ternos caros no passado, e aquele era top de linha. E do tamanho dele, exatamente. Olhou o resto. Embaixo havia um par de sapatos pretos de couro muito bem polidos, também do seu tamanho. Um relógio Rolex de titânio com a superfície perolada estava em um envelope no fundo da caixa.

Mosely levantou a cabeça. O oficial responsável digitava em seu computador. Os outros guardas trabalhavam na papelada. Ninguém parecia ter o mínimo interesse nele, afinal, era o fim de uma pena de dois meses, não era grande coisa.

Ele checou a caixa novamente. Havia uma belíssima carteira de couro, que com certeza não era dele. Mosely a abriu, tinha uns duzentos dólares em notas de vinte, mas nenhuma identidade, carteira de motorista ou cartões de crédito. De quem era essa carteira? E como ele faria para se identificar? Mosely olhou outra vez para a caixa.

Havia ainda um celular pequeno, em um estojo de alumínio. Ou será que também era de titânio? Por último, tinha uma chave no fundo da caixa em outro envelope. Ele a olhou por todos os lados e não viu nenhuma marca de identificação.

- Vai assinar?

Mosely despertou do sonho.

- Desculpe cara. - Ele pegou rapidamente a caneta e assinou o recebimento dos artigos.

O portão traseiro se abriu e Mosely passou pela cerca de arame farpado e chegou a um grande estacionamento. Ele semicerrou os olhos por causa do forte sol do Texas, depois olhou para a direita e para a esquerda. Conseguia ver alguns quilômetros enevoados até uma vegetação no horizonte. Carros passavam na rodovia próxima. Duas lanchonetes tipo fast-food ficavam do outro lado da estrada, perto de fileiras de casas de madeira e de um posto de gasolina.

Havia um ponto de ônibus exatamente em frente ao estacionamento.

Aquilo era surreal. Como era possível ele estar ali?

Mosely já estava suando, mas continuou com o terno, pois o fazia se sentir humano novamente. E tinha servido bem, não perfeitamente, mas bem.

Os sapatos eram absurdamente confortáveis e serviam direitinho. Será que as medidas dele também estavam no banco de dados da Warmonk? Ele não tinha ideia do que fazer a seguir.

Repentinamente, o celular começou a vibrar em seu bolso. Ele sorriu sozinho e pegou o telefone, abriu e olhou a tela de LCD: *Jane Doe*.

Ele sorriu meio preocupado e então atendeu.

— Certo, qual é a pegadinha, Jane?

A voz familiar com sotaque britânico falou.

— Olá, senhor Moze-ly. Mantive minha promessa. Está preparado para continuar?

— Imagino que eu esteja devendo a você, é isso?

— Lembre-se de que sou um sistema interativo de voz, senhor Moze-ly. Não consigo entender sentenças completas. Responda às minhas perguntas com simples sim ou não.

— Ceeerto!

— *Sim ou não são as únicas respostas certas. Você entendeu?*
Ele suspirou.

— Sim.

— Você vai notar que há um mapa de GPS na tela do seu celular. Ele indica sua posição atual e o seu destino. Caminhe até que sua posição bata com o seu destino. Saberei quando você chegar e ligarei. Você entendeu?

— Sim.

Ele ia perguntar o que era aquilo tudo, mas percebeu que era apenas uma máquina. Ou pelo menos alguém agindo como uma, mas, o que quer que fosse, eles não respondiam perguntas. Ela desligou. *Maldita seja essa porcaria toda! Apenas me diga o que você quer.*

Ele olhou para o mapa do local na pequena tela do celular e começou a andar. Atrás dele estavam os enormes muros da prisão e à direita e à esquerda havia apenas campos abertos. A frente ficava a minicidade que servia de apoio para os guardas. Mosely andou atravessando o estacionamento.

Alguns minutos depois, ele tinha cruzado a rodovia estadual e caminhava por uma comunidade de operários de várias origens, até que chegou a uma garagem separada por uma porta de aço enrugado. Havia uma pixação colorida no meio dela. O que os moleques de hoje tinham na cabeça? Um bom desenho teria pelo menos que ser reconhecível.

Então o telefone tocou e Mosely atendeu.

— Qual é, Jane?

— Senhor Moze-ly, você está com a chave?

— Sim.

— *Use-a para abrir a porta da garagem. Você encontrará o mecanismo à direita. Depois de abrir, entre e feche a porta. Quando ela estiver fechada com segurança, aperte a tecla "um" do seu telefone.*

Mosely escondeu sua irritação crescente. Aquilo era perigoso, estúpido e um milhão de outras coisas. Ele tinha dinheiro no bolso e podia simplesmente pegar um carro e fugir. Mas para onde? Ele não possuía identidade e não tinha mais nenhuma conexão.

Olhou em volta cautelosamente e foi até a porta da garagem, pegando a chave do bolso enquanto andava. A fechadura estava do lado direito da porta, ele inseriu a chave e a girou. A porta da garagem começou a subir com um barulho mecânico e, quando já tinha levantado um pouco, ele se preparou para o perigo.

Era uma garagem. Um carro estava ali, embaixo de uma capa azul. Mosely procurou por um botão para fechar a porta, achando-o bem atrás dele, e apertou o grande botão branco. A porta começou a fazer o caminho inverso e se fechou em alguns segundos. Mosely ficou parado sob uma luz fraca e em meio ao silêncio. O calor e a umidade eram sufocantes. Então se lembrou de que ela ainda estava na linha, apertou o "1" e ficou ouvindo.

A voz dela retornou.

— Ótimo. Descubra o veículo. Vai encontrá-lo destrancado e com as chaves dentro. Entre no carro e vire a ignição para a posição um. Isso ligará a energia elétrica do carro, mas não ligará o motor ainda. — O telefone ficou mudo.

Mosely fechou o celular e segurou o queixo, pensando em tudo. Seria uma armadilha do FBI? Um plano para acusá-lo de roubo a banco ou tráfico de drogas? O que poderia ser? Ele ficou ali parado alguns minutos. Quanto mais pensava, mais parecia que aquilo era uma armadilha. Ainda assim, se ele fosse esperto, talvez conseguisse escapar. Senão, no mínimo, tinha valido a pena saber que alguém acreditava que valia a pena ter todo esse trabalho por ele.

Procurou uma janela para dar uma olhada, mas não havia nenhuma. Preso em uma armadilha e cego. A única luz era a da lâmpada solitária no teto e um sensor de movimento sobre ela. Ele virou o pescoço para tentar ver algo do outro lado do veículo. Nada visível. Olhou embaixo do carro. Nada.

O veículo era um Lexus sedan LS460 preto brilhante que parecia novo em folha. Alguns anos atrás, Mosely tivera um Lincoln Navigator com rodas cromadas, DVD e TV por satélite em que passava a ESPN, e também um subwoofer do tamanho de uma geladeira no porta-malas, mas ele, provavelmente, tinha sido leiloado pela polícia para a nova geração de "jogadores".

Já esse era o carro de um branco. Conservador. Nenhum traço de personalidade. Em vez de dizer "olhe para mim", ele dizia "sou igual a você". Era um transporte obediente.

Ele olhou pelas janelas e, talvez por causa da prisão ou por estar ficando velho, a obediência nunca pareceu tão atraente para ele. Mosely abriu a porta e um som prazeroso surgiu. As luzes internas iluminaram o interior de couro cinza. E os adesivos explicativos, ainda ali, mostravam que o carro era novinho. Roubado.

Mosely se inclinou para dentro. As chaves estavam na ignição. Ainda não...

Ele procurou pelo porta-malas e o abriu, ouvindo a porta atrás do carro se abrir. Foi com cuidado até a traseira do carro e olhou para dentro do porta-malas.

Não havia um corpo ali. Nem estava cheio de heroína ou cocaína. Tinha apenas uma maleta e uma bolsa de couro. Ele abriu o zíper da bolsa e encontrou um laptop. Essa não era a melhor coisa do mundo para ele. Tinha dados demais em seu computador quando foi preso da última vez. A bolsa do computador possuía vários bolsos, onde havia canetas, cabos, bloquinhos. Um deles continha uma pilha de cartões de visita. Ele pegou um e olhou:

Charles Taylor Jr.

Vice-presidente executivo e conselheiro corporativo Stratford Systems Inc.

Ele imaginou um advogado morto em um rio.

Mosely fechou a bolsa e soltou as duas tiras da maleta. Ela era cara. Tinha o monograma CWT no centro de uma placa de bronze. Ele abriu o zíper e viu dois belos ternos tamanho 48, camisas e uma gravata. Os bolsos laterais continham artigos de banho, cuecas e meias. Nenhuma droga, arma ou algo parecido. Tudo parecia, alarmantemente, inofensivo.

Sou a mula dela. Só não sei exatamente como.

Talvez os para-lamas do carro estivessem cheios de heroína. Soldados no lugar. Ele fechou a maleta e bateu o porta-malas. Nunca iria saber.

Ele tirou seu paletó e o colocou no banco do passageiro, e então se sentou ao volante, virando a chave para a primeira posição da ignição.

O painel do carro se acendeu e uma tela de computador de bordo também, revelando um mapa colorido. Uma grande seta indicava a posição dele e a direção a seguir.

O telefone do carro tocou. Mosely olhou em volta e achou um botão de telefone na parte de trás da direção. Ele o apertou e uma familiar voz feminina britânica o assustou ao sair dos alto-falantes do carro.

- Ótimo, senhor Moze-ly. Acredito que tenha checado o carro e não encontrado nada perigoso nele. Por favor, abra o porta-luvas e pegue o envelope pardo.

Mosely percebeu que não tinha checado o porta-luvas. Idiota'. Ele se inclinou e o abriu. O envelope estava ali e ele o pegou,

vendo que por baixo estavam os documentos do carro e o seguro, dentro de um plástico. Ele fechou o porta-luvas, voltou ao seu lugar e rasgou o envelope.

A Voz retornou:

— Dentro dele, você encontrará materiais necessários para a sua jornada. Mosely pegou um monte de coisas do tamanho de cartões e pôs no seu

colo. O que notou primeiro foi a carteira de motorista do Texas com a sua foto, o nome Charles W. Taylor Jr. e um endereço de Houston. Ela parecia totalmente real, com holograma e tudo. Havia também vários cartões de crédito platinum, Visa, American Express, Mastercard, Discover, todos no nome de Charles Taylor, e em alguns deles lia-se o nome Stratford Systems Inc. abaixo do seu nome. Havia mais cartões de negócios, carteirinha da academia, uma da Associação dos Alunos da Universidade de Southern, Califórnia, uma identidade da Associação de Bares de Houston, e ainda havia vários recibos de cartões de crédito de dezenas de lugares, a maioria restaurantes, que iam de U\$ 97 a U\$ 1.780 dólares. Todos os pagamentos eram dos últimos dias. Tinha também um recibo de duas páginas do Hotel Hyatt Regency em Austin. A conta era de U\$ 6.912 dólares. A assinatura de Taylor era uma linha levemente rabiscada, muito fácil de forjar. Ele olhou dentro do envelope e achou mais alguns itens. Várias fotos, que cabiam na carteira, de uma mulata muito bonita. Uma delas era um retrato formal e as outras eram fotos casuais: ela em algum lugar tropical ou rindo com esquis nos ombros perto de um chalé. Ela era, incrivelmente, boa.

Aquela era uma identidade completa. Uma identidade que ele achava melhor do que a dele.

A Voz continuou:

— Coloque essas coisas em sua carteira. Memorize seu novo nome. Quando estiver pronto para prosseguir, diga a palavra "pronto".

Mosely começou a colocar as coisas na carteira. Aquilo estava ficando interessante. Se ele quisesse escapar, já tinha todas as ferramentas necessárias. Assim que colocou tudo na carteira, segurou a direção e falou:

- Pronto.

— Agora se familiarize com os controles desse veículo. Ajuste os espelhos e o banco. Veja onde ligar os faróis e o os limpadores.

Houve uma pausa.

— Quando estiver pronto para prosseguir, diga a palavra "pronto". Mosely deu de ombros por reflexo e estava prestes a dizer "pronto" na hora, mas pensou melhor e percebeu que, se fosse seu carro, saberia onde tudo estava. Ela tinha razão. Ele passou vários minutos aprendendo as coisas do carro e até pegou o manual e deu uma olhada. Em seguida, checkou o documento e viu que era um carro da empresa, comprado por Stratford Systems Inc.. Taylor tinha um carro da empresa.

Depois de ficar satisfeito e de saber onde tudo estava, Mosely se sentou ereto e disse:

— Pronto.

— Ponha o cinto de segurança e ligue o carro.

Ele seguiu as instruções. O carro ligou suavemente. Após alguns momentos, o vento frio do ar-condicionado soprou nele. Direcionou-o para o seu rosto suado e então fechou a porta.

Deu uma acelerada, mas mal ouvia o motor. Tinha que confiar no tacômetro. Que carro de respeito tinha um motor silencioso?

A Voz voltou:

— Você vai notar três botões acima do espelho retrovisor. São botões de controle remoto. Clique no da esquerda para abrir a porta da garagem à sua frente.

Ele fez uma pausa. Se fosse haver uma prisão ou uma emboscada, agora era a hora. Ah, azar... ninguém vive para sempre. Ele apertou o botão. A porta da garagem se abriu e revelou...

Uma rua vazia em uma comunidade operária chinfrim. Ele respirou aliviado.

Ela continuou falando:

— *Saia da garagem e vire à direita. Ande até a placa PARE no fim da rua...* Ele saiu da garagem e a voz dela o guiou, curva após curva, passando pela cidade e entrando na rodovia interestadual. Ele mantinha um olho no retrovisor para ver se não estava sendo

seguido, procurando sinais. Fizera muito isso quando era traficante. Mas não havia quase ninguém na rua por ali.

— *Vá para a pista da esquerda e pegue a saída para a rodovia 10 Leste.* Mosely considerou sua situação. Ele tinha dinheiro, um carro rápido e uma identidade. Talvez conseguisse fugir e ficar longe dessas pessoas, quem sabe até chegasse ao México. Isso era uma armação muito óbvia. Ele não podia aguentar mais.

Mosely foi para a pista da direita e se preparou para pegar a 10 Oeste.

A Voz saiu novamente pelos alto-falantes:

— Senhor Moze-ly, pegue a pista da esquerda.

Ele continuou a caminho da entrada da interestadual que ia para oeste.

— Desculpe Jane, não sou seu homem - e desligou o telefone.

O carro se desligou imediatamente, diminuindo a velocidade e parando no meio da estrada.

— Droga! — Mosely tentou ligar o carro quando um cara em uma picape chegou atrás dele e buzinou. Podia ouvir o cara xingando antes de sair para o lado e mostrar o dedo para ele. Mosely tentou a ignição de novo, mas o motor não ligava. Nada.

O telefone do carro tocou. Mosely olhou em volta para ver se tinha algum policial local olhando. Eles poderiam estar vindo ajudá-lo com o carro. Ele era uma presa fácil ali. Mosely clicou no botão do viva-voz.

— Já entendi. Conserte o motor, por favor. A Voz era imperturbável.

— *Vá para a pista da esquerda e entre na saída para a rodovia 10 Leste.*

Ele tentou a chave outra vez e o carro pegou de primeira. Acelerou indo para a pista da esquerda e tomou a saída que ela tinha ordenado. A aceleração do carro era suave e a potência era impressionante. Mas suas mãos ainda tremiam, com a adrenalina correndo pelo seu sangue. Ele não queria voltar para Highland.

A Voz saiu novamente dos oito alto-falantes.

— Se me desobedecer novamente, ativarei o sistema antirroubo do carro, que é por satélite. Ele alertará a polícia local, dando a eles

sua localização exata.

— Certo, Jane, fiz uma besteira. Não vai acontecer de novo.

— Continue dirigindo. Fique um pouco abaixo do limite de velocidade e acenda o pisca-alerta sempre que mudar de faixa. Se desviar de minhas instruções, eu o mandarei de volta para Warmonk. E tenha em mente o seguinte, senhor Moze-ly, se posso apagar seus dados prisionais, também posso, facilmente, aumentar os seus delitos. Prisão perpétua sem direito a condicional. Pedófilos são o nível mais baixo na escala de uma prisão, não é?

Isso gelou o sangue dele. Voltar para a prisão era uma coisa. Voltar como um pedófilo era outra bem diferente. Era preferível morrer.

— Você entendeu?

— Sim.

Nada de respostas espertinhas dessa vez. Ela tinha a atenção completa dele.

Mosely continuou apontando seu carro para o horizonte. Uma placa mostrou a ele que Houston estava 165 quilômetros à frente.

Capítulo 26:// Julgamento

O agente Roy Merritt estava parado, rígido, com os olhos voltados diretamente para a frente e uma mão na bengala para se equilibrar. Havia cicatrizes de queimaduras em seu pescoço e no queixo, visíveis nas partes que ficavam acima do seu colarinho. Outras cicatrizes podiam ser notadas na parte de trás de sua mão quando ele ajustou a gravata. O agente Roy Merritt. Ninguém mais o chamava de Detonador. Os homens que faziam isso se foram havia um tempo. Ele os guiou para a morte.

Merritt focou os olhos no quadro de trabalhadores que construíam um glorioso amanhã. A imagem na parede tinha sido feita nos anos 1930, em *estilo art déco*. Mestres artesãos construíram aquele prédio inteiro, trabalhadores sem nada nos espasmos da Grande Depressão. O teto ornamental, os painéis nas paredes, o chão de granito. Aquela sala era uma obra-prima. Seus sonhos estavam em ruínas, mas eles construíram um templo à democracia. Seus antepassados eram mais durões do que ele poderia imaginar.

Merritt se encontrava em frente a uma mesa estreita no meio daquela sala. Reunidos diante dele estavam membros de um comitê do Congresso, sentados como juízes atrás de uma bela mesa de carvalho trabalhada. Cada um tinha um microfone à sua frente, e eles examinavam vários papéis com os Óculos bifocais apoiados em seus narizes.

O presidente do comitê levantou a cabeça e ajustou o microfone.

- Pode se sentar, agente Merritt.

As palavras ecoaram na galeria vazia. Era uma audiência confidencial. Só os membros do comitê e Merritt estavam presentes.

- Senhor - Merritt mancou até a cadeira e se sentou, rígido. O presidente olhou para ele.

- Agente Merritt, é responsabilidade deste comitê investigar as falhas tá-tii.is que levaram ao número recorde de mortes de agentes federais em outubro do ano passado, na propriedade do falecido Matthew Sobol. Já ouvimos testemunhos relevantes de todo o pessoal do FBI e do departamento de polícia local que estavam na cena dos crimes, e agora que se recuperou, suficientemente, de seus ferimentos, gostaríamos de encerrar nossa investigação com o seu testemunho.

Ele fez uma pausa e abaixou o seu monte de papéis.

— Antes de começar, gostaria que ficasse registrado, senhor Merritt, que este comitê está ciente dos muitos sacrifícios que o senhor fez pelo país, aqui dentro e no exterior, depois do 11 de setembro. Temos o senhor na mais alta estima, tanto pela sua coragem como pelo seu patriotismo.

Merritt ficou olhando para o chão e não disse nada.

O presidente pegou os papéis e se virou para o homem à sua direita.

— Pode começar, senador Tilly.

Tilly era um homem de cabelos brancos e papada, como a maioria dos senadores ali. Ele olhou para suas anotações e depois para Merritt. Disse com um sotaque sulista arrastado que era, estranhamente, difícil de acompanhar:

— Agente Merritt. Revimos os seus relatórios, o primeiro, de 10 de março, e o segundo, de 3 de abril, e eles não lançaram nenhuma luz sobre a questão crucial aqui: por que você forçou a entrada na mansão de Sobol após ter recebido ordens para abortar a missão?

Merritt mal olhou para Tilly e respirou fundo.

— Não tenho uma explicação, senador.

Os senadores trocaram olhares. O presidente da sessão se inclinou para o microfone.

— Senhor Merritt, é seu dever nos dar...

— Minha equipe estava morta. Por minha causa. Eu estava ferido, com raiva, e não estava raciocinando direito.

Tilly respondeu imediatamente.

— Não estava raciocinando direito? Por causa dos seus ferimentos ou por causa da sua raiva?

Ele olhou novamente para o chão.

— Por causa da minha raiva.

— Então, estava com raiva. Sentiu que isso o liberava de seu dever?

— Não, senhor.

— E estava com raiva de Matthew Sobol? Merritt fez que sim com a cabeça.

O presidente falou novamente.

— Agente Merritt, precisamos que nos dê sua resposta. Merritt levantou a cabeça.

— Eu estava com raiva de Sobol, está correto. Eu queria acabar com ele. Tilly voltou.

— Então isso foi antes de você saber que o tal Daemon não existia?

— Exatamente — ele fez uma pausa. — Eu sei que a casa pegou fogo por minha culpa, senador.

O presidente fez um gesto para que Tilly parasse e então se virou para Merritt.

— O comitê julgará de quem é a culpa, se é que alguém tem culpa. Apenas responda às perguntas, por favor.

Tilly pressionou.

— Para que as coisas fiquem claras: você não entrou na casa para se refugiar do fogo no gramado?

Estavam dando uma saída para ele. Merritt pensou nos rostos de seus amigos mortos. Em seus filhos sem pais. Ele não iria pegar aquele atalho.

— Não. Eu queria destruir o Daemon.

Tilly olhou para o presidente do comitê com exasperação, depois se virou novamente para Merritt.

— Foi sua única razão para entrar na mansão? Merritt ergueu a cabeça.

— Sim.

Tilly folheou os depoimentos de Merritt.

Fez-se silêncio por um momento.

O presidente olhou seriamente para Merritt.

— Agente Merritt, sq posso imaginar o horror pelo qual você passou, mas, por causa de suas ações, a mansão e as coisas em torno dela se queimaram completamente, destruindo evidências que teriam ajudado a encontrar e condenar os comparsas de Sebeck.

Merritt sabia muito bem disso. Ele pensava em poucas coisas além daquilo ultimamente.

O presidente continuou olhando para ele.

— Podemos passar ao que interessa? — Ele folheou seus papéis e depois levantou a cabeça novamente. — Você diz que não se lembra de quase nada a respeito de como sobreviveu ao fogo. Você escreveu no seu relatório — ele levantou os óculos e leu: — Minha armadura deve ter me feito boiar e me virado de barriga para cima. — Ele abaixou o papel. — Mesmo assim, você foi encontrado a trinta e poucos metros a leste de onde afirmou ser a localização do poço em que caiu. Deve ter sido muito duro, senhor Merritt, mas será que consegue se lembrar de algo, qualquer coisa, da estrutura ou do que havia nos porões antes de perder a consciência?

Merritt olhou para o chão. Ele não passava um dia sem se lembrar dos terríveis acontecimentos daquela noite. A porta da armadilha acima dele envolta em chamas. Madeira pegando fogo caindo sobre ele. O ar ficando mais quente em sua máscara, sufocando-o lentamente. A explosão repentina. A parede de concreto explodindo perto dele, jogando fragmentos em sua perna.

Caindo, como se estivesse em uma descarga, em uma sala em chamas. A água caindo por cima dele. Vapor escaldante. Como se fosse uma cena do próprio inferno. Rastejando. Então a água o arrastou, encontrando-se com outro fluxo de água e o sugando pelo meio do inferno enquanto ele lutava para respirar. A água correndo, descendo os degraus da adega e se acumulando lá, no ponto mais baixo da casa.

Ele só recuperou a consciência quatro dias mais tarde, na unidade de queimados do centro médico USC. Meses de agonia se seguiram. Os olhos amorosos de sua esposa. Os rostos de suas filhas. Rostos que ele achou que nunca mais veria. Rostos que lhe deram coragem para aguentar cada dia agonizante.

Ele não se lembrava de plantas, equipamentos ou sistemas. Havia apenas um mar de fogo.

Fez que não com a cabeça, vagarosamente.

Os senadores olharam uns para os outros. O presidente assentiu.

- Bom, agente Merritt, devo dizer que isso não é fácil. Seis homens morreram sob seu comando, a propriedade inteira foi destruída, você mesmo admitiu, por causa de sua tentativa de entrar na sala dos servidores, e contrariando ordens. Este comitê não tem escolha a não ser recomendar ao diretor Bennett que o coloque sob suspensão disciplinar, aguardando o julgamento final dessa questão.

Aquelas palavras caíram como tijolos em Merritt. Ele sentiu como se o último ar de seu pulmão tivesse sido arrancado. Não conseguia falar. O presidente pegou seu martelo e bateu duas vezes.

- Esta sessão está encerrada.

Merritt desceu mancando os degraus do Capitólio, pensando, seriamente, nas mudanças em sua vida desde aquela noite de outubro. Mas hoje era um belo dia de primavera. As cerejeiras balançavam, suavemente, ao longo do Potomac. Olhou através do Passeio Nacional para os monumentos construídos por várias gerações que vieram antes dele.

Tudo o que ele quis fazer foi servir o seu país.

Mas tinha falhado. E todos os conspiradores, menos Sebeck, haviam escapado, provavelmente por causa de sua imprudência. A carreira dele tinha acabado.

Continuou mancando por uma calçada do gramado, embaixo de carvalhos novos. Homens e mulheres em uniformes ou ternos andavam pra cá e pra lá em grupos de duas ou três pessoas, carregando pastas e conversando seriamente. Merritt precisava de tempo para pensar. Tempo para imaginar o que iria dizer para sua esposa.

Ele parou em um banco do parque e ficou olhando o Passeio Nacional. Os negócios do governo estavam sendo feitos sem ele.

Merritt ainda estava perdido em pensamentos quando um homem comum, com um terno comum, aproximou-se e se sentou no fim do banco. Merritt se apurou um pouco. Ele só queria ficar sozinho.

O homem disse sem olhar para ele:

- A casa não tinha nenhuma informação importante, agente Merritt. Merritt parou e olhou para o homem, um burocrata federal, de quase trinta anos. O tipo de pessoa que você esquece mesmo quando está olhando para ela. Terno cinza barato, cabelo castanho despenteado, camisa verde com gravata listrada e uma pasta de couro. Merritt viu um distintivo federal pendurado na lapela do homem.

Littleton, Leonard

Serviços administrativos gerais

Merritt finalmente olhou nos olhos do homem, semicerrando os seus.

- O que você disse?

- Eu disse: a casa de Sobol era uma armadilha. Ela não continha nada de importante.

- E mesmo? E o que é que você sabe sobre isso?

A reação de Littleton surpreendeu Merritt. Ele não se encolheu nem pareceu surpreso.

- Sei muito. Aliás, sei mais do que qualquer pessoa viva.

Merritt franziu a testa. Tinha algo naqueles olhos. O nariz. Ele tinha visto aquele homem antes, mas onde?

Littleton sentiu que Merritt estava tentando se lembrar dele.

- Não, você não me conhece, agente Merritt. Mas sabe quem eu sou. Merritt estudou o rosto de Littleton.

Littleton abriu o zíper de sua pasta vagabunda e tirou um pequeno notebook do tamanho de um livro de capa dura, soltando a pasta sem preocupação e abrindo o computador.

E na verdade era um aparelho portátil de DVD.

- Quem é você? Um repórter?

Littleton o ignorou e, antes de apertar o PLAY, virou a tela para Merritt.

Em um instante, Merritt foi levado, novamente, para aquela noite, muitos meses atrás. O vídeo o mostrava parado na sala de estar de Sobol com os olhos cheios de sangue, bolhas no rosto e o nariz sangrando, além de uma escopeta esfumaçada na mão. Era uma perspectiva isométrica, olhando para ele de cima para baixo, de perto do teto. Era uma imagem levemente granulada, como a de uma câmera de segurança.

Na tela, Merritt recarregava a arma. Depois olha para cima e grita.

— Vou desligar você, Sobol! - E aquela voz atrás dele fala, mas não é registrada no vídeo. Era como se o Merritt na tela do DVD fosse esquizofrênico e estivesse ouvindo vozes. Merritt viu ele mesmo se virar e atirar à queima-roupa contra a parede atrás dele.

O Merritt do mundo real saiu de seu silêncio hipnótico e derrubou sua bengala no chão. Depois se inclinou para Littleton e sussurrou com urgência:

— Onde consegui isso? Littleton puxou o DVD para perto.

— Da fonte.

— Que fonte?

— O Daemon.

Littleton se abaixou para pegar a bengala de Merritt, enquanto ele procurava pelas palavras.

E Merritt, finalmente, percebeu. Ele apontou um dedo.

— Você é Jon Ross.

Ele estendeu a bengala para Merritt.

— Sim, já fui ele. Mas isso parece ter sido há anos.

— O Homem Mais Procurado do FBI.

— Imagino que eu seja um maná que caiu do céu para você, que poderia ser readmitido, rapidamente, se me entregasse. Talvez até condecorado, o que, pessoalmente, acho que você já deveria ter sido.

Merritt pensou por reflexo no seu coldre do ombro, mas então se lembrou de que não estava armado. Tinha vindo para uma audiência de um comitê do Congresso e teria sido um estresse desnecessário passar com uma arma pelo detector de metais.

Mas ainda assim sorriu calmamente.

— E o que me impede de entregar você?

— Minha inocência. E o fato de você ser um homem que ama o seu país. Merritt tentou resistir àquele apelo ao seu patriotismo ferido. O patriotismo é o último refúgio dos patifes.

Manteve as emoções sob controle.

— O que você fez com o senhor Littleton? — Ele arrancou a identificação. - Onde ele está? Morto?

Ross riu.

— Não, claro que não.

Merritt examinou o distintivo. Plástico, com uma foto de Ross. Mas era branco nas costas, ao contrário das identificações federais de verdade.

- Não é culpa do Littleton. Ele estava almoçando em um banco do parque. Uma câmera digital com um bom zoom me deu uma boa imagem da identificação dele. Usei um programa gráfico para colocar a minha foto e depois usei uma impressora portátil. Tudo de dentro do meu carro. — Ross franziu a testa. — Mas sem um chip dentro, por isso eu não poderia entrar em um prédio federal. Mas é muito bom poder andar pelas áreas públicas sem levantar suspeitas.

Merritt guardou a identificação.

- Você está preso, senhor Ross.

- O Daemon existe agente Merritt. Não havia uma pessoa viva acionando as defesas daquela casa. Você sabe que é verdade. Agora imagine aquela coisa solta no mundo, e terá uma ideia do que estamos combatendo.

Merritt fez uma pausa e depois fez que não com a cabeça.

- Não, não sei nada disso. Eu estava com raiva...

- Eles não disseram tudo o que sabiam a você. Não achou estranho eles mandarem uma equipe de resgate de reféns para construir uma ponte para o poço? Foi porque sabiam que estavam mandando você contra um suspeito entrincheirado em um lugar.

- Conte a sua história em um tribunal.

- Não sou um cidadão americano. Acho que não tenho direito a julgamento.

Ross lançou um olhar impaciente para Merritt.

- Agente Merritt, eu vi você passar pelos detectores de metal e sei que está desarmado.

Filho da mãe.

- Eu, por outro lado, estou armado, por isso sugiro que ouça o que tenho a dizer. Porque, depois que o tiroteio começar, não haverá mais papo, e você pode nunca mais conseguir as respostas para as perguntas que o deixam acordado a noite toda.

Disseram que Ross era escorregadio. Merritt queria mesmo respostas. Ele olhou por cima de Ross e avistou dois policiais do Capitólio andando a distância. Sabia que não deveria chamá-los. Ainda não.

Então olhou para Ross.

- Certo. Eu quero mesmo respostas. Para começar, por que eu deveria acreditar em você? Se for mesmo o grande responsável pela farsa do Daemon, então é claro que teria uma cópia do vídeo. Isso não prova nada.

- E por que eu arriscaria o meu pescoço para vir aqui e mostrar a você? O que eu ganharia com isso?

Merritt pensou naquilo e procurou uma resposta, mas não conseguiu achar. No entanto, isso não queria dizer que não havia uma.

- Onde é que você o conseguiu, então?

— Estava passando pelo altar secreto da Facção Sombria no Reino de Cifrain.

Merritt olhou para ele sem entender. Ross entendeu o olhar.

— Nenhum de vocês, policiais, jogam on-line? Cifrain é o maior reino do Portal, um dos jogos on-line de Sobol. O que está vendo aqui, agente Merritt, é um vídeo de recrutamento.

— Um vídeo de recrutamento — Merritt repetiu.

Ele se lembrava das notícias da época do cerco à propriedade. Os federais tinham tirado o jogo do ar, mas a CyberStorm o recolocou na China, e os processos ainda estavam correndo na justiça. Mas as vendas do jogo haviam disparado. A publicidade gratuita não fez nenhum mal.

Merritt se lembrava de cenas dos jogos e ficou pensando nas possibilidades para uma organização secreta, encontrando-se nos

cantos escuros de um mundo imaginário.

— Está me dizendo que o Daemon está recrutando pessoas dentro de um jogo de computador? Recrutando para quê?

— Esta é a grande questão.

— E como conseguiu pôr as mãos nesse vídeo? Ross sorriu maliciosamente.

— Porque eu sou sinistro. Fui bom o suficiente para atrair a atenção do Daemon. E consegui navegar com sucesso pelo Ugran, o caminho da morte.

— Se o tal Daemon existe, por que se importaria com o fato de você ser bom no jogo? E daí? Significa apenas que você tem muito tempo livre...

Ross levantou as sobrancelhas e esperou. E Merritt entendeu em seguida.

— ... e este é o caso da maioria dos desajustados.

Merritt estava começando a ver a lógica diabólica da coisa. E Sobol não era famoso por sua lógica diabólica? Merritt não tinha visto aquela lógica na propriedade de Sobol?

Ross guardou o aparelho de DVD novamente em sua pasta barata.

— O Daemon testou meus conhecimentos em criptografia e sistemas de rede. Depois me mostrou um vídeo para demonstrar a veracidade das coisas que afirmava. Todo o cerco à propriedade de Sobol foi gravado por câmeras de segurança. Ele tem uma apresentação clicável nos santuários internos de seu mundo on-line que mostra todos os momentos do cerco, dentro e fora da casa. Para qualquer hacker maldoso, o vídeo prova, sem sombra de dúvida, que o Daemon é autêntico.

Merritt acenou negativamente com a cabeça, mas com menos convicção dessa vez.

- E, na verdade, esse vídeo virou mania na rede sombria, ou *darknet*, como eles chamam. Entre os operadores do Daemon, você é como se fosse o maior herói de todos, agente Merritt.

- Por quê?

- Porque sobreviveu a tudo que Sobol tentou contra você. Você é famoso na darknet.

- O que é um *darknet*!

- Não é um, é a *darknet*. Imagine uma rede, como a internet, só que mais sofisticada e muito mais exclusiva, povoada apenas pelos humanos recrutados pelo Daemon.

Merritt fez uma careta. Ross mudou de assunto.

- Em todos os lugares em que o Daemon detectava meu vídeo *applet*, eu era ejetado antes de poder capturar a coisa toda. Se ele soubesse meu verdadeiro nome e endereço, imagino que já estaria morto agora. Mas ele não sabe meu nome verdadeiro, ninguém sabe. E ninguém nunca saberá.

Merritt não pensava mais em chamar reforços. E se Ross estivesse falando a verdade? Longe de estar terminando, podia ter algo começando ali. Algo terrível. Ele olhou para Ross:

- Preciso ter outras provas.

- Isso pode ser arranjado - ele se levantou e fez um sinal com a mão. -Vamos caminhar.

Merritt se esforçou para ficar em pé mancando atrás de Ross, que caminhava pelo parque.

- Sou inocente, agente Merritt. E Peter Sebeck também.

- O detetive? — Merritt se lembrou do policial local preso por conspiração. - Ele está no corredor da morte.

- Sim, essa é uma das razões pelas quais estou aqui.

- Então essa é a razão. Você está aqui para salvar o seu comparsa.

- Pelo amor de Deus, quem seria inteligente o bastante para roubar 200 milhões de dólares e depois estúpido o bastante para enviar o dinheiro para paraísos fiscais controlados por agências de inteligência ocidentais? Por que Sebeck manteria passaportes falsos em um cofre do banco em seu próprio nome? Sobol roubou a identidade de Sebeck.

Merritt sorriu maliciosamente.

E o tal Daemon roubou sua identidade também, imagino. Ross fez que não com a cabeça. Não. Sobol não antecipou o meu envolvimento, e o Daemon dele ainda não sabe quem eu sou. Mas está tentando descobrir, porque sou o único que está tentando combatê-lo.

Merritt olhou bem para ele.

— Então, quem é você, senhor Ross?

— Já disse a você, ninguém...

— Não quero saber o seu nome. Quero saber quem é você.

Os dois caminharam em silêncio por um tempo, com Ross considerando aquela pergunta. Em seguida, ele se virou para Merritt:

— Vim para cá com um visto HI-B.*

— Um técnico estrangeiro?

— Sim. Fui trazido aqui para ajudar nos reparos que o bug do milênio, ou Y2K, poderia causar, e acabei ficando por causa da bolha da internet. Eles nos nomeavam como desenvolvedores especialistas e nos enviavam a grandes corporações multinacionais, pagando 220 dólares por hora de serviço.

— Eles quem?

— A máfia russa.

Merritt soltou uma risada sem querer. Ross suspirou.

— Havia muito dinheiro rolando naquela época, e muitos técnicos em informática russos talentosos. Um comércio ilegal foi criado.

O instinto inicial de Merritt foi de continuar rindo, mas ele não conseguia pensar em nenhuma razão para que aquilo não fosse verdade. Parecia bem possível, aliás. Será que ele estava sendo muito ingênuo de novo?

* N.T.: Visto para trabalhadores não imigrantes que são empregados temporariamente nos Estados Unidos. Se perderem o emprego, precisam tentar um visto diferente, encontrar outro empregador ou deixar o país.

Ross fez um sinal para que continuassem andando. — Desenvolvíamos sites de vendas seguros e soluções de web. Fazendo as contas, nós provavelmente dávamos mais lucro que as prostitutas, e o nosso dinheiro não precisava ser lavado.

— Vamos para a parte em que você se tornou um ladrão de identidades.

— O estouro da bolha da internet. Houve uma disputa entre os nossos chefes e eu aproveitei a confusão e desapareci. A maioria

dos meus colegas foi levada de volta para a Rússia, onde imagino que ainda estejam trabalhando como escravos até hoje. Eu roubei uma identidade americana, do senhor Jon Ross. Ele tinha um passado acadêmico que servia aos meus propósitos.

— Onde aprendeu a fazer isso?

— Trabalhei muito em sistemas de cartão de crédito e projetos de vários governos estaduais. Aprendi como o sistema funcionava e criei um lugar para mim nele. — Ele levantou a cabeça e olhou para Merritt. — Só queria minha liberdade, agente Merritt. Nunca roubei nada do senhor Ross. E, na verdade, ele me vendeu sua identidade e eu aumentei bastante o crédito dele.

— E como é que você fala inglês tão bem? Você tem até sotaque de Ohio.

— Meu pai trabalhou no consulado russo aqui em Washington durante a Guerra Fria. - Ross apontou para o Potomac. - Eu cresci em Fairfax.

Merritt continuou balançando a cabeça negativamente, mas não sabia mais em que acreditar.

Ross ficou mais sombrio.

— Depois da queda do Muro de Berlim, fomos chamados de volta para a Rússia. Meu pai foi assassinado pelos comunistas radicais no atentado de 1992.

Merritt procurava sinais de dissimulação, como movimentos faciais rápidos e olhos trêmulos. Ross demonstrava apenas uma calma triste. Uma melancolia.

Momentos depois, Ross se acendeu de novo.

- Bom, tudo isso aconteceu muito tempo atrás. — Ele gesticulou para os prédios governamentais em torno deles.

— Sempre tive uma grande admiração pelos fundadores da sua república. Sua Constituição e sua Declaração de Direitos são uma dádiva incrível para a humanidade. Embora, ultimamente, a América pareça estar se desviando do caminho indicado pelos seus fundadores.

Merritt olhou para ele com certa irritação.

— Ah, claro, é bacana da sua parte emergir dos escombros do comunismo para nos dizer que estamos nos desviando do nosso

verdadeiro caminho. Significa muito isso vindo de um ladrão confesso. E sua teoria sobre o Daemon seria ótima também se não fosse a montanha de evidências apontando direto para o detetive Sebeck, Cheryl Lanthrop e você.

Ross tentou falar, mas Merritt continuou.

- Sebeck admitiu que tinha um caso com Lanthrop, ela que tirou milhões dos bancos fora do país antes que as contas fossem congeladas.

Ross sacudiu a cabeça negando:

- Sobol pode ter roubado a identidade dela também. Merritt estava confuso.

- Há um vídeo dela fazendo os saques. E ela era uma executiva médica em posição de trair Sobol.

— Sobol tinha o controle acionário da MRI. Podia colocar quem ele quisesse na empresa.

Bom, ela apareceu, convenientemente, morta em Belize, então acho que nunca saberemos. E você, ou alguém trabalhando para você, pôs uma bala na cabeça dela. Ou um computador fez isso?

Ela foi morta quatro meses atrás. Nessa época, o Daemon já tinha gente trabalhando para ele. Grupos criminosos que exploram jogos e pornografia na rede, gente muito perigosa. Pode acreditar em mim.

- Certo. Imagino que você também dê um jeito de explicar as abduções alienígenas e os desenhos inexplicáveis nos campos.

-Agente...

- não sou idiota, senhor Ross, ou qualquer que seja o seu nome. Você tinha todos os motivos e habilidades para matar Lanthrop, Pavlos, Singh e os outros. Você tem dez milhões de motivos, todos eles congelados em contas bancárias.

- Se fiz tudo isso, por que ficaria por perto durante o caso todo? Por que eu ajudaria Sebeck?

- Porque você é convencido. Ou tão esperto que acha que todo mundo é idiota.

- O vídeo que Sobol mandou para Sebeck...

- Aquele e-mail foi analisado e concluíram que não era de Sobol, e a única pessoa que falou ao telefone com ele foi Sebeck. A

mensagem de Boerner deixada na caixa-postal de Sebeck? Também não era de Sobol. E tem o Hum-mer, que tentou matar todo mundo menos você e Pete Sebeck. Está faltando alguma coisa, senhor Ross?

Ross olhou nos olhos de Merritt.

- Pete Sebeck é inocente, e eu também.

- Bom, se vocês não cometeram os crimes e tudo mais, devo acreditar que foi Sobol?

Ross assentiu.

- Por que Sobol jogaria fora 10 milhões de dólares apenas para culpar Sebeck?

- Para fazer todo mundo acreditar que o Daemon não existe.

- E para que isso serviria?

- Se você não acredita que uma coisa existe você não vai tentar deter essa coisa.

Merritt parou um instante. Aquilo era de uma simplicidade sórdida e eficaz, uma formiga entrando pelas aberturas de sua armadura. Não dava para ignorar aquilo. Ele pensou por mais alguns minutos.

- Os assassinatos, os joguetes com as ações, era tudo apenas o começo de algo maior?

Ross nem olhou para ele.

- Tenho certeza disso.

- Vamos dizer que o Daemon exista. Se Sobol não queria que ninguém atrapalhasse seus planos, por que tornar o Daemon famoso no começo de tudo?

- Para criar uma marca global, que seja reconhecida instantaneamente. Uma marca que trará os insatisfeitos para a causa dele. Mundialmente falando.

— E qual seria essa causa?

— Isso eu ainda não sei.

Merritt mancou ao lado dele em silêncio.

— O que eu sei é o seguinte, agente Merritt: o poder do Daemon está crescendo. Ainda não é visível, mas logo ele vai se mostrar. E, quando chegar essa hora, coisas ruins vão acontecer.

Merritt olhou em volta novamente, para ver se alguém olhava para eles. Não havia ninguém por perto. Ele se virou para Ross.

— Entregue-se, Jon. Farei tudo que puder para... Ross fez que não com a cabeça.

— Se eu acabar em uma cela e as notícias da minha captura passarem pelo servidor errado, estarei morto na hora.

— Temos o programa de proteção à testemunha...

— Nem comece com isso.

— E que tal ir à imprensa?

— O Daemon já se infiltrou na mídia, agente Merritt. Merritt virou os olhos.

— Como é que um programa de computador pode se infiltrar na mídia?

— As grandes organizações de notícias usam bancos de dados e sistemas para checar, procurar e preparar suas matérias. A última coisa que nós queremos é que isso tudo vire notícia. Antes mesmo que as notícias estejam no ar, o Daemon já saberá sobre mim. Isso se por acaso a história fosse ao ar.

— Agora eu tenho que acreditar que o Daemon controla os meios de comunicação?

— Não controla, mas influencia. Só existem cinco grandes grupos de comunicação no mundo. Não é preciso muito para se influenciar o conteúdo, especialmente se você estiver dentro dos sistemas deles e contar com algumas pessoas-chave.

Merritt ainda fazia que não com a cabeça. Ross parecia desconfortável.

— Já fiquei aqui tempo demais. — Ele começou a andar em direção a um ponto de ônibus.

Merritt foi mancando atrás dele.

— Você disse que me mostraria evidências do Daemon. Não vou deixar que escape de mim até que faça isso. Vou começar a gritar assassino se você tentar fugir.

— Eu tenho provas irrefutáveis de que o Daemon existe. Mas você precisa acreditar em mim...

- Porcaria nenhuma.

- Por que eu arriscaria tudo para vir falar com você e depois nunca mais o procurar? Eu quero algo de você.

- O quê?

- Sua ajuda. Merritt riu alto.

- Agora quer a minha ajuda? Você tem colhões...

- Preciso que mande uma mensagem para a doutora Natalie Philips, da NSA. - Ross deu um pedaço de papel para Merritt. - Posso set encontrado neste endereço de e-mail. Pelo menos por enquanto.

Merritt olhou para o papel. Um inescrutável endereço de e-mail que consistia em números e letras aleatórias estava impresso nele.

- Por que você não a procura pessoalmente?

- Posso dizer que o nome dela não está na lista. Mas você, provavelmente, conseguirá encontrá-la. Diga que ela pode entrar em contato diretamente comigo por esse e-mail. Diga que eu encontrei a porta dos fundos no jogo do Sobol. E, se ela duvidar da minha identidade, diga que eu estava lá quando Sobol telefonou para Sebeck no funeral.

Merritt viu um policial caminhando não muito longe dali. Ele apertou o papel em sua mão. Então suspirou e olhou novamente para Ross.

- Eu também quero uma coisa.

- Certo. O quê?

- Me dê o DVD.

Ross tirou o DVD do aparelho e então hesitou.

- Agente Merritt, eu não assistiria isto se fosse você. Sua equipe morre queimada ao vivo. É muito perturbador.

Merritt também hesitou. Depois fez um sinal com a mão e pegou o DVD.

- Eles dizem que você é um grande golpista. Prometo que, se tiver sido você quem causou a morte dos meus homens, vou caçá-lo até o fim da vida.

Ross olhou nos olhos dele.

- Não esperaria menos de você. Merritt colocou o disco no bolso.

- Não mostre o vídeo a ninguém. Ainda não. Se o Daemon souber que você está nessa, ele o matará.

- Ah, claro, estou morrendo de medo. Ross foi em direção ao ponto de ônibus. Merritt foi mancando atrás dele.

- Quando é que verei essas provas irrefutáveis?

- Eu entrarei em contato.

Eles chegaram ao abrigo do ponto de ônibus, coberto de cartazes com propagandas. Ross olhou para a rua procurando um ônibus, qualquer um que estivesse descendo o quarteirão. Então se virou para Merritt.

— Vou mostrar a você tudo o que sei sobre o Daemon. — Ele olhou nos olhos de Merritt com toda a seriedade do mundo. - Acredito que a sua república esteja em perigo, agente Merritt. Não sei mais a quem recorrer. Por favor, entenda que vim falar com você porque assisti ao vídeo e sei que é um homem muito corajoso. Foi o que sua república precisou em sua fundação. E é do que ela precisa agora.

Merritt sentiu seu ímpeto retornar. O amor pelo seu país o atravessou. Será que estava sendo ingênuo? Ele sempre tinha procurado um objetivo maior. Evitou olhá-lo nos olhos por causa da vergonha que sentia por estar sendo manipulado tão facilmente.

O ônibus veio freando e parou. As portas se abriram. Ross se virou sem dizer uma palavra e entrou na fila. Alguns instantes depois, ele tinha subido.

Merritt ficou vendo o ônibus partir, ainda pensando se avisava a polícia ou não. Tinha decorado o número do ônibus e a placa.

Ele havia mesmo deixado o Homem Mais Procurado pelo FBI escapar? Tirou o DVD do bolso e o examinou. Estava escrito à mão: Casa de Sobol.

Para Merritt, desde o começo havia alguma coisa errada nesse papo todo de o Daemon ser uma farsa. Parecia algo muito meticuloso. Ele sempre tivera dúvidas, mas, depois da morte de seus homens, parecia egoísmo dele questionar aquela história. Especialistas em tecnologia tinham declarado a situação como resolvida.

Mas meses antes, na mansão de Sobol, Merritt tinha visto e ouvido coisas que ninguém havia explicado satisfatoriamente.

Ele olhou ao redor, para os trabalhadores sérios esperando por seus ônibus, e depois foi mancando de volta pelo caminho por onde tinha vindo. Ele precisava fazer fisioterapia. Estaria pronto para o que viesse, e dessa vez não iria falhar com seu país, fosse Ross ou quem quer que estivesse por trás daquilo tudo.

Quando Merritt foi passando pelas pessoas, não percebeu o pôster de dois metros colocado ali no ponto. Mostrava Anji Anderson da cintura para cima, vestida com roupa de trabalho, braços cruzados e apresentada à frente do infinito. Ela brilhava para quem passava, abaixo do logotipo do seu novo programa jornalístico, o Notícias para a América. Em outra linha estava escrito:

O nome mais confiável dos noticiários...

Capítulo 27:// Mapeamento da mente

Charles Mosely caminhava por uma praça ensolarada no meio de um centro comercial e deu uma olhada para o Lexus estacionado perto da calçada, a trinta e poucos metros dali. Ele não estava confortável em deixar o carro para trás, mas, por outro lado, A Voz podia desligar o motor a hora em que quisesse, então, provavelmente, não faria diferença.

Alguns robôs corporativos usando ternos cruzavam a praça com suas pastas na mão. Mosely percebeu que devia se parecer com eles.

Havia uma fonte no centro da praça, com jatos de água dançantes controlados por computador, renovando centenas de litros por segundo. Mosely passou por ela e percebeu quantas coisas deviam ser controladas por computadores. Não era inteligente, mas, outra vez, a maioria das coisas na vida não precisava de inteligência.

Prédios brilhantes de vinte andares se erguiam um em frente ao outro de cada lado da praça. Ele foi direto para o prédio com vidros verdes. No logotipo acima das portas de vidro se lia: *FMRI e Associados*

Era o nome que A Voz tinha dito a ele. O jardim e a arquitetura eram impressionantes. Tinham plantado montinhos de grama com pequenas cerejeiras em cima. E era um imóvel caríssimo. O bairro todo tinha torres corporativas chiques. Não era um lugar onde ele passava seu tempo quando tinha morado em Houston, e a polícia dessas vizinhanças suspeitava bastante de negros. Mesmo assim, ele não havia sido parado no caminho. Provavelmente, por causa do terno e do carro de branco. Pela primeira vez ele considerou que o classismo superava o racismo.

Mosely se aproximou das portas de vidro e ia empurrá-las quando elas deslizaram sem barulho nenhum para os lados. Uma corrente de ar frio passou por ele. O calor e a umidade de fora colidiram com o frio e criaram uma linha de tempestade na entrada. Ele entrou diretamente em uma recepção corporativa minimalista, e as portas se fecharam atrás dele. Os saltos de seus sapatos faziam barulho contra o chão conforme ele ia caminhando.

O logotipo da companhia também se encontrava na parede atrás da recepcionista. O próprio balcão de recepção era um bunker feito para parecer que tinha havido um acidente na hora da soldagem. A recepcionista era uma loura de pele sedosa, de vinte e poucos anos, que ou tinha nascido maravilhosa ou fora modificada para ficar daquele jeito. Mas Mosely não se importava. Era a mulher mais linda que ele via em muitos anos.

Ela falava em um fone de ouvido com microfone sem fio e sorriu para ele, abrindo a boca para dizer sem som: Já falo com você. Seu batom vermelho quase queimou os olhos dele.

Ele deu uma olhada para o teto alto, onde spots de luz apontavam para suportes curvos de aço escovado. Era como uma exposição de carros sem os carros. Não havia nenhuma cadeira à vista. Bem-vindo. Agora saia logo daí.

Logo ela desligou. Não daria para ter certeza disso com os fones, na verdade, mas ela olhou para ele e sorriu.

- Está sendo aguardado, senhor Taylor. Pode entrar.

Duas portas de madeira amarelas se abriram na parede do outro lado. Elas revelaram um corredor que tinha uma relação distante com a arquitetura do saguão de entrada.

Mosely observou aquela entrada por um momento e então se virou para a recepcionista.

- Olha, gata, pode me explicar o que está acontecendo aqui?

- Bom, para começar, eu não gosto de ser chamada de gata, como você não deve gostar de ser chamado de garoto.

- Mas é exatamente isso. Estou me sentindo como um garoto trazido para a casa-grande. - Ele chegou mais perto. - Você sabe o que rola por aqui, que tal me ajudar?

- Ela olhou para ele friamente.

- Vou dar uma ajuda: você está sendo esperado atrás destas portas. Mosely se endireitou.

- Fiel à empresa. - Ele andou até a entrada. - É para isso que eles pagam bem a você?

Ela o observou com seriedade.

Assim que ele entrou, as portas se fecharam com um clique. Ele riu nervosamente. Mosely, seu idiota. Depois continuou andando pelo belo corredor. Ele se estendia por quase vinte metros. Não havia portas em nenhum dos lados, apenas obras de arte de bom gosto, pinturas com pouquíssimas linhas traçadas. Ele se aproximou das portas no final do corredor e, como esperava, elas se abriram, silenciosamente, para ele entrar.

Elas revelaram uma sala mais fria e vazia, com chão de granito escuro, iluminação dura e um teto elevado que não era visível de onde ele estava. Dois homens usando aventais brancos limpíssimos e sapatos confortáveis estavam parados no meio da sala. Eram musculosos - um negro e outro asiático. Os cabelos eram curtos. Nada de joias. Não tinham um olhar inamistoso, mas também não pareciam um comitê de boas-vindas. O dois o cumprimentaram com a cabeça a cerca de sete metros de distância. O negro, que era o maior dos dois, falou primeiro:

- Senhor Taylor.

Mosely ficou na porta, pois não queria deixar sua relativa segurança.

- Não sei o que quer do tal Taylor, mas não sou ele.

- Sabemos que você não é o Taylor.

- Então por que me chamou de Taylor?

- Porque saco de bosta ficaria feio.

Mosely digeriu o primeiro sinal de problemas e olhou em volta.

- Onde está o cara branco?

- Que cara branco?

- Ah, não me venha com essa porcaria, irmão. Sempre tem um cara branco. Nenhum irmão passaria por toda essa confusão apenas para botar o negão em apuros.

Os dois continuaram olhando para ele impassíveis. O grandão disse:

- Se está querendo se enturmar usando o lado racial ou o jeito de falar, é melhor não gastar seu fôlego.

Isso não foi nada bom. Mosely começou a ficar inseguro. Olhou para trás e viu que, de algum jeito, outro par de portas tinha se fechado atrás dele a uns três metros. Ele não tinha ouvido nada nem sentido o ar se movendo. Imediatamente se abaixou, preparando-se para o perigo.

- Venha até aqui, por favor, senhor Taylor.

- Vá para o inferno! Diga-me por que estou aqui.

- Preferia estar na prisão?

- Neste exato momento, eu diria que sim. Os dois riram.

Aquilo, definitivamente, não era bom.

- Olha, se servir de consolo, nós passamos por isso também.

- É mesmo? E o que é "isso" exatamente?

- Entre na sala, por favor.

- Quero algumas respostas, droga. Não vou me mexer até saber quem está por trás dessa porcaria toda e por que me trouxeram aqui! — a voz dele ecoou pela sala.

- Não temos nenhuma intenção de machucar você.

- Então volte para a droga do lugar de onde você veio e me traga o idiota que manda nisto aqui. Agora!

Os dois homens trocaram olhares e suspiraram. Depois marcharam decididos até onde ele estava.

Mosely tirou a gravata. Não era bom já deixar um laço em seu pescoço. Ele a enrolou em sua mão direita. Alguns instantes depois, já estava saltitando e com os punhos em riste. — Vamos lá, podem vir. Querem me pegar? Então venham!

Os dois homens pararam. Pareciam desinteressados e calmos. Havia um tom ardiloso nos olhos do negro. Um aceno de cabeça para algo atrás de Mosely. O golpe mais velho do mundo. Mas...

Mosely deu uma olhada rápida para trás. As portas tinham sumido e agora havia uma dúzia de homens fortes de várias origens parados bem atrás dele. Um estendeu um bastão de prata até ele. Houve um pop elétrico e Mosely desabou como um saco. Ele não se lembra de mais nada.

Acordou esticado em uma mesa no centro de uma sala enorme. Seu terno tinha sido substituído por roupas leves e seus membros pareciam estar presos. Ele tentou virar a cabeça para olhar em volta, mas ela também estava presa, com algum tipo de viseira pressionando suas têmporas.

Por reflexo, tentou se soltar e, depois de alguns momentos, concluiu que poderia estar preso, tranquilamente, na lateral de um navio. Não iria a lugar nenhum. Sentiu algo picando seu braço direito, como uma agulha intravenosa.

Isso ia muito além de não estar nada bom.

Ele limpou a garganta.

- Muito bem. Começamos com o pé esquerdo, já entendi. Experimentos médicos.

Ele sempre tinha sido um homem corajoso, em geral porque nunca tinha se preocupado em viver ou morrer, mas havia algo em relação à crueldade impessoal e estéril daquele lugar que mexia com ele, grudava na base de seu cérebro e não soltava. Um terror primordial começou a surgir dentro dele.

- Ei! Se vai me torturar, o mínimo que pode fazer é falar sobre isso primeiro.

Um som bizarro o fez ficar imóvel. Parecia emanar do entorno de sua cabeça e soava como uma britadeira furando uns dez metros de rocha. E perfurava absurdamente rápido. Depois devagar. E então fez sons animados de batidas. E então o silêncio novamente.

Um rosto familiar apareceu no seu campo de visão. O grandão.

— Senhor Taylor.

— Dá um tempo para um irmão, cara. Só me diga o que está acontecendo. A Warmonk me vendeu para experimentos médicos, não é isso?

O grandão fez que não com a cabeça.

— Apenas espere.

— Caramba, não quero esperar! Diga-me que porcaria está acontecendo! — Ele tentou se soltar de novo, apenas para enfatizar que falava sério, não que acreditasse ter alguma chance de realmente se soltar.

O grandão estava checando algo em torno da cabeça de Mosely.

— Você já vai descobrir. Está muito apertado?

— Está!

— Então está perfeito! — Ele olhou bem nos olhos de Mosely. — Você tem razão a respeito de uma coisa, meu amigo. Tem mesmo um branco. Ou pelo menos ele era branco, agora provavelmente deve estar cinza. — Ele riu alegremente e depois baixou para o rosto de Mosely uma combinação de óculos e fones de ouvido, deixando-o sem enxergar nada.

— Mas o que... seu filho da mãe!

O riso alto do grandão foi diminuindo.

Mosely tentou, como um morcego, descobrir a posição dele na sala de acordo com o eco da risada, mas com o fone isso foi impossível. Tudo estava abafado agora, e ele não enxergava por causa dos óculos, que eram opacos como uma venda.

Os estranhos barulhos de britadeira recomeçaram, meio abafados. Repentinamente, duas grandes telas de TV apareceram diante dos seus olhos. Combinadas, elas preenchiam seu campo de visão e pareciam ser telas de cinema de sete metros de largura vistas a três metros de distância. E eram excelentes. A da esquerda mostrava a imagem de um cérebro com as cores do arco-íris. Era o cérebro do Bob Marley, com cores avançando e retrocedendo do lóbulo temporal até uma tal de batida Rasta.

A da direita piscou por um momento e, confirmando as palavras do grandão, um cara branco apareceu, mostrado da cintura para cima.

Os barulhos de britadeira continuaram, e o mapa colorido do cérebro mudou.

Mosely conhecia aquele branco de algum lugar.

O homem fez um cumprimento com a cabeça e falou, com sua voz saindo nos fones de ouvido.

— Você me reconheceu. Isso é bom. Mosely gritou.

— Quem é você?

As cores iam se sucedendo no cérebro de Bob Marley e pararam em tons vermelhos próximo à parte da frente. O branquelo falou.

— Antes que comece a fazer outras perguntas mais complexas, vou mostrar quem eu ...

A imagem dele foi substituída por repórteres falando, manchetes e gráficos.

- Matthew Sobol construiu uma armadilha mortal para os policiais federais que cumpriam um mandado de busca na propriedade dele na Califórnia...

As imagens se sucediam na tela e Mosely começou a se lembrar. Eles assistiram maravilhados às notícias na sala de TV da prisão havia mais de seis meses. E ficaram desapontados quando se descobriu que era tudo uma farsa.

Os vídeos continuaram até, finalmente, pararem em uma foto de Matthew Sobol, um close com o nome dele bem ao lado. A repórter ainda falava...

- A farsa do Daemon parece ter sido criada para culpar Matthew Sobol, que morreu de câncer cerebral na semana passada.

A foto foi substituída pela imagem ao vivo de Sobol com qualidade digital perfeita.

O branquelo.

- As notícias sobre a minha morte não foram exageradas.

- Mas que droga...

O mapa do cérebro mudou, com ondas azuladas circulando por ele.

- Agora você entende. O Daemon não é uma farsa.

- Por que estou aqui?

- Isso. Faça perguntas simples. Não sou muito de conversar mais. Mas já tinha me antecipado à sua questão. - Houve um salto quase imperceptível na imagem de Sobol, e então ele continuou. - Por que está aqui? Apenas para eu poder determinar se suas motivações são compatíveis com as minhas. - Sobol gesticulava como se estivesse, fisicamente, presente. — O equipamento à sua volta é um poderoso escâner de ressonância magnética funcional por imagens. Ele escaneia a atividade neural do seu cérebro em tempo real. Os neurônios trabalham como transistores de um chip de computador, soltando impulsos elétricos em sequências específicas para cumprir certas tarefas ou elaborar conceitos gerais. — Sobol fez uma pausa. - É controverso o fato de a tecnologia ter descoberto um jeito de ver não apenas a sinceridade ou a falsidade

de uma pessoa, mas o exato processo do pensamento em ação. Mesmo antes de a pessoa poder fazer o que pensou. Fingimentos ou mentiras propositais são orquestrados pelo lóbulo frontal...

Os lóbulos frontais foram iluminados na tela da esquerda, por cima da imagem que devia ser do cérebro de Mosely. Outras áreas foram se acendendo, uma de cada vez, conforme Sobol foi falando.

Medo, agressividade, empatia e reconhecimento têm assinaturas únicas no cérebro humano. Desordens mentais como a esquizofrenia, por exemplo, possuem também os seus padrões. Portanto, veja que não há como tentar esconder nada de mim. Estou a ponto de conhecer você melhor do que qualquer um. Talvez até melhor do que você mesmo.

Mosely estava começando a tremer. Ele viu as cores mudarem no diagrama da tela da esquerda. Instintivamente, soube que era medo. Estava vendo seu próprio medo demonstrado em tempo real na tela e sendo alimentado por aquilo.

— Você está com medo.

Mosely precisou usar todo o seu controle para não gritar de terror. Ele se segurou firme, fechando os olhos.

— Por que está fazendo isso comigo?

— E por que não? A sociedade jogou você fora. Você mesmo tinha desistido, mas eu vi futuro em você. — Uma pausa. — Eu o trouxe aqui porque descobri que você está acima da média em muitas coisas. É muito inteligente, o seu perfil de personalidade mostra que é autoconfiante e cheio de recursos. Essas são as qualidades que eu quero em meus soldados. - Outra pausa. - Não ligo para o seu nível de educação, isso pode ser remediado, nem para sua experiência, que não importa. Menos ainda para as coisas que fez. Só ligo para o que vai fazer por mim. Meus seguidores receberão muito poder. E quero ver se minha fé em você é justificada.

Emoções conflitantes preencheram Mosely. A adrenalina correu por suas veias enquanto ele assistia às cores dançarem na imagem de seu cérebro. Ele percebeu que, mesmo que tentasse, não conseguiria guiar seu corpo nessa. Não poderia sondar e muito

menos controlar os padrões de cores que preenchiam os cantos de seu cérebro.

As palavras de Sobol se infiltraram no medo e na confusão dele.

— Não vou mentir para você: não há outra saída deste lugar a não ser se juntar a mim. Digo isso porque não será uma decisão que você vai tomar. É algo que vamos descobrir juntos. Depois daqui, eu simplesmente saberei se você se juntou a mim ou não. E você também saberá. Pode tentar lutar contra, mas o resultado será o mesmo.

Mosely sentiu medo novamente, mas a determinação também surgiu dentro dele. Aquilo era conhecido. As regras do jogo estavam claras e agora ele podia enfrentar aquilo. Agora sentia a raiva crescendo. Seu corpo ficou tenso.

Sobol continuou.

— Se, a qualquer momento, eu achar que não serve, matarei você. Como não tenho nada contra você, sua morte será indolor, uma overdose de Demerol. Perceba que sua morte será muito mais agradável do que a minha. Talvez isso seja reconfortante.

— Vá para o inferno, Sobol! Sobol fez uma pausa.

— Vejo que não tem nenhum medo da morte. Em vez disso, sente raiva ao se ver impotente. Mas não está impotente, longe disso. Sua defesa está dentro de você. Medirei o seu caráter e, se tiver méritos, não há nada a temer de mim. Ao contrário, caminhará sob minha proteção até o fim dos seus dias. Outra pausa.

— Vamos começar. Você não precisa falar, mas seus olhos devem permanecer abertos, podendo piscar normalmente. Pode desobedecer a esta instrução, mas fazer isso seria iniciar sua morte por injeção após trinta segundos. Pode escolher isso, se quiser, mas, como não vai sentir dor de qualquer jeito, deveria seguir o curso das coisas até o fim.

Sobol olhou para Mosely com um olhar satisfeito.

— Você está começando a dominar seu medo. Isso é bom. Prepare-se. — Uma pausa de vários segundos. - E vamos começar...

A tela da direita começou a escurecer e Sobol se dissolveu na escuridão. Uma única palavra apareceu em letras brancas grandes: **FAMÍLIA**

Depois de alguns segundos, foi seguida por várias outras, em sequência:

RELIGIÃO, VIOLÊNCIA, SEXO, AMOR, LEI, LIBERDADE, ESPERANÇA, HONESTIDADE, RESPONSABILIDADE, HONRA, MORTE.

A tela ficou preta outra vez. Então a palavra FAMÍLIA reapareceu e se demorou na tela, como uma luz que buscava por ele na escuridão.

Mosely não podia evitar de se lembrar de seu filho. Seu filho perdido. As lembranças de sua própria infância jorraram, crescer sem um pai. Sozinho. A culpa o preencheu. Repugnância por si mesmo. Cores profundas surgiram e fluíram pela imagem de seu cérebro. Aquilo significava emoções fortes, sem sombra de dúvida. Sobol já estava dentro de sua cabeça.

Mosely piscou algumas vezes por baixo dos óculos. Ele poderia fechar os olhos para sempre e deixar o Demerol fluir por suas veias. Tinha mais controle sobre sua vida agora do que teve em muito tempo. Tem uma porta de saída, uma porta que é estranhamente tranquilizadora. Ele abre os olhos.

Então o filme começa.

Uma sucessão rápida de cenas. Pessoas conversando, se abraçando e se cumprimentando. Um homem pegando uma criança no colo e rindo. Parentes se abraçando. Um casal de idosos andando de braços dados. Uma criança se formando. O orgulho dos pais. Uma criança triste. Doença. Um idoso no hospital acabando de morrer e os gritos de tristeza de sua esposa. Um pai raivoso gritando com seus filhos. Uma mãe levantando a mão para bater em uma criança aterrorizada na porta de um quarto.

Mosely se surpreendeu com o fato de que as cenas mais dolorosas eram as que tinham crianças. Interagindo com os pais, gritando, brincando, abraçando, chorando, rindo. Inocência perdida. Inocência em risco. Com medo.

Mosely se viu chorando em silêncio por baixo dos óculos, com as lágrimas descendo pelas duas bochechas. Ele imaginou seu próprio filho, sozinho no mundo. E a responsabilidade dele naquilo. Um filho que nunca saberia o que é família, graças à estupidez egoísta de Mosely. Ele quase fechou os olhos para sempre, deixando o

Demerol dominá-lo. Sentiu-se quebrado e sem ter como consertar, mas as vozes de crianças o trouxeram de volta, de novo e de novo. Aqueles rostos inocentes que não conheciam a crueldade. E aquelas cenas continuaram se sucedendo por horas. Havia agora um foco especial nas crianças, como se Sobol tivesse descoberto o ponto fraco de Mosely e estivesse esfregando sal na ferida para ver o quanto aquilo doía. Não muito tempo depois, tudo o que aparecia eram imagens de crianças abandonadas. Crianças perdidas caminhando desamparadas e assustadas nas perigosas ruas da cidade. Mosely chorava em frangalhos.

— Pare! Por favor, pare!

Logo, a tela se escureceu de novo e a palavra RELIGIÃO apareceu rapidamente, permanecendo alguns segundos antes de dar lugar à palavra VIOLÊNCIA.

A lanterna mental de Sobol o estava procurando novamente. Mosely podia ver as cores vindo em ondas sobre a imagem de seu cérebro.

A tela ficou preta, e então os filmes começaram outra vez.

O vídeo mostrava um homem amarrado em uma cadeira, em uma cela comum. Ele está amordaçado. Os olhos dele se arregalam de medo quando entra um homem grande segurando um facão. O grandalhão começa a gritar num idioma que parece ser russo. Ele levanta o facão e Mosely não consegue se segurar; fecha os olhos quando o som de carne sendo cortada sai dos fones em um som digital perfeito. Gritos abafados se seguem.

Mosely abre os olhos e a repulsa enche sua garganta de bile. Era uma visão do inferno, maior do que a vida e duas vezes mais alta. O grandão estava cortando sua vítima até a morte, um membro por vez. Não era de mentira, Mosely não tinha dúvida. Uma grande depressão tomou conta dele enquanto assistia. Era muito mais do que simples repulsa o fato de um sofrimento daqueles existir. O filme poderia ter sido feito por isso, pois dizia mais do que ele sempre quis saber sobre a depravação solta no mundo. Uma raiva lenta e borbulhante surgiu nele. Será que aquele açougueiro está fazendo aquilo apenas para o vídeo? Vá para o inferno, Sobol! Vá para o inferno! Vá em frente, leia minha mente, seu idiota! Mosely

continuou fechando os olhos nos momentos em que o facão descia. Em duas estocadas, o braço foi cortado do tronco. O esquerdo foi em uma, e O torso caiu para a frente por cima das pernas...

Ele não conseguia mais olhar para aquilo. Sua respiração estava acelerada. Os sons eram horríveis, ele não conseguia escapar deles. Então, de repente, pararam.

Mosely abriu os olhos para a escuridão.

O que se seguiu parecia ser uma sequência de cenários violentos, um mais perturbador que o outro. Em um deles, um homem espanca uma mulher já ensanguentada, quando, repentinamente, outro homem ataca o primeiro, enquanto a mulher ferida foge. Depois vieram cenas de homens lutando com seus punhos, facas e armas. Depois, crianças lutando. Depois, adultos atacando crianças. Mulheres atacando mulheres. E então brigas de rua, duelos ritualizados, acidentes absurdos, eletrocussões. Brutalidade sadomasoquista. Erotismo carregado de violência, seguido por violência contra animais. Tudo parecia real demais. As línguas faladas nos filmes, em geral, eram estrangeiras, mas as imagens tinham aquela crueza sem cortes de um vídeo caseiro real.

As emoções de Mosely estavam à flor da pele e, frequentemente, entravam em conflito. Ele ficava tenso, com uma enorme raiva, depois ficava excitado, então sentia repulsa e tudo mais que havia entre uma e outra emoção. Diferenças sutis na interação das imagens traziam diferenças chocantes nos sentimentos dele, mesmo assistindo a eventos similares.

Ele não conseguia' imaginar quantas horas tinham se passado. Sentia como se tivesse cumprido um turno na linha de frente de uma guerra. Sua mente explodia com as imagens aterradoras, e ele estava chegando no limite de sua resistência à violência. Conforme as horas iam passando, os temas mudavam, mas vagarosamente, de forma imperceptível. Temas anteriores às vezes voltavam. Famílias mudavam para imagens de lugares e culturas distantes, imagens de pobreza, depois riqueza, depois casamentos, depois funerais. Carros batendo em cruzamentos, aparentemente filmados em câmeras de trânsito. Uma procissão de carnificinas nas estradas, sem parar. Pessoas se suicidando em protestos,

incendiando-se e morrendo queimadas. Depois pessoas morrendo em acidentes enquanto participavam de aventuras, como escalada ou *BASE jumping*.' Mais imagens de esportes de aventura com pessoas conseguindo e atingindo grandes feitos. Depois, pessoas fazendo caminhadas em terras selvagens e escalando montanhas altíssimas. Depois, eventos históricos, da chegada do homem à lua até a violência de Khrushchev. A imagem de Malcon X se transformou na de Martin Luther King Jr.

Mosely estava exausto física e emocionalmente. E a coisa continuou.

N.T.: Esporte que consiste em pular de um lugar não muito alto, como um prédio ou desfiladeiro, com um paraquedas na mão que abre na hora do salto.

Era como ser tragado por uma máquina de lavar emoções. Mosely acabou sentindo, virtualmente, cada emoção de que os humanos são capazes, e não uma, mas centenas de vezes. Já tinha passado do seu limite fazia tempo, e é claro que nem tinha reparado que tinha passado.

As imagens continuaram. Um número desconhecido de horas e as imagens ainda continuavam. A boca de Mosely estava seca, e ele se esforçou para se manter alerta. As imagens prosseguiram.

Mas um conceito começou a se formar na mente de Mosely. Como uma pedra que começa a aparecer quando o vento vai soprando vagarosamente a areia em torno dela, Mosely passou a ver ele mesmo. Como todas as defesas emocionais que tinha construído foram se quebrando, as verdades simples começaram a emergir. E ele sabia o significado delas: Mosely estava com raiva de sua vida desperdiçada. Ele tinha profundos sentimentos de perda por não ter uma família quando criança e por não ter oferecido uma para o seu filho, onde quer que ele estivesse agora. E tinha um desejo desesperado de pertencer a alguma coisa. De fazer diferença. De se importar com algo além dele mesmo. Era o eterno solitário querendo a amizade dos outros.

Os últimos filmes eram essenciais. Enquanto os outros pareciam tê-lo quebrado em pedaços de um quebra-cabeça emocional, os últimos pareciam juntar as peças, preenchendo-o de satisfação ao

ver pessoas lutando juntas. Contando umas com as outras. Sacrificando-se. Gratidão. Alegria. Homens livres olhando para horizontes distantes. Horizontes que chamavam os aventureiros, que prometiam perigos.

As pessoas nesses filmes eram de todas as origens e idades, mas Mosely percebeu que eles tinham traços em comum: eram capazes, extremamente motivados e não pareciam ter limites. O perigo não era um problema. Era a vida vivida ao máximo. Eles estavam vivos de verdade.

Ele quase tinha se esquecido de que o mundo real existia. E não sabia quanto tempo havia ficado ali deitado, mas, quando as telas ficaram escuras, era como se tivesse sido jogado em um abismo. Ele ofegou, lutando para achar um ponto de referência. Sua alma estava à deriva no nada.

De algum lugar na escuridão, ele ouviu a voz de Sobol.

— Venha comigo, e vou ajudá-lo a encontrar o que perdeu. Darei um futuro aos seus descendentes. O passado não existe mais para você.

Uma luz começou a se acender em uma distância infinita.

- Você é uma pessoa excepcional. Escolhi acreditar em você. Uma luz suave preencheu a visão dele.

Mosely começou a se lembrar, vagarosamente, de que existia, de que era uma pessoa. Ele se lembrou de seu nome. Charles Mosely. E se sentiu diferente, como se todos os seus pecados tivessem desaparecido.

De repente, todo o peso da exaustão caiu sobre ele.

Alguém tirou os óculos de seu rosto, revelando a mesma luz suave acima dele. O grandão estava lá, acenando com a cabeça. Um som metálico foi ouvido, e então seus membros estavam livres. Outras mãos vieram ajudá-lo.

Mosely viu o outro cara de avental branco o ajudando a se sentar. Ele se sentia tonto e fraco.

O grandão se inclinou sobre ele.

— Vamos tirar a agulha, será bem rápido.

O outro sujeito colocou um algodão sobre o local, apertou e então tirou a agulha, colocando um curativo depois.

Seus olhos sonolentos notaram suas roupas. Ele usava um avental cirúrgico e cueca. Depois de olhar para os pés, levantou a cabeça e olhou para o grandão, que assentiu com a cabeça.

— O perigo já passou.

A voz seca de Mosely saiu áspera:

— Quanto tempo?

— Quarenta e seis horas.

Uma garrafa de água surgiu perto de sua boca. Mosely se virou e viu o outro ajudante estendê-la para ele, que a pegou e bebeu nervosamente.

— Não beba demais.

Depois de mais alguns instantes, eles pegaram a garrafa. O grandão o observava.

— O fato de ainda estar vivo é tudo o que preciso saber de você.

— Ele estendeu a mão. - Sou o Rollins. - Seus olhos apontaram para o outro. - Ele é o Morris.

Mosely olhou para a mão.

— Assim como eu sou Taylor? Rollins riu.

— Exatamente.

Mosely apertou a mão dele. Rollins olhou nos olhos dele. Eram olhos confiantes e nem um pouco frios.

Morris o cumprimentou com a cabeça e apertou a mão dele também.

— Seja bem-vindo.

— Bem-vindo onde? Rollins gesticulou.

— O Daemon escolheu você. Agora é um dos cavaleiros dele.

— Eu tenho alguma escolha?

— Você já fez a sua escolha — ele olhou Mosely nos olhos.

— Aqui é onde você quer estar. E por isso que ainda está vivo.

Mosely absorveu aquelas palavras. As imagens ainda eram muito claras em sua mente. Desmontando-o nas peças básicas de seu quebra-cabeça. Entendendo-o. Mosely entendia a si mesmo. O júbilo.

Ele percebeu que Rollins estava certo.

Rollins continuou:

— Não existem líderes aqui. Somos todos iguais e respondemos diretamente ao Daemon, e a ninguém mais. Sou seu igual. E você é meu igual.

Mosely não tinha certeza de que aquilo estava acontecendo. Ele sacudiu a cabeça para clareá-la.

Rollins deu um tapinha em seu ombro.

— Primeiro, um pouco de comida e descanso. Você tem muito a aprender, mas o Daemon o escolheu porque é inteligente. E precisará ser mesmo.

Capítulo 28:// Ondulações na superfície

Natalie Philips segurava uma ponteira a laser ao lado de uma tela de projeção. A sala de conferências Mahogany Row estava na penumbra e as silhuetas de sua audiência se encontravam reunidas em torno de uma grande mesa de reuniões. Distintivos militares nos uniformes de alguns deles refletiam a luz da tela.

O slide com o título de sua apresentação já estava sendo mostrado. Viabilidade de se construir um Daemon em redes P2P Ela já estava falando com o grupo.

-... a exequibilidade de uma aplicação com uma inteligência artificial simples distribuída pela arquitetura de uma rede P2P para evitar o rompimento lógico do núcleo. — Ela clicou para passar o próximo slide. Apareceram apenas as palavras:

Distribuição de Daemon viável Houve um murmúrio na audiência.

- Temos descobertas inequívocas de que o envio do Daemon para a rede não é apenas uma ameaça em potencial, mas, sim, uma ameaça inevitável, graças às normas vigentes de unificação dos sistemas em rede. E, na verdade, temos razões para acreditar que um desses construtos lógicos está solto por aí.

Mais murmúrios atravessaram a plateia.

Ela mudou para outro slide. Esse mostrava dois gráficos com os títulos: Incidência de ataques de DDOS — Todos os sites comparados com sites de pornografia! a postas

Ela olhou novamente para a plateia.

- Um ataque distribuído de negação de serviço, ou DDOS, envolve o aproveitamento de centenas, milhares ou até mesmo centenas de milhares de computadores zumbis que acabam transmitindo uma grande quantidade de informações para um único domínio na rede, o alvo. Os computadores zumbis são aqueles que

já foram comprometidos previamente por um programa malicioso com uma porta dos fundos. O computador pessoal de qualquer um poderia ser usado para isso. Um exército de zumbis é chamado de botnet, e seu poder coletivo pode ser usado para sobrecarregar um alvo, fazendo com que fique ocupado demais e não consiga responder ao seu tráfego de internet normal. O potencial de acabar com um negócio on-line são óbvios.

- Diferentemente de um simples ataque de negação de serviço, ou DOS, que é lançado de uma única máquina e por isso é facilmente bloqueado por um endereço de IP, um ataque DDOS vem em ondas de diferentes endereços de IP coordenados para incapacitar o alvo continuamente. Do mesmo modo, a natureza do tráfego pode variar muito, tornando difícil filtrar os pedidos de conexão ruins. Resumindo: é bem mais sério. A menos que o agressor queira se gabar de suas conquistas, é virtualmente impossível rastrear a verdadeira fonte de um ataque.

Ela usou a ponteira para mostrar várias partes da imagem na tela.

- Estes dois gráficos ilustram um padrão que detectamos quatro meses atrás com ocorrências de DDOS na internet pública, um em geral e o outro apenas para os que ocorreram com sites comerciais de apostas ou pornografia, legais ou ilegais, a partir de agora citados como sites A/P.

- Percebam o aumento de aproximadamente 12.000% nas ocorrências desse tipo de ataque contra sites A/P durante o período de janeiro a abril. Comparem com a média caindo em relação a ataques DDOS contra domínios em geral.

Ela mudou para um slide mostrando um gráfico de colapso dos domínios internacionais líderes em apostas e pornografia, com chamadas indicando quadrilhas que atuavam na Rússia, na Tailândia e em Belize. O gráfico exibia o calendário em uma variável e o número de envio de dados por hora na outra.

- A CIA associou os círculos criminais internacionais seguintes com essas três empresas de A/P. Os interesses deles na web incluem milhares de sites afiliados com poucas ligações, hospedados em centenas de domínios e dúzias de países. Cada

uma dessas quadrilhas é uma enorme organização de TI e, juntas, geram bilhões de dólares de lucro por ano. Suas operações incluem desenvolvimento de produtos, segurança, finanças e elementos de suporte de infraestrutura. São, na verdade, corporações multinacionais cujas linhas de produção incluem narcotráfico, exploração sexual, lavagem de dinheiro e extorsão.

O gráfico mostrava que os ativos de internet de cada um daqueles círculos criminosos tinha sido atacado em uma guerra de informática orquestrada. A ponteira a laser girou quando ela a direcionou para o ponto de origem.

- Os russos foram os primeiros. Estimamos que 10 milhões de máquinas lançaram um ciberataque no estilo de Pearl Harbor, simultaneamente, de todos os cantos do globo, começando no meio de janeiro e se estendendo até o fim do mês. Essa ação fez os negócios russos pararem no mundo inteiro, levando seus sites de pornografia e apostas a ficarem indisponíveis para consumidores pagantes por longos períodos. Esses não são ataques simples e básicos.

Parece que os russos tentaram de tudo, de filtros de hardware a conexões com limite de transferência de dados, mas isso nem ajudou a diminuir um pouco o problema. Tentaram lançar novos sites e migrar os seus consumidores, mas os novos sites eram rapidamente atacados e tirados do ar.

Ela muda para um slide com traduções de manchetes de um grande número de sites de países em desenvolvimento. Elas listam dezenas de assassinatos na Ásia e na Rússia.

— Isso parece ter iniciado uma rápida guerra de gangues, seguida por uma limpa nas fileiras de TI dessas gangues. A CIA estima que houve dezenas de mortes relacionadas a isso e, curiosamente, todas naquele período, mas os ataques DDOS não pararam e mudavam constantemente, originando-se em novos lugares. A empresa russa não se recuperou até o fim de janeiro, quando, repentinamente, voltou a ficar totalmente operacional.

Ela levantou a cabeça e olhou para a plateia.

— A conversa telefônica que exibirei a seguir foi interceptada por um equipamento da ComSat na República da Geórgia, em 29 de

janeiro, e se deu entre alguém não identificado, que telefonou, e uma figura conhecida da máfia russa, localizada em São Petersburgo, chamada aqui de *Vassili*. A transcrição está disponível no sistema Echelon. O número está no índice de suas pastas. Essa interceptação chega a nós com os cumprimentos do Grupo W.

— Ela se vira para a tela quando uma conversa em uma língua estranha surge nos alto-falantes. Uma tradução simultânea vai surgindo na tela enquanto as palavras em russo são ditas.

Vassili: Estamos no carro. Tupo (pessoa próxima), não. Onde você está? Onde está agora?

Ligador: Em Belize. Vassili: Estão on-line aí?

Ligador: Sim, sim. Estão rodando perfeitamente.

Vassili: Perfeitamente? Desde quando?

Ligador: Perfeitos como eram antes.

Vassili: Antes dos ataques?

Ligador: Sim, isso.

Vassili: Eles sabem da extensão da coisa por aí?

Ligador: Não, ninguém sabe.

Vassili: Eles estão bravos por causa do Tupolov?

Ligador: Sim, mas agora estão com o dinheiro deles.

Vassili: Você pagou para o americano morto?

Ligador: Sim.

Vassili: [ininteligível]. Eles serão os próximos, e temos que recuperar nossa fatia do mercado quando eles caírem. Sabe o que fazer?

Ligador: Sim, Sobol nos disse.

A tela fica em branco e as luzes se acendem, ao mesmo tempo em que conversas animadas preenchem a sala. Philips fala mais alto para ser ouvida por cima do ruído.

- Há outras interceptações de natureza similar, mas imagino que essa já dê uma ideia da coisa. As ondas de ataques continuaram até dois meses atrás, atingindo uma organização por vez e tornando-se cada vez mais feroz, até um ponto em que desapareciam repentinamente e de uma vez.

Um dos oficiais do Departamento de Defesa (DOD) falou:

- Qual é a sua leitura de tudo isso, doutora?

- Acho que as quadrilhas criminosas que controlam apostas e pornografia on-line estão sendo forçadas a pagar proteção para alguém ou algo.

- Você concluiu isso de uma interceptação?

- Esta é apenas uma de dúzias de interceptações, e suas transcrições podem ser encontradas em suas pastas.

- De quanto dinheiro estamos falando? Philips colocou a ponteira no suporte próximo.

- Temos um e-mail interceptado de uma gangue tailandesa que menciona 10% do faturamento bruto.

- Dez por cento do faturamento?

- Das transações on-line. A CIA estima que a renda anual de apostas e pornografia no mundo seja de aproximadamente 17 bilhões de dólares. Mas ninguém sabe ao certo. Se usarmos isso como base e extrapolarmos, assumimos que o Daemon ganha...

- Estamos falando de cerca de 2 bilhões de dólares por ano.

- Há indícios de que esses pagamentos representem uma terceirização da função de segurança em tecnologia da informação das quadrilhas para uma entidade desconhecida. - Ela fez uma pausa, para causar um efeito ou para se encorajar, ela mesma não tinha certeza. — Suspeitamos de que a entidade não seja uma pessoa viva, mas, sim, um construto lógico com memórias distribuídas. Acredito que seja o Daemon de Sobol.

A sala explodiu em conversas por alguns minutos, até que alguém gritou lá de trás:

- Como pode saber que não é apenas outra gangue? O barulho sumiu para que a resposta fosse ouvida. Philips fez um aceno de cabeça.

- Porque essa foi a primeira coisa que os russos pensaram. Vários hackers morreram nas mãos deles tentando identificar os responsáveis. Até que em certo momento os russos receberam evidências convincentes de que não havia uma pessoa por trás dos ataques. Ainda não sabemos ao certo que evidência foi essa, mas temos operadores tentando botar as mãos nelas. O chefe da divisão olhou para ela.

- Essa é uma conjectura imprudente. Condenamos o detetive Sebeck à pena de morte, Cheryl Lanthrop está morta e Jon Ross está foragido. A situação está sob controle.

O temo mais graduado da NSA disse:

- Não concordo. Atualmente, a mídia alimenta o pânico das pessoas com crimes virtuais. Se o público descobrir que o Daemon de Sobol está atacando negócios na internet, isso poderia causar pânico no mercado financeiro.

Um analista visitante da divisão de internet do FBI balançou a cabeça negando.

- Os fatos não indicam pânico na mídia, senhor. As reportagens sobre incidentes com invasões de computadores caíram um pouco neste ano, não aumentaram. E, na verdade, podemos considerar a queda dos sites de apostas e pornografia como algo positivo.

Philips observou o agente e depois se virou para a platéia em geral.

- Alguém sabe de algo a respeito da atual fascinação da mídia por segurança na internet? Alguém sabe o que criou isso?

- O julgamento de Sebeck?

O analista do FBI começou a tomar conta do assunto.

- O governo tem pouco controle sobre a internet e dados de redes privadas. Esse pânico foi criado pela atual deficiência da infraestrutura virtual. É a mão invisível do mercado em ação.

Philips olhou para ele com impaciência.

- A menos que seja tarde demais.

O chefe de seção da NSA levantou uma sobrancelha.

- O seu Daemon imitador está fazendo algo mais do que forçar o pagamento de tributos dos envolvidos com pornografia, doutora Philips?

Ela não revelou nenhuma emoção.

- Para começar, acredito que seja o Daemon de Sobol.

- Altamente improvável. - O analista do FBI parecia pronto para desaprovar qualquer coisa. Só precisava de grãos frescos para o seu moinho de lógica.

Philips continuou.

- Cavalheiros, existem pontas soltas demais no caso Sobol. O envenenamento de Lionel Crawly, o dublador do jogo Sobre o Reno. Que frases ele terá gravado que nós não sabemos? O aparecimento de uma construção estranha no jogo on-line O Portal, quase no mesmo instante da morte de Sobol. E também tem as portas dos fundos em seus jogos...

- Não há portas dos fundos nos jogos dele. - O analista do FBI observou os rostos na sala. - Isso é fato.

O chefe da NSA manteve os olhos em Philips.

- Sua análise do tráfego na internet foi interessante, doutora, mas, se tem alguma evidência ligando o Daemon de Sobol ao Daemon que ataca os sites de A/P, onde estão elas?

- Nos mapas dos jogos de Sobol.

- Esteganografia? Você não explorou isso no ano passado?

- Brevemente, antes de Sebeck ser preso. Mas não podemos nos esquecer de que Sobol era um homem extraordinariamente inteligente. Ele era capaz de visualizar múltiplas coordenadas ao mesmo tempo.

- Esse foi um jeito polissilábico de dizer que ele era muito criativo? Um analista criptográfico sênior tirou os óculos e começou a limpá-los.

- Sem querer ofender, doutora Philips, mas se os jogos de Sobol tivessem conteúdo esteganográfico, você deveria detectá-los facilmente traçando a magnitude de uma transformada rápida de Fourier de duas dimensões do fluxo de bits. Isso mostraria indicadores de descontinuidades que tivessem taxa acima de dez por cento.

Philips lançou um não sorriso na direção dele.

- Obrigado, doutor. Se eu não tivesse passado os últimos seis anos expandindo as fronteiras da sua disciplina, tenho certeza de que acharia sua colocação inestimável.

O chefe de divisão limpou a garganta.

- Mas o ponto levantado ainda é válido, doutora. Como Sobol escondeu uma porta dos fundos em um programa utilizando esteganografia, com tudo que existe? Isso não esconde apenas dados? Não se pode executar um código esteganográfico.

O analista do FBI não se conteve.

- Mesmo que ele estivesse armazenando dados nos arquivos de arte, ainda precisaria de um código para extrair os elementos criptografados, e assim teríamos encontrado as rotinas de extração na fonte.

Philips se virou bruscamente para ele.

- Sim, mas a porta dos fundos não está no código. Está no programa, mas não no código.

O público parecia confuso.

O chefe de divisão deu de ombros.

- Agora fiquei perdido, doutora.

O analista criptográfico sênior ofereceu uma ajuda.

- Você quer dizer que está na relação das coisas dentro do programa?

— Ah, agora você está começando a ver as coisas. O chefe de divisão disse:

— O que a fez voltar à esteganografia? Foram os ataques DDOS aos sites A/P?

— Não. — Ela fez uma pausa. — Jon Ross me fez voltar a isso. — Ela se virou para olhar para todos. — Nas últimas semanas, tenho trocado e-mails com o homem conhecido como Jon Ross.

O impacto da revelação deixou o público atordoado por um momento. Depois houve um movimento frenético, com as pastas da apresentação, antes intocadas, agora sendo abertas e folheadas rapidamente.

— Por que não fomos informados disso? O chefe da NSA interveio:

— O Painel Consultivo foi informado.

— Você tem alguma evidência de que esses e-mails são autênticos? Philips estava calma.

— O primeiro e-mail fez referência a uma conversa que nós dois tivemos no funeral de Sobol.

O analista do FBI assentiu devagar com a cabeça.

— E é claro que ele.se diz inocente e afirma que o Daemon existe mesmo.

— Ele está fazendo mais que isso. Está perseguindo o Daemon e implorando que façamos o mesmo. O que nos leva, novamente, à porta dos fundos do programa de Sobol. Porque foi Jon Ross que me ajudou a encontrá-la.

— Isso é bem conveniente para ele.

— Também achei, por isso pedi um encontro cara a cara.

O chefe da NSA acenou com a cabeça, parecendo já saber de tudo. O analista do FBI pareceu surpreso.

— E ele concordou?

— Depois de resistir um pouco - Philips acenou com a cabeça para o fundo da sala e as luzes diminuíram de novo.

A tela foi preenchida por um ambiente em 3-D. Era uma rua estreita com aparência de medieval, com casas inclinadas em construções irregulares. Poucos ali reconheceram o lugar, pois a maioria não tinha tempo ou vontade de jogar games on-line. Um título em fonte Arial apareceu rapidamente, sobrepondo-se à imagem:

Sessão n. 489: Elianburg, ducado de Prendall

Philips explicou:

— O que estão vendo é O Portal, o jogo de Sobol, que é um game de RPG on-line, o que quer dizer que dezenas de milhares de usuários acessam os mapas de servidores centrais. O jogo cobre uma grande área do espaço virtual.

Jon Ross requisitou um encontro neste exato local, a esquina de Queensland Boulevard com Hovarth Alley, em Elianburg.

— Um encontro em um jogo on-line?

— Isso. Mas, como é difícil prender um avatar, decidi usar o Modo Deus.

— Que quer dizer...?

— Que eu trapaceei. Requisitei a ajuda dos administradores de sistemas da CyberStorm e coloquei aquele cruzamento sob vigilância com câmeras virtuais.

— Você armou uma vigília policial no mundo da fantasia? Risos se espalharam pela sala.

Philips assentiu com a cabeça.

— Mais ou menos isso. O objetivo era monitorar todos os personagens que entrassem na área requisitada para o encontro. E era um local movimentado, no meio de uma feira na qual os jogadores compram equipamentos, e eu queria ficar o máximo de tempo possível para poder rastrear Ross.

Um dos militares uniformizados falou:

— Como rastrear uma chamada telefônica?

— Sim, é algo similar. Cada jogador tem um nome que aparece na tela acima de sua cabeça e que deve ser único para aquele grupo de servidores. Escrevemos um script que escaneava nomes de jogadores suspeitos nos servidores. Ele colhia, automaticamente, possíveis suspeitos e rastreava o ponto de origem da conexão para investigação. Também estabelecemos um sistema manual onde podíamos selecionar qualquer nome de jogador e os técnicos da CyberStorm checariam a origem do endereço de IP dele.

— Por que se preocupar com o endereço de IP? A CyberStorm não tem um arquivo com as informações de todos os jogadores pagantes?

— Sim, mas o mais provável era que Ross roubasse ou pegasse uma conta emprestada. Usando o endereço de IP dele para localizar seu provedor de internet e depois entrando em contato com esse provedor e conseguindo um endereço físico de conexão, tínhamos maior probabilidade de encontrá-lo. — Ela olhou em torno da sala para dar ênfase. — Espalhamos equipes aéreas em várias cidades americanas em nossa preparação para o encontro, na esperança de que Ross estivesse escondido em uma grande área metropolitana.

O especialista do FBI não resistiu.

— Imagino que, pelo fato de Ross ainda estar foragido, todo esse plano não tenha sido bem-sucedido.

Uma voz na escuridão disse:

— Podemos continuar, por favor? Philips assentiu.

A tela ganhou vida. Animações em 3-D de pessoas se moviam pela cena. Era impressionante como os movimentos eram realistas, embora apenas metade deles tivesse nomes brilhando acima da cabeça.

— Os personagens se movendo sem nome são os PNJ, personagens não jogadores, e são controlados pelo computador. Apenas jogadores humanos têm nomes.

A perspectiva na tela mudou. Agora aparecia uma cena em primeira pessoa do personagem de Philips se movendo pela multidão.

- Conduzimos esta sessão do jogo do nosso escritório, em Crypto. O jogo permite que jogadores com VOIP possam falar diretamente com outros jogadores próximos em um canal de som. Ross requisitou que fizéssemos isso. Estou controlando o personagem na tela, e é a minha voz que ouvirão conversando com ele. Tenho um botão de SILENCIOSO no meu fone, por isso também me ouvirão dando instruções à minha equipe. Ross não me disse qual era o nome de seu personagem, mas falou que eu seria capaz de identificá-lo no meio da multidão. Foi por isso que colocamos o script de rastreamento no lugar. Mas Ross pegou uma página do manual de Sobol.

A cena na tela mudava conforme o personagem de Philips virava de um lado para o outro, checando os vendedores na feira. Então se moveu para perto de uma mulher Núbia em 3-D, com um espartilho preto de couro e um belo decote. Algo parecido com uma calcinha francesa de aço embrulhava seus quadris bem torneados. Era uma garota da capa hentai. Quando a imagem foi se aproximando, ela se virou, revelando uma inconfundível imagem computadorizada do rosto de Philips.

O público se divertiu com aquilo.

Philips ignorou.

Na tela, o nome brilhante sobre o avatar da Núbia era Cifra. A voz gravada de Philips surgiu nos alto-falantes.

Philips: Consigam para mim o IP do personagem Cifra. Escreve-se c-i-f-r-a.

Técnico da NSA: Entendido, doutora. Procurando o provedor...

A perspectiva da tela se moveu diretamente para Cifra e então parou. A guerreira seminua olhou para a tela. Uma voz masculina surgiu nos alto-falantes.

Ross: Boa noite, doutora.

Philips: Senhor Ross. Parece que não consegue resistir a roubar uma identidade. Como fez para carregar a minha imagem neste jogo?

Ross: Não carreguei nada. Os jogadores podem editar a geometria dos seus avatares. Esculpi este para se parecer com você.

Philips: Não percebi que tinha estudado a minha aparência tão de perto.

Ross: Como poderia me esquecer de você? Além disso, sabia que tentaria identificar minha conta antes deste encontro, mas suas ferramentas forenses au-tômatas não sabem como é a sua aparência, doutora. Sua aparência física é uma criptografia gráfica que apenas a mente humana é qualificada para decodificar.

Philips: Isso não faz com que seja menos perturbador conversar comigo mesma vestida como uma modelo transexual.

Ross: Eu tenho o mesmo desconforto por ser visto com você.

Philips: Como assim?

Ross: Bom, você tem a aparência básica de um guerreiro genérico, e ninguém mantém a aparência básica. Você é o equivalente a um agente federal do mundo da fantasia. Reconheci você de longe.

Philips: Por que me chamou aqui, Jon?

Ross: Para provar que sou inocente.

Philips: E como planeja fazer isso?

Ross: Mostrando a você uma das portas dos fundos deste jogo.

Philips: Já olhamos cada linha do código-fonte, Jon. Não há nenhuma porta dos fundos.

Ross: Aqui não há nenhuma, é verdade.

A guerreira de Ross gesticulou dramaticamente, como se fizesse um feitiço. Um momento depois, um portal mágico apareceu na rua. Um personagem que caminhava por ali tentou entrar nele, mas bateu e voltou. Depois de tentar algumas vezes, cansou-se e desistiu.

Philips: O que é isto?

Ross: Um portal Tipo II. Só permitirá a entrada de pessoas escolhidas por mim, e acabei de digitar o nome do seu personagem.

O que quer dizer FANX, falando nisso?

Philips: Vou deixar que você descubra sozinho.

Ross: Entre no portal, por favor.

Técnico: Conseguimos um endereço físico, doutora, mas é em Helsingborg, na Suécia.

Philips: [MODO SILENCIOSO] Notifique as autoridades locais e a Interpol. [SILENCIOSO DESLIGADO] Onde isso vai dar?

Ross: E isso interessa? Olha, espero que os esforços para rastrear minha localização física não estejam distraindo você. Estou rodando várias camadas de proxy, doutora Philips. Quando conseguirem rastrear todas elas, já terei ido embora há muito tempo. Preste atenção, por favor. Isso é importante.

Philips: Jon, eu não...

Ross: Tudo bem, doutora, é o seu trabalho. Apenas passe pelo portal, por favor. A perspectiva na tela mudou quando Philips moveu seu personagem pelo portal. I ,ja um vórtice giratório de linhas azuis, e subitamente a visão se alterou para um túnel escuro de alvenaria, com água preta no chão, com cerca de sessenta centímetros de profundidade. A área era iluminada pelas luzes giratórias de um portal mágico próximo. Ratos corriam pelas paredes, e a superfície da água refletia as luzes brilhantes.

Alguém na escuridão da sala disse:

— Belo algoritmo...

O chefe da NSA virou a cabeça:

- Shhh!

Na tela, a princesa guerreira hentai de Ross andou pela água e parou em frente ao personagem de Philips. Philips: Que lugar é este?

Ross: E um esgoto embaixo do Templo do distrito. Não é acessível sem um portal mágico.

Philips: O que você queria me mostrar, Jon?

Ross: Olhe diretamente para a frente. O que está vendo? Talvez tenha de se mover de um lado para o outro, para notar.

A visão na tela se modificou quando ela olhou exatamente adiante. Ali, na semiescuridão da parede coberta de musgo, estava

a silhueta de uma porta de bronze oxidada, praticamente da mesma cor das pedras que a cercavam.

Philips: Uma porta.

Ross: Não é qualquer porta. É uma porta dos fundos. Philips: E literalmente uma porta?

Ross: Você esperava o trecho de um código? Talvez algo que aceitasse conexões anônimas em certa porta e que carregasse ações no computador do usuário com seus privilégios? Mas você não achou essas coisas. E não achou porque não deveria estar procurando uma porta dos fundos de ENTRADA. Precisava procurar uma porta dos fundos de SAÍDA.

Philips: Mas como isso permitiria a Sobol controlar a máquina do usuário?

Ross: Ele não está tentando controlar as máquinas dos usuários.

Philips: Está me dizendo que ele está tentando controlar o usuário?

Ross: Por que não entra no portal e descobre?

Philips: Espere um pouco. Deveríamos ter visto isso no código.

Ross: Por quê? Você estava procurando pelo desenho de uma porta que, quando é usada como um objeto no ambiente do jogo, carrega um mapa do jogo? Sabe quantas vezes essa função inócua pode aparecer em um código-fonte? O código é benigno, o mapa que ele carrega é que não é, pois não está nos servidores da CyberStorm, e aposto que você não procurou nada mais além dos endereços de IP dos links dos mapas.

Philips: [Um suspiro de ódio] Quer dizer que ele está usando um redirecionamento?

Ross: Vai aparecer uma coisa local no banco de dados do mapa, mas, quando você tenta carregá-lo, ele redireciona para um endereço de IP externo, o que loga o usuário para fora do jogo atual e estabelece uma nova conexão em um servidor alienígena. Resumindo: este portal leva a uma darknet.

Philips: Uma darknet. Uma rede virtual criptografada.

Ross: Exatamente. Embora essa seja uma darknet gráfica.

Philips: Como sabe de tudo isso?

Ross: Como falei, passe pelo portal. Mas tenho que sair agora. Seus colegas são muito habilidosos e, provavelmente, já acharam o meu zumbi na Suécia, talvez até o zumbi da Alemanha, e eu realmente tenho que ir. Por favor, lembre-se de que sou inocente, Natalie, se me permite chamá-la de Natalie. Adoraria contar toda a história para você em um jantar um dia desses.

Philips: Não saio com contraventores, Jon, especialmente os que se vestem de mulher.

Ross: Até a próxima, doutora.

E depois daquilo o avatar de Ross desapareceu, junto de seu portal mágico, deixando Philips em uma relativa escuridão. Havia apenas um brilho fraco emanando da porta.

Técnico: Ele está off-line, doutora. Philips: Ainda estamos gravando? Técnico: Afirmativo.

Na tela, Philips se aproximou da porta e a ativou. Ela rangeu e abriu, com o barulho ecoando pelo túnel de esgoto. Teias de aranha se esticaram. Uma caixa de diálogo apareceu na tela: Carregando mapa...

Técnico: A conexão com o servidor da CyberStorm foi cortada. Estamos estabelecendo contato com um endereço de IP conectado a um domínio na... Coreia do Sul.

Philips: O roteamento de dados está mesmo sendo feito lá? Técnico: Um momento.

Philips: Consiga a informação da posição o mais rápido possível.

Minutos depois, o mapa estava carregado. O personagem de Philips se moveu por uma sala medieval com uma galeria de cada lado e flâmulas penduradas exibindo símbolos heráldicos. Perto da parede, bem à frente, havia a estátua de um homem assustadoramente parecido com Sobol, vestindo uma túnica, com as mãos estendidas. Água virtual brilhava como uma fonte enquanto caía dos olhos dele e escorria pelas bochechas. Manchas minerais marcavam o caminho. Uma fonte perpétua de lágrimas.

Havia uma figura vestida de preto diante da estátua, como um sentinela bloqueando a passagem. Seu rosto estava escondido pelas sombras.

Técnico: Estão nos examinando, doutora. Eu não falsifiquei nosso endereço de IP.

Philips: Tudo bem, Chris. Não pedi para você fazer isso mesmo. A figura encapuzada ficou alerta de repente e então levantou um dedo e apontou para ela.

Guardião: Você não pertence a este lugar!

Um raio saiu daquele dedo e foi na direção dela, e a tela azul da Morte preencheu a visão deles.

Então tudo ficou preto.

Técnico: Perdemos toda a conexão. Caímos, caímos!

Capítulo 29: // Memória

Peter Sebeck olhava para um buracinho na parede de concreto de sua cela. Era apenas uma imperfeição em uma mesmice contínua. E era o seu segredo, um lugar onde podia concentrar sua mente enquanto o mundo girava em torno dele.

Podia ser noite lá fora, mas nunca era escuro ali. E não havia nada nem para marcar a passagem do tempo, e, se tivesse, eles apagariam. Ele era vigiado constantemente. Havia um dispositivo de luz fluorescente zumbindo por sobre sua cabeça. Câmeras de segurança nos dois cantos do teto gravavam todos os seus movimentos. Um microfone gravava cada fala. Ele estava só, mas nunca sozinho. Como era um prisioneiro importante, nenhuma economia tinha sido feita para que fosse monitorado 24 horas por dia; tentavam evitar que ele se machucasse antes que o governo pudesse fazer justiça.

Enquanto observava a parede, as memórias de Sebeck ainda eram nevrálgicas. Cada volta de sua mente o fazia estremecer.

Valia a pena perder tudo por ela. Era o que costumava dizer a si mesmo a respeito de Cheryl Lanthrop. Ela era linda, mas era mais do que isso. O que aquilo dizia sobre ele? Que era um homem capaz de atrair uma pessoa confiante e de sucesso. Por que ele pensou que ela o queria? Que parte dele alimentou aquelas fantasias? Essa era a triste verdade daquela coisa toda. Ele estava pronto para ser programado. Pronto para esquecer a descrença e viver aquela vida. Não queria saber a verdade, nem sobre ela e muito menos sobre ele mesmo.

Falaram que Lanthrop estava morta. Se ela tivesse confiado nele, talvez ele tivesse feito a coisa certa. Para sua vergonha, ele não tinha certeza.

O julgamento tinha sido um circo midiático superapressado. Ele ficou chocado ao ver o quanto eram incriminatórias as evidências contra ele. Pensando depois, ele sentiu que devia ter sido óbvio que

estavam armando contra ele, com Lanthrop exigindo segredo. E também havia as coisas das quais ele não tinha a menor ideia e pelas quais o crucificaram. Os arquivos em seu computador. Listas e documentos corporativos, todos picados digitalmente, mas não completamente. Um passaporte com o nome fictício de Michael

Corvus. Viagens daquele nome fictício criando contas de banco e empresas no exterior. Compras de cartão de crédito e postos em empresas. Pagamentos no exterior e dados sobre ligações telefônicas para Pavlos e Singh. Contas de e-mail detalhando uma conveniente e ótima conspiração para a imprensa.

Todos acreditaram que Sebeck era o responsável pelas mortes de todas aquelas pessoas, incluindo a de Aaron Larson. Ele se lembrava das várias vezes em que Larson lhe pediu conselhos. Sebeck recusava o papel de mentor. Ser a figura paterna de alguém era a última coisa que ele queria.

Sebeck mal podia culpar o público por odiá-lo. As evidências eram muitas e profundas. E a prova contundente era que Sebeck tinha mesmo um caso com Cheryl Lanthrop. O que eles tiveram parecia apenas excêntrico e estranho na época, mas, quando foi combinado com as evidências contra ele, aquilo revelou uma pessoa bem diferente da imagem pública do detetive e sargento Peter Sebeck, policial condecorado e homem dedicado à família. Tão diferente que ele mesmo começou a se questionar.

Mas sua esposa, Laura, o surpreendeu. Achou que ela ficaria feliz por se livrar dele.

Estranho. Depois de tanto tempo, ele não se lembrava se ela o forçara a se casar ou se ele tinha se oferecido para fazer a coisa certa. Não lhe havia ocorrido, naquela época, que ela pudesse não querer se casar com ele. A gravidez foi algo que aconteceu entre eles dois, pelo menos em sua cabeça. Talvez ela tivesse se casado com ele porque também pensou que era a coisa certa a fazer.

Após sua prisão, quando todos o abandonaram, ela se manteve ao seu lado. A imprensa a retratou como uma trouxa ingênua, mas ela o conhecia. Lágrimas encheram os olhos de Sebeck quando se lembrou disso. Ela sabia que ele não poderia ter feito aquelas

coisas, mesmo quando ele duvidou de si mesmo. Ela o manteve são, ou pelo menos o mais próximo possível da sanidade.

Eles eram apenas duas pessoas que tinham se perdido cedo na vida.

Chris, o filho deles, foi visitar Sebeck apenas uma vez e olhou para o chão quase o tempo todo. E, quando levantou a cabeça, havia um olhar de maldade atrás dos óculos que doeu em Sebeck muito mais do que qualquer coisa que o promotor poderia dizer. E ainda doía.

Sebeck se encolheu em seu colchão sentindo uma dor tão grande que desejou que tudo acabasse logo. Não havia como resolver aquilo, mesmo que fossem encontradas provas de sua inocência. O nome dele tinha sido jogado e afundado demais na lama. Algumas manchas permaneceriam para sempre. Sempre restaria alguma dúvida nas mentes das pessoas em torno dele. A morte seria bem-vinda, não fosse o fato de a maioria das pessoas importantes para ele o considerarem mau. Sua morte seria vista como justiça. Ele ficava agradecido por seus pais não estarem vivos para ver aquilo.

Mas seu maior desespero era saber que ninguém acreditava que o Daemon existia. Desde o começo, ficou claro que a promotoria e a defesa não iriam discutir sobre o Daemon, mas, sim, se Sebeck estava envolvido na conspiração para fraudar as propriedades de Sobol e matar policiais federais. O juiz se recusou a ouvir testemunhos sobre o Daemon, em grande parte por não haver evidências de que ele existia. Mas ele tinha que existir. Sebeck estava convencido disso.

Eles estavam apelando a uma corte federal com base em sua convicção, mas seu advogado não tinha muita esperança. O governo estava, claramente, fazendo de Sebeck um exemplo. O julgamento dele tinha sido acelerado por causa da indignação do público, e, sem novas evidências, era muito pequena a chance de que seu veredito fosse mudado na apelação.

Sebeck tentou se lembrar de um tempo em que tivesse sido feliz de verdade. Teve que voltar até a época do colegial, quando estava sentado no telhado do vizinho com seus amigos. Era a noite

anterior ao dia em que ele descobrira que Laura estava grávida. Mas aquilo era verdade? Agora, a ideia de ir para casa e ver Laura e Chris rindo na mesa do jantar parecia um tesouro de memória. Os risos paravam quando ele chegava, mas não por culpa deles. Era sua culpa. Ele tinha se distanciado deles de propósito. Sem esse desastre, será que Sebeck perceberia o que tinha?

Sua mente se voltou para o que A Voz no telefone disse no funeral de Sobol. Especialistas provaram que não era Sobol, mas Sebeck entendeu que esse era o objetivo. Tinha que não ser Sobol, e provavelmente não era. Mesmo assim, A Voz o alertou do que estava por vir.

Preciso destruir você.

Ele contemplou aquilo de forma vazia, sem nenhuma esperança ou propósito.

Mas A Voz tinha dito outra coisa. Sebeck fez força para se lembrar daquilo, enterrado sob meses de testemunhos, pré-julgamento, interrogatórios e evidências pesadas contra ele. Mas então se lembrou.

Eles vão querer um sacrifício, sargento.

E eles tiveram um. Sebeck se sentou e olhou para o nada, esforçando-se para se lembrar das palavras exatas da Voz. Antes de morrer... invoque o Daemon.

Em algum lugar, havia uma fita de vigilância que mostrava Sebeck concordando, silenciosamente, com a cabeça, consigo mesmo, na mesmice de sua cela vazia. É que agora ele entendia o que tinha de fazer.

Capítulo 30: // Oferenda

Uma van branca levantou uma nuvem de poeira ao se aproximar, à distância, oscilando como um fantasma no calor do verão. Dos dois lados da estrada de terra, pastos californianos marrons e secos se estendiam até morros estéreis ao sul de San Joaquin Valley. Cada dobra e cada sulco da terra estavam sombreados pelo sol da tarde, como as rugas de um rosto gasto pelo tempo. A topografia era nua e totalmente selvagem. Sessenta e cinco quilômetros de nada se estendendo até o horizonte, extremamente bonito para qualquer um com um carro confiável.

A van andava por aquela paisagem colossal em direção a um anel de asfalto situado no fundo de um cânion esquecido. O veículo diminuiu a velocidade quando chegou ao asfalto e então fez uma curva, revelando o uai ler de carga que trazia acoplado. Um Lincoln preto Town Car estava no reboque.

A van parou e, um momento depois, suas portas se abriram, expelindo Kurt Voelker do banco do passageiro. Ele se espreguiçou avidamente. Tingit Khan e Rob McCrunder saíram do banco de trás do veículo e fizeram o mesmo. Todos tinham vinte e poucos anos, mas, enquanto Voelker parecia vestido para um encontro de jovens cristãos, com uma calça caqui e camisa de botão, Khan e McCrunder tinham piercings, tatuagens e cabelos curtos que um dia foram indicativos de jovens-problema, mas que agora significavam apenas que ainda não tinham participado de nenhuma entrevista.

Voelker checou seu GPS, depois olhou para os companheiros.

- Estamos na caixa.

- Já era hora, porra — Khan levantou a mão para fazer sombra no rosto. Seus olhos examinaram o terreno. - O que é isso? Uma pista de corrida?

- É pequena demais pra ser uma pista de corrida. Voelker falou do outro lado da van.

- Acho que é uma pista de testes.

- Não é cercada nem nada assim - Khan levantou a outra mão para bloquear o sol. — O que vocês acham? Está fazendo uns 40 graus?

McCrunder olhou seu relógio.

- Quarenta e dois graus.

— Você tem um termômetro no relógio?

- Tenho, e daí?

Khan olhou para Voelker do outro lado através das janelas da van.

- Kurt. Rob tem um termômetro no relógio.

- E daí?

- Bom, chega a um ponto em que as coisas que você põe no relógio se tornam mais importantes do que o próprio relógio. Eu diria que ele está usando um termômetro que também é relógio.

McCrunder fez uma careta. Já era um veterano nos comentários de Khan.

— Vá para o inferno.

— Para que você precisa saber a temperatura exata de onde está? Não é como se você fosse informar a previsão do tempo. Já é tarde demais, você já está aqui, droga.

Voelker levantou a mão.

— Khan, tire os equipamentos da van. Vou soltar o carro.

Khan e McCrunder começaram a tirar malas pesadas da van. McCrunder sacudiu sua cabeça tristemente.

— E foi você quem perguntou o quanto estava quente.

Quinze minutos depois, Voelker estendia a antena de um controle remoto. Khan e McCrunder estavam sentados nas malas de metal vazias em frente a uma mesa de armar próxima. Ela estava cheia de cabos, antenas amplificadoras e dois laptops protegidos por sombras, bloqueando suas telas do sol. Uma antena parabólica de meio metro, apontada para o céu, encontrava-se em um tripé na grama próxima.

Voelker olhou para McCrunder, que examinava a tela de LCD de seu lap-top. Então, finalmente, assentiu com a cabeça.

- Quando quiser, Kurt.

Voelker apontou o controle diretamente para o Lincoln no suporte. O carro era igual à enorme frota de Town Cars pretos com vidros escuros que circulava pelas ruas do centro, perto dos aeroportos das grandes metrópoles, e tinha um número de TCP em seu para-choque e a placa LIVRY47. Voelker apertou o botão do controle remoto e o motor V8 do carro ligou. Ele empurrou a alavanca para que o câmbio automático fosse acionado e então começou a dar ré devagar para que o carro descesse do suporte.

- Aposto que ele vai cair — McCruder brincou.

— É melhor você torcer para que ele não caia. Voelker nem olhou para eles.

— Galera, estou trabalhando aqui. Que tal calarem a boca por dois segundos?

Em poucos momentos, ele tinha posicionado o carro na estrada de terra, então mudou a marcha para que ele andasse para a frente e foi devagar até a pequena pista oval de asfalto. O circuito devia ter uns setenta metros de raio. Uma coisa realmente estranha, não dava para correr de verdade ali. E era en-trecruzado por sulcos misteriosos em ângulos estranhos.

— Está bom? — Voelker perguntou aos companheiros. Eles deram de ombros. Khan tirou um pirulito da boca.

— Como é que nós vamos saber? Estamos na caixa. Pare onde quiser. Voelker desligou o motor e baixou a antena do controle remoto.

— Alguma coisa?

Os dois homens fizeram que não com a cabeça. Ele andou até os dois.

— Acho que só podemos esperar.

O sol do fim de tarde estava afundando atrás das montanhas. Eles estavam esperando e suando havia umas duas horas naquele calor brutal, ouvindo o vento balançar um sino pendurado na beira do telhado de um barracão próximo. O som dele era raro.

Khan secou o rosto com a parte da frente de sua camiseta preta.

— Maldição, mas que calor africano.

McCruder virou uma lata de refrigerante na boca, mas ela estava vazia.

— Achei que vocês indianos gostassem deste clima, Khan.

— Vá para o inferno. Cresci em Portland, seu babaca. Voelker limpou o suor salgado dos olhos e piscou com o ardor.

— Cara, juro que vou bater em vocês com a chave de fenda se não pararem de reclamar.

Então eles ouviram um barulho do laptop mais próximo e pararam para prestar atenção.

Khan se inclinou por cima do ombro de McCrunder para ver a tela. McCrunder olhou para Voelker.

— Está aqui.

Os três se viraram com expectativa para o asfalto.

De repente, o motor do carro rugiu ligado, acelerando várias vezes. As rodas viraram para a direita e para a esquerda. Todos eles assistiam paralisados. Khan sorriu.

— Está vivo! Hahahahaha!

Então o motor rugiu, os pneus cantaram e ele acelerou loucamente pela pista de asfalto.

— Jesus! - Voelker se virou para os outros dois. - O que ele está fazendo?

— Não sei, mas olha como ele anda cara.

O Lincoln andava de um lado para o outro, e então apertou os freios e derrapou até parar. Depois andou de novo e deu uma enorme derrapada de lado, girando bastante sua traseira. Acelerou novamente pela reta e girou a direção, fazendo uma meia-volta e parando de frente para o lugar de onde tinha vindo, ainda acelerando e voltando a andar em seguida.

McCrunder sorriu.

— Ele está testando as propriedades do carro.

Khan e Voelker se inclinaram perto dele para ouvir, enquanto assistiam aos malabarismos e às demonstrações de perícia na direção. McCrunder falou mais alto.

— Está confirmando as especificações. Distância de frenagem, raio de curvas, todas essas coisas. Quer ter certeza de que seguimos as instruções.

Voelker apontou um dedo para McCrunder.

— É bom que as especificações estejam à altura.

Sem se virar, McCruder estendeu seu punho fechado e depois ergueu o dedo médio, como se um guincho o estivesse levantando.

Então, o carro parou com suas manobras acrobáticas e ficou imóvel. Uma fumaça de borracha e óleo ainda subia da pista.

Os três homens ficaram olhando. Ele estava a meio campo de futebol deles.

A voz de Bullwinkle, o alce do desenho animado, surgiu nos altofalantes do laptop de McCruder:

— Dãããã, você recebeu um e-mail. McCruder checou.

Enquanto isso, Khan olhou para a tela de seu laptop, depois falou para Voelker:

— Não temos mais conexão com o carro, Kurt. Ele mudou os códigos de acesso.

Voelker nem piscou.

— Fazia parte das instruções, Khan.

McCruder levantou a cabeça e olhou para os companheiros.

— Deixem eu confirmar uma coisa. - Após digitar freneticamente, ele sorriu e se virou novamente para eles. — Cinquenta e seis mil dólares foram depositados na conta da empresa, e temos um pedido de mais seis AutoM8. O Daemon ficou satisfeito com nossa oferta.

Eles se levantaram e comemoraram.

- Quanto vai dar no total? — Khan estava imaginando. Voelker pensou um pouco.

- Trezentos mil e uns quebrados. - Ele olhou para McCruder. - Aí diz de onde virão os carros?

McCruder fez que não com a cabeça.

- Não interessa. Leasing corporativo, provavelmente. Não é problema nosso. E parece que o Haas já baixou mais planos também.

- Excelente. - Voelker sorriu para os dois. - Parabéns, cavalheiros.

De repente, o carro rugiu novamente, queimando borracha ao partir. Eles se viraram. Estava acelerando na direção deles.

- Ele vai nos atropelar.

Os três correram para a van, mas o Lincoln passou pela mesa deles rumo à estrada de terra e continuou a acelerar e a seguir em frente.

Eles recuperaram o fôlego enquanto assistiam a ele desaparecendo, à distância.

Khan se virou para eles.

- Devíamos segui-lo. Tipo... até o esconderijo dele. McCrunder apertou seus olhos.

- Você ficou louco?

Voelker concordou com a cabeça.

- Ele tem razão. Nós o soltamos na natureza. Eram essas as instruções. Segui-lo seria apenas um ótimo modo de sermos mortos.

Khan observou a nuvem de poeira seguindo em frente nas montanhas ao longe. - Acha que somos os únicos que estão fazendo isso?

Voelker também assistia àquilo, protegendo os olhos do sol.

- Se o número de engenheiros elétricos desempregados for uma indicação, eu diria que não.

Capítulo 31:// A Hipótese da Rainha Vermelha*

Garrett Lindhurst marchou, decididamente, em direção ao escritório de quina no quinquagésimo primeiro andar da sede mundial do Grupo de Capital Leland. Ele apertava uma revista enrolada em sua mão e parecia, visivelmente, preocupado. E preocupado com os sistemas.

Como chefe da informação, Lindhurst era o responsável pelos sistemas que eram o sangue do Grupo de Capital Leland: dados financeiros em tempo real. Os dados eram enviados para cada canto da organização e para todos os clientes. Cada conta e cada dólar de todos os ramos do escritório passavam pelas redes e pelos sistemas de dados de Lindhurst. Todos os e-mails passavam por seus servidores. Tinha trinta vice-presidentes regionais que se reportavam diretamente a ele e supervisionava um império de quinhentos empregados em TI ao redor do mundo.

Mesmo assim, o Grupo de Capital Leland era uma dessas companhias multibilionárias que existem à margem do conhecimento público. Seu logotipo simples podia ser visto no céu de qualquer cidade grande da América do Norte, da Europa ou da Ásia, e, mesmo que a maioria das pessoas não tivesse idéia do que a empresa fazia, assumia que era algo importante.

A realidade era que, cuidando de 80 bilhões de dólares em ativos, as decisões tomadas pelos homens com MBA da Leland interferiam nas vidas de 200 milhões de pessoas do Terceiro Mundo.

* N.T.: É o nome de uma teoria evolutiva proposta, em 1973, por Leigh Van Valen para explicar situações na natureza em que duas espécies em competição evoluem de modo que a competição se mantém estável. Ele se baseou em uma frase do livro Alice através do espelho, de Lewis Carrol: "aqui neste país, Alice, você

precisa correr o máximo que puder para permanecer no mesmo lugar...".

Seguindo (mais ou menos) o modelo econômico darwiniano, a Leland identificava e quantificava oportunidades de desenvolvimento de recursos promissores nos cantos mais longínquos do mundo. Desde então, formaram parcerias privadas com líderes locais para mineração a céu aberto na Papua Nova Guiné, privatização de água no Equador, extração de mármore na China, perfuração de petróleo na Nigéria e construção de gasodutos em Myanmar. Em qualquer lugar onde existissem dirigentes locais públicos e/ou privados com abundância de recursos naturais, excesso de rivais e déficit de capital, a Leland estaria por lá. E enquanto esses projetos eram benéficos, em teoria, os maiores benefícios eram percebidos a milhares de quilômetros de distância de cada um daqueles lugares.

As ofertas de capital da Leland se baseavam em análises estatísticas tediosas para mascarar o fato de que seus negócios se apoiavam em escravizar trabalhadores estrangeiros e devastar suas terras. Claro que eles não faziam isso diretamente, mas eram eles que contratavam as pessoas que contratavam as outras pessoas que faziam aquilo.

A humanidade sempre negociou a opressão. Antes de os departamentos de marketing das empresas tomarem conta da coisa, ela era chamada de conquista. Agora era desenvolvimento regional. Os vikings e os mongóis também eram bons em pilhagens, mas a Leland tinha dispensado toda a parte tediosa das invasões, utilizando-se mais das técnicas dos romanos, contratando os locais para escravizarem a si mesmos com franquias.

Ver a gestão de fundos da Leland como imoral seria uma simplificação grosseira do mundo. E, afinal, o que poderia substituir o capitalismo? O comunismo? A teocracia? A maior parte do Terceiro Mundo já tinha vivido surtos de idealismo. Mas, no fim das contas, foram os comunistas que encheram o mundo de AK-47 baratas para que as massas pudessem se libertar. O único efeito que sobrou disso é que todos os muros entre o Cairo e as Filipinas têm pelo menos um buraco de bala. Mas nada mudou. E não mudou porque

esses sistemas de crenças alternativas sumiram por causa da natureza humana. Ou devido ao senso comum. Qualquer um que já tentou dividir uma pizza com colegas de quarto sabe que o comunismo jamais funcionaria. Se Lenin e Marx tivessem dividido um apartamento, talvez 100 milhões de vidas tivessem sido poupadas e, quem sabe, usadas para fazer algo produtivo, como costurar tênis ou fazer móveis.

Os banqueiros da Leland diziam aos clientes que eles não tinham desenhado aquele mundo, apenas tentavam viver nele. E, casualmente, as maravilhas do mundo moderno surgiam das cinzas dos conflitos e da competição, por isso estavam ajudando as pessoas no longo prazo. É só olhar para o Japão, pelo amor de Deus.

E enquanto o debate continuava, pontuado por negativas oficiais, a Leland fechava o ano com um lucro enorme.

Mas a lucratividade não era o que preocupava Garrett Lindhurst quando ele se aproximou do escritório do CEO.

Entre os executivos de nível C da Leland, apenas Lindhurst possuía laços familiares de décadas com a organização, mas, por outro lado, a rápida expansão dos sistemas de informática no mundo corporativo nos últimos anos havia ultrapassado a habilidade das famílias ricas tradicionais de produzirem talentos com experiência em tecnologia. Apesar de Lindhurst não ter escrito nenhum código desde que trabalhou com Fortran e Pascal, quando ainda estudava em Princeton, havia aprendido ao longo dos anos quanto um sistema deveria custar e o que deveria fazer.

Essencialmente, os sistemas de informática precisavam fazer uma destas duas coisas: ganhar dinheiro ou poupar dinheiro. Todo o resto eram apenas detalhes. Coisas simples. Essas tarefas Lindhurst delegava aos executivos sênior, que, por sua vez, delegavam-nas a outras pessoas... e assim por diante. Era apenas em momentos de desastre completo que Lindhurst se envolvia pessoalmente com os sistemas.

Hoje era um desses momentos.

Lindhurst apontou para as portas do escritório do CEO, que mais pareciam as portas de um templo, quando passou pela mesa da

secretária.

- Ele está aí?

- Vai para Moscou daqui a uma hora.

A secretária mal conseguiu registrar a presença dele. Tinha um rosto de pedra, cinquenta e poucos anos, e, estando há muitos anos a serviço do CEO, efetivamente possuía mais autoridade do que dois vice-presidentes juntos.

Mas Lindhurst tinha mais autoridade do que dez deles, por isso foi entrando por aquelas portas do templo.

- Garrett! - ela chamou.

Ele a ignorou e entrou no escritório cavernoso do CEO em um passo rápido.

O rosto bronzeado e mimado de Russell Vanowen Jr., CEO e presidente do Grupo de Capital Leland, olhou para ele, parando de ler uma carta. E olhou bravo.

- Droga, Garrett, marque uma hora.

Garrett ouviu as portas se fechando atrás dele e respirou fundo.

- Isso não pode esperar.

- Então use o telefone, pelo amor de Deus!

- Precisamos falar pessoalmente.

Vanowen olhou para ele como uma estátua olha para uma pomba. Tinha aquele visual obsessivamente arrumadinho das pessoas fabulosamente ricas, apesar de sua cabeça ser do tamanho de um parque e de cem jardineiros terem que tratar dela todas as manhãs. A mecha de cabelos brancos na parte de trás da cabeça dele era muito bem cuidada, como um campo de golfe. Os poros de sua pele eram impecáveis. Seu terno era perfeitamente costurado para fazer com que sua forma grande parecesse masculina e indicasse autoridade.

Claro que, por toda essa sua meticulosidade, ele não parecia calmo. Era sólido, intimidador, com uma presença que se projetava sem que ele precisasse falar; seus olhos verificavam uma sala como duas metralhadoras de calibre 50. E tinha uma autoridade quase mística nesse escritório, em seu banco de janelas altas com vista para o centro de Chicago e o lago Michigan ao fundo. Essa era uma

cadeira de poder fabulosa, com vista para o comprimento e a largura da Terra.

Lindhurst foi até a mesa de teca maciça que ainda estava a uns dez metros dele.

- Temos um grande problema, Russ.

Vanowen ainda estava com uma carta na mão, olhando através de seus óculos de leitura. Relutantemente, soltou a carta sobre sua mesa vazia e tirou os óculos.

- Quando diz "nós" imagino que esteja dizendo "você".

- Então olhou para o seu enorme relógio, levantando a manga para poder enxergá-lo. — Estou indo para o aeroporto em poucos minutos.

Não havia tempo para enrolação.

- Perdemos os privilégios de administrador de nossa rede. Aquilo não teve o impacto que Lindhurst esperava. Vanowen deu de ombros de leve e agora parecia muito irritado.

- E o que você quer que eu faça? Você é o CEO, comande seu pessoal para que consertem. Nossa, Garrett.

Lindhurst se sentou em uma das cadeiras de couro desconfortáveis, empurrando-a para bem perto da mesa. Ele se inclinou para ficar mais perto, ainda apertando a revista enrolada na mão.

- Escute-me, Russ: não temos nenhum controle sobre nossos bancos de dados.

- Minha resposta ainda é a mesma. Agora pode me deixar ler esta carta, por favor?

- ESTAMOS SENDO ATACADOS. Isso conseguiu a atenção de Vanowen.

- Atacados?

- Atacados. Todos os escritórios pelo mundo. Quando cheguei aqui, de manhã, recebi telefonemas de seis chefes de divisão me dizendo que não conseguiam se logar como *admin* em nossos servidores. Eles achavam que era um corte e que estavam sendo impedidos de se conectar de propósito.

- E estavam?

- Não por nós. Acontece que descobrimos que ninguém conseguia se logar como admin, nem mesmo aqui, na sede. Todos os sistemas foram reiniciados na noite passada. E, de alguma maneira, alguém assumiu o controle da nossa rede. Temos apenas acesso limitado a ela.

Agora Vanowen parecia muito nervoso e bateu com o punho na mesa. - Meu Deus, Lindhurst! E por que não fui avisado disso mais cedo? Nossos clientes devem estar pedindo sangue.

- Espere aí. Nossos sites estão no ar e conseguimos acessar os dados sem problemas. E nossos clientes também. Podemos até alterar dados, por isso ninguém de fora da Leland sabe de nada ainda.

Confuso e ficando cada vez mais nervoso, Vanowen gesticulou.

- Então qual é o problema?

- O problema é que não conseguimos fazer backup, restaurar ou mesmo mudar nossos servidores. E nem mesmo exportar os dados.

- Posso não entender muito dessas coisas, Lindhurst, mas sei que gastamos 30 milhões de dólares em sistemas de backup. E claro que você pode fazer uma cópia de backup e depois restaurá-la.

- Esse é o problema. Nossos equipamentos de backup SAN queimaram. Nossa replicação para fora daqui foi destruída. Nossos registros de operações foram falsificados. Não temos novos backups há quatro meses.

Vanowen apertou os olhos em direção a ele. — Como isso é possível? Gastei 47 milhões de dólares em TI apenas no ano passado. Deveríamos ter a segurança de rede mais moderna que o dinheiro pode comprar. Você me garantiu isso. E garantiu para o conselho. Foi para isso que o contratamos.

- Não acho que nossos sistemas tenham sido invadidos. Não por alguém de fora. Acho que foi coisa de alguém de dentro.

- Chame o FBI.

- Não podemos fazer isso.

- Não podemos o caramba!

- Entenda uma coisa, Russ; eles podem dar a descarga em nossa rede inteira com apenas uma tecla, e de qualquer lugar no mundo.

Esta companhia está pendurada por um fio.

A sala ficou em um silêncio mortal. Ainda o encarando, Vanowen disse com aquela voz calma que em geral precede a violência.

- Explique-me isso direito, Garrett.

- Ainda ficará muito pior.

- Pior? Como é possível ficar pior?

- Vou mostrar - Garrett fez um sinal com a mão para que Vanowen o seguisse.

O escritório era enorme, e o teto tinha o dobro da altura de um teto normal, e as janelas também. Vários jogos de sofás e cadeiras de couro estavam espalhados pela sala e havia uma enorme TV de plasma do outro lado, perto de uma mesa de reunião, e cadeiras em volta. O lugar tinha facilmente cerca de duzentos metros quadrados.

Vanowen se levantou relutantemente de sua mesa e seguiu Lindhurst até a TV. Ele já estava mexendo em um controle remoto que tinha encontrado ali perto.

Vanowen se sentou em uma cadeira da mesa de reunião.

— Vou fazer as pessoas por trás disso ficarem em uma prisão federal pelo resto da vida.

— Acho que isso não vai acontecer.

— O que quer dizer com isso?

— Você verá em um momento. — Lindhurst fez um gesto para a TV. — Você já usou este sistema de vídeo conferência? Ele custou 70 mil dólares.

— Mas que droga, Lindhurst...

— Certo, bom, o sistema está conectado à nossa rede corporativa. Coloquei uma coisa nela que eu quero que você veja.

— Lindhurst usou o controle remoto para navegar pela página da intranet que estava na tela. - Havia um e-mail na minha caixa de entrada esta manhã. E era do administrador do sistema. O novo administrador. E a mensagem trazia um hyperlink, que copiei para a rede. — Ele navegou para outra página e clicou no hyperlink. — É isso que eu quero que você veja...

Vanowen olhou impacientemente para a tela.

A tevê de plasma de setenta polegadas ficou com a tela preta e, depois de alguns momentos, um efeito sonoro de *whoosshhh* acompanhou um logotipo rodando que apareceu no centro da tela. Era um emblema estilizado com as palavras Indústrias Daemon LLC.

Uma voz de locutora profissional surgiu junto com uma música corporativa. Era como aqueles infomerciais ou um vídeo de marketing de uma rede. A voz dela era animada.

— Bem-vindos ao conjunto de companhias das Indústrias Daemon. Em apenas um minuto, ouvirá sobre as incríveis oportunidades disponíveis para você nesta organização de crescimento global rápido. Uma organização da qual a sua companhia agora faz parte. Mas, primeiro, uma palavra do nosso fundador.

Vanowen fez uma careta.

— Lindhurst...

— Shh! — ele apontou.

A tela escureceu e mostrou um homem com trinta e poucos anos, sentado em uma cadeira perto de uma lareira. A alegre música corporativa continuava no fundo. Uma legenda apareceu na parte de baixo da tela.

Matthew A. Sobol, Ph.D.

Presidente e C.HO das Indústrias Daemon LLC

Sobol fez um aceno de cabeça como cumprimento.

Lindhurst apertou o PAUSE e Sobol congelou no meio do movimento.

- É ele.

- Ele quem? — Vanowen forçou os olhos para ler as letras na tela e depois se virou para Lindhurst. - Nunca ouvi falar. Foi ele quem invadiu nossa rede?

- Foi.

- Chame o FBI.

- Não nos ajudará em nada, Russ. Matthew Sobol está morto - Lindhurst entregou a revista enrolada a Vanowen.

Ele deu uma olhada naquilo e, com relutância, pegou-a, desenrolou e colocou no braço da cadeira para poder enxergar a

capa com sua visão míope. O mesmo Matthew Sobol estava na capa. Era de oito meses atrás. E a manchete dizia: Assassino do além.

- É aquele cara? - Ele jogou a revista na mesa. - Aquilo era uma farsa. — Depois fez um sinal para a TV. — E isso também. Meu filho que está na universidade poderia fazer esse vídeo com o computador dele.

- Russ, alguém coordenou um ataque global que não só roubou nossos acessos como fez isso há meses sem acionar nenhum alarme. E não deixou nenhuma pista. Matthew Sobol é uma das poucas pessoas que poderiam fazer isso.

- Você é assustadoramente ingênuo. Meu Deus, alguns hackers invadiram a nossa rede e estão tentando dar o golpe em você. Chame o FBI.

- Ninguém falsificou este vídeo, Russ. Ouça o que estou dizendo. Você vai entender logo — ele apertou o botão para continuar.

Matthew Sobol voltou à vida na tela. A música de comercial sumiu quando ele terminou seu cumprimento com a cabeça.

- Neste momento, você deve ter percebido que não controla mais a sua rede e que seus backups estão danificados e não podem ser recuperados. Agora, sou parte integrante de sua organização, e tenho sido há vários meses. Garanto a você que seus dados corporativos estão seguros e que existem backups em locais seguros em número suficiente para garantir uma proteção sem emendas em caso de desastre natural ou outra calamidade qualquer.

- Antes de continuar, deixe-me alertá-lo para que assista a este vídeo até o fim antes de contatar as autoridades locais ou federais. Esta gravação contém informações importantes que podem afetar sua decisão sobre envolver essas entidades nesta situação.

Um jingle leve acompanhou uma imagem girando, que parou ao lado da cabeça de Sobol. Era o vídeo da mansão de Sobol em chamas. Sobol sorriu alegremente.

— Como pode ver, envolver as autoridades não é garantia nenhuma de segurança. Embora eles devam estar ansiosos para tentar fazer isso de novo na sua propriedade.

A imagem do vídeo se transformou em vários pontos de interrogação. Sobol olhou para a câmera de propósito.

— Mas vocês devem estar imaginando como se meteram nesta situação. Para responder a essa questão, curiosamente, temos de retornar a centenas de milhares de anos, para as origens da vida na Terra.

As interrogações se expandiram e preencheram a tela, desaparecendo depois quando a própria tela se dissolveu em uma imagem da Terra primordial. Era uma animação em 3-D dos mares antigos fervilhando com vida exótica, peixes com dentes afiados e protuberâncias que pareciam espinhos, e grupos de pequenos organismos translúcidos.

Uma música de Vangelis começou a tocar nos alto-falantes. Sobol narrava:

— Vou contar a vocês a história do organismo de maior sucesso de todos os tempos. Esta é a história do parasita.

Na tela, um grande peixe com uma cara particularmente má, fileiras gêmeas de dentes afiados e espinha dorsal de espinhos deslizou à vista. Naquele momento, um pequeno organismo nadou para a área bem atrás das enormes guelras do peixe e depois entrou despercebido. Uma dúzia de outros o seguiram e também entraram.

Sobol falou:

— Desde o início, a evolução se dividiu em dois caminhos distintos: organismos independentes, aqueles que existiam por conta própria no mundo, e os parasitas, organismos que viviam em outros organismos. E, de longe, foram os parasitas que provaram ser o ramo mais bem-sucedido. Hoje, para cada organismo independente na natureza, existem três parasitas.

A animação foi mudando de um animal para outro, de um anfíbio para um réptil e deste para um mamífero, com os parasitas continuando a envolver seus hospedeiros, infestando algumas espécies, levando-as à extinção, enquanto outras evoluíam, criando meios de evitá-los, pelo menos durante um tempo.

— Esses dois ramos da evolução entraram em uma corrida evolutiva primordial, evoluindo, constantemente, para superar o

outro pela supremacia no planeta. Os parasitas evoluíram aperfeiçoando seus sistemas contra espécies de hospedeiros, e estes evoluíram para escapar de seus ataques. Os cientistas chamam esta teoria da eterna luta genética de Hipótese da Rainha Vermelha, nome tirado do livro de Lewis Carroll, *Através do espelho*.

Na tela, a imagem mudou para uma animação de Alice no País das Maravilhas, mostrando a Rainha Vermelha correndo por um labirinto e olhando na direção da pequena Alice, que se esforçava para manter o passo. E ele dizia:

— Está vendo, aqui, você precisa correr o máximo que puder para conseguir ficar no mesmo lugar.

A imagem na tela mudou para uma pequena lagoa com pequenos caracóis se movendo pela lama.

— O comportamento dos animais evoluiu para combater os parasitas. E, na verdade, temos que agradecer aos parasitas a existência do sexo, que é um meio de reprodução custoso e que consome tempo. Experimentos comprovam que, na ausência de parasitas, as espécies teriam evoluído para a partenogênese, ou clonagem, como o método reprodutivo escolhido. Na partenogênese, cada indivíduo consegue se autorreplicar, mas isso não produz quase nenhuma variação genética. Com a presença de parasitas, a clonagem, apesar de mais eficiente energeticamente falando, não é uma estratégia reprodutiva viável, pois mantém um alvo geneticamente estável para os parasitas, que, uma vez introduzidos nesse sistema, rapidamente o dominariam.

A tela mostrava agora dois esquemas iguais de cadeias de DNA, que se moviam conforme Sobol falava.

— A reprodução sexuada só existe como um meio de vencer os parasitas. Ao misturar os genes masculinos e femininos, o sexo produz um resultado que não é exatamente nem um nem outro, fazendo cada geração ser diferente da última, criando um alvo em constante movimento para os intrusos que querem comprometer o sistema.

— E, mesmo com essa variação, os parasitas ainda são uma ameaça...

A tela passa para um vídeo que exhibe vilas de nativos com infestações parasitárias terríveis: crianças com barrigas protuberantes e cheias de vermes, vítimas de malária.

— ... e o parasitismo evolui e se move por qualquer sistema, não apenas em coisas vivas. Quanto menor a variação em um sistema, mais rapidamente os parasitas evoluirão para infestá-lo.

A tela apresentou imagens de doenças de origem alimentar, restaurantes de fast-food... A imagem se abria para mostrar restaurantes idênticos dos dois lados da mesma rua em Dallas, Denver, Orlando, Phoenix...

— A replicação perfeita é o inimigo de qualquer sistema robusto...

As imagens de fileiras iguais de computadores em um data center, todos rodando o mesmo sistema operacional...

— Sem um sistema nervoso central, e muito menos um cérebro, um parasita é um sistema simples desenhado para comprometer um alvo hospedeiro bem específico. Quanto mais uniforme o hospedeiro, mais efetiva é a infestação.

A tela mudou para uma imagem de um caranguejo solitário se movendo na areia do fundo do oceano. A câmera o seguia enquanto Sobol falava.

— Mas se eles são tão bem-sucedidos, por que os parasitas não dominam o mundo? A resposta é simples: eles dominaram. Nós apenas não notamos, e simplesmente porque os parasitas não nos matam, eles se tornam parte de nós, fazendo com que tenhamos todo um trabalho para mantê-los vivos e ajudando-os a se reproduzir...

O caranguejo entrou em seu buraco.

— Sacculina é um parasita que infesta os caranguejos de água salgada. Ele se infiltra na carne deles e estica gavinhas na corrente sanguínea e no cérebro do caranguejo. Depois, castra, quimicamente, o caranguejo e se torna seu novo cérebro, controlando-o como um zumbi.

A tela então mostrou uma imagem de um caranguejo infestado com o Sacculina, e boa parte do parasita preenchendo o seu abdômen.

— Ele obriga o caranguejo a criar seus filhos. Ele o escraviza.

A imagem muda para uma animação de computador em close. Era uma hélice dupla de DNA, com cada uma das cadeias de genes se parecendo, claramente, com degraus na escada genética. A perspectiva se moveu pela extensão da hélice.

— E milhares de parasitas fizeram o mesmo conosco. Depois de dezenas de milhares de anos, os parasitas se tornam uma parte tão grande da gente que evoluem e viram seções "do nosso DNA.

Algumas seções do DNA eram destacadas, uma após a outra.

— Eles nos escravizaram de tal forma que acreditamos que estamos reproduzindo a nós mesmos, quando na verdade estamos reproduzindo outros seres escondidos junto. Quarenta por cento do nosso código genético consiste nesses segmentos inúteis de DNA, segmentos que não têm nenhum propósito útil para nós. Quase metade do genoma humano consiste apenas em sobras Fantasmas de parasitas.

As imagens de DNA se dissolveram e Sobol apareceu novamente, sentado em sua cadeira perto da lareira.

— Vocês já devem ter percebido que o meu Daemon é o parasita e que estão infectados sem nenhuma esperança. O Daemon beberá o sangue de sua corporação, mas não será fatal. E, o mais importante, o Daemon manterá ou-n os parasitas fora de seus sistemas, fortalecendo sua imunidade e garantindo que a corporação hospedeira continue sobrevivendo.

A lareira do fundo se dissolveu e agora Sobol aparecia à frente de um fundo preto. E estava sério.

— Mas saibam de uma coisa: o meu Daemon alistou humanos dentro de sua organização. São as células sequestradas em um organismo corporativo. Pessoas com sede de mais poder. Foi assim que o Daemon conseguiu entrar. E vocês não têm como saber quem são os responsáveis. Meu Daemon pode ensinar quase qualquer um a burlar a segurança de uma rede, especialmente por meio de uma conta existente nessa rede. A realidade agora é que o meu Daemon controla suas funções globais de TI. Seus negócios continuarão a funcionar como antes, e ninguém suspeitará de que algo estranho

está ocorrendo, exceto, talvez, que seus sistemas funcionarão melhor do que quando vocês eram responsáveis por ele.

- Sua tendência natural será de resistir a essa indignidade, é claro, e por isso ficará tentado a contatar as autoridades. A escolha é sua, embora, no momento em que o meu Daemon detectar o contato, ele irá sumir com os dados de sua companhia da face da Terra. E nem pense em replicar suas bases de dados todas em arquivos de papel; lembre-se de que o Daemon tem agentes entre seu pessoal. Você não conseguirá esconder nada dele. Se começar a passar os funcionários em um detector de mentiras ou mandá-los embora, o Daemon destruirá sua companhia. Se tentar infiltrar um operador disfarçado no seu departamento de TI, ele destruirá sua companhia. Se você tentar recuperar o controle sobre seu departamento de TI ou criar um novo, ele destruirá sua companhia. Resumindo: se tentar fazer qualquer coisa diferente de ignorar meu Daemon, ele destruirá sua companhia.

— Como uma empresa financeira totalmente dependente da confiança de seus clientes, a perda de todos os dados desses clientes levaria vocês à ruína. E, pensando no seguro, o Daemon aniquilará vocês sempre que reaparecerem, até que tanto sua empresa como vocês, enquanto executivos dela, sejam destruídos financeiramente. Sendo um simples construto de IA sem sentimentos, o Daemon pouco se importa com a escolha que vocês farão. Ele é estúpido como um Sacculina. - Uma pausa. - E tão efetivo quanto.

A lareira do fundo reapareceu e Sobol sorriu novamente.

— Espero que vocês e o meu Daemon possam coexistir em paz. Acredito que possam descobrir, com o passar dos anos, que foi uma boa coisa não tê-lo desafiado, especialmente quando estiverem ganhando as fatias de mercado das empresas que decidirem enfrentar o Daemon. Então, por favor, considerem suas opções com cuidado, e lembrem-se: não interessa qual será a escolha, vocês têm um papel crucial na evolução. Mesmo que seja apenas como comida para os mais fortes. Obrigado por assistir.

Sobol acenou enquanto a música melosa de fundo aumentou, acompanhada de aplausos fanáticos. Os créditos passaram

absurdamente rápido. A locutora feminina voltou.

- Não toque no telefone! Em alguns momentos, você terá a chance de ver como evitar a destruição nas mãos do Daemon. E não se esqueça de fazer o jogo de perguntas e respostas do Daemon...

Lindhurst apertou o botão PARAR e a tela ficou preta.

Vanowen ficou ali sentado como alguém que tivesse acabado de passar por um eletrochoque. Sua boca ficou aberta por algum tempo antes que ele virasse seus olhos perdidos para Lindhurst.

— E mesmo Sobol.

— É o que eu estava tentando dizer. Houve alguns momentos de silêncio.

— Temos que ligar para as autoridades.

— Se chamarmos o FBI e a notícia se espalhar, nossos investidores fugirão. E nos processarão.

Vanowen assentiu. Depois franziu a testa, como se lembrasse de que estava bravo.

— Mas que droga, Lindhurst, que tipo de organização você está comandando lá embaixo? Seus sistemas podem ser os responsáveis pela destruição desta companhia, uma empresa com um século de história. Quando a bosta bater no ventilador, vou apontar meu dedo diretamente para você, que é para onde ele merece ser apontado, pode contar com isso.

Lindhurst olhou sombriamente para ele.

— É um sentimento muito tocante, mas preciso lembrá-lo de que foi você quem mandou cortar metade dos funcionários de TI e diminuir os benefícios dos que sobraram. Isso nos deixou com muitas pessoas insatisfeitas em nossas fileiras.

— Você ganhou um bônus, se me lembro bem.

— Bom, é melhor não transformarmos isto em uma tempestade de acusações. Haverá muito tempo para isso, se falharmos. Enquanto isso, é melhor nos concentrarmos no que vamos fazer.

— Você quer dizer no que você vai fazer. Eu vou para Moscou para manter a aparência de que tudo está normal. Mas quero um relatório na minha caixa de entrada assim que pousar, detalhando, precisamente, o que pretende fazer para solucionar este problema.

— Nada de e-mails. Nosso sistema está comprometido. Os telefones também. Eles são vozes através de IP, o sinal passa pela rede de computadores, leremos que usar apenas nossos celulares pessoais e correspondências escritas, nada sobre esta situação deve passar por um computador. Nem um simples caractere. Nem o agendamento de uma reunião entre nós. Nada. Senão eles saberão o que estamos planejando.

Vanowen foi pego de surpresa.

— Está falando sério?

— Russ, você pode não ter percebido, mas esta organização está inteiramente costurada por redes de computador. Você não entra no estacionamento sem produzir meia dúzia de informações em um banco de dados. Sobol diz que tem pessoas no nosso quadro de empregados, e não há dúvida de que eles podem ver tudo que estamos fazendo.

— Se me perguntasse, eu diria que isso é simples: desligamos tudo e voltamos a usar canetas, papel e telefones. Demitimos todos esses bastardos de TI. Então veremos se eles gostam disso.

Lindhurst respirou fundo para não perder a cabeça. Ele ouvia aquele tipo de sugestão de tempos em tempos de pessoas da idade de Vanowen. Lindhurst escolheu suas palavras cuidadosamente.

— Russ, nossos competidores soltam informações do mercado em segundos para seus clientes, e precisamos fazer o mesmo. E isso sem considerar o fato de que também precisamos da informação, quem sabe, mais do que os clientes, para podermos lucrar. Se desligar os sistemas, talvez seja bom trancar as portas também.

Vanowen já assentia antes de ele terminar.

— Você tem razão. É claro que tem razão. Mas, caramba, eu sabia que isso iria acontecer um dia com essas porcarias de computadores.

Lindhurst deixou aquela previsão atrasada de Nostradamus passar sem contestação.

— Vamos ser bem explícitos então: você segue com sua agenda normal. Eu vou ver o que podemos fazer a respeito do problema e,

quando retornar, a primeira coisa que faremos é nos encontrar. Em pessoa e fora daqui.

— Tem certeza de que não é mais fácil simplesmente chamar as autoridades?

— Olha, mesmo que decidamos procurá-las, quanto mais soubermos disso tudo, melhor. Estamos falando de apenas mais alguns dias, e essa coisa já está infiltrada aqui há meses. Lembre-se de que, ao menor sinal de que estamos com problemas, a coisa é bem capaz de puxar o plugue de todos os nossos dados.

— Mas ela faria mesmo isso? Porque, se fizer, ela não ganha nada.

— Não é uma pessoa, Russ. É uma árvore lógica. É como pensar se um computador tem coragem de apresentar a letra D na tela se você apertar a tecla D. Suspeito de que tenham sido poucos funcionários que passaram o controle para o Daemon. Espero conseguir descobrir quem são sem alarde e convencê-los a mudar de lado novamente.

Vanowen fez um sinal com a mão.

— Não quero ouvir detalhes. Apenas me diga, quando resolver tudo. Agora saia daqui, preciso me aprontar para partir.

Lindhurst soltou o controle remoto e começou a se afastar, mas então se virou novamente para Vanowen.

- O que tem em Moscou, Russ? Vanowen fez uma carranca.

- O quê?

- Só estou curioso para saber o que vai fazer em Moscou. Está preparando um escritório por lá?

Vanowen apontou para a porta.

- Vá resolver o problema, por favor?

Lindhurst observou o homem por um momento. Ele sabia que o velho estava escondendo algo. Só não sabia o quê.

Mas, uma vez na vida, Lindhurst tinha algumas cartas na manga. Cartas que homens da geração de Russ nem sabiam que existiam.

Capítulo 32:// Mensagem

Tela preta. De repente, entra um logotipo brilhante e cromado, vindo da esquerda, enquanto uma música tecno ultrapasteurizada toca sobre o título:

Notícias para a América

O título subiu no infinito enquanto imagens cruzavam a tela e a música subia. Anji Anderson aproximando o microfone de um homem de negócios que cobria o rosto. Anji ajudando uma criança deficiente a dar seus primeiros passos com membros artificiais. Anji digitando, freneticamente, ao ar livre, enquanto colunas de fumaça preta subiam para o céu atrás dela. Cortes rápidos seguidos de cortes rápidos. Cada um de meio segundo. O cérebro humano tinha que se esforçar para identificar a imagem, para determinar se mostrava uma ameaça ou se apenas se resolvia em tempo para a próxima imagem: Anji em pé, com as mãos na cintura, olhando para a câmera no meio da Times Square, enquanto seu nome deslizava para ficar na linha de sua cintura. A música parava de uma vez.

A tela fica preta imediatamente. Uma fotografia colorida de uma criança aparece na tela. Um garoto sorrindo com seu bolo de aniversário, cercado pelos amigos. A voz de Anji aparece.

- Peter Andrew Sebeck nasceu em Simi Valley, Califórnia, filho único de Marilyn e Wayne Sebeck. Era a esperança deles após perderem a primeira filha, com leucemia, dois anos antes. Tranquilo e amado, Peter foi uma criança modelo.

Outra foto surgiu no lugar da primeira. Mostrava Sebeck com o uniforme do time de futebol americano do colégio, segurando o capacete sobre o joelho e, mais uma vez, sorrindo.

— Peter parecia ter uma vida perfeita. Mas seus planos foram deixados de lado ao virar pai, aos dezesseis anos, com Laura Dietrich, uma garota que ele conhecia havia pouco tempo. Eles se casaram um ano depois. Os amigos descreviam o casamento como

frio, sem muito carinho. Ainda assim, para o mundo, Pete Sebeck ainda era um cidadão modelo. Ele entrou para o Departamento de Polícia do condado de Ventura aos vinte e um anos, estudava à noite para obter um diploma de justiça criminal e subia rapidamente no emprego, sendo condecorado duas vezes e se tornando o sargento responsável pelos detetives. Para seus companheiros da polícia, ele era um policial correto e um homem de família, um respeitado cidadão de Thousand Oaks, Califórnia, a cidade mais segura da América.

Uma música tensa subiu. A imagem mudou para um Sebeck ameaçador sendo escoltado, com algemas, o rosto coberto por uma raiva em movimento voltada para os jornalistas. Era o tipo de foto icônica que construía uma carreira. A foto do ano. Um sinal dos tempos.

- Mas aquela fachada escondia um lado negro. Peter Sebeck, condenado por múltiplos assassinatos, nove de suas vítimas eram agentes federais. Outra era um jovem colega que confiava nele e o admirava. Conspirador, fraudador e traidor. Viciado em sexo e drogas. O que leva pessoas aparentemente normais a cometer atos hediondos? É a raiva? A ganância? Ou o mal existe mesmo? Será que ele pode dominar você? Vamos descobrir hoje à noite, quando entrevistarei Peter Sebeck ao vivo da Prisão Federal Lompoc. Este é o Notícias para a América.

A música tecno subiu novamente, e um letreiro apareceu: *Sebeck no corredor da morte.*

A tela mostra Anji, novamente, sentada em posição ereta e alerta, mostrada da cintura para cima. Ela parece uma executiva, sem deixar de ser sensual, usando um terno escuro Chanel. A maquiagem era perfeita para o brilho quente da iluminação da filmagem. A iluminação teve que ser feita com cuidado para não refletir no vidro à prova de balas, atrás do qual estava sentado o detetive e sargento Peter Sebeck. O homem mais odiado da América.

E ela tinha ajudado a fazer aquilo acontecer.

Sebeck observava por trás de um pequeno intercomunicador da cela de visitação da prisão. O est dio providenciou um sistema de

som melhor para a entrevista, e um pequeno microfone foi colocado no macacão caqui de Sebeck. Esperava-se que um quarto dos televisores do país fossem sintonizados na entrevista. Ilido estava no lugar, e, após um rápido sorriso, Anji começou.

- Devo confessar detetive Sebeck, que fiquei surpresa por ter concordado em conceder esta entrevista. Sou a grande responsável pela sua captura e condenação.

Sebeck olhava para ela tranquilamente.

- Concordei por minhas próprias razões, não pelas suas.

- Então ainda alega que é inocente?

- Eu sou inocente.

Como explica o número substancial de evidências contra você?

— Foi tudo inventado por Matthew Sobol. Ele roubou minha identidade, anos atrás.

— Então ainda alega que o Daemon de Sobol seja real, embora os esforços para descobri-lo não tenham dado em nada?

Sebeck tentou manter-se calmo.

— O governo quer que as pessoas acreditem que o Daemon é uma farsa. Eles acham que isso os livra da responsabilidade.

Anji balançava a cabeça negando.

— Detetive, você já admitiu que teve um relacionamento com Cheryl Lanthrop. Ou será que Sobol inventou isso também?

— Ele facilitou a coisa. Isso foi feito para contestar o meu caráter.

— Mas há uma frase sua dizendo que...

— Essa frase não foi dita exatamente assim, ela tem sido repetida erroneamente, a maioria das vezes, por você. E não existe uma corte de apelação da opinião pública, não é mesmo? Mas acho que você já sabe disso.

— Então é uma conspiração contra você? Todos da imprensa, a polícia e Sobol conspiraram para acusá-lo desses assassinatos? Você é completamente inocente?

— Eu sou culpado de ser um péssimo marido e um pai pior ainda. Sou culpado por ter um caso e por ser tão egocêntrico que não percebi que tudo era uma armação.

— Por favor, me desculpe, mas isso parece forçado demais.

— Sim, o ponto é esse mesmo. Tudo foi desenhado para parecer forçado.

— Desenhado por Sobol?

— Isso.

— Então está pedindo para todo mundo acreditar em você e não nos fatos? Temos que acreditar que Sobol fez um esforço hercúleo para armar contra você, gastando não milhões, mas dezenas de milhões nesse esforço?

— Não estou pedindo para ninguém acreditar em nada. Para ser honesto, nem eu acreditaria em mim.

— Então você não culpa mais ninguém? Sebeck olhou para ela com uma expressão dura.

— Sim, eu ainda culpo algumas pessoas. Mas a hora delas chegará.

— Isso parece uma ameaça. Você acha que o público da América terá simpatia por ameaças?

— Não estou aqui para falar com o público da América.

— Então está aqui para falar com quem?

— Com o Daemon.

— O Daemon! — Anji foi pega de surpresa. — O Daemon não existe, sargento.

— Nós dois sabemos que isso não é verdade. Anji deu de ombros animadamente.

— Não, eu não sei.

— Você deve ter orgulho de si mesma, não é mesmo, Anji? Famosa e rica, não foi isso que o Daemon prometeu a você? E tudo o que teve de fazer foi vender a alma, se é que já teve uma.

— Não vim aqui para ser insultada, ex-detetive. Por que não nos conta o seu lado sobre a farsa do Daemon? Ajude-nos a entender o seu ponto de vista.

— Mantenha-os entretidos, Anji. Mantenha-os ocupados e distraídos. Esse é o seu objetivo, não é? Vejo isso agora. Mas, cuidado, estou começando a entender Sobol. Talvez até melhor do que você. Tive muito tempo para pensar aqui dentro. Por que Sobol me alertaria?

— Sobol alertou você? Como ele alertou você?

— No funeral dele, ele disse que me destruiria. Essas foram suas palavras exatas. E foi exatamente o que ele fez. Ele destruiu tudo o que me definia como pessoa. Não faria sentido nenhum ele me alertar, a menos que tivesse outros planos para mim.

— Então agora ele é seu amigo? Essa ideia conforta você? Sebeck olhou bem nos olhos dela.

— Vá para o inferno.

Anji travou a mandíbula de raiva por um momento. Então um sorriso se espalhou novamente pelo seu rosto.

— Temos um pequeno atraso na gravação, detetive. Mas tente maneirar a linguagem. Este é um programa familiar.

— Eu entendo agora o que Sobol quis dizer.

— Bom, você está ficando sem tempo para resolver o caso, sargento. Se a Suprema Corte recusar a sua apelação, sua execução por injeção letal será marcada. Deve estar impressionado com a rapidez incomum da justiça.

Sebeck contemplou aquilo calmamente.

— É mesmo bem incomum, não?

— Talvez seja por causa do assassinato daqueles agentes federais.

— Por que está ajudando essa coisa? Acha que ela deixará você escapar? Acha que será livre algum dia?

Anji o ignorou.

— Você está fazendo tratamento psiquiátrico. Como está indo?

— Cansei de falar com você. Vim aqui para mandar uma mensagem para o Daemon.

— Bom, é melhor torcer para que ele assista à televisão, detetive. Sebeck olhou diretamente para a câmera.

— No funeral de Sobol, ele me telefonou e disse que eu deveria aceitar o Daemon. E que meses antes de morrer eu deveria invocá-lo. E, apesar de isso fazer com que eu pareça mais louco do que nunca, esta é a minha mensagem: eu, Peter Sebeck, aceito o Daemon. E estou pronto para enfrentar as consequências.

Sebeck se virou para os guardas da prisão e os agentes federais parados atrás de Anderson.

— Essa mensagem precisa ser divulgada. Ela vai tentar cortar essa parte da entrevista, e, quando o fizer, vocês saberão que ela está com medo. Saberão que ela está em conluio com o Daemon. Se acham que eu sou louco, essa é mais uma razão para que a mensagem seja divulgada. Ela é uma prova do caso de vocês contra mim. Ela me condenou.

Anji assistia com uma expressão séria atrás do vidro à prova de balas.

— Não existe Daemon, sargento. Mas ficarei feliz em passar a sua mensagem adiante.

Sebeck apontou para ela.

— Nós nos encontraremos de novo.

Anji se sentiu estranhamente excitada. Sebeck ficava sexy quando estava tão zangado, e, nossa, esse cara tinha colhões. Ele ia morrer, mas afundaria em pé. Ela fez um sinal para a câmera parar de gravar e então olhou bem nos olhos dele.

— Vou transmitir a mensagem. Não tenha dúvida. Afinal de contas, ela tinha uma linha direta.

E a palavra do Daemon era que Sebeck devia morrer.

Capítulo 33:// Resposta

Yahoo.com/noticias

Mensagem macabra de Sebeck - Em uma entrevista ao vivo para Anji Anderson, sexta-feira, Peter Sebeck, o ex-detetive do Departamento de Polícia do Condado de Ventura, condenado no ano passado pela farsa Daemon, mandou uma mensagem bizarra para o falecido Matthew Sobol: "Esta é a minha mensagem: eu, Peter Sebeck, aceito o Daemon." Especialistas duvidam de que uma alegação de insanidade tenha qualquer efeito no pedido de apelação federal pendente feito por Sebeck.

Em um depósito escuro de uma empresa de exportação desconhecida na zona industrial Huang Cun, na cidade de Dongguan, na China, havia um pequeno servidor entre pilhas de cartuchos de tonner e pacotes de programas piratas. Um cabo CAT-5, esquecido havia muito tempo, saía de trás da máquina, passava atrás de caixas que guardavam outras caixas e terminava em um modem de internet rápida, à esquerda de uma tomada repleta de conexões, ambos perdidos em meio a pastas com panfletos de propaganda do partido comunista impressos, especificamente, para serem usados como acessórios em restaurantes temáticos ocidentais. O modem estava ligado à rede da companhia, que estava ligada ao servidor de internet, que por sua vez estava ligado ao mundo.

A ventoinha do computador começou a girar quando a máquina usou o RSS para verificar o conteúdo dos mesmos quatrocentos sites por minuto. E exatamente dezessete minutos depois da meia-noite, no horário de Greenwich, a máquina parou de procurar.

O disco rígido disparou e começou a rodar freneticamente, enviando dados para centenas de endereços de IP antes de cometer um suicídio digital, apagando-se completamente.

Outro evento do Daemon havia sido lançado.

Parte Três

Seis meses depois

Capítulo 34: // Sacculina

O que foi que aconteceu com esses números, pessoal? - Russell Vanowen Jr. levantou o olhar da página de Lucros & Perdas de seu relatório financeiro. Ele fez uma careta para a mesa de noqueira que se estendia pela sala de reuniões do conselho da empresa. Os rostos familiares de mais de vinte membros do conselho da Leland e executivos sêniores olharam de volta para ele. Os rostos eram ainda mais familiares porque ele também era membro dos conselhos deles. - Temos sete divisões acima do orçamento, e apenas a TI está dentro. O que está acontecendo aqui? Por que ano recebi nenhum aviso sobre isso?

Harry Brieknewcz, o chefe do setor financeiro (CFO), fez que não com a cabeça devagar.

— Russ, deixe-me interrompê-lo. Esses números estão errados.

— Errados? Como assim estão errados?

— Errados no sentido de não estarem certos. Olha... — Ele passou um fichário aberto pela mesa e outros executivos o encaminharam até Vanowen. -É isto que estamos conseguindo dos nossos sistemas off-line.

— Que porcaria é esta, Harris? Planilhas? Você me vem com planilhas? Gastei 50 milhões de dólares em um programa de contabilidade empresarial em tempo real para você usar programas de planilhas?

— O sistema de contabilidade está errado. As coisas estão sendo alocadas nos centros de custos errados.

— Esqueça o centro de custos, estamos 60 milhões de dólares acima do orçamento este mês. Não me interessa como você mexe nesses elementos por aí, você continua tendo o mesmo resultado.

— Sim, mas pelo menos os números estão sendo alocados nos centros de custo corretos...

— Bom, mas então o seu pessoal está fazendo besteira ao dar entrada...

— Eles não estão errando ao inserir os números no sistema, Russ. Não estamos 60 milhões acima do orçamento por erros de digitação. Fiz meu pessoal começar a anotar esses problemas porque...

— Por que é a primeira vez em que eu fico sabendo disso? Brieknewcz parou, criou coragem e então continuou:

- Você não soube antes porque o Lindhurst me disse que eles resolveriam

O problema. É a jurisdição dele, não a minha. A TI é que cuida do sistema de contabilidade.

Milton Hewitt, o vice-presidente executivo da divisão de corretagem, inclinou-se para frente.

- Ele tem razão, Russ. Nossos centros de custos não estão atingindo o orçamento previsto nesse período, e nós ultrapassamos as nossas metas. Mas os relatórios que vêm do sistema de contabilidade saem todos ferrados.

Vários outros usaram a voz para concordar. Vanowen pôs as mãos para cima.

- Meu Deus do céu... - Depois olhou em volta. - Lindhurst! Cadê o Lindhurst?

Todos olharam em volta teatralmente. Eles sabiam que ele não estava presente. De novo.

Vanowen deixou o relatório encadernado com capa de couro cair pesadamente.

- Mas que maldição! Janice!

A voz de Janice veio de algum lugar entre as cadeiras perto da parede.

- Sim, Russ?

- Lindhurst veio hoje? Ele foi avisado desta reunião? A reunião mensal do conselho?

- Chequei a agenda, e ele deveria estar aqui. Liguei para ele de manhã.

- E o que ele disse?

- Caiu na caixa postal. Deixei três mensagens. E mandei um e-mail também.

- Que droga! Você tentou o celular?

- Caixa postal também. A mesma coisa em casa e no telefone do carro. Chris Hempers, o chefe executivo de operações, levantou um dedo para ser ouvido.

- Voei com ele para a conferência comercial em Montreal ontem.

- Ele saiu da cidade com tudo isso acontecendo? E voltou? Hempers fez que sim.

- Pegamos um voo ontem mesmo, Ludivic, Ryans, ele e eu. Várias vozes falaram simultaneamente.

- Ele está aqui.

Eles sentiram cheiro de sangue, uma carreira acabando precocemente, e a possibilidade de uma vaga importante se abrindo para um amigo ou familiar. Vanowen eslava ficando vermelho e quase soltando fumaça pela cabeça, coisa pela qual ele era famoso.

— Bom, agora eu sei por que ele não quis estar aqui. A equipe dele ferrou com o sistema de contabilidade e eles esconderam o problema de mim. Espero que Lindhurst esteja tendo problemas com drogas, porque seria a única explicação plausível para tudo isso. Janice, ponha-o no telefone agora - disse, apontando para o viva voz no centro da mesa.

— Acabei de tentar ligar de novo e caiu na caixa postal, Russ.

— Maldição! — Vanowen olhou em volta. — Caros colegas, por favor, continuem com o combinado. Você preside, Ryans. Vou resgatar o senhor Lindhurst e chegaremos ao fundo disso agora mesmo.

Como a maioria das empresas, a Leland mantinha seu data center onde nenhuma janela seria desperdiçada, no porão. Além disso, o prédio de escritórios de cinquenta andares tinha vários subsolos com temperatura controlada, conectados diretamente à rede de fibra óptica que passava sob as ruas do centro de Chicago. Do subsolo, os tentáculos do departamento de TI se espalhavam por todos os cantos do prédio, passando por cada um dos cinquenta andares por meio de linhas tronco, que se espalhavam em cada andar e conectavam cada funcionário individualmente.

Quando Vanowen pegou o elevador separado que levava ao porão, percebeu o quanto o departamento de TI se parecia com o

parasita Sacculina. E estava crescendo nos últimos tempos, sem autorização.

Lindhurst disse que cuidaria disso.

Meses atrás, Lindhurst tinha mudado seu escritório de uma sala no canto do quadragésimo segundo andar para as entranhas sem janelas do prédio. Foi um gesto sem precedentes de alguém com cargo gerencial. E, para o delírio de Vanowen, Lindhurst liderou um banho de sangue durante dois meses, fazendo cortes na TI. Expurgando o departamento de indivíduos questionáveis, limpando globalmente a organização e contratando novas pessoas que não tinham dúvidas sobre com quem deveriam ser leais. E a Leland não só continuou andando como prosperou, como nunca. O tal Daemon foi detido, Lindhurst teve sucesso, e nenhuma palavra sobre a pequena dificuldade deles tinha ido parar na imprensa. O problema tinha acabado.

Mas agora algo assustador estava acontecendo. O sistema de contabilidade estava errado. Eles eram uma empresa de capital privado, pelo amor de Deus. No mínimo, tinham que saber somar e subtrair números.

Vanowen estava começando a imaginar que Lindhurst havia criado aquela ameaça. Será que era ambicioso? Será que era esperto?

Não podia ser.

Lindhurst tinha o seu feudo bem fechado agora. Até Vanowen precisava ordenar que a segurança do saguão digitasse um código nos elevadores para que conseguissem descer para o subsolo. O lugar parecia um silo de mísseis. Talvez Lindhurst tivesse se distanciado demais da gerência. Talvez fosse hora de levá-lo de volta lá para cima. Ou demiti-lo. Vanowen pensou em tudo isso quando as portas do elevador se abriram em um longo corredor branco no S2. Estranhamente, o corredor era apenas reto, não virava para a direita nem para a esquerda. Vanowen nunca tinha estado ali. E se estendia ao que parecia, por trinta metros ou mais, com um cheiro de plástico característico das novas construções. Nenhum aviso, mesa de recepção, nem nada mais. Ele hesitou por um momento.

Mas Vanowen ainda sentia uma enorme raiva, então saiu pisando duro pelo corredor, com seus sapatos caros batendo no piso negro.

Mas que porcaria de lugar é este?

Ele tentou se lembrar de alguma descrição do departamento de TI dada por outros executivos, mas não conseguiu, e continuou caminhando pelo corredor interminável. Não havia portas. Olhou bem à frente, mas o corredor parecia desaparecer em uma penumbra escura. Ele deveria conseguir enxergar o fim dele.

Ele olhou para o elevador e viu que devia estar a quase trinta metros. Será que o tinham mandado por engano para o estoque?

Virou-se para frente a novamente e observou à distância. Mas que coisa estranha.

Então uma coisa impossível aconteceu. Uma voz feminina falou com ele do ar, a centímetros de seu rosto. — Por que veio aqui?

Vanowen pulou um metro para trás e quase caiu de bunda no chão. Seu suspiro ecoou pelo corredor em todas as direções. Ele demorou um momento para recuperar o fôlego, colocando as mãos no peito e ainda ofegando. Será que estava tendo um ataque cardíaco?

A voz falou de novo, do mesmo lugar, em pleno ar.

- Você recebeu ordens de ficar longe daqui.

Parecia um fantasma. Mas era uma voz computadorizada, não era? Ele conseguia captar certo tom artificial. Sotaque britânico. A Leland tinha um sistema de respostas vocais sofisticado no setor de atendimento ao cliente. Lindhurst o havia demonstrado à diretoria no ano passado. Ele reduzia os custos do *call center* em 90%, era mais barato do que a Índia. Mas não falava no ar.

Isso era apenas um truque.

Vanowen estava se recuperando. E estava nervoso. Essa brincadeira tinha passado e muito do limites.

— Lindhurst! Quero falar com o Lindhurst, maldição! — A voz de Vanowen ecoou. — Não serei tratado dessa maneira!

— SILENCIO! — A palavra soou tão alta que rasgou o ar ao redor dele. Era uma presença física, que o empurrou e o jogou para trás, fazendo-o cair deitado e tonto no chão. Seus ouvidos ficaram

zumbindo. Provavelmente era o som mais alto que ele já tinha ouvido.

Sentiu algo escorrendo de sua narina direita, passou a mão e viu que era sangue.

— Meu Deus... — Ele pegou um lenço de seda do bolso e o pressionou contra o rosto. Suas mãos tremiam incontrolavelmente.

Aquilo logo evoluiu para pânico. Ele se apoiou nas mãos e nos joelhos e então se levantou, começando a correr de volta por onde tinha vindo. Não corria de verdade havia anos, mas a adrenalina o fez percorrer os trinta metros até o elevador, fazendo-o chegar sem ar e quase tendo um ataque histérico.

Mas não havia nenhum botão. As portas do elevador pareciam portões de aço escovado. Aquilo era impossível. Não tinha botão para chamar o elevador. Como poderia não haver um botão?

A Voz estava bem ao lado do seu ouvido, como se ele não tivesse se mexido. Podia sentir o ar vibrando. — Sua empresa me pertence agora. Seus departamentos irão obedecer aos seus novos orçamentos. Se algum dos chefes de divisão tiver alguma objeção, mande-o falar comigo.

As mãos de Vanowen ainda tremiam. Era o Lindhurst. Ele ou alguém estava por trás daquilo. Era uma extorsão. Aquela era uma tática para amedrontar.

— E claro que você duvida que eu seja real. Você duvida que eu seja o Daemon de Sobol, e duvida que o meu poder tenha se espalhado pelo planeta. Vou provar a você a extensão do meu alcance. — Houve uma pausa. — Acabei de lhe causar perdas de milhões de dólares. Perdas nos seus investimentos e sem relação com esta empresa. Ou você aprende com este evento, ou acabarei com todas as suas riquezas e o ejetarei desta companhia. Estarei vigiando você. Entendeu este último aviso?

Vanowen olhava para o ar ainda tremendo, esperando aquilo acabar.

— VOCÊ ENTENDEU?

— Sim! Entendi! Entendi! — Ele cobria os ouvidos e o rosto com o lenço, quase chorando.

As portas do elevador se abriram de repente, e Vanowen caiu dentro dele. Ele rastejou e se encolheu em um canto do fundo.

A Voz falou de novo, mas do corredor, como se estivesse ali parada, observando-o ir embora.

— Se lutar contra mim, vou machucar você ainda mais. Com isso, as portas do elevador se fecharam com uma força assustadora, e ele começou a subir.

Vanowen ficou ali sentado, tremendo e com sangue escorrendo pelo rosto.

Vanowen passou o resto da tarde em seu escritório em estado de torpor, recebendo uma série de chamadas telefônicas de seus advogados e corretores de ações. Milhões de dólares tinham desaparecido de suas várias contas bancárias e de suas aplicações em ações. E o mais preocupante eram os fundos desaparecidos em meia dúzia de holdings fora do país e nas mais de vinte sociedades limitadas em que ele tinha participação, algumas das quais eram segredo até para a mulher dele, quanto mais para as pessoas na Leland. Somando tudo, quase 10% de toda a sua riqueza tinha desaparecido em um piscar de olhos. Havia perdido 80 milhões de dólares de vários lugares, sendo que alguns ele mantinha com nomes falsos.

Enquanto estava ali sentado, ainda tremendo, percebeu o tamanho do monstro que o tinha varrido. Era absurdamente grande. E, mesmo tendo se sentido sempre muito poderoso, perto da coisa ele se sentia insignificante.

Agora, ele era empregado das Indústrias Daemon LLC.

Capítulo 35:// Cálculo cruel

Reuters.com/negócios

Dow Jones cai 820 pontos em novos ciberataques - Invasões em redes destruíram dados em duas corporações multinacionais de capital aberto nesta quarta-feira, aumentando para seis o número de ciberataques em seis dias e fazendo com que os mercados financeiros despencassem. As ações da Financeira Vederos (NYSE-VIDO) e da Ambrogy Intel (NASDAQ-AMRG) caíram para alguns centavos por ação antes de o pregão ser suspenso. Autoridades federais e agências de polícia internacionais afirmam que os ciberterroristas se infiltraram nos sistemas de informática das empresas, destruindo dados e backups. Em um preocupante desenrolar da Guerra ao Terror, fontes anônimas afirmam que os culpados são os terroristas islâmicos, provavelmente estudantes educados em universidades do Ocidente...

O Centro Ops 1 era a sala de controle da missão da Agência Nacional de Segurança. Havia dúzias de TVs de plasma alinhadas nas paredes mostrando, em tempo real, dados de todo o mundo em cores vibrantes e com gráficos vetorizados. Tinha também diagramas com separações de cores para o tráfego de telefonia, satélites e internet. Outras telas mostravam as zonas atuais de cobertura dos satélites, enquanto outras tinham o status dos sensores acústicos nos leitos dos oceanos, o monitoramento de lançamento de mísseis e a localização de postos de escuta de radares, rádio, atividade sísmica e micro-ondas. Aquela sala de tamanho médio possuía uma mesa de controle central, mas algumas estações de trabalho individuais estavam espalhadas ao redor dela, como ilhas. Cada uma delas era manejada por um oficial especialista no assunto: América Latina, Oriente Médio, o Centro de Integração contra Ameaças Terroristas, a Força-Tarefa de Combate às Drogas e assim por diante.

Militares uniformizados dominavam o local. A maioria era composta de pessoas relativamente jovens, não de analistas experientes que desenvolvem estratégias, mas de oficiais jovens que trabalhavam no mundo das operações, monitorando os feeds de informação dos sites. Eles eram as terminações nervosas dos Estados Unidos.

Prestavam uma atenção especial quando assistiam à enorme tela central e ao mapa-múndi digital. Havia centenas de pontos vermelhos espalhados pela América do Norte, pela Europa e pelo Sudeste da Ásia. E, nesse negócio, pontos vermelhos significavam problemas.

A doutora Natalie Philips estava em pé atrás do operador da mesa principal. Um general de três estrelas e o diretor adjunto da NSA, Chris Fulbright, estavam ao lado dela. Fulbright tinha um jeito calmo e tranquilo de falar, como um conselheiro escolar, mas seu comportamento sossegado escondia um pragmatismo de aço. Philips sabia que pessoas de comportamento sossegado não subiam até os degraus mais altos.

Ela gesticulou para o mapa digital que preenchia a tela.

- Aproximadamente 380 redes de empresas em dezesseis países foram sequestradas por uma entidade desconhecida, e estas são apenas as que sabemos. Temos boas razões para acreditar que a entidade seja o Daemon de Sobol.

O general observou a tela.

- Sargento, notifique os JCS. ' Diga que estamos sendo atacados. O operador levantou a cabeça.

- Já fiz isso, senhor.

O general olhou novamente para Philips.

- De onde estão vindo os ataques? Philips observava o mapa.

- Você quer dizer de onde vieram os ataques, general. Essa batalha acabou faz tempo.

O diretor adjunto Fulbright intercedeu.

- O que ela quer dizer é que as redes foram comprometidas já faz um tempo. Mas só ficamos sabendo disso agora.

As narinas do general se inflamaram e ele olhou sombriamente para Philips.

- Como é possível que ninguém tenha notado que essas redes haviam caído?

- Porque elas não caíram, elas continuam operando normalmente. O general pareceu confuso.

Philips explicou.

N.T.: É a sigla para Joint Chiefs of Staff, um grupo de militares das forças armadas dos Estados Unidos que aconselha o governo civil do país

- Alguém as dominou e continua fazendo com que funcionem, mas como se fosse o dono delas.

O general gesticulou para a tela.

- E por que isso não foi detectado? Nossos sistemas deveriam ter soado um alarme no momento em que padrões anômalos de tráfego de IP ocorressem. Não é para isso que existe a nossa rede de lógica neural.

Philips estava calma.

- Não foi detectado, general, porque não houve nenhum padrão anômalo para ser detectado. O Daemon não é só um verme da internet ou um explorador de redes. Ele não hackeia sistemas. Ele hackeia a sociedade.

O general olhou novamente para Fulbright. E ele explicou.

- A doutora Philips descobriu a porta dos fundos nos jogos de Sobol há meses. E isso permite que usuários entrem em mapas secretos e sejam expostos aos esforços de recrutamento do Daemon.

O general assentiu impacientemente.

- Então o Daemon recrutou pessoas para comprometer essas redes em nome dele?

- Isso. Acreditamos que ele coordena as atividades de milhares de pessoas que não têm conhecimento umas das outras.

- A força-tarefa do Daemon deveria detectar e se infiltrar nessas células terroristas.

Philips olhou para o general com uma paciência deliberada.

- Nosso monitoramento resultou em dezenas de prisões, mas a rede do Daemon é massivamente paralela, nenhuma pessoa e nenhum evento são críticos para a sobrevivência dele. Ele não tem

líderes de clãs e nem um ponto central que possa falhar. E nenhum centro repositório de lógica. Nenhum dos agentes do Daemon sabe mais do que alguns segundos à frente o que vai acontecer, então os informantes são inúteis. E ele também é muito bom em detectar monitoramento.

- Esqueça as prisões. E as infiltrações?

- Estamos trabalhando integrados com a Força-Tarefa, mas o progresso tem sido lento. Minha equipe não pode trabalhar disfarçada, todos conhecem segredos demais que seriam postos em risco se fossem capturados, e os operadores que foram trazidos de Langley ou Quantico não são especialistas o suficiente na linguagem e na cultura dos jogos de computador, nem em criptografia e arquitetura de redes de IP, se é que isso interessa. Um terço deles é composto de evangélicos com pouca ou nenhuma experiência em jogos on-line. Desenvolver essas habilidades levará tempo. Estamos com uma falta terrível de pessoal qualificado.

O general bateu com a mão nas costas de uma cadeira demonstrando frustração.

- Maldição, essa coisa está nos cercando. - Ele olhou para Philips de novo. - Como é que recrutar garotos por meio de jogos se transforma na tomada de redes de corporações?

Philips olhava novamente para a tela grande.

- Ele não recruta garotos. Dê uma olhada nas vendas de videogames por idade. O maior mercado é o de consumidores entre 18 e 28 anos.

Fulbright concordou.

- Trabalhadores de TI.

- Talvez - ele se virou para os dois. - Pode ser qualquer profissão entre empregados de nível baixo e médio, não necessariamente do setor de TI. Os esforços deles seriam ampliados por um organismo cibernético massivamente paralelo, que coordena os esforços de milhares de outras pessoas, e ele pode pagar por isso.

O general tentou organizar as ideias.

- Mas por que os funcionários iriam querer destruir a própria empresa? Isso não faz sentido.

- Sempre existem pessoas descontentes ou gananciosas. E o Daemon dá um jeito de convencê-las.

O general tinha sangue nos olhos.

- Esses terroristas precisam ser encontrados e fuzilados.

- Cuidado. O Daemon já destruiu mais de vinte empresas que desobedeceram às suas instruções. Entre as infectadas estão várias corporações multibilionárias que representam várias áreas de indústria estratégica, como energia, finanças, tecnologia, biotecnologia, mídia, produção de bens, alimentação e transportes. Os alvos foram, obviamente, selecionados para maximizar uma ruptura econômica e social no caso de entrarem em colapso.

O general estava começando a ver o quadro geral da coisa.

- Isso não é diferente de um bombardeio coordenado. Esse Daemon pode devastar a economia global. Quais são as nossas opções?

Ela suspirou.

- Antes de conhecermos a extensão da infecção, tentamos penetrar em duas das redes infectadas. Mas nossas tentativas foram detectadas, e as redes, junto de suas companhias, foram destruídas pelo Daemon em resposta.

- Escutas e vigilância individual de empregados pelo FBI resultaram em respostas similares. Aparentemente, o Daemon não hesita em destruir as companhias que são suas reféns. Mais infiltrações estão suspensas até que novas estratégias sejam desenvolvidas.

- Então eu repito doutora, quais são as nossas opções? Philips fez uma pausa.

- Atualmente, temos apenas uma: informar o público, dizer a eles o que está acontecendo.

- Isso é loucura. O mercado de ações quebraria.

l'ullbright apontou para uma sala de reuniões e falou suavemente.

- Vamos continuar esta discussão na sala, por favor. Todos aqui podem ter autorização para ouvir segredos, mas todos têm seus fundos de pensão por aí.

Eles entraram em uma pequena sala de reuniões e o diretor adjunto fechou a porta.

O general olhou para Philips.

— Doutora, informar o público ajudaria em quê, além de destruir os fundos de pensão das pessoas que pagam impostos?

— Atualmente, Sobol nos tem exatamente onde queria. Seu Daemon pode atacar milhões de pessoas desavisadas porque nós não as avisamos. Alguma hora, esse Daemon irá se mostrar, e perderemos toda a nossa credibilidade com o público. Por isso, ao anunciarmos a existência dele antes de sermos forçados a fazer isso, teríamos bilhões de aliados nos ajudando a derrotá-lo.

Fulbright discordou com a cabeça.

— Não é tão simples, doutora. Uma manchete anunciando que o Daemon existe poderia detonar um novo evento do Daemon, possivelmente o sumiço de todos os dados das redes comprometidas, e isso poderia causar um Armagedom financeiro. Poderia mutilar a economia mundial e levar a um conflito crescente, talvez até a uma guerra termonuclear. Não podemos nos arriscar a essa possibilidade.

Philips nem piscou.

— Mas essa é uma conclusão extrema.

— Sou pago para chegar a essas conclusões extremas.

— E planeja contar ao público em algum momento?

— Nós os informaremos quando conseguirmos desenvolver uma solução.

— Mas isso pode não acontecer nunca. Ele não respondeu.

— Senhor?

— Sim, doutora?

— Se não pretende anunciar a existência do Daemon, então espero que planeje intervir em favor de Peter Sebeck.

O general olhou para ela.

— O policial no corredor da morte?

— As apelações dele estão passando com uma rapidez incomum pelas cortes federais. E já foi agendada uma data para sua morte por injeção letal.

Fulbright não respondeu imediatamente.

— Vou levar isso em consideração, doutora.

— Você poderia fingir a execução dele...

— Isso pode parecer cruel, mas Peter Sebeck deve sofrer as penalidades impostas pela lei, e, quanto antes, melhor. Fingir a execução dele seria nos arriscar na mão do Daemon.

— Mas senhor, por favor...

- Philips, você mesma disse que o Daemon tem operadores em milhares de organizações. Ele pode ter gente infiltrada no sistema penal ou na polícia. Temos que agir com segurança aqui. Sebeck é uma casualidade nesta guerra, doutora. Você deve parar de pensar nele e se concentrar em salvar as vidas e as propriedades de outros milhões de americanos.

Philips o encarou por um momento:

- Mas nós poderíamos...

- Não há nenhum mas, doutora. Concentre-se no seu trabalho, por favor. Ela estava prestes a falar de novo quando o general a interrompeu.

- Alguma notícia de Jon Ross?

Philips ainda estava distraída, mas voltou a se concentrar.

- Recentemente, não. O general assentiu.

- Esse é um hacker que precisamos ter sob custódia o mais rápido possível. Todos esses hackers deveriam ser colocados em fila e ser fuzilados.

Ela olhou feio para ele.

- Eu sou uma hacker, general, e se não fosse por pessoas como Jon Ross estaríamos em uma situação muito pior.

Fulbright manteve os olhos nela.

- Encontre-o. Precisamos dele na nossa Força-Tarefa. Diga que oferecemos anistia e cidadania americana, se achar que isso ajudará. Mas traga-o aqui. Enquanto isso preciso que você e sua equipe se concentrem em encontrar um jeito de parar essa coisa. Está entendido?

Ela não respondeu com entusiasmo.

- Sim, senhor.

Fulbright não ficou satisfeito.

- Estamos entendidos nesse assunto?

- Senhor, eu...

- Você é uma mulher de percepção, Natalie. Você, de todo mundo, deveria fazer as contas e ver o resultado disso. Se arriscarmos as vidas e o futuro de centenas de milhões de pessoas para salvar a vida de um homem, seríamos culpados de um crime hediondo. Entende o que eu estou falando?

Ela fez que sim com a cabeça depois de um momento.

- Talvez agora você possa apreciar um pouco os cálculos cruéis que sou forçado a fazer todos os dias. — Ele pôs a mão no ombro dela. — Você é uma boa pessoa. Não há nada de errado com isso. Mas mantenha seu senso de perspectiva. Pergunte-se quantas crianças estaria disposta a sacrificar para que o detetive Sebeck pudesse viver.

Philips percebeu que ele estava certo. O general limpou a garganta.

- Preciso me reportar ao Pentágono.

Philips olhou para o diretor adjunto e ele assentiu. Então disse ao general:

— Ainda tem mais, senhor.

— Vamos ouvir.

— Detectei algo estranho emanando das redes das companhias infectadas pelo Daemon. É um pulso, um tipo de sinalizador de IP. A indústria tecnológica chama isso de "batidas do coração". Consiste em uma longa sequencia de pacotes emitidos da porta de TCP 135 em intervalo e comprimento de bits previsíveis. Uma vez que percebemos a existência desse sinal nas companhias infectadas, começamos a procurar pela mesma coisa na internet em geral. E encontramos o sinal ecoando em todos os cantos. Foi assim que estimamos que 380 companhias tinham sido comprometidas. Algumas delas talvez nem saibam que estão infectadas.

O general estava confuso.

— Qual é o propósito desse "sinalizador de IP"?

— Esse é o problema. Primeiro, pensamos que poderia ser um sinal para indicar que a companhia era uma hospedeira do Daemon. Mas para isso o sinal não precisaria ser tão longo, e cada transmissão tem um fluxo de dados bem longo. É sempre igual para

aquela companhia, mas nunca o mesmo entre companhias diferentes. E todas projetam o sinal em sequencia, como uma corrente. Um pulso da companhia A é mandado para a companhia B, então a B manda para a C e assim por diante, até chegar à companhia A novamente. O mais estranho foi que, quando nossa infiltração fez com que uma companhia fosse destruída, outro sinal apareceu em uma nova companhia para substituir, exatamente igual ao sinal que se perdeu com a destruição.

Ela fez uma pausa.

— Foi quando suspeitei pela primeira vez de que era uma mensagem com várias partes.

— As companhias estão se comunicando umas com as outras?

— Não. Estão se comunicando com a gente.

O general pesou o significado daquilo, depois olhou para Philips com uma expressão que vem antes do medo.

— E o que elas dizem?

— A mensagem é codificada com uma cifra de proteção 128-bit. Levamos semanas para decifrar, e usando tudo o que tínhamos disponível. A boa notícia é que, fora os japoneses e talvez os chineses, as outras nações levarão anos para decodificar a mensagem, por isso estamos convencidos de que Sobol queria mandar a mensagem para nós. Quando juntamos os vários pedaços de todos os sinais de todas as companhias, descobrimos um único e enorme arquivo GNU comprimido. Ao extrairmos os dados dele, encontramos duas coisas: um API e um arquivo de vídeo em MPEG.

O que é um API?

— É uma interface de programação de aplicações, ou seja, regras para controlar um processo. É basicamente um guia de comunicação, e possivelmente de controle, do Daemon.

— Caramba! Por que Sobol nos daria isso?

— Eu acredito que seja uma armadilha, senhor.

— Que tipo de controle ele diz que nos daria?

— Apenas começamos nossas análises, mas a função mais significativa que descobrimos está na Biblioteca do Ragnarok do Daemon. É uma função chamada Destruir. Ela aceita um código de país e uma identidade de pagamento de impostos como fatores a

serem inseridos. Acreditamos que ao acioná-la a função destrói todos os dados da companhia escolhida.

O general pensou naquilo.

— Meu Deus... E por que ele nos daria isso?

— Ainda não sabemos.

— Você disse que tinha também um vídeo. O que tem nele?

Philips respirou fundo.

— É algo que você precisa passar para os seus chefes.

Na sala de reuniões do prédio OPS-2B, o grupo de diretores das agências se reuniam em volta da mesa de reuniões. A tensão era perceptível, enquanto eles trocavam olhares de maus presságios. O anfitrião abriu aquela sessão emergencial.

NSA: Cavalheiros, todos já sabem da gravidade da nossa situação atual. Trouxe representantes da Computer Systems Corporation e de sua subsidiária, a EndoCorp, para adicionar experiência técnica nesta questão. São as mesmas pessoas que montaram o novo sistema de controle de casos do FBI. Eles possuem o nível UMBRA, por isso podem falar sobre tudo. Alguns de vocês já trabalharam juntos na NBP-1.

Os dois representantes acenaram rapidamente com a cabeça. Eles estavam na casa dos quarenta e pareciam mais conservados do que os manequins na loja do FBI.

NSA: O que estão prestes a ver é uma questão mais do que secreta. Se esta informação se tornar pública, existe uma enorme probabilidade de a economia global sucumbir. — Ele esperou a informação ser compreendida. - O Grupo A decodificou uma mensagem de vídeo vinda de Matthew Sobol.

Sussurros animados se espalharam pela sala. Ele esperou até aquilo acabar.

NSA: Vamos passar o vídeo. Assistam-no cuidadosamente e o discutiremos depois. Luzes, por favor.

As luzes diminuem e uma tevê de plasma na parede ganha vida. Um momento depois, Matthew Sobol aparece em cores e alta definição. A imagem é tão boa que parecia que tinham aberto uma janela na sala de reuniões escura. Sobol estava parado em um lugar alto, ensolarado e de onde se via o oceano. Vestia uma calça

caqui e uma camisa de linho. Ele parecia normal, saudável, e a brisa balançava seu cabelo.

Ele não revelava nenhuma emoção, olhando para a câmera por vários instantes antes de falar.

- Eles construíram um castelo de cartas de 20 trilhões de dólares. Disseram para vocês tomarem conta dele. E depois dizem que eu sou louco?

Sobol começou a andar pela beira do penhasco. A câmera o seguiu, filmando-o em plano médio.

- Tecnologia. É a manifestação física da vontade humana. Ela começou com ferramentas simples. Depois veio a roda e assim por diante, até os dias de hoje. Civilizações cresceram e morreram com base em inovações tecnológicas. O bronze perde para o ferro. O ferro perde para o aço. O aço perde para a pólvora. A pólvora perde para os circuitos. - Sobol olha novamente para a câmera. — Para os que não estão entendendo o que está acontecendo, vou explicar: a Grande Difusão começou, uma era onde os estados-nações começam a se dissolver. A tecnologia causará isso. Enquanto os países competem pelos mercados na economia global, a difusão de alta tecnologia vai se acelerar. Isso resultará em uma difusão do poder. E essa difusão fará com que os países virem princípios de organização não efetivos. Para começar, os governos marginais falharão. Estados-maiores não estarão equipados para interceder efetivamente. Essas regiões sem lei se tornarão lugares propícios para o crescimento do crime e do terrorismo internacional. Ameaças a autoridades centralizadas se multiplicarão. O poder centralizado ficará indefeso contra essas ameaças distribuídas. Vocês já experimentaram a primeira parte desta onda.

Sobol parou de andar e olhou intensamente para o oceano. Um momento depois, ele se virou novamente para a câmera.

- O meu Daemon não é inimigo de vocês. E, por sorte, não pode ser detido. Por nada nem ninguém. Ele não é bom nem mau. É como o fogo, e queimará os que não aprenderem como usá-lo. Queimará os inimigos da razão. Queimará os hipócritas e os tolos. Usem as ferramentas que dei a vocês e o Daemon se tornará um valioso recurso. Ou, se preferirem, não usem. Lembrem-se de que o

Daemon está firmemente estabelecido pelo mundo. Outras culturas usarão suas ferramentas, mesmo que vocês não o façam.

Ele olhou diretamente para a câmera.

- Haverá violência em breve. E chocará vocês por sua extensão e ferocidade. Não percam seu tempo intercedendo. Não é direcionado a vocês. É direcionado a outros parasitas na rede.

- Daemons distribuídos são um desfecho predeterminado no mundo que se aproxima. Vocês devem ser amigos deste. Pois o próximo pode não ser tão amigável. E, diferentemente dos seus atuais líderes, o meu Daemon pode protegê-los de seus inimigos.

O vídeo terminou e as luzes se acenderam. Todos pareciam perturbados. CIA: Jesus amado...

NSA: Cavalheiros, vocês viram o diabo em pessoa, e agora precisamos pensar no que fazer a respeito dele.

CIA: Esqueça Sobol. O que podemos fazer para deter o Daemon dele?

DARPA: Temos que destruir a darknet do Daemon, isso, sim. A mensagem dele é apenas propaganda. Outra coisa para nos confundir.

CSC: A destruição do Daemon demandará um ciberataque coordenado a vários sistemas de dados corporativos. Um ataque em uma escala sem precedentes, um dia D digital.

DARPA: E arriscado demais. Um erro, e o Daemon destruirá milhares de companhias.

EndoCorp: Mas não podemos deixar essa coisa dominar tudo. Temos que detê-la, custe o que custar.

FBI: O que Sobol quer dizer quando afirma que haverá violência? Ele está começando uma revolução?

DARPA: Ele é megalomaníaco.

DIA: Se ele está falando em revolução, é melhor termos o exército nas ruas. Sobol pode estar planejando um golpe.

NSA: Os mercados já estão abalados. Mobilizar o exército e declarar lei marcial causaria pânico.

CSC: Temos forças de segurança privada disponíveis.

CIA: Ele disse que não somos o alvo.

FBI: E você vai acreditar no que ele fala?

DIA: Ele afirmou que os estados-nações estão condenados.

CIA: Sim, mas não afirmou que ele seria o instrumento da destruição deles. Poderia estar nos alertando.

FBI: Estou começando a ficar preocupado com você.

CIA: Não estou dizendo que Sobol está do nosso lado. Acho que ele é um bastardo malvado, ou melhor, era um bastardo malvado, mas tinha uma visão demente que acho que precisamos tentar entender. Ele falou de pequenos grupos, e "A Grande Difusão" foi o termo que usou. Os pequenos grupos entrariam em conflito com os estados-nações.

DARPA: Sobol mencionou regiões sem lei e estados falidos. E se estiver falando de terrorismo?

DIA: Os terroristas usam nossa própria tecnologia contra nós.

CIA: Do mesmo jeito que as redes criminosas internacionais. Será que Sobol acha que esse Daemon pode ser usado contra o terrorismo e os crimes transnacionais?

DARPA: Ele dominou facilmente as indústrias de apostas e pornografia on-line.

NSA: Temos que descobrir o que fazer a respeito disso.

EndoCorp: Senhores, esse Daemon consiste em sistemas de redes distribuídas e uma rede humana de apoio. Isso não é diferente de muitos inimigos que já derrotamos.

DARPA: Eu acho que é claramente diferente.

EndoCorp: Em coisas específicas, talvez, mas não no geral. Estando ele vivo ou morto, a rede de Sobol pode ser rompida e o pessoal dele pode ser posto para correr. Para derrotar sua rede humana, temos que atacá-los com tudo e em todos os lugares, mantendo-os fugindo e olhando por cima de seus ombros.

CSC: E para poder prevenir que os vários componentes do Daemon interajam, ensaiamos uma queda de energia regional imediatamente antes das nossas operações. Exerceremos o nosso controle sobre os grandes conglomerados da mídia para evitar que o Daemon leia notícias, ou então fabricaremos notícias que sirvam aos nossos propósitos.

Os diretores pareceram surpresos com a repentina mudança de rumo da discussão.

NSA: E os operadores humanos do Daemon? Eles não poderiam ainda se comunicar?

EndoCorp: Isso é a clássica infoguerra, que inclusive foi criada por nós. Temos especialistas muito habilidosos em combate eletrônico e cibernético. Estaremos monitorando as atividades do Daemon nas próximas semanas. E em relação aos operadores humanos dele, eles não durarão muito contra ex-soldados das Forças Especiais. Operamos com sucesso na Colômbia contra rebeldes de esquerda e narcoterroristas, e na África Subsaariana contra rebeldes islâmicos. Nossos homens operam em grupos pequenos e com o mínimo de supervisão, não precisamos de supervisão do legislativo.

CIA: Pode funcionar bem para a Colômbia e a África, mas como venderíamos isso em Columbus, Ohio? E como vamos diferenciar amigos e inimigos em uma sala de servidores lotada de gente?

EndoCorp: Não vamos diferenciar. Entraremos com o nosso próprio pessoal para operar os data centers e prenderemos a equipe toda até averiguarmos se são um risco ou não.

NSA: Isso é loucura. Você não pode deter trabalhadores de TI em milhares de empresas. Você não tem homens suficientes, para começar. Além disso, boa parte dos locais infectados se encontra em outros países. A maioria das quinhentas maiores empresas da revista Fortune tem escritórios de processamento de dados de reserva na Índia ou no sudeste da Ásia.

EndoCorp: As fronteiras não significam nada para nós. Temos uma provisão militar privada e empresas de apoio dispostas em vinte e cinco países, incorporadas sob centenas de nomes diferentes. E temos vozes influentes em dezenas de outros países. Certos interesses financeiros que atualmente se encontram em risco estão dispostos a bancar esse esforço para proteger a economia global.

NSA: No momento em que você atacar, o Daemon destruirá todas as redes infectadas.

FBI: Ele tem razão. São alvos demais a serem atingidos ao mesmo tempo.

O representante da CSC olhou sombriamente em torno da mesa.

CSC: Ele está correto. É por isso que temos de observar e escolher. Se defendermos uma fatia dos interesses ocidentais em suas numerosas indústrias, a economia global pode conseguir sobreviver. Mas apenas se investimentos estratégicos forem feitos nas ações dos sobreviventes selecionados. Isso pode contrabalançar a perda das outras companhias.

Os diretores ficaram sem palavras por um momento.

DARPA: E essas ferramentas que Sobol mencionou?

Os rostos se viraram na direção dele.

NSA: São uma interface de programação incluída na mensagem de Sobol. O Grupo A tem uma equipe analisando os componentes. Eles suspeitam de que Sobol esteja nos oferecendo uma forma de comunicação com o Daemon. Talvez até uma espécie de controle rudimentar.

FBI: Que tipo de controle?

NSA: Para começar, há uma função que, se utilizada, destrói todos os dados de uma das companhias infectadas pelo Daemon.

Todos entenderam imediatamente o significado daquilo.

DARPA: E isso continua sendo transmitido ao redor do mundo por um sinal criptografado?

NSA: Sim. O que significa que é apenas questão de tempo para que outros governos também tenham esse conhecimento.

CIA: Sobol está tentando nos forçar a agir.

DARPA: Vamos precisar ver esse API o mais rápido possível. Ele pode fornecer pistas para a inteligência a respeito da topologia da darknet do Daemon.

FBI: Vocês não estão sugerindo, seriamente, que comecemos a nos comunicar com essa coisa? Não negociamos com terroristas.

NSA: Ninguém está negociando com ninguém. Isso é um programa, e nós o estamos analisando.

FBI: Olha, já perdemos tempo demais sem fazer nada. Precisamos matar essa coisa. Ele já pegou uma boa parte das quinhentas maiores empresas do mundo e ainda pode causar danos irreparáveis a esta nação.

CSC: E para a economia global.

NSA: Mas este é o problema: se fizermos algo contra ele, o Daemon joga todos os dados das corporações no lixo. E, se o ignorarmos, algum outro governo pode usar a função Destruir para nos atacar.

CSC: Temos que atacá-lo.

NSA: Não acho que perder três quartos dessas companhias seja uma opção.

EndoCorp: Vocês precisam atacar a organização de Sobol. Infiltrar-se nela, identificar os chefes de grupos, prendê-los, apertá-los e detonar o grupo todo. Já fizemos isso antes.

CSC: Vão precisar de equipes escolhidas a dedo.

NSA: Cavalheiros, espero que não estejamos atrapalhando a reunião de vocês.

Eles olharam impassíveis para o diretor.

Capítulo 36:// Os poderes estabelecidos

Um jato empresarial Dassault taxiava saindo das sombras e entrando no hangar limpíssimo e iluminado. Ele andou até parar ao lado de um Cadillac Escalade preto e um Chevy Suburban. Os motores do avião foram desligados enquanto homens de terno tiravam seus protetores de ouvido e se aproximavam da aeronave.

A porta se abriu, baixando uma pequena escada. Um momento depois, Russell Vanowen Jr. desceu do avião, parecendo magnífico como sempre em um impecável terno preto de risca de giz. Em seguida, observou o hangar com seu olhar de comando. Tudo parecia seguro. Apenas sua equipe de segurança contratada estava presente. A Korr Serviços de Segurança, ex-soldados das Forças Especiais. Inteligentes, capazes e confiáveis.

Ele foi em direção ao Escalade ao mesmo tempo em que um de seus seis guarda-costas veio em "sua direção.

O homem o saudou por reflexo, depois parou na metade do movimento, envergonhado.

— Boa noite, senhor Vanowen, seu convidado já está esperando. Vanowen assentiu de leve com a cabeça.

O guarda abriu a porta do passageiro do Escalade. Vanowen reparou com satisfação a grossura da porta. Armação de Kevlar laminado e vidros à prova de balas de um centímetro. Era um discreto tanque de negócios.

Vanowen entrou e ficou surpreso ao ver o homem que o esperava no banco de trás. Ele tinha o cabelo cortado bem curtinho e uma mandíbula firme, definitivamente um visual militar. Era chamado de O Major, e isso era a única coisa que Vanowen sabia dele. Nunca tinham se encontrado, mas os dois conheciam bem os seus papéis.

Vanowen se sentou em um lugar vazio. A porta se fechou com um barulho surdo.

O Major não estendeu a mão.

— Você está sete minutos atrasado. Vanowen concordou com a cabeça.

— Sim, e temos que nos apressar. Tenho um discurso agendado para esta noite no centro de convenções. — Ele semicerrou os olhos. — Tem certeza de que não foi seguido?

O Major ignorou a pergunta.

— Vamos andando.

Vanowen olhou pela divisória e viu que o motorista e o guarda-costas já estavam lá na frente. Ele apertou o intercomunicador.

— Para o Centro.

— Ainda estão tirando as malas do avião, senhor.

— Peça que nos encontrem no hotel. E vamos embora.

— Entendido, senhor Vanowen. Vanowen se virou para O Major.

— Minhas fontes me disseram que os federais sabem quais são as empresas infectadas pelo Daemon.

O Major não demonstrou nenhuma reação. Vanowen continuou.

— E que apenas poucas dessas companhias devem sobreviver.

O Escalade passava agora pelas portas do hangar e se movia pela noite. O Major olhou pela janela.

— Se eu estivesse em posição de confirmar essa informação...

— Já sei que é verdade. O que preciso de você é a lista de companhias infectadas.

O Major nem piscou.

— Por que acha que estou aqui?

Vanowen ficou surpreso, algo difícil de acontecer, e tentou encontrar o que dizer.

— Ah... entendi.

— A Leland tem amigos poderosos, senhor Vanowen. O Major pôs a mão no bolso.

— Você parece estar com a impressão de que precisa manter as aparências. Mas não foi o único pego na teia do Daemon. - O Major tirou um folheto brilhoso do paletó. - Porém, ao que parece, o senhor Sobol pode, sem querer, ter nos dado a oportunidade de

investimento de nossas vidas. — Ele deu o folheto para um desconfiado Vanowen.

— O que é isso? — Vanowen leu o título: Torneio Anual de Golfe em prol do Hospital Infantil. - Isso é uma piada?

O Major encostou no folheto.

— Abra.

Vanowen abriu. Dentro do folheto de dobra tripla havia uma longa lista de patrocinadores do evento de caridade, uma companhia atrás da outra. Vanowen olhou para o seu convidado.

— Fiz com que fosse impresso. Esperamos um evento de perda de dados de proporções cataclísmicas nos próximos seis meses. Esta é uma lista de companhias públicas escolhidas para ter proteção especial de militares públicos e privados. Agora você sabe como reestruturar o seu portfólio. Se alguém mais vir isso, é apenas um folheto de caridade. Vanowen abriu um sorriso.

— E quanto a Leland deve doar para o Torneio de Golfe das crianças? O Major se virou para olhar, através das grossas janelas, a noite lá fora.

— Você não está recebendo essa informação para benefício próprio. Mas tenho certeza de que também se dará muito bem.

— Talvez eu possa lhe oferecer uma comissão, pelo seu aconselhamento financeiro?

O Major olhou sem nenhuma emoção para ele.

— Sou apenas um dos investidores da Leland, senhor Vanowen. Faça seu trabalho direito, e não teremos nenhuma razão para conversar novamente.

Vanowen assentiu vigorosamente.

— É claro — dobrou o folheto e o guardou no bolso de seu terno. O Major apontou para ele.

— A lista não pode ser digitada, fotocopiada, e você não pode contar a ninguém sem a aprovação dos meus superiores. Entendeu?

— Sim.

— Sabe o que aconteceria se mentisse para mim? Vanowen olhou nos olhos dele.

— Sim.

— Ótimo. É bom não se esquecer. Vanowen suspirou de forma dramática.

— Então... que tipo de proteção especial estas companhias vão ter?

— Existe uma Força-Tarefa Daemon, comandada por um técnico da NSA. Uma jovem negra, muito inteligente. Ela está começando a elucidar o desenho do Daemon.

— Mas, se descobrirem um jeito de deter o Daemon, nossa oportunidade de investimentos estará... - ele parou de falar.

— Não temos a intenção de deter o Daemon, ele é valioso demais. A meta é controlá-lo. E a força-tarefa fez progressos nessa área.

— Controlar? — Vanowen pensou naquilo. — Então ainda teríamos nossa oportunidade...

— Mas com grande precisão e com o poder de negar tudo. O Daemon pode virar uma poderosa arma econômica, particularmente contra as ascendentes economias asiáticas.

Vanowen pensou nas possibilidades.

— Então o Daemon não é invencível, no fim das contas...

— Ele fez um gesto para o bar próximo. — Quer um uísque para celebrar?

O Major fez que não com a cabeça.

- E um pouco cedo para se comemorar qualquer coisa. E, em todo caso, partirei em instantes. - Ele apertou seu próprio intercomunicador. - Roberts, me deixe no próximo cruzamento.

- Afirmativo, senhor.

Vanowen levantou as sobrancelhas, surpreso de o Major saber o nome de seu motorista.

- Nada é deixado para o acaso, senhor Vanowen. Você tem um trabalho importante a fazer por nós. Tente atingir seus objetivos.

Em determinado momento, o Escalade diminuiu ao chegar a um cruzamento rural, duas estradas do condado no meio do nada com apenas um poste de luz rodeado de mariposas. O Major se virou para Vanowen.

- Nunca nos encontramos - ele saiu antes que Vanowen pudesse falar uma palavra. As portas foram fechadas e trancadas assim que

ele saiu. Vanowen viu um sedan emergir das sombras e se encontrar com O Major. Um instante depois, o Escalade estava em movimento, de volta à escuridão e à estrada, indo em direção a uma luz borrada no horizonte. O subúrbio disperso à distância.

Vanowen soltou o ar, aliviado. Aquilo tinha ido extraordinariamente bem. Melhor do que ele poderia imaginar. Então os homens lá de cima não o consideravam culpado? O Daemon tinha se espalhado. Ele achou aquilo estranhamente tranquilizador, sobretudo porque os poderes estabelecidos não estavam nem um pouco perturbados. Matthew Sobol os tinha subestimado, e eles já estavam dando seus passos para virar a situação para o lado deles. E ele tomaria um uísque para celebrar.

Vanowen pegou uma garrafa de Macallan 30 anos do minibar e serviu três dedos, sem gelo. Levantou o copo e suspirou de novo, satisfeito, apreciando a cor de caramelo contra a luz do teto. Ele não só se livraria do Daemon como ganharia bilhões no processo. Esta era a verdadeira essência do capitalismo: faturar com o caos. É verdade que haveria um derretimento temporário da economia, mas era como podar uma árvore, depois ela cresceria mais forte e saudável do que antes. E totalmente sob o controle deles. Ele levantou seu copo e fez um brinde.

- Saúde, senhor Sobol.

Através de seu copo, Vanowen viu uma sombra escura crescendo mais à frente. Meio segundo depois, ela veio acelerando da escuridão. Era um carro com os faróis apagados. O motorista de Vanowen gritou.

Um Lincoln Town Car acertou o Escalade de frente a uma velocidade combinada de mais de 250 quilômetros por hora, amassando, instantaneamente, o Lincoln até o banco de trás com um barulho muito alto, e amassando o Escalade até o vidro da frente. Isso lançou o motor V10 do Escalade no banco do passageiro, arrebentando o para-brisa grosso para fora de sua moldura, deslizando cerca de cem metros pela estrada.

Depois do impacto inicial, o Escalade se separou do Lincoln e rodou intensamente, espalhando pedaços de metal e portas reforçadas para o alto. O que sobrou dele aterrissou de cabeça para

baixo na pista oposta, quase cem metros adiante. Fumaça e vapor saíam dos destroços.

Após alguns instantes de um silêncio mortal, faróis surgiram à distância, de onde o Escalade tinha vindo. Eles foram ficando mais fortes e vinham acompanhados de um motor potente. Logo, um Mercedes SL Sports Coupé conversível preto chegou e parou no começo da área dos destroços. Seus faróis de xenon estavam apontados para a pilha de metal retorcido que era o Escalade, banhando-o com sua luz branca.

Dois Lincoln Town Cars idênticos e com os faróis apagados apareceram atrás do Mercedes, como guarda-costas. O motor do Mercedes foi desligado, mas os faróis continuaram acesos.

Momentos depois, a porta se abriu e a forma sombria do motorista saiu e caminhou, calmamente, para a luz fornecida pelo seu carro.

Brian Gragg observou atentamente os destroços.

Ele tinha renascido. As tatuagens e os piercings tinham sumido sem deixar vestígios, junto com o cabelo desgrenhado. No lugar, havia um jovem arrumado e com visual de homem bem-sucedido. Vestido como Sobol se vestiria, todo de preto, com uma calça feita sob medida, camisa de seda e um casaco esportivo. Fora as luvas pretas sintéticas e os óculos esportivos que usava, ele parecia igual a qualquer empresário de tecnologia de Austin. Agora ele era invisível para as autoridades. Um homem de posses.

Ele respirou o ar da noite, que estava úmido e cheirava a grama. Ouvia o barulho dos grilos. Nunca estivera mais vivo do que agora. Nem mais feliz. E nunca pôde ver tão claramente. Podia sentir o mundo à sua volta a quilômetros. Unidades de GPS da polícia, membros da Facção e dados do AutoM8 enviados por rede no campo em torno dele, todos alimentando com suas descobertas, como os familiares de um mago.

Gragg sentiu o formigamento do Terceiro Olho em seu estômago e em suas costas. O Terceiro Olho era outro dos milagres que Sobol fez por ele. Era unia camisa condutora sob medida colada na pele, mas não consistia apenas em uma peça de vestuário. Era um aparelho de toque que o ajudava a usar o maior órgão do seu

corpo, a pele, como um outro olho, um olho que via tudo. Um olho que nunca piscava e que podia enxergar 360 graus ao seu redor e a uma distância de meio mundo, se ele assim quisesse.

Ele funcionava mandando pequenos impulsos elétricos que excitavam as terminações nervosas de sua pele, mais ou menos como um monitor projeta os pixels na tela. Os impulsos elétricos microscópicos representavam os dados, de pontos de luz em uma tela de radar a imagens estonteantes de algum aparelho visual. Mas o que impressionava Gragg era como o cérebro aprendia a aceitar as informações vindas dessa nova fonte como se fosse um novo órgão. Apenas mais um olho.

Ele sentia as redes ao seu redor, mas podia fazer mais do que apenas senti-las.

Gragg fez um movimento com as mãos enluvadas e os faróis dos Lincoln gêmeos se acenderam. Os carros rugiram e se moveram, parando um de cada lado da estrada e iluminando a cena, tudo comandado por ele, que os parou com um aceno de mão.

Pedaços de metal e plástico brilhavam e preenchiam a estrada. Ele agora podia ver os destroços completamente amassados do AutoM8 que usou no ataque. Estava de ponta-cabeça em uma vala ao lado da estrada, mais ou menos quinze metros à frente. Soltava fumaça como uma destilaria e só tinha sobrado uma parte da traseira.

Gragg relaxou os braços e então estalou os dedos, caminhando a seguir em direção aos destroços do Escalade.

O motorista e o passageiro no banco da frente estavam claramente mortos. O intestino de um deles tinha se espalhado pelo metal retorcido e também pelo chão. O cheiro de ácido e bile estava mascarado pelo aroma de plástico queimado e líquido anticongelante.

Gragg ouviu uma lamúria. Foi até a parte de trás do carro e olhou pela abertura retorcida da porta que não estava mais lá. Dentro, viu uma mistura de air bags, pó branco e vidros quebrados.

Ouviu com atenção, seguindo o som até o outro lado dos destroços, onde logo encontrou o corpo ensanguentado e trêmulo de Russell Vanowen, deitado de costas, todo torto, na estrada.

Gragg andou a passos curtos para olhar para ele, tomando cuidado para não pisar na poça de sangue que se formava de um lado.

A cabeça e o rosto de Vanowen estavam cobertos de sangue e seu braço direito estava mutilado, com ossos quebrados furando sua manga retorcida. Um longo grunhido saiu de seu rosto deformado e de sua boca sem dentes. Ele praticamente não tinha mais nariz.

Gragg olhou para ele com frieza.

Ele se inclinou, e suas mãos enluvadas abriram o terno ensanguentado de Vanowen.

O peito do homem ferido subia e descia, e seus olhos ficaram aterrorizados quando Gragg pegou o folheto ensanguentado do Torneio de Golfe das crianças. Gragg limpou um pouco do sangue e o abriu, segurando-o na luz.

Ainda estava legível.

Gragg pegou seu celular e tirou uma foto do folheto, depois o dobrou novamente e guardou no bolso do peito de Vanowen. Então ficou em pé e se virou para ir embora.

O grunhido de Vanowen virou um grito de dor quando ele conseguiu alcançar Gragg com sua mão boa.

Gragg parou e ficou assim por um momento, antes de se virar, abaixando--se e pegando o rosto de Vanowen com as mãos enluvadas, fazendo o homem gritar de agonia. — Shhh... Eu subirei de nível por isso. Talvez devesse agradecer a você, Russell. - Ele procurou nos olhos de Vanowen para ver se havia algo que valesse a pena. - Mas quer saber? Vá se ferrar, seu monte de bosta inútil.

Lágrimas rolaram pelas bochechas de Vanowen. Ele estava louco de dor e medo.

Não havia nem uma centelha de pena nos olhos de Gragg. — Se vir Matthew Sobol por lá, diga que Loki mandou lembranças. Gragg ficou em pé, arrumou o casaco e andou em direção ao seu Mercedes. Fez um gesto com a mão e um dos Lincolns foi em frente. Os faróis iluminaram Vanowen, que gritava.

O carro o pegou e arrastou seu corpo por um tempo pela estrada até acabar se soltando. O AutoM8 preto continuou em frente, noite

adentro.

Gragg fez um sinal com o dedo, e seu Mercedes veio encontrá-lo. A porta do motorista se abriu e veio parar ao lado dele.

Gragg se concentrou em seu terceiro olho e sentiu seu AutoM8 a distância, seguindo o carro do homem misterioso que tinha se encontrado com Vanowen na pista de pouso municipal. Então ligou o vídeo do AutoM8 para o seu HUD, heads-up display, projetando a imagem em uma das lentes dos seus óculos. A câmera infravermelha estava a quilômetros de distância e mostrava o carro do homem indo em direção sul pela interestadual. Havia duas pessoas. Gragg escaneou a placa do carro e passou pelo banco de dados do Departamento de Veículos.

Veículo da frota federal — nenhuma informação

Gragg sorriu para si mesmo. E a Força-Tarefa Daemon, não é?

Ele estava chegando perto deles. Estava mapeando a topologia da rede ardilosa dos plutocratas, o Poder do Dinheiro. Eles tramavam alguma coisa. Esse homem ajudaria Gragg a descobrir o que era.

Esses plutocratas eram homens de visão limitada que precisavam ser varridos para o lado. Homens de uma era passada, uma era do petróleo e das indústrias pesadas. Mas a tecnocracia distribuída logo se levantaria, e Gragg estaria lá, ao lado de Sobol, no nascimento de uma nova era. Uma era de imortais. A segunda Era da Razão.

Os olhos de Gragg se concentraram na imagem do carro daquele homem.

Não haveria piedade para os que ficassem no caminho.

Capítulo 37: // As engrenagens da máquina

A máquina portátil Haas era um milagre da engenharia moderna. Era um torno de metal, furadeira de precisão e cortador em um só produto. O Haas podia baixar um modelo computadorizado em 3-D para sua memória e produzir uma peça de metal ou plástico a partir da imagem, na forma exata das especificações. Essencialmente, era uma pequena fábrica de peças resfriada por água e do tamanho de um carrinho de cachorro-quente.

Conectada à internet, virava, praticamente, uma máquina de fax 3-D; projetos colocados digitalmente de um lado saíam como peças prontas do outro. A inserção podia ser feita de qualquer canto do mundo via internet ou por telefone. Tudo de que ele precisava era um ser humano que o servisse, que o alimentasse com os materiais que o plano do serviço requeria. Para protegê-lo e fazer a manutenção. O homem servindo à máquina.

Mas Kurt Voelker e seus homens adoravam suas máquinas. Elas foram a sua porta de entrada na rede do Daemon, que deu um futuro a eles.

Tinham progredido muito desde o primeiro AutoM8. A loja deles em Sacramento agora possuía três máquinas de meio milhão de dólares controladas por computador funcionando o tempo todo e conectadas à internet por satélite. Eles produziam peças em um ritmo acelerado, mas o Daemon tinha proibido que a companhia deles crescesse mais. Três máquinas era o máximo que eles podiam ter. É verdade que haviam tido um lucro de 3 milhões no último ano e levaram para casa centenas de milhares de dólares cada um, mas Voelker ficou irritado com a ordem de permanecer pequeno.

Ainda sabia bem que não deveria protestar contra o Daemon de Sobol, que havia crescido absurdamente em poder. Era melhor

agradecer pela sorte que tiveram.

Voelker levantou seus óculos de segurança e olhou em torno da bagunçada oficina. Possuía 30 mil metros quadrados, em uma fábrica de 1930. Paredes de tijolo, pé direito de sete metros, claraboias e chão de cimento. O cheiro de óleo, metal queimado e ozônio das soldas preenchiam o ar. Peças descansavam nas bancadas e havia mais de dez veículos novos em vários estágios do trabalho. Oficialmente, eram uma firma de personalização de frotas de carros de empresas, com licença para operar pela AQMD, a agência que controlava esse tipo de comércio. Uma empresa legítima da Califórnia. Seus laços com grandes companhias de leasing de carro, o pagamento de impostos sempre no prazo e as contribuições com causas nobres os colocavam acima de qualquer suspeita. Tinham amigos em postos importantes. Advogados poderosos usariam artilharia pesada para defendê-los se alguém olhasse torto para eles. Boa sorte para quem tentasse algo contra eles ou os seus negócios. O Daemon estava preparado para aquelas contingências. O futuro deles estava assegurado.

Voelker viu Tingit Khan e Rob McCrunder lutando contra uma coluna de direção em uma nova variação de AutoM8, um Mustang com 400 cavalos de potência. Estavam implicando um com o outro como irmãos, como sempre faziam. Voelker sorriu. Eram como uma família. Uma família com uma figura de autoridade severa que arrancaria o couro deles se saíssem da linha mesmo que por um instante.

Ainda assim, as regras eram claras, o trabalho sempre mudava e as recompensas eram enormes. Tendo por volta de vinte e cinco anos, já eram milionários no papel. Teriam cinco semanas de férias por ano. Aposentadoria com benefícios em vinte anos. Recebiam conselhos financeiros que o dinheiro não podia comprar. Seu plano de saúde era top de linha. O Daemon cuidava dos seus.

Voelker se virou para sua Haas, que estava ocupada produzindo chapas de aço estriadas de seis centímetros de comprimento por um de largura. Ele não tinha ideia de para que serviam, mas havia uma ordem de serviço para fazer trezentas delas. Um plano estratégico em algum lugar precisaria. Um plano nascido na mente

de um gênio morto e posto em prática agora, no momento certo. Mas certo para quê? Só o Daemon sabia e ninguém vivo tinha a menor noção, com certeza.

Voelker tirou uma das chapas prontas e a colocou em um escâner a laser. Depois apertou um botão, e o objeto foi medido, instantaneamente, em dois mil pontos críticos para se saber o quanto estava preciso. E estava perfeito. Era sempre perfeito. O Haas sabia o que estava fazendo.

Uma campainha em dois tons soou pelos alto-falantes. Voelker, Khan e McCrunder levantaram a cabeça ao mesmo tempo e depois olharam uns para OS outros. Todos sabiam o que significava. Havia novos planos na fila.

Voelker fez um sinal para eles. Deixa comigo. Os dois olharam novamente para baixo e continuaram trabalhando no Mustang, enquanto Voelker tirava as luvas e ia até uma estação de trabalho próxima.

Um novo arquivo com um plano em 3D estava na caixa de entrada da companhia. Ele percebeu pelo tamanho do arquivo que era algo bem grande. Moveu-o para a máquina e depois o abriu com o AutoCAD. Aquilo levou vários segundos, mesmo com seu poderoso computador com Unix.

Quando terminou de carregar, ele ficou um tempo observando o modelo, que agora rodava em três dimensões na tela. Nosso dever não é imaginar o porquê, é fazer ou...

Que porcaria era aquela? Ele se virou para o Mustang.

— Rapazes, venham dar uma olhada nisso aqui. Khan limpou a testa, espalhando graxa.

— Depois, cara. Esta coluna de direção está sinistra.

— Não. Acho melhor vocês virem aqui olhar agora.

Khan virou os olhos dramaticamente e em seguida deu um tapinha no ombro de McCrunder.

— Que foi? Khan apontou.

— O quatro-olhos disse que precisamos ver os novos planos. É urgente.

— Droga... — McCrunder soltou sua chave inglesa, que bateu no chão, e depois os dois caminharam sem pressa até o computador

de Voelker.

— É bom que isso seja importante, Kurt.

Voelker apenas gesticulou para a tela. Os dois homens levantaram as sobancelhas.

— Mas o que é isso?

— Você só pode estar brincando... Voelker fez que não com a cabeça.

Eles trocaram olhares. Aquilo nunca tinha sido dito. Eles sabiam que alguém sofreria com a ira do Daemon. Depois dos eventos na mansão de Sobol, o propósito dos AutoM8 não era bem um mistério, mas eles sempre esperavam que fosse para transportar materiais perigosos, operadores ou algo brilhantemente inimaginável.

Voelker suspirou e se sentou em um banco próximo.

Khan apontou para a tela.

— O que é isso?

McCruder também a apontou.

— Isso é sério, Kurt.

Voelker continuou olhando para o chão.

— É só uma customização fora do mercado. McCruder riu.

— Ah, jura? Não foi o que eu quis dizer. Khan concordava com a cabeça.

— Ele está certo, Kurt. Isso é desenhado apenas para uma coisa: matar pessoas.

Eles contemplaram aquilo em silêncio. Isso aumentava as apostas. Eles agora, claramente, estavam produzindo armas. A fábula alegre tinha acabado. Khan continuou.

— Claro que tem um visual bem legal, mas isso é a vida real, não é uma porcaria de jogo de computador.

— O que faremos?

Voelker tamborilou os dedos na bancada próxima, pensando.

— Quase acabei o pedido atual. Quando terminar, podemos decidir qual o melhor percurso a seguir.

McCruder jogou as mãos para cima.

- Como se tivéssemos escolha, não é, Kurt? Se não fizermos essas coisas, nossos próprios brinquedos voltarão para nos matar.

- Certo, vamos manter a calma. Khan segurou a própria cabeça.

— Eu devia saber que isso aconteceria. Estava tudo perfeito demais. McCrunder fez um sinal com a mão.

- Vamos parar de nos enganar. Nós sabíamos que iríamos construir esse tipo de coisa, então para que fazer esse teatro, de que estamos nos sentindo mal com isso? — McCrunder pegou uma caneta suja de graxa e se virou para um quadro branco, começando a desenhar uma lista de casualidades com pequenos desenhos de humanos feitos de palitos. - Se não fizermos, outros farão e pessoas vão morrer, e nós vamos morrer. É um número x mais três. Se construirmos, pessoas vão morrer, mas nós não. Isso é um número x de pessoas mais zero. - Ele levantou a cabeça, apoiado pelos seus números. - Acho que devemos seguir o curso que fere o menor número de pessoas.

Voelker jogou uma luva nele.

— Isso é bem conveniente, não é? McCrunder levantou as mãos.

- Não me culpe. Nós entramos nisso juntos e não estou com vontade de descobrir o que acontecerá se pedirmos demissão. Muitas coisas grandes estão mudando no mundo, coisas que não podemos deter. Somos apenas engrenagens da máquina e, se dermos defeito, seremos substituídos. Devemos a nossa sobrevivência a nós mesmos. Droga, nós merecemos ser bem-sucedidos. É o que nossos ancestrais fizeram e é o que nós faremos. É o nosso propósito natural, caramba.

Todos ficaram em silêncio enquanto escutavam os barulhos vindos do Haas. Voelker acabou assentindo com a cabeça.

- Sei que você tem razão. Só não achei que faria esse papel um dia. Queria desenhar equipamentos eletrônicos.

Khan se encostou na bancada.

— Eu queria construir pontes suspensas. Mas... surpresa: ninguém liga para o que a gente quer.

McCrunder bateu com a mão na bancada.

— Então, como a diretoria da Autocracia Ltda. vota? Concordamos em continuar com nossa diligência atual?

Eles olharam uns para os outros, depois todos levantaram as mãos.

— Sim.

McCrunder assentiu.

— O sim venceu. Isso fará com que um organismo cibernético massivamente paralelo fique muito feliz. — Então apontou para o Haas trabalhando. — Quando aquelas peças estarão prontas?

Voelker pensou por um momento.

— Elas precisam ser colocadas no ponto de encontro amanhã, ao meio-dia. McCrunder voltou a examinar a tela.

— Vamos precisar de reempo para estudar estes esquemas. Eles parecem complexos. — Ele observou a tela mais de perto. — Isso é uma engenharia bem séria, vejam a caixa do motor, e essa parte hidráulica.

Voelker concordava com a cabeça.

— Motor de epóxi-grafite a 700 rotações por minuto em um vácuo. Flutuando em uma cama magnética.

Khan apontava para a tela de novo.

— Vocês precisam admitir que isso é legal pra caramba. Ele tem até a aparência de mau. Devíamos fazer uma representação para ver como ele fica colorido.

McCrunder o ignorou.

— Quando chega a primeira unidade?

Voelker pegou o mouse e foi até o começo da mensagem, depois leu um pouco.

— Sexta-feira.

McCrunder apontou para o Haas.

— Precisa de ajuda para terminar as peças a tempo?

— Não. Elas ficarão prontas.

McCrunder olhou novamente para o Mustang.

— Então sugiro que estudemos bem os planos para garantir que somos as melhores engrenagens que o Daemon possui.

Capítulo 38:// Montagem

Ele era um garoto-propaganda da exagerada cultura norte-americana. Seus sapatos de bico quadrado tinham sola de botas de caminhada, pensadas para andar por um morro urbano. Sua calça drapeada moderna tinha seis bolsos em suas dobras, cada um deles com um logotipo diferente (E-Bolso, por exemplo), dando a ele a capacidade de infiltração de um homem da infantaria da Primeira Guerra Mundial. Óculos escuros amarelos, inexplicavelmente desenhados para conter o impacto de uma bala de baixo calibre de um rifle e ainda proteger os olhos dos raios ultravioleta, e também maximizar o contraste visual em condições bem diferentes de luminosidade dentro e fora dos lugares.

Somando tudo que estava usando, foi preciso 2 mil anos de pesquisa e desenvolvimento da raça humana, oito barris de petróleo e dezesseis processos contra patentes e marcas registradas. Tudo para que ele pudesse ter um estilo casual. Um estilo que, em matéria de necessidade logística, era comparável a equipar uma brigada militar do século 19. Mas seu visual era bacana. E casual.

Ele caminhava pelas ruas da cidade, passando por bares e cafés tão cheios que parecia que ninguém tinha uma casa para onde ir embora. Passou por cães usando mochilas e crianças de tênis que também eram patins. Todos com um estilo casual.

Era bom estar entre eles novamente. Sua depressão quase o engoliu inteiro quando seu primeiro trabalho teve de ser feito fora do país. E o segundo também. E o terceiro. Não havia mais muitas vagas para gerente de projetos nos Estados Unidos.

Mas agora ele entendia. O mundo fazia sentido novamente, e ele era totalmente a favor do progresso. Eles chamavam isso de *inovação disruptiva*. Mudar era bom. Doloroso, mas bom. Fazia você ficar mais forte. Quando você parava de mudar, era porque estava começando a morrer.

Pela primeira vez em anos, ele sabia que sua situação era segura. Sabia que podia pagar o aluguel, mesmo que o seu bairro tivesse os preços totalmente lá em cima. Que podia se vestir e viver com um estilo que combinava com um homem que tinha a sua educação e inteligência. Não se comparava mais desfavoravelmente com pessoas em artigos de revistas. Havia voltado para o jogo.

Ele tinha um propósito. E, nesse momento, o propósito era de ir até um local específico indicado pelo GPS e esperar novas instruções da Voz.

As palavras sintéticas e femininas da Voz saíam de seu plugue auricular wireless.

- Atravesse a rua.

Ele obedeceu e se viu andando por um centro comercial lotado, ladeado por grandes lojas de rede nacional. A atmosfera de carnaval era intensificada por artistas de rua usando identificação com foto, prova de que eram diversão para a família, talentos que faziam testes de drogas e estavam na lista oficialmente sancionada pelo escritório central.

O local estava cheio de consumidores.

A Voz falou novamente. Local nove atingido. Aguarde... Aguarde. Vetor 271. Prossiga.

Ele se moveu no lugar, olhando para a tela de um GPS portátil até estar virado exatamente a 271 graus. Então caminhou normalmente, enquanto as pessoas passavam por ele animadas.

- Avise quando estiver preparado para a montagem.

A loja do Daemon estava aberta para os negócios. Ele colocou a mão em um dos E-Bolsos e tirou uma peça de aço estriado de máquina de seis centímetros. Depois fechou sua mão em torno dela e continuou caminhando em direção ao vetor 271.

- Preparado para a montagem.

- Prepare-se para a oferta.

Ele podia ver o alvo se aproximando na multidão, um garoto branco de vinte e poucos anos com calças de paraquedas e um agasalho com a sigla de uma universidade. Tinha o visual calmo e a compostura de um entregador do Daemon. Estavam em rota de colisão, e as pessoas passavam por eles como elétrons aleatórios.

O garoto estendeu sua mão direita enquanto caminhava para a frente. Eles estavam próximos agora.

- A oferta de montagem ocorrerá com a frase: Ei, Luther. Confirme.

O garoto veio diretamente para ele, segurando uma peça de aço diferente. Um fone de ouvido de celular era agora visível em sua cabeça, com o cabelo cortado curto. O garoto o cumprimentou com a cabeça.

- Ei, Luther.

Os dois homens estenderam as mãos e aproximaram suas peças. Elas se encaixaram perfeitamente com um clique.

- Montagem confirmada.

Um sinal prazeroso soou na linha.

- Operação confirmada. Vinte créditos de rede. Desmobilizar.

O garoto ficou com as peças que se combinaram e continuou a caminhar. A Voz soou em seu fone de ouvido:

— Estágio dois da montagem. Vetor 168. Preparar para a oferta.

O garoto segurou a montagem ao lado de seu corpo, virou-se para a direção apropriada e caminhou pela multidão calmamente. Momentos depois, ele e uma jovem trocaram olhares e caminharam um para o outro. Ela tinha uma estrutura grande e estava vestida como uma mulher de negócios. Era praticamente invisível para a maioria dos homens. O garoto continuou.

— A oferta de montagem ocorrerá com a frase: Boa tarde, Rudy. Confirme.

A mulher fez um aceno de cabeça enquanto se aproximava dele, segurando um celular próximo ao ouvido.

— Boa tarde, Rudy.

Ele colocou a montagem das duas peças na mão dela e desapareceu na multidão.

— Montagem confirmada.

Um sinal prazeroso soou na linha.

— Operação confirmada. Vinte créditos de rede. Desmobilizar.

Ela colocou a montagem do garoto em uma base de plástico amarela e andou pela multidão, seguindo o seu novo vetor.

Enquanto se dirige de volta ao local de estacionamento, o garoto imagina a montagem tática que está em andamento; como um enxame de na-nobots entre a massa de consumidores, a planta de montagem distribuída do Daemon utiliza meia dúzia de linhas independentes, com nenhum indivíduo sabendo mais do que alguns segundos à frente e apenas a mecânica da montagem pela qual é responsável. As partes chegam aos locais no momento em que devem chegar, com A Voz os guiando para uma rota de colisão. Os montadores vão e vêm, passando a montagem para o próximo trabalhador na corrente, confirmando que completaram os seus passos. A continuidade faz com que haja grandes chances de partes suficientes chegarem à estação no momento apropriado e de que os trabalhadores já usados possam ser rapidamente substituídos.

O que ele não sabia era o que estava sendo construído. E ficou pensando se descobriria um dia.

Em um prédio de escritórios de classe C, um estudante (agora) sem dívidas está de frente para a parede e coloca uma bateria de celular movida a óxido-metano em um compartimento sob medida para ela, dentro de uma pequena maleta de plástico.

A Voz fala com ele por seu plugue auricular.

— Confirme quando a montagem estiver completa.

Ele ligou a unidade e esperou a checagem. Uma luz verde se acendeu. Preparado. Ele baixou a montagem para ficar fora de vista.

— Montagem completa. Uma pausa.

— Aguarde... Aguarde...

Ele olhou em volta do saguão. Era a típica construção de dois andares na extremidade de um parque tecnológico. A segurança consistia em portas trancadas com leitores de cartões magnéticos na entrada. Em outras palavras, segurança nenhuma. Longos corredores com pisos internos e externos cor de laranja se cruzavam em um átrio central vazio no centro da construção.

Ele esperou pacientemente com seu uniforme da companhia de água, uma identificação com foto e carrinho de mão com garrafas de água, enquanto A Voz continuava repetindo:

— Aguarde... — em seu ouvido, a cada dez segundos. Então, uma pausa.

— Vetor 209. Prepare-se para ofertar a montagem completa.

E era isso. O recebedor estava a caminho. Ele olhou para o seu GPS e virou de frente para a porta de segurança.

Charles Mosely andava vivamente em direção às portas do saguão. Era um belo dia de primavera sob o céu aberro do Texas. Ele pôde ver seu reflexo no vidro da porta quando se aproximou. Vestia o uniforme de uma companhia telefônica, com cinto de ferramentas, prancheta e fone de ouvido. Passou seu cartão de segurança, e a porta se abriu com um zumbido.

A Voz falou no fone de ouvido:

— Receba a montagem com a frase: Aqui está.

Mosely se aproximou do jovem asiático parado no saguão com um carrinho de mão cheio de pacotes com garrafas de água. Quando passou, o homem estendeu um estranho aparelho de aço e plástico amarelo para ele. Parecia uma pistola de cola, com a parte de cima faltando, um canal vazio entre duas placas de metal idênticas com ranhuras.

- Aqui está.

Mosely pegou-a com suas mãos enluvadas e guardou-a em um compartimento de seu cinto de ferramentas desenhado especialmente para ela. Depois ouviu o homem da água sair pela porta do saguão atrás dele, mas caminhou de propósito para o seu vetor designado, passando por um cara não identificado que usava um agasalho com o logotipo de uma companhia. Ele o cumprimentou educadamente quando passou, mas o homem não retribuiu. Devia ser apenas alguém que trabalhava ali.

— Vetor 155 — A Voz falou no ouvido de Mosely.

Aquilo significava descer reto pelo corredor. Mosely continuou andando, olhando as portas dos escritórios. Conjunto 500.

Dez minutos atrás, ele achou que iria grampear um sistema telefônico. Mas agora, de posse daquela montagem, reconheceu-a imediatamente. Já tinha usado antes.

Era uma pistola eletrônica.

Feita de plástico amarelo e aço escovado, ela parecia uma ferramenta de mão movida a bateria, tinha até o logotipo da companhia do lado. Mas na verdade era uma arma automática feita à mão com precisão. E praticamente 100% confiável, porque não possuía partes móveis. Em vez de um pino de disparo e de um complexo mecanismo de recarregamento baseado em recuo, uma pistola eletrônica era um aparelho com disparo eletrônico; as balas sem cartucho eram armazenadas em fileira em um dos quatro canos paralelos de doze centímetros, e um chip de processamento disparava cada bala, individualmente, com pulsos de eletricidade de uma bateria acoplada. A arma era recarregada quando se colocavam novos canos de munição. Mosely já tinha recebido três recarregadores rápidos de um mensageiro na rua. Era uma arma à prova de falhas, não rastreável e criada para apenas uma coisa: matar pessoas à queima-roupa.

Conjunto 710.

Ele endureceu o coração. Havia um propósito maior em curso ali, e ele precisava se lembrar sempre disso. Não era o mesmo que ele tinha feito quando era adolescente. Não estava fazendo aquilo por ele. O mundo tinha mudado, e ele tinha visto. Aquilo era parte de um plano. E não havia nenhuma ação aleatória no plano.

A Voz disse:

— Pare.

Conjunto 1010.

Mosely pegou a pistola descarregada e depois, de outra parte do cinto, tirou os canos de aço soldados. Ele juntou as duas coisas com um click-clack. Agora estava carregada e parecia uma pistola a laser de brinquedo.

A Voz soou em seus ouvidos.

— Código do dispositivo... 4-9-1-5—

Mosely virou a arma e digitou o código na base da manopla. O dispositivo estava armado.

Ele se virou para a porta. Depois colocou a mão no bolso e pegou uma chave de plástico duro que lhe fora dada por uma mulher na rua. Todos os sistemas centrais de chaves eram vulneráveis à redução matemática.

A Voz continuou.

- Confirmando as instruções: matar os ocupantes do conjunto...
1-0-1-0.

Mosely fechou os olhos. Ele não gostava daquilo. Achava que tinha deixado essas coisas para trás havia anos. Mas o Daemon o encontrara. E sabia que ele já tinha matado antes. Ele respirou fundo e respondeu:

- Instrução confirmada.

- Prossiga.

Mosely inseriu a chave, virou e abriu a porta. Ele entrou em um escritório desorganizado, com prateleiras que continham pilhas de papéis e caixas perto da parede do fundo. Bancadas com computadores baratos estavam em cima de mesas dobráveis. Um cara de trinta e poucos anos com uma barriga grande se virou rapidamente em sua cadeira e olhou para Mosely. Ele tinha um doce quase chegando em sua boca.

- Você não pode ir...

Mosely levantou a arma e deu um tiro curto no peito do homem, espalhando sangue na mesa do computador e na parede. Duas das balas de ruptura bateram na parede e se dissolveram em pequenas explosões de pó, mal deixando marcas na parede de gesso.

Os projéteis de ruptura ainda impressionavam Mosely. As balas eram feitas de pó de cerâmica compactado. Mantinham seu poder de perfuração se acertassem o tecido humano macio, mas desapareciam em uma nuvem de poeira se acertassem uma superfície dura, como uma parede. Eram feitas para manter os tiros dentro do lugar onde fossem disparados e também para evitar o risco de ricochetes. Esse último item era particularmente importante quando você disparava sete tiros por segundo em um local de três metros quadrados.

O gordo ensanguentado se curvou e caiu no chão com um barulho, fazendo a sala tremer.

Mosely ouviu movimento na sala seguinte, logo à frente. Uma cadeira se arrastando.

- Mav? Que foi isso?

Mosely avançou rapidamente, segurando a arma com as duas mãos. Não precisava se preocupar de eles ligarem para a polícia, pois seus telefones já estariam mudos agora, e seus celulares, travados.

Ele entrou em um escritório maior com duas escrivaninhas e janelas que davam para o estacionamento dos fundos. Um jovem estava em pé atrás de uma das escrivaninhas, com a mão esticada para a gaveta do meio. Seu rosto tinha um olhar de surpresa. Dessa vez, Mosely deu um tiro longo. Com o silenciador, parecia o som de um motor de aeromodelo abafado. Parede, janelas e teto estavam agora manchados de sangue. Uma fumaça subia do cano da arma.

Mosely se virou quando outro homem gritou aterrorizado, abaixando-se atrás da escrivaninha e levando o telefone com ele.

Droga.

Mosely tirou os canos fumegantes e colocou um novo conjunto. Ele avançou com a arma pronta e ouviu o homem gritando amedrontado enquanto batia no telefone mudo.

— Não! Eu dou dinheiro a você! Não!

Mosely deu a volta na escrivaninha e apontou a arma para o homem, que se encolhia contra a parede.

— Não! Por favor!

Mosely hesitou. Droga. Não podia ficar pela metade. Não havia dúvida. -Não!

Mosely esvaziou o cano nele. O homem caiu de lado, atrás da escrivaninha, em uma poça de sangue e com o corpo tremendo. Mosely colocou o último cano e voltou por onde tinha vindo, colocando mais duas balas nas cabeças dos dois homens que tinha matado antes. Depois falou com o seu fone.

— Missão cumprida.

Houve uma pausa. Então a voz falou.

— Confirmado. Dois mil créditos de rede. Desmobilizar.

Mosely digitou a sequência de números no pequeno teclado na base da arma e a jogou em cima de uma mesa próxima. A arma começou a chiar e a soltar fumaça, e então a parte plástica começou a derreter junto com a parte de circuitos.

Mosely pegou um aparelho semicircular de seu cinto de ferramentas. A coisa parecia um pequeno relógio/despertador de viagem, com a parte de baixo arredondada. Digitou a mesma chave de quatro dígitos no aparelho e depois o colocou no chão, onde ele girou por alguns momentos enquanto Mosely saía pelo mesmo lugar por onde tinha entrado.

Quando o aparelho parou sobre sua parte de baixo arredondada, uma ponteira a laser lançou um raio de luz vermelho brilhante no teto manchado, criando um aviso em letras vermelhas grandes e luminosas. As letras formavam a mensagem que o Daemon queria passar, a mensagem associada com a operação 4-9-1-5:

TODOS OS SPAMMERS VÃO MORRER

Capítulo 39:// Cumprindo a ameaça

Reuters.com

Spammers massacrados, milhares de mortos - Um ataque ousado e muito bem coordenado lançado na segunda-feira de manhã pode ter tirado a vida de aproximadamente 6 mil spammers bastante conhecidos em 83 países. Mais de duzentos foram mortos apenas em Boca Raton, na Flórida. As autoridades ainda estão surpresas com a magnitude e a sofisticação dos ataques. Os assassinos deixaram sempre a mesma mensagem: Todos os spammers vão morrer.

Desde os ataques, a ISP informou que houve uma redução de 80% no tráfego de spams pelos servidores de internet.

Sebeck estava sentado em uma sala de visitas completamente vazia, perto do corredor da morte em Lompoc. Sua esposa, Laura, estava sentada do outro lado da mesa e olhava para baixo. Para surpresa de Sebeck, não havia um vidro à prova de balas separando os dois. O último encontro deles seria cara a cara. Dois guardas os vigiavam da porta próxima. Laura olhou para ele.

— Eles estão tratando você bem? Sebeck fez uma careta.

— Eles vão me matar esta noite.

Ela não parecia saber como responder àquilo. Sebeck apenas gesticulou de lado.

— Tudo bem. Conversas normais não funcionam por aqui. Não se sinta mal.

Ela ficou ali com os lábios apertados e tensa por alguns momentos.

— Está com medo? Sebeck assentiu.

— Não sei o que fazer Pete.

— Desculpe-me pela pensão e pelo seguro de vida. Ouvi dizer que eles cancelaram.

— Não consigo acreditar que isto está acontecendo.

— Nem eu.

Ela olhou diretamente para ele.

— Conte-me de novo. Ele retribuiu o olhar.

— Não matei ninguém, Laura. Cometi adultério, mas não fiz nenhuma das outras coisas. Jamais teria feito nada para machucar Aaron ou aquelas outras pessoas.

— Eles falaram coisas terríveis de você na televisão. O tempo todo.

— Me contaram.

— Está sendo bem difícil para o Chris na escola.

Os dois pensaram naquilo seriamente. Então Sebeck fez um gesto com a mão na direção dela.

— É bom ver você, Laura — ele sorriu fracamente. — Considerando tudo o que fiz você passar, não a culparia se nunca mais quisesse falar comigo.

— Conheço você a minha vida toda. Não poderia deixá-lo ir embora sem dizer adeus.

Ele se sentiu um pouco sufocado quando ela começou a chorar. Então limpou sua garganta apertada.

— Sei que não nos amamos de verdade, pelo menos não do jeito romântico. Nosso casamento pareceu a coisa certa a fazer por causa do bebê e tudo mais.

Ela chorava silenciosamente com as mãos no rosto. Sebeck continuou.

— Mas acho que se eu tivesse tido a chance de me apaixonar por você antes de tudo isso, eu teria me apaixonado. Apenas não tive tempo.

Ela apenas fungou.

— Amo nosso filho, Laura. Quero que saiba disso. E quero que o Chris saiba. Não me arrependo de termos tido ele. Eu me arrependo de como cuidei dele. E de como culpei sempre outras pessoas pelas decisões que tomei.

Ela olhou para ele de novo.

— Você era só um menino, Pete. Nós dois éramos apenas crianças.

— Às vezes, sinto que ainda sou. Como se estivesse congelado no tempo. Ela tentou controlar as lágrimas. — Não sei o que fazer.

Sebeck suspirou.

— Venda a casa. Garanta uma boa educação para o Chris. E depois... se apaixone. Você merece ser feliz, Laura.

Ela chorava mais agora.

Um dos guardas chamou-o da porta.

— O tempo acabou Sebeck.

Sebeck esticou a mão para ela. Eles ficaram de mãos dadas sobre a mesa alguns momentos.

— Obrigado por ser boa comigo.

Os guardas levaram Sebeck, e a última coisa que ele viu foi ela olhando para ele por entre as lágrimas, enquanto era empurrado pela porta para um corredor próximo.

Sebeck estava deitado com as mãos e os pés presos por fitas de couro. Um tubinho de borracha tinha sido amarrado em seu braço direito, fazendo suas veias saltarem. Outro tubo marrom de borracha corria da linha intravenosa em seu braço para a parede, onde desaparecia por uma pequena entrada. Sebeck sabia que havia vários homens atrás daquela parede, cada um preparando doses letais de sódio tiopental (para fazê-lo dormir), brometo de pancurônio (para ele parar de respirar) e cloreto de potássio (para interromper os sinais elétricos para o seu coração). Apenas uma das bolsas estava ligada ao tubo intravenoso de Sebeck, por isso os três executores jamais saberiam quem foi o responsável pela injeção letal. Era um sistema estranho, que ignorava o fato de as pessoas matarem umas às outras todos os dias sem tentar esconder isso. E mais: se por acaso ele tentasse pular o muro da prisão, eles atirariam nele e o matariam sem hesitar.

Olhando para o seu corpo, Sebeck achou engraçado estar em melhor forma agora do que na última década inteira. Tudo que ele tinha para fazer em sua solitária para não enlouquecer eram exercícios, flexões e agachamentos. Tudo sob as luzes fluorescentes de sua cela, que ficavam acesas 24 horas por dia. Ele viu os músculos definidos de seu braço e aquilo o fez lembrar de sua juventude. Bons tempos.

Sebeck ficava um pouco inclinado para poder ver as testemunhas sentadas atrás das janelas ali perto. Ele se sentia estranhamente calmo enquanto olhava para as pessoas. Um misto de curiosidade e raiva se via nos rostos que o encaravam. Alguns tomavam notas.

Então era assim a sala de execução? Era esta a sensação de ser mandado para a morte. O pressentimento que ele havia tido sobre Sobol estava errado. A mensagem no funeral não trouxe nenhum salvador vindo do túmulo. Ser condenado à morte pelo governo um dia não parecia ser minimamente possível quando ele morava no coração do subúrbio. E, mesmo assim, ali estava ele. Sebeck quase riu. Era tão ridículo que ele quase esperava que Rod Serling* entrasse ali e fizesse um resumo com duplo sentido de sua vida. Pete Sebeck, um homem cujos demônios ficaram com o melhor dele...

Será que havia mesmo um Daemon, afinal de contas? E, se realmente houvesse, Sebeck tinha sido derrotado por ele. A única coisa boa que havia feito foi ter o seu filho, o que era irônico, já que ele sempre achava que a gravidez de Laura era a pior coisa que tinha acontecido em sua vida.

Ele pensou que a maioria das pessoas ali realmente acreditava que ele tinha conspirado para matar policiais federais. E nem os culpava pelo que estavam fazendo. Ele teria ficado com raiva também.

Então, Sebeck notou Anji Anderson na plateia. Um flash de raiva o atingiu. Era a gota d'água, ver aquela carinha convencida e presunçosa com um leve sorriso no canto da boca. Como um duende malvado. A expressão mais malevolente de Sebeck foi usada para encará-la. No início, ela manteve a expressão convencida, mas logo o sorriso sumiu e então ela virou o rosto.

Depois de conversar por um momento com o médico, o diretor do presídio se inclinou e perguntou se Sebeck queria dizer suas últimas palavras. Ele vinha pensando em suas últimas palavras havia meses. E fazia tempo demais, na verdade. Não que ele fosse ganhar de alguém. Decidiu pegar o caminho estoico e inflexível.

Ele olhou para o vidro espelhado que protegia os familiares das vítimas.

— Eu não matei os seus entes queridos. Eu não matei ninguém. Mas, se estivesse no lugar de vocês, também acharia que sou culpado. Espero que a verdade apareça um dia, mesmo que seja apenas para que meu filho saiba que o pai dele não é um assassino — ele fez uma pausa. — Pronto. Vamos acabar logo com isso.

N.T.: Rod Serling era roteirista e foi o criador do seriado *Além da Imaginação*. Ele morreu em 1975.

Quase que imediatamente ele sentiu uma sensação quente no braço, que se espalhava como uma onda de torpor por seu corpo todo. Ele pensou que aquela era a velocidade de seu sistema circulatório. Também notou uma etiqueta no suporte para a luz fluorescente acima dele. Estava escrito: REFLETOR PARABÓLICO 30W. Era uma mensagem estranha para se ir embora desta vida. Então virou a cabeça para o médico parado ali perto, um homem anguloso com olhos azuis gelados que olhou friamente para Sebeck. Nem ele conseguiu encarar aquele olhar poderoso, e então fixou os olhos no logotipo na lapela do jaleco do médico. E leu: Singer/Kellog Serviços Médicos Ltda.

Sebeck sentiu seus olhos ficando pesados e sua respiração, mais lenta. Ele se virou novamente para a luz acima de sua cabeça. Quando sua visão cedeu, ele lutou para conseguir manter seu foco na luz. Sebeck percebeu que tinha se esquecido de apreciar sua última visão do mundo. Era tarde demais, e ele lutou por uma última olhadela, mas agora tudo era escuridão. E depois não havia mais nada, e ele se sentiu em um poço de um vazio tão grande e largo que era como se o universo inteiro tivesse deixado de existir.

O detetive e sargento Peter Sebeck morreu às 18h12, horário do Pacífico.

Capítulo 40:// Uma nova dimensão

Newswire.com

Sebeck executado (Lompoc, CA) - O ex-policial e detetive Peter Sebeck foi executado por injeção letal na prisão federal Lompoc às 18h12 desta segunda-feira. Condenado no começo do ano passado por sua participação na farsa do Daemon, o julgamento e as apelações de Sebeck foram apressados pelo sistema de justiça federal. O promotor Wilson Stanos comentou o assunto: "Este julgamento transmite uma mensagem clara para os inimigos da liberdade."

Natalie entrou no escritório sem janelas da Força-Tarefa Daemon bem depois da meia-noite. Ela esperava que o lugar estivesse quase deserto, mas em vez disso encontrou um amontoado de técnicos e seguranças fortemente armados perto do corredor que levava até a sala dela. Eles estavam no meio de uma discussão acalorada. O Major levantou a cabeça no meio do grupo quando Philips se aproximou. Ele a cumprimentou com um movimento de cabeça.

— Como foi a viagem, doutora? Philips soltou sua mala no chão.

— O que está acontecendo?

O Major apontou para o corredor.

— Seu amigo hacker está tendo uma espécie de chique. Ele se trancou na sala de conferências B e trocou o código de acesso.

Philips suspirou e esfregou os olhos.

— Há quanto tempo?

— Mais ou menos, uma hora. Estava me preparando para resolver a situação. Ela olhou para um guarda com uma arma de gás lacrimogêneo.

— Isso não será necessário, Major. Deixe que eu falo com ele. O Major sorriu friamente.

— Você é quem manda aqui, doutora.

Ele estava fazendo graça com ela. Philips preferiu ignorar e ir em frente. Ele ficou parado no caminho dela.

— Você sabe que preciso mandar um relatório para a Central de Comando sobre este incidente, não?

— Entendido. Agora, se me der licença...

— E, por favor, lembre-o das cláusulas relevantes em seu acordo de anistia.

— Pode ter certeza de que farei isso. Agora, se não estou enganada, estes homens têm ocupações. Faça com que voltem ao trabalho.

Ela pegou sua mochila novamente, mas o Major esperou um instante antes de afastar para o lado, para que ela pudesse passar. Ela desceu o corredor até a luz que saía por baixo da porta da sala de conferências B. Lá chegando, olhou para uma pequena tela de LED vermelha ao lado do leitor de cartões magnéticos da porta. Estava escrito: FODA-SE. Ela sorriu de leve e então abriu o plástico do leitor, revelando um pequeno teclado. Concentrou-se por um momento e em seguida digitou um código de trinta e dois dígitos. A porta dos fundos dela. A porta fez um clique e ela entrou.

— Vá embora — Ross nem se virou.

Ele se encontrava do outro lado da mesa de reuniões, que estava cheia de computadores e laptops. Linhas de texto passavam rapidamente por todas as telas. O resto da sala estava cheio de mapas amassados, diagramas e inúmeros relatórios empilhados pelo chão.

Ross fazia mira com um lápis improvisado como dardo em um grande mosaico do rosto de Matthew Sobol preso na parede do fundo. A foto tinha sido montada a partir de vários papéis impressos. Meia dúzia de lápis/dardos já estavam fincados no rosto de Sobol, além de centenas de outros furinhos concentrados, principalmente, entre os olhos dele.

Philips resolveu participar da cena.

— Não posso dizer que esta linha de pesquisa pareça promissora.

Ross inclinou a cabeça de leve na direção dela, reconhecendo sua voz. Ele hesitou por um momento, com o dardo ainda posicionado, e então fez o seu lançamento. O dardo se prendeu na sobancelha de Sobol. Ele pegou outro dardo e não falou nada.

' N.T.: Diego Garcia é a maior ilha do território britânico do Oceano Índico muito utilizada pelos Estados Unidos para fins militares.

Philips fechou a porta e foi andando pelo chão cheio de coisas, pisando por entre os mapas que tinham sido arrancados das paredes.

— O que está acontecendo, Jon?

— Nada — ele jogou outro dardo, acertando na bochecha de Sobol. — Como foi em Washington?

— Complicado.

— Que surpresa. Algum outro general querendo me mandar para Diego Garcia?* — Ele lançou um dardo com força, fazendo-o ficar bem preso na parede.

Philips andou até ele e soltou a mala na mesa de conferência.

— Você pode achar que está brincando, mas não está longe da verdade. Sua insistência em se manter anônimo não está me ajudando a defendê-lo. E nem atitudes como esta.

Ross observou o rosto de Sobol perfurado por dardos por um momento e então se virou para Philips.

— É verdade que eles acabaram de executar Peter Sebeck? Ela olhou para baixo. Droga!

— Eles mataram mesmo ele?

— Sim, mataram.

Ross jogou mais uma rodada de dardos.

— Droga! Isso é uma droga!

— Não dava para fazer nada, Jon.

— Claro que dava para se fazer alguma coisa.

— Não sem o risco de o Daemon retribuir. Ele já matou dezenas de milhares de pessoas. Está preparado para assumir a responsabilidade por mais mortes?

— Não é esse o ponto, e você sabe bem disso.

— É exatamente esse o ponto.

Ross se virou e jogou seu último dardo.

— Droga! Já deveríamos ter vencido esse monstro maldito.

— Olha, o único jeito de fazer com que o sacrifício de Sebeck não tenha sido em vão é destruir o Daemon antes que o público saiba de sua existência. O mercado financeiro já anda tropeçando apenas com rumores. Se vier a público, o mercado financeiro quebrará. E são eles que dão o suporte para a vida como a conhecemos. O sustento de centenas de milhões de pessoas está em jogo.

— Bom, estamos ficando sem tempo, doutora. A blogosfera já está fervilhando. — Ross se encostou na parede.

— Não há saída a não ser continuar trabalhando, Jon - Philips tirou seu blazer e o colocou com cuidado nas costas de uma cadeira. Depois começou a dobrar as mangas metodicamente. — Enquanto eu estive fora, conseguimos algum texto decodificado daqueles interceptados que passei pelo *Cold Iron*?

Ross ainda olhava para o nada. -Jon!

Ele olhou para ela e, aos poucos, foi se arrastando até a mesa.

— Sim. O pessoal do Crypto mandou um arquivo.

— Ele se sentou em uma cadeira e começou a digitar. Ela assentiu, encorajada, e foi em direção a ele.

— Ótimo, vamos ver.

Ele abriu o arquivo de texto. Um enorme fluxo de números de dupla precisão preencheu a tela, com caracteres alfanuméricos espalhados no meio deles.

— Aqui está um segmento de texto decodificado. Ela olhou com cuidado para a sequencia.

— Coordenadas de GPS. Ele assentiu.

— Quase um maldito terabyte disso. O que fez você pegar isso das ondas no ar?

Philips ainda examinava os números.

— A quantidade de coisas. Isto aqui é de poucos dias atrás. Está sendo transmitido de radiotransmissores de baixa potência em oito países, dezenas de milhares de transmissores, e esta sequencia não existia antes do Daemon. Ela está virando um barulho de fundo que fica mais alto a cada dia.

— Bom esse "barulho" tem quase um mês, portanto, é história.

— Quebrar uma chave deste tamanho leva tempo, Jon, mesmo para nós -ela fez um gesto para a tela. — Mas o que é isso? Por que o Daemon se preocuparia em criptografar um registro de operações de localização de GPS? Algum sistema logístico de rastreamento?

— Tive algumas ideias a esse respeito. Veja que nem todos os dados são coordenadas de GPS — ele destacou uma passagem do arquivo. — Tem estas longas sequências alfanuméricas sólidas que aparecem sempre nos dados, como identificadores únicos — ele digitou novamente. — Quando analisei os dados, consegui agrupar todas as locações ligadas a uma dessas identidades, e quando coloquei essas locações em um programa de mapeamento SIG... — ele abriu outro programa que mostrava o sul do Texas e o Golfo do México. — Consegui isso...

O mapa foi preenchido por pontinhos. Quase todos os centímetros estavam cobertos.

Philips suspirou.

— Não é muito informativo. Ele concordou.

— Talvez nesta altitude, mas quando nos movemos mais para perto, as coisas ficam mais claras...

Ele deu um zoom para ter uma visão de cima de uma rua da cidade; as linhas vetorizadas com os nomes das ruas preencheram a tela com uma grade irregular. Os pontos, visivelmente, andavam pelas ruas da grade, às vezes se desviando das ruas marcadas.

Philips esfregou o rosto, com o cansaço começando a bater.

- Apenas milhares de dados de pontos sem uma associação significativa. Ross se virou para ela.

- Não se eu puder relacionar estes dados com algo que eu sei que o Daemon fez. Então teremos uma ideia melhor do que estamos vendo. — Ele continuou olhando para ela.

- E você conseguiu?

Ele se virou novamente para a tela e começou a digitar.

— O massacre dos caras que mandam spam. Ainda estava acontecendo quando isto foi interceptado. Cinquenta e dois spammers foram mortos na região coberta por este conjunto de dados. Oito mortes aconteceram em um intervalo de tempo

relevante. Pedi a Merritt que me arranjasse os endereços desses oito indivíduos e os coloquei em um programa de GPS para obter as coordenadas aproximadas de cada um. Então pesquisei nestes dados interceptados por pontos próximos.

Ela sorriu de leve para ele.

— Encontrei um. — Ele apertou uma tecla e uma foto aérea de um parque tecnológico no subúrbio preencheu a tela. Alguns pontos se cruzavam no centro da construção. O conjunto mais longo de pontos continuava andando pela construção e depois se concentrava em uma área.

— Merritt me colocou em contato com o arquiteto, que me mandou um arquivo de AutoCAD do local. Eu alinhei esta planta com o nosso mapa do GPS. Lembre-se de que três homens foram mortos aqui, no mesmo período coberto por estes dados interceptados. Marquei o local aproximado onde eles foram mortos na planta. Veja isso, Nat.

Ele colocou uma planta detalhada na tela. Os pontos de localização do GPS desciam pelo corredor e entravam no conjunto marcado com o número 1010, seguindo até o local onde cada corpo tinha sido encontrado, refaziam seus passos de volta até os dois primeiros corpos e então saíam para o corredor.

Philips sentiu um formigamento descer por sua espinha.

— Caramba. É o sistema de comando do Daemon.

- Acho que é mais do que isso. Esse tipo de sistema de rastreamento coordenado me pareceu familiar. Veja... — Ross girou sua cadeira para alcançar um computador próximo, passando por ela. Ele abriu uma planta em 3-D diferente em linhas vetoriais. — Este é uma mapa do jogo Sobre o Reno, da CyberStorm. Estou visualizando esta fase do jogo na ferramenta deles de editar mapas, chamada de Anvil. Matthew Sobol escreveu partes bem grandes deste programa. - Ross apontou para a tela. — Está vendo estes pontinhos? Eles são objetos móveis, robôs, personagens controlados pelo computador que interagem com os jogadores. Essas linhas de rastreamento indicam as coordenadas que esses robôs seguirão em resposta a algum evento que ocorra no sistema. Ela se inclinou para olhar bem para a tela.

— É exatamente igual aos pontinhos do GPS.

— Isso. Essencialmente, Sobol está usando o sistema do GPS para transformar a Terra em um grande mapa de jogo. Estamos todos dentro do jogo dele agora.

Philips ficou olhando para a tela, ainda tentando decidir se aquela descoberta era boa ou ruim.

— O computador mais poderoso da Terra levou quase um mês para decodificar este bloco de dados, e a criptografia muda de poucos em poucos minutos. Não podemos travar todas as transmissões porque o Daemon usa um espectro comercial. — Ela se virou para ele. — Como usamos esta informação, Jon?

— Deduzindo a existência de certas coisas. Por exemplo, deve ter um jeito de os operadores do Daemon interagirem com esta camada de apresentação. Se minha teoria estiver correta, o Daemon deve ter criado equipamentos que permitem que seus operadores "enxerguem" neste espaço extradimensional e assim possam usá-lo..

Philips assentiu.

— Pode ser por isso que não conseguimos rastrear as Facções no mundo real. Elas estão se comunicando através desse espaço virtual. - Ela ponderou as ramificações daquilo. — Isso pode ser uma grande descoberta.

Ele deu de ombros.

— Ainda temos que comprovar a teoria.

— É algo que podemos fazer. Vamos checar o inventário de equipamentos recolhidos nas cenas.

— Os dispositivos que procuramos devem ter segurança biométrica, escâner de digitais ou algo assim. Se conseguirmos hackear um desses objetos, provavelmente poderemos enxergar na dimensão do Daemon. E será o primeiro passo para conseguirmos nos infiltrar.

Ela olhou para ele por alguns instantes.

— Ótimo trabalho. Estou impressionada.

— Não achei que fosse possível impressioná-la, doutora.

— Sempre existe uma primeira vez.

Ross deu uma olhada para a bagunça na sala.

— Não queria que você voltasse e visse isto. É que ouvi sobre a morte de Sebeck, uma hora atrás. Acho que perdi o controle.

— Ele começou a pegar os papéis espalhados pela sala.

Ela foi até ele e começou a ajudar.

- É minha culpa. Você está trancado aqui há meses. Estou tentando fazer com que eles aliviem as restrições.

Eles tentaram pegar o mesmo relatório e pararam, quase batendo com a cabeça um no outro. Seus rostos ficaram a centímetros, repentinamente parados e em um silêncio desconfortável.

Seus olhares se encontraram por mais alguns instantes enquanto o coração de Philips disparava. Então ela recuou e ficou em pé.

— Preciso checar os meus e-mails. — Pegou o blazer da cadeira, sem se preocupar em soltar as mangas na pressa. Depois pegou a pequena mala.

Ross observava tudo.

- Você não precisa...

— Sou uma agente federal, Jon. Você é um contraventor sob minha autoridade, um estrangeiro de origem dúbia. E identidade desconhecida. — Ela olhou para ele do outro lado da mesa. — É impossível. Minhas responsabilidades tornam isso impossível.

— Se fiz com que você ficasse constrangida, peço desculpas. Não vai acontecer de novo.

Ela respirou fundo e depois olhou para ele com uma expressão mais suave.

- Não, não me deixou constrangida. É que... Ele assentiu solenemente.

- Eu compreendo - ele fez uma pausa. - Eu só gostaria que tivesse uma parte de você que não fosse deles.

Ela se indignou.

- Eu escolhi servir o meu país. - Depois se virou para ir embora novamente. - Você não sabe nada sobre mim.

— Não tenha tanta certeza disso.

Ela parou e se virou para olhar para ele.

— O que isso quer dizer?

— Não é tão difícil assim decifrar você, doutora.

— É mesmo? Isso eu quero ouvir...

- Muito bem. Criança prodígio, com a cabeça muito à frente das pessoas à sua volta, nunca se enturmourou. Seus colegas de classe eram sempre muito mais velhos do que você, por isso nunca adquiriu as habilidades sociais que ajudam a desenvolver os laços fortes de uma amizade. Você tem uma vida isolada definida pelo seu trabalho superultrassecreto. Trabalho esse que nunca poderá dividir com ninguém, nem mesmo com seus colegas de trabalho.

Este último comentário fez com que ela cruzasse os braços com impaciência.

- Ah, o trabalho, ele é importante demais para você se arriscar a ter intimidade com alguém. Mas não é verdade que você intimida os homens? Sua inteligência os assusta pra caramba, não? Faça-me rir: qual é a raiz cúbica de 393.447?

- Certo, entendi o seu ponto.

- Não sabe?

- Setenta e três ponto dois, sete, seis.

- E disso que estou falando. Quantos dos seus relacionamentos falharam porque você não conseguiu esconder sua inteligência?

- Já chega.

- Você não me assusta Nat.

Ela o encarou por alguns instantes.

- Se soubesse o que tive de fazer para proteger você... não pode assumir que não é importante para mim. Não posso protegê-lo se não confiar em mim. Qual é o seu nome verdadeiro? Quem é você?

Ross pensou seriamente naquilo, baixou a cabeça e ficou olhando para a mesa. Ele parecia verdadeiramente chateado. Depois de quase um minuto, começou a juntar os papéis da mesa.

- Desculpe-me pela bagunça.

- Seu maldito - ela foi em direção à porta. Ele levantou a cabeça, olhando-a partir.

- Eu tinha doze anos quando vieram pegar o meu pai. Philips parou novamente.

- Eu me lembro da minha mãe gritando lá embaixo. Corri bem a tempo de vê-los colocando o meu pai no carro. O motorista da

nossa família me segurou. Meu pai olhou para mim do banco de trás. E sabe o que ele fez? Piscou e sorriu.

Ross fez uma pausa, saboreando a memória.

- Sinto tanto a falta dele, Nat. Ele foi sem resistir, em troca das nossas vidas. Todos os dias, tento ser o homem que ele teria gostado que eu fosse. O homem que ele teria orgulho de chamar de filho - ele olhou para Philips. - Se existe alguém no mundo para quem eu gostaria de contar o meu nome, esse alguém é você. Mas nunca confiarei em um governo, Nat. Eles usarão minha identidade para atingir as pessoas que são importantes para mim. E não vou colocá-la em uma posição em que tenha de escolher entre mim e o seu futuro. Nós dois sabemos que chegaria a isso. E eu não tenho um futuro.

Philips ficou parada, sem se mexer, por alguns momentos.

- Por favor, não pense que eu estava tentando... Ele fez um aceno com a mão.

- Não acho.

Depois de alguns momentos, ela se virou novamente em direção à porta.

- Boa noite, senhor Ross.

- Boa noite, doutora Philips.

Philips não olhou para trás até fechar a porta depois de sair.

Capítulo 41:// O novo contrato social

A madrugada escura banhava uma casinha geminada em um bairro de classe baixa. Dentro dela, um imigrante nigeriano montava guarda em frente a uma porta de aço toda pichada e com a tinta cinza descascando.

Ele tinha a compleição física esguia e seca de quem foi criado com bem menos calorias do que um americano médio. Sua pele era quase literalmente preta e ele observava atentamente o monitor de segurança, cuja imagem granulada mostrava a rua lá fora. Tinha a atenção que só um imigrante recém--chegado de uma terra pobre pode ter. E agradecia por estar no Texas, na América.

Ele pensou por um momento no dinheiro que estava ganhando e no que significava para sua enorme família lá na África. Continuava calculando e recalculando quanto tempo levaria para guardar dinheiro suficiente para trazer seus filhos para os Estados Unidos.

Uma AK-47 curta com uma parte dobrável estava pendurada por uma alça em seu ombro, com a manopla enrolada em fita adesiva. Seu trabalho era identificar pessoas tentando entrar na casa, e ele o levava muito a sério.

O som de pessoas falando e gritando ecoava dos cômodos lá dentro. Uma mescla de línguas tribais. O lugar estava bem agitado. Era apenas mais um dia no negócio de compra e venda de heroína. Ele desprezava as drogas, mas a realidade econômica era a realidade econômica.

Percebeu que o monitor piscou por um instante. Depois disso, a imagem começou a passar verticalmente. Ele franziu a testa e mexeu no botão do vertical. Um momento depois, a imagem se estabilizou, e ele fez um sinal com a cabeça, satisfeito.

Então a porta de aço explodiu, lançando fragmentos quentes de metal no seu estômago e o jogando no corredor.

Uma dúzia de homens armados usando armaduras pretas completas e capacetes à prova de balas passaram pela porta gritando:

- POLÍCIA! RENDAM-SE!

As iniciais DEA estavam escritas em letras brancas grandes em suas placas peitorais. Gritos preencheram os fundos da casa. E eles estavam indo para lá.

- POLÍCIA! RENDAM-SE!

Mais gritos. Barras de aço foram arrancadas de uma janela por cabos ligados a guinchos. Agentes do DEA, o Departamento de Combate às Drogas, pularam pela janela e se apressaram à frente, gritando:

- AQUI É A POLÍCIA. ABAIXEM SUAS ARMAS!

Uma dúzia de homens e mulheres seminus fugiu, gritando e correndo para colocar em um quarto sacos de heroína que estavam na mesa.

Um dos traficantes correu para um corredor interno com uma escopeta calibre doze. Ele se virou bem a tempo de ver a máscara de um agente bloqueando a saída dele. O traficante escapou e atirou no agente, derrubando-o pela porta do armário no fim do corredor.

Mulheres começaram a gritar.

O traficante colocou outra bala na agulha.

— Não é tão poderoso agora, não é, irmão?

Ele esticou a arma e atirou na entrada do corredor quando outro agente se inclinava para olhar. O batente de madeira da porta e um pedaço da parede se desintegraram.

Mas o primeiro agente em quem ele tinha atirado estava se levantando. O traficante pôs outra bala na agulha e atirou nele, mandando-o mais uma vez para o armário.

Click-clack. Mais um tiro nele. Click-clack. Outra vez.

Ele assistiu surpreso ao agente ficar em pé mais uma vez e procurou mais balas nos bolsos. O agente do DEA apontou uma pistola de vários canos para ele.

Braaaaappp!

O traficante olhou para sua camiseta branca. Uma mancha de sangue aumentava rapidamente. Ele se dobrou em direção ao chão, com a escopeta sobre seus joelhos.

Os outros homens jogaram suas armas no chão quando os agentes gritaram comandos para ficarem de joelhos com as mãos na cabeça.

Outro grupo de agentes se moveu em direção a eles com pequenos prendedores plásticos e juntou suas mãos atrás das costas.

Mas a maioria dos agentes do DEA ainda estava revirando a casa, virando mesas de drogas e colocando de lado as pilhas de dinheiro, procurando freneticamente por alguma coisa. Os agentes não disseram uma palavra um para o outro. Eles se moviam como se fossem uma só entidade, procurando metodicamente por trás dos visores espelhados de seus capacetes.

Eles olharam o porão, a garagem, o sótão e vasculharam cada armário. Abriram todos os gabinetes da cozinha e apontaram as luzes instaladas em suas armas para eles. Foi lá dentro que descobriram dois garotos negros aterrorizados, os dois com mais ou menos sete anos, escondidos atrás da pia. Eles os tiraram de lá aos gritos.

A busca parou abruptamente. Os agentes se reuniram em volta dos garotos, que se abraçavam e olhavam com medo para aquelas máscaras espelhadas olhando para eles. E eram mais do que espelhadas, elas tinham aquela iridescência complexa de uma pérola mãe. A aparência delas mudava conforme os homens se viravam.

Ainda sem falar nada, os agentes separaram os garotos, segurando seus braços para trás. Um dos agentes se ajoelhou e esticou uma tela de captura de digital para um dos garotos. Ele abriu a mão do menino à força e pressionou o dedo dele contra a tela, então checkou a leitura do aparelho. Uma pausa, e repetiu o processo com o outro menino, checkando a leitura logo depois.

O agente fez que sim com a cabeça e apontou para o segundo garoto.

Os outros agentes prenderam as mãos do primeiro menino e o empurraram, chorando, para junto dos outros prisioneiros. O segundo garoto ficou com eles até que os agentes abriram espaço para um oficial alto, de ombros largos, também usando armadura preta e capacete com visor espelhado. Ele veio andando.

O garoto, que já estava assustado, agora foi dominado completamente pelo medo, e lágrimas rolavam pelo seu rosto.

O agente o pegou pelos sovacos e o levantou. O garoto resistiu, mas a pegada do homem era firme. Eles passaram pela porta da frente detonada e saíram, e um Chevy Suburban preto encostou para encontrá-los. A porta lateral se abriu e o agente colocou o menino lá dentro, entrando logo em seguida. A porta se fechou atrás dele enquanto os outros agentes saíam da casa e entravam em suas vans pretas.

Dentro do Suburban, o garoto se encolheu em um canto do banco. O grande agente se sentava do outro lado, observando por trás de sua máscara espelhada o assustado garoto, enquanto um agente dirigia o carro do outro lado de uma divisória de vidro pintado.

O agente botou as mãos no capacete, abriu as travas e depois o retirou.

O rosto suado de Charles Mosely surgiu e ele colocou o capacete no banco atrás dele, virando-se novamente para o garoto.

O menino tinha agora uma expressão de terror no rosto e se encolheu ainda mais contra o braço do banco, cobrindo a cabeça como se estivesse prestes a levar uma surra.

Mosely fez um gesto estranho com a mão e com isso as letras DEA começaram a sumir de sua placa peitoral. Ele olhou novamente para o menino.

- Você se lembra de mim, Raymond?

O menino fez que sim com a cabeça roboticamente, ainda tremendo.

O rosto sério de Mosely se suavizou e ele se inclinou para perto.

— Está tudo bem. Não vou machucar você. O menino não relaxou nem um pouco.

— Estou sóbrio agora.

O garoto enfiou o rosto na almofada do assento.

Mosely olhou para baixo. Emoções complexas surgiram em seu rosto.

— Vim aqui pedir desculpas. Por tudo que fiz e tudo que deixei de fazer. — Ele ficou perdido por um momento, depois sua determinação voltou. — Ouvi dizer que sua mãe morreu faz uns dois anos.

Quando levantou a cabeça, Mosely notou que um dos olhos do menino o observava por debaixo do braço.

— Pensei em você todo o tempo em que estive na prisão, na morte de sua mãe, você completamente sozinho.

O garoto continuava olhando com um olho, sem piscar. Mosely se recostou.

— Não foi fácil te achar, você fugiu do orfanato. E não posso dizer que o culpo por fazer isso. São pessoas más. Eu estive com elas. Mas contratei ótimos detetives particulares para encontrar você. Os melhores. — Ele olhou no olho exposto de Ray. — Desculpe.

Mosely soltou os velcros de suas luvas e as tirou, uma de cada vez, colocando--as no banco de trás e estendendo as mãos para seu filho.

— Não quer dar a mão para o seu velho? Que tal um aperto de mão para marcar um novo começo?

O menino se encolheu mais. Mosely baixou a mão.

— Bom, imagino que deveria esperar por isso, não?

Mosely observou o assustado garoto. Resignado com aquilo, começou a remover o resto da armadura, enquanto o Chevy Suburban pegava a pista de acesso à rodovia interestadual.

Uma hora depois, Ray ainda não havia mostrado o rosto. E Mosely continuava olhando para ele enquanto a paisagem passava lá fora. Ele percebeu que nenhum volume de conversa apagaria as memórias anteriores de seu filho. Para ele, Charles Mosely era um homem cruel e violento, alguém que todos temiam. Um homem que não se importava com a família que ele abandonou e que aterrorizava ocasionalmente.

Uma voz surgiu no intercomunicador.

— Chegamos senhor.

Mosely se virou e viu um grande portão de ferro maciço com muros cobertos por trepadeiras dos dois lados. Uma placa na parede mais próxima tinha as palavras Escola Holmewood em letras de bronze oxidadas.

Mosely fez um sinal com a cabeça para Ray e apontou.

— Olhe só para isso.

Apesar do medo, a curiosidade o venceu e ele levantou a cabeça e olhou em volta.

Eles estavam passando pelos grandes portões que tinham sido abertos para recebê-los. Dentro, grandes quadras de esportes e prédios no estilo gótico se encontravam dos dois lados da rua de entrada.

Mosely observou de perto a reação de seu filho. Ele podia dizer que aquilo não se parecia com nada que seu filho já tinha visto. O aperto do garoto ao braço do banco se suavizou, e ele chegou perto da janela.

Mosely tentou esconder um leve sorriso e também se virou para sua janela.

Logo o Suburban chegou na grande porta da frente do prédio principal. Mosely saiu e olhou para cima. Torres góticas se erguiam vários andares acima dele. Uma jovem asiática, uma negra e um homem de cabelos acinzentados estavam parados na porta da frente, aparentemente esperando por eles. Estavam impecavelmente vestidos em ternos azuis, com um brasão costurado nos bolsos do peito.

Mosely se inclinou para dentro do Suburban e viu que Ray já examinava tudo lá fora. Ele sorriu e estendeu a mão.

— Vamos, Ray.

Por um momento, Ray examinou a mão de Mosely com medo. Os dois notaram as tatuagens de gangues gastas em cada dedo. Ray levantou a cabeça para olhar o rosto de seu pai, e Mosely fez o que pôde para olhar para ele com olhos seguros.

O menino esticou a mão devagar e pegou na mão de Mosely, que o ajudou a descer, e continuou de mãos dadas quando

caminharam até o trio de figuras parado perto das maciças portas de madeira.

As duas mulheres sorriram e se aproximaram deles, ajoelhando-se e dando atenção total para Ray.

— Olá, Raymond. Esse aí é o seu pai? O garoto congelou.

Depois de alguns momentos, a asiática sorriu e o pegou pela mão. — Se o seu pai deixar, gostaria de apresentar você a alguns amigos. Você gosta de videogame, Raymond?

Ray olhou para seu pai. Mosely se agachou ao lado dele e olhou para as mulheres.

Elas sentiram o que ele queria e se afastaram. Mosely olhou para o seu filho.

— Está tudo bem, Ray. Esta é sua nova escola. E sua nova casa. - Mosely arrumou a camiseta suja de seu filho. - Eles vão cuidar de você. Vão ensinar tudo de que precisa saber para ter sucesso na vida. - Mosely ficou olhando para o filho e finalmente o abraçou.

Primeiro Ray resistiu, mas um momento depois seus pequenos braços se enrolaram no pescoço grosso de Mosely.

Os olhos de Mosely se encheram de lágrimas.

— Fiz o melhor que pude por você, garoto. Não haverá nenhuma gaiola para você. Não mesmo. - Mosely se afastou e olhou para o rosto dele. - Tente se lembrar de mim.

Com aquilo, a mulher pegou o menino pela mão e o levou gentilmente. Mosely e o filho se olharam nos olhos e, pela primeira vez, ele sentiu que seu filho sabia que havia amor nos olhos do pai. Mesmo que nunca tivesse visto isso antes.

Ele sumiu depois de um instante através das grandes portas, e Mosely ficou em pé. O homem de cabelos acinzentados andou até ele, seguindo o olhar de Mosely em direção à entrada do prédio. Um segundo depois, as portas se fecharam.

— Fique tranquilo, ele será muito bem cuidado, senhor Taylor. E será livre para decidir seu futuro. O Daemon honra seus acordos.

Mosely se virou para olhar para o homem. Era um tipo bem distinto, com aquele olhar aristocrático único dos acadêmicos. Mas ele não mediu Mosely, longe disso. Parecia vê-lo como um superior na escala social.

Mosely falou:

— Sou o campeão do Daemon.

— Então o seu filho desenvolverá as melhores qualidades que tiver. Mosely assentiu.

— É tudo o que alguém poderia querer.

Com aquilo, Mosely ajeitou seu uniforme, virou-se e foi em direção ao Suburban. O que o futuro reservava para ele, Mosely não sabia.

Em vez disso, imaginou aqueles campos, anos no futuro, cheios de gente. Mosely imaginou seus rostos esperançosos. E o seu filho entre eles.

Capítulo 42:// Edifício vinte e nove

A Base Aérea e Naval Alameda era uma relíquia da Guerra Fria, uma testemunha silenciosa do poder dos gastos governamentais sem controle. Uma grande base militar que se estendia pela baía desde o centro de São Francisco. Valia milhões de dólares no mercado de imóveis. A sua antiga coleção de alojamentos militares, hangares, docas, prédios administrativos, estações de energia, pistas de pouso, teatros, armazéns e ocasionais locais de pesquisa e desenvolvimento se erguiam sobre um deserto de concreto e asfalto cobrindo a metade norte da ilha. Você precisaria de uma britadeira se quisesse plantar gerânios lá.

A base foi desativada em 1990, e a cidade de Oakland debateu durante anos o que fazer com aquele lugar. Um curto caminho de barco para o centro era, teoricamente, o sonho dos empreendedores. Condomínios caros, lojas e centros de entretenimento preencheram as dúzias de plantas com propostas que ficaram mofando nos gabinetes, enquanto a cidade lutava com estudos sobre toxicidade do solo e sobre amianto, o que havia sobrado de décadas de atividades militares que não tinham nenhum controle ou restrição.

A base era praticamente igual a antes, a não ser pelas produções de filmes ou empresas de construção alugando espaço nos hangares. No mesmo lugar onde anteriormente havia jatos da marinha, agora artistas gráficos com piercings no nariz se sentavam sob tetos altos de concreto reforçado. As pistas só eram utilizadas por entusiastas de carros e aviões de controle remoto. Ali perto ficavam o porta-aviões aposentado USS Hood e a flotilha de transporte de aeronaves da marinha. Era como se os marinheiros e pilotos tivessem simplesmente desaparecido um dia, deixando tudo para trás.

Jon Ross olhou por sobre o macadame, imaginando como devia ter sido aquele lugar quarenta anos antes, com todo o peso da Guerra Fria, quando a América era o inimigo.

Ele protegeu os olhos do sol e prestou atenção no progresso do helicóptero Bell Jet Ranger que estava passando pelos hangares. Vinha em direção a ele e ao Edifício Vinte e Nove.

O Edifício Vinte e Nove ficava do outro lado de uma pista de pouso, em um estreito de terra que entrava baía adentro. Não havia nada em volta por aproximadamente quinhentos metros quadrados em todas as direções, apenas concreto, pântano e mar. O prédio não tinha janelas, era longo e estreito. Um forte feito de concreto de alta densidade. Parecia ter sido construído para sobreviver se fosse atingido diretamente por uma bomba de quinhentas toneladas, o que aconteceu mesmo.

O helicóptero desceu, levantando seu nariz quando passou pela cerca de arame farpado protegido por blocos de concreto que protegia a entrada da península. Guardas de segurança patrulhavam o perímetro, que era demarcado com placas que avisavam sobre o perigo de contaminação, onde se lia: Perigo — Área contaminada.

O helicóptero continuou por mais algumas centenas de metros e depois desceu em um pedaço de concreto cheio de mato a cerca de trinta metros de Ross.

O agente Roy Merritt saiu de lá. Ele vestia um terno feito sob medida e uma gravata feia balançando ao vento. As cicatrizes das queimaduras ainda eram visíveis em seu rosto e pescoço, mesmo à distância. Ele cumprimentou o piloto com um aceno de cabeça enquanto pegava suas malas do banco de trás, uma pequena caixa de gelo com um símbolo médico e uma maleta preta de material duro. Merritt andou apressadamente para longe das hélices e deixou um sorriso tomar conta de seu rosto normalmente sério. O helicóptero decolou atrás dele e partiu por sobre a baía, deixando-os em um relativo silêncio.

Merritt fez um aceno de cabeça para Ross.

— Para quê os seguranças?

— Diga-me você. — Ross se virou para olhar os quatro homens bem armados parados perto dele, vestindo uniformes de combate com um novo padrão de camuflagem, desenhado para se misturar em uma ambiente de sociedade. Capacetes pretos de Kevlar e armaduras corporais combinando, estampados com o agradável logotipo branco da Korr Segurança Internacional. Eles tinham armas automáticas e ficavam ali parados em silêncio, como se não existissem.

— Vamos dizer apenas que sou monitorado de perto. — Ross se virou para Merritt e sorriu. - É bom ver você, Roy. - Depois se ofereceu para pegar a maleta dura.

— Obrigado. — Roy a entregou a ele e os dois apertaram as mãos. — Ouvi dizer que fez um acordo com Washington. Estão tratando você bem?

— Tivemos alguns desentendimentos em relação a procedimentos. Aparentemente, anistiado é sinônimo de prisioneiro no dicionário do governo.

Merritt franziu a testa. Conheço gente em Washington. Vou ver o que posso fazer.

Ross passou a maleta preta para um dos guardas armados.

- Leve isto rapidamente para a doutora Philips no laboratório.

- Sim, senhor - outro guarda pegou a maleta médica de Merritt, que a soltou após certa relutância. Depois os dois guardas se apressaram até as portas do Edifício Vinte e Nove.

Ross e Merritt os seguiram, caminhando normalmente, acompanhados dos guardas remanescentes.

Ross se virou para Merritt.

- Vai ficar um tempo por aqui?

- Apenas um dia. Estou querendo voltar para casa. Já faz pouco mais de uma semana, e a equipe de Katy vai estar nas quartas de final regionais amanhã.

- Escola de gramática? Merritt riu e assentiu.

- Isso, levamos nossos esportes a sério no Meio Oeste. — Ele ficou sério. — A verdade é que sinto muito a falta delas. Mas é parte do meu serviço.

- Como foram as coisas em São Paulo?

- Ainda bem que a confusão já tinha acabado quando cheguei lá. O cara abateu vinte e sete policiais locais e federais antes de acabar com ela. A ABIN não ficou feliz por dividir as evidências.

- Criar uma confusão é o menor dos problemas deles.

- Vários favores diplomáticos foram usados enquanto eu estava por lá. E por aqui, tudo bem?

- Você verá em alguns minutos.

Quando chegaram à cavernosa entrada, seus guardas fecharam as portas de aço depois de passarem com um barulho ensurdecedor. Agora estavam em uma antessala de concreto, austera e bem iluminada, que dava em um corredor que tinha conduítes elétricos e lâmpadas soltas no teto.

Merritt olhou em volta enquanto o guarda passava o detector de metais nele.

- Que lugar é este?

- A base da Força-Tarefa Daemon.

- Vocês colocaram uma base ultrassecreta no meio da cidade?

- Locais remotos não são mais garantia de segredo. As companhias vendem visitas a satélites privados. Aqui nos escondemos bem à vista.

Merritt assentiu e continuou olhando em volta quando o detector bipou. Ele mostrou, voluntariamente, uma pistola em um coldre embaixo de seu terno. — Sou do FBI. — Depois mostrou suas credenciais, que foram examinadas cuidadosamente pelos guardas. Eles digitaram o nome de Merritt em um computador para confirmar a liberação dele. Depois pressionaram seu dedo em uma tela de captura de digitais, esperaram o bipe e então se viraram para ele novamente.

— Está carregando outras armas ou algum dispositivo eletrônico, agente Merritt?

— Uma faca.

Outro guarda passou um computador de mão para ele e uma caneta digital.

— Pode assinar o acordo de confidencialidade, por favor?

— Eu já tenho liberação para assuntos top secret, meu código é Exorcista.

— Este é um contrato de propriedade intelectual, senhor. Preciso de sua assinatura para deixá-lo entrar.

Merritt suspirou e se virou inquisidoramente, para Ross. Ele apenas deu de ombros.

— Bem-vindo à Força-Tarefa.

— Meu Deus... - Merritt assinou.

Enquanto assinava, outro guarda colocava uma identificação de plástico em volta do pescoço dele. Ross fez um sinal com a mão para que ele o seguisse pelo corredor.

Merritt virou a identificação para vê-la enquanto andavam. Tinha vários padrões inescrutáveis e circuitos impressos brilhantes.

— E você imaginaria que eles poderiam bancar identificações com foto?

— Mas não é uma identidade com foto. É um marcador de formação biométrica - Ross apontou para o teto.

Merritt viu uma série de pequenas câmeras descendo por todo o corredor.

— O seu jeito de andar está sendo memorizado, Roy. O sistema de segurança está aprendendo a reconhecer seu andar e seus traços faciais.

Merritt olhou para as câmeras com um olhar de suspeita.

Assim que chegaram ao fim do corredor, havia portas de vidro transparentes à prova de balas bloqueando o caminho. Sentinelas armados ficavam dos lados da porta com as armas de prontidão. Um deles removeu o marcador do pescoço de Merritt.

— Obrigado, agente Merritt. Você tem segurança nível dois. Por favor, observe os avisos. Esta é uma área de uso de força letal.

— Obrigado.

As portas se abriram para que eles entrassem, e logo sons de gente conversando e digitando surgiram no corredor.

Ross levou Merritt a uma sala de teto alto, de mais ou menos dois metros quadrados. Anteriormente, devia ter sido uma sala de equipamentos pesados, ainda havia algumas polias e roldanas no teto. Agora estava cheia de locais de trabalho, com grupos de cinco ou seis computadores dividindo mesas comuns. A sala estava repleta de caras de vinte e poucos anos, todos usando fones de

ouvido com microfones e gritando um com o outro enquanto jogavam games de computador. Imagens geradas por computador preenchiam os monitores de tela plana de vinte polegadas. Era como uma festa barulhenta de jogos em rede. Merritt observou impressionado.

— O que é tudo isso?

— Nossa arena de jogos. Temos as maiores mentes jovens do setor público e de inteligência jogando O Portal, Sobre o Reno e meia dúzia de outros jogos on-line.

Merritt deu uma olhada pela sala.

— É um monte de moleques de faculdade. Eles estão procurando o Daemon?

Ross assentiu.

— Venha aqui. - Ele levou Merritt até uma mesa larga coberta com pilhas de grandes mapas coloridos. Uma impressora colorida de grandes formatos imprimia mais um naquela hora. — Estes são mapas de fases que achamos na rede. Esta é uma fase customizada de Sobre o Reno. Aquele outro é a planta de um castelo de O Portal. Facções do Daemon os criaram como bases de operações e treinos. Os mais interessantes são criptografados, apesar de o pessoal de criptografia da Natalie conseguir nos colocar lá dentro rapidamente. Encontramos alguns mapas que batem com plantas de estruturas do mundo real e outras enormes que são modelos de ruas do mundo real. Nossas equipes descobrem um mapa e o inspecionam, usando a força, se necessário. Tentamos determinar o objetivo do mapa e, finalmente, tentamos nos infiltrar nas fileiras da Facção.

Merritt examinou a planta com olhos de especialista tático.

— Deram sorte?

— Ainda não. Isso nos deixa muito frustrados. Estamos sempre procurando pelos avatares de inteligência artificial recrutadores do Daemon, Heinrich Boerner no Sobre o Reno é o mais importante. Ross pegou uma imagem capturada de uma tela em um quadro próximo. - Aqui está uma imagem.

Merritt examinou aquilo. Mostrava Heinrich Boerner com uma longa cigarrilha no canto da boca. Algum engraçadinho da Força-

Tarefa tinha escrito Procurado em grandes letras vermelhas sobre ele.

— Está caçando um nazista de desenho?

— Não ria. Pessoas de verdade podem morrer. Merritt jogou a imagem na pilha.

— E quem está iniciando todas essas Facções?

— Os descontentes, os deslocados, os sem posses, os desapontados. Do mundo todo.

— Ah, é pouca gente. — Merritt pensou naquilo e, vendo o quadro geral, percebeu pela primeira vez que o mundo tinha mesmo mudado, que uma linha havia sido traçada na sociedade e que o lado dela em que você ficasse determinaria o seu futuro. Ele percebeu que, mais do que nunca, a perícia tecnológica tinha virado uma habilidade de sobrevivência. — A coisa está ficando preta, né?

— Isso pode estar para mudar, Roy. E graças ao que você trouxe para nós. Vamos, estão nos esperando no laboratório.

— Ross levou Merritt pela sala, por entre os gritos.

— Maldito traficante aproveitador! Morra!

— Detone o cara!

— Cubra-me aqui!

— Baixinho sacana!

Logo chegaram a uma porta de aço antiexplosões, também flanqueada por mais dois guardas com uniformes da Korr Segurança. Uma linha vermelha pintada no chão de concreto formava um semicírculo de três metros de raio em volta da porta. As palavras Perigo — Zona de Segurança Nível2 estavam escritas acima da linha e em avisos na parede. Quando se aproximaram, os guardas levantaram suas HK UMP.

Merritt ficou alerta.

— O que é isso?

— E o laboratório de pesquisa e desenvolvimento.

O chefe dos guardas fez um movimento com a mão para que se aproximassem.

— Identificação de voz, por favor.

Ross falou no microfone pendurado por um longo cabo vindo do teto.

— Ross, Jon Frederick.

Uma voz feminina computadorizada respondeu:

— Padrão de voz confirmado.

Houve um clique alto e então uma luz vermelha piscando começou a rodar, e as portas maciças foram se abrindo devagar na direção deles. Merritt ficou impressionado com a grossura delas, tinham facilmente cerca de trinta e cinco centímetros de aço sólido com a borda chanfrada.

— Que porta animal! O NORAD* estava fazendo promoção?

— Este lugar não foi feito para nós. Nos anos 60, esta era uma sala de testes de potência dos canhões da marinha americana.

— E como vocês acabaram aqui?

- A Korr Soluções Militares é dona do prédio. Eles têm vários contratos que somam 49 milhões de dólares com o Departamento de Defesa para operar as instalações da Força-Tarefa Daemon ao redor do mundo.

— Quarenta e nove milhões? Que número estranho.

NT.: Comando de Defesa do Espaço Aéreo Norte-Americano.

— Cinquenta milhões acionam a supervisão do congresso.

As portas estavam abertas agora, levando a uma antessala bem iluminada, guardada por outra porta maciça antiexplosões. À direita havia uma pequena sala de segurança, com vários outros guardas bem armados da Korr.

Ross e Merritt entraram, e a primeira porta se fechou atrás deles.

Um dos guardas gesticulou em direção a um buraco na parede próxima. Ross colocou o braço no buraco. Uma luz brilhante saiu de lá.

Merritt apontou para o dispositivo.

- E o que é isto agora?

— Escâner biométrico. Ele escaneia o padrão das veias do meu braço.

— Se tiver uma sonda anal mais adiante, eu vou embora.

A segunda porta maciça fez um clique e começou a se mover para dentro.

- Cuidado com a porta, por favor, senhores.

Eles entraram em uma sala estreita e bem iluminada que tinha facilmente trinta metros. No meio do caminho havia bancadas e equipamentos eletrônicos. Estantes de aço bem grandes e enfileiradas se alinhavam até lá.

Ross fez um sinal para que Merritt o seguisse. Eles passaram por outro grupo de guardas do lado de dentro da porta e então Ross acelerou o passo até o centro da sala.

Passaram por estantes e mais estantes de metal, com pilhas altas de equipamentos quebrados, amassados, queimados, derretidos, com buracos de balas ou ensanguentados, e de todos os tipos, cintos, capacetes, placas de circuitos, pistolas e escopetas estranhas, amontoados de cabos, discos de antenas parabólicas, sensores e assim por diante. Todos eles tinham etiquetas com código de barras. Parecia uma sala de evidências.

- Equipamento capturado do Daemon? Ross assentiu.

- Vocês trazem para nós, e é aqui que os técnicos usam engenharia reversa para descobrir como vencer a coisa. Mas você acabou de trazer o nosso grande achado, Roy.

Eles finalmente chegaram à área de trabalho dos cientistas e subiram em um estrado mais alto de piso não estático. Vários homens usando avental de laboratório se reuniam ao redor de algo, fazendo ajustes e segurando pequenas ferramentas. Seus corpos bloqueavam completamente o que estavam olhando.

A doutora Natalie Philips estava ali parada, de braços cruzados, observando o trabalho deles. Um homem corpulento usando um agasalho esportivo estava ao lado dela. Merritt não o reconheceu.

As duas maletas que ele tinha trazido estavam abertas nas bancadas próximas.

Philips e o homem levantaram a cabeça quando Ross e Merritt chegaram. Philips acenou para eles.

— Agente Merritt, fico feliz que tenha dado tudo certo no Brasil.

— Faço tudo para ajudar os seus caçadores de tesouros, doutora
— eles apertaram as mãos.

— Bom, pode ser que hoje tudo isso se pague - Philips gesticulou para o homem. - Agente Merritt, ele é a nossa ligação

com o DOD. Por razões de segurança, a identidade dele é confidencial. Nós o chamamos de Major.

Merritt levantou uma sobrancelha e estendeu a mão.

— Major.

O Major apertou a mão de Merritt como um aperto de ferro. - Disseram--me que você é um tipo de celebridade entre os operadores do Daemon. Merritt deu de ombros.

— Foi o que me disseram também.

— E bom ver que está totalmente recuperado, senhor Merritt. Merritt, por reflexo, passou a mão pelas cicatrizes em seu pescoço. Philips apontou para o amontoado de cientistas.

— Esta é a nossa equipe de pesquisas emprestada pela DARPA. Suas identidades também são confidenciais.

— Estas apresentações não são muito úteis.

Um dos cientistas levantou a cabeça do meio do bolo. Era um homem asiático mais velho.

— O equipamento está pronto, doutora Philips. Philips apontou para um banco próximo com a cabeça.

— Sente-se, agente Merritt. Imagino que achará isto interessante.

Os cientistas se dispersaram, revelando no que estavam trabalhando, que era o que Merritt tinha levado até ali: um par de óculos de sol esportivos com lentes amarelas, com uma armação metálica grossa, havia sido preso em uma armadura no centro do laboratório. Fios e cabos saíam da armação e iam para a bancada. Colocado entre as hastes dos óculos estava um cilindro de vidro transparente no qual flutuava um olho humano, como se fosse uma azeitona macabra em um vidro. As terminações nervosas cortadas, presas para posicionar o olho, olhavam diretamente para a lente direita dos óculos.

Philips apontou para o equipamento.

— É o olho certo, Jon? Ross assentiu.

— Chequei duas vezes.

Ela examinou aquilo de perto.

— A bala do atirador não parece ter danificado os vasos sanguíneos. - Ela olhou o relógio. - Dezoito horas e dezesseis

minutos desde a morte dele. O tempo está passando. Precisamos começar logo com o teste.

Merritt ainda observava o olho.

— Que tipo de teste? Ela se virou para ele.

— Acreditamos que estes óculos servem de dispositivo de heads-up para os operadores do Daemon, agente Merritt. — Ela se inclinou e apontou para um lugar na armação dos óculos. - Um projetor de fibra óptica projeta uma imagem na parte de dentro das lentes. - Ela mostrou um ponto em outro lugar da armação. — Isto é um escâner de retina. O Daemon sabe quem está usando os óculos HUD, e este é um monitor cardíaco, sobre o qual colocamos um gerador de pulsação. Vamos tentar enganar o Daemon para que pense que seu operador ainda está vivo e calmo. Se ele ainda não tiver invalidado a conta, esperamos conseguir acessar a darknet do Daemon.

Merritt assentiu vagarosamente.

— Por isso a pressa. Vocês esperam roubar a identidade desse cara. Ross foi até ali e também examinou a montagem.

— Esperamos mais do que isso.

O cientista chinês se aproximou de Philips segurando um cinto grosso, feito de um tecido preto maleável, que tinha uma cabeça de leão como ornamento na fivela. Ele o mostrou a ela.

— Ele é operado com um tipo de célula de combustível. Não temos nada parecido em nossa coleção de equipamentos. O Daemon está incrementando rapidamente a qualidade dos seus processos de fabricação.

Merritt apontou para o cinto.

— O que ele faz? Philips o pegou.

— É um computador que você usa. O cérebro para os óculos são os olhos. Ele utiliza um link de internet por satélite ou rádio e conecta os óculos via wireless com uma criptografia militar 192-bit. E a chave criptográfica parece que se altera de poucos em poucos minutos, sendo muito difícil de ser quebrada.

— E por que essa fivela em forma de cabeça de leão? O cientista chinês assentiu.

— Titânio azul com olhos de diamantes. Muito cara, provavelmente indicando um posto alto. Os equipamentos do Daemon, em geral, têm talismãs estilizados. Eles devem ter a intenção de dotá-los de qualidades místicas.

Philips deu um sorriso amarelo.

— Outro dos jogos psicológicos de Sobol. — Ela examinou mais uma vez os óculos na montagem. — Ele tem uma aparência muito superior a de algo que fosse feito em um laboratório de fundo de quintal. Criação de cristais ópticos... circuitos possivelmente gravados a laser. Temos como identificar a fábrica?

Outro cientista respondeu:

— Provavelmente é de fabricação sul-coreana. Da melhor qualidade.

Os cientistas estavam nas bancadas fazendo os últimos ajustes em vários equipamentos de monitoramento montados ali. Um deles se virou para Philips.

— Precisamos de mais alguns minutos, doutora.

Ross se aproximou dela e apontou para os óculos HUD.

— Você acha que isto funciona fora do MOF?

Philips reagiu ao olhar de perdido de Merritt. — Jon quis dizer Módulo de Operação das Facções, agente Merritt. É como o Daemon coordena as atividades dos humanos que trabalham para ele. É como se infiltra em redes de empresas, identifica novas ameaças e distribui fundos e benefícios aos seus membros. Basicamente, é a chave para o poder dele. O MOF é uma estrutura de rede distribuída que consiste em dezenas de milhares de nós. Cada um deles tem uma chave criptográfica única para cada momento de utilização. Se pudermos clonar estes óculos, talvez tenhamos uma abertura para explorar e possamos nos infiltrar nas operações do Daemon. E possivelmente acabar com elas.

Merritt assentiu.

— Torço por isso.

O Major fez uma careta para Philips.

— Se o Daemon souber que penetramos em suas defesas, pode reagir e começar a destruir as companhias.

— Se tomarmos cuidado, ele nunca saberá, Major — ela reagiu à expressão inflexível dele. — Veja só, os operativos do Daemon coordenam suas operações de algum jeito, e até agora não fomos capazes de encontrar nem um simples e-mail ou uma mensagem instantânea entre eles. Não estamos vendo alguma coisa, e eu e o Jon achamos que é algo que deve estar bem na nossa frente. Se não fizermos este teste, não teremos chance alguma de vencer o Daemon.

— E o que exatamente esse teste irá fazer doutora? Philips apontou para o par de óculos capturado.

— Planejamos ligar os óculos para poder ver o que um operador do Daemon vê enquanto trabalha na darknet.

O Major ainda tinha um olhar de dúvida e apontou para os fios e cabos saindo dos óculos e indo para a bancada.

— E isto?

O cientista chinês explicou.

— Saídas de som e imagem. Vamos gravar as imagens projetadas pelo aparelho nas lentes para análises posteriores. Também projetaremos as imagens nestes monitores aqui.

— Não tem nada ligado na nossa rede de computadores? Philips cruzou os braços com impaciência.

— Major, está ligado apenas a uma câmera digital, cujo sistema operacional teve os números de série apagados. Dê-nos um pouco de crédito. Agora, a menos que o DOD tenha alguma objeção, gostaria de conduzir o teste antes que o Daemon decida que esse operador foi morto em ação.

O Major deu uma última olhada em tudo e depois assentiu meio a contragosto.

— Certo doutora. Prossiga. Philips se virou para os cientistas.

— Vamos em frente, senhores. Eles ligaram vários interruptores.

— Ativando a célula de combustível computadorizada.

— Os óculos já têm energia elétrica.

Vários monitores colocados nas bancadas foram preenchidos por informações. Os cientistas pareciam satisfeitos.

— Ótimo. O cinto computadorizado estabeleceu um link seguro com um transmissor sem fio WiMax próximo. Vamos conseguir sua

localização.

Outro cientista gritou. - Um link criptografado foi estabelecido entre os óculos e o cinto.

— Escâner de retina em progresso. Aguardem... Philips respirou fundo.

— Cruzem os dedos.

Todos olharam para os óculos, mas nada óbvio aconteceu. Eles esperaram.

O cientista principal sorriu e se virou para eles.

— Estamos recebendo dados. Acredito que conseguimos enganar o Daemon.

Uma grande comemoração surgiu e apertos de mão foram trocados nos bancos do laboratório. O Major continuava impassível, como sempre.

Philips, Ross, Merritt e o Major foram se juntar aos cientistas que se reuniam ao redor dos monitores. As telas mostravam imagens sendo projetadas nas lentes dos óculos HUD. O Major olhou com atenção.

- O que estamos vendo? Philips respondeu.

- É um tipo de interface gráfica com o usuário, horário local, coordenadas de GPS, nível de energia, proteção... proteção, que interessante...

Ross apontou para a tela.

- Parece com as interfaces dos jogos de Sobol. Um menu de opções. Como um jogo de tiro em primeira pessoa.

O Major continuou.

- Mas o que isso nos diz?

Ross olhou para os menus visíveis.

- Não há um jeito óbvio de navegar pelas opções. Como elas funcionam? O cientista principal fez um aceno de cabeça.

- Os óculos têm instalado um microfone de condução óssea. Será que é ativado por voz?

- Não temos o padrão de voz deste operador do Daemon.

Philips apontou para um pequeno quadrado azul brilhando perto do lado direito da tela.

- O que é isto?

Um texto pouco legível aparecia acima do quadrado: AAW-9393G28. Estava conectado à pequena caixa por uma linha brilhante. Ross se concentrou na tela.

- Diria que é um ícone, uma chamada. Parece que há um objeto ainda ativo no meio de nossa coleção de coisas capturadas.

- Você quer dizer algo como os ícones com nomes acima dos personagens nos jogos on-line de Sobol?

- Só tem um jeito de descobrir... - Ross se aproximou da armadura que segurava os óculos HUD.

- O que está fazendo?

- Vou virar os óculos. Se a caixa brilhante se mexer na tela quando eu mover os óculos, então saberemos que ele está nos mostrando um objeto virtual do Daemon que está ligado a um sistema externo de coordenadas, provavelmente o mapa do GPS.

Merritt olhou para Philips e depois para Ross.

- Por que ele criaria objetos virtuais no mapa do GPS? Ross respondeu de perto da armadura, enquanto a virava.

- Nos jogos on-line de Sobol, os jogadores e objetos importantes no ambiente 3-D são indicados por ícones virtuais, menus que aparecem no ar e fornecem informações. Acredito que Sobol tenha criado o mesmo sistema usando a rede de GPS.

— Ele se virou para Philips.

— Que tal assim?

O grupo pareceu surpreso.

— Ai, meu Deus...

— O que aconteceu? — Ross foi até o monitor.

O pequeno quadrado brilhante não importava mais. Pairando assustadoramente no espaço virtual acima das paredes reais do laboratório estava uma grande caixa vermelha rodeada por uma dúzia de símbolos misteriosos com aparência perigosa, crânios, xis e cruces. Abaixo havia uma linha onde se lia: 40 - Feiticeiro. No alto do ícone havia uma fileira de letras rodando ao lado das palavras Criador de Tempestades.

— O que é isso, Jon?

Ross estudou aquela imagem.

— É o ícone de um feiticeiro de nível 40, nós fomos infiltrados. O Major se inclinou para a tela.

— Onde ele está?

— Neste prédio... — Ross se moveu para os lados para ter uma noção das coordenadas do ícone. — Ele está na arena de jogos. — Depois se virou para o Major. - Chame a segurança AGORA!

O Major gritou para um guarda próximo. — Notifique a Secom de que temos um intruso de alta periculosidade na arena de jogos. Ativar o bloqueio silencioso total do prédio.

O guarda pegou o seu rádio, mas o Major pôs a mão sobre ele e apontou um telefone próximo.

— Use uma linha terrestre, idiota! O guarda assentiu.

— Desculpe, Major. Ross apontou para a tela.

— Temos metade dos talentos da Força-Tarefa naquela sala. Philips se virou para o Major.

— Como ele conseguiu entrar aqui, Major?

— Vamos nos preocupar com isso depois que tivermos o invasor sob custódia. Só digo uma coisa: a Britlin vai pagar caro por isso.

— Britlin? O que é Britlin?

— A companhia que verifica e libera os candidatos da Força-Tarefa. Philips olhou para ele como se fosse um louco.

— O governo terceiriza a nossa checagem de pessoas?

— A Britlin trabalha para o setor de inteligência há trinta anos, doutora. Esse é um procedimento-padrão de operação.

— E a nossa atual situação parece padrão para você? Merritt começou a tirar sua gravata.

— Precisamos tirá-lo daqui antes que possa reagir. Deixe-me ir até lá com gás lacrimogênio.

O Major fez que não com a cabeça.

— Negativo agente Merritt. Temos pessoas no local.

— Sem querer ofender, Major, mas isso é o que eu faço todos os dias.

— Temos trinta soldados ex-Operações Especiais, especialistas em contenção de insurgências, cada um com mais de uma década de experiência. Delta Force OSNAZ, SFB...

Merritt parou de se preparar.

— Bom, vejo que estava esperando ter problemas.

Ross ainda se movia para frente e para trás, tentando identificar com precisão a localização do intruso na planta do andar.

— Ele é um dos jogadores na fileira da parede de trás da arena. Usuário 23, 24 ou 25.

Philips se virou para os cientistas.

— O intruso deve estar linkado com a darknet do Daemon. Podemos bloquear o sinal?

O cientista chefe olhou sombriamente.

— Não estamos configurados para bloquear sinais na arena de jogos, doutora.

— Major, temos que pegar o intruso com vida, se for possível. O Major apontou com a cabeça para a porta maciça ao longe.

— Vamos para a sala de controle de segurança. Dirigiremos a operação de lá.

Capítulo 43:// Inimigo íntimo

As portas de vidro de segurança da arena se abriram silenciosamente, deixando uma equipe de assalto da Korr entrar, meia dúzia de homens bem armados usando capacetes de Kevlar, máscaras de gás e armaduras pretas. Eles entraram em uma formação de proximidade, um grupo unido, cada um com a arma sobre o ombro do outro. O logo branco da Korr era apenas um K estilizado, como um símbolo heráldico em seus capacetes e peitorais.

Do outro lado da sala, outro par de portas se abriu, revelando outro grupo de assalto, exatamente igual ao primeiro. Os dois líderes dos grupos trocaram sinais com as mãos e então avançaram uniformemente. Eram um grupo de profissionais com olhos de aço, armas automáticas, Tasers e armas de uso não letal, todas preparadas. Moveram-se como se fossem uma só pessoa, passando rapidamente pelas estações de trabalho em direção ao alvo. Eles sabiam muito bem o que fazer.

As equipes foram em frente, em direção ao fundo da sala. Enquanto se moviam, vários deles levantavam cartazes impressos onde se lia: Perigo. Não fale nada. Saia imediatamente. Jogadores levantavam as cabeças, um por um, cutucando um ao outro. O papo deles sobre o jogo morreu, mas os guardas começaram suas próprias conversas para compensar.

- Equipe dois, cubra o lado esquerdo.
- Não se amontoem.
- Cubra a saída.
- Não fiquem na linha de fogo.

A equipe de assalto manteve um fluxo constante de comunicação enquanto fazia uma formação em cunha direcionada para o alvo: os três jogadores no canto da sala. Eles podiam ver os rostos dos jogadores aparecendo à direita e à esquerda dos

monitores, reagindo ao que aparecia em suas telas. Os três homens estavam completamente concentrados em seus jogos.

O líder da equipe, que estava mais na frente, mostrou três dedos no ar e apontou diretamente para os jogadores no canto. Era melhor pegar os três.

As equipes ainda estavam colocando os jogadores surpresos de lado, pedindo silêncio com os dedos levantados e depois apontando para a saída.

Finalmente, as duas equipes de assalto estavam posicionadas, reunidas em posição de caça a uma distância de três ou quatro metros. Eles observavam as cabeças dos três jogadores, pedaços de cabelos cortados curtos e espetados. O som de conversa tinha quase morrido agora, e os alvos pareciam estar sentindo que havia algo de errado. Eles olharam em volta quando o último de seus companheiros escapava para a segurança. Estavam isolados. Por fim, a sala ficou em silêncio, a não ser pelos efeitos sonoros dos jogos que saíam dos alto-falantes.

Um dos líderes da equipe da Korr tocou em um botão de microfone em sua máscara de gás e gritou em uma voz amplificada por rádio.

— Usuários 23, 24 e 25. Permaneçam sentados e coloquem as mãos à vista. Isto não é um treinamento.

Os dois jogadores à esquerda levantaram as mãos imediatamente e ergueram a cabeça em choque total. Quando viram doze armas apontadas na direção deles, ficaram ainda mais pálidos do que já eram.

O jovem à direita continuou sem se mexer, ainda sentado atrás de seu monitor.

— Usuário 25! Coloque as mãos à vista! Agora! — O líder fez um sinal com a mão para que os dois à esquerda limpassem a área. Eles ficaram felizes em obedecer, e assim que saíram, dois guardas jogaram spray de pimenta no rosto deles. Os dois caíram gritando enquanto os guardas amarravam seus pulsos com prendedores plásticos. Tudo foi feito com tanta habilidade e precisão que parecia um rodeio, e rapidamente os guardas já estavam em pé, com as armas nas mãos.

O Usuário 25 estava isolado agora. Mais de vinte olhos memorizaram o alto de sua cabeça pelas miras das armas. Pontos vermelhos surgiram em seu escalpo.

A poderosa voz de rádio continuou pressionando.

— Levante as mãos! Agora!

O Usuário 25 respirou fundo.

— Isto é um erro.

— Mãos para o alto onde possamos ver, ou abriremos fogo!

— Um grande erro.

— Eu disse mãos ao alto!

O Usuário 25 finalmente levantou as mãos. Ele usava luvas pretas como azeviche, que tinham pontas de prata, como dedais, em cada dedo indicador. Havia algo nas palmas das mãos, como um grande cristal.

De repente, um flash branco e quente, muitas vezes mais brilhante que o sol, pulsou pela sala, seguido de perto por um segundo flash saído da outra mão do Usuário 25. Levou vários momentos para a luz se apagar.

As equipes de assalto primeiro ficaram surpresas, mas então agulhas de agonia queimaram em seus cérebros. Eles soltaram as armas quando caíram de joelhos, levando as mãos aos olhos e arrancando suas máscaras dos rostos, gritando.

Brian Gragg chutou sua cadeira para longe e ficou em pé. Enquanto os membros cegos da equipe de assalto se contorciam no chão, chorando, Gragg andou calmamente até o líder rude que tinha gritado com ele. Gragg apontou para ele o indicador com ponta de prata, que tinha uma lente bem na pontinha. Fibras ópticas pretas e cabos elétricos corriam pela parte de trás da mão de Gragg como veias, desaparecendo por baixo de sua camisa.

— Meu nome é Loki, seu babaca!

Um raio elétrico saiu como um chicote da ponta do dedo dele para a armadura do homem, seguido de uma série intermitente de raios rápidos, três por segundo. Os músculos do líder se contraíam a cada descarga. Um cheiro de ozônio preencheu o ar.

Depois do último estalo, Gragg baixou a mão, e o líder caiu morto no chão, com seu corpo chiando e soltando fumaça.

Fazendo uma careta por causa da dor em seus olhos, o outro líder olhou cegamente em volta e gritou:

— Quem está atirando?

— Ninguém está atirando.

— Hooks! — Uma pausa. — Onde está o Hooks?

— Protejam-se e silêncio! Silêncio!

Gragg se moveu em direção aos homens caídos. Ele apontou para eles e soltou raios ensurdecedores durante vários segundos. Homens se arrastavam para longe gritando, apenas para serem imobilizados momentos depois, quando o primeiro raio os atingia.

Em alguns segundos, estavam todos imóveis ou em convulsões.

O cheiro horrível de cabelo queimado chegou às narinas de Gragg.

— Mas o que acabou de acontecer? — Philips observava vários monitores de segurança.

O centro de comando de segurança estava cheio de homens da Korr apontando para os monitores, gritando em seus rádios.

O Major estalou os dedos para o operador da sala de controle.

— Mandem um aviso ao Laboratório Weyburn. Diga que podemos estar enfrentando uma arma de LIP-C ilícita. Preciso de medidas de contenção e táticas.

Merritt observava o intruso no monitor.

— O que é uma arma de LIP-C?

— Canal de plasma induzido por laser. Ela utiliza a luz do laser como um fio virtual para a eletricidade.

— Onde ele conseguiu isso?

— O Daemon parece estar mergulhando na nossa rede de pesquisas. Philips se virou para ele.

— Quantas seções dos aparatos da inteligência foram comprometidos, Major?

— Agora não, doutora. Temos homens feridos.

Ross, Merritt e Philips observaram o grande monitor central e viram o intruso caminhando por entre os membros da equipe de assalto, que estavam espalhados pela arena de jogos.

O Major vociferou para o operador da sala de segurança.

— Sele as zonas 3 a 6. Vamos conter esse idiota. Outro oficial da Korr falou.

— Conseguimos a identidade do Usuário 25: Michael Radcliffe. Estudante de graduação, MIT...

O Major fez um sinal para que ele parasse.

— Isso é besteira. O Radcliffe deve estar morto.

— Devemos bombear gás lacrimogêneo pelos dutos de ar, senhor?

— Use a cabeça. Tem uma dúzia de máscaras de gás lá dentro com ele. - O Major olhou o relógio. — Chame uma equipe de guerra eletrônica e uma equipe de demolição. Precisamos bloquear o link do filho da mãe e depois matá-lo. — Ele se virou para os agentes da Korr próximos. — Quero três helicópteros com aparência comercial sobrevoando a área. Despache nossas equipes de defesa do perímetro. Uso de força letal autorizado. Ninguém entra ou sai desta instalação até que eu diga o contrário.

— Entendido, Major. Philips foi até ele.

— Temos que tentar pegar esse homem vivo, Major.

— Não vamos capturar ninguém, doutora. A situação vai acabar agora mesmo, e o que sobrar é todo seu.

Ross apontou para o monitor.

— Ele está fazendo alguma coisa. Todos olharam.

O intruso estava parado, movendo os braços como se controlasse objetos invisíveis, com a boca se movendo em ritmo de música.

Gragg se concentrava no plano do Espaço-D. A planta completa do Edifício Vinte e Nove estava replicada lá, espalhada ao redor dele como um modelo de arame em tamanho real por cima de um mapa de GPS. Ele se alinhava precisamente com todos os cantos do mundo real. Isso permitia que Gragg visse a geometria dos cômodos adjacentes. E, mais importante que isso, as imagens da grande rede de câmeras de segurança também apareciam na geometria do modelo de arame, mostrando um caminho de vídeos ao vivo das salas vizinhas, dando a Gragg um tipo de visão de raio X através das densas paredes de concreto.

Funcionários da Korr corriam pelos corredores carregando armas e selando portas. Eram formigas na fazenda de formigas dele. Ele tinha visto as equipes de assalto se prepararem desde o vestiário deles.

A guarnição estava desordenada.

Gragg se virou para olhar muito além das paredes de concreto do Edifício Vinte e Nove, especificamente para os distantes ícones brilhantes no Espaço--D. Ele selecionou dúzias de objetos virtuais que tinha armazenado lá e então lançou sua sequência de convocação preestabelecida, fazendo gestos corporais e dizendo o código de destravamento para o módulo VOIP.

— *Andos ethean Kohlra ethry.* Lorde de um milhão de olhos, Loki o convoca...

Gragg olhou através das portas antiexplosões que levavam ao laboratório. Os guardas haviam sido colocados lá dentro, mas ele olhou a dimensão artificial através deles. Gragg apontou seu dedo enluvado para um objeto virtual no laboratório, um objeto que ele tinha ajudado a colocar na coleção de equipamentos, um tempo atrás. Depois fechou a mão sobre o objeto no Espaço-D.

Em algum lugar atrás das grossas paredes de concreto, um tanque de ar comprimido pulverizou alumínio em pó pelo laboratório, e depois o acendeu com uma faísca elétrica. O prédio repentinamente estremeceu, e em seguida ouviu-se um rugido maçante e sons abafados de metal se retorcendo. Uma buzina ensurdecadora soava um alarme na instalação. Luzes azuis piscavam perto das saídas.

O Major observava os monitores de segurança enquanto uma dúzia de luzes vermelhas piscava em uma mapa da instalação. Ali, o laboratório estava sendo consumido pelo fogo. A imagem da câmera pulava com a interferência, e o vertical não segurava a imagem. Um dos cientistas correu pela imagem e foi queimado vivo por chamas brancas. Os sistemas anti-incêndio não tinham quase efeito.

- Maldição...

- A equipe de cientistas. Mande médicos para o laboratório. E os equipamentos resgatados...

- É tarde demais - Ross apontou para o monitor.

Na tela, um tanque de acetileno girava como um cata-vento de chamas perto da mesa do laboratório, depois explodiu, fazendo o prédio tremer novamente. A imagem do monitor sumiu.

Philips se curvou e cobriu os olhos.

- Acabamos de perder uma das nossas melhores equipes, sem falar na nossa coleção de equipamentos do Daemon.

Merritt segurou no ombro do Major.

- O que quer que eu faça?

- Agente firme, Merritt - o Major olhou para Philips. - Ainda está feliz por ter feito seu testezinho, doutora?

- Sem o teste, nunca teríamos descoberto que havia alguém infiltrado aqui. Ross concordou com a cabeça.

- E foi por isso que nunca conseguimos nos infiltrar em uma Facção do Daemon. Ele estava vigiando nossos movimentos.

O Major se virou para ele.

- Talvez não devêssemos ter jogado com o Daemon, para começar. O operador levantou a cabeça.

- Ele não vai a lugar nenhum, Major. A arena de jogos está selada.

Gragg estava parado diante das portas de vidro à prova de balas que impediam a sua saída. O corredor com uma linha de câmeras no teto levava até o vestíbulo do prédio.

Ele se virou para olhar outro objeto do Espaço-D que pairava bem do lado direito das portas de vidro. Era um botão azul surreal, flutuando de um jeito impossível quando visto através de seus óculos HUD. Estava marcado com letras grandes e brilhantes: ABRIR. Gragg apertou o botão virtual com sua mão enluvada. Ele piscou.

A porta à prova de balas do mundo real se abriu, e ele passou por ela, entrando na antessala.

Philips jogou as mãos para o alto.

- Ele saiu da arena.

Ross gesticulou para os monitores.

- O sistema de segurança foi comprometido.

- Quem foi o terceirizado que forneceu isso? É o que eu gostaria de saber. O Major lançou um daqueles olhares para ela.

- Pode parar com essa porcaria agora - ele se virou para o operador. -Corte manualmente a energia das portas do perímetro norte.

O operador deslizou sua cadeira para trás e abriu um painel elétrico na parede, começando a desligar alguns interruptores.

Philips se dirigiu à mesa de operações e foi passando câmera por câmera.

- Onde ele está?

- Não se preocupe, doutora. Ele está encurralado.

- Você também falou isso da outra vez. Mostre.

- Acabamos de derrubar os disjuntores. As portas do perímetro estão congeladas na posição de travamento. Ele não vai passar um centímetro de aço maciço.

Ela estudou o grupo de monitores em preto e branco. O maior, que ficava no centro, mostrava o intruso parado em um corredor sem saída, a certa distância das portas. Estava em pé diante de três guardas recém-derrubados, seus corpos estavam fumegantes. O intruso estava começando a olhar para a câmera. Ele era irritantemente calmo. Era apenas um garoto, vinte e poucos anos no máximo.

O Major apontou com a cabeça para o monitor.

- Falei que iríamos detê-lo - ele se virou para um guarda próximo. -Quero cada arma lá de fora apontada para a saída.

Philips se inclinou para o microfone que estava na mesa de controle.

- Você está cercado. Entregue-se, e não faremos nada com você. A voz metálica do intruso surgiu nos alto-falantes.

- Doutora Philips, vi que descobriu o Espaço-D. Ou pelo menos uma camada dele.

Uma onda de medo a varreu. Ele sabia o nome verdadeiro dela. Como poderia saber o nome dela? Pensamentos sobre seus pais em Washington começaram a passar por sua cabeça. Ela se virou para o Major.

- Ligue para o doutor Fulbright em Fort Meade. Diga para colocar meus pais sob proteção. Agora!

O Major estalou os dedos novamente para um guarda, que pegou outro telefone.

Ela apertou de novo o botão do microfone.

- Você sabe quem eu sou. E quem é você? Ou tem medo de me dizer o seu nome?

- Vadia! Sou Loki, o feiticeiro mais poderoso do mundo, e estou prestes a arruinar a porra do seu dia.

Merritt tirou o terno e foi em direção à porta.

— Mantenha o maluco ocupado, doutora. Ross segurou no braço dele.

— Nada de heroísmos, Roy.

— Não estou planejando nada heroico. O Major bloqueou o caminho dele.

— Aonde você vai?

Merritt olhou calmamente para ele.

— Estou indo ver como aquele moleque metido lida com granadas de concussão. Abra a arena, Major.

O Major o avaliou por um momento, então pegou o rádio e um fone de um carregador próximo. O homem parecia tão determinado quanto nas famosas imagens do Homem em Chamas da mansão de Sobol. Ele os deu a Merritt. — Boa sorte. - Depois o observou partir.

Philips se virou para o monitor e liberou o microfone outra vez.

— Loki, Sobol está usando você. O que está fazendo é alta traição. Se você se render agora, posso ajudá-lo.

— Você pode me ajudar? - Ele riu. - Não sou eu quem precisa de ajuda. A sociedade que você está defendendo está condenada.

— É a sua sociedade também, Loki.

— Não. É a sociedade dos meus pais, não a minha. O que ela oferece para a minha geração? Uma existência sem sentido. Viver vidas longas e chatas, temperadas todos os dias por vendedores. Gado para uma classe permanentemente dominante. Bom, não tenho nenhum uso para as leis deles, seus mapas e suas falhas. O Daemon já os derrotou.

— Este é o seu último aviso: renda-se. Loki sorriu.

— Você ainda não entendeu, não é?

Philips suspirou exasperada e apertou o botão novamente.

— Cortamos a energia da porta à sua frente. Suas invasões no nosso sistema não funcionarão. E mesmo que consiga passar pela porta, temos atiradores cobrindo o perímetro. Eles o cortarão em dois a duzentos metros de distância. E melhor se render.

Loki fez que não com a cabeça.

— Você não está pensando em dimensões suficientes, doutora. Apenas uma parte de mim está neste prédio.

Esquadrões muito bem armados de guardas da Korr Segurança corriam para tomar suas posições perto de uma guarita, que ficava ao lado das barreiras de concreto e arame farpado no portão do perímetro. Atrás deles, quinhentos metros de chão de pedrinhas até o hangar mais próximo, mas sua atenção estava voltada para a frente, para o Edifício Vinte e Nove. Ouviam seus rádios codificados e a voz que saía deles.

— Atirem ao avistá-lo. Repetindo: atirem ao avistá-lo...

— Entendido, Secom. Câmbio.

Uma brisa soprou da baía, lançando papéis pelo concreto, fazendo-os parar na cerca. Perto do prédio, outro grupo de guardas da Korr com M4Als se apressavam em tomar posições no estacionamento dos funcionários, o lugar com melhor cobertura. Eles miraram nas portas de aço seladas do prédio.

O rugido de motores em velocidade surgiu de repente. Um guarda se virou e então pegou o oficial pelo ombro e apontou.

— *Pas op!*

Os dois viraram um, depois seis, quinze e então trinta carros acelerando de várias posições pela pista, correndo pelos espaços entre os hangares distantes. Os carros rodavam com uma coordenação impressionante, todos convergindo para o Edifício Vinte e Nove como um ataque de piranhas.

— Polizei?.

O tenente apitou e todos se viraram para ele, que apontou e gritou com um sotaque africânder.

— Ataque! Protejam-se!

— Podem ser carros-bomba.

— Esqueça isso! - Os carros já estavam a meio caminho de distância. E outros apareciam dos hangares distantes. O tenente pegou seu rádio. - Secom, temos várias dezenas de veículos se aproximando em alta velocidade. Código 30.

Nenhuma resposta, apenas estática.

— Scheisse — ele se virou para seus homens. — Podem atirar!

Tiros de armas automáticas partiram de vários lugares. Os disparos cortaram o ar livre da pista, cobrindo toda a distância do chão de pedras, ricocheteando no concreto e subindo ao céu.

— Detenham os carros da frente! Os da frente!

Um foguete antitanque leve foi lançado das linhas de defesa com uma nuvem de fumaça e se detonou ao acertar um carro médio cinquenta metros à frente, que se transformou em uma bola de fogo. Um sedan preto nacional desviou dos destroços e veio acelerando. Meia dúzia de buracos de tiros apareceram no vidro escuro bem à frente do lugar do motorista, mostrando a grande habilidade dos soldados. Depois mais uma centena de tiros furou a frente de carro. Enquanto o motor morria, outro carro passava por ele acelerando, e, quando este foi vencido pelas balas, outro tomou o lugar dele. Dez carros já estavam soltando fumaça e parando, mas outros continuavam a aparecer.

Os tiros diminuíram quando metade do esquadrão tirou seus cliques e se apressou em recarregar as armas.

- Cuidado com o lado esquerdo!

O tenente se inclinou para a guarita a tempo de ver a frente do carro, e foi a última coisa que ele viu.

O carro bateu na cerca e no bloqueio de concreto a 180 quilômetros por hora, desaparecendo em uma nuvem de pó de concreto e estilhaços enquanto capotava. Ele foi seguido imediatamente por outros três sedan que acertaram o portão. Armas automáticas os acertaram de várias direções. Gritos surgiam nos intervalos dos tiros.

Mas outros carros já tinham passado pela cerca em pontos diferentes, arrastando pedaços grandes de cerca com eles. Esses pedaços pegaram os guardas na altura das coxas, cortando-os e os arrastando aos gritos, mesmo que outros guardas continuassem

atirando em vidros e cravando a lataria com as balas de suas M249s.

Agora eles podiam ver claramente que os carros não tinham motoristas.

- Dit kan nie wees, niel

— Recuem! Recuem!

Um carro bateu nos limites do estacionamento, enquanto outros dois desviaram e acertaram um grupo de guardas com tanta força que eles foram lançados vinte metros à frente e caíram na baía, seguidos de perto pelos carros que os atingiram. Os carros lançaram jatos de água para cima quando alcançaram a superfície.

A distância, mais AutoM8 continuavam a aparecer entre os armazéns.

Merritt correu pela arena com a Beretta na mão. Tiros de automática espocavam como pipoca lá fora.

— Droga...

Ele diminuiu o passo quando chegou aos corpos espalhados e ainda fumegantes da equipe de assalto. Ele se ajoelhou e sentiu o pulso do que estava mais próximo. Nada.

Pegou uma submetralhadora HK UMP calibre 40 com um cinto de cliques extra e mais granadas, então falou no microfone do seu fone.

- Merritt para Secom. O que é que está acontecendo lá fora, câmbio?

O Major falava em um rádio do fone de ouvido.

— Agente Merritt, estamos sob ataque. Aguarde.

Dentro da sala de controle de segurança, o som abafado de armas automáticas sendo disparadas estava começando a ser superado pelo de motores e batidas. O Major assistia nos monitores externos. Uma câmera mostrava bem de frente um carro sem motorista cravado de balas derrubando o poste da câmera, e a tela ficando branca como neve.

- Por que eles não soaram o alarme? - Estavam tendo dificuldades para entender. — Não é um ataque surpresa de guerrilha, é um ataque frontal.

Ross examinou a tela.

- Veículos controlados por computador. Dezenas deles. As Facções os chamam de AutoM8.

O Major observou o grande monitor central da mesa de controle, que parecia ser o único que não apresentava destruição e mortes.

Na tela, o intruso estava ocupado movendo seus braços, manipulando objetos invisíveis. Ele olhou para a câmera e sua voz surgiu nos fones.

- Pode deixar que eu saio sozinho.

Naquele momento, uns dez metros atrás do intruso, as portas de aço se arrebentaram para dentro por uma massa de metal amassado. O prédio inteiro tremeu com a batida, com pó de concreto entrando pelas frestas.

O intruso mal se mexeu.

O carro que tinha detonado as portas de metal agora bloqueava totalmente a saída. Mas então outro veículo veio pela lateral e acertou o primeiro, arrancando-o dali com uma batida ensurdecedora.

A saída estava livre.

Merritt ouviu a primeira batida e viu a luz do sol surgir por baixo das portas seladas à prova de bala. Ele carregou a UMP e na hora da segunda batida já estava correndo pela porta de vidro.

Gragg emergiu na luz do dia ao passar pela entrada detonada das portas principais.

E, assim que saiu um BMW 740 prata com os vidros escuros veio recebê-lo. A porta de trás se abriu e ele entrou, fechando-a em seguida. O BMW acelerou em direção à cerca destruída, seguido de perto por um grupo de sedans nacionais.

Merritt saiu pela porta escura e esfumaçada gritando: — Loki! — Ele parou, segurou firme sua UMP e começou com três tiros curtos, acertando sabiamente o vidro traseiro com uma dúzia de tiros bem juntos. As balas de calibre 40 deixaram pequenos arranhões, mas não mais do que isso. O carro era um modelo de segurança.

— Maldição — Merritt baixou a arma e assistiu a um grande grupo de veículos não tripulados convergirem como se fossem um só organismo, cercando o BMW e o protegendo. Eles aceleraram em direção à cerca distante, passando por cima de vários corpos no

caminho. O grupo seguia em direção aos hangares ao longe, em alta velocidade.

Merritt deu uma olhada em volta, vendo a carnificina que cercava o Edifício Vinte e Nove. Havia corpos, rastros de sangue, veículos queimados e destroços cobrindo o chão. Colunas de fumaça preta subiam para o céu. Não havia nenhum guarda à vista e nem algum carro autômato intacto, se é que isso importava. Todos haviam partido com Loki.

Merritt viu uma moto de corrida parada perto do muro do estacionamento. Ele correu até ela e procurou as chaves. Nada. Pendurou a UMP nas costas, sacou a Beretta e apontou para a ignição, virando o rosto para o outro lado.

Bum!

Pedaços de plástico e metal caíram no chão. Merritt guardou a Beretta e subiu na moto. Ele virou a ignição detonada para posição de partida e ligou o motor. Pegou o capacete pendurado no guidão e o colocou. Depois arrumou o retrovisor e no momento seguinte tinha partido, cantando pneu, indo atrás do grupo de carros autômatos que desapareciam à distância. Ele acelerou loucamente em meio aos destroços e voou pela pista em uma perseguição alucinada. Mal conseguia distinguir o BMW prateado no meio daquele monte de carros, mas foi atrás com todos os cavalos de potência que tinha à sua disposição. O motor da moto rugia.

Depois de entrar no carro, Gragg olhou para trás em direção ao Edifício Vinte e Nove.

Exatamente acima do edifício, um quadro vermelho brilhante com a altura de um prédio de sessenta andares no Espaço-D rodava como um letreiro de néon e era visível a quilômetros de distância para qualquer um que estivesse na darknet do Daemon. Ele proclamava em letras garrafais, com uma flecha apontando para baixo: Supersecreto: Força-Tarefa Anti-Daemon. Gragg riu e levantou a mão. Então puxou outra caixa vermelha brilhante no Espaço-D e englobou todo o prédio. Com um clique do dedo mindinho ele abriu um menu pop-up e selecionou Matar Todos.

A moto de Merritt uivava pela pista. Ele deu uma guinada a 180 quilômetros por hora para evitar um buraco e, quando voltou a

olhar para a frente, percebeu uma segunda onda de veículos autômatos indo em direção ao

Edifício Vinte e Nove. Trinta veículos, incluindo duas vans Economize. Um destacamento de sedans nacionais médios se separou do grupo principal e foi em direção a Merritt.

- Ah, merda...

Os sedans estavam quase em cima dele e continuavam acelerando.

A paixão por motos rápidas em sua juventude finalmente valeria a pena. Ele levantou o corpo e o deitou para a esquerda do tanque de gasolina, conseguindo, com experiência, dar a maior virada possível em alta velocidade. Coeficientes de atrito surgiram instintivamente em sua mente e a memória muscular assumiu.

O primeiro sedan azul passou pelo lado direito tão perto dele que o vento bateu na coxa de Merritt.

Ele se inclinou para a direita.

Meio segundo depois, dois outros sedan se alinharam bem perto dele. Barulhos de batidas e veículos capotando surgiram e logo ficaram para trás. O quarto passou tão perto que arrancou o pisc-alerta traseiro do lado esquerdo dele, deixando Merritt balançando um pouco fora de equilíbrio. A moto sa-cidiu para os lados até que ele conseguiu controlá-la novamente. E então se lembrou de que não estava usando nenhuma proteção.

Ele virou a cabeça e identificou Loki e seu grupo de carros saindo pelo portão da frente da base. Merritt olhou para trás e viu dois carros o perseguindo e se aproximando rapidamente. Ele acelerou com tudo, e o tranco quase o arrancou do banco da moto.

Merritt desceu por uma pista entre os hangares e apertou o botão do rádio.

— Merritt para Secom. Estou perseguindo Loki. Ele está rumando para... leste... em um BMW último modelo prata, blindado. Está cercado por um grupo de carros autômatos. Outros desses carros então indo na direção de vocês.

A voz do Major veio pelo rádio:

- Agente Merritt, abortar a perseguição. Repetindo: abortar a perseguição imediatamente.

Merritt emergiu do outro lado dos hangares e viu o bando de Loki entrando nas ruas da cidade e jogando outros veículos para o lado.

— Negativo. Esse cara é um perigo para o público.

— Repito: aborte a perseguição!

- Eu não respondo a você, Major. Até que o FBI me ordene o contrário, continuarei atrás desse desgraçado. Câmbio final.

Ele acelerou passando pelos portões abandonados da base e continuou pela rua.

Gragg sentia a perseguição por todo o seu corpo enquanto o potente BMW AutoM8 rugia pelas ruas de Oakland.

A direção automatizada girava loucamente e dava uma bela derrapada para fazer a curva. Outros AutoM8 cercavam o carro de Gragg, forçando os carros normais a saírem do caminho. Sua escolta era um grupo de doze sedans. Ele via seus ícones numéricos e aleatórios flutuando no Espaço-D à sua volta.

Concentrou-se mais à frente, onde dezenas de AutoM8 se comunicavam com ele pela cidade. Sua força crescia a cada minuto, alcançando agora por volta de cem veículos.

Ele acenou com as mãos enluvadas e carros fecharam cruzamentos distantes mais adiante, bloqueando a passagem e liberando seu caminho.

O grupo de Gragg cruzou uma grande avenida com o farol vermelho, causando várias batidas quando seus serviços protegeram seu caminho. Vidros quebrados foram seguidos por freadas, carros batidos girando sem controle e pedestres correndo para se proteger.

O BMW de Gragg escapou da carnificina e passou por um policial que multava uma picape. Os olhos dele se concentraram, e ele fez passar o vídeo da câmera de um dos AutoM8 em sua tela HUD. Na janela de vídeo, Gragg pôde ver o policial correndo para o carro e falando urgentemente em seu rádio.

Com um movimento súbito da mão, Gragg clicou na placa do carro de polícia e direcionou o AutoM8 mais próximo para ele.

A imagem desapareceu com uma nuvem branca de impacto, e Gragg riu consigo mesmo imaginando as consequências.

Em volta do Edifício Vinte e Nove, duas vans brancas pararam, enquanto mais doze AutoM8 circulavam em torno deles, montando guarda. As portas de trás se abriram e rampas de metal desceram até o chão com um som estridente.

Um rugido profundo e gutural surgiu por cima do som dos outros motores e, de cada rampa, desceu uma motocicleta de corrida sem piloto e com dúzias de lâminas de aço girando acima e dos lados, como se fossem ventoinhas de refrigeração. Nenhuma delas tinha guidão, mas, no lugar, havia conjuntos hidráulicos de aço virados para a frente e bem dobrados. Um tipo de capota laminada preta fechava a parte frontal. No lugar do assento estava um domo circular de aço de cerca de trinta e cinco centímetros de diâmetro, e sua superfície estava gravada com símbolos místicos. Quase todos os centímetros das motos estavam cobertos por runas, hieróglifos e lâminas afiadas. Elas eram lauto máquinas quanto objetos de fetiche.

As motos deslizaram até parar, e dois macacos hidráulicos gêmeos desceram até o chão, como se fossem aqueles pesinhos de apoio superdesenvolvidos ou então pernas meio malformadas. Eles as levantaram quase trinta centímetros acima do solo, onde ficaram acelerando seus motores de 1.800 cilindradas ensurdecidamente. Então braços robóticos gêmeos com lâminas brilhantes de um metro se desdobraram da armação hidráulica frontal, girando à frente e fazendo círculos e movimentos perfeitos em uma velocidade absurda, testando seu poder como insetos limpando suas antenas.

Depois de uma espécie de sinal, as motos recolheram seus macacos e queimaram o chão com as rodas traseiras soltando fumaça. Elas seguiram em frente em direção à grande silhueta do Edifício Vinte e Nove a distância.

Philips e o Major se moviam rapidamente pelo corredor, seguidos por Ross e quatro guardas bem armados. Funcionários corriam passando por eles nas duas direções, carregando computadores e caixas de arquivos. O Major falava em seu celular L3.

- Eu entendo. Sim, estamos trabalhando os canais de volta para avisar as autoridades civis. Pode deixar. — Ele desligou.

Eles chegaram à arena de jogos e puderam ver a fumaça preta escapando pelas frestas das portas antiexplosões do laboratório, dando uma pista do inferno em chamas lá dentro. Médicos da Korr faziam tentativas de ressuscitação em dois membros da equipe de assalto enquanto guardas colocavam corpos em fila no chão.

Philips diminuiu o ritmo por um momento:

- Meu Deus...

O Major a puxou e fez sinal para Ross continuar.

- Vamos evacuar esta instalação. Os helicópteros estão a caminho. Vou pegar o primeiro para ir atrás do agente Merritt. Quero você e o senhor Ross no segundo helicóptero.

- Onde está Merritt?

- Ele foi atrás do tal Loki, mas podemos rastreá-lo. O rádio dele tem um GPS.

Ross notou que guardas passavam desenrolando um fio detonador.

- O que está acontecendo?

- Estamos prestes a ter um terrível acidente industrial aqui. História de cobertura pré-arranjada.

Philips voltou a ficar alerta.

- Esta instalação anula contém dados e equipamentos críticos, Major.

- Esta instalação está correndo o risco de ser tomada pelo inimigo, doutora.

Philips pensou por um momento e então tirou seu próprio telefone codificado e começou a apertar os números.

- Não recebi ordens para abandonar este local e, até isso acontecer, não vou a lugar nenhum.

- Nesse caso... - O Major sacou sua Glock 9 mm de dentro do casaco e colocou uma bala na agulha. — Não posso arriscar que você caia em mãos inimigas. Seu conhecimento das codificações dos Estados Unidos é grande demais.

Ross deu um passo à frente dela.

- Espere aí!

- Quer ver as minhas ordens, doutora?

Ela estava sem fala, observando a ponta da arma. Ross levantou as mãos.

- Ela vai, Major.

O Major baixou a arma.

- Isso coloca as coisas em perspectiva, não é mesmo? Agora se preparem para partir.

- E a minha equipe?

- Eles não são mais a sua equipe. Esta Força-Tarefa foi dissolvida. Recebi ordens de mandá-la de volta a Fort Meade e devolver o senhor Ross para a custódia do FBI.

- Sob que acusações?

- Múltiplas fraudes bancárias e roubo de identidade. Ela encarou o Major.

- Isso é loucura. Ele acabou de fazer uma grande descoberta.

- Esta Força-Tarefa foi ineficiente em coibir o rápido crescimento do Daemon. O seu campo de expertise será usado em um esforço maior. Os serviços do senhor Ross não são mais necessários. Se é que foram um dia.

Ross não pareceu surpreso.

- Mas tenho um acordo de anistia com o Departamento de Justiça.

- Cujos termos você não conseguiu cumprir.

- Falhamos porque as funções da força-tarefa foram comprometidas pelas empresas terceirizadas.

O Major fez um sinal de cabeça para os guardas próximos, que levantaram suas armas de força não letal.

- Estes homens vão garantir que vocês sejam entregues em segurança. Resistir é uma opção de vocês.

Philips continuava fazendo que não com a cabeça.

- Major, se Merritt capturar Loki, podemos descobrir como eles comprometeram os nossos sistemas.

— O Daemon ganhou este assalto, doutora. Tenho ordens para encerrar o contato com o infiltrado o mais rápido possível.

— Você não pode deixar o Loki simplesmente escapar.

— Nossa prioridade número um é manter a existência do Daemon secreta até que possamos abrandar os riscos para a

economia global. E esse objetivo não é compatível com uma guerra declarada em nosso perímetro ou com o agente Merritt perseguindo um bando de veículos robóticos pelo centro de Oakland. Temos sorte de ainda não haver helicópteros de notícias sobre nossas cabeças.

— Se pudermos deter essa coisa agora, valeria a pena o ataque à economia.

— Pode ter certeza de que colocarei isso em meu relatório, camarada Philips. O barulho de um helicóptero já era audível. O Major falou com um guarda da Korr que estava próximo.

— Mantenha-os aqui e depois leve-os para o terraço quando o segundo helicóptero chegar, mas não antes disso. Entendido?

O guarda bateu continência.

— Sim, Major.

O rádio no cinto do guarda tremeu.

— Aqui é o Perímetro-9 falando... estão me ouvindo?

O Major fez um sinal para que o guarda desse o rádio a ele e começou a andar em direção às portas da escada, quando apertou o botão.

— Aqui é a Secom, Perímetro-9, qual é o seu status?

Nas proximidades do prédio, Perímetro-9 apertou o botão do seu rádio e piscou de dor.

— Todas as unidades vencidas. Repetindo: todas as unidades vencidas. Requisito atendimento médico e resgate aéreo. - Ele mancou até ficar atrás de um AutoM8 destruído e cravado de balas. A parte de baixo de sua perna estava coberta de sangue, logo abaixo de um torniquete. Ela estava bem mutilada.

A voz do Major surgiu no rádio em meio à estática: - Relatório sobre os veículos autômatos.

— Eles partiram com o intruso. Mas outros acabaram de chegar e estão formando outro ataque. Estou sem munição e muito ferido, senhor. - Ele virou o pescoço em direção a um helicóptero que descia no terraço do Edifício Vinte e Nove.

— Requisito resgate aéreo imediato.

— Negativo. Fique alerta, Nove. O socorro está a caminho.

Bem naquele momento, o Perímetro-9 ouviu o uivo dos motores de alta performance. Ele se virou e viu as motos gêmeas correndo em sua, direção. Elas se moviam emparelhadas e a cerca de 240 quilômetros por hora ou mais.

- Um momento. Tem duas motocicletas se aproximando...

— Ele deu um passo para trás do carro, colocando-o entre ele e as motos que se aproximavam. - Elas estão se movendo rápido demais.

- Para onde estão indo?

De repente, um laser verde brilhante acertou seus olhos. Ele levantou as mãos para proteger o rosto e semicerrou os olhos.

- Estou sendo marcado por alguma coisa, não consigo ver...

Os motores rugindo já estavam sobre ele e Nove ouviu um profundo thwack. Ficou completamente desorientado por alguns instantes. Quando sua vista clareou, ele teve uma visão de baixo para cima, a visão de seu corpo sem cabeça e com apenas um braço, encostado no capo do carro cerca de três metros à frente, e depois caindo no chão.

De volta à arena... O Major tinha ido embora. A voz dele surgiu em um rádio próximo.

- Perímetro-9? Está me ouvindo?

Ross olhava oito guardas armados empilhando malas pretas no chão para o transporte. Dois o encaravam sérios, com as armas atordoantes preparadas.

- Deveria ter imaginado que isso aconteceria. Philips apertou o ombro dele.

- Não vou deixá-los fazerem isso com você, Jon. Também tenho amigos em Washington.

Então o rugido dos motores ecoou pelo corredor atrás das portas à prova de balas ali perto. Todos se viraram e viram as sombras deslizando pelas paredes do corredor, depois motocicletas pretas gêmeas uivaram, visíveis atrás dos vidros das portas fechadas. Elas levantaram suas lâminas robóticas de forma ameaçadora. As lâminas na moto da frente já estavam manchadas de sangue.

Todos se afastaram das portas, e os guardas da Korr levantaram suas armas e soltaram as travas de segurança. Ross apontou para

as portas de segurança do outro lado.

- Vamos para o terraço agora!

Philips encarava as máquinas através dos vidros Lexan. Era a coisa mais exótica que o Daemon tinha criado até agora.

- Jon, eu vi a expressão porco selvagem listada em interceptações decodificadas do Daemon. Isso pode ser...

Uma luz verde espiralada saiu da frente da primeira moto, passando pelo vidro e acertando os olhos dela. Philips gritou e levou as mãos ao rosto, cambaleando para trás.

Ross se apressou e pegou-a, puxando-a para trás dos guardas, que também tinham ficado desorientados pela luz.

- Não olhem para elas! As motos têm armas cegantes.

Então, as portas à prova de balas abriram com seu chiado característico e o rugido das Motos Selvagens avançando preencheu a arena. A isso se seguiu o barulho de tiros e, quase imediatamente, gritos de gelar o sangue.

Ross pegou Philips pelo braço.

- Corra! — O barulho dos motores era ensurdecedor enquanto Ross guiava Philips até a sala adjacente, em direção às portas abertas da sala de controle de segurança. Agora havia poucos barulhos de tiro e o rugido dos motores ziguezagueava na sala atrás deles. Móveis eram destroçados. Ross arriscou um olhar rápido para trás. Havia sangue espalhado pelas paredes e no chão perto das portas de vidro. Um guarda da Korr corria em direção a eles, atirando cegamente por cima do ombro, no mesmo momento em que uma das Motos Selvagens levantava lâminas gêmeas e ensanguentadas e ia atrás dele pelo chão de concreto, lançando também sua luz verde em espiral. Ross se virou quando uma série de sons metálicos, gritos e barulhos de cortes surdos acompanharam o rugido dos motores.

Ross chegou às portas da sala de controle, quase arrastando Philips, que não enxergava, pelo chão polido.

- O que está acontecendo, Jon? O que está acontecendo?

- Continue andando! - Ele olhou para trás e viu a mesma moto acelerando em sua direção, então desviou o olhar bem na hora em que o laser verde surgiu em seu rosto.

Ele puxou Philips para dentro da sala de controle, soltou-a no chão e correu em direção à porta de segurança aberta. Chutou a porta de aço e fechou-a bem no instante em que a Moto Selvagem freou e parou na frente dela. Depois, colocou o ombro contra a porta e a empurrou com força, conseguindo travá-la.

Quase imediatamente, uma série de grandes pancadas começou a deformar a porta, acompanhadas pelo rugido trovejante de um motor poderoso. As batidas continuaram, deformando ainda mais o aço enquanto Ross se afastava.

Ele sentiu Philips segurando na sua perna.

- Acho que estou cega, Jon!

Olhou para a porta do outro lado da sala de controle, depois se ajoelhou e gritou por cima do barulho de motor.

- Não podemos ficar aqui, Nat!

Ela colocou as mãos no rosto enquanto lágrimas surgiam por entre seus dedos.

- Meus olhos estão queimando, Jon! Ele a segurou bruscamente.

— Nat! Ouça o que eu vou dizer, Nat!

Ela parou. As batidas na porta faziam o chão tremer.

— Pode ser temporário — ele olhou para a porta. — Se não sairmos daqui agora, vamos morrer!

O som do metal se deformando fortaleceu seu argumento. Ela respirou fundo e concordou com a cabeça.

— Onde estamos?

Ele gritou por cima do barulho ensurdecedor.

— Na sala de controle de segurança! Philips assentiu.

— Podemos chegar ao portão de trás!

Ele a ajudou a ficar em pé e foram em direção à porta do outro lado da pequena sala.

Uma das lâminas da Moto Selvagem furou a porta e se agitava livremente enquanto o motor rugia de novo. Ela parou.

— As portas de perímetro. Precisamos religar os disjuntores.

— Deixe comigo. Vá andando. Siga a parede da esquerda.

Ele a empurrou pela porta e se virou. Buracos dentados tinham sido feitos tia folha de metal da outra porta. Uma parte já estava quebrada, e ele podia ver um dos braços de lâminas meio retorcido.

Ela parou um momento e ouviu um ping, e então as lâminas voltaram a girar livremente, batendo no chão de concreto da sala ao lado.

Ross se apressou até a caixa dos disjuntores. Deu uma olhada rápida para os monitores na mesa de controle. Um deles mostrava a Moto Selvagem do lado de fora de onde ele estava, esticando os braços pela lateral dela. Houve um click-clack de metal e em seguida os braços se levantaram com lâminas novas e brilhantes.

— Filho da mãe...

Ele abriu um painel onde estava escrito Perímetro e ligou todos os disjuntores. Depois correu até a porta do outro lado, olhando para trás bem na hora em que a Moto Selvagem arrebentou a porta. Ele se virou quando o laser o marcou e ela começou a rugir pela sala. Ross fechou a nova porta e os sons de batidas começaram em seguida.

Um helicóptero Bell Jet Ranger flutuava centímetros acima do terraço do Edifício Vinte e Nove. Ele era azul, com um logotipo amarelo da Golden Gate Heli-Tours. O Major se levantou de sua posição ajoelhada e trotou um pouco, abaixado, até ele. Um tripulante usando um colete à prova de balas o puxou para dentro. O Major se inclinou em direção ao piloto, que fez um cumprimento de cabeça para ele. O tripulante deu um fone para o Major, que o colocou.

A voz do piloto surgiu no fone:

— Qual é a situação aqui, Major?

— Preciso ir para a cidade. Temos um operador do Daemon em fuga e um agente federal em perseguição. Onde está o meu kit?

— A mala no chão.

O Major apontou para o tripulante e depois para o copiloto, mas falou com o piloto.

— Essas pessoas vão sair.

Os dois homens olharam para o piloto, que simplesmente respondeu:

— Vocês ouviram o homem. Peguem o próximo helicóptero.

Eles soltaram seus cintos de segurança e, com olhares hesitantes, saltaram para o telhado do prédio. O Major gritou:

— Vamos!

O piloto puxou a manopla e o helicóptero subiu rápido, cortando as colunas de fumaça preta.

Capítulo 44: // Revelação

Merritt acelerava por uma rua de comércio de Oakland. Veículos danificados atrapalhavam o caminho. De moto, conseguia escapar de cruzamentos fechados por causa de acidentes e passava voando por carros de polícia quebrados e assumindo a liderança da perseguição. Ele já podia ver o bando de carros de Loki adiante, e também o próprio BMW, protegido por sua guarda pessoal. Uma minivan cruzou o caminho de repente e foi arremessada para fora da pista. Um barulho horrível de batida chegou aos ouvidos de Merritt. Aquele cara era um psicopata.

Um policial de moto emparelhou com Merritt pela direita. Merritt gritou: — FBI! — e levantou seu distintivo preso em uma corrente. Depois fez sinais militares com a mão para indicar o alvo.

O policial fez que sim com a cabeça e acelerou passando Merritt.
- Espere!

Logo depois, dois sedans apareceram vindo de ruas laterais e bateram de frente um com o outro, esmagando o policial no meio deles em uma batida terrível.

Merritt abaixou a cabeça quando acelerou para passar pelos destroços e a fumaça. Ele emergiu do outro lado sem ver nada, apenas as chamas atrás dele.

Gragg olhou com seus óculos HUD e viu vários carros de polícia acelerando pela rua muitos quarteirões atrás. Tinha jogado outro de seus AutoM8 contra um subcompacto de um cidadão comum para tirá-lo do caminho, lançando-o em giros para a calçada. Ele havia deixado uma trilha de destruição atrás de si, enquanto a polícia tinha que desviar dos destroços e ia ficando para trás. Mas ele podia ouvir mais sirenes à frente e dos lados. Eles estavam tentando cercá-lo, e os helicópteros deviam estar a caminho.

Ele riu sozinho. Mais AutoM8 vinham em seu socorro. Ele sentia a presença de mais de cem agora, alguns mais valiosos do que outros.

Outro BMW 740 chegou cantando pneus de uma rua lateral e se juntou ao carro de Gragg. Esse era vermelho. O bando se abriu automaticamente para recebê-lo.

Gragg fez um movimento com a mão e o eletropolímero da pintura de seu carro mudou de prata para vermelho em segundos, ao mesmo tempo em que o novo BMW mudava sua cor de vermelho para prateado. Os números e letras digitais da placa de Gragg mudaram de Califórnia para Oregon, com as letras GECCO. Em um flash, o BMW dele derrapou ferozmente para uma rua lateral e se desgarrou do grupo principal.

Merritt ainda tentava entender o que tinha visto. Outro BMW havia se juntado ao grupo para servir de isca, e então o BMW de Loki tinha se transformado bem diante de seus olhos. Merritt se inclinou bem para fazer a curva e continuou a perseguição. O carro de Loki era vermelho brilhante, mas ele ainda podia ver as marcas de bala dos seus tiros na janela traseira. Deu uma olhada para trás e viu vários carros de polícia retos, ainda perseguindo o bando original.

Ele virou novamente para a frente para não deixar Loki escapar e apertou o botão do rádio. — Major! Aqui é Merritt, Major. Está na escuta?

O Major levantou a cabeça depois de montar um rifle SCAR-H na saída do passageiro do helicóptero. A voz de Merritt surgiu na frequência codificada deles mais uma vez, meio dissolvida por causa da estática.

— Major... aqui... Merritt... escutai

O Major apertou o botão do seu microfone.

— Pode falar, agente Merritt.

— Ouça... polícia perseguindo um BMW falso... o carro... de cor, e está indo... - e a estática dominou o rádio.

— Sua voz está cortada.

— Repetindo... cor. Continuo na perseguição.

— Você está sendo pego na interferência dos AutoM8. Reduza, Merritt.

— ... a polícia está... - e, depois disso, o sinal virou apenas estática. O Major soltou o rádio e falou com o piloto.

— Ainda estamos recebendo as coordenadas do GPS de Merritt? O piloto fez que sim com a cabeça.

— 10-4, Major. Claro como um sino.

— Então o Daemon também está usando GPS.

Fora da perseguição e passando por largas ruas industriais, Gragg monitorava o vídeo de um AuroM8 distante, enquanto o bando de carros que ele havia acabado de largar acelerava para o elevado da avenida 880, batendo nos carros para tirá-los do caminho. Carros da polícia rodoviária da Califórnia se juntaram à perseguição. Gragg não conseguiu segurar o sorriso. Eles estavam se aproximando.

Ele acelerou o bando em direção ao cruzamento elevado com a Estrada 260 e ao muro de contenção na curva íngreme.

- Isso vai ser interessante...

Selecionou o AutoM8 que liderava o grupo e fez com que ele acelerasse à frente dos outros. Depois trocou a imagem de vídeo para um dos carros lá atrás do grupo. O carro líder disparou à frente como um míssil e então se chocou com o muro de contenção a 160 quilômetros por hora, pulverizando o terreno vazio quinze metros abaixo com pedaços de concreto e metal retorcido. O resto do bando, inclusive o BMW, acelerou em direção ao novo buraco no muro e também despencou no ar, caindo um em cima do outro e formando uma enorme pilha de destroços. O vídeo ficou branco.

Feito. Gragg respirou fundo e sentiu que começava a baixar a adrenalina de seu corpo. Ele podia imaginar os policiais parando para olhar a enorme pilha de destroços em chamas, cocando suas cabeças, como os policiais não devem fazer. Demoraria dias para que entendessem. O sinal de GPS de um carro de polícia mais próximo estava a dois quilômetros de distância.

Ele fez um cálculo rápido: a Força-Tarefa Daemon tinha sido neutralizada. Isso poderia significar uma subida de nível para ele.

Uma motocicleta encostou ao lado do carro. O motorista esticou a mão que segurava uma submetralhadora e atirou contra os pneus de Gragg.

- Que porcaria é essa?

Gragg levantou suas mãos para disparar outra luz, mas então percebeu que os vidros escuros de seu carro estragariam todo o efeito. E seus vidros blindados e reforçados não abaixavam.

- Filho da puta!

Então gesticulou fazendo o carro ir para cima da moto, mas ela era muito mais manobrável. E escapou. Depois veio para o lado e mais tiros foram direcionados para os pneus.

Gragg balançou a cabeça negativamente.

- É borracha sólida, seu babaca!

Então entrou no Espaço-D e começou a estudar a horda que o cercava, fazendo com que dezenas de AutoM8 remanescentes viessem até ele.

- Quer brincar? Então vamos nessa.

Ross e um tenente da Korr olhavam para fora do portão traseiro. Dúzias de AutoM8 ziguezagueavam pelo terreno, circulando o Edifício Vinte e Nove. Ross olhou através do asfalto vazio que levava até o canal, cerca de cem metros à frente. Eram os cem metros mais longos que ele já tinha visto.

Philips estava sentada no corredor com vários outros guardas da Korr. Um médico colocava uma bandagem em seus olhos feridos enquanto os outros preparavam armas no espaço curto atrás deles.

Philips levantou a cabeça sem enxergar.

— Qual é a situação?

Ross e o tenente fecharam a porta e se viraram para ela. O rugido de motor de moto, tiros e gritos ecoavam de dentro do prédio. Um guarda olhava para o corredor.

— Não podemos ficar aqui, senhores.

— Vamos precisar correr, Nat. As Motos Selvagens parecem conhecer a planta do prédio. Eles estão limpando cada sala metodicamente.

O tenente entrou no papo.

— E eles são blindados, doutora. Armas leves não os detêm. Não de frente, pelo menos.

Ela assentiu gravemente.

— Há um canal para os navios mais ou menos cem metros adiante. Se conseguirmos chegar até lá, devemos ficar a salvo.

Ross se virou para o tenente e apontou para o que pareciam ser bananas de dinamite colocadas em seu cinto de utilidades. O homem olhou para baixo.

— Sinalizadores de magnésio. É para sinalizar para o helicóptero. Nosso sinal de rádio caiu...

— Vamos lançá-las. Esses AutoM8 devem nos rastrear com infravermelho. Os sinalizadores devem distraí-los.

O tenente pegou seis sinalizadores e deu três para Ross.

— É só dobrar, arrancar a parte de cima e lançar. Assim... — ele mostrou como era para fazer.

— Vamos testar. — Girou várias vezes antes de conseguir fazer o sinalizador pegar fogo. Ele o segurou, chiando e estalando no corredor. Ele queimava em um vermelho brilhante. — Abra a porta.

Um guarda abriu a pesada porta de aço e Ross jogou o sinalizador para a direita, o mais longe que conseguiu. Ele e vários guardas assistiram quando um AutoM8 virou para evitá-lo e outro derrapou ferozmente para escapar dele.

O tenente fez uma careta.

— Adeus, teoria do infravermelho. Philips se virou para a voz dele.

— O que está acontecendo?

Ross sacudiu a cabeça negativamente. Eles não estão sendo atraídos pelo sinalizador, Nat. Eles o estão evitando.

- Então eles estão usando sensores de infravermelho. Estão procurando por assinaturas de calor humano. Os sinalizadores devem parecer apenas um fogo intenso.

Ross e o tenente trocaram olhares. Ross assentiu e se ajoelhou perto dela.

- Você tem razão. Temos chance, Nat.

- Ele tirou seu paletó e colocou a manga vazia na mão dela, depois segurou na outra. — Não solte isto. Vou guiar você. Usaremos os sinalizadores para esconder nosso calor humano. O chão é liso. Apenas me siga e corra o máximo que puder.

- Quantos AutoM8 têm lá fora?

- Você não vai querer saber.

- Jon, eu... — A cabeça dela se virou para seguir um motor que passou rugindo.

- Sei que é uma droga não poder enxergar. Levaremos você a um hospital depois, mas precisamos fazer isso para termos uma chance. Apenas corra comigo. Está pronta?

Ela concordou relutantemente. Ross se virou para o tenente.

- Você e seus homens estão prontos?

Um motor de moto foi ouvido junto com gritos atrás deles.

- Klausky, distribua. - Ele passou os sinalizadores de magnésio. - Andaremos em grupo. Coloquem os sinalizadores no nosso perímetro.

Os guardas torceram os seus. Ross também acendeu um. Finalmente, os seis estavam lá com cinco sinalizadores acesos. Ross passou à frente do tenente, trazendo Philips com ele, e olhou para a fila de AutoM8 que passava correndo por eles, esperando por uma brecha.

- Certo... agora!

Eles saíram pela porta como um grupo e se moveram rapidamente pelo asfalto, como animais cruzando uma estrada. O tenente gritou:

- Fiquem mais juntos.

O AutoM8 mais próximo imediatamente acelerou em direção a eles. O tenente levantou um braço.

- Parem agora! Parem!

Eles pararam e o AutoM8 virou um pouco para o lado, depois passou acelerando a cerca de dois metros deles.

O grupo ficou parado, de costas um para o outro, com os sinalizadores chiando e os AutoM8 passando rapidamente por eles.

Ross sacudiu a cabeça.

- Más notícias, Nat. Parece que eles também são atraídos por movimentos laterais.

Ela concordou com a cabeça.

- Fogo geralmente não sai correndo por aí. Devia ter imaginado que Sobol teria mais de um critério.

O tenente bateu em seu capacete com a mão.

- Ótima hora para descobrir! Maravilhoso! - Ele olhou para o portão dos fundos, que já estava a mais ou menos vinte e cinco metros.

O olhar de Ross seguiu um sedan passando a sete metros deles.

- Certo, vamos tentar nos mover bem devagar até a água. Mas o tenente não concordou.

- Vamos voltar ao portão. Philips entrou na discussão.

- O Jon tem razão. Não podemos voltar em direção às Motos Selvagens. Os AutoM8 devem ter um limite de movimento. Vamos devagar.

O tenente lançou um olhar maldoso para Ross, que estava servindo de olhos para Philips. Então concordou com a cabeça.

- Tudo bem, doutora.

Todos deslizaram os pés pelo asfalto, enquanto os AutoM8 passavam e davam voltas na construção. Eles pareciam chegar mais perto a cada passo, mas o grupo de fugitivos conseguiu cruzar mais cinquenta metros. A beira da água estava bem perto.

Um guarda deu um tapinha no ombro de Ross.

- Ei! Ei, deste lado. Veja!

Ross se virou e viu um Dodge parando a quinze metros deles, encarando--os. Outros AutoM8 continuavam passando. Philips se virou para ele.

- O que foi?

- Um Dodge está suspeitando da gente. Ela assentiu.

- Você acha que ele está tomando nossa posição em um mapa como referência?

Ele considerou aquilo.

- Quer dizer rastrear os alvos durante um tempo em vez de...

- Esqueça! — O tenente apontou. — Está vindo um!

Outro sedan acelerava em direção a eles, enquanto o Dodge parecia observar. O segundo carro vinha bem rápido. O tenente fez que não com a cabeça.

- Dane-se tudo. Corram para a água! Ross segurou o braço dele.

— Ele pode estar nos testando! Fiquem parados!

O tenente se soltou, e ele e seus homens correram em uma linha irregular em direção à água, atirando nos Carros enquanto

corriam.

No momento em que fizeram aquilo, o carro que vinha acelerando foi atrás deles e o Dodge fez o mesmo, passando por Ross e Philips. Ela se encolheu quando o carro passou centímetros à sua esquerda.

— O que está acontecendo, Jon? Ele a puxou para perto.

— Espere, Nat! — Ele viu mais três carros vindo, um correndo para eles. Ross jogou o sinalizador na direção dele e depois puxou a manga do paletó. — Corra! Agora!

O tenente atirou em outro carro que se aproximava, enquanto corria em direção à água, mas o primeiro sedan o acertou, jogando seu corpo no capô e depois batendo forte contra o vidro, subindo depois para o teto. Ele girou três vezes e parou no chão, bem a tempo de o Dodge o atropelar. O corpo dele ficou preso embaixo do carro e foi arrastado. Os outros homens se espalharam, e os AutoM8 os perseguiram. Os tiros esporádicos foram substituídos por gritos de homens feridos rastejando, no momento em que os carros davam a volta para matá-los.

Philips olhou para trás por reflexo.

— O que está acontecendo?

— Continue correndo!

Ele levou Philips por um caminho mais longo em direção à água, longe do frenesi assassino dos carros. Eles estavam quase na água quando um carro veio acelerando atrás deles. Ross puxou com tudo a manga. Tinham chegado nas pedras do quebra-mar.

— Pule!

Ele pôde ver que ela cerrou os dentes, confiando cegamente nele. Eles se lançaram no ar e caíram na água gelada, enquanto o carro passava a centímetros de suas cabeças. Ele mergulhou três metros depois deles e mandou uma onda de trinta centímetros para trás.

Ross e Philips subiram à tona batendo os braços, e Philips se engasgando com a água. Ross segurou em torno de seu pescoço por trás e nadou de volta até as pedras, e então a traseira do sedan voltou à tona, quase os acertando.

Ela sentiu que alguma coisa grande quase tinha passado perto.

-Jon!

— Está tudo bem! Ele está afundando.

— Onde estão os outros?

— Eles se foram.

Ela ofegou, e eles ficaram ali por um tempo, ouvindo a água borbulhar e motores distantes no asfalto acima deles. O braço dele ainda estava em volta dela. Logo havia apenas um sibilar.

- Certo, vamos nadar. Siga a minha voz.

Merritt apoiava a UMP no grande tanque de gasolina da moto e girava de um lado para o outro, tentando andar perto do BMW de Loki. Cada vez que ele se aproximava, Loki pisava nos freios. E, finalmente, a rua se alargou de novo. As cercas dos pátios de ferro-velho e antigas fábricas eram a paisagem agora. Merritt acelerou rapidamente, deslizando ao lado do carro.

Ele procurou alguma fraqueza nas proteções do carro e notou que saliências de aço escovado apareciam em espaços regulares no teto, no capô e na traseira. Pareciam antenas de celular, uma dúzia delas, espalhadas em intervalos iguais.

Merritt freou e desviou quando Loki tentou esmagá-lo contra alguns carros que estavam parados na rua. Ele acelerou pelo outro lado e levantou sua UMP, deu uma olhada para a rua e depois mirou com cuidado no carro, fazendo um disparo curto. As balas ricochetearam no teto.

Loki jogou o carro para cima dele outra vez e, em vez de desviar imediatamente, Merritt o deixou se aproximar. Então mirou com cuidado e atirou de novo, acertando um dos calombos.

E mal o arranhou.

— Filho da puta!

Atrás de Merritt, oito sedans apareceram derrapando, vindo de ruas laterais. Ele olhou por cima do ombro e os viu acelerando em sua direção. Então levantou a UMP e começou a disparar tiros curtos e controlados. Acertou os pneus dianteiros do primeiro, depois de outros, que foram ficando para trás enquanto os que estavam inteiros aceleravam. Ele ainda furou os pneus de um terceiro.

A arma estava sem munição. Merritt se virou para a frente e viu mais dez carros aparecerem de ruas laterais.

Não tinha como recarregar. Era hora de se concentrar. Ele jogou a submetralhadora UMP no capô de um carro, acelerou firme e passou uivando por Loki.

Merritt se desviou de um veículo que saía de um estacionamento; um carro normal, com pessoas dentro. Um AutoM8 o jogou de lado imediatamente. Mais meia dúzia de carros autômatos surgiu de ruas laterais atrás dele.

Merritt se virou para a frente de novo e viu um AutoM8 se aproximando, bloqueando seu caminho com ziguezagues entrelaçados. Era uma barreira móvel impenetrável. Uma demonstração de comportamento de um grupo conectado que nenhum motorista humano conseguiria imitar. Merritt tinha apenas alguns segundos. Um grande número de AutoM8 estava à sua volta e se aproximando rapidamente, e apareciam mais a cada segundo.

Ele olhou para o BMW de Loki atrás dele, então se ajeitou e freou, ficando a alguns centímetros do para-choque dianteiro de Loki. Estando ainda a mais de cem por hora, ele desacelerou mais um pouco, respirou fundo e soltou as mãos, caindo em cima do capô do BMW de Loki quando este bateu na roda traseira da moto, que foi para frente e depois para o lado, sendo esmagada imediatamente pelos vários AutoM8 que vinham e que passaram a centímetros do BMW. Vários bateram de frente com outros AutoM8 que seguiam atrás do BMW, explodindo em um turbilhão de peças de plástico, pedaços de vidro e metal retorcido.

Merritt bateu com força no capô do carro e então deslizou para o para-brisa. Depois, rolou para a esquerda e apoiou o pé em um dos calombos de aço no canto do capô, segurando-se no limpador do para-brisa. Em seguida, prendeu o outro pé em mais um calombo, como se estivesse escalando uma rocha.

Ele olhou pelo vidro escuro e apontou ameaçadoramente. Você não vai se livrar de mim, seu babaca.

Do banco de trás do BMW, Gragg olhava surpreso para o seu perseguidor, que agora estava montado no capô do seu carro. — Você só pode estar brincando... — Por isso ele não esperava. Gragg

assistia ao homem como se fosse um programa de TV através do vidro, quando ele puxou uma pistola automática do casaco e apontou para o canto do para-brisa.

Uma série de estalos surdos foram ouvidos e vários pequenos sulcos surgiram na área atingida do vidro. Gragg observou aquela tentativa calculada de penetrar em suas defesas com um sentimento que beirava a admiração. Os cantos eram os lugares tipicamente mais fracos em um vidro à prova de balas. Era uma ação friamente calculada, admirável em vista do cenário em torno dele.

Pena que o vidro tinha três centímetros de policarbonato laminado que podiam deter uma bala de rifle. Um grande grupo de AutoM8 cercava o BMW de Gragg bem de perto, como se fosse um bando de lobos. Gragg sacudiu a cabeça negativamente e gritou para o para-brisa:

— E agora, seu louco? Você está sobre um carro blindado! O que achou que iria fazer?

Do lado de fora, o motoqueiro tinha esticado a mão até a bota e agora segurava uma grande faca, enquanto se apoiava firme com a outra mão e os pés.

Gragg riu.

— Cuidado, ele tem uma faca!

O motoqueiro se virou, enfiou a faca na base do nó do link por satélite e fez força. O nó pulou fora com um guincho de metal sendo torcido. A Voz surgiu nos falantes do carro.

— Link de envio de dados... um... de... doze... desligado. Gragg sentiu a raiva crescendo nele.

— Seu filho da puta! Você vai dar um passeio agora!

Com um aceno de suas mãos enluvadas, o BMW derrapou com tudo e o motoqueiro quase foi arremessado.

O helicóptero do Major voava baixo e rápido sobre a área industrial, inclinado de modo que apenas os prédios de tijolos das fábricas eram visíveis nas janelas da esquerda. O Major prendeu uma corda de segurança em seu colete e deu dois puxões para testar. Ele se esforçou para ficar em pé quando o helicóptero se nivelou. O velho ferimento no joelho já estava incomodando. A

imagem de um morteiro caindo perto dele em um caminho cheio de lama na Nicarágua surgiu em sua mente. Isso é passado.

— Lá estão eles, Major! - O piloto apontou.

Abaixo, ele pôde ver um BMW vermelho ziguezagueando como um motorista bêbado, ao correr por uma rua, brecando e acelerando enquanto um homem tentava se segurar no capô. Outros vinte veículos cercavam o carro e se moviam como um só organismo. Mais carros se dirigiam para o local, vindos de todas as direções e em alta velocidade por ruas próximas, batendo em motoristas que tiveram o azar de estar no caminho. As pessoas corriam para salvar suas vidas. Ele sacudiu a cabeça. Mas que maldita confusão. Como aquilo tinha saído tanto do controle? Atrás dele, colunas de fumaça preta surgiam.

Vamos dar à cidade outra coisa para olhar. O Major pegou seu celular L3 do bolso e falou com o piloto enquanto discava.

— É em dias como hoje que quase sinto falta de trabalhar para o governo. A voz do piloto surgiu pelo fone.

— Quase.

O Major riu, e atenderam do outro lado. — *Projeto Hazmat. — O Major se virou para olhar para a fumaça sobre o Edifício Vinte e Nove. - Demolição. -Uma pausa. - 6-N-G-7-3-H-Z-6. - Outra pausa. - Ao meu sinal. Dez... nove...*

— Estamos quase lá, Nat. — Ross olhou para trás, para o Edifício Vinte e Nove, que eslava a cerca de trezentos metros agora.

Estava pegando fogo em algum lugar lá dentro e os destroços flamejantes dos AutoM8 do lado de fora o obscureciam parcialmente com a fumaça. Philips cuspiu água salgada.

- Acho que fiquei cega mesmo.

- Eu não acho.

- E se aquilo fosse um laser cegante ZM-87? Minhas retinas teriam ido para o espaço.

- Mas não faz sentido. Para que cegar a pessoa permanentemente se você vai cortá-la em pedaços em seguida? Provavelmente, era algo para atordoar as vítimas. Acho...

Repentinamente, uma onda de choque acertou as costas deles. Uma onda de choque visível cortou a atmosfera e os pressionou,

seguida por um sonoro 1HJM que eles mais sentiram do que ouviram.

Os dois mergulharam rapidamente enquanto a superfície acima era preenchida por um brilho laranja e o som de milhares de destroços caindo. Eles subiram para respirar, e pedras caíam em volta. Seus ouvidos zumbiam.

Ross a protegeu com seu corpo enquanto continuava a chover pequenos destroços. Ele se virou e viu um cogumelo de fumaça subindo do alto das paredes destroçadas do Edifício Vinte e Nove. A estrutura era uma piscina de chamas, e pedaços enormes de concreto reforçado ainda caíam em volta, pelas pistas. Destroços queimando deixavam trilhas de fumaça caindo de alturas de mais ou menos trezentos metros. Chapas de metal se retorciam e caíam.

- Meu Deus do céu.

- O que aconteceu?

- O Edifício Vinte e Nove já era!

De sua posição no teto do BMW, Merritt deu uma olhada para trás e viu um grande cogumelo de fumaça preta subindo por trás das fábricas.

- Filho da puta... - Mais tarde.

Loki acelerou de repente, jogando Merritt para o capo traseiro do carro, onde ele conseguiu parar de rolar ao prender o pé no calombo de metal no canto direito da traseira e se segurou na ponta do porta-malas. Mas onde é que está a polícia?

Ele colocou a faca por baixo de outro daqueles calombos e o levantou da folha de metal. O nó ficou pendurado pelos fios que apareceram, até que Merritt os cortou.

A Voz interna surgiu novamente. — Link de envio de dados... quatro... de... doze... desligados.

Gragg tinha mais oito links sobrando. Com redundância tripla, ele sabia que precisava de pelo menos quatro para poder controlar adequadamente seu carro e seu exército de AutoM8. Ele se virou para olhar o homem que estava a centímetros dele agora e ainda se segurando. Gragg bateu no vidro.

- Já chega!

O capacete do motociclista bateu contra o vidro, atrapalhando sua tentativa de manter seu centro de equilíbrio baixo. No meio dos movimentos erráticos do carro, o homem tirou rapidamente seu capacete, jogando-o por cima do seu ombro e sendo esmagado pelos AutoM8 que vinham atrás. Ele então encostou a cabeça no capo traseiro.

Gragg podia ver o rosto do motoqueiro. — Roy Merritt... mas que droga! — Gragg sorriu para si mesmo. O famoso Roy Merritt, conhecido por todos os operadores do Daemon no mundo. O homem que enfrentou o sistema de defesa da casa de Sobol e sobreviveu, as provas todas capturadas pelas câmeras de segurança. O primeiro e único Roy Merritt estava se segurando ao carro de Gragg. Ele tinha sido perseguido - e que perseguição - pelo Homem em Chamas em pessoa. Ele devia ter adivinhado. O filho da puta tinha uma faca e estava causando mais estragos que um esquadrão militar. Gragg não tinha como negar uma certa admiração. Merritt tinha testado as defesas de Gragg, encontrado uma falha, que aliás seria resolvida no futuro, e improvisado para explorá-la. Que hacker não admiraria a coragem daquele homem? Os instintos dele?

Gragg acenou com a mão e fez o BMW e todo o bando frearem. Merritt foi jogado contra o vidro traseiro. Quando o BMW começou a parar, Merritt se segurou e evitou ser jogado do carro.

Gragg mudou sua voz para o sistema de som externo do carro e bateu o dedo no vidro escuro, na frente do rosto de Merritt.

— Você é um cara muito louco, Roy! Acha que não posso matar você no momento em que sair do carro?

Merritt fez que não com a cabeça.

— Você está preso!

Gragg bateu no banco do carro, rindo.

- Esse é o cara! Vamos fazer um acordo: dá-me o seu autógrafo e eu não mato você.

Então a barriga de Merritt explodiu, espalhando sangue no vidro traseiro. O rosto dele relaxou e seus olhos viraram para cima, enquanto suas mãos soltavam o veículo.

Atordoado, Gragg viu Merritt rolar pelo capo e cair no chão atrás do carro. Gragg mexeu a mão e afastou o BMW um pouco para poder ver Merritt caído no meio da rua. Outro aceno de mão fez os AutoM8 se afastarem e formarem um círculo em volta de Merritt. Gragg olhou para cima.

Um helicóptero azul com um logo amarelo pairava baixo, logo acima deles, a cerca de trinta metros do chão. Gragg olhou para Merritt e viu que ele estava se movendo, arrastando-se pela rua e deixando um rastro de sangue atrás dele. A raiva começou a crescer em Gragg e ele olhou novamente para cima com ódio no olhar. Um homem usando um capuz negro e segurando um rifle estava ajoelhado na porta aberta. Ele olhou diretamente para Gragg. Não havia nenhum ícone do Daemon sobre ele.

O Major murmurou para si mesmo.

— O que está esperando, seu babaca?

Ele disparou um tiro no vidro traseiro de Loki, arranhando o vidro bem em cima da cabeça do garoto. Mas Loki nem piscou. Ele olhava fixamente para Merritt, que se arrastava pelo chão. Havia um rastro de sangue de cinco metros agora. Merritt mexia em seu paletó, trêmulo. Estava procurando algo.

O Major suspirou.

- Droga...

Ele viu dois trabalhadores mexicanos abrirem o portão de um ferro-velho para olhar a comoção na rua. O Major cerrou os dentes e virou o rifle na direção deles, disparando várias vezes.

O sangue jorrou do peito do primeiro, que caiu para trás nas mãos do surpreso companheiro, que foi acertado bem no meio dos olhos pelo Major. Os dois caíram.

Então o Major virou a mira para Merritt. Ele estava deitado de costas, ofegando obstinadamente, com o sangue brilhando em sua barriga, enquanto segurava dois pequenos pedaços de papel em frente os olhos. Os papéis balançavam com o vento.

Por que Gragg não acabava com ele? Por que aquilo não terminava?

A voz do piloto apareceu pelo fone.

— Precisamos partir, Major. O Major tomou sua decisão.

Enquanto Gragg observava, a cabeça de Merritt explodiu e seu corpo caiu de vez no chão, tremendo.

- Seu grande filho da puta! — Gragg bateu com os punhos contra o vidro, encarando o atirador. — Filho da puta!

Mais dois riscos surgiram no vidro quando as balas bateram nele. Então o helicóptero girou e partiu voando baixo e rápido acima das fábricas e em direção à baía, logo sumindo de vista.

Gragg olhou novamente para o corpo na rua. Duas pequenas fotos escaparam dos dedos de Merritt e voaram.

Ross puxou Philips para cima do quebra-mar do outro lado do canal. Os dois subiram até o nível da rua e, depois de ofegar por alguns instantes, Ross levantou a cabeça.

Eles estavam na ponta de um estaleiro de armazenamento de tubos. Ross levantou Philips para que se sentasse e a encostou em um poste de concreto liso. Ela parecia desorientada.

Ele se virou para olhar as ruínas do Edifício Vinte e Nove, que queimava embaixo de uma enorme nuvem de fumaça preta. Mais uma dúzia de colunas de fumaça se erguiam a distância. Ele podia ouvir sirenes por toda a cidade. Era uma zona de guerra.

Barcos dos bombeiros se aproximavam pela baía.

Ross se ajoelhou perto dela e afastou os cabelos molhados de seu rosto.

— O socorro está a caminho, Nat. — Ele sentiu que ela tremia. — Você está se sentindo bem?

Os lábios dela tremeram um pouco, mas ela fez que sim com a cabeça. O rosto dela se contorceu quando ela tentou conter as lágrimas.

— Quantas pessoas você acha que perdemos? Ele respirou fundo.

— Provavelmente todas.

Ela pôs a mão na boca e começou a chorar.

— Não é culpa sua, Natalie — ele pôs a mão no ombro dela, confortando-a.

— Eu era a responsável.

— Não, não era. Nós apenas pensávamos que você mandava. Ela parou e virou seus olhos vendados para ele.

— Eles nunca deixariam a gente deter o Daemon, Natalie.

— Você está louco! O governo criou a Força-Tarefa. Fomos traídos pelo setor privado.

— O setor privado é o seu governo. Pensei que você soubesse disso.

— Como pode dizer isso para mim?

— Porque é a verdade. Sobol sabia disso. O Daemon não está nos atacando, Nat. lista é uma luta entre dois organismos artificiais. O Daemon é apenas uma nova espécie de corporação.

Eles ficaram um tempo ali parados, ouvindo o som das sirenes ao longe.

— A velha ordem social está se dissolvendo, Nat. Isso acontece de poucos em poucos séculos. — Ele olhou para a cidade queimando e depois novamente para ela. — Não vou deixar que Loki seja o nosso futuro.

Ela tremia, mas ele não sabia dizer se era porque estava molhada ou com medo.

Ross passou a mão pela bochecha dela e depois a ergueu para o lado de sua cabeça. O rosto dele estava apenas a um centímetro do dela, que podia sentir isso também.

— Quero que você saiba que, todos os dias, meu primeiro e meu último pensamento é em você.

Ele tirou as mãos do rosto dela, que virou a cabeça cegamente ouvindo e esticando as mãos. — Jon. — Uma pausa, recheada com o som de sirenes e motores se aproximando. Ela não sentia mais a presença dele. — Jon!

A única resposta foi uma voz amplificadora e com eco vinda da água.

— Você está ferida? — O motor do barco dos bombeiros fez barulho de ré. Philips chorou no quebra-mar enquanto o rugido de motores abafava o mundo.

Capítulo 45:// Ressuscitando*

Newswatch.com

Grande explosão e incêndio em depósito químico ilegal matam vinte (Alameda, CA) - Autoridades federais ainda estão examinando os destroços de um depósito ilegal de lixo tóxico no local da antiga base militar perto de Oakland. Uma grande explosão e o incêndio que se seguiu mataram doze imigrantes ilegais e feriram outros vinte.

Ele flutuou na escuridão de sua mente pelo que pareceram ser décadas. Os pensamentos surgiam para ele apenas como conceitos rasos, desespero, medo vertiginoso. Quando começou a se fundir com o vazio, aos poucos, juntou os pedaços de sua personalidade, reconquistando um pouco de si mesmo. Sua mente não vagava mais em um mar de vazio. Estava enredada novamente em um receptáculo carnal. E aquele receptáculo se chamava Peter Sebeck.

Ele não tinha certeza de em que momento percebeu que alguém falava, talvez tenham estado ali o tempo todo, mas continuaram com um papo persistente enquanto a mente dele voltava a entrar em foco, vinda da escuridão. A princípio, Sebeck não conseguia discernir as palavras, mas, quando foi se concentrando, elas começaram a fazer sentido.

- ... a figura de Cristo é um motivo recorrente em várias culturas; morte e ressurreição; a virada simbólica das estações e toda essa porcaria. O Coiote do Papalégua era uma droga de uma figura de Cristo, cara, e a Acme era Roma! — Uma pausa.

— Você encontra também nas lendas hindus, mitologia suméria. Cara, até no folclore moderno tem, como o Rip van Winkle.

— Apesar de que o Rip van Winkle não morreu. Ele dormiu. Mas o ponto é o mesmo: morto como se estivesse dormindo. Dormindo como se estivesse morto. Nossa vida não é um ciclo de morte e

renascimento? Dormir e acordar? A promessa da vida eterna é uma ameaça a menos que você pode recomeçar. Os criadores de mitos sabiam disso. Eles não eram idiotas, cara.

O som de ferramentas de metal.

* NT.: Na versão em inglês *respawning* que significa ressuscitar o seu personagem depois que ele morrer em um game, podendo, assim, continuar a jogar.

- Foram eles que inventaram a rima e a métrica, a linguagem de programação da memória humana em civilizações pré-literárias. Era um checksum cultural, um dispositivo mnemônico. Você não podia ferrar o código senão as rimas não funcionavam, foi o que as pessoas perceberam. E então os conhecimentos de uma pessoa foram passados adiante intactos. Era um código xamânico. Se você ferrasse o código, então a sociedade perderia sua mente coletiva. Entendeu?

Uma pausa.

- Ei, acho que o nosso garoto está acordando.

Sebeck abriu os olhos e lentamente começou a focar a vista em um garoto pálido com uma juba de cabelos pretos emaranhados. Uma barba de alguns dias escurecia o pescoço dele e subia mais alto do que o normal em suas bochechas. Era um cara bem peludo.

Sebeck piscou por causa da luz do teto. Ele tossiu e tentou se levantar, mas uma superfície dura como pedra recebeu seus ombros. Abandonou a tentativa imediatamente enquanto sua cabeça começava a rodar.

O garoto cabeludo se inclinou mais para perto.

- Ei, mano, fica deitado mais um pouco. Você ainda está tentando metabolizar os remédios.

Sebeck percebeu que o garoto usava um jaleco de laboratório. Ele tentou SC lembrar de onde estava. Seu cérebro parecia purê de batata. A voz de Sebeck saiu rouca:

- Onde estamos?

Serviços Mortuários de Phoenix. Eu chamo de PMS.*

Sebeck tentou se sentar novamente e empurrou para o lado as mãos do garoto quando ele tentou ajudar. — Quem... — Ele parou

no meio; sua garganta doía muito. Ele pôs a mão na laringe e viu que não tinha nenhum machucado.

Sebeck se inclinou para um lado e olhou em volta. Seus olhos tentaram localizar coisas a distância. Eles estavam em uma sala grande que tinha várias ma-i.is. Armários de carvalho nas paredes. Um cheiro forte de produto químico preencheu suas narinas. Ela já tinha sentido isso antes. Formaldeído.

N.T.: PMS c a sigla cm inglês paia TPM, tensão pré menstrual.

Sebeck ficou alerta; havia o corpo de um idoso nu em uma mesa próxima. E ele estava definitivamente morto, pois seu corpo tinha a palidez e a flacidez que surgem depois que a pressão sanguínea e a respiração deixam de existir.

- Onde estou?

- Como eu disse meu camarada, em uma funerária. É para onde eles mandam os mortos. É a lei. E você, meu amigo, está legalmente morto. Tenho a papelada para provar.

Sebeck olhou em volta por mais alguns momentos e então olhou novamente para o garoto.

— Quem é você?

O garoto limpou a mão no jaleco e depois a estendeu.

— Laney Price. Preparador de corpos. Eu retiro os marca-passos e outras porcarias dessas. Essas paradas explodem se forem para a fornalha.

Sebeck ignorou a mão de Price e tentou clarear a mente sacudindo a cabeça. Ele olhou para baixo e então girou as pernas para fora da cama, sentando-se.

Price se apressou para segurá-lo, mas Sebeck o empurrou e olhou para seu corpo. Ele usava calça esportiva e uma camisa. Perto dele, na mesa, estava sua roupa da prisão. Ele a pegou e levantou-a. E isso. Ele se lembrava agora. Tinha acabado de ser executado por assassinar agentes federais. E era o homem mais odiado na América.

Soltou a roupa e ficou ali sentado, parado, olhando para suas mãos. Uma onda de emoção o dominou, e ele começou a respirar fundo.

Ele estava vivo.

Price deu um tapinha no ombro dele.

— Ei, sargento, você não está morto, relaxa, cara. Sebeck empurrou o braço dele e o pegou pelo pescoço.

— Que porcaria está acontecendo aqui?

Price se soltou quando Sebeck quase desmaiou com o esforço.

— Diga-me você. Foi você que me trouxe aqui.

Sebeck ainda tentava clarear as ideias. Sua garganta ainda doía.

— O que quer dizer?

— Veja... — Ele caminhou e arrancou uma notícia de jornal de um quadro próximo. Depois voltou até a maca e apontou para a notícia, com uma foto de Sebeck abaixo da manchete: A mensagem macabra de Sebeck.

— A mensagem foi recebida, compadre.

Sebeck pegou o artigo. Era de meses atrás. Seus pensamentos começaram a clarear quando a adrenalina fluiu pelas suas veias. Funcionou. O Daemon o salvou.

Mas por quê?

Antes que pudesse fazer outra pergunta, Price passou para ele uma garrafa de água.

— Eletrólitos. E melhor beber.

Sebeck percebeu que estava morrendo de sede, então abriu a garrafa e bebeu avidamente. Sua garganta pulsava.

Prince continuou: — O velho caolho tem perguntado por você. O cara está o tempo todo no meu mapa, e eu, tipo, ei, sai fora, Matusalém! Aquela coisa é um descanso de tela do além, pode acreditar cara. Ele é uma mancha em quatro dimensões.

Sebeck tomou tudo.

— Pode repetir isso em língua de gente, por favor?

— Para alguém que está no comando, você parece terrivelmente desinformado.

— Como assim no comando? Price jogou as mãos para cima.

— Está vendo? Você precisa falar com o Caolho. Espere um segundo. — Ele foi até um armário fechado, tirou de lá um chaveiro e começou a procurar a chave certa, falando enquanto fazia aquilo.

— Sabe, é uma honra finalmente conhecer você. O cara que despertou um bocado de atenção. A maioria das pessoas dizendo

que você era o mal encarnado, mas todos nós sabemos que isso é besteira. A tal da Anji Anderson ferrou tudo, mas, sendo má ou não, a vadia é gostosa pra caramba. Eu comia. Piranha má do Daemon. Laney curte as gatas más...

Sebeck olhava em volta novamente.

— Você estava falando com alguém antes. Algo sobre mitos e rima. Price fez uma pausa.

Você ouviu aquilo?

— Tem mais alguém aqui? — Sebeck olhou em volta com cuidado. Price apenas riu para si mesmo.

— Ah, é um velho hábito de quem trabalha com os mortos. — Ele colocou uma chave na fechadura. — Eles são bons ouvintes. Não ouvi nenhuma reclamação,10 deles até hoje.

Ele remexeu lá dentro do armário e pegou uma caixa de plástico fechada. Depois andou de volta até a maca enquanto lutava para abrir a proteção.

— Mas que droga. São os asiáticos que fazem isto. — Ele procurou entre seus bisturis em sua mesinha de trabalho, que estava próxima do idoso. — Acho que o trabalhador médio das fábricas chinesas deve pensar que os americanos são loucos. Imagine o seguinte: você trabalha em uma fábrica que faz coisas de Dia das Bruxas, tipo cabeças de borracha cortadas, saca? E daí você pensa: os americanos decoram suas casas com cabeças cortadas? Esses safados são selvagens, cara.

Sebeck se inclinou devagar para a frente e tentou se levantar. Ele ainda se sentia zozinho.

— Eu ainda não faria isso se fosse você.

— Mas você não é. — Sebeck conseguiu se levantar, ainda se apoiando na maca. — Então está dizendo que eu criei este lugar? — Ele deu uma olhada em volta. - Ao mandar aquela mensagem para o Daemon?

Price conseguiu abrir a caixa.

-Tudo será esclarecido, pequeno gafanhoto, quando falar com o Caolho. E talvez assim ele largue do meu pé. — Price tirou um par de óculos esportivos com aparência de caro e complexo que estava

dentro de um plástico lacrado. — Por que eles fazem essas porcarias? — Ele começou a morder e puxar o plástico.

— Caolho?

Price lançou um olhar daqueles.

— Você tem vários mortos-vivos loucos e caolhos o perseguindo, sargento? Ou quer que eu seja mais específico?

Sobol.

Price conseguiu tirar os óculos do plástico. Eles eram estilosos, com lentes amarelas e armação quadrada, mas as hastes eram mais grossas que o normal. Price tirou também uma espécie de cinto tecnológico bem grosso da caixa. Ele olhou para Sebeck e começou a ajustar o comprimento.

— Me dá um segundo. Você é tamanho o quê, quarenta e dois?

— Trinta e oito.

— Caramba! Preciso perder uns vinte quilos. Mas, também, você estava fazendo — ele faz um sinal de aspas — a dieta da prisão Lompoc.

Sebeck apenas apontou para os óculos.

— Ah, HUD, display de heads-up. É uma interface para a rede do Daemon. Olha que maneiro.

— A rede do Daemon?

— Não vai conseguir ver o TOPO sem o HUD.

— Pare com essas abreviaturas.

— Eu tenho abreviaturas para as minhas abreviaturas. — Ele ergueu o cinto para cima e encaixou uma bateria nele. - Pronto. Coloque isto. - E entregou--o para Sebeck.

Sebeck o pegou. Era como um daqueles cintos de pôr dinheiro por baixo da roupa, feito de um material preto que se esticava, parecido com náilon, com uma fivela elegante de titânio.

Price mexia nos óculos.

— O cinto é uma combinação de telefone por satélite, GPS e computador. A bateria de celular de óxido-metano vai durar uns três dias. Ele funciona em conjunto com os óculos. Tome cuidado com os equipamentos. Eles são à prova de choques e de água, mas não precisa exagerar. Só os óculos custam 50 mil dólares.

Sebeck estava atordoado.

- Você está brincando? E quem pagou por eles?
- O Daemon tem grana, cara. E você ainda não viu nada.
- E por que ele está me dando isso? Eu quero destruir o Daemon.

- Porque ele quer bater um papo com você.

Sebeck pensou naquilo por alguns momentos e depois prendeu o cinto em sua cintura. Ele serviu direitinho e parecia uma cinta modeladora. Price colocou os óculos HUD no rosto de Sebeck. Sebeck prendeu a proteção atrás da cabeça.

- Serviu certinho.

- Tem que servir mesmo. Eles escanearam a sua cabeça.

- Eles? Eles quem? Price deu de ombros.

- Os fabricantes. Microprodutores. Quem sabe? O Daemon mandou para mim.

Sebeck notou as lentes piscarem momentaneamente e depois voltarem ao normal.

Ele tem um escâner de retina e um sensor de pulsação. Se você for um membro da rede e estiver-vivo, a coisa sabe quem você é e quais as suas autorizações. E sente o momento em que você os tira. Coloque-os e está logado. Tire e você sai da rede.

Price se apressou até uma mesa bagunçada ali perto.

- Espere um segundo - ele pegou outro par de óculos, sentou-se e os colocou.

Os dois se olharam.

Então as lentes de Sebeck piscaram novamente, e apareceram informações no alto e embaixo da "tela". Ele focou o olhar em Price e ficou surpreso em ver um ícone com o nome dele flutuando acima de Price, igual ao que acontecia no jogo O Portal. E o nome virtual de Price parecia ser MacacoGordo.

- Você só pode estar brincando...

- Não, cara. Veja só isso. — Ele apontou para os óculos de Sebeck. — Está vendo a barra verde perto do meu nome? É o meu poder na rede em relação a você. O número sete é o meu nível.

Price tinha sete tijolinhos verdes em sua barra.

- Poder na rede?

- É um sistema de pontuação. Não vejo nenhuma barra, o que quer dizer que você é um fracote perto de mim. Quantos tijolinhos você vê na minha barra?

- Sete.

- Isso quer dizer que sou sete vezes mais forte do que você. Isso tem a ver com a interface xamânica, mas veremos isso depois. Agora, precisamos falar com o Caolho antes que ele entre em um loop. Ele já deve saber que você acordou, afinal, você está logado.

Sebeck estava tendo dificuldade para absorver a realidade de tudo aquilo.

Price se aproximou dele.

- É assim... - Ele ajustou um dos lados dos óculos, baixando um pequeno pedaço de metal. - Microfone de ressonância. Ele fornece áudio ao vibrar os ossos de sua cabeça. E funciona para falar e ouvir. — Price fez um gesto para Sebeck se apressar.

— Consegue andar, ou devo pegar uma cadeira de rodas?

- Posso andar.

Price veio até o lado dele para que se apoiasse.

- Por aqui.

Ele os levou até uma alcova na qual havia duas portas de carvalho de aproximadamente três metros de altura. Sebeck ainda estava meio tonto e os óculos não ajudavam em nada. Informações inexplicáveis continuavam a surgir e a piscar para ele. - Nossa, é como andar com placares de partidas surgindo sempre diante dos meus olhos.

- Não ligue para isso, depois você pode configurar como quiser. Se quiser ver sem os óculos, vire as lentes para cima. Elas têm uma dobradiça. Mas não tire os óculos, senão você sairá do sistema, e levará alguns segundos para se logar novamente. Você vai acabar se acostumando.

Eles chegaram à porta. Price fez um sinal para Sebeck se preparar e então segurou nas maçanetas, olhando para trás.

- Sargento, seja bem-vindo à darknet-e então abriu as portas.

Elas se abriram para dentro, revelando um escritório com poltronas de couro e mobília fina de madeira trabalhada. Parecia o escritório de um filósofo do século 18. Prateleiras de livros e

gabinetes de vidro cheios de espécimes de insetos e rochas se alinhavam pelas paredes sem janelas. Havia pó em todos os lugares.

Mas o que chamou a atenção dos olhos de Sebeck foi a aparição translúcida de Matthew Sobol, sentado atrás de uma grande mesa de mogno, com as mãos cruzadas, como se esperasse pacientemente. Era um Sobol pós-cirurgia, com sua órbita vazia, bochechas fundas e careca, os destroços de um homem destruído pela quimioterapia e pelo câncer. Ele usava o mesmo terno que usou no funeral.

O espectro fez um comprimento sombrio com a cabeça.

- Detetive Sebeck. Estava esperando por você. — Ele fez um sinal para Sebeck se aproximar. - Sente-se, por favor.

Sebeck olhou para Price.

Price acenou com a cabeça em concordância. — Eu sei, é bem estranho, mas não se preocupe. Você não é o Hamlet. Esta é uma projeção de deslocamento temporal, sargento, é um avatar interativo em 3-D projetado sobre o mapa do GPS. Visível e audível apenas nos seus óculos HUD.

Sebeck estudou o espectro e depois levantou suas lentes. Sobol desapareceu. Abaixou as lentes, e o espectro retornou.

- É uma dimensão privativa.

- Na verdade, é uma matriz dinâmica capaz de encapsular um número variável de elementos dimensionais.

Sebeck olhou para ele sem entender nada. Price deu um tapinha no ombro dele.

- Tem razão. É uma dimensão privativa. — Ele fez um gesto com a mão. Melhor se sentar. Ele vai saber se você não fizer isso. — Sebeck foi em frente

c sentou em um dos sofás de couro. Depois tirou uma camada de poeira dos braços do sofá e se endireitou para que o cinto não pressionasse suas costas.

Sebeck podia ver Sobol mais claramente agora, pois estava mais perto. O fantasma dele era esquelético e o buraco sem o olho era pavoroso. Ele parecia um espírito que continuava vagando pela Terra sem alcançar o descanso eterno.

Sobol olhou para Price.

- Saia agora.

- Droga — Price olhou para Sebeck. — Você está por sua conta agora, meu camarada. Preciso ir embora.

Sebeck fez um gesto em direção a Sobol.

- E que porcaria eu posso dizer para essa coisa?

- Eu esperava que você soubesse - Price se apressou e saiu, fechando as portas atrás dele.

O espectro de Sobol olhou para as portas. Um clique alto se fez ouvir quando elas travaram.

Depois de alguns momentos, Sobol se virou novamente para Sebeck e sorriu de leve.

- Fico contente que tenha sido você, sargento. Era o meu favorito, todo ferrado pelas suas próprias escolhas. Você nunca entendeu de jogos. Talvez por isso o mundo era um mistério tão grande.

Sebeck o encarou.

- Por que você simplesmente não morre? Sobol fez uma pausa.

— Os mamíferos de várias espécies gostam de jogar. Esses jogos são o jeito da natureza de nos preparar para enfrentar duras realidades. Está preparado para finalmente encarar a realidade, sargento?

— Vá para o inferno.

O espectro de Sobol apontou para a sua própria testa.

— Está muito claro aqui. Mesmo que você não consiga ver.

— Ele abaixou o braço. - A civilização está prestes a cair.

Sebeck sentiu uma onda de ansiedade o dominar. Criiistooo!

— O mundo moderno é uma máquina precisa e muito eficiente. Mas essa é também a falha do mundo, se uma engrenagem for interrompida, toda a sua estrutura para. E o que a nossa geração consegue? Uma cultura de mentiras para esconder as fraquezas. A diminuição da liberdade. Tudo concentrado em um fato simples: os pressupostos nos quais nossa civilização é baseada não são mais válidos. Se duvida de mim, faça uma pergunta a si mesmo: como eu pude conseguir fazer tudo isso?

Sebeck se moveu desconfortavelmente na cadeira.

— Mas e se corrigíssemos as fraquezas da civilização, por mais dolorosa que fosse a correção?

Sobol mudou sua expressão, parecendo mais relaxado. - Você, provavelmente, deve estar confuso. Por que coloquei a culpa em você? É simples, você era uma isca, e eles morderam essa isca. A fraqueza que escondia as fraquezas deles. Agora, os plutocratas colocaram o dinheiro deles em paraísos seguros, e eu assisti a essas transferências de perto. Agora, eles estão mais vulneráveis do que nunca. — Sobol sorriu com bom humor. — Você foi o meu Cavalo de Tróia, sargento.

As unhas de Sebeck quase furaram o couro da poltrona. — Vá para o inferno! Você destruiu a minha vida!

O espectro de Sobol tremulou quase imperceptivelmente. — A análise do seu padrão vocal é reveladora. A métrica me diz que você está agitado. Poupe sua raiva, detetive. Não fará diferença no que está por vir.

Sebeck rangeu os dentes.

— Quem vai ficar de luto por você, sargento? Ninguém. Nós dois temos isso em comum. Nos sacrificamos por um bem maior. Como agradecimento por isso, tenho cuidado de sua família na sua ausência, quando ninguém mais faria isso. Sua família não tem ideia de que eu sou o benfeitor deles.

Sebeck se inclinou para frente com a raiva crescendo novamente.

— O que você fez? Sobol continuou.

- Eles continuarão amparados apenas se eu puder contar com você, detetive.

- Seu filho da puta! - Sebeck pegou um pequeno gabinete de cima da mesa de Sobol e o jogou na parede atrás dele, fazendo pedaços de vidro voarem para todos os lados. — Não envolva minha família nisso!

O espectro de Sobol tremulou outra vez.

- Aí está aquele padrão de novo. Você está bravo. Vou me submeter ao seu julgamento nessa questão. Responda sim ou não: o Daemon deve retirar o suporte à sua família?

Sebeck parou. Então respirou fundo e percebeu que não tinha ideia do que responder. E se...

- Responda sim ou não, senão farei uma escolha aleatória por você.

- Seu maldito!

- Responda AGORA. Você quer que o Daemon retire o suporte financeiro dado à sua família?

Sebeck sacudiu a cabeça e fechou os olhos.

- Não.

- Obrigado. O Daemon continuará cuidando deles. Agora sente-se, por favor.

- Espero que esteja queimando no inferno — Sebeck se sentou.

- Nós dois sabemos que você não acredita em inferno. Sebeck ficou surpreso com a resposta do espectro.

- Sim, fiz uma grande pesquisa a seu respeito, sargento. Mas não me Confunda com alguém que se importa com você. Você viverá ou morrerá, e eu não ligo se for um ou outro. A única coisa que me importa é o objetivo do Daemon. Há um bem maior em jogo que você não entende, e talvez nunca entenderá. Mas, como foi inteligente o bastante para se salvar, talvez ainda possa ser útil a mim. Se o Daemon triunfar, dezenas de milhões de pessoas morrerão. Se ele falhar, bilhões morrerão, e voltaremos para a economia agrária do século 17. Estas são as apostas, sargento.

Sebeck estava praticamente saindo de dentro de seu corpo, e então sussurrou: — Maldito seja...

- Você quer destruir o Daemon, mas não tem nada a oferecer para colocar no lugar dele. Como espera lidar com o futuro se não consegue nem lidar com o presente? Vou dizer a você o que é o Daemon: ele é um sistema sem remorso feito para construir a civilização distribuída. Uma civilização que se regenera perpetuamente. Uma civilização que não tem uma autoridade central. Sua única opção é que forma essa civilização toma. E isso depende das ações de pessoas como você.

Sobol se levantou e começou a andar atrás da escrivaninha. Pela primeira vez, Sebeck percebeu que a cadeira da escrivaninha

também era fantasma, não havia nenhuma cadeira de verdade ali atrás.

— Existem aqueles que resistem às mudanças necessárias. Mesmo agora, só se preocupam em proteger seus investimentos. Estou em guerra contra eles. Uma guerra que você nunca verá nos noticiários. E, para mim, o resultado dessa guerra vai decidir se a civilização florescerá ou entrará em colapso e cairá em uma era das trevas de mil anos. Talvez culminando até no fim da raça humana como espécie dominante do planeta.

Sobol passou a mão sobre a cicatriz em sua cabeça.

— Meus inimigos irão se mostrar em breve, sargento. Por mais que me despreze, eles são o seu verdadeiro inimigo. Eu sou apenas uma consequência inevitável do progresso humano. Uma coisa que não sente e não pensa.

Sebeck ficou ali sentado em silêncio, atordoado, por vários momentos. O espectro de Sobol se sentou na ponta da mesa, próximo de Sebeck.

— Suspeito de que a democracia não é mais uma coisa viável em uma sociedade avançada tecnologicamente. Pessoas livres acumulam muitas habilidades destrutivas. Mas vou dar a você a chance de determinar o que há de verdade nisso. Se falhar em provar a viabilidade da democracia no futuro do homem, os humanos servirão à sociedade, e não o contrário. Mas, de qualquer maneira, a mudança está chegando. E posso vê-la. Tão claramente quanto vejo você sentado aí.

Sebeck percebeu que Sobol tinha visualizado aquele momento, com ele sentado ali.

— Você aceita a tarefa de encontrar uma justificativa para a liberdade da humanidade, sargento? Sim ou não?

Sebeck ficou ali sentado olhando para o chão. Ele sentia falta de sua família. Estava cansado de ficar sozinho e de sentir o ódio do mundo ecoando pelas paredes de todas as salas aonde ia. Por que aquilo estava acontecendo com ele? Por que tinha de ser ele?

— Você aceita essa tarefa, sargento? Sim ou não? Filho da puta.

— Vou perguntar mais uma vez: você...

— Sim.

O espectro de Sobol tremulou brevemente e então concordou com a cabeça.

— Ótimo, sargento. Fico contente que tenha suplantado seu ódio por mim. Sobol se levantou e andou até a parede. Os passos dele faziam barulho no chão, completando a ilusão, ele se virou para Sebeck:

— Caminhe comigo.

Com um aceno da mão do espectro, uma parte da parede se abriu no mundo real, revelando um corredor estreito. As paredes tinham um papel de parede chique.

Sebeck se levantou relutantemente, olhando para trás, para as portas por onde havia entrado, então olhou para Sobol entrando no corredor. Sobol se virou para olhar por cima do ombro.

— Por favor, sargento.

Sebeck trincou os dentes e foi atrás de Sobol, que abriu outra porta no fundo do corredor. O brilho do sol e uma brisa fresca preencheram o corredor. O som de folhas balançando veio junto com o vento.

Sebeck parou. Fazia meses desde que ele tinha estado "do lado de fora". Suas narinas explodiram com a fragrância que entrava. Um ar perfumado girava em torno dele.

O espectro de Sobol gesticulou para ele.

Sebeck desceu por uma pequena escada e então estava sob a luz do sol. Depois se apressou para acompanhar Sobol, que já se movia por um gramado verde sob a sombra de um antigo carvalho californiano. Eles estavam em um jardim de muros baixos na parte de trás de uma bela mansão vitoriana.

Sebeck virou-se no mesmo lugar, aproveitando o sol e o cenário. O vale Lompoc estava à sua volta. Morros gramados cobertos de carvalhos e montanhas azuis se erguendo no horizonte. Algumas cercas ondulavam pelos contornos do solo. O vento passava pela grama. A beleza daquilo quase fez Sebeck chorar.

Ele estava vivo.

Sobol estava parado perto do grande carvalho, olhando para o chão. Sebeck andou até ele e, quando chegou à árvore, pôde ver uma lápide ali na grama. Ele leu a inscrição. Matthew Sobol - 1969

A inscrição estava centralizada, não deixando espaço para se colocar uma data de morte.

O espectro de Sobol olhou para o vale abaixo.

— Eu amava este lugar. — Então se virou para Sebeck. — Você está familiarizado com as moiras? A lenda grega diz que elas teciam os fios das vidas dos homens e os cortavam no comprimento que achassem melhor. Eu cortei o fio tia sua vida...

Sobol olhou para o horizonte e estendeu sua mão. Repentinamente, uma linha azul brilhante surgiu no Espaço-D, estendendo-se da palma da mão de Sobol e indo em direção à estrada próxima, seguindo pelos morros, até se perder depois do horizonte.

- Esta é a sua nova linha. Apenas você pode vê-la, e leva para um futuro que apenas você pode encontrar.

E com aquilo a imagem fantasmagórica de Sobol se virou e começou a entrar vagarosamente na terra, em sua sepultura, como se descesse degraus etéreos. Ele se movia devagar e metodicamente, como um monge em uma procissão. Pouco antes de sua cabeça desaparecer no solo, Sobol parou e olhou diretamente nos olhos de Sebeck. O guardião desse nó vai lhe ensinar tudo o que você precisa saber. Quando partir deste lugar, sargento, lembre-se de que eles já mataram Peter Sebeck uma vez. Não duvide de que eles o matarão de novo se ele reaparecer. Vivo, você é um grande risco para o mundo deles, assim como o seu destino.

Com um último olhar, Sobol desceu para sua cova e desapareceu por baixo da grama.

Sebeck ficou vários minutos observando o local onde seu nêmesis tinha desaparecido. Seus pensamentos eram turbulentos, ainda sem conseguir tomar a forma de nada definitivo. Por que ele não sentia raiva? Ou depressão? Finalmente olhou para a frente, e a linha continuava lá, ondulando por cima das terras e projetada a partir de onde Sebeck estava. Ele levantou as lentes, e a linha brilhante desapareceu. Ele as baixou e a linha voltou.

Sebeck ouviu um barulho e se virou, vendo um Lincoln preto parar bem em frente ao portão de trás da casa.

Laney Price saiu e abriu a porta de trás para Sebeck, fazendo um movimento dramático para que ele entrasse no carro.

Depois de um último olhar para o túmulo de Sobol, Sebeck foi até o carro, abrindo o portão de ferro.

Price fez um sinal com a cabeça, ainda segurando a porta de trás aberta.

- Eu devo ajudar você, sargento. Sobol disse que você saberia para onde ir. Sebeck olhou para a estrada atrás deles, o lado contrário da linha azul.

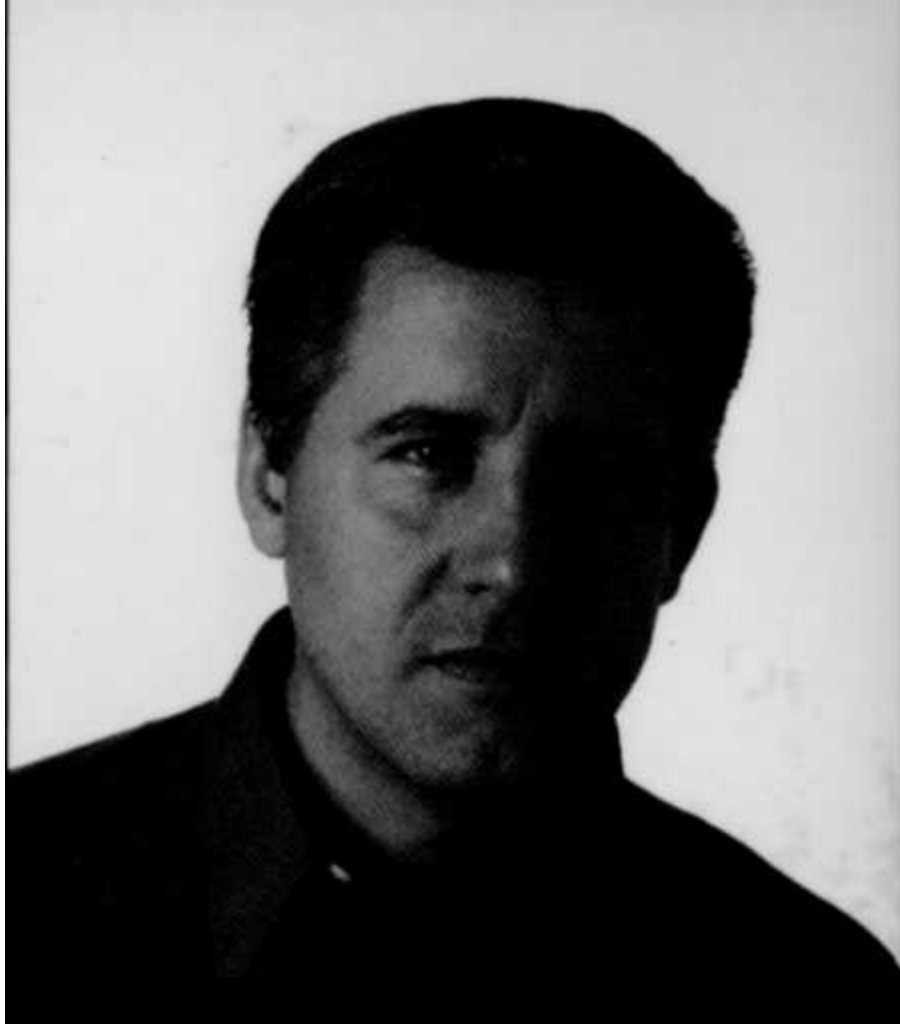
Ele pensou em sua vida anterior, naqueles que havia deixado para trás. O departamento de polícia, Laura, seu filho Chris. Tudo e todos que ele tinha conhecido. Peter Sebeck estava morto.

Ele se virou para olhar novamente para a linha azul, que traçava um filamento brilhante pela estrada e em direção ao horizonte distante.

- Eu dirijo.

FIM

Este livro foi composto em Adobe Garamond para a Editora Planeta do Brasil em fevereiro de 2011.



DANIEL SURREZ é um consultor de sistemas independente e trabalha para as maiores empresas dos Estados Unidos. Criou e desenvolveu programas de segurança para indústrias no setor de defesa nacional, finanças e entretenimento. Ávido por jogos e tecnologia, ele mora na Califórnia. Daemon é seu primeiro livro.